

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Desenvolvimento organizacional do judô brasileiro

Gustavo Goulart Braga Maçaneiro

São Paulo

2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Desenvolvimento organizacional do judô brasileiro

Gustavo Goulart Braga Maçaneiro

São Paulo

2024

GUSTAVO GOULART BRAGA MAÇANEIRO

Desenvolvimento organizacional do judô brasileiro

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração:

Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte.

Orientador:

Prof. Dr. Emerson Franchini

São Paulo

2024

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

Maçaneiro, Gustavo Goulart Braga
Desenvolvimento organizacional do judô brasileiro / Gustavo
Goulart Braga Maçaneiro. – São Paulo : [s.n.], 2024.
456p

Dissertação (Mestrado) - -Escola de Educação Física e Esporte
da Universidade de São Paulo.
Orientador: Prof. Dr. Emerson Franchini

1. Judô 2. Desenvolvimento organizacional 3. História do
esporte I. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Autor: GOULART BRAGA MAÇANEIRO, Gustavo

Título: Desenvolvimento organizacional do judô brasileiro

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências

Data: ___ / ___ / ___

Banca Examinadora

Profa. Dra.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Profa. Dra.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

Profa. Dra.: _____

Instituição: _____ Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Ao chegar ao fim dessa jornada que foi o Mestrado, gostaria de agradecer algumas pessoas que foram fundamentais e me acompanharam ao longo desses últimos anos. Primeiramente, gostaria de agradecer a minha família. Ao meu pai, Ailton, e minha mãe, Ana, além das minhas irmãs, Bárbara e Gabriela. Em especial, gostaria de agradecer minha mãe, Ana de Ribamar Goulart Braga e minha esposa, Ianah Ramos de Santos pelo apoio incondicional aos meus projetos, e o suporte que me deram durante todo esse processo, me estimulando nos momentos mais difíceis desses últimos anos. Sem vocês, nada disso teria sido possível.

Agradeço, também, ao prof. Dr. Emerson Franchini, meu orientador, por ter me guiado durante todo o curso de mestrado, e por ter aceitado me auxiliar a executar esse projeto. Foi somente após conhecer o prof. Emerson que consegui, não somente me localizar dentro daquilo que sempre gostei de pesquisar, como entender melhor os desafios do ofício de pesquisador. Muito do meu crescimento nesses últimos anos ocorreram sob sua orientação. Seu profissionalismo e dedicação para sempre me servirão de exemplo.

Não poderia deixar de citar os amigos Elton Silva, Christiano Milfont, Bruno Moraes, Luiz Segundo, Francisco Caetano, Rafael Borges, Gustavo Supranzetti, Luiz Kobayashi, e Teruyuki Okuda, com quem pude não somente compartilhar ideias, como, travar longas discussões e desafiar constantemente percepções sobre os diversos assuntos que me interessam pesquisar, estudar, conhecer. Conhecer outras pessoas com quem se pode compartilhar as mesmas curiosidades e interesses de pesquisa torna a caminhada muito mais agradável e interessante. Agradeço particularmente ao amigo Okuda, por ter me ajudado, por diversas vezes, a entender e traduzir textos em japonês, e resolver as dúvidas que me surgiam.

A todos que participaram da minha jornada até hoje, obrigado!

RESUMO

GOULART BRAGA MAÇANEIRO, Gustavo. **Desenvolvimento organizacional do judô brasileiro**. 2023. XX f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2024.

Em 1908, a imigração japonesa começou oficialmente no Brasil. Com a chegada dos imigrantes japoneses ao país, suas práticas culturais tornaram-se parte significativa da realidade social brasileira e, entre estas práticas, estava o judô. Fundado em 1882 por Jigoro Kano, o judô desempenhou um papel crucial na colônia japonesa, como meio de socialização e preservação de sua identidade cultural. Em 1933, a colônia japonesa radicada no país fundou uma organização para dirigir não somente o judô, como também o kendô, no país, que ficou conhecida como Jukendô. Entretanto, em 1941, o governo brasileiro rompeu relações com o Japão no contexto de guerra e, durante este período, foram tomadas medidas restritivas aos japoneses no país. Assim, a reunião de grupos e associações de imigrantes tornou-se proibida, e isso levou à dissolução da Jukendô, a primeira federação de judô e kendô no país. A partir de então, o judô passou a ser controlado pelo aparato burocrático brasileiro. Neste sentido, este estudou buscou descrever e explicar como o contexto político e cultural influenciou o desenvolvimento organizacional do judô no Brasil. Para isso, utilizando como arcabouço teórico a teoria contextual e, utilizando-se de artigos de jornais coletados do arquivo digital da biblioteca nacional e jornais da colônia japonesa como fonte, foi possível descrever e explicar como se deu esse processo. Assim, o desenvolvimento organizacional do judô brasileiro foi dividido em 9 períodos: 1) Período do Jiu-Jítsu; 2) Período Jukendô; 3) Período de Desintegração; 4) Período de Reintegração; 5) Período de Diferenciação; 6) Período da Consolidação; 7) Período da Contestação; 8) Período da Confrontação; 9) Período da Independência. Na Jukendô, o judô se desenvolveu sob o sistema *iemoto*, no qual a antiguidade, a graduação e a relação com a cultura japonesa, eram questões altamente valorizadas. Porém, a partir de 1941, pelo Decreto-lei 3.199, o governo brasileiro estabeleceu que as modalidades esportivas de combate, entre elas o judô, deveriam estar subordinadas à Confederação Brasileira de Pugilismo. Além do fato do pugilismo se tratar de modalidade estranha ao judô, o judô passou a se subordinar à presidência de Paschoal Segreto Sobrinho, que permaneceu na presidência da CBP, desde sua criação, até seu falecimento em 1969. Foi somente após o falecimento de Sobrinho que o judô brasileiro, efetivamente, teve sua entidade nacional independente, a Confederação Brasileira de Judô, reconhecida em 1972. Ainda assim, dada a influência exercida pelos parâmetros estabelecidos pelo Decreto-lei de 1941, a aculturação do judô brasileiro pode ser percebida mesmo depois de sua independência.

Palavras-chave: judô; desenvolvimento organizacional; história do esporte.

ABSTRACT

GOULART BRAGA MAÇANEIRO, Gustavo. **Organizational Development of Brazilian Judo**. 2023. XX f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2024.

In 1908, Japanese immigration officially began in Brazil. With the arrival of Japanese immigrants to the country, their cultural practices became a significant part of Brazilian social reality and, among these practices, was judo. Founded in 1882 by Jigoro Kano, judo played a crucial role in the Japanese colony, as a means of socialization and preservation of its cultural identity. In 1933, the Japanese community founded an organization to oversee the practice of judo and kendo, the Jukendo. However, in 1941, the Brazilian government severed relations with Japan in the context of war and, during this period, restrictive measures were taken against the Japanese in the country. Thus, the meeting of groups and associations of immigrants became prohibited, and this led to the dissolution of Jukendo, the first federation of judo and kendo in the country. From then on, judo came to be controlled by the Brazilian bureaucratic apparatus. In this sense, this study sought to describe and explain how the political and cultural context influenced the development of judo in Brazil, through the observation of its organizational development. For this, using contextual theory as a theoretical framework and, using newspaper articles collected from the digital archive of the national library and newspapers from the Japanese colony as a source, it was possible to describe and explain how this process took place. Thus, the organizational development of Brazilian judo, under the influence of its context, was divided into nine periods: 1) Period of Jiu-Jitsu; 2) Jukendo period; 3) Period of Disintegration; 4) Reinstatement Period; 5) Period of Differentiation; 6) Period of Consolidation; 7) Period of Contest; 8) Period of Confrontation; and 9) Period of Independence. In Jukendo, judo developed under the *iemoto* system, in which seniority, rank, and relationship to Japanese culture were highly valued. However, from 1941 onwards, by Decree-Law 3199, the Brazilian government established that fighting sports, including judo, should be subordinated to the Brazilian Boxing Confederation. In addition to the fact that boxing is a strange discipline to judo, judo came to be subordinated to the presidency of Paschoal Segreto Sobrinho, who remained in the presidency of Brazilian Boxing Confederation since its creation, until his death in 1969. It was only after Sobrinho's death that Brazilian judo, effectively, had its independent national organization, the Brazilian Judo Confederation, recognized in 1972. Even so, given the influence exercised by the parameters established by the 1941 Decree-law, the acculturation of Brazilian judo can still be perceived after its independence.

Keywords: judo; organizational development; history of sport

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 OBJETIVOS	6
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	7
3.1 A Restauração Meiji e o esporte japonês.....	7
3.2 O judô da Kodokan.....	14
3.3 Crescimento e desenvolvimento organizacional do judô no Japão.....	18
3.4 Influência do nacionalismo sobre o judô nos períodos Taishô e Shôwa.....	21
3.5 O processo de aculturação e a ocidentalização do judô após a Segunda Guerra.....	24
3.6 A introdução do judô no Brasil sob o contexto da imigração japonesa	28
3.7 A pesquisa da história do judô em contexto	31
3.9 A pesquisa através de jornais	34
3.10 O desenvolvimento da imprensa brasileira.....	35
3.11 A imprensa japonesa no Brasil	41
4 MÉTODO	45
4.1 Procedimentos	46
4.2 Crítica externa, crítica interna, ênfase e análise contextual.....	50
4.3 Nota sobre os termos em língua japonesa	57
5 A PRIMEIRA ORGANIZAÇÃO DO JUDÔ DA COLÔNIA JAPONESA.....	58
5.1 Hakkoku Jûkendô Renmei.....	58
5.2 Fundação da Hakkoku Jûkendô Renmei	59
5.3 Crescimento e desenvolvimento da Hakkoku Jûkendô Renmei.....	62
5.4 A Hakkoku Jûkendô Renmei como organização do judô	67
6 A FRAGMENTAÇÃO DO JUDÔ BRASILEIRO	72
6.1 Kodokan do Brasil, o grupo de Okochi	72
6.2 Fukaya e Tani, lideranças da Kodokan na Capital	73
6.3 Chuô-Sen Jûkendô Renmei, a liderança de Naito e Terazaki.....	77
6.4 O Decreto-lei de 1941 e a estrutura do esporte no Brasil.....	79
6.5 A Confederação Brasileira de Pugilismo.....	82
6.6 Jiu-jítsu, a vertente brasileira do judô japonês	84
6.7 Ogawa Budokan	88
6.8 Augusto Cordeiro e a Budokan	91
6.9 O contexto social da colônia japonesa durante, e logo após a Segunda Guerra Mundial.....	94
7 A REINTEGRAÇÃO À BUROCRACIA DO ESPORTE	102
7.1 Academia Ono	102

7.2 O Judô na Federação Paulista de Pugilismo.....	106
7.3 O I Campeonato Brasileiro promovido pela Federação Paulista de Pugilismo e Academia Ono	108
8 A SEPARAÇÃO ENTRE O JUDÔ E O JIU-JÍTSU.....	110
8.1 A visita de Masahiko Kimura ao Brasil	110
8.2 A disputa entre o Jiu-jítsu e o Judô	112
8.3 Segunda Missão da Kodokan no Brasil.....	114
8.4 Federação Metropolitana de Pugilismo e o judô	118
8.5 A disputa política entre Cordeiro e os Irmãos Gracie	120
8.6 O “interesse nacional”	124
8.7 O judô nas Escolas de Educação Física.....	126
9 O JUDÔ DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PUGILISMO	129
9.1 Primeiro Campeonato Brasileiro de Judô.....	129
9.2 Regulamentação dos Centros de Instrução 1953/1954.....	134
9.3 Efeitos do Campeonato Brasileiro de Judô sobre a disputa entre o Jiu-jítsu e o Judô	136
9.4 O Segundo Campeonato Brasileiro e o Judô em Minas Gerais.....	138
9.6 O Mundial de 1956, o conflito entre a tradição e a burocracia	143
9.7 Primeira participação brasileira no Pan-Americano.....	150
9.8 Terceiro Campeonato Brasileiro de Judô	153
10 A RELAÇÃO DO JUDÔ DO BRASIL COM A KODOKAN.....	156
10.1 Relação da Budokan com a Kodokan.....	156
10.2 A Kodokan do Brasil no Pós-guerra.....	166
11 A BUSCA POR INDEPENDÊNCIA REGIONAL.....	170
11.1 Campeonato Brasileiro de 1957	170
11.2 Fundação da Federação Paulista de Judô	172
11.3 Campeonato Brasileiro de 1958	175
11.4 Torneio Internacional da Federação Paulista de Judô	176
12 O FIM DA DÉCADA DE 1950.....	180
12.1 O Pan-Americano e a primeira participação no Mundial.....	180
12.3 O último Campeonato Brasileiro dos anos cinquenta	182
13 INDEPENDÊNCIA REGIONAL NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1960.....	184
13.1 A disputa pelo judô carioca	188
14 A CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ.....	194
14.1 A Primeira Confederação Brasileira de Judô	194
14.2 O caminho para a independência da Confederação Brasileira de Judô.....	199
15 O JUDÔ BRASILEIRO COMO ESPORTE MODERNO	209
15.1 A esportivização do judô brasileiro	209

15.2 A regulamentação da graduação no judô pela CBP	212
15.3 O Judô Feminino	220
16 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	224
REFERÊNCIAS	229
APÊNDICE A - Quadros da Hemeroteca com o termo Judo.....	271
APÊNDICE B – Quadro dos jornais da Nichibunken.....	435
APÊNDICE C – Quadros dos jornais da Hemeroteca palavras-chave Jûkendô, Kotani+Sato e “esgrima japonesa”.....	451

1 INTRODUÇÃO

Entre o final do século XIX e início do século XX, o judô atravessou os oceanos e passou a ser difundido no Ocidente, ganhando popularidade como método de defesa pessoal e esporte de combate. Naquele momento, a atividade se popularizou no exterior pelos nomes tanto de judô como *jûjutsu* (ou jiu-jítsu) (GARCÍA, 2018). Chegando a esses países, introduzida na maioria das vezes por imigrantes japoneses, a modalidade sofreu influência destas novas culturas, e se transformou em termos de prática, propósito, e complexidade enquanto organização esportiva (CARR, 1993; VILLAMON et al., 2004). Dado o contexto histórico internacional que se formou a partir de então, o judô tornou-se um esporte moderno com ênfase na competição e no pragmatismo. Assim, se afastou de sua cultura e tradição originária e absorveu características marcantes do esporte moderno ocidental (CARR, 1993). Após a criação da Federação Internacional de Judô (FIJ) e sua inclusão nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964, este fenômeno se acentuou, demonstrando uma interferência importante do ambiente externo sobre o desenvolvimento do judô como modalidade esportiva (NIEHAUS, 1996; GUTTMANN, 2001; VILLAMÓN et al., 2004). Visto que as organizações funcionam como sistemas abertos, em um processo constante de trocas com o ambiente, o contexto em que se incluem é capaz de influenciá-las de uma maneira constante e poderosa (CHIAVENATO, 2010). Assim, as transformações ocorridas na organização do judô em contextos culturais diversos parecem explicar a forma com que a modalidade se desenvolveu como esporte.

A trajetória do judô como modalidade esportiva começou em 1882 com a fundação da Kodokan, escola fundada por Jigoro Kano, sendo desenvolvido durante o contexto de modernização pelo qual passou a sociedade japonesa, a partir do início do período Meiji (GOODGER, 1981; CARR, 1993; FRANCHINI; DEL'VECCHIO, 2007). Apesar de acreditar no valor da tradição, Kano não alicerçou a criação do judô apenas em concepções culturais japonesas. Influenciado por valores ocidentais, que conheceu no período em que estudou no departamento de ciência política e economia da Universidade de Tóquio (CARR, 1993), o fundador do judô foi capaz de criá-lo através de uma equilibrada síntese entre o tradicional e o moderno (GUTTMANN, 2001).

Destacando como a tradição influenciou o desenvolvimento da modalidade, em termos de organização, Saeki (1994) afirma que a Kodokan, inserida no contexto cultural do esporte japonês, possui características do sistema tradicional *iemoto*. Este, tem como principais características o foco na relação professor-aluno, na hierarquia contínua, na autoridade do *iemoto* (chefe ou fundador), e no sistema de pseudo-parentesco. A partir de 1909, Jigoro Kano

reestruturou a Kodokan e a converteu, de uma organização voluntária de caráter privado, à uma organização de estrutura mais complexa incorporando novas regras e regulamentos. Ainda assim, após sua morte, a figura do *iemoto* não desapareceu, e passou a ser exercida, desde então, pelos presidentes da Kodokan (SAEKI, 1994).

Por outro lado, após um rápido crescimento no Japão, a modalidade passou a ser introduzida em outros países. Na Europa, iniciou-se a partir da Inglaterra, com a chegada dos primeiros professores do chamado jiu-jítsu. Três contextos históricos marcaram o desenvolvimento do judô naquele país: o período do jiu-jítsu, o período do judô e o período do judô no pós-guerra. A principal diferença presente na modalidade, entre estes períodos, está na progressiva modernização da sua organização, no tipo de autoridade, e na aproximação ou distanciamento com que eram mantidas as relações com a Kodokan (GOODGER, 1981). Nos países da Europa, ainda que os primeiros professores tenham sido em sua maioria japoneses, o judô passou por um processo de aculturação que o direcionou às características das tradições esportivas ocidentais (NIEHAUS, 2003). Com relação a isso, como demonstra Goodger (1981), após a Segunda Guerra, o Japão deixou de ser visto como centro mundial do judô, e passou a ser visto como um adversário a ser vencido nas competições internacionais. Isto distanciou a prática e organização do judô europeu da cultura e tradições do judô japonês, e o afastou da autoridade da Kodokan como instituição máxima do judô no mundo.

No continente americano, por sua vez, os Estados Unidos foram o primeiro país a receber professores da Kodokan. Neste país também são observadas mudanças provocadas pelo contexto local de introdução e organização da modalidade, sendo também o distanciamento da tradição cultural originária um dos resultados observados (YABU, 2018). O processo para que o judô pudesse se estabelecer em termos de regulações e administração foi conflituoso. As primeiras organizações do judô nos Estados Unidos surgiram em 1932 através de quatro *yûdanshakai* (associação de faixas pretas) e, a partir destas, foram estabelecidas três organizações: *United States Judo Institute* (USJI), *United States Judo Federation* (USJF) e a *United States Judo Association* (USJA). Devido aos constantes conflitos entre a USJF, ligada à Kodokan, e a USJA, formada em anos posteriores, a USJI foi fundada com o intuito principal de regular estes conflitos (FUSHIMI, 1992).

Posteriormente, o judô desenvolvido na Europa e nos Estados Unidos influenciaram, após a Segunda Guerra Mundial, o judô japonês. Com o fim da guerra, no contexto de domínio do Japão pelas forças de ocupação dos Estados Unidos, houve a retomada do controle do judô sob a administração da Kodokan que, em 1942, havia sido incorporada à *Dai Nippon Butokukai* (SAEKI, 1994), associação de artes marciais então sujeita à administração do governo japonês

(NIPPON BUDOKAN, 2011). Segundo Villamon et al. (2004), neste período começou o processo de modernização reflexiva do judô em que, sob o domínio cultural dos Estados Unidos, houve uma reorientação da prática para o predomínio de sua vertente esportiva. Assim, o modelo de judô desenvolvido no Ocidente passou a influenciar o modelo japonês de maneira mais efetiva. Isto se agravou quando o modelo tradicional *iemoto* da Kodokan perdeu a disputa pelo controle da modalidade para a FIJ. Essa disputa da FIJ contra a Kodokan, representada na FIJ pela Federação Japonesa de Judô, foi uma batalha entre a modernização em direção ao esporte competitivo e a tentativa de preservar e manter a tradição (SAEKI, 1994).

Pelos estudos abordados, a análise de como se deu o processo de desenvolvimento das organizações do judô parece permitir um conhecimento mais robusto acerca da influência do contexto histórico e cultural nas mudanças que a modalidade teve em seu significado, organização e prática (GOODGER, 1981; FUSHIMI, 1992; SAEKI, 1994; NIEHAUS, 2006; GUTTMANN, 2001; VILLAMON et al., 2004). O exame de contextos culturais e históricos permitem a compreensão da influência que as estruturas sociais e de poder exercem sobre o esporte (CRAIG, 2016; GIULLIANOTTI, 2016). Segundo Carr (1993), esta mudança em orientação e interpretação do judô, bem como a expansão geográfica e de sua dimensão organizacional, reflete a transformação de atitudes e inquietações culturais. Por esse motivo, proporciona um tópico importante para a pesquisa histórica.

No Brasil, a introdução e difusão da modalidade foram grandemente influenciadas pela imigração japonesa, iniciada em 1908 com a chegada do navio Kasato Maru (VIRGÍLIO, 2002a). O modelo explicativo mais usual entre autores (VIRGÍLIO, 1994; FRANCHINI; DEL'VECCHIO, 2007; NUNES; RUBIO, 2012; MAZZEI; CRUZ, 2015) sugere que a introdução do judô se divide em duas vertentes: a “intencional” e a “ocasional”. A primeira é centrada nos pioneiros que utilizavam a modalidade como atividade profissional, participando de desafios e lutas por entretenimento. A segunda, considera como principais introdutores os imigrantes que usavam a prática como modo de fomentar a cultura japonesa, e como ferramenta de socialização entre os imigrantes.

Em termos de contexto histórico, Mazzei e Cruz (2015) estabelecem a seguinte periodização para a memória institucional do judô brasileiro: da origem à chegada ao Brasil; esportivização e consolidação; escuridão e reconstrução; e profissionalismo. Estes autores apontam um processo desordenado e desorganizado, sem qualquer planejamento de desenvolvimento institucional, e sem orientação de órgãos internacionais. Por outro lado, o trabalho de Maçaneiro e Franchini (2020) demonstra que, já na década de trinta, houve uma primeira tentativa de padronizar e organizar o judô no Brasil a partir da criação da *Hakkoku*

Jûkendô Renmei (Federação Brasileira de Judô e Kendô), criada no seio da colônia japonesa. Neste mesmo período, há o relato da primeira missão oficial da Kodokan no país com o objetivo de aproximar a prática no Brasil ao modelo japonês.

A aproximação, ou distanciamento, do judô brasileiro com a Kodokan parece ainda um fenômeno pouco compreendido em nosso contexto. Enquanto é reconhecido que o processo de modernização e racionalização também possa ser observado aqui, e que exista uma importante influência da cultura japonesa através dos imigrantes, o contexto histórico em que se construiu o conflito entre tradição e modernidade parece ainda não ser bem compreendido. Segundo Franchini e Del'Vecchio (2007), enquanto no Japão o judô educacional passou a ser responsabilidade da Kodokan, e a parte competitiva ficou a cargo da Federação Japonesa de Judô, no Brasil essa divisão ainda não é clara. Como consequência disso, a parte educacional, voltada às tradições do judô, é pouco promovida enquanto a maior parte dos recursos financeiros se destina à vertente competitiva. Ainda, a incapacidade de ultrapassar certos princípios tradicionais impede o desenvolvimento pleno do aspecto competitivo. Assim, permanece o conflito entre a tradição e a modernização, em que o judô se transforma de uma entidade “doutrinária” para uma entidade “burocrática”.

Alguns eventos históricos podem indicar razões pelas quais essa questão ainda não foi devidamente compreendida. A *Hakkoku Jûkendô Renmei*, organização fundada pelos imigrantes japoneses, foi dissolvida (MAÇANEIRO; FRANCHINI, 2020) por volta do mesmo período em que foi promulgado o Decreto-lei 3.199/1941 (TUBINO, 2002). A partir disto, somente brasileiros poderiam ocupar cargos diretivos em federações esportivas. Este decreto oficializou, ainda, a Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), que então assumiu o controle do judô em território nacional (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 1986). Em 1951, a CBP realizou sua primeira competição de judô e, até o reconhecimento da Confederação Brasileira de Judô (CBJ), foi a instituição que disseminou a prática do judô no país (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 1986), controlou as graduações de maneira oficial (UEDA; VACCARI, 2004), e administrou a participação de atletas brasileiros em competições internacionais (MAZZEI; CRUZ, 2015). Esta situação parece ter se modificado apenas a partir do reconhecimento oficial da CBJ na década de 1970. Ainda que seja conhecido o controle exercido pela CBP sobre o judô brasileiro por décadas, este fenômeno ainda não parece ter sido detalhadamente estudado.

Outra questão que ainda não parece ter sido adequadamente respondida são as relações entre grupos e organizações criadas pelos mestres japoneses após o fechamento da *Hakkoku Jûkendô Renmei*. O judô paulista, responsável pela fundação da organização na década de 1930,

se dividiu em três grupos após sua dissolução: a Kodokan do Brasil, a Budokan de Ryuzo Ogawa e as academias dos irmãos Ono. O conflito e discordâncias entre esses grupos parece, segundo a avaliação de alguns autores (VIRGÍLIO, 2002a; ISHII, 2015), ter impactado o processo de desenvolvimento do judô brasileiro. Outras organizações criadas pelos imigrantes durante o período de hegemonia da CBP foram: *Hakkoku Chuô-sen Jûkendô Renmei* (Federação de Judô e Kendô da Linha Central do Brasil) (KOBAYASHI, 2010) e a *Dai Nippon Butokukai* da America Latina (UEDA; VACCARI, 2004). A importância desses grupos e organizações para o contexto de formação do judô em nosso país ainda não parece ter sido devidamente compreendida.

Partindo do pressuposto de que, assim como ocorrido em outros países, a formação do judô brasileiro sofreu influências do contexto histórico, político, cultural, em que se desenvolveu, parecem ainda existir lacunas na compreensão deste fenômeno no Brasil. Identificando a necessidade de melhor compreender este problema, este estudo buscou analisar, através da abordagem contextual no estudo de organizações, o processo histórico de formação das organizações do judô brasileiro. Para atingir esse objetivo foram utilizados os periódicos publicados no Brasil como fonte documental. Johns (2006) e Bowie (2019) destacam como vantagens do uso de jornais como fonte de pesquisa: seu amplo alcance de dados históricos de fácil acesso, acesso à cronologia de eventos de interesse com comentário político, econômico e social agregado do significado que tinha para as pessoas daquele tempo, trazendo interpretações históricas importantes para o contexto. Neste trabalho, o uso de jornais permitiu ampliar o conhecimento sobre a história do judô brasileiro para além dos relatos orais, fornecendo detalhes através de fonte primária que, por outros métodos, dificilmente seriam descobertos.

2 OBJETIVOS

Este estudo tem como objetivo descrever a influência do contexto político, cultural e regulatório para o desenvolvimento e transformação das organizações do judô brasileiro de 1933 a 1972, portanto, até a oficialização da CBJ.

Os objetivos específicos são: (1) Descrever o modo como o contexto da imigração japonesa influenciou a estruturação das entidades do judô no Brasil; (2) Analisar como as particularidades do contexto cultural brasileiro influenciaram o desenvolvimento organizacional do judô no país; (3) Descrever como o contexto político criou obstáculos, oportunidades, e regulações que influenciaram o processo de formação dessas organizações; (4) Verificar quais foram os principais envolvidos na organização destas entidades.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Esta revisão de literatura foi desenvolvida com a finalidade de explicitar as pesquisas sobre o contexto histórico, político e cultural do judô, bem como as demais variáveis de conhecimento contextual da história do judô. Objetivou também oferecer arcabouço do conhecimento histórico utilizado para fundamentar as posteriores discussões e conclusões apreendidas pelos resultados da pesquisa. Nesse sentido, esta seção inicia traçando o desenvolvimento histórico do judô no Japão, apresentando como as questões culturais e políticas de cada período influenciaram o entendimento do que é esporte naquela nação. Com isso, inclui a criação e desenvolvimento do judô, apresentando as transformações pelas quais passou ao longo do seu crescimento como modalidade e como organização. O texto segue pelo processo de difusão do judô pelo mundo, e do processo de modernização e aculturação sofrido pelo judô em outros países, bem como as condições que contribuíram para domínio da FIJ sobre a modalidade após a Segunda Guerra Mundial. Após descrever as condições históricas, culturais e políticas que proporcionaram as transformações do judô no Japão e no mundo, apresentou-se a introdução do judô no Brasil sob o contexto da imigração japonesa.

Apresentados esses conhecimentos históricos, buscou-se identificar como se desenvolveu a pesquisa histórica do judô, descrevendo os principais estudos que foram usados como base para o desenvolvimento dessa linha de pesquisa. Ou seja, compreendendo o judô como um fenômeno localizado em um tempo e espaço, que sofre influencia do ambiente externo, pelas variáveis culturais, políticas, e demais variáveis capazes de modificar sua prática e organização.

Dada a fonte histórica selecionada para esse estudo, e para localizar historicamente os jornais utilizados nessa pesquisa, essa seção se encerra descrevendo o desenvolvimento histórico da imprensa brasileira e sua relação com o esporte, e o desenvolvimento da imprensa japonesa no Brasil.

3.1 A Restauração Meiji e o esporte japonês

O Japão, assim como o conhecemos hoje, é resultado de transformações políticas e sociais que ocorreram ao longo de sua história. O conceito de uma nação chamada Japão, bem como a área geográfica que a compõe e a cultura que lhe dá coesão, mudaram significativamente no decurso de várias eras. Destacou-se nesse processo, para o entendimento do Japão moderno, a era conhecida como Restauração Meiji (1868-1912) (GUTTMANN;

THOMPSON, 2001). Após um período de guerra interna chamado “Guerra Boshin”, que marcou a transição do período Edo (1603 – 1868) para o período Meiji, o poder do imperador foi restituído, tomado das mãos do xogunato Tokugawa. Com o início desta nova era, extensas reformas foram realizadas com o objetivo de reconstruir o Japão sob os mesmos pilares que sustentaram a modernização ocidental. Enquanto no Ocidente o processo de modernização foi fruto de um processo histórico extenso e contínuo, no Japão houve um processo abrupto, regulado, e estimulado pelo governo que se estabeleceu nesse período (SAKURAI, 2007). O início da Era Meiji, portanto, sacramentou o fim do feudalismo japonês (KOBAYASHI, 2010).

O governo que se iniciou impôs regras à sociedade a partir de decretos, regulamentando a vida social de maneira compulsória, com extensos efeitos para todos os setores da sociedade. Para exemplificar o tamanho e profundidade destas mudanças, uma constituição e um código civil foram pela primeira vez promulgados. No campo, houve a abolição das estruturas feudais, com a conversão dos antigos domínios em prefeituras em 1872. Neste mesmo ano a educação tornou-se compulsória, e assim surgiram escolas, universidades e faculdades, no mesmo modelo adotado no Ocidente (SAKURAI, 2007). Outra alteração importante na estrutura em que se organizou a sociedade foi o fim da hierarquia social do Edo. As três classes sociais (nobreza, guerreiros e a população em geral) do período anterior foram abolidas, e foi permitido o casamento de membros de diferentes castas, e a adoção de sobrenomes à população em geral (até então direito reservado somente aos nobres e guerreiros) (ABE; KIYOHARA; NAKAJIMA, 1992; KOBAYASHI, 2010).

Essa tendência de adoção do estrangeiro em detrimento da cultura japonesa foi tema recorrente nos acontecimentos da época. Isto passa desde a aderência ao calendário gregoriano, até o uso de trajes ocidentais, penteados, meios de transporte, pensamentos (como o liberalismo e o utilitarismo), medicina, direito etc. Esta ocidentalização do Japão também teve como marca a importação de tecnologia estrangeira, bem como a contratação de especialistas e professores de outros países para trabalharem em empresas e instituições de ensino (KOBAYASHI, 2010). Por causa dessas influências, a elite do país, em especial nas grandes cidades como Tóquio e Osaka, começou a misturar as maneiras do ocidente e do oriente (GARCÍA, 218).

Ainda que o tema da ocidentalização seja visível no período Meiji, é preciso estabelecer duas questões importantes para se entender completamente seu desenvolvimento histórico. Primeiramente, apesar do grande esforço que o governo impôs no projeto de ocidentalização, e do consenso político majoritário em investir na modernização importando os costumes e ciência ocidental, essas mudanças sofreram resistência de alguns setores da sociedade, que desejavam preservar a cultura japonesa tradicional (GUTTMANN; THOMPSON, 2001; GARCÍA, 2018).

Portanto, se tratou de um período de novas acomodações políticas, em que disputaram o controle sobre os caminhos do país as diversas forças e tendências políticas que se apresentaram (GUTTMANN; THOMPSON, 2001). A segunda questão se deu sobre os novos rumos da classe samurai. Os guerreiros, outrora favorecidos pelo sistema, perderam seus privilégios e muitos se sentiram traídos por um governo excessivamente empenhado em adotar as influências das nações do ocidente (ABE; KIYOHARA; NAKAJIMA, 1992; GARCÍA, 2018). Esta perda de privilégios não passou sem que conflitos internos surgissem, e uma série de rebeliões ocorreram neste período. Entre as medidas impopulares a esse grupo cita-se: o fim do salário que recebiam do governo, a proibição do porte de espada, a eliminação completa de seu status (KOBAYASHI, 2010). Adicionalmente, os métodos daqueles que antes se ocupavam com a guerra foram substituídos por métodos ocidentais de treinamento de guerra. A partir deste período passou a existir um exército conscrito e métodos franceses e alemães passaram a ser utilizados dentro das forças armadas (KOBAYASHI, 2010; GARCÍA, 2018).

Com relação à educação física e o esporte, no curso da Restauração Meiji, diversos esportes populares no ocidente foram introduzidos no Japão. O governo Meiji contratou acadêmicos e professores da Europa e Estados Unidos e a presença numerosa de estrangeiros nas instituições educacionais que foram formadas proporcionou o desenvolvimento escolar de esportes como beisebol, futebol, rúgbi, remo, atletismo, tênis. Neste momento destaca-se, também para a introdução dos esportes ocidentais, a presença de missionários estrangeiros, e o retorno de estudantes e emissários japoneses - que conheceram esses esportes ao viajar e morar no exterior (GUTTMANN; THOMPSON, 2001; GARCÍA, 2018).

Com o crescimento do gosto por aquilo que vinha de fora, as elites pareciam querer emular os jogos e esportes ocidentais tanto quanto se interessavam pela moda e pela ciência que chegava com a recente abertura aos costumes estrangeiros (GUTTMANN; THOMPSON, 2001). A educação física ocidental passou a ser adotada nas escolas de maneira abrangente e, iniciou-se um contato mais direto com esportes de combate ocidentais. Particularmente importante nesse processo foram os navios mercantes que expunham esportes como o boxe. Estas demonstrações de boxe começaram a ser realizadas desde a chegada do Comodoro Perry no Japão. Além disso, marinheiros mercantes participavam de disputas conhecidas como “*Merikan*” (derivado de Americano) em que boxeadores lutavam contra combatentes locais (GARCÍA, 2018).

Da mesma forma, o interesse pela adoção de métodos ginásticos militares estrangeiros começou desde o final do período Edo. Assim como ocorreu com as apresentações de boxe, a chegada do Comodoro Perry com sua armada de “Navios Negros” à costa japonesa, intensificou

entre alguns domínios do Japão o interesse pelos métodos modernos de treinamento militar que existiam nos países do ocidente. É neste contexto que diversas instituições de ensino da classe dos guerreiros, estabelecidas no final do século XVIII, passaram a adotar exercícios ginásticos como forma de treinamento paramilitar. Inicialmente, adotaram a versão holandesa de métodos ginásticos, em seguida o sistema desenvolvido pelo francês Francisco Amoros, bem como os métodos alemães e escandinavos. O método escolhido dependia de cada região e domínio e, regra geral, estas escolas sobreviveram e continuaram existindo durante o período Meiji (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Este uso da ginástica como ferramenta de treinamento militar no período Meiji pode ser entendido, portanto, como uma extensão à toda a nação de um pensamento, ainda que disperso, já existente durante o período Edo. Com relação ao método escolhido, desde a promulgação da primeira grande Ordenança Educacional em 1872, a educação física institucionalizada nas escolas passou a ser conduzida por modelos inspirados naqueles desenvolvidos nos Estados Unidos e Europa (GUTTMANN; THOMPSON, 2001; GARCÍA, 2018).

Mesmo inspirados pelos métodos ocidentais, o debate cultural não ficou de fora do desenvolvimento da educação física e do esporte no período Meiji. Uma resposta à introdução dos esportes ocidentais foi a preservação, ou renascimento, dos esportes tradicionais do Japão, em grande medida esquecidos durante o início do processo de transformação da Restauração Meiji. Os esportes japoneses, como atualmente se apresentam, sofreram, em algum grau, do processo de “re-traditionalização”, moldados sob o contexto da dicotomia moderno-tradicional (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Uma das formas de acomodar a influência estrangeira foi a reinvenção de uma tradição japonesa, ainda que revestida de novos conceitos, muitas vezes influenciada pela cultura ocidental (GUTTMANN; THOMPSON, 2001). Por exemplo, o *bushidô*, o caminho do guerreiro, foi um conceito em sua maior parte inventado no período Meiji, inspirado em ideais vitorianos de cavalheirismo (BENESCH, 2020). A forma de compatibilizar o esporte ocidental com as tradições japonesas, por sua vez, partiu da alegação de que a visão japonesa sobre o objetivo da prática esportiva diferia em alguma medida da visão ocidental. Segundo os promotores dessa visão, no Japão, a ênfase da prática esportiva estava no “espírito” (GUTTMANN; THOMPSON, 2001; GARCÍA, 2018).

A preparação do “espírito” decorrente da prática da educação física foi tema recorrente na sociedade e entre os educadores japoneses. É desta forma que, ainda na Era Meiji, ganhou destaque as ideias de George Adams Leland, dos Estados Unidos, que em uma coleção traduzida de suas lições dizia que o objetivo último da educação física não era somente um

corpo mais condicionado, mas o desenvolvimento correto do *kokoro* (assim traduzido possivelmente da palavra “mente” em inglês). Dado que o objetivo espiritual (*seishinshugiteki*) foi usado como diferença fundamental entre o objetivo da prática esportiva no Japão e no Ocidente, ganharam tração aquelas ideias ocidentais que pareciam ressoar de maneira mais próxima com o ideário cultural japonês (GUTTMANN; THOMPSON, 2001). Portanto, mesmo o beisebol importado dos Estados Unidos se tornou, quando desenvolvido dentro da cultura japonesa, uma prática diversa ao incluir o treinamento espiritual (GUTTMANN; THOMPSON, 2001; GARCÍA, 2018). Agregados os valores do *bushidô* à prática do esporte, o beisebol passou por vezes a ser chamado de *yakyûdô* pelos japoneses, o “caminho do beisebol” (GARCÍA, 2018).

Outra característica do processo de adoção das práticas esportivas dos países ocidentais, foi o predomínio inicial da influência dos Estados Unidos. Com isso, a história organizacional do beisebol no Japão, por exemplo, replicou a forma com que as disputas entre escolas e entre universidades se davam na América do Norte, e isto se estendeu aos outros esportes. Já nos primeiros anos os “desafios” entre escolas foi substituído pelas ligas e torneios. É nesse contexto de competições entre instituições de ensino que passou a ser feita uma correlação entre a cultura dos clubes de beisebol escolares, o *bushidô*, e o ethos samurai, promovendo a disciplina como prática para fortalecer o espírito, e tratando a derrota com sentimento de desgraça para o clube (GUTTMANN; THOMPSON, 2001; GARCÍA, 2018).

Como colocado anteriormente, ainda que construído através de um imaginário do passado, o *bushidô* como conceito é, em grande medida, criação do século XIX e, foi instrumentalizado de forma política pelos governos Meiji, Taishô e Shôwa (BENESCH, 2020). Mesmo esportes como o beisebol, portanto, passaram a ser interpretados como manifestações do espírito das artes marciais, em uma época que iniciou também o processo de modernização das artes marciais japonesas, criadas e praticadas nos tempos do samurai (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Com relação às artes marciais, o período Meiji foi um momento de transformações importantes para entender como se modernizaram as práticas tradicionais dos guerreiros japoneses (DRAEGER, 1974; GUTTMANN; THOMPSON, 2002; GARCÍA, 2018). Do ponto de vista de seu desenvolvimento como competição, estas práticas de combate adquiriram uma ênfase competitiva nos momentos finais do período Edo (NAKAJIMA, 2017), e durante o início da Era Meiji (GARCÍA, 2018). Visto que competições entre diferentes escolas e estilos poderiam tornar-se contendidas entre domínios, durante a maior parte do período Edo as competições entre estilos (*taryu-jiai*) foram desencorajadas ou mesmo banidas (BENESCH,

2020). Somente com a flexibilização dessas disputas em 1791 que tanto o *kenjutsu* (arte da esgrima) como o *jūjutsu* passaram a orientar a sua prática de maneira mais efetiva para a competição (NAKAJIMA, 2017; GARCÍA, 2018). Segundo García (2018), mesmo estas práticas e disputas que se deram ao final do período Edo ainda não podiam, entretanto, ser classificadas como esporte, mas como “atividades semelhantes ao esporte” (*sport-like activities*). Isto porque, historicamente, o termo esporte está atrelado ao desenvolvimento ocidental, Britânico, que no caso japonês passou a ter maior influência a partir da Restauração Meiji, e teve seu modelo amplamente contestado por organizações como a *Dai Nippon Butokukai* (GARCÍA, 2018).

Durante este período que compreende a modernização do Japão até a Segunda Guerra Mundial, a ocupação dos Estados Unidos após a Segunda Guerra e o surgimento de organizações internacionais no modelo esportivo ocidental, aproximaram o *budô* japonês do esporte moderno, o distanciando de sua cultura e pressupostos originais (GUTTMANN; THOMPSON, 2002; GARCÍA, 2018). Um exemplo dessas mudanças promovidas na Era Meiji, influenciadas pela mudança de contexto histórico, cultural, social e político, foi o Judô Kodokan. Criado por Jigoro Kano e amplamente divulgado ao redor do mundo, o judô iniciou sua expansão para outros países no início do século XX, e tornou-se esporte olímpico na segunda metade do século em questão (CARR, 1993; GARCÍA, 2018).

Hoje, a imagem mais icônica entre as características que compõem as artes marciais está a faixa preta, que surgiu pela primeira vez ao ser usada pelos praticantes da Kodokan para diferenciar graduações (*dan*). Segundo García (2018), foi o *budô* japonês que forneceu o diagrama que organizou e sistematizou o que passou a ser conhecido como artes marciais, formalizando competições e estruturas burocráticas internacionais.

As práticas consideradas hoje como artes marciais, portanto, em sua maioria representam uma fase tardia de um longo processo de desenvolvimento de técnicas e métodos de autodefesa e esporte de combate criadas na Ásia, que se espalharam pelo globo em sua maior parte na segunda metade do século XX. Ainda que as artes marciais não tenham começado, ou sejam produto exclusivo do Japão, os padrões que moldaram e sistematizaram nosso entendimento sobre o que são, têm no Japão o seu mais relevante propagador. A imagem esportiva que temos hoje das artes marciais japonesas modernas foi construída através de transformações que ocorreram entre o início da Restauração Meiji e a Segunda Guerra Mundial, tendo ainda mudanças significativas em termos de organização e regulações na segunda metade do século XX (GARCÍA, 2018).

Cabe ressaltar que, quando lidamos com pesquisa em artes marciais e esportes de combate japoneses, ainda que seja comum o uso do termo “arte marcial”, este é um termo desenvolvido no ocidente. O uso deste termo não permite a compreensão integral, e sob as mesmas nuances, das diversas terminologias utilizadas em japonês. No Japão, três termos foram utilizados para representar as artes marciais: *bugei*, métodos marciais; *bujutsu*, técnicas marciais, *budô*, caminho marcial. O uso destes termos no Japão possui conexão com a história, e a identidade cultural do país. Por esse motivo, muitas vezes contrastam e não conseguem ser diretamente traduzidos para outras línguas sem que haja alguma perda de significado (GARCÍA, 2018).

Historicamente, *bugei*, *bujutsu* e *budô* assumiram diferentes significados quando interpretados em diferentes contextos históricos. O primeiro *kanji* (ideograma) “*bu*” significa militar, ou marcial, enquanto o segundo varia entre “*jutsu*”, significando técnica, “*gei*” significando arte, e “*dô*” traduzido geralmente como caminho. Ainda que o termo *budô* seja encontrado desde documentos tão antigos quanto o século XII, em cada tempo a palavra assumiu significados diferentes. Enquanto no período Edo o termo *budô* tenha sido utilizado com um sentido próximo ao que hoje é chamado de *bushidô*, após o período Meiji passou a ser utilizado para as novas modalidades de artes marciais que foram criadas então (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Com relação às diferenças dadas pelo sufixo *jutsu* ou *dô*, enquanto Draeger (1974) compreende que o sufixo se determina pelo objetivo da prática a depender do período histórico, García (2018) compreende que o modelo em que o *bujutsu* clássico do período pré-Tokugawa tornou-se o *budô* do período Tokugawa, não se sustenta. Isto por não haver uma demarcação histórica clara quanto a uma mudança entre a prática somente pelo valor utilitário de combate para aquela com o intuito de autoaperfeiçoamento. De fato, uma diferenciação concreta entre os termos ocorreu somente durante a Restauração Meiji, com essa distinção se consolidando na era seguinte, Taishô, por determinação e liderança da *Dai Nippon Butokukai* (GARCÍA, 2018).

Tanto Jigoro Kano quanto a *Dai Nippon Butokukai* foram cruciais para a mudança do uso do sufixo *jutsu* para o sufixo *dô*, de *bujutsu* para *budô* (GARCÍA, 2018). O judô, no contexto do período Meiji, foi o primeiro tipo de *budô* a estabelecer-se como uma disciplina distinta das escolas de *jûjutsu* que existiam até então. Ainda que o nome judô já fosse utilizado por algumas escolas de *jûjutsu* antes da criação do Judô Kodokan, por Jigoro Kano, é a partir da criação deste que o termo passou a ser adotado como algo particular e definidor, caracterizando o começo das artes marciais modernas do Japão (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Fora a Kodokan, a Escola Superior Normal de Tóquio, onde Kano foi reitor, adotou o termo kendô ao invés de “*gekiken*” (outra forma de chamar as competições com espadas de bambu, ou *shinai*) em 1909. Ainda que isto demonstre que havia a adoção do sufixo *dô* em algumas instituições do meio escolar, é somente através da determinação da Butokukai que se tornou mais efetiva a padronização dos novos termos. Foi em 1919 que a *Dai Nippon Butokukai* adotou oficialmente o termo *budô* substituindo o termo *bujutsu* (utilizado até então), estabelecendo aquele como termo correto para designar a prática das artes marciais japonesas (GARCÍA, 2018).

3.2 O judô da Kodokan

Enquanto é senso comum que o judô foi desenvolvido no Japão, é importante destacar que, como modalidade, foi desenvolvido por um autor muito influenciado pelo pensamento ocidental. O desenvolvimento do judô, por Jigoro Kano, é paralelo ao contexto histórico, político e cultural de seu tempo. Kano, buscando adaptar as artes marciais tradicionais, reinterpretou o antigo *jûjutsu* para formular um método de cultura mental e física formatada para o Japão moderno. Assim como tantos outros esportes, o judô é uma modalidade esportiva conscientemente inventada, sua criação foi estruturada como opção à sociedade do período Meiji como forma moderna do *jûjutsu* clássico do Japão antigo (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Kano nasceu em 1860 na prefeitura de Hyogo, sete anos antes da mudança de regime que desembocaria na restauração Meiji. Portanto, ainda jovem, viveu o tempo de popularização da cultura e modos das sociedades da Europa e Estados Unidos pelo arquipélago japonês. Em 1877 entrou no departamento de literatura da *Kaisei Gakkô*, uma escola baseada no modelo ocidental, e que posteriormente uniu-se com outras instituições para formar a Universidade Imperial de Tóquio. Foi nesta universidade que Kano estudou e se formou em economia e política em 1881, e se especializou com pós-graduação no departamento de filosofia. Como aluno destas instituições, Kano conheceu e praticou diversos esportes ocidentais que estavam sendo introduzidos no país. Foi também nesse período que iniciou a prática de artes marciais (GUTTMANN; THOMPSON, 2001; STEVENS, 2013).

Após se graduar na universidade, Kano iniciou sua trajetória como educador, tornando-se professor na *Gakushuin*, escola de destaque que tinha entre seus alunos a família imperial e a elite japonesa. Nesta escola, Kano introduziu o judô em 1883, modalidade que havia iniciado a desenvolver na Kodokan, *dôjô* (salão de treinamento) que fundou em 1882 em uma pequena

sala alugada no templo budista Eisho. O nome Kodokan, é composto por três ideogramas, que podem ser traduzidos como local onde se ensina o caminho (DRAEGER, 1974; GUTTMANN; THOMPSON, 2001, STEVENS, 2013; GARCÍA, 2018).

Com relação à sua aprendizagem do *jūjutsu*, Kano estudou dois estilos. Com seu primeiro professor, Hachinosuke Fukuda, treinou o estilo *Tenjin Shin'yo-ryu* de 1877 a 1879. Com a morte deste seu professor, Kano tornou-se o responsável pelo *dôjô* de Fukuda, e passou a treinar o mesmo estilo com Masatomo Iso, o descendente do fundador da escola *Tenjin Shin'yo*. Com o falecimento de Iso, Kano passou a treinar o *Kito-ryu*, uma escola de *jūjutsu* mais antiga que o *Tenjin Shin'yo*, com o professor Tsunetoshi Iikubo que, assim como Fukuda, havia sido instrutor em uma instituição militar do período Edo chamada *Kobushô*. Tsunetoshi diplomou Kano como licenciado pelo estilo e, nos primeiros anos da Kodokan, ensinava além de Kano os primeiros membros do *dôjô* (WATSON, 2011; STEVENS, 2013).

Foi no templo Eisho que Kano começou a criar seu estilo próprio, combinando as técnicas das escolas de *jūjutsu* que havia aprendido com suas próprias inovações. Compreendendo os anseios da época, Kano percebeu que as lutas profissionais que eram realizadas pelos praticantes de *bujutsu* durante aquele período, afetaram a reputação das escolas tradicionais (STEVENS, 2013; GARCÍA, 2018). Querendo se distanciar dessas lutas profissionais, adotou o nome judô para o estilo de sua escola. Ainda que o nome judô não tenha sido inventado por Kano, seu uso de forma consciente como modo de diferenciar-se do *jūjutsu* foi uma inovação, dado que antes os dois termos eram tratados como sinônimos. Além disso, descartou as técnicas com maior potencial de lesão, buscando não somente proteger os praticantes durante o treino livre (*randori*), como também permitir uma prática mais vigorosa de uma maneira mais segura (DRAEGER, 1974; MOL, 2001; GARCÍA, 2018).

Estas lutas profissionais estabelecidas no período Meiji foram produto de um processo ainda iniciado durante o período Edo. Nos primeiros momentos dessa era, o xogunato Tokugawa restringiu o deslocamento da classe samurai entre os diferentes domínios (BENESCH, 2020), e é nesse contexto que o ensino das tradições marciais se tornou mais centrada na prática de *kata* (movimentos pré-arranjados) como um fim em si mesmo. Isto mudou somente ao final desta era com a flexibilização das leis que impediam os desafios entre escolas, o *taryu-jiai* (NAKAJIMA, 2017; GARCÍA, 2018). É no período de controle do clã Tokugawa que florescem e se desenvolvem os estilos centrados em luta desarmada. Ainda assim, estilos criados do final do período Sengoku para início do período Edo como *Takenouchi-ryu*, *Kito-ryu*, *Sekiguchi-ryu* e *Seigô-ryu* que, segundo García (2018), eram

conhecidos como as quatro grandes escolas de luta agarrada, eram ainda considerados estilos compostos - ou seja, compostos não só pela luta desarmada como também pelo uso de armas.

O contexto de transformação do último terço do período Edo para as artes marciais japonesas precisa ser compreendido para que fique claro como era o *jūjutsu* que deu origem ao judô. As mudanças introduzidas ao final o período Edo para o início da restauração Meiji demonstram o processo de valorização da meritocracia em detrimento da hereditariedade que se deu naquele momento (NAKAJIMA, 2017; GARCÍA, 2018). Por grande parte do período Edo, o governo Tokugawa proibiu os desafios entre escolas, o que reduziu a capacidade de troca de conhecimentos e de promoção de torneios (NAKAJIMA, 2017; BENESCH, 2020). Isto mudou radicalmente a partir de 1791 com a modificação das leis que regulavam o comportamento da classe samurai, o *Buke Shohatto* (NAKAJIMA, 2017).

Com a liberação dessas lutas, iniciou-se um processo de crescimento dos desafios entre escolas em formatos próximo às competições esportivas, ainda que não houvesse um padrão de regras estabelecido. É nesse contexto que o *jūjutsu* que, dadas as condições do contexto do Edo, havia centrado sua prática em exercícios pré-arranjados, passou a desenvolver a sua vertente competitiva. As artes marciais tradicionais passaram por uma ruptura, e se dividiram entre os praticantes que aderiam a essas lutas de desafio, e aqueles que permaneciam somente com a prática de *kata* (GARCÍA, 2018). Este desenvolvimento do *jūjutsu* como luta competitiva de disputa e desafio a partir de 1791 é, segundo Nakajima (2017), o cerne do desenvolvimento posterior, no período Meiji, do Judô Kodokan como esporte.

Ato contínuo, no período Meiji, as lutas profissionais entre mestres de *bujutsu* surgiram através da iniciativa do espadachim Sakakibara Kenkichi, décimo quarto mestre do *Jiki Shinkage-ryu*, escola de *kenjutsu*. Kenkichi havia sido instrutor da academia de treinamento marcial formada pelo xogunato Tokugawa ao final do período Edo, chamada *Kobushô*, conhecida por contratar para seus quadros os especialistas nos desafios competitivos entre escolas (GARCÍA, 2018). As críticas que se seguiram a esses eventos demonstram a insatisfação das autoridades públicas e da sociedade em geral com esses espetáculos. O prefeito de Quioto escreveu, em 1873, que esses shows não promoviam nada além de violência. No mesmo ano, o governo de Tóquio proibiu estas competições, que permaneceram proibidas na cidade até 1877. Com o decorrer do tempo, os eventos de Kenkichi perderam seu apelo com o público, pouco a pouco desapareceram (GARCÍA, 2018).

O mestre Hachinosuke Fukuda, primeiro professor de *jūjutsu* de Kano, participou destas antigas disputas do período Edo, assim como Sakakibara foi professor do *Kobushô*, e participou das lutas profissionais do período Meiji (WATSON, 2011). Kano, portanto, observou de perto

estas lutas profissionais de *jûjutsu* competitivo e suas contradições com o contexto da época. Se distanciando desses eventos, a visão do criador do judô se alinhava com o ideal do esporte amador que havia conhecido ao visitar instituições britânicas no final do século XIX, e o ideal propagado através dos Jogos Olímpicos por Pierre de Coubertin. Isto talvez se explique, também, pela relação próxima que Kano desenvolveu com o Comitê Olímpico Internacional (COI) (GARCÍA, 2018).

Ainda que houvesse planejado um evento internacional, quando Pierre de Coubertin convocou os atletas do mundo todo para os Jogos Olímpicos em Atenas em 1896 nenhuma nação da Ásia enviou representantes. Pensando nisso, Coubertin contactou o embaixador da França em Tóquio para escolher alguém que tivesse as qualidades para que fosse membro do COI. Foi então escolhido, em 1909, Jigoro Kano como representante japonês para o comitê. Em 1910 o COI convidou formalmente o Japão para fazer parte dos Jogos, agendados para 1912 em Estocolmo. De acordo com as diretrizes do COI, foi demandado a Kano que estabelecesse um comitê olímpico para o Japão, o que tentou fazer através do Ministério da Educação, mas não obteve cooperação. Com isso procurou a Sociedade Japonesa de Educação Física (*Nippon Taiikukai*), mas novamente não teve sucesso. Assim, Kano assumiu para si o papel de liderança e, em 1911, criou a Associação Japonesa de Educação Física do Grande Japão (*Dai Nippon Taiiku Kyokai*). Ainda que participar dos Jogos Olímpicos não fosse o único objetivo da organização, preparar o Japão para participar dos Jogos de Estocolmo foi seu primeiro desafio (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Seguindo o exemplo do movimento Olímpico, Jigoro Kano entendeu que o judô podia ser usado para estabelecer relações internacionais positivas (GARCÍA, 2018). Dada a rápida expansão do judô no Japão, Kano, que possuía uma visão internacionalista, encorajou a propagação do judô, também, no exterior. Yamashita Yoshitsugu foi o primeiro de seus alunos a sair do Japão, permanecendo nos Estados Unidos entre 1903 e 1907. Yamashita ensinou o então presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, e seu sucesso acarretou a chegada posterior de outros de seus colegas da Kodokan como Tsunejiro Tomita, Mitsuyo Maeda e Akitaro Ono (GUTTMANN; THOMPSON, 2001; GARCÍA, 2018).

Fora do Japão, o judô tornou-se conhecido tanto pelo nome de judô como *jûjutsu* (também jiu-jítsu), o que tornou a distinção entre o que Kano havia elaborado e as artes da antiguidade japonesa nublada no início de sua difusão internacional. Não somente isso, em um primeiro momento o judô em terras estrangeiras teve relação próxima com as lutas profissionais, e lutas de desafios com outras modalidades de combate (como o boxe e a luta

olímpica), contrariando o ideal de Kano que via o judô como prática exclusivamente amadora (GARCÍA, 2018).

3.3 Crescimento e desenvolvimento organizacional do judô no Japão

O sucesso que Kano teve ao criar o judô como forma moderna do antigo *jûjutsu* veio rapidamente, e sugere que suas inovações foram uma resposta apropriada aos anseios da sociedade de sua época. Apenas cinco anos após a fundação da Kodokan, seu *dôjô* já contava com aproximadamente 500 alunos. O sucesso se acelerou após a vitória dos discípulos da Kodokan em um embate no departamento da polícia metropolitana, que a partir de então passou a integrar membros da escola de Kano entre seus instrutores (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Assim que foi criada, a Kodokan seguia como sistema de organização o sistema caracterizado por Saeki (1994) como *iemoto*. Jigoro Kano, era figura central da organização, e tinha poder de controle individual sobre todas as ações de seu *dôjô*. Kano decidia quem poderia ensinar o judô, e todas as graduações que deveriam ser outorgadas aos membros filiados. Entretanto, com o crescimento e expansão da Kodokan, novas regras tiveram que ser estabelecidas. As mensalidades, que eram gratuitas até 1894, tiveram que começar a ser cobradas e, uma série de seções administrativas começaram a se desenvolver (KANO, 2009).

Dado, também, ao sucesso que Kano começou a ter como educador, o judô se espalhou rapidamente entre as escolas civis e militares do Japão (GUTTMANN; THOMPSON, 2001). Em 1897, entre as escolas que contavam com a prática do judô estavam inclusas: a Universidade Imperial de Tóquio, Primeira Escola Superior de Tóquio (*Ichikô*), Primeira Escola Normal Superior de Tóquio, *Gakushuin*, *Meiji Gikai*, *Keiô Gijuku*, Academia Militar, Academia Imperial Naval, Escola de Literatura de Quioto, dentre outras (KANO, 2009). Ainda que houvesse limitações impostas pelo Ministério da Educação (GARCÍA, 2018), o judô não demorou a ser introduzido nas instituições educacionais mais importantes do Japão.

Como demonstra Nakajima e Thompson (2012), Jigoro Kano buscou desde os primeiros anos da Kodokan desenvolver o judô em consonância com os anseios do Ministério da Educação, objetivando alcançar a prática sem restrições no meio educacional. A posição de Kano como diretor da *Ichikô*, em particular, foi o que gerou um ímpeto inicial para a adoção do judô como modalidade entre os clubes escolares do ensino secundário (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Um importante crítico das artes marciais tradicionais na Restauração Meiji foi o primeiro a exercer a função de Ministro da Educação do país, Mori Arinori (1847-1889), que nutria forte interesse nos métodos pedagógicos ocidentais. Isto talvez explique a longa resistência à prática do *budô* nas escolas no período Meiji, apesar do apoio e suporte que as artes marciais receberam de intelectuais japoneses (GARCÍA, 2018).

Em 1883, apenas um ano após a fundação da Kodokan, o Ministério da Educação pediu ao Instituto Nacional de Ginástica para investigar se o *jûjutsu* e o *kenjutsu* eram modalidades adequadas para a inclusão nas escolas. Após um ano de deliberação, um comitê de especialistas, dentre eles artistas marciais e médicos, concluíram que, apesar de seu valor espiritual, as práticas eram consideradas perigosas e violentas, causando problemas para o crescimento e a saúde das crianças. Portanto, não era aconselhado o ensino dessas práticas nas escolas (GUTTMANN; THOMPSON, 2001). Considerando-se a fragmentação da prática do *bujutsu* japonês em diversas escolas e o formato ritualístico e místico de muitas dessas escolas, pode-se concluir que para um governo preocupado com a transformação do país sob as bases da “civilização” trazidas do Ocidente, estas eram barreiras claras para o desenvolvimento do *bujutsu* no meio educacional (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Outra organização que se uniu à Kodokan para advogar pela prática do *budô* no meio escolar foi a *Dai Nippon Butokukai*. A Butokukai, a partir de sua criação em 1895, promoveu o ideário do *bushidô* através da prática em artes marciais. A partir da Restauração Meiji, este tipo de prática deixou de ser visto como exclusividade do guerreiro samurai, para se tornar parte de uma identidade nacional atrelada, por vezes, ao militarismo e ao nacionalismo. A Butokukai pretendia unificar os estilos que estavam dispersos, ajudando-os a sobreviver. Se por um lado esta unificação fortalecia as artes marciais frente ao governo e a sociedade, acabava por também diminuir a autonomia dos professores, por vezes alterando o currículo dos estilos criando formas (*kata*) padronizadas, e implementando regulações de competição a serem seguidas por todos (GARCÍA, 2018).

Em 1896, o Ministério da Educação requisitou uma segunda investigação sobre a prática de artes marciais nas escolas. Isso se deu um ano após a fundação da Butokukai. Entretanto, a criação da organização não foi suficiente para mudar a disposição do ministério. Ainda que novamente não houvesse a previsão do ensino para as crianças, a investigação não descartava, entretanto, o incentivo da prática para os homens, jovens e saudáveis, com mais de dezesseis anos, como disciplina extracurricular (GARCÍA, 2018).

Com o objetivo de resolver o problema de padronização de ensino observado pelo Ministério da Educação (GARCÍA, 2018), em 1905 a Butokukai criou sua própria escola de

formação de especialistas em *budô* de onde passaram a se formar grande parte dos futuros professores de judô do país, a *Budô Senmongakko* (NIPPON BUDOKAN, 2011). Entretanto, um novo comitê de investigação do Ministério da Educação, em 1905, chegou à mesma conclusão das pesquisas anteriores, justificando que os métodos ginásticos ocidentais eram mais científicos e com mais poder educacional do que as artes marciais tradicionais do Japão (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Por sua vez, em 1906 a *Tôkyô Kôtô Shihan Gakko*, escola de formação de professores onde Jigoro Kano trabalhou como reitor, estabeleceu um curso de formação de professores de educação física em que eram formados professores especialistas em judô. A formação de professores de judô no meio educacional foi ainda ampliada pelo curso de formação de especialistas em judô da Universidade *Kokushikan* em 1929 (KANO, 2009).

Foi somente em 1908, com a intervenção do congresso japonês no debate, que o Ministério da Educação revisou suas diretrizes e introduziu a prática do judô e do kendô para o ensino médio e superior. Ainda assim, o Ministério fez uma demorada consulta que durou três anos com representantes do meio educacional, o que postergou para 1911 a inclusão das modalidades no currículo da ginástica escolar (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Em 1909 a Kodokan tornou-se uma fundação, que foi ampliada em 1917, e passou a ser controlada por um conselho. Em 1911, a agora fundação Kodokan criou seu próprio curso de formação de professores e, em 1914 estabeleceu a *Jûdôkai*, que seria renomeada em 1922 para Kodokan *Bunkakai*, uma divisão própria para a promoção do judô, editando e publicando seus próprios livros e revistas (KANO, 2009).

Em 1922 a Kodokan foi obrigada, dado o seu crescimento, a criar o sistema administrativo de *yûdanshakai*, as Associações de Faixas Pretas, que logo começaram a se espalhar por todo o território japonês e que futuramente passaram a existir também em outros países (KANO, 2009). Em 1926, foi fundada também a Kodokan *Koenkai* (Associação de Suporte ao Kodokan) com o objetivo de patrocinar e manter a existência da Kodokan ao longo das gerações. Isto permitiu a ampliação do número de seus departamentos, como a criação em 1931 do grupo de pesquisa médica em judô (KANO, 2009).

Com relação ao judô feminino, enquanto relatos dão conta de que entre 1899 e 1900 Jigoro Kano aceitou a filiação de algumas alunas na Kodokan, foi somente em 1933 que foram oficialmente estabelecidas as regulações para a divisão feminina da Kodokan, após a construção de um *dôjô* próprio durante a reconstrução do *dôjô* da Kodokan em *Suidôbashi*. Em 18 de janeiro deste mesmo ano, Kaneko Ozaki recebeu a primeira graduação oficial da Kodokan à

faixa preta - na Kodokan as mulheres passaram a usar uma faixa preta com uma linha branca longitudinal que as diferenciavam dos homens (KANO, 2009).

Em 1931, as regulações sobre as disciplinas que integravam a educação física escolar foram mais uma vez revisadas. Favorecidos pelo contexto militarista do governo japonês nessa época, o judô e o kendô se tornaram atividades obrigatórias para todas as aulas de educação física (GUTTMANN; THOMPSON, 2001). Além disso, em 1939, o Ministério da Saúde e Bem-estar (*Koseisho*) estabeleceu um comitê de promoção do *budô* (NIPPON BUDOKAN, 2011) e, em 1942, a *Dai Nippon Butokukai* virou uma organização de caráter governamental sujeita à administração do governo japonês (NIPPON BUDOKAN, 2011), tomando controle da Kodokan (GARCÍA, 2018). O aumento do aparato burocrático do judô japonês sofreu uma pausa quando em 1945, sob ocupação dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, as forças de ocupação proibiram a prática do *budô* no meio educacional, além de estipular o fechamento da Butokukai. Sob ocupação americana, em 1949, foi fundada a *All Japan Judo Federation*, a Federação Japonesa de Judô e, no ano seguinte, o judô voltou a ser praticado nas escolas (KANO, 2009).

Uma década depois, em 1959, a decisão de promover a participação do judô nos Jogos da 18ª Olimpíada foi tomada, culminando na primeira participação do judô em Jogos Olímpicos em 1964 (KANO, 2009). A partir de então, em um processo de fora para dentro, com a criação da FIJ, não só a Kodokan como o Japão (como local originário da modalidade), perderam o controle sobre o judô mundial (SAEKI, 1994).

3.4 Influência do nacionalismo sobre o judô nos períodos Taishô e Shôwa

Os termos que mediarão a inclusão do judô nas escolas, e o recrudescimento do nacionalismo e do militarismo nos períodos Taishô e Shôwa, são contextos importantes para entender a cultura do judô nos períodos subsequentes à Restauração Meiji, e próximo do fim da Segunda Guerra.

No período Meiji, a educação física e os esportes foram inicialmente promovidos por uma visão higienista (*gakkô eisei*), especialmente no ensino primário. Entretanto, com o crescimento da prática esportiva, o termo “higiene” passou a ser menos apropriado. É nesse sentido que a Divisão da Higiene Escolar (*Gakkô Eisei Ka*) do Ministério da Educação foi renomeada para Seção de Educação Física (*Taiiku Ka*). Esta é uma dentre muitas mudanças que caracterizaram as transformações do pensamento da sociedade e do governo sobre a finalidade da Educação Física e do Esporte japoneses (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Em 1912 iniciou-se o período Taishô (assim chamado pela mudança de imperador regente). Este é um momento que se caracterizou pelas disputas políticas da oligarquia japonesa que se construiu durante o período Meiji. O Japão evitou tomar lados durante a Primeira Guerra Mundial e, após um processo de intensa adoção da tecnologia ocidental, passou a olhar para os países europeus de uma posição de maior igualdade, dadas as severas consequências da guerra para esses países. Este é um momento em que o movimento esportivo se expandiu para a classe média e as classes trabalhadoras (GARCÍA, 2018).

No período Taishô (1912-1926), existiam duas visões concorrentes sobre o que deveria ser o esporte no Japão. Por uma corrente, o esporte era visto como um fim em si mesmo, praticado por seu próprio valor intrínseco. Por outra, o esporte era visto como modo de fortalecer a nação através da promoção de uma melhor condição física e do caráter moral do povo japonês. Se a primeira visão era prevalente no princípio da introdução dos esportes ocidentais, a segunda tornou-se prevalente com o crescimento do militarismo, e do uso do esporte como instrumento do nacionalismo nos períodos de guerra (ABE; KIYOHARA; NAKAJIMA, 1992; GUTTMANN; THOMPSON, 2001). Em 1917, o segundo movimento conseguiu estabelecer-se através de promulgação, pelo poder legislativo, da proposição para promoção das ginásticas militares como modo de promover o sentimento patriótico. Com isso, em 1918 as artes marciais foram introduzidas como disciplina eletiva nas escolas primárias (GARCÍA, 2018).

Assim como em outros países, a educação física e o esporte foram palco de disputas ideológicas e, durante os períodos Taishô e Shôwa, a educação física japonesa proposta por educadores nacionalistas passou a progressivamente ganhar projeção e promover os exercícios calistênicos alemães, exercícios militares e a prática de artes marciais (*budô*). A Primeira Guerra Mundial convenceu um número expressivo de políticos japoneses de que a sobrevivência do país dependia da capacidade de promover o patriotismo e, também, a preparação militar. Com isso, a visão de que o estudante do ensino médio deveria ser treinado para ser um soldado, imbuído de patriotismo e espírito marcial, com resiliência mental e física, passou a prevalecer sobre uma visão mais liberal com relação aos objetivos da educação física (GUTTMANN; THOMPSON, 2001). Enquanto a relação entre a prática do *budô* e a educação moral cresceu no período Meiji, foi nos períodos Taishô e Shôwa que ganhou o tom militarista. Dada a frágil saúde do Imperador Taishô, o *bushidô* então atrelado à figura do Império, passou a adquirir um caráter mais abstrato de política nacional, conhecida como *kokutai*, ainda que a ideologia de sacrifício e lealdade ao imperador não tenham sido afetados. O discurso do *bushidô*

foi mantido vivo através do currículo do sistema escolar e, principalmente, pela prática de artes marciais e dos esportes (GARCÍA, 2018).

Esta influência do nacionalismo japonês sobre o *budô* não foi sentido somente no Japão, como também em suas colônias. Por exemplo, tanto em Taiwan (HWANG; MANGAN, 2018; LEE; MANGAN; OK, 2018; CHENG; LEE; CHIN, 2021) como na Coreia (MANGAN; PARK; OK, 2018), houve um controle significativo do esporte como forma de impor o Imperialismo japonês. Promovido pela Butokukai, o *budô* enfatizava o *yamato-damashii* (o espírito japonês) nas colônias, construindo inúmeros *Butokuden* (salas de artes marciais ligadas à Butokukai). Para que se tenha uma dimensão do uso do *budô* como ferramenta de dominação cultural, até 1945 já havia, pelo menos, 110 *Butokuden* construídos em Taiwan e, a então colônia japonesa, contava com uma sede administrativa da Butokukai em cada região do território (CHENG; LEE; CHIN, 2021). O *budô*, portanto, foi instrumentalizado como método de domínio cultural nas colônias pela mesma razão que se instituiu a obrigação do uso da língua japonesa, e que se exigia o juramento ao imperador (LEE; MANGAN; OK, 2018).

No início da Era Shôwa, portanto, o *budô* passou ser instrumentalizado pelo governo para direcionar a sociedade japonesa ao ideário do pensamento nacionalista. Traçou-se uma conexão do xintoísmo, como religião estatal, com o *budô*. É nesse momento que o Ministério da Educação exigiu que todas as salas de treinamento em *budô* tivessem um *kamidana* (altar xintoísta), reforçando a relação do *budô* com o império e a nação através da construção de um *habitus* pautado pelo *bushidô*. O objetivo principal deixou de ser o aperfeiçoamento individual, e passou a ser o sacrifício em nome do imperador e da nação. Este direcionamento conservador foi também sentido pela Kodokan, que precisou se adaptar à nova realidade. É neste contexto que em 1928 Jigoro Kano criou a *Kobudô Kenkyukai* (Associação de Pesquisa em Artes Marciais Clássicas), e a Kodokan passou a ter aulas de estilos clássicos como o *Shintô Musor-ryu* e o *Tenshin Shôden Katori Shinto-ryu* (GARCÍA, 2018).

Com o crescimento do controle nacionalista, no final de 1932 e início de 1933, Ichiro Hatoyama, membro do Ministério da Educação, instituiu a perseguição aos educadores suspeitos de tendências liberais. Nesse momento, com o crescimento da influência do exército no cotidiano e na sociedade japonesa, foi reforçada a atenção ao *seishin kyôiku*, a “educação espiritual”. Na década de 1930 a influência dos Estados Unidos na educação física e esporte foi substituída para uma influência dos modelos alemães. Em 1937 as escolas foram efetivamente ordenadas a promover o patriotismo e treinamento espiritual (*seishin kunren*) através do condicionamento físico. Uma série de métodos ginásticos militares desenvolvidos no Japão ajudaram o governo a promover esta mobilização “espiritual”. Em 1942 o governo aumentou

ainda mais a ênfase nas artes marciais, centrando a prática da educação física no judô, no kendô e no kyudô. Em todo esse período passou a se colocar ênfase também no treinamento de baioneta, o *jûkendô* (GUTTMANN; THOMPSON, 2001; GARCÍA, 2018).

À medida em que ocorreu a mobilização total para os esforços de guerra, os esportes ocidentais sofreram cada vez maiores limitações. Em 1943, o Ministério da Educação encerrou as atividades de todos os esportes colegiais exceto o judô, o kendô e o kyudô. Esportes populares como o beisebol evitavam o uso de termos em inglês durante a prática e competições e, desde 1942, apresentações nas quais os atletas arremessavam granadas passaram a se tornar atração para o público dos jogos. Ainda que tenha tentado se adequar ao contexto de guerra, o beisebol profissional encerrou as atividades em 1944 (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Neste período de maior interferência do pensamento militarista sobre a sociedade, a *Dai Nippon Butokukai* foi a organização com o maior número de membros contando, durante a década de 1940, com três milhões de filiados. Em 1942, foi estabelecida como organização extragovernamental, ficando sob a supervisão conjunta do Ministério da Educação, Saúde, Marinha, Exército e Interior. A Butokukai teve sua sede realocada para o Ministério da Saúde e passou a controlar uma série de organizações como a Federação Japonesa de Kendô, e até mesmo a Kodokan. Nesse contexto, a Butokukai tornou-se responsável por incorporar o *bushidô* à prática de artes marciais, e ao espírito das forças militares (GARCÍA, 2018).

3.5 O processo de aculturação e a ocidentalização do judô após a Segunda Guerra

Após a introdução e difusão em outros países, assim como ocorreu no Japão, o judô se transformou progressivamente em termos de tamanho e complexidade organizacional. Quando chegaram os primeiros professores, o judô não tinha ainda um órgão administrativo nos países para os quais migrava e, assim, havia espaço para a autoridade pessoal dos mestres imigrantes (GOODGER, 1981). Olhando para a atual forma de organização, percebe-se a transformação que o judô como esporte teve em seu formato administrativo. Após sua inclusão nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 1964, o judô desenvolveu ainda mais o tipo de organização racional dos esportes modernos ocidentais (NIEHAUS, 1996; GUTTMANN, 2001; VILLAMÓN et al., 2004).

Os antecedentes da ocidentalização do judô não se encontram, portanto, somente derivados do contexto japonês na Restauração Meiji. Este processo é fruto também das estruturas desenvolvidas após sua difusão na Europa e nos Estados Unidos. Enquanto os Estados Unidos regularam o judô japonês no período de ocupação, o judô europeu foi o

responsável pela criação da FIJ, resultando na modernização reflexiva da modalidade (VILLAMON et al., 2004).

Na Europa, o judô floresceu rapidamente. A partir da fundação da Budokwai em 1918, houve um crescimento acentuado da prática e, em 1929, havia um número suficiente de clubes de judô na Grã-Bretanha para sediar uma competição nacional (GUTTMANN; THOMPSON, 2001, GARCÍA, 2018). Por outro lado, Aida Hikoichi chegou em 1924 em Paris para ensinar a modalidade e, o próprio Jigoro Kano visitou a França em 1933, inspirando Moshe Feldenkrais e Frédéric Joliot a fundar um clube de judô. Inicialmente os franceses seguiam uma vertente do judô ensinada por Mikinosuke Kawaishi, que havia chegado ao país em 1935, mas eventualmente passaram a seguir os caminhos do judô ditados e promovidos pela Kodokan. Na França, o primeiro campeonato nacional ocorreu em 1943 e, apesar de ter tido uma introdução mais tardia em comparação com outros países da região, em 1950 os franceses já possuíam a equipe mais forte na Europa (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Na Alemanha, há um relato da fundação de um *dôjô* de judô em Berlin, ainda em 1905, por Erich Rahn mas, assim como ocorreu em outros países, a modalidade foi chamada de *jûjutsu* (jiu-jítsu), e não seguia a padronização e direcionamento da Kodokan. Não é claro, portanto, quem foi o primeiro a estabelecer o Judô Kodokan na Alemanha, mas Frankfurt pode ser colocada como a cidade de nascimento da Federação Alemã de Judô, organizada em 1932 e que sediou ainda nesse ano a primeira competição internacional de judô organizada pelos europeus. A cidade de Dresden foi a primeira a receber uma competição europeia de judô oficialmente, o que demonstra a importância do judô alemão no contexto de desenvolvimento do judô europeu (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Após a Segunda Guerra Mundial, um dos pioneiros do judô da Grã-Bretanha, Gunji Koizumi, participante de todo o processo de difusão do judô na região, discutiu com os membros da Budokwai (associação que ele fundou na Inglaterra) a possibilidade de formar uma organização administrativa nacional, e uma organização europeia. Em 1948, a Budokwai trabalhou para fundar a *British Judo Association*, a primeira associação nacional amadora de judô do mundo. Foi Koizumi quem propôs a primeira constituição da associação britânica e, decidida a formação da *British Judo Association*, na mesma conferência, iniciaram as conversas para formar a União Europeia de Judô (BOWEN, 2003).

Em 26 de Julho de 1948 foi realizada uma conferência internacional em Londres, com a presença de representantes da Inglaterra, Áustria, Holanda e Itália. Havia, ainda, um enviado francês que, no entanto, participou somente como observador. Liderada pela Budokwai, a conferência objetivou padronizar as regras do judô e estabelecer um corpo arbitral

internacional. Assim, Leggett, que presidiu a conferência, propôs a constituição rascunhada pela Budokwai para a apreciação dos demais participantes. Foi proposta uma pausa até o dia 28 de julho para a apreciação minuciosa e sugestão de modificações no texto e, assim, a União Europeia de Judô foi formada (BOWEN, 2003).

Em julho de 1951, representantes da Itália, Inglaterra, Bélgica, França, Holanda, Alemanha, Áustria e Suíça, países membros da União Europeia de Judô, se juntaram em Londres para formar a FIJ. A FIJ, naquele momento, nada mais era do que a transformação da União Europeia de Judô em um órgão mais amplo. A União Europeia de Judô foi formalmente dissolvida, naquele momento, para ser substituída pela FIJ, sendo reestabelecida em 1952 como uma organização à parte. Naquele momento, no entanto, apesar do caráter internacional da entidade, o Japão ainda não fazia parte da organização (SATO, 2013).

Foi somente após a Segunda Guerra, com o objetivo de regular a prática do judô feminino, em 1959, que na Europa realizou-se a primeira Conferência para Mulheres da Associação dos Técnicos e, em 1961, foi formado o Comitê Feminino com representantes da Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda do Norte. Posteriormente, em 1964, foi criado o Conselho Nacional Britânico de Judô para Mulheres e, em 1966 foi realizado o primeiro Campeonato Feminino por Equipes, um evento somente de *kata*. Entretanto, somente em 1968 que Patrícia Harrington e Betty Huxley fundaram a primeira Federação de Judô Feminino na Europa e, em 1971, aconteceu o primeiro Campeonato Aberto Feminino de Judô na Europa, muito após a inclusão do judô nos Jogos Olímpicos (DE SOUZA; MOURÃO, 2011).

Após a Segunda Guerra Mundial os centros urbanos do Japão estavam em escombros. A partir da rendição japonesa foi necessário reconstruir o país, o mesmo ocorrendo com o esporte. A primeira medida do Comando Supremo das Forças Aliadas foi identificar e remover os líderes militares do período de guerra que tinham posições de liderança, e dissipar as relações do militarismo com o sistema educacional. Durante o começo do período de ocupação as artes marciais tradicionais foram banidas. A *Dai Nippon Butokukai*, que tinha forte conexão com o governo militarista no período mais grave da guerra, foi dissolvida (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

O judô, apesar de também ter sido banido nesse primeiro momento de ocupação, retornou rapidamente quando comparado aos outros sistemas de *budô*. A Federação Japonesa de Judô foi fundada em 1949, e a partir disso a modalidade teve permissão de retornar às escolas e universidades. Dois anos depois da fundação desta federação, foi fundada a FIJ e, usando o judô para abrir caminho à reintrodução do Japão no cenário mundial, Tóquio sediou em 1956 o primeiro Campeonato Mundial da modalidade (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

A transferência de autoridade sobre o judô da Kodokan para a FIJ fez parte de um contexto ainda mais amplo. A segunda metade do século XX foi o período em que as artes marciais japonesas se adaptaram e se mesclaram completamente com a configuração dos esportes globais. Iniciativas do governo japonês, como o “*sport for all*” prevalente na Europa, promoveram a reformulação nas décadas de 1960 e 1970 das artes marciais japonesas para se adequarem ao movimento esportivo internacional (GARCÍA, 2018).

Com relação aos esportes ocidentais, estes foram aconselhados a serem novamente introduzidos pelos conselheiros do General Douglas MacArthur, responsável pela ocupação. O beisebol, que tinha grande popularidade antes da guerra e tinha sofrido restrições pelo governo, passou novamente a ter sua prática encorajada (GUTTMANN; THOMPSON, 2001). Em 1950 o Ministério da Educação substituiu o termo *budô*, para denominar as artes marciais e esportes de combate, para o termo *kakugi*, tentando distanciar estas práticas da conotação militar que possuíam, e aproximá-las dos esportes ocidentais. Isto só foi revertido em 1989, quando o termo *budô* voltou a ser utilizado. Hoje o termo *kakutôgi* (escrita variante de *kakugi*) seria o equivalente a esportes de combate, e é usado para se referir a esportes como o boxe, a luta olímpica ou o MMA (artes marciais mistas) (GARCÍA, 2018).

Em 1964 o judô atingiu o pico de sua internacionalização fazendo sua estreia nos Jogos Olímpicos (GUTTMANN; THOMPSON, 2001). Para que houvesse a aceitação da participação da modalidade o presidente da Associação Japonesa de Educação Física, Ryotaro Azuma, juntamente com o presidente do COI, Avery Brundage, trabalharam para trazer os Jogos para Tóquio. Após o Japão vencer a disputa para sediar as competições, a matéria de participação do judô no evento foi naturalmente resolvida (GUTTMANN; THOMPSON, 2001). O papel do judô para mostrar ao mundo as características positivas da cultura japonesa foi essencial para diminuir a percepção militarista do Japão, e do *budô*, no cenário internacional (BENESCH, 2020; GARCÍA, 2018). O judô como esporte em 1964, no entanto, já não era mais o mesmo desenvolvido por Jigoro Kano, pois se apresentava como um esporte que havia passado por um processo de modernização e racionalização que o distanciam da prática imaginada por seu criador (CARR, 1993; GUTTMANN; THOMPSON, 2001). Cabe ressaltar que a inclusão do judô feminino, entre os eventos internacionais, ocorreu somente a partir de 1980, ano do primeiro campeonato mundial, e a aceitação da inclusão da categoria feminina nos Jogos Olímpicos ocorreu em 1988 (DE SOUZA; MOURÃO, 2011).

Como resultado da internacionalização, a Kodokan, com influência do sistema tradicional *iemoto*, perdeu espaço para o modelo de gestão burocrático da FIJ e da Federação Japonesa de Judô (SAEKI, 1994). Com a criação da FIJ em 1951, tanto os elementos

pedagógicos como os objetivos da prática sofreram mudanças. O judô, que era até então visto como um método japonês espiritual e de autodefesa, passou pelo processo de esportivização. Este desenvolvimento com ênfase nas características competitivas passou a gerar conflitos entre a tradição e a inovação (FRANCHINI; DEL'VECCHIO, 2007).

3.6 A introdução do judô no Brasil sob o contexto da imigração japonesa

Em 5 de novembro de 1895, em Paris, Brasil e Japão assinaram o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, que permitiu o início da imigração japonesa para o Brasil. Embora o tratado tenha sido assinado em 1895, somente treze anos depois (1908) o processo de imigração começou formalmente. Com as restrições então impostas pelos Estados Unidos (na época foco da imigração japonesa) o governo japonês decidiu redirecionar a migração para o Brasil, país com o qual já havia um acordo firmado (KAWAI, 1980).

Com relação às razões para a imigração japonesa para o Brasil, a busca por potenciais imigrantes teve dois motivos principais. Em primeiro lugar, havia de fato a necessidade de complementar a mão de obra, principalmente no estado de São Paulo onde havia um rápido crescimento econômico, conduzido pelo crescimento da produção de café (SASAKI, 2006). Por outro lado, havia uma política de “branqueamento populacional” que direcionava as políticas imigratórias governamentais para a imigração europeia, buscando desenvolver uma nova configuração das relações produtivas de trabalho após a abolição da escravidão, como resultado de ideias eugênicas de “branqueamento” da população brasileira. Desta forma, a imigração em massa foi um traço importante das mudanças socioeconômicas do Brasil do final do século XIX ao início do século XX. Entre 1887 e 1930, cerca de 3,8 milhões de imigrantes entraram no país. Assim, diferente do caso da imigração europeia, inicialmente a imigração japonesa não foi uma escolha ideológica do governo, mas uma necessidade (CARVALHO, 2019).

Devido ao preconceito racial, nos Estados Unidos a imigração japonesa não foi bem aceita. Apesar de um início promissor, sucessivos problemas tornaram a imigração quase impraticável a partir de 1908, culminando com a proibição da chegada de imigrantes em 1924. No Brasil, nessa mesma época, a imigração alemã e italiana eram foco do governo. Entretanto, desde 1859, a partir do decreto de “Von der Heydt”, a imigração alemã para São Paulo foi proibida. Além disso, com base em reportagem do jornalista Adolfo Rossi sobre as condições dos imigrantes, em 1902 o governo italiano determinou, por meio do “decreto Prinetti”, a proibição de novos imigrantes virem ao Brasil para trabalhar nas fazendas de café. Dadas as

barreiras para a imigração europeia, a imigração japonesa para o Brasil iniciou em 1908 pela conjunção desses eventos (KAWAI, 1980).

Desde 1906, a chegada de colonos começou a ser articulada com uma visita ao Brasil por Ryu Mizuno, diretor da *Kokoku Shokumin Kaisha* (Companhia Imperial de Emigração), a principal empresa japonesa que administraria a chegada de imigrantes até 1917. Em face da reavaliação dos preços do café desde o Acordo de Taubaté de 1906 e restrições impostas à imigração italiana desde 1902 pelo governo da Itália, os produtores do estado de São Paulo estavam mais interessados nos chamados trabalhadores alternativos. O Japão, por sua vez, a partir de 1907, com o fechamento das portas para a entrada de novos emigrantes na Califórnia, procura rapidamente uma solução para a emigração. Assim, o contrato de chegada dos primeiros trabalhadores japoneses começou a ser articulado. (KODAMA; SAKURAI, 2008, p. 18).

O Kasato Maru foi o primeiro navio oficial a trazer imigrantes japoneses para o Brasil em 1908 (SUZUKI, 1995), e o primeiro grande movimento migratório dos japoneses situa-se historicamente entre 1908 e 1941, quando 188.309 japoneses entraram no Brasil (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA, 1992). Esse primeiro movimento migratório compreende dois períodos, sendo o primeiro entre os anos de 1908 e 1924, quando o transporte foi subsidiado pelo governo de São Paulo com a chegada de 31.000 japoneses, e o segundo período, entre 1924 e 1941, quando o transporte foi subsidiado pelo governo japonês, com a chegada de 158.000 japoneses (SUZUKI, 1995). Esse período de chegada em massa dos imigrantes japoneses foi decisivo para a introdução do judô no Brasil (VIRGÍLIO, 2002a; NUNES; RUBIO, 2013).

O primeiro professor de judô registrado na Kodokan a chegar ao Brasil foi Sack Miura em 1908 (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA, 1992), conhecido em sua chegada por Sada Miyako (LISE; CAPRARO, 2018), que a partir do ano seguinte começou a ensinar judô na Marinha do Brasil (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA, 1992). Dois anos depois, em 1910, chegou ao país Takezo Mamizuka que, depois de trabalhar como agricultor nas terras de Jataí, deu aulas de judô na polícia do estado de São Paulo e, posteriormente, abriu o primeiro *dôjô* de judô do Brasil, na cidade de São Paulo, em 1912 (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA, 1992).

Apesar da chegada desses primeiros pioneiros do judô, a principal divulgadora para o começo do desenvolvimento da modalidade no Brasil foi a trupe de Mitsuyo Maeda, o “Conde Koma”, em 1915. Maeda aprendeu judô na Kodokan, e deixou o Japão com a missão de promover o judô em todo o mundo. Junto com Soishiro Satake, um dos membros de sua

comitiva, permaneceu no Brasil e se naturalizou brasileiro. Em Belém e Manaus, cidades do norte do país, fundaram escolas, ensinaram em instituições e clubes militares e divulgaram a modalidade por meio de lutas de desafios (VIRGÍLIO, 2002a). Deve-se notar que, durante esse período, as informações sobre o judô para o público leigo eram escassas, de modo que havia grande confusão entre os termos "judô" e "jiu-jítsu". Por esse motivo, é também atribuído a Maeda a introdução do que é hoje conhecido como jiu-jítsu brasileiro, visto que Maeda teria ensinado Carlos Gracie, um dos fundadores dessa arte marcial (NUNES; RUBIO, 2012). Por esse motivo, neste trabalho, enquanto *jūjutsu* foi o termo usado ao se referir ao estilo de *bujutsu* clássico japonês, jiu-jítsu foi utilizado para se referir à prática que chegou com esses primeiros introdutores, e se desenvolveu no Brasil.

Apesar deste primeiro momento de divulgação, foi somente na década de 1930 que se estabeleceu a maior parte das academias de judô da primeira metade do século XX, pelos professores Katsutoshi Naito, Yasuichi Ono e Ryuzo Ogawa (VIRGÍLIO, 2002a; ISHII, 2015). Assim como Goodger (1977; 1981) aponta que na Grã-Bretanha havia um forte componente de autoridade pessoal dos professores nos períodos iniciais da introdução do judô, no Brasil o mesmo parece ser verdadeiro. Criou-se um sistema de rede, nesses primeiros anos, em que os mestres de judô atuavam como fundadores de seus próprios grupos e delegavam autoridade a seus discípulos para a administração de suas filiais, uma estrutura com perfil semelhante à *iemoto*, com forte hierarquia e centrada na relação professor-aluno (SAEKI, 1994; MAZZEI; CRUZ, 2015).

Em 1933, sob a liderança de Tatsuo Okochi, e dezoito anos após a chegada de Maeda, foi inaugurada a primeira tentativa de institucionalizar o judô. A *Hakkoku Jūkendô Renmei*, primeira associação de judô e kendô no Brasil, fundada no estado de São Paulo (VIRGÍLIO, 2002a; ISHII, 2015; MAÇANEIRO; FRANCHINI, 2020). São Paulo foi, particularmente no início da imigração japonesa, o estado que recebeu o maior número de imigrantes japoneses (KODAMA; SAKURAI, 2008). A organização, no entanto, teve que ser dissolvida em 1942 por ordem do governo brasileiro, com o fim das relações diplomáticas e a perseguição aos imigrantes dos países do Eixo durante a Segunda Guerra (KOBAYASHI, 2010; MAÇANEIRO; FRANCHINI, 2020).

A *Hakkoku Jūkendô Renmei* foi a principal organizadora do judô brasileiro até o final da Segunda Guerra Mundial, com a criação das primeiras federações. Após seu fechamento, o judô de São Paulo se dividiu em três grupos: a Kodokan do Brasil, a Budokan de Ryuzo Ogawa e a academia dos irmãos Ono (VIRGÍLIO, 2002a; ISHII, 2015).

Por causa do contexto da Segunda Guerra Mundial, portanto, a unificação do judô brasileiro não se concretizou. Somente com o fim da guerra que as primeiras federações começaram a surgir oficialmente. Em 1958, foi fundada a primeira federação estadual de judô no Brasil, em São Paulo. Onze anos depois, em 1969, foi fundada a Confederação Brasileira de Judô. Foi a partir da implantação dessas primeiras federações que o judô adquiriu características mais esportivas, separando definitivamente o judô do jiu-jítsu no Brasil (VIRGÍLIO, 2002a). A partir de então, as competições internacionais serviram como catalisadores para as mudanças subsequentes no judô brasileiro, visto que passaram a demandar maior organização e profissionalismo das federações que foram criadas. Entretanto, a modalidade entraria em um período de “escuridão” entre os anos de 1979 e 2000, marcado pelo amadorismo, autoritarismo e corrupção, que exigiria uma nova tentativa de reconstrução e de profissionalização das organizações responsáveis pela modalidade (MAZZEI; CRUZ, 2015).

Considerando essas questões, pode-se dizer que assim como em outros países, a introdução e desenvolvimento das organizações do judô no Brasil foi marcada por diversas transformações, dependentes não somente da vontade de suas lideranças, mas influenciadas por contextos mais amplos e complexos, e na necessidade de transpor diversas barreiras.

Os que hoje desfrutam das benesses do poder na direção do judô nacional nem de leve podem avaliar o que foi a luta dos pioneiros na divulgação do judô no Brasil. As dificuldades enfrentadas, os obstáculos ultrapassados, as lutas para remover os obstáculos, normalizando, regulamentando e criando entidades específicas para direção e controle da prática desse esporte, foram incontáveis. (UEDA; VACCARI, 2004, p.46).

3.7 A pesquisa da história do judô em contexto

Considerando-se a influência da cultura, da política, e dos processos históricos na história do judô, fica aparente como cada contexto em que o judô esteve inserido influenciou não somente sua prática, mas suas transformações organizacionais. Com o passar das décadas, a modalidade transformou sua forma de organização de um modelo tradicional para um modelo burocrático, cada vez mais ocidentalizado (GOODGER; GOODGER, 1977; GOODGER; GOODGER, 1980, CARR, 1993; GUTTMANN; THOMPSON, 2001; GARCÍA, 2018). Pode-se afirmar, que compreender as transformações históricas pelas quais passou o Japão durante o período Meiji, Taishô, Shôwa e, após a Segunda Guerra Mundial, é essencial para compreender

não somente a criação e desenvolvimento do judô, como também a transformação de sua estrutura organizacional.

Disputas políticas sob o controle da modalidade determinaram as relações estabelecidas entre a Kodokan, a Butokukai, e o governo japonês (GARCÍA, 2018). Do mesmo modo, o contexto histórico e cultural influenciou diretamente o processo de difusão do judô em outros países (GOODGER; GOODGER, 1977; CARR, 1993), bem como as disputas políticas sobre o controle da modalidade após a Segunda Guerra Mundial (SAEKI, 1994).

A difusão do judô nos demais países foi um dos processos responsáveis pela aculturação e modernização da modalidade. É uma das questões que explicam como o modelo japonês passou a absorver cada vez mais as características do esporte do ocidente (BETTI, 1993, CARR, 1993, GUTTMAN; THOMPSON, 2001, FRANCHINI; DEL'VECCHIO, 2007). Por essa perspectiva, o debate entre tradição e modernidade deixa de ser somente uma disputa entre agentes individuais e políticos, mas produto de um contexto mais amplo em que cada organização do judô esteve e está inserida (CARR, 1993).

Com relação à pesquisa do contexto histórico em que se desenvolve o esporte, segundo Betti (1993), ao estudarmos a cultura corporal, e inserido nela o esporte, devemos fazer distinção quanto aos conceitos de “Texto” e “Contexto”. Texto seriam os movimentos padronizados, as táticas, regras. O contexto é composto, por outro lado, pelas questões culturais mais amplas que influenciam o esporte de fora para dentro. É o contexto cultural, por exemplo, que no caso do rúgbi, britânico, o transformou no futebol americano após ser introduzido nos Estados Unidos (BETTI, 1993).

Podemos perceber ainda, pelas pesquisas que tratam do tema, como o contexto determinou as transformações organizacionais do judô (GOODGER; GOODGER, 1977; CARR, 1993; SAEKI, 1994). Quando tratamos de organizações, podemos considerar dois tipos de ambiente, o ambiente interno, que é tudo aquilo que ocorre dentro de uma organização, e o ambiente externo, compreendendo tudo aquilo que ocorre fora da organização e que a influencia. Quando tratamos de ambiente externo, estamos falando de contexto. O contexto pressupõe que organizações não vivem “no vácuo”, e que para entender a dinâmica organizacional é necessário entender o contexto em que as organizações estão inseridas. Este contexto ambiental representa todas as forças externas que influenciam a organização e o seu comportamento. O contexto é, portanto, composto de outras organizações, bem como forças econômicas, culturais, legais, políticas, tecnológicas e demográficas, formando um campo dinâmico de forças que interagem com a organização em um efeito sistêmico (CHIAVENATO, 2010).

Assim como em outros tipos de organizações, as organizações esportivas são igualmente dependentes do ambiente externo. O contexto influencia sua busca pelo sucesso dentro e fora das competições, bem como a manutenção de sua existência. Essa dependência pode se dar por diversos fatores, o que demonstra que seus processos internos de gestão são impactados pelo contexto em que estão inseridas. No plano político, as organizações esportivas muitas vezes contam com o apoio governamental local, regional ou nacional. Para algumas destas organizações, todo o seu orçamento pode ser dependente do orçamento da cidade, ou estado. Ainda, as mesmas organizações podem ser afetadas pela oferta ou extinção de subsídios ou programas governamentais. O apoio do governo pode vir também na forma de legitimação ou passível de alinhamentos políticos mais amplos (BARNHILL; SMITH; OJA, 2021).

Desde a década de 1970, pesquisas que incluem a descrição do desenvolvimento histórico do judô têm se preocupado com a influência do contexto sobre a modalidade e suas organizações, seja ele cultural (GOODGER, 1982b; FUSHIMI, 1992; BETTI, 1993; SAEKI, 1994; VILLAMÓN et al., 2004; CAYROLS, 2010; MIARKA; MARQUES; FRANCHINI, 2011; GROENEN, 2013; MAZZEI; NASSIF, 2013; SATO; INOUE, 2017), político (SAEKI, 1994; NIEHAUS, 2006; MARTA, 2008; VILLAMÓN; ESPARTERO, 2009; MIARKA; MARQUES; FRANCHINI, 2011; SÁNCHEZ-GARCÍA, 2016; GULYAYEVA, 2016; JIMENEZ-LANDAZURI et al., 2016), ou quanto à sua transformação estrutural e autoridade (GOODGER; GOODGER, 1977; GOODGER; GOODGER, 1980; GOODGER, 1981).

Explicações dos contextos históricos incluem o processo de burocratização (GOODGER; GOODGER, 1977; GOODGER; GOODGER, 1980; CARR, 1993; GUTTMANN; THOMPSON, 2001), o conflito entre a modernidade e a tradição (GUTTMANN, 1991; CARR, 1993; SAEKI, 1994; FRANCHINI, 2001; GUTTMANN; THOMPSON, 2001; VILLAMÓN et al., 2004; FRANCHINI; DEL'VECCHIO, 2007; SATO, 2013; SATO; INOUE, 2017), a modernização reflexiva (VILLAMÓN et al., 2004) o processo de transformações pelo paradigma da globalização (NIEHAUS, 2006; SATO, 2013, SATO; INOUE, 2017; SATO; INOUE, 2022) e o processo civilizacional (RÉGNIER, 2010; SÁNCHEZ-GARCÍA, 2016; GARCÍA, 2018). Ainda, pode-se destacar pesquisas históricas que partem do ponto de vista micro, dos agentes individuais, e sua relação com questões mais amplas (RÉGNIER, 2010; NUNES; RUBIO, 2013; CALLAN; HEFFERNAN; SPENN, 2019; BOEHL; IGNÁCIO, 2023; BORGES; MAÇANEIRO, 2023).

Em termos de metodologia para o estudo do contexto no judô, no que tange às fontes, podemos incluir, ainda, o uso de entrevistas (GOODGER, 1982b; FUSHIMI, 1992; RÉGNIER, 2010; MAZZEI; NASSIF, 2013), o uso de fontes documentais de época como documentos de

federações (GOODGER, 1980; CAYROLS, 2010), mídia impressa como jornais, revistas (GULYAYEVA, 2016; JIMENEZ-LANDAZURI et al., 2016; MAÇANEIRO; FRANCHINI, 2020; GUTIÉRREZ-GARCÍA; RUIZ-BARQUÍN, 2022; BOEHL; IGNÁCIO, 2023), ou histórias em quadrinhos (MARTA, 2008).

Neste estudo, a transformação organizacional do judô foi explicada por uma abordagem contextual, investigando suas variáveis culturais, políticas, e regulatórias, utilizando jornais como fontes históricas de pesquisa.

3.9 A pesquisa através de jornais

Com relação ao uso de jornais como fonte de pesquisa, a escrita historiográfica por meio de periódicos é recente e sofreu influência das mudanças ocorridas na forma de se compreender a pesquisa em história (DE LUCA, 2008).

Ainda na década de 1970 era pequeno o número de trabalhos que utilizavam jornais e revistas como fonte de pesquisa para a produção de conhecimento em história no Brasil. Entre os fatores que explicam esta situação se destacam o peso de uma tradição dominante no século XIX, e as décadas iniciais do século XX, que pressupunha que o historiador deveria engajar-se com fontes objetivas, neutras, fidedignas, distanciadas de seu próprio tempo. A corrente da época, portanto, estabelecia uma hierarquia qualitativa de documentos, em que os jornais eram entendidos como pouco adequados para o entendimento do passado, visto que forneceriam imagens parciais, distorcidas e subjetivas daquele presente que representam (DE LUCA, 2008).

Posteriormente, fora de atribuir-se objetividade ao produto jornalístico, começou-se a entender que nenhum vestígio do passado pode ostentar absoluta objetividade (DE LUCA, 2008). A partir do movimento chamado Nova História Cultural, novos objetos, problemas e abordagens foram propostos. Com isso, o jornal voltou a ser reconhecido como fonte de pesquisa relevante (ALVES; GUARNIERI, 2007). A partir de então, a materialidade e lugar social destacaram-se como aspectos metodológicos que poderiam guiar o uso dessas fontes de forma sistemática. Portanto, a pesquisa utilizando periódicos como fonte passou a se preocupar não somente com a matéria disponível em si, mas também a forma como chegaram às mãos dos leitores, sua aparência física, a estruturação e divisão do conteúdo, relações que mantêm com o mercado, publicidade, público que visava atingir, objetivos (DE LUCA, 2008).

Outras questões a serem observadas passaram a ser também o conteúdo e seus idealizadores, se é possível distinguir notícia de interpretação, quais motivações poderiam levar à decisão de publicizar aquela questão, o destaque que foi dado ao fato pelo periódico, o grupo

responsável pela publicação, o público a que se destinava (DE LUCA, 2008). Dadas essas questões, o trabalho de Vieira et. al (1984) cita, ainda, a importância do confronto de discursos entre os periódicos, estabelecendo diálogo entre os agentes, e o pesquisador.

Segundo Bingham (2010), a digitalização de arquivos e fontes primárias vem transformando a pesquisa em história. Os principais obstáculos que eram observados como a inconveniência de acesso, a dificuldade de encontrar material relevante dentro de todo o acervo, o grande investimento de tempo e recursos, pesquisas demoradas e trabalhosas, tornaram-se menores a partir do processo de digitalização e da facilitação dos mecanismos de busca. Os arquivos digitais, tornaram, portanto, a pesquisa em jornais muito mais atraente visto que agora os historiadores podem estabelecer de maneira mais fácil se os jornais contêm material relevante para sua pesquisa. Os historiadores podem, também, analisar a maneira e a frequência de uso de termos específicos, entendendo melhor o ciclo de vida de determinados eventos. Em outras palavras, a digitalização dos periódicos permitiu melhores análises tanto quantitativas como qualitativas. Afirma Bingham (2010) ainda que, os jornais desempenharam um papel central na vida política, econômica, e cultural do século XX, e a digitalização significa que mais historiadores podem apreciar seu valor como fonte de evidência para a pesquisa neste período histórico.

Dado o anteriormente exposto, os jornais se apresentam assim como quaisquer outros tipos de fonte para a pesquisa em história. Respeitadas suas limitações, e obstáculos, permite ao pesquisador apreender uma parcela, ainda que pontual, do passado. Com o sentido de oferecer pano de fundo para a localização histórica em contexto dos jornais utilizados nesta pesquisa, foi feito o levantamento do desenvolvimento histórico da imprensa brasileira e sua relação com o esporte. Ainda, foi descrito o desenvolvimento histórico da imprensa japonesa no Brasil.

3.10 O desenvolvimento da imprensa brasileira

Os jornais foram, durante um século e meio, os principais meios de comunicação do Brasil, e a principal plataforma de discussão e formação da opinião pública sobre os acontecimentos políticos e culturais do país. Usados como fórum de debates, era nos jornais em que se discutia os temas de relevância regional e nacional. Atuando no debate público, os jornais contribuíram para a proclamação da Independência, a abdicação de Dom Pedro I, instauração da República, e tantas outras transformações históricas, precipitando mudanças que definiram a estrutura política e social brasileira. Até 1960, os jornais foram o principal veículo de

informação, perdendo sua supremacia de comunicação em massa somente a partir de 1970 quando a televisão passou a ser a principal fonte de notícias. Ainda assim, o jornal impresso permaneceu como o meio mais influente de informação. Historicamente, no entanto, a imprensa demorou a se estabelecer no Brasil desde a chegada e fixação dos europeus no território sul-americano (SODRE, 2007; MARTINS; DE LUCA, 2008; MOLINA, 2015).

Os motivos pelos quais o Brasil não teve imprensa nos primeiros três séculos desde a chegada dos portugueses ainda é razão de debate. Ainda que não houvesse uma proibição explícita pela corte portuguesa, o Brasil começou a ter uma imprensa apenas três séculos e meio após a criação desta por Gutenberg, e anos depois da tipografia aparecer em várias cidades da América espanhola. Por um lado, o Brasil possuía um território grande, com uma população escassa e pouco alfabetizada. Por outro, mesmo os jesuítas, acostumados a implantar a tipografia como forma de propagação de suas ideias religiosas, ainda no século XVIII não instalaram sua imprensa no Brasil (MOLINA, 2015).

Quando em 1808 a corte portuguesa chegou ao Brasil, o centro administrativo do reino passou a ser o Rio de Janeiro, e foi necessário a partir de então desenvolver no Brasil as mesmas instituições de governo que existiam em Portugal. Dadas as necessidades da administração pública foi criada uma Imprensa Régia, e a Gazeta do Rio de Janeiro, réplica do Gazeta de Lisboa, com o intuito de dar publicidade aos atos do governo. Este período de chegada da família real, até a Declaração da Independência em 1822, marcou uma forte transição política, econômica e cultural em que limitações impostas à colônia foram substituídas pela construção da nova capital administrativa. A impressão que havia sido restringida, até então, recebeu equipamentos gráficos modernos, utilizando prelos metálicos Stanhope comprados na Inglaterra antes mesmo dos Estados Unidos e da Europa continental (MARTINS; DE LUCA, 2008; MOLINA, 2015).

Dada a conexão do Gazeta do Rio de Janeiro com a corte portuguesa, o primeiro jornal considerado brasileiro foi o Correio Braziliense (SODRE, 2007; MARTINS; DE LUCA, 2008; MOLINA, 2015). Este jornal começou a circular também em 1808, mas era impresso na Inglaterra. De tendência crítica à Corte Portuguesa, o jornal se destacava do Gazeta do Rio de Janeiro que inicialmente servia como extensão do governo que acabava de se instalar no Rio de Janeiro (SODRE, 2007; MOLINA, 2015). O Correio Braziliense continuou a ser publicado até 1822 e, durante esse período, sua distribuição teve altos e baixos de acordo com os humores do governo monárquico (SODRE, 2007).

O decreto estabelecendo a liberdade de imprensa, foi uma das primeiras medidas tomadas pela Junta de Governo da Revolução Constitucional em setembro de 1820

(MARTINS; DE LUCA, 2008). A partir de 1821 surgiram no Brasil diversos jornais de cunho político na esteira da Independência. Os jornais que surgiram, em grande parte, eram escritos por estrangeiros como o Correio do Rio de Janeiro, A Malagueta, o Diário do Rio de Janeiro, estes de Portugal, a Sentinella da Praia Grande, criado por um italiano da Sardenha, o *L'Echo de L'Amérique du Sud*, *Courrier du Brésil*, da França. É também de origem francesa o Jornal do Commercio, que foi fundado por Pierre Plancher, e se tornou o mais importante periódico brasileiro do século XIX e do início do século XX. Este foi o primeiro a usar um prelo mecânico na América Latina (MOLINA, 2015).

Apesar da mudança de regime, não houve em um primeiro momento uma mudança brusca no desenvolvimento da imprensa e das relações de poder. Os jornais de maior circulação permaneceram os mesmos, com poucas exceções como o Jornal do Brasil em 1891. Outros jornais que surgiram nesse período foram os jornais *Deutscher Zeitung* (1897), da colônia alemã, o *Fanfulla* (1893), do italiano Vitalino Rotellini, além do jornal A Tribuna, de Santos, em 1895. O jornal Gazeta de Notícias, fundado em 1875, teve ascensão com o público brasileiro, e a partir de 1894 reafirmou essa tendência de crescimento (SODRE, 2007).

O início do século XX foi marcado pela fundação do jornal Correio da Manhã, em 1901, que viria a se tornar um dos mais importantes periódicos do país. O Correio da Manhã rompeu com a tendência de alinhamento com o governo Campos Sales, apresentando oposição crítica, quebrando a uniformidade política de cúpula (SODRE, 2007). O Diário de Notícias, criado em 1885 e o Correio da Manhã, tornaram-se opções críticas ao governo, em contraposição ao governismo do Jornal do Commercio (MARTINS; DE LUCA, 2008).

Também nesse período de transição de regime, o jornal A Noite (1911) de Irineu Marinho, e o jornal O Jornal, comprado por Assis Chateaubriand em 1924, foram o começo dos conglomerados de comunicação Rede Globo e Diários Associados. Em São Paulo, destacou-se o jornal O Estado de São Paulo lançado em 1875, então chamado A Província de São Paulo. Surgiu, ainda, em 1921, a Folha da Noite e, em 1925, a Folha da Manhã, que miravam o leitor urbano e ficaram sob a responsabilidade de um grupo de ex-funcionários do jornal Estado (MARTINS; DE LUCA, 2008). A República foi um período de inovação tecnológica, que permitiu o mais amplo uso de ilustrações e menor custo de produção (MARTINS; DE LUCA, 2008).

Importante para entender este contexto foi a venda do Jornal do Commercio em 1890 para um grupo encabeçado por José Carlos Rodrigues, que investiu para modernizar a empresa, aumentando sua tiragem. Duas mudanças podem ser observadas na orientação do jornal: a influência francesa foi substituída por um modelo próximo da Inglaterra e dos Estados Unidos,

e a aproximação e defesa do jornal aos interesses dos primeiros presidentes civis da República. A partir de então, o jornal continuou dando seu apoio ao governo de ocasião independentemente de quem assumisse o poder, ou de orientação política, o que seguiu durante o governo Vargas. Dada sua orientação governista e acrítica, o jornal se desgastou perante a opinião pública ao colocar-se ao lado da ditadura do Estado Novo (MOLINA, 2015).

Concorrentes como o Correio da Manhã, O Jornal, Diário de Notícias, Jornal do Brasil surgiam e se modernizavam, ocupando o espaço que o Jornal do Commercio deixou vago no cenário político e social do país. O Jornal foi novamente vendido em 1957 e, apesar de tentativas de modernização, não voltou a ter a mesma influência, voltando a ser vendido em 1958 a Assis Chateaubriand que já controlava outros jornais como O Diário de Pernambuco (MOLINA, 2015).

Jornais fundados após a Primeira Guerra Mundial, em sua maioria, tiveram vida curta. A partir de então, um período conturbado para a imprensa brasileira se apresentou, quando houve uma substituição do modelo artesanal pelo industrial, as empresas jornalísticas passaram a operar em uma estrutura de cunho capitalista, e o contexto político desembocou na Revolução de 1930 (SODRE, 2007).

Por volta desse período, também, o futebol ganhou importância e tornou-se presença constante nos jornais, ingredientes que permitiram que em 1928 a Gazeta pudesse lançar o jornal A Gazeta Esportiva (SODRE, 2007). O surgimento da Gazeta Esportiva representou um movimento em São Paulo de associação do esporte com a ideologia do trabalho difundida pelas elites paulistas, que promoviam valores como disciplina, esforço e coletividade (MORELLI, 2014).

Observa-se no início da década de 1930 um acentuado crescimento dos periódicos esportivos. A imprensa tomou para si o papel de mediadora entre as agremiações esportivas e o público em geral, educando os leitores quanto às regras e normas dos esportes, e tornando-se espaço de repercussão dos eventos esportivos (MORELLI, 2014). No Rio de Janeiro, destacou-se o Jornal dos Sports, fundado em 1931, pelos empresários Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, posteriormente sendo vendido a Mário Rodrigues Filho, em 1936 (MORELLI, 2014).

Mário Filho e Nelson Rodrigues, seu irmão, destacaram-se na crônica esportiva, em um momento em que diversos periódicos esportivos se tornaram cotidianos na realidade brasileira. Ambos tiveram como base as ideias de Gilberto Freyre para explicar o sentimento de pertencimento, e como a identidade do povo brasileiro se relacionava com o sucesso e o fracasso esportivo (CAPRARO; SANTOS; LISE, 2012).

Durante a primeira metade do século XX, a mobilização pelo esporte dos diferentes grupos sociais que compunham o Brasil, em especial, pelo futebol, chamou a atenção do governo. Mais do que isso, evidenciou o sentimento de pertencimento à nação que geravam as competições internacionais (MANTUANO, 2012).

Aliado à propaganda política, o esporte podia ajudar a construir uma identidade nacional, seja pela dimensão cultural, social, ou construindo uma comunidade política imaginada que representasse o ideário de nação. Cabia aos meios de comunicação promoverem a ideologia oficial do Estado, tornando-o cotidiano na vida do povo. Esta estratégia foi amplamente utilizada por Getúlio Vargas (MANTUANO, 2012). Ao assumir o poder, Vargas inseriu o esporte como mais um instrumento de mediação para colocar em prática suas propostas de Estado e nação. O esporte passou a ter importância estratégica, tornando-se símbolo pátrio, associando os cidadãos sob um mesmo signo (DRUMOND, 2009).

A concepção de identidade nacional passou a ser propagada por jornalistas que seguiam o modelo explicativo de Gilberto Freyre sobre a integração racial no Brasil. O futebol tornou-se referência nos trabalhos de Freyre para exemplificar a chamada brasilidade, pautada na miscigenação. Esta tendência se destacou no campo jornalístico principalmente no Rio de Janeiro (CAPRARO; SANTOS; LISE, 2012). Entre os jornais que colaboraram com essas ideias, portanto, estava o *Jornal dos Sports* de Mário Filho (DRUMOND, 2009).

Aliado ao governo, o jornal teve em seus quadros Manuel do Nascimento Vargas Neto, sobrinho de Getúlio Vargas, que foi também membro do Conselho Nacional de Desportos e do Comitê Olímpico Brasileiro (MORELLI, 2014). O surgimento do Conselho Nacional de Desportos colocou o esporte sob controle do Estado, interferindo em estatutos, propondo a criação ou supressão de confederações, e decidindo sobre a participação de clubes e entidades em competições internacionais. A partir deste comando, o Conselho Nacional de Desportos passou a usar o esporte para fins de propaganda (DRUMOND, 2009).

Com a ditadura do Estado Novo veio uma implacável censura à imprensa e proibição da criação de novos jornais, assim como o fechamento de outros. Entre 1937 e 1945 foram muitos os jornais e revistas fechados por determinação do governo, assim como foram muitos os jornalistas presos. A criação do Departamento de Imprensa e Propaganda como órgão de controle da imprensa foi emblemático neste período (SODRE, 2007). Cabe ressaltar o surgimento dos primeiros cursos de jornalismo no Rio de Janeiro e em São Paulo em 1940 (MARTINS; DE LUCA, 2008). Os jornais passaram, assim, a ser ferramenta subordinada à ditadura, e eram usados para criar e difundir uma imagem positiva do regime (SODRE, 2007; MARTINS; DE LUCA, 2008).

Fato que demonstra a dificuldade em se opor ao governo foi a ocupação do jornal Estado de São Paulo em 1940 pela polícia militar. O jornal foi tomado e passou a ser subordinado ao Departamento de Imprensa e Propaganda na figura de seu novo diretor, Abner Mourão, que veio do Correio Paulistano. Um dos únicos jornais privados a serem lançados nessa época foi o Jornal da Manhã, em São Paulo, dirigido por José Carlos Pereira de Sousa (SODRE, 2007).

No período da Segunda Guerra Mundial, a imprensa brasileira foi espécie de campo de batalha da propaganda dos países envolvidos no conflito (MOLINA, 2015). O Brasil inicialmente tomou posição neutra, o que podia ser observado nas publicações dos periódicos (SODRE, 2007). Agências dos países aliados e dos países do Eixo buscavam de alguma forma influenciar nas publicações que influenciavam a opinião pública no país. Em 1942 quando o Brasil entrou na guerra do lado dos Aliados uma série de restrições foram impostas pelo governo brasileiro às publicações das colônias dos países do Eixo, fechando a maioria de seus jornais (OKAMOTO; NAGAMURA, 2015).

Com o fim da Segunda Guerra diversos jornais desapareceram (SODRE, 2007). É importante citar o surgimento de dois jornais vespertinos que ganharam nos anos seguintes importância no debate brasileiro, o Última Hora (1951) e o Tribuna de Imprensa (1949), dirigidos por Samuel Wainer e Carlos Lacerda (SODRE, 2007; MARTINS; DE LUCA, 2008). Estes dois jornais polarizaram a imprensa brasileira nas décadas seguintes (MARTINS; DE LUCA, 2008).

O respiro democrático do Brasil foi frustrado pelo golpe militar de 1964, e o Brasil assistiu subir ao poder Eurico Gaspar Dutra. Em 1946, foi elaborada uma nova constituição, que determinava que as empresas jornalísticas deviam ser nacionais, proibindo estrangeiros de as fundarem ou manterem. Entretanto, por vezes as administrações de jornais eram entregues a brasileiros natos, mas controladas a efeito por grandes empresas estrangeiras, apesar do dispositivo constitucional (SODRE, 2007).

No final da década de 1950, o futebol já havia se estabelecido como fiador da ideia de uma identidade nacional. Ainda em 1950, havia uma forte intervenção do Estado e do aparato intelectual para promover a ideia de brasilidade, que continuou a ser reforçada nas décadas seguintes. O caminho narrativo da trágica derrota na Copa do Mundo de 1950, até a vitória em 1970, foi usada pelos jornalistas, inspirados em Freyre, para explicar a identidade do brasileiro como povo (CAPRARO; SANTOS; LISE, 2012). Isto se deu em um cenário de enrijecimento ainda maior na censura à imprensa após a tentativa de golpe em 1964. A partir deste momento, alguns jornais como forma de protesto, passaram a publicar espaços em branco para contestar a condição de censura (SODRE, 2007).

3.11 A imprensa japonesa no Brasil

O primeiro jornal publicado por japoneses no Brasil foi o *Shûkan Nambei* (Semanário Sul-americano), em 1916, fundado por Ken'ichiro Hoshina. O foco deste jornal estava na comercialização de terras em Presidente Prudente, servindo também para divulgar a cotação de preços de produtos agrícolas. Ainda assim, havia também espaço para assuntos político-econômicos do mundo e atualidades do Japão. No mesmo ano em que foi lançado o *Shûkan Nambei*, foi também lançado o *Nippak Shimbun* (Jornal Nipo-brasileiro) fundado por Akisaburo Kaneko e Shungoro Wako e, no ano seguinte, o *Burajiru Jihô* (Notícias do Brasil) fundado por Seisaku Kuroishi (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA, 1992; KOSHIYAMA, 2004; OKAMOTO; NAGAMURA, 2015). Foram esses três jornais que iniciaram o processo de desenvolvimento da imprensa nipo-brasileira, todos fundados na capital de São Paulo. A partir de então, os impressos nipo-brasileiros enfrentaram conflitos culturais, preconceito, interferências, impedimentos legais, censura e, assim, se transformaram de acordo com o contexto, adequando-se às expectativas de seus leitores e às transformações do contexto histórico no país (OKAMOTO; NAGAMURA, 2015).

O *Shûkan Nambei* continuou existindo somente até 1918, mas outros jornais se juntaram ao *Nippak* e ao *Jihô* no cenário dos jornais japoneses no Brasil até o início da década de quarenta. Em 1921 foi fundado o *Seishû Shimpô* (Semanário de São Paulo), por Rokuro Koyama em Bauru; em 1928 o *Nambei Shimpô* (Notícias da América do Sul), por Zenkichi Sakaida; em 1929 o *Aliança Jihô* (Notícias da Aliança) por Isamu Yuba na colônia Aliança; em 1933 o *Noroeste Minpô* (Notícias do Noroeste), por Hokumin Kajimoto em Birigui; em 1932 o *Nippon Shimbun* (Jornal Japão), por Sukenari Onaga em São Paulo; em 1936 o *Avaré Shimbun* (Jornal Avaré), em Avaré; em 1937 o *Nippaku Kyôdô Shimbun* (Jornal Cooperação Nipo-brasileira), por Gonzaburo Nakagawa em Araçatuba; em 1940 o *Burajiru Asahi* (Matutino do Brasil), em São Paulo. Quase todos estes jornais, no entanto, foram proibidos de circular no Brasil com a entrada do país na Segunda Guerra Mundial do lado dos Aliados, e, com isso, com exceção do *Burajiru Jihô*, até 1941 os demais jornais deixaram de existir (OKAMOTO; NAGAMURA, 2015).

Nesse período, aqui chamado pré-Segunda Guerra, os dois jornais mais influentes, e que pautavam o debate político na colônia japonesa, foram o *Nippak Shimbun* e o *Burajiru Jihô*. Estes dois jornais se localizavam no bairro da Liberdade, e foram os dois jornais japoneses de maior circulação no Brasil. O público-alvo do *Burajiru jihô* buscava uma linha tradicional e conservadora, e tinham uma visão nacionalista, enquanto os leitores do *Nippak Shimbun*

procuravam um discurso que apresentasse mais concordância entre a posição do governo sobre a imigração e a realidade que encontravam ao chegar e viver no país (OKAMOTO; NAGAMURA, 2015).

O *Nippak Shimbun* foi inicialmente administrado por Akisaburo Kaneko e Shungoro Wako, até passar a ser dirigido por Sack Miura, que havia chegado ao Brasil em 1908 a bordo do navio-escola Benjamin Constant (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA, 1992; OKAMOTO; NAGAMURA, 2015). A chegada de Miura está, também, intimamente ligada à história do judô no Brasil. Foi Miura o primeiro a ensinar a modalidade, a bordo do navio, sendo contratado pela Marinha ao chegar no Rio de Janeiro. O recurso gráfico usado pelo jornal não era profissional, por ser um jornal de oito páginas escrito à mão e impresso em litografia. Se organizava em um editorial, espaço para publicidade, coluna literária, notícias do que ocorria no Brasil, notícias que vinham do Japão, finalizando com um pequeno espaço para a seção de esportes - que tratava principalmente dos eventos esportivos que ocorriam nas colônias (OKAMOTO; NAGAMURA, 2015).

Sack Miura era considerado pelo governo japonês como um opositor. Crítico, criou uma lista de inimizados por seu trabalho jornalístico, em particular no meio político. Como editor do jornal, seu maior objetivo era proteger os direitos dos imigrantes, considerando muitas vezes inadequadas as condições de trabalho e moradia que eram dadas a estes quando chegavam ao Brasil. Em 1929, Miura declarou-se, através do *Nippak*, contrário à ida de imigrantes para a Amazônia. Chegou a viajar para Manaus com o intuito de pesquisar as condições, e o local, passando seis meses conhecendo a região. A denúncia que fez foi grave, afirmando que o governo japonês tratava seus súditos como cobaias naquele projeto. Em editorial, Miura aconselhou os imigrantes a permanecerem em São Paulo caso não tivessem melhores condições de vida e trabalho em outras regiões (OKAMOTO; NAGAMURA, 2015).

O *Burajiru Jihô* foi o principal concorrente do *Nippak*. O jornal foi lançado pela *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha* (KKKK), empresa de desenvolvimento e apoio à imigração japonesa no Brasil, e tinha como finalidade defender os interesses da empresa e do governo japonês (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA, 1992). Em sua fase inicial, o jornal chegou a imprimir cerca de 1500 exemplares por edição, um número significativo para uma comunidade ainda relativamente pequena de japoneses que já haviam se instalado no Brasil. Dado o investimento da empresa, o *Burajiru Jihô* tinha um caráter mais profissional que o *Nippak*, e tinha doze páginas com diagramação de fácil leitura, impressão nítida, e o uso de máquinas gráficas para impressão. O *Burajiru Jihô*, portanto, possuía um forte investimento da KKKK, e foi lançado com o objetivo de contrapor as críticas de Miura no *Nippak Shimbun*, se

apresentando como um jornal mais favorável ao processo de imigração, e que tentava demonstrar otimismo para os colonos sobre a vida em terra estrangeira. Na tentativa de integrar os japoneses à sociedade brasileira, o jornal introduziu artigos culturais sobre o comportamento e a cultura local, incluindo também cursos de língua portuguesa em vista dos problemas de comunicação entre brasileiros e japoneses (OKAMOTO; NAGAMURA, 2015).

Conforme a cidade de São Paulo se tornou economicamente mais forte, o influxo de japoneses vindo da zona rural se intensificou. Na década de 1930, havia um núcleo de cerca de 200 imigrantes no bairro de Pinheiros, que possuía um comércio vibrante para atender os agricultores japoneses que moravam na região metropolitana da cidade. Em 1933, o jornal *Seishu Shimpô* registrou 160 lojas administradas por japoneses na cidade de São Paulo, o que indica como o desenvolvimento dos comerciantes japoneses instalados na capital paulista funcionaram como motor de crescimento para os jornais de grande circulação. Observa-se nos anúncios destes jornais a presença de muitas destas lojas como a Casa Fujisaki, a Casa Hase, Casa Endo, Casa Nakaya, Casa Kunii, Casa Ito (OKAMOTO; NAGAMURA, 2015).

Outro contexto importante se deu na relação entre as tensões políticas e culturais internas do Brasil, enquanto se dava o processo de imigração. Nas décadas de 1920 e 1930 se debatia no Brasil a questão da formação da identidade nacional brasileira, e é nesse contexto em que as teorias raciais em franca ascensão na política brasileira chamam a atenção para o “perigo amarelo”. Os jornais japoneses no Brasil tentaram, nesse momento, interpretar e traduzir a questão e orientar os colonos, seus leitores, a respeito do que ocorria na sociedade brasileira. O *Burajiru Jihô*, interessado na promoção da imigração, adotou uma postura otimista e incentivou a comunidade japonesa a se fixar e construir um futuro no Brasil, sugerindo que a assimilação se daria naturalmente nas gerações seguintes. O *Nippak* de Miura, no entanto, apesar de favorável à fixação dos japoneses, retratava a situação de maneira pessimista, afirmando que era melhor permanecer no Brasil dado que as dificuldades econômicas no Japão seriam ainda maiores (OKAMOTO; NAGAMURA, 2015).

Em 1939 os inimigos políticos de Miura, finalmente, conseguiram incentivar sua deportação para o Japão. Em sua terra natal, foi preso e faleceu em 1945. O *Nippak*, principal opositor da visão expressa pelo *Jihô* deixou de publicar seus jornais por quase um ano, retornando em julho de 1940 sob o nome de *Burajiru Asahi* (Brasil Asahi), com a direção de Yoshio Mizobe. Em pouco tempo o Brasil Asahi passou a ser produzido somente em português, o que fez sua vendagem cair dado que os imigrantes não dominavam a língua portuguesa. O Departamento da Imprensa e Propaganda, criado nesse período, impôs forte censura aos jornais

japoneses e muitos jornalistas se afastaram de sua ocupação para se dedicar a outros tipos de trabalho (OKAMOTO; NAGAMURA, 2015).

Em 1941, os jornais produzidos em língua estrangeira foram proibidos. Dos jornais nipo-brasileiros ainda em atuação, o primeiro a fechar foi o *Seishu Shimpō*, seguido pelo *Burajiru Jihō*, o *Nippon Shimbun* e o Brasil Asahi. A partir desta resolução, os imigrantes japoneses, que não dominavam a língua portuguesa, ficaram privados de notícias (OKAMOTO; NAGAMURA, 2015). Esta é uma das razões para que organizações ultranacionalistas surgidas no seio da comunidade japonesa conseguissem, através de documentos e jornais forjados, convencer muitos imigrantes de que o Japão havia vencido a Segunda Guerra Mundial (MORAIS, 2000).

Apesar da proibição e fechamento dos jornais nipo-brasileiros, algumas publicações mimeografadas ou manuscritas ainda conseguiram circular entre os japoneses (KOSHIYAMA, 2004). Ainda assim, imediatamente após a Segunda Guerra, a situação da colônia era caótica. Surgiu o Jornal Paulista com o objetivo de informar a verdade sobre o fim da guerra aos japoneses residentes no Brasil (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA, 1992). Criado em 1946, este jornal só passou a circular em 1947, devido às ameaças da *Shindō Renmei*, grupo ultranacionalista que pregava a vitória do Japão na guerra, e perseguia aqueles que aceitavam a derrota. Dessa forma, o primeiro jornal a circular efetivamente após a guerra foi o São Paulo *Shimbun*, a partir de outubro de 1946 (KOSHIYAMA, 2004).

Voltou a circular nesse período o *Burajiru Jihō*, que não seguiria por muitos anos em circulação, encerrando as atividades em 1955 (OKAMOTO; NAGAMURA, 2015). Mais tarde foi criado, ainda, o Diário *Nippak*, em 1949. Ambos os jornais adotaram uma linha de conciliação dos japoneses, que se encontravam divididos entre “vitoristas” e “derrotistas” e, vieram a se fundir nos anos 1990 dando origem ao Jornal do *Nikkei* (KOSHIYAMA, 2004).

4 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa histórica do tipo analítica (THOMAS et al., 2012). Com relação aos seus procedimentos técnicos, é um estudo documental qualitativo (SAMARA; TUPY, 2013). A reconstrução histórica foi realizada por meio da análise documental dos jornais da época em que ocorreram os fatos narrados. Foi utilizada como ferramenta de coleta das fontes de pesquisa a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, sistema que fornece o acervo dos jornais de época publicados no Brasil, possibilitando o acesso público e gratuito à essas fontes históricas. Dado à importância do confronto de discursos e cruzamento de informações entre os periódicos para o método da pesquisa em jornais (VIEIRA et al., 1984; BOWIE, 2019), a multiplicidade de fontes proporcionada pela Hemeroteca Digital é uma das motivações para a escolha deste acervo. Foi, ainda, utilizado o acervo digital do *International Research Center for Japanese Studies (Nichibunken)*, que provê acesso a jornais, também disponíveis por meio digital, publicados pela colônia japonesa no Brasil. Assim, estendeu-se a análise sobre o contexto de desenvolvimento das organizações do judô aos relatos dos periódicos publicados pelos imigrantes japoneses. O recorte temporal do estudo se encontra entre os eventos que levam à criação da primeira organização reguladora da modalidade, pela colônia japonesa, no início da década de 1930 (*Hakkoku Jūkendō Renmei*) até o ano de reconhecimento da Confederação Brasileira de Judô em 1972.

Sobre a escolha de jornais como fonte de pesquisa, os periódicos disponíveis digitalmente são a fonte documental mais acessível, e mais extensa, para formular o processo cronológico e contextual dos acontecimentos através de fonte primária. O que se percebeu ao longo da pesquisa foi que, durante o período delimitado, cabia aos jornais dar publicidade à sociedade em geral quanto às principais ações tomadas pelas organizações, bem como suas disputas institucionais, regulamentos, obstáculos legais, eventos promovidos em âmbito nacional, e participação em eventos internacionais. Como coloca Bingham (2010), os jornais desempenharam papel central na vida política, econômica, e cultural do século XX, e sua digitalização facilitou sua utilização como fonte de pesquisa histórica sobre o período. Dessa forma, justifica-se a escolha por este tipo de fonte, ainda, por seu papel social no período estudado, bem como pela percebida escassez de outras fontes documentais que pudessem proporcionar a mesma quantidade e qualidade de informações. Foi possível perceber durante a produção deste estudo que, para além do papel de comunicação das ações das entidades e de seus membros e diretores, os jornais foram também agentes participativos nessa dinâmica, por vezes patrocinando atividades e competições de judô no Brasil.

Não há a pretensão, neste trabalho, de esgotar o conhecimento sobre o que foi o processo histórico de formação e desenvolvimento das organizações do judô brasileiro, mas aprofundar a compreensão sobre o tema a partir da abordagem do contexto organizacional, buscando ampliar as possibilidades de pesquisas futuras na área. Pretendeu-se através deste estudo entender como se deu o processo de organização do judô diante dos obstáculos e oportunidades contextuais que se apresentaram, e do comportamento de seus agentes, através da análise daquilo que foi publicado em periódicos.

4.1 Procedimentos

A coleta se deu através de consultas em duas bases de dados: a Hemeroteca Nacional Digital da Biblioteca Nacional, e a base digital de Jornais da Comunidade Japonesa no Brasil, disponibilizado pelo *International Research Center for Japanese Studies*, também chamado de *Nichibunken*.

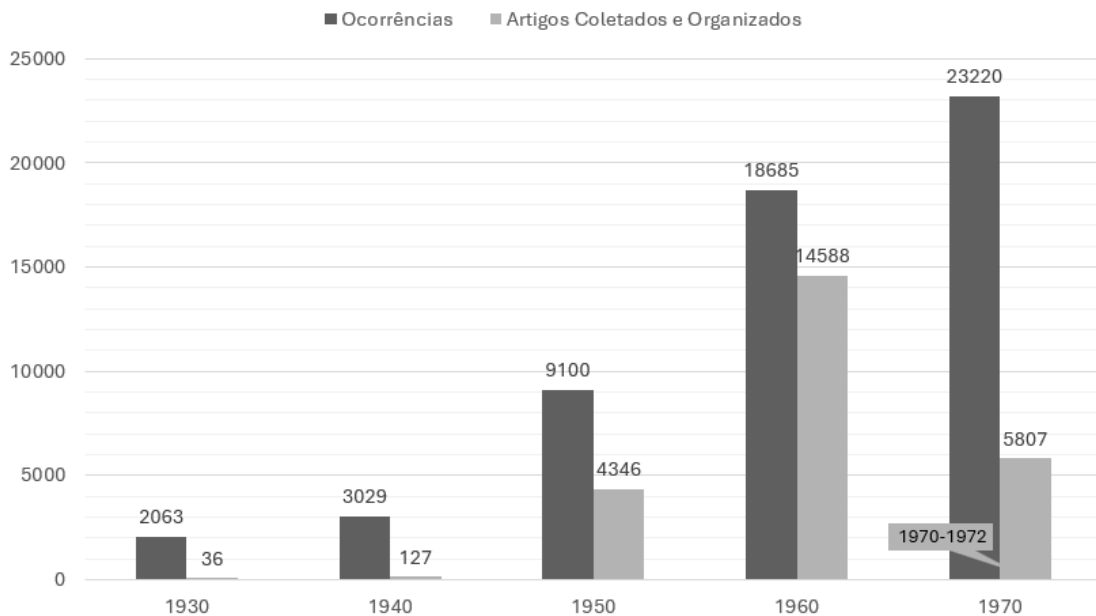
Com relação à Hemeroteca Digital Brasileira, este é um sistema online vinculado à Fundação Biblioteca Nacional, parte da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), que disponibiliza ao público a consulta ao acervo digital de jornais, revistas e documentos. O sistema foi lançado em 2006 com o objetivo de possibilitar o acesso da população ao Acervo Memória Nacional, através do acesso gratuito na internet deste acervo (AZEVEDO; PESSOA; NETA, 2019). A consulta na Hemeroteca da BNDigital (<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>) pode ser realizada a partir de três filtros: por periódico, por período em intervalo de dez anos, por local de publicação. O filtro utilizado para este trabalho foi o de “período”, considerado como a melhor opção para organizar cronologicamente os acontecimentos dentro do período delimitado para o estudo, oferecendo também pluralidade de fontes.

A etapa que decorreu após a seleção do filtro de pesquisa, foi de escolha da palavra-chave. Foi escolhida a palavra-chave “Judo”, com o objetivo de buscar a maior quantidade de publicações relacionadas à modalidade, sem a limitação à um evento específico. Na Hemeroteca, a palavra-chave “Judo”, para as décadas de 1930, 1940, 1950, 1960 e 1970, retornou 56.097 ocorrências do termo. A primeira etapa foi verificar quantas das ocorrências retornaram corretamente a palavra “Judo” tendo como significado a modalidade esportiva que se pretendeu pesquisar. Nesse sentido, as ocorrências foram refinadas, organizadas cronologicamente por ano de publicação, excluindo da amostra as ocorrências em que o sistema da hemeroteca identificou palavras diversas por erro de identificação do sistema como por exemplo: os nomes Judd, José, Julio e João; palavras como "tudo", "juros", "julho", "juízo" e

"bojudo"; valores numéricos. Também os casos em que a ocorrência retornada do termo “Judo”, ainda que correta, tinha significado diverso do pretendido como: o cavalo Judô (famoso nas décadas de 1960 e 1970), o cinto Judo nos anos 1950, a túnica Judo nos anos 1960.

Foram excluídas do estudo, ainda, páginas que foram duplamente digitalizadas (a mesma página apresentada mais de uma vez), páginas onde o artigo está ilegível, ocorrências em que não foi possível identificar informação bibliográfica, artigos que não se encontravam na delimitação de período entre 1930 e 1972 (encerrando, portanto, no ano de reconhecimento da CBJ). Desta primeira depuração, foram organizados os arquivos de imagem por década e ano, identificadas suas informações de referência, totalizando 24.904. Para o nome atribuído a cada arquivo constaram as informações de referência: nome do jornal, local de publicação, data de publicação e página. A relação entre ocorrências da Hemeroteca e artigos coletados e organizados por arquivo de imagem após essa etapa é apresentada na figura 1.

Figura 1 - Relação entre resultados da pesquisa “Judo” na Hemeroteca e arquivos coletados.



Fonte: o autor.

Para a análise deste material, foi realizada a leitura das matérias coletadas. Entretanto, dada a quantidade excessivamente numerosa de artigos, foi necessário separar aqueles que continham as informações mais relevantes para explicar como se deu a organização do judô no Brasil, e atingir os objetivos propostos para esse trabalho. Para isso, utilizou-se como recurso a organização do material da Hemeroteca potencialmente relevante para explicar o contexto de desenvolvimento organizacional do judô em quadros, que constam no apêndice A.

Com relação aos estudos que usam a Hemeroteca, e jornais como fontes de pesquisa, Krillow (2019) defende a elaboração de quadros, nos quais são colocadas as informações mais relevantes das fontes jornalísticas para aprofundar o conhecimento dos periódicos analisados. A elaboração dos quadros é dinâmica, podendo ser adequada às necessidades de cada pesquisador. Nesta pesquisa, o uso de quadros foi essencial para identificar a relação entre as notícias dos diferentes periódicos e revistas disponíveis na Hemeroteca cronologicamente, além de facilitar a organização da forma com que as evidências foram apresentadas ao longo do texto, e a seleção das informações mais relevantes. Também serviu de referência para que as informações fossem localizadas de maneira mais eficiente de acordo com a necessidade de revisitar as notícias, e apresentar uma síntese das informações mais relevantes de cada notícia, no intuito de que fosse possível estabelecer as fontes mais importantes para a amostra utilizada na elaboração do texto. Dado que a quantidade de notícias era muito elevada, o uso de quadros foi essencial para organizar as fontes de uma maneira mais concisa, auxiliando no processo de compreensão do contexto que se pretendeu explicar, e na elaboração da escrita do trabalho.

Para a seleção dos artigos relevantes considerou-se como delimitação, primeiramente, se a informação constante na matéria jornalística se tratava de fato relacionado ao tipo de organização alvo deste trabalho, que são aquelas organizações responsáveis por administrar e regulamentar clubes, academias, centros de instrução, “judô clubes” e agremiações. É importante ressaltar aqui que, a partir de 1941 a entidade responsável por essa questão passou a ser a Confederação Brasileira de Pugilismo e suas federações, ligas e associações subordinadas. Com relação a este tipo de organização, foram selecionadas as matérias que continham informação sobre sua fundação, desenvolvimento das principais competições (campeonatos brasileiros e estaduais) além da participação nas duas competições internacionais mais importantes da época, o Pan-Americano e o Mundial. Além disso, as variáveis contextuais que delimitaram essa coleta resumiram-se nas variáveis legais, políticas e culturais, além das informações sobre órgãos reguladores, concorrente e clientes, como explicado na subseção seguinte.

A partir daí, ocorrências em que o termo “Judo” tratava de propagandas de academias e clubes, informações de horários de aula e inscrição, ocorrências repetidas, ocorrências em que o termo “Judo” se referia a filme, informação de cunho pessoal, incidente exterior à modalidade, informações de atletas de razão individual, demonstrações e eventos patrocinados por clubes e academias sem conexão ou influência nas federações, matérias sobre eventos internacionais não relacionados, foram omitidas dos quadros. Foram omitidas dos quadros, também, notas excedentes que continham informações redundantes, ou replicadas, com pouca informação

contextual (informações de “fatos concretos” explicadas na subseção a seguir), relacionadas às competições nacionais e internacionais anteriormente mencionadas. Isto se deu nos casos onde houve excessiva redundância da mesma informação, e não havia prejuízo à pluralidade de fontes.

Nos casos em que a matéria não se enquadrava nas especificações anteriores, foi necessária a avaliação particular do pesquisador após nova leitura do material se, em casos específicos, havia alguma informação contextual relevante para responder as perguntas deste trabalho, ou explicar lacunas de informação referentes às informações que já haviam sido coletadas.

No caso dos jornais da colônia japonesa disponíveis de maneira digital pelo website da *Nichibunken* (<https://rakusai.nichibun.ac.jp/hoji/>), visto que não há opção de sistema de busca por palavras-chaves, a pesquisa foi realizada manualmente nos jornais disponíveis página por página, e os artigos foram selecionados, primeiramente, através da leitura dos títulos das matérias, sendo realizada posteriormente a leitura integral destas. Com isto, organizados, também em forma de quadros (apêndice B).

Do acervo digital da *Nichibunken* foram utilizados os seguintes jornais da colônia japonesa no Brasil: Notícias do Brasil (伯刺西爾時報), Semanário de São Paulo (聖州新報), *Nippak Shimbun* (日伯新聞), *Burajiru Asahi Shimbun* (ブラジル朝日新聞), *Nambei Shimpō* (南米新報), *Nippon Shimbun* (日本新聞). Todas as matérias jornalísticas encontradas nestes jornais durante o período de confecção deste trabalho constam no quadro do apêndice B. É importante ressaltar que no ano de 1941 o governo brasileiro impediu a continuação da imprensa da colônia japonesa, de forma que o único jornal da lista selecionada com edição posterior à 1941 foi o Notícias do Brasil (disponível até 1952).

Dado que somente nos jornais da colônia foram encontradas informações sobre a Jukendô na década de 1930, a pesquisa na hemeroteca para a década de 1930 foi estendida para as seguintes palavras-chave: Jukendo (nome da organização); Kotani+Sato (nome dos membros de uma missão japonesa em 1939 relevante para a organização na época) e; “esgrima japonesa” (visto que o kendô era a outra modalidade fundadora da organização). Os resultados dessas pesquisas são encontrados nos quadros do apêndice C.

Deve-se ressaltar que não foram considerados como critérios de exclusão a orientação política, grau de influência, local de publicação, ou tiragem dos periódicos investigados. Isto se deve à tentativa de conferir a este estudo pluralidade de informações ainda que dentro da

delimitação estabelecida, permitindo um entendimento amplo, e o cruzamento de informações entre periódicos, dos eventos históricos observados.

Os resultados obtidos a partir da análise do material coletado foram apresentados da seção 5 à seção 16, e confrontados com a literatura atualmente disponível em forma de discussão.

4.2 Crítica externa, crítica interna, ênfase e análise contextual

Dado o ambiente contextual flutuante entre diferentes períodos temporais, os arquivos de jornais são capazes de fornecer dados temporais contextuais macro e micro sobre influências ambientais e sociais relacionadas às explicações de um comportamento individual ou organizacional. (BOWIE, 2019, p. 528, tradução nossa).¹

A utilização de jornais como fonte para a pesquisa histórica relacionada à análise contextual das organizações é defendida por autores como Johns (2006), Tsui (2006) e Bowie (2019). Bowie (2019) destaca como características e vantagens deste método de análise a quantidade e diversidade de conteúdo; cronologia; múltiplas perspectivas, análise do fenômeno sob as lentes do tempo; compreensões nas ações e reações dos “agentes-chave” envolvidos e uso dessas evidências para revelar compreensões. Johns (2006) e Bowie (2019) apontam, ainda, alguns cuidados procedimentais que devem ser adotados ao utilizar essa fonte de pesquisa: proveniência e validade das fontes, possíveis vieses inerentes à análise de jornais, comparação de fontes e cruzamento de informações, uso de uma abordagem contextual para a análise.

É elemento central na pesquisa em documentos históricos conhecer a proveniência das fontes, dada a possibilidade de fraudes e erros de registro. Com relação à esta pesquisa e à questão da proveniência e validade dos jornais utilizados - também chamada de crítica externa dos documentos - os acervos da Biblioteca Nacional, e da *Nichibunken* agregam um elevado grau de confiança na autenticidade dos jornais. De acordo com Bowie (2019), é incomum que um documento de jornal, dada a bem estabelecida proveniência de seus títulos e edições, tenha sua autenticidade contestada.

Cabe ressaltar que, no caso da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foram observadas, algumas vezes, incongruências quando foram comparadas as informações de

¹ “Given the fluctuating contextual environment between different temporal periods, newspaper archives are uniquely capable of providing contextual macro- and microlevel temporal data about environmental and societal influences relating to explanations of an individual or organisational behaviour.” (BOWIE, 2019, p.528).

referência (número da página, ano de publicação) do sistema com as informações constantes nas páginas digitalizadas. Estas incongruências decorreram, possivelmente, do processo de digitalização e registro. Portanto, foi necessário confirmar individualmente os dados de cada ocorrência para verificar as informações corretas de referência das fontes.

A crítica interna dos documentos, por sua vez, diz respeito a avaliar se os detalhes que constam nas publicações são críveis. Ainda que os “fatos concretos” dos jornais como registro de datas, pessoas envolvidas, sejam razoavelmente acurados, o desafio desta etapa está em compreender as questões de fundo no caso das informações com maior liberdade narrativa e centradas na opinião do autor, dados os possíveis interesses envolvidos na elaboração do conteúdo encontrado (BOWIE, 2019). Bowie (2019) sugere as seguintes preocupações metodológicas a serem seguidas ao lidar com os jornais quanto à crítica interna: 1) proximidade temporal do testemunho: se o relato foi escrito por uma testemunha ocular, ou uma “não-testemunha”; 2) análise da testemunha: no caso de testemunha ocular, se ela estava disposta a, e capaz de, dizer a verdade; outra questão quanto à análise da testemunha é analisar sua competência, o conhecimento de especialista, sendo garantidor de maior credibilidade; ainda é necessário compreender a motivação do autor, propósito do documento, e audiência a que se busca atingir. Neste trabalho, portanto, durante o processo de confecção dos resultados da análise das fontes buscou-se levar em consideração e buscar compreender as motivações dos agentes envolvidos, dos jornais envolvidos e, comparar versões concorrentes de um mesmo evento através de fontes diferentes (múltiplos jornais). Destaca-se que a comparação entre jornais distintos, sobre um mesmo evento, foi o principal método utilizado para reduzir o impacto do viés de opinião dos autores. De acordo com Bowie (2019), o impacto do viés de uma única fonte é reduzido a partir da avaliação de documentos diversos, que forneçam versões comparativas de um mesmo evento.

Outro viés a ser considerado na análise de jornais é o problema de ênfase e silêncio. O viés do “silêncio” trata do conceito que versa sobre a deliberada ou involuntária omissão de dados, fatos e informações ao reportar um evento. A imprensa, como fonte histórica, ainda que não intencionalmente, pode omitir informações relevantes do fenômeno histórico observado (BOWIE, 2019). Há, ainda, a possível limitação do pesquisador ao utilizar jornais de acervo digital, dada a possível ausência de informações de publicações não disponíveis no acervo utilizado (BINGHAM, 2010). É nesse sentido que o uso de jornais pode incorrer na direção contrária ao viés do silêncio, no viés da ênfase, ressaltando determinadas publicações em detrimento de outras. É nesse sentido que este trabalho buscou, para além dos jornais brasileiros, o acervo de publicações da colônia japonesa, incluindo a maior diversidade de

relatos possíveis. Portanto, a solução metodológica encontrada para reduzir a influência dos vieses de omissão e ênfase foi, também, o uso de múltiplas fontes.

A partir da consideração dos possíveis vieses e suas soluções metodológicas, este trabalho prosseguiu a análise através da compreensão do contexto em que está inserido o fenômeno (JOHNS, 2006; TSUI, 2006; BOWIE, 2019). Contexto pode incluir cultura, sistema político e legal, estágio de desenvolvimento e sistema econômico, questões históricas. Tudo aquilo que ocorreu ao longo do tempo e espaço e que produziu o que e o porquê de um contexto ser como é hoje (TSUI, 2006). Assim, a análise contextual utiliza de múltiplas dimensões ambientais e variáveis contextuais para compreender e reconhecer as interferências organizacionais externas (BOWIE, 2019). Esta análise também identifica as características presentes no momento de fundação de uma organização e que persistem ao longo de sua vida, limitando sua capacidade de se modificar posteriormente (SUDDABY; FOSTER, 2017).

Com relação à dimensão de análise contextual ao utilizar os jornais como fonte de pesquisa, Johns (2006) adota a possibilidade de dividir a análise organizacional em dois tipos de abordagens: Omnibus e discreta. Enquanto a abordagem Omnibus trata da análise por um panorama mais amplo, ou seja, macro, a abordagem discreta diz respeito às variáveis situacionais específicas que influenciam o contexto, como o contexto de tarefa. Isto posto, Chiavenato (2010) explica que o estudo do contexto organizacional pode se dar em dois tipos de ambiente, o ambiente geral e o ambiente de tarefa, cada um destes sugerindo determinadas variáveis para guiar a análise do contexto, ou ambiente, das organizações. Partindo do modelo apresentado por este autor e levando em consideração os objetivos estabelecidos por este trabalho, foram selecionadas as seguintes variáveis contextuais de pesquisa por uma abordagem macro (ambiente geral): variáveis legais, variáveis políticas e variáveis culturais. No caso da abordagem discreta, por sua vez, foram selecionadas as seguintes variáveis do ambiente de tarefa: Concorrentes, Órgãos Reguladores e Clientes.

Com relação às variáveis mencionadas, este estudo parte dos seguintes pressupostos: Variáveis Culturais são expectativas, modos de pensar, agir e sentir dos membros e consumidores das organizações; Variáveis Legais decorrem da legislação vigente que afeta direta ou indiretamente a organização, impondo auxílios, restrições ou limites operacionais; Variáveis Políticas decorrem dos valores, decisões e definições políticas tomadas em nível federal, estadual, ou municipal; Clientes são usuários ou consumidores, definem o sucesso da organização, bem como a qualidade e adequação dos serviços oferecidos; A variável Concorrentes decorre da disputa entre uma organização com outras organizações concorrentes pelos mesmos recursos e consumidores; A variável Órgãos Reguladores define que as

atividades de cada organização está sujeita à ação de organizações reguladoras ou fiscalizadoras (CHIAVENATO, 2010). Assim, o modelo adaptado de Chiavenato (2010, p.36) pode ser visualizado na figura 2:

Figura 2 - O ambiente geral e ambiente de tarefa.



Fonte: adaptado de Chiavenato (2010, p.36).

Com relação à variável cultural, faz-se necessário conceituar o termo aculturação, tal como entendido neste trabalho, para estabelecer parâmetros conceituais essenciais para o entendimento das discussões posteriores. Como indica Lopez-Class, Castro e Ramirez (2011), uma amplitude de variações em conceitualização de aculturação podem levar à confusão e ambiguidade entre estudos que tratam do tema, por tornar o termo excessivamente abrangente.

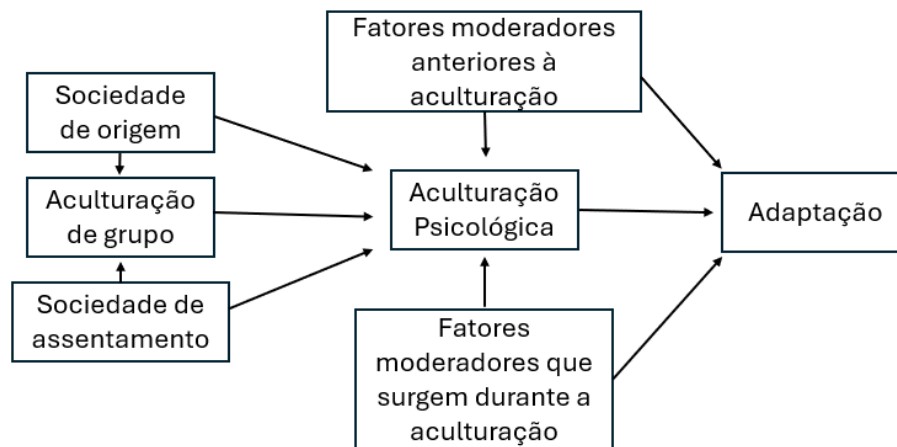
Aculturação nesta pesquisa diz respeito às transformações resultantes do contato reiterado e em primeira mão entre dois grupos culturais distintos. Enquanto implique possíveis mudanças em ambos os grupos, a maior parte dessas mudanças costumam ocorrer no grupo não-dominante, aquele que migra a algum lugar, por influência do dominante, a sociedade de assentamento (BERRY, 1992). Segundo Lopez-Class, Castro e Ramirez (2011), esses contatos entre culturas diferentes podem ser entendidos através do estudo histórico em contexto e, explorar as circunstâncias históricas de seu desenvolvimento pode explicar as diferenças entre os momentos anteriores e posteriores a esse contato.

Segundo Berry (1992), no que tange à dimensão de grupo do processo de aculturação, podem ocorrer mudanças físicas, biológicas, políticas, econômicas e culturais, esta última o

cerne da definição do termo. Particularmente estudadas nesta pesquisa, as mudanças políticas costumam colocar os grupos migrantes sob algum controle da sociedade de assentamento, retirando sua autonomia (BERRY, 1992).

No que tange ao nível dos indivíduos durante o processo de aculturação, Berry (1992) afirma que diversas mudanças de caráter psicológico podem ocorrer, resultando em mudanças de comportamento que incluem valores, atitudes e motivações. Os problemas frequentemente enfrentados durante o processo de aculturação de caráter psicológico e social na dimensão dos indivíduos são chamados de “estresse aculturativo” (*acculturative stress*). A síntese desse modelo está representada na figura 3.

Figura 3 - Processo de aculturação.



Fonte: adaptado de Berry (1992).

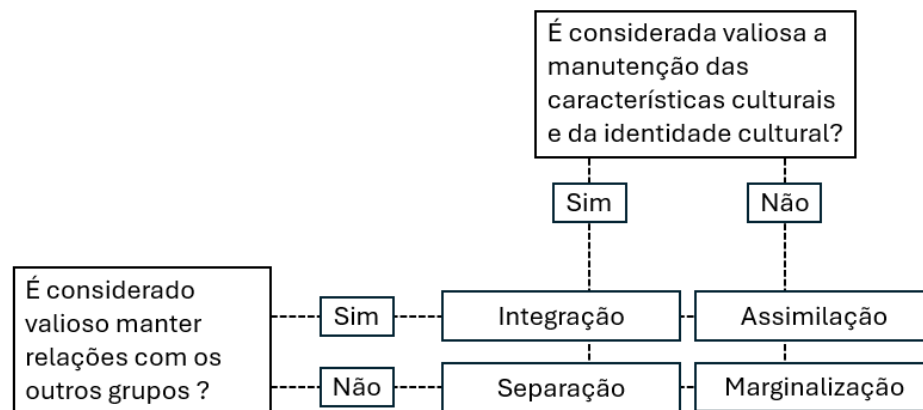
Aculturação, portanto, é o processo que surge a partir da interação entre duas ou mais culturas distintas, em que são adquiridos traços da cultura oposta, se reformulando e adaptando à cultura local (BERRY, 1992; GALLINO, 2005). Para o devido esclarecimento do termo “adaptação”, aqui se refere às estratégias e desfechos do processo de aculturação. Diferentes tipos de adaptação provocados por este processo produzem diferentes tipos e variedades de desfechos (BERRY, 1992).

Berry (1992) propõe três estratégias de adaptação do sistema ou grupo cultural migrante para lidar com o processo de aculturação: ajustamento (*adjustment*), reação (*reaction*), afastamento (*withdrawal*). No caso do ajustamento, as adaptações ocorrem no sentido de evitar o conflito, com o objetivo de trazer harmonia ao ambiente, e é a estratégia mais usualmente relacionada ao termo adaptação. Já a estratégia de reação está relacionada às mudanças decorrentes da rejeição presente no sistema cultural originário ao ambiente culturalmente distinto. Por fim, o afastamento, está relacionado às mudanças em vetores que

reduzem a pressão do ambiente, pela remoção da participação do grupo imigrante, seja pela marginalização forçada, seja pelo afastamento voluntário.

A partir dessas diferentes estratégias adaptativas, se desenvolvem processos de aculturação distintos a partir da forma como procede o processo de aculturação. Berry (1992) estabelece quatro estratégias de aculturação: Assimilação, Integração, Separação e Marginalização. Estas estão relacionadas à manutenção e contestação do valor de sistemas culturais e a interação entre grupos a partir da interação entre duas culturas distintas. Estes dois problemas são centrais para o entendimento do tipo de estratégia de aculturação resultante. A relação entre essas quatro formas de aculturação, e estes dois problemas, está expressa na figura 4.

Figura 4 - As quatro estratégias de aculturação.



Fonte: adaptado de Berry (1992).

Destaca-se que, dado que não há, virtualmente, cultura que não tenha estado em contato com outras, e assim tenha sofrido mudanças, existe o chamado problema de “ponto zero”, ou seja, a delimitação de uma linha divisória que estabeleça qual o estado prévio que determinada cultura se encontrava antes da interação que gerou o processo de aculturação. Nesse sentido, o conceito de aculturação é usado somente para o período em que emergem distorções e conflitos na cultura de referência (GALLINO, 2005). Em outras palavras, ainda que a fundação do judô por Jigoro Kano tenha se dado a partir de influências ocidentais, seu nascimento é seu “ponto zero” e, portanto, o conceito de aculturação é aplicável somente para os processos posteriores à sua origem e estabelecimento no Japão. Mais especificamente, diz respeito ao período em que passam a surgir divergências e conflitos a partir da interação do judô desenvolvido no Japão com as culturas estrangeiras.

Mais especificamente com relação à pesquisa sobre o desenvolvimento histórico do judô, este estudo acompanha o entendimento de aculturação tal como usado por Goodger e

Goodger (1977), Fushimi (1992), Betti (1993), Carr (1993), Brousse (2005), Groenen (2013), Sato e Inoue (2017), Yabu (2018) e Sato e Inoue (2022). Segundo Groenen (2013) a aculturação do modelo japonês pode ser observada em variados graus nos países da Europa. Resume Brousse (2005, p.18, tradução nossa): “A aculturação não é acidental; é voluntária e programada. [...] O judô é como o trigo ou o arroz: deve se adaptar à terra [...].”² Como descrevem Sato e Inoue (2017), a aculturação produz um paradoxo entre o judô como cultura tradicional e o judô como esporte internacional. Em estudo recente (SATO; INOUE, 2022) ressaltam a excessiva rigidez da cultura do judô no Japão, reconhecendo a relutância de praticantes japoneses em repensar a história e cultura do judô sob o ponto de vista de seus valores universais. Com isso, destacam como o processo de modernização competitiva liderado pela FIJ e pela internacionalização do judô, tornou-se um dos principais vetores de aculturação da modalidade:

O dicionário define “global” como “espalhamento em escala internacional” e “local” como “limitado a uma determinada região ou região local”. Por outras palavras, **um estado de aculturação é alcançado quando uma cultura indígena transcende as suas barreiras geográficas** e alcança um reconhecimento generalizado. [...] Portanto, esta afirmação é um alerta de que **a aculturação causada pela natureza competitiva do judô, agora aceito como um esporte global, colocaria em risco o seu valor intrínseco** (SATO; INOUE, 2022, p.30, grifo nosso, tradução nossa)³.

Segundo Betti (1993) este processo de difusão do modelo esportivo ocidental, ainda que parcialmente seja resultado do reconhecimento das propriedades intrínsecas do esporte, deve-se, também, a fatores culturais extrínsecos. Com isso, após a Segunda Guerra Mundial, a orientação cultural do judô se transformou radicalmente, dando ênfase ao caráter competitivo (BETTI, 1993; CARR, 1993; NIEHAUS, 2006; SATO; INOUE, 2022). Além disso, a inclusão do judô nos Jogos Olímpicos acelerou sua adaptação às sociedades ocidentais (BETTI, 1993; NIEHAUS, 2006). Segundo Goodger e Goodger (1980) este processo de distanciamento do judô da cultura de referência tornou-se mais extremo logo após a Segunda Guerra, até meados da década de 1960.

² “L'acculturation n'est pas fortuite; elle est volontaire et programmée. [...] Le judo c'est comme le blé ou le riz: il doit s'adapter au terroir [...]” (Brousse, 2005, p.18).

³ “The dictionary defines “global” as “spreading on an international scale,” and “local” as “limited to a certain region or local region.” In other words, a state of acculturation is achieved when an indigenous culture transcends its geographical barriers and attains widespread recognition. [...] Hence, this statement is a warning that the acculturation caused by the competitive nature of Judo, which has now been accepted as a global sport, would jeopardize its intrinsic value.” (SATO; INOUE, 2022, p.30).

Assim sendo, os termos modernização, ocidentalização, e internacionalização, são tratados não como sinônimos de aculturação, mas como traços remanescentes da interação do judô com a cultura ocidental após o seu desenvolvimento no Japão e, portanto, meios definidores dos traços de aculturação que surgiram após a Segunda Guerra Mundial. Carr (1993) delimitou as adaptações à cultura ocidental decorrentes desse processo pelas seguintes características: especialização, racionalização, burocratização, secularização e igualdade.

4.3 Nota sobre os termos em língua japonesa

Para este trabalho, no que tange às palavras em língua japonesa, foi adotado o sistema Hepburn de romanização. Utilizou-se, tal como em Kobayashi (2010), o acento circunflexo para denotar o prolongamento das vogais. Nomes de pessoas foram apresentados de acordo com a norma do português, ou seja, nome antes do sobrenome, sem o uso de itálico ou circunflexo, adotando, sempre que possível, grafia previamente estabelecida na literatura. Com exceção de nomes próprios de pessoas, Era, embarcação ou região, os demais termos foram grafados em itálico. Kodokan, Jukendô e Butokukai foram consideradas grafias já estabelecidas na literatura especializada em português e, portanto, não foi utilizado o itálico nesses casos. Também não foi utilizado itálico para nomes de organizações fundadas no Brasil, como a Budokan. Os termos jiu-jítsu e *jûjutsu*, neste trabalho, denotam práticas distintas, sendo utilizado o primeiro para a modalidade originada no Brasil, enquanto o segundo para a prática originada no Japão.

5 A PRIMEIRA ORGANIZAÇÃO DO JUDÔ DA COLÔNIA JAPONESA

5.1 Hakkoku Jûkendô Renmei

Com a chegada do Kasato Maru ao porto de Santos, iniciou-se oficialmente o processo de imigração japonesa para o Brasil. As artes marciais, parte integrante da cultura japonesa, foram trazidas junto com esses primeiros imigrantes (KOBAYASHI, 2010). O Brasil tornou-se o país com maior número de imigrantes japoneses, sendo São Paulo a maior comunidade de japoneses fora do Japão (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA, 1992).

No início da década de 1930, foi fundada em São Paulo a Federação Brasileira de Judô e Kendô, a *Hakkoku Jûkendô Renmei* (KOBAYASHI, 2010; VIRGÍLIO, 2002a; MAÇANEIRO; FRANCHINI, 2020), também conhecida simplesmente como Jukendô (VIRGÍLIO, 2002a), cujo objetivo era unir, coordenar e promover o judô e o kendô no Brasil (VIRGÍLIO, 2002a; LOURENÇÃO, 2009). Estudos anteriores mencionam os mestres Kobayashi, Murakami e Kawai como fundadores da referida instituição no que diz respeito ao grupo de kendô (KOBAYASHI, 2010), enquanto do lado dos mestres de judô são citados Okochi, Naito e Sakata como importantes proponentes desta iniciativa (NUNES; RUBIO, 2012; VIRGÍLIO, 2002a). Os fundadores e participantes desta organização foram, posteriormente, pioneiros em várias iniciativas durante o desenvolvimento do judô no Brasil como: a fundação da Federação Paulista de Judô, a fundação da Associação de Faixas Pretas da Kodokan no Brasil, e desempenharam também papel importante no planejamento e patrocínio da visita das delegações da Kodokan na década de 1950 (VIRGÍLIO, 2002a). O final da década de 1930 foi o momento em que os torneios da *Hakkoku Jûkendô Renmei* tiveram seu maior crescimento, e sua oitava edição foi uma das mais bem-sucedidas da época (KOBAYASHI, 2010; MAÇANEIRO; FRANCHINI, 2020). No entanto, em 29 de janeiro de 1942, o DEOPS (Departamento de Estado de Ordem Política e Social) forçou o encerramento das atividades da entidade devido à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados, momento em que foram proibidas as reuniões de cidadãos de países inimigos do Brasil (KOBAYASHI, 2010).

Embora a versão geral da história desta entidade tenha sido descrita em estudos anteriores (ISHII, 2015; KOBAYASHI, 2010; VIRGÍLIO, 2002a) foi somente em 2020 com o trabalho de Maçaneiro e Franchini (2020) que, pela primeira vez, a fundação e desenvolvimento da divisão de judô da Jukendô foi estudada através de fontes primárias. Este estudo demonstrou a importância do uso de jornais para a coleta de novas informações, trazendo evidências até

então desconhecidas sobre a forma como esta instituição se fundou e se desenvolveu, e como se deram as competições no período de sua existência.

O livro mais antigo encontrado durante este estudo, em que constam os detalhes da criação da Jukendô, foi publicado em 1942, portanto logo após esta federação ser dissolvida. Com o título “História do Desenvolvimento Japonês no Brasil” (ブラジルに於ける日本人発展史), no capítulo em que trata sobre o desenvolvimento dos esportes na comunidade japonesa, o livro retrata como se deu a criação da “Federação Brasileira de Jukendô”. De acordo com este livro, naquela época, os esportes da comunidade japonesa eram focados no beisebol e no atletismo, mas o tênis, sumô, golfe, natação, judô, e kendô, também eram muito populares. No entanto, quando comparados com a organização da Jukendô sobre o judô e o kendô, os demais esportes eram simples em termos de organização (BURAJIRU NI OKERU NIHONJIN HATTEN-SHI KANKÔ IINKAI, 1942).

5.2 Fundação da Hakkoku Jûkendô Renmei

Segundo consta no livro de 1942, a *Hakkoku Jûkendô Renmei* teve início na residência de Ryusuke Murakami, então funcionário do Consulado Geral do Império Japonês em São Paulo, em meados de 1932, sétimo ano da era Shôwa. O estabelecimento da organização foi encabeçado por Ryusuke Murakami, 3º *dan* em kendô, Teruo Sakata, 5º *dan* em judô, Zensaku Yoshida, 4º *dan* em judô, Midori Kobayashi, 3º *dan* em kendô, Shunji Hashimoto, 2º *dan* em kendô e, mais tarde, Tatsuo Okochi, 5º *dan* em judô, Katsutoshi Naito 3º *dan* em judô, e Takeo Kawai, praticante de kendô. A fundação da federação recebeu a aprovação do vice-cônsul Tetsuo Umimoto, e estes pioneiros do *budô* no Brasil foram, portanto, os fundadores da *Hakkoku Jûkendô Renmei* (Federação Brasileira de Judô e Kendô) em setembro de 1932. Posteriormente foi escolhido o *Seishu Gijuku Dôjô*, no bairro da Liberdade, como *honbu dôjô* (*dôjô* sede) desta federação, localizado na escola de mesmo nome (BURAJIRU NI OKERU NIHONJIN HATTEN-SHI KANKÔ IINKAI, 1942).

Uma informação importante que nos traz esse relato, é de que a *Hakkoku Jûkendô Renmei* teria surgido em 1932, um ano antes dos principais relatos sobre o tema (VIRGÍLIO, 2002a; KOBAYASHI, 2010; ISHII, 2015). Os jornais coletados neste estudo reforçam a fundação da Jukendô em 1932, ainda que seu primeiro evento público oficial de fundação tenha ocorrido somente em 1933.

O jornal mais antigo encontrado retratando a fundação do *Hakkoku Jūkendô Renmei* é de 22 de setembro de 1932 (BUSHIDÔ..., 1932). O título do artigo é “cumprir a missão patriótica com o espírito do *bushidô*”. Nesta matéria, pela primeira vez, o plano de fundação da federação foi exposto ao público – a colônia japonesa no Brasil. Na mesma notícia, há o convite aos membros da colônia que tinham interesse pelo *budô* a se tornarem filiados, o público-alvo do convite eram os *yūdansha* (praticantes com graduação de *dan*) da comunidade japonesa, bem como iniciantes. A adesão à *Hakkoku Jūkendô Renmei* era gratuita. A matéria confirma os fundadores da *Hakkoku Jūkendô Renmei*. Segundo a matéria, Tatsuo Okochi, Midori Kobayashi, Katsutoshi Naito, Teruo Sakata e Yoshio Kawada, com a intenção de promover o tradicional espírito do *bushidô*, promoveram a primeira reunião do conselho da Jukendô em 1932.

Quatro dias depois, em 26 de setembro de 1932 o jornal Notícias do Brasil (HAKKOKU..., 1932) trouxe um segundo anúncio, falando sobre a recém-formada federação, com o título “Planos para estabelecer a nova federação de judô e kendô do Brasil”. Neste artigo, foram apresentadas as pretensões dos fundadores da federação em fazer parte das comemorações aos 25 anos da imigração japonesa no Brasil. A programação e o planejamento da recém-inaugurada federação consistia em três elementos importantes: 1) A celebração do vigésimo quinto aniversário da travessia dos imigrantes japoneses para o Brasil em 1933; 2) O primeiro encontro para a celebração de um *sôgô taikai*, um evento composto por diferentes modalidades de *budô*; 3) A determinação de novas filiações para a Jukendô e eleição e anúncio dos membros da diretoria. O artigo termina especificando que os interessados em se tornarem membros deviam preencher um formulário e entregar a solicitação a Ryusuke Murakami, no Consulado Geral do Império em São Paulo (HAKKOKU..., 26 de set. 1932). O formulário para filiação deveria conter endereço, nome e sobrenome, idade, informar se eram praticantes de judô ou kendô e, por último, sua graduação (*dan* ou *kyu*) (HAKKOKU..., 1932).

Com os planos para a fundação da Jukendô em andamento, o objetivo passou a ser realizar o evento oficial de fundação durante as comemorações dos 25 anos do início da imigração japonesa. Com esse plano em mente, os membros da federação começaram a organização de um torneio no mesmo dia do evento. A primeira menção encontrada sobre a federação em 1933 foi em cinco de junho, no jornal *Nippak Shimbun* (JŪKENDÔ..., 1933). Este artigo trata da primeira edição do *Jūkendô Taikai*, o torneio anual de judô e kendô promovido pela Jukendô. Ainda, segundo a mesma matéria, mais de cinquenta pessoas se inscreveram para a primeira competição e, no *dojô* sede da Jukendô, o *Seishu Gijuku Dojô*,

passaram a ser realizadas práticas todas as noites para os participantes interessados, como forma de preparação para o campeonato.

Com relação aos jornais brasileiros, o primeiro jornal encontrado fazendo referência à Jukendô foi o jornal “A Noite” em 16 de junho. O artigo afirma: “Foi fundada aqui a federação de Jiu-jitsu e esgrima japonesa, com o objetivo de intensificar a prática desses esportes” (FUNDADA..., 1933, p. 7). A celebração que oficializou a fundação da Jukendô ocorreu dois dias depois, em 18 de junho, juntamente com a realização do primeiro campeonato:

Realizaram-se domingo próximo passado, as festividades em homenagem ao 25.º aniversário da imigração japonesa para o Brasil, segundo o programma publicado em nosso último número. [...] À tarde no salão da A. A. Das Classes Laboriosas, foi inaugurada a Federação de Jiu-Jitsu e Esgrima Japonesa no Brasil. Houve várias demonstrações desses esportes, que agradaram à enorme assistência que alli compareceu, sendo esta parte das festas realizadas a de maior atracção do dia. (O 25º..., 1933, p. 8).

Segundo as notícias, o local do evento estava lotado antes do horário marcado para o início da competição, e a maior parte dos espectadores teve que ficar do lado de fora. Os registros das lutas foram apresentados no jornal Notícias do Brasil de 22 de junho de 1933. O primeiro *Jūdō Taikai* promovido pelo *jūdō-bū* (departamento de judô) da *Hakkoku Jūkendō Renmei* teve como evento de abertura demonstrações de *kata* (formas combinadas) de judô da Kodokan. Primeiro o *nage no kata* tendo como *tori* (aquele que executa as técnicas) o 4º *dan* Zensaku Yoshida e servindo como *uke* (aquele que recebe as técnicas) o 3º *dan* Katsutoshi Naito. Seguiu-se uma demonstração de *kime no kata*, tendo como *tori* o 3º *dan* Katsutoshi Naito, e servindo como *uke*, o 3º *dan* Tomiyo Tomikawa (SEIDAI..., 1933). Dado que Virgílio (2002a) afirma que o *nage no kata* ainda era pouco conhecido entre os brasileiros até meados da década de 1950, este relato demonstra que entre os membros da Jukendô as formas de *kata* já eram conhecidas desde o início da década de 1930.

O primeiro *round* de lutas do evento foi no formato de competição por equipes. As equipes foram separadas em equipe “*kou*” e equipe “*otsu*” (SEIDAI..., 1933). Conforme explica Ishii (2015, p. 48): “Como as cores do Japão são o vermelho e o branco, sempre que dois times eram divididos, um era *kou* (vermelho) e o outro *otsu* (branco)”.

O capitão da equipe *kou* foi Fukaya (2º *dan*), e o vice-capitão foi Naito (3º *dan*). O capitão do time *otsu* foi Ishihara (3º *dan*), e o vice-capitão foi Sawada (2º *dan*). A equipe vencedora foi a equipe *otsu* - a equipe branca, contando com as vitórias de Fukuya, Takabatake,

Shitani, Otsuishi, Tani e Ishio, para ganhar a disputa (SEIDAI..., 1933). Esta foi a primeira competição de judô por equipes promovida por uma federação no Brasil.

O evento por equipes se seguiu da segunda e terceira rodadas de lutas individuais. Para encerrar, foram realizadas as finais, divididas pelas categorias *yûdansha* (detentores de graduação de *dan*) e categoria *dangaisha* (abaixo de *shodan*). No caso da categoria *dangaisha*, o vencedor foi Miyata, que venceu Takabatake nas semi-finais por *ôsoto-gari*, e na final venceu Aoyagi por decisão do árbitro. Os competidores da categoria *yûdansha* disputaram as finais em formato de liga, tendo como primeiro campeão Sadai Ishihara (3° *dan*), que venceu Seisetsu Fukaya (2° *dan*) por *seoi-nage*, e empatou com Sobei Tani (*shodan*) (SEIDAI..., 1933).

5.3 Crescimento e desenvolvimento da Hakkoku Jûkendô Renmei

Em 1934, foi organizado o segundo campeonato anual da Jukendô, chamado de *Budô Taikai* (torneio de artes marciais), ocorrendo no Teatro Colombo, localizado no Frontão do Brás na cidade de São Paulo. Assim seguiu o cronograma do torneio: 15/09 à tarde a partir das 13 horas, competição de judô, 16/09 pela manhã, a partir das 8 horas, competição de kendô, 16/09 à tarde, a partir das 13 horas, finais de judô e kendô (HAKKOKU..., 1934). Neste período, portanto, as competições das duas modalidades eram organizadas em conjunto, dividindo um mesmo espaço e cronograma.

As bandeiras que foram dadas pela vitória foram doadas pelo Ministério das Relações Exteriores do Japão (JÛKENDÔ..., 1934), além disso, foram também confeccionados troféus para este torneio (SEISHI..., 1934).

O torneio de judô foi aberto mais uma vez com a apresentação do *nage no kata*. Desta vez o *uke* foi Zensaku Yoshida (4° *dan*), e participando como *tori*, Tomiyo Tomikawa (3° *dan*). Neste ano, em vez dos termos *otsu* e *kou*, nos jornais o evento por equipes passou a ser chamado de *Kohaku Shiai* (competição vermelha e branca) da mesma forma como a competição por equipes é chamada pela Kodokan no Japão. O time branco venceu mais uma vez neste ano. A competição individual, desta vez, foi dividida nos seguintes grupos: *yônen-gumi* (categoria equivalente ao infantil na época), *shônen-gumi* (equivalente ao juvenil), *dangai seinen-gumi* (categoria adulto com graduação abaixo de *shodan*) e *yûdansha* (categoria adulto acima de *shodan*). No infantil venceu Otama (4° *kyu*), e no juvenil, Kakuta (4° *kyu*). Na categoria *dangai* venceu Okabe e, novamente, Ishihara venceu o *yûdansha*, ganhando a disputa contra Tani com quem havia empatado no evento anterior (ZENPAKU..., 1934). O aumento do número de categorias mostra uma evolução grande em comparação com o primeiro evento em número de

competidores. Ainda assim, fica evidente que o foco dos eventos ainda era a colônia japonesa, de onde vinham os vencedores em todas as categorias.

No ano seguinte, a competição pela primeira vez foi realizada no ginásio da Associação Atlética São Paulo que se tornou o local mais utilizado para as competições da Jukendô a partir de então, recebendo nove torneios (COMPETIÇÃO..., 1935; DAIYONKAI..., 1936b; DAIROKKAI..., 1938; SANTARI!..., 1939). O evento durou dois dias (sábado e domingo), reservando as finais e a competição por equipes para o segundo dia. Como contrapartida à utilização do espaço, a entrada era franca a todos os associados da Atlética (COMPETIÇÃO..., 1935). É neste evento que apareceram pela primeira vez os nomes de dois importantes organizadores do judô após a Segunda Guerra, Yasuichi e Naoichi Ono, que se tornaram conhecidos pela alcunha de “irmãos Ono” (VIRGÍLIO, 2002a). Enquanto Naoichi ficou em segundo lugar na categoria *dangaisha*, Ono venceu a categoria *yûdansha*, que não contou naquele ano com a participação de Tani, Ishihara e Fukaya (KAGAYAKU..., 1935).

Em 1936 o quarto *Budô Taikai* promovido pela Jukendô foi novamente realizado na Associação Athletica São Paulo. O torneio aconteceu nos dias 29 e 30 de agosto. Pela primeira vez foi realizado, além das competições de judô e kendô, também um torneio de *tankenjutsu*, modalidade em que se utilizam espadas curtas de bambu. Mais uma vez, os interessados em participar do evento tiveram que se inscrever no *Seishu Gijuku Dôjô*, que permanecia sendo o *honbu dôjô* da Jukendô desde 1933 (DAIYONKAI..., 1936a). Seisetsu Fukaya, venceu pela primeira vez o torneio da categoria *yûdansha*. Passou por Sawada na primeira rodada e, na segunda, Ishigaoka com *tomoe-nage*, na semi-final venceu Kato, com *ashi-harai*, e na final Higuchi, com *harai-goshi*. Na disputa pelo segundo lugar, Higuchi venceu Kato por *juji-gatame* (DAIYONKAI..., 1936a). Podemos observar pela variedade de golpes utilizados por Fukaya para vencer suas lutas que o judô, tal como praticado pelos membros da Jukendô naquele tempo, ainda não tinha passado pelo processo de especialização técnica. Este processo é identificado por Carr (1993) como uma das características desenvolvidas pelo judô como esporte após a Segunda Guerra.

O quinto *Budô Taikai* promovido pela Jukendô realizado em 1937 ocorreu nos dias 28 e 29 de agosto. Assim como no ano anterior, o segundo dia foi reservado para as partidas finais. Houve competição de judô, kendô e *tankenjutsu*. Desta vez, o local escolhido foi o Clube Lira. Além das lutas individuais, houve a competição *Kohaku Shiai* (ZENPAKU..., 1937).

Neste ano, o crescimento da Jukendô e de suas competições tornou-se perceptível. Por esse motivo, houve uma mudança nas competições por equipes que, dado o elevado número de participantes, a partir de 1937, deixou de ser na forma de disputas de vermelho e branco e, pela

primeira vez, passou a dividir as filiais da Jukendô na colônia japonesa em equipes regionais. As equipes concorrentes foram São Paulo, Marília e Mogi das Cruzes. O vencedor foi o time de Marília (DAIGOKAI..., 1937).

No torneio individual, chamou a atenção a vitória dos irmãos Ono. Yasuichi Ono venceu na categoria *yûdansha*, ganhando sua luta contra Tadao Katsumata nas finais. Enquanto Naoichi Ono venceu a categoria *dangaisha*, ganhando de Shinsuke Yamada nas finais (DAIGOKAI..., 1937). Vale ressaltar que, nesta época, os irmãos Ono passaram a participar não somente dos eventos da Jukendô, como também de lutas profissionais de jiu-jítsu, tornando-se adversários dos irmãos Gracie nos ringues brasileiros (GRACIE, 2008). É este movimento para além dos eventos da colônia que auxiliaria, na década de 1940, a integração do judô à Federação Paulista de Pugilismo através de alunos da Academia Ono (ÓTIMA..., 1949).

O Sexto *Budô Taikai*, ou *Jûkendô Taikai*, aconteceu nos dias 14 e 15 de agosto de 1938. Mais uma vez, a sede do evento foi a Associação Athletica São Paulo (TERU..., 1938). Foram milhares de espectadores no local e mais de 200 inscritos para os torneios de judô e kendô. Desta vez, as disputas de *yûdansha* foram divididas em duas equipes. Como o número de atletas da categoria *yûdansha* da cidade de Bastos era muito grande, a disputa dos *kodansha* (praticantes mais graduados) foi feita somente por equipes, as duas equipes formadas foram o time de Bastos contra outro time formado pelos *yûdansha* de outras regiões. A equipe de Bastos era tão forte nesta época que venceu a disputa com quatro vitórias, duas derrotas, e dois empates (BUDÔ..., 1938).

Ao final de 1938, dado o aumento do número de membros e participantes nas competições, a diretoria da Jukendô resolveu construir um *Butokuden*, aos moldes da sede e das filiais da Butokukai no Japão. Foi construído inicialmente um *dôjô* provisório na rua Conselheiro Furtado 332, e os professores Ogawa (5º *dan*), para o judô, e Kikuchi (5º *dan*) para o kendô, foram escolhidos como responsáveis pelas aulas de cada modalidade (JÛKENDÔ..., 1938c).

No ano seguinte, em 27 de julho, veio ao Brasil uma missão composta por 2 representantes da Kodokan: Sumiyuki Kotani (7º *dan*) e Chugo Sato (6º *dan*). Esta missão não foi exclusiva do Brasil, pois antes de vir para este país os dois passaram pela Argentina (ESTÃO..., 1939). Chegando ao Rio de Janeiro, os integrantes da Kodokan fizeram demonstrações com o suporte do Consulado Japonês e da Liga de Esportes da Marinha do Brasil. O objetivo dessas demonstrações foi mostrar à comunidade brasileira quais eram os principais aspectos e técnicas do judô praticado na Kodokan, e explicar sua origem histórica, ainda pouco divulgada no Brasil. Na primeira apresentação em 31 de julho, além de Kotani e

Sato também fizeram parte das demonstrações os brasileiros Hélio Gracie, Paulo Cunha e Manuel Azevedo Maia. A Jukendô também enviou representantes para participar do evento: Shojiro Higuchi, Seisetsu Fukaya, e Tokuzo Terazaki (LIGA..., 1939).

No jornal Correio Paulistano de 20 de agosto há uma matéria chamada “A diferença entre jiu-jitsu e judô” (A DIFERENÇA..., 1939, p. 14), que representa a principal questão posta pela presença da missão de Kotani. Se podemos considerar como objetivo principal da missão da Kodokan organizar o judô no Brasil, uma questão importante foi justamente estabelecer as diferenças entre essas duas modalidades. Isto era necessário visto que havia muita confusão entre os praticantes brasileiros que, mesmo tendo aprendido judô com membros da Kodokan, chamavam a prática de jiu-jítsu. Este era, por exemplo, o caso dos irmãos Gracie. Carlos Gracie, o primeiro entre os irmãos da família a aprender a modalidade com Mitsuyo Maeda, um famoso praticante da Kodokan (VIRGÍLIO, 2002b), chamava a prática de jiu-jítsu (LISE; CAPRARO, 2018).

Como Hélio Gracie participou das primeiras demonstrações que os representantes da Kodokan fizeram na cidade do Rio de Janeiro, assim foram relatadas suas impressões sobre os dois mestres:

Na minha vida de lutador tenho conhecido adversários dos mais fortes e ágeis sem contudo, me preocuparem os seus métodos de lutar; mas em relação aos faixas pretas Sato e Kotani, não encontro superlativo para definir as suas classes e seus conhecimentos. O que mais me impressionou foi sem dúvida a firmeza com que rematam as quedas e a maneira elegante com que trataram seus adversários. São perfeitos “gentlemen”, dignos da honrosa missão que lhes confiou o governo do Japão. Ainda, adeantou-nos Helio: “Desde que deixei de lutar em público, como profissional, alimentei sempre o desejo de participar na categoria de amador, nos campeonatos da Jukendô; razão porque resolvi inscrever-me no sétimo campeonato realizado domingo, apesar de desconhecer quase que por completo seus regulamentos. Por isso, não pude, como era meu desejo, competir com liberdade de movimentos receoso de incorrer nalgum golpe ilícito. (A DIFERENÇA..., 1939, p.14).

O interesse expressado por Hélio alcançou a colônia japonesa, que também o relatou em matéria do jornal Notícias do Brasil, de 8 de agosto (ZEHL..., 1939). Conta-se no artigo escrito em língua japonesa que Hélio Gracie manifestou o desejo de se tornar membro da *Hakkoku Jūkendô Renmei* após seu contato com Kotani. O pedido de Hélio foi levado à sede para ser analisado. Um conselho da Jukendô aceitou o pedido de Hélio e, como novo membro, discutiram qual deveria ser sua graduação. Dado que os torneios das competições para os

adultos eram divididos pela hierarquia de faixa, era necessário estabelecer qual era a capacidade de Hélio como lutador de judô. Ainda, visto que Hélio já era um conhecido “judoca profissional” - termo algumas vezes utilizado pelos jornais da colônia para se referir àqueles que competiam em jiu-jítsu - decidiram que ele seria registrado como 2º *dan*. Dado que somente 2 anos mais tarde a Jukendô graduou um brasileiro pela primeira vez por exame de graduação à faixa preta (PROMOÇÕES..., 1941) e, por não havermos encontrado outra matéria neste mesmo sentido, Hélio Gracie pode ter sido o primeiro brasileiro a ser oficialmente reconhecido como faixa preta pela Jukendô.

Em 13 de agosto de 1939, no Ginásio da Associação Atlética São Paulo, Sato e Kotani participaram do VII *Budô Taikai* organizado pela Jukendô fazendo demonstrações, seminários e sessões de *randori* (forma de prática livre de luta) com os participantes do torneio. Os ingressos para os interessados em assistir o evento foram distribuídos pelo Consulado Japonês em São Paulo (DEMONSTRAÇÕES..., 1939). Segundo o Correio Paulistano (REVIVENDO..., 1939), Kotani e Sato demonstraram o princípio do *kuzushi*, como explicam os jornais: uma forma de desequilibrar o adversário para arremessá-lo com o mínimo esforço. Kotani e Sato também permitiram que todos os participantes do evento medissem suas forças contra eles, segundo a reportagem do jornal, os que mais desafiaram os representantes da Kodokan não duraram mais de 30 segundos. O vencedor do torneio de judô individual foi Kimura, representando a Linha Noroeste (REVIVENDO..., 1939).

O interesse na vinda da missão da Kodokan por parte da sociedade da época gerou, ainda, uma nova perspectiva para a Jukendô. A visita dos mestres japoneses interessou de tal forma os brasileiros que, possivelmente, por observar a necessidade de atrair não somente o público das colônias como a sociedade brasileira em geral, elegeram Mario Botelho de Miranda como primeiro presidente brasileiro da *Hakkoku Jūkendô Renmei* (JŪKENDÔ..., 1939).

Antes de ser dissolvida por ordem do governo brasileiro, a organização cresceu exponencialmente desde sua criação e, em 1940 já havia mais de 120 atletas competindo no evento de judô (COM A VICTÓRIA..., 1940). No início da década de 1940 observa-se também um crescimento acentuado no número de filiais entre os assentamentos da colônia japonesa (BUDÔ..., 1941; LUTA..., 1941; COMPETIÇÃO..., 1941; INAUGURADA..., 1941). Enquanto nos anos anteriores as vitórias na competição individual *yūdansha* foram de Ishihara, Ono, Fukaya, e Kimura, 1940 trouxe um novo atleta ao topo da divisão: Wasai. Em 1940, o *Budô Taikai* promovido pela Jukendô foi realizado no Ginásio do Pacaembu, e ocorreu no dia 1º de setembro (DAIHACHIKAI..., 1940) Inscreveram-se neste torneio lutadores vindos das várias regiões do estado de São Paulo. Segundo os jornais, as arquibancadas estavam lotadas

para ver as lutas de judô e kendô. Estiveram presentes parlamentares japoneses que visitavam o Brasil em missão diplomática, acompanhados do consulado geral interino do Japão em São Paulo. A vitória por equipes ficou com o time de São Paulo capital, enquanto a filial da Jukendô da Linha Central, ficou em segundo lugar (COM A VICTORIA..., 1940).

O ano de 1941 marcou, também, o último evento da Jukendô, já que em 1942 as atividades foram encerradas antes daquela que seria a 10ª edição do torneio. O nono *Budô Taikai* foi realizado no dia 24 de agosto na sede do Esporte Clube São Paulo. A competição por equipes, como nos anos anteriores, foi dividida em categorias por idade e graduação. Assim como no torneio de 1938, a competição individual foi limitada para o torneio de *yûdansha* apenas no kendô, então no judô ainda houve a competição por equipes. Os atletas autorizados a competir neste evento por equipes foram selecionados pelos árbitros, função que naquela época era exercida pelos praticantes mais graduados. Somente puderam participar os filiados à Jukendô, ou competidores apresentados por membros filiados à federação. O campeão da categoria individual foi Shiro Endo. Dado o número de participantes, as competições nos anos anteriores tinham se tornado de tal maneira extensas, que nesta edição foi necessário um planejamento específico para que a competição fosse encerrada antes das 18 horas (9.o..., 1941).

No dia 25 de agosto, um dia após o nono *Budô Taikai* organizado pela *Hakkoku Jûkendô Renmei*, foi realizado um exame de graduação de *dan*. Os integrantes promovidos a 1º *dan* no judô foram: M. Shirassawa, Y. Kawasaki e Durval de Castro e Silva. Durval foi o primeiro brasileiro graduado através de exame pela Jukendô. Formado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, era um dos diretores do Grêmio Brasileiro de Cultura Japonesa (PROMOÇÕES..., 1941). O local da graduação foi o Clube Atlético São Paulo (LUTA..., 1941).

5.4 A Hakkoku Jûkendô Renmei como organização do judô

Segundo Sakurai (2007), as associações que se formaram no seio da colônia japonesa eram sinônimo de esporte, trabalho coletivo e lazer. Os encontros promovidos por essas associações criavam oportunidades de socialização e uma forma de conhecer outros japoneses com os quais se podia estabelecer laços. Dado o que pode ser apreendido através dos jornais, esta parece ser a razão primeira de nascer e existir da Jukendô. Dessa forma, particularmente nos primeiros anos de existência, o público-alvo da federação eram os imigrantes e suas famílias, observando-se pouca participação de brasileiros nos eventos.

Como pôde ser observado, a *Hakkoku Jûkendô Renmei* teve início em 1932, mas a celebração oficial de sua fundação ocorreu como parte dos eventos de comemoração dos 25

anos da imigração japonesa no Brasil em 1933. A federação surgiu, portanto, a partir do sétimo ano do período Shōwa. O momento de fundação da Jukendô é importante dado que o *budô*, neste período, no Japão, caracterizou-se pela instrumentalização das artes marciais pelo governo nacionalista japonês como método de incentivar a identidade japonesa, através do ideal de um espírito coletivo e guerreiro baseado no *bushidô* (GARCÍA, 2018).

Os jornais demonstram que, inserida nesse contexto, além de proporcionar a rede social entre os imigrantes, a Jukendô buscou promover este “espírito nacional”, ou *ethos* de “ser japonês”. Na verdade, tanto *bushidô* quanto *yamato-damashii* foram termos usados para justificar a fundação da Jukendô. Shibata (2010) explica que, por meio do *yamato-damashii*, um conceito de hierarquia era construído e reforçado dentro do contexto da dinâmica social japonesa, promovida pelo Estado japonês. Essa política de Estado promovia normas de "obrigações" para os cidadãos centradas na ideia de preservar a honra e a piedade filial. O Imperador, como figura divina, a família, o governo, o exército, e a religião, tornaram-se questões centrais nesse sentido. *Bushidô*, termo presente no primeiro título de jornal sobre a fundação da Jukendô, era utilizado como forma de promoção desses ideais, servindo de base teórica para essas crenças (SHIBATA, 2011). Assim, a Jukendô parece ter sido utilizada, nesse período, para promover um senso de identidade nacional entre os imigrantes. Neste sentido, é simbólico o apoio dado pelo Consulado Imperial do Japão, às iniciativas da Jukendô, através de Ryusuke Murakami, funcionário do consulado, e um de seus fundadores.

Fundada na casa de Murakami, posteriormente a sede escolhida para a federação foi o *dôjô* da escola *Seishu Gijuku* que ficava no bairro da Liberdade, região com numerosa presença de imigrantes japoneses. A *Seishu Gijuku* foi uma escola fundada em 1922 por Midori Kobayashi, um dos fundadores da Jukendô, membro do departamento de kendo (FUCHIGAMI, 2014). Pelo lado do judô, Tatsuo Okochi, o primeiro diretor do departamento de judô da Jukendô, e um de seus fundadores, fez parte da Associação de Apoiadores da *Seishu Gijuku* em 1927, seis anos antes da fundação da Jukendô (NEGAWA, 2013). Okochi foi um dos mais importantes patrocinadores das iniciativas que surgiam na colônia e, segundo Ishii (2015), poderia ser chamado de “Jigoro Kano do Brasil”, por sua importância como patrocinador e organizador do judô brasileiro.

Além de assumir o cargo de primeiro diretor do departamento de judô da Jukendô, Okochi colaborou para a vinda da missão da Kodokan formada por Kotani e Sato em 1939. Segundo Ishii (2015), ao redor de Okochi se reuniram os pioneiros do judô no Brasil, tendo como seus principais auxiliares, na tarefa de divulgar o judô, Seisetsu Fukaya e Sobei Tani, competidores e finalistas dos eventos da Jukendô durante a década de 1930.

Fukaya, Ishihara e Tani foram os três primeiros finalistas na competição *yūdansha* individual da Jukendô. Seisetsu Fukaya e Sadai Ishihara foram os principais vencedores das competições de judô até 1939, juntamente com Yasuichi Ono que chegou ao Brasil no ano de realização do 2º campeonato promovido pela Jukendô. Ishihara mudou-se posteriormente para o Paraná, onde se tornou figura central no desenvolvimento do judô naquele estado (VIRGÍLIO, 2002a). Ono e Fukaya, dois campeões dessa primeira era da Jukendô, tornaram-se personagens importantes no desenvolvimento do judô paulista nas décadas seguintes. Enquanto Fukaya se ocupou da organização do judô, auxiliando Okochi na fundação da Associação de Faixas Pretas da Kodokan, Ono tornou-se lutador profissional, promovendo o judô no circuito de lutas profissionais do Brasil (ISHII, 2015).

Em termos de organização, pode-se perceber que a forma com que o judô se organizou no Brasil através da Jukendô possui diferenças quanto ao que Brian Goodger e John Goodger (1977; 1980) descreveram com relação ao judô britânico. Enquanto na Grã-Bretanha havia muito espaço para a autoridade pessoal, a partir da criação da Jukendô no Brasil, a autoridade pessoal dos professores foi subordinada a um conselho composto pelos praticantes mais graduados ligados à Kodokan e à Butokukai. Havia, portanto, uma conexão direta do judô brasileiro com o Japão. Ainda assim, pode-se observar uma relativa independência da Jukendô em relação à Butokukai e a Kodokan, dado que não havia uma interferência direta dessas instituições nas decisões da federação. Neste sentido, a Jukendô parece ter tido forte conexão com o sistema *iemoto* (SAEKI, 1994), isto porque fica evidente que tanto a graduação, como a antiguidade, e a ligação com as instituições do Japão (Kodokan e Butokukai), eram valores importantes para seus membros.

Ainda que fizessem parte do conselho diversos membros ligados à Kodokan, a forma com que a Jukendô se desenvolveu inicialmente parece de acordo com as mesmas características com que a Butokukai se expandiu pela Ásia (CHENG; LEE; CHIN, 2021). Isto se dá pela forma com que os valores espirituais do *bushidô* e *yamato-damashii* foram constantemente ressaltados, a importância dada à promoção de eventos em que combinavam mais de uma modalidade de *budô*, a publicação da revista "Butoku" (KOBAYASHI, 2010) homônima da versão publicada pela Butokukai no Japão e, o caso mais simbólico, o planejamento de construção de um *Butokuden* em 1938, maior símbolo arquitetônico da Butokukai (CHENG; LEE; CHIN, 2021). Talvez seja sintomático, portanto, que o professor escolhido para o *dôjô* provisório, que iniciou a construção deste *Butokuden*, tenha sido Ryuzo Ogawa, que enfatizava a prática do *budô* como forma de promover o espírito japonês (KAIKAN, 1937).

Tal como a Butokukai, a Jukendô utilizou-se do sistema de filiais (*shibu*) para expandir sua atuação por todo o estado de São Paulo, em um modelo semelhante ao que era desenvolvido pela Butokukai no Japão. Este sistema possibilitou a comunicação e intercâmbio prático entre a capital, onde ficava a sede da Jukendô, e as diversas regiões do interior de São Paulo onde havia comunidades japonesas.

A pouca interação que havia entre a Jukendô e os brasileiros parece ter se modificado somente após a vinda da missão da Kodokan, composta por Sumiyuki Kotani e Chugo Sato em 1939, quando pela primeira vez a Jukendô elegeu um presidente brasileiro. Este fato representa um primeiro distanciamento do sistema *iemoto*, dado que Mario Miranda não somente não era japonês, como também não possuía conexão direta com a Kodokan ou a Butokukai, assim como não possuía graduação alta no judô sendo, possivelmente, naquele momento, apenas *shodan*. Sendo assim, o grupo que formou a Jukendô inicialmente rejeitou a cultura de assentamento, e teve como estratégia de aculturação o afastamento intencional, iniciando o processo de adaptação à cultura de assentamento somente no momento próximo à sua dissolução.

Em termos regulatórios, a fundação da Jukendô em 1933 não parece ter tido qualquer tipo de percalço. Naquele momento o esporte brasileiro ainda era pouco regulado pelo Estado (TUBINO, 2002), e a presença de autoridades brasileiras no evento de fundação parecem representar uma relativa aceitação da política brasileira quanto à sua existência. Ao mesmo tempo, visto que congregava os mais graduados judocas do Brasil no seio da colônia, não possuía concorrente direto frente ao público da colônia que buscava a prática do judô tal como praticado no Japão.

Na década de 1930, o concorrente para o judô da Jukendô era o judô praticado profissionalmente nos ringues brasileiros, sob o nome de jiu-jítsu. Entretanto, as duas práticas pareciam cativar públicos diferentes. A Jukendô não se aproximou do público brasileiro até o momento mais próximo de sua dissolução, quando elegeu Miranda para a presidência. É provável que naquele momento já não houvesse tempo para uma mudança de rumos dado que houve um recrudescimento político na situação dos imigrantes dos países do Eixo, as barreiras para a Jukendô como organização se ampliaram, culminando com a dissolução em 1942. O próprio Mario Miranda deixou a presidência da Jukendô em pouco tempo, visto que em 1940 viajou para o Japão, onde tornou-se membro da Kodokan no ano seguinte (NO MUNDO..., 1941).

Ainda que seja possível observar iniciativas de colônias japonesas, em outras regiões do mundo, com o objetivo de regulamentar e organizar o judô após sua introdução, por exemplo, o caso da formação de *yûdanshakai* pelos judocas japoneses das colônias nos Estados Unidos

(FUSHIMI, 1992). O caso da Jukendô no Brasil pode ser considerado particular, dado que parece ter se aproximado, como organização, do tipo de expansão que foi feito nas colônias do Império do Japão através da Butokukai. Não somente isso, ao ser efetivamente controlada e gerida por japoneses até praticamente a sua dissolução, a prática do judô pela Jukendô não sofreu um processo acentuado de aculturação após a interação com a cultura brasileira.

Visto que a Jukendô foi criada por japoneses, e para japoneses, isto parece ter contribuído para a manutenção da prática e organização do judô na colônia de uma maneira muito próxima à vista no Japão. Por outro lado, a organização parece ter sofrido influência, também, dos conflitos, contradições e disputas políticas presentes no contexto político japonês, e no judô japonês, daquele tempo.

6 A FRAGMENTAÇÃO DO JUDÔ BRASILEIRO

6.1 Kodokan do Brasil, o grupo de Okochi

Após a dissolução da Jukendô, o judô praticado entre os membros da colônia japonesa se dividiu em três grupos: a Kodokan do Brasil, sob liderança de Tatsuo Okochi, a Budokan, liderada por Ryuzo Ogawa, e a Academia Ono, liderada pelos irmãos Yasuichi e Naoichi Ono (VIRGÍLIO, 2002a). Entre estes três grupos, aquele que reuniu a maior quantidade de professores da colônia remanescentes do período pré-Guerra foi a Associação de Faixas Pretas da Kodokan no Brasil. O nascimento desse grupo se deu ainda durante o período de desenvolvimento da *Hakkoku Jûkendô Renmei*, e tinha como objetivo regularizar a graduação dos praticantes do Brasil diretamente com a Kodokan no Japão.

Graduação no judô (quinto grau), integridade, liderança e posição econômica estável fizeram de Okochi o líder dos professores originários do Kodokan no Brasil, grupo esse formado pelos (pro)fessores Tani, Fukuoka, Kihara, Yoshima, Akao, Naito e Terazaki. (VIRGÍLIO, 2002a, p. 261).

A associação foi criada em 1938, momento em que o crescimento da *Hakkoku Jûkendô Renmei* propiciou uma série de ações por parte de sua diretoria, no sentido de melhor regular e promover a prática do judô. Se por um lado a Jukendô fundou um *dôjô* no início do ano com o objetivo de transformá-lo em um *Butokuden* pelos moldes da Butokukai, por outro lado, houve ao final do mesmo ano, a primeira tentativa de criação de uma *yûdanshakai* (associação de faixas pretas) inserida no sistema usado pela Kodokan. Em 25 de dezembro de 1938, Tatsuo Okochi, o principal líder da Kodokan no Brasil anunciou no jornal Notícias do Brasil a criação da *yûdanshakai*. A primeira ação da recém-formada associação foi organizar as graduações dos praticantes do Brasil e, aceitando filiações também de membros da Butokukai, Okochi começou a se comunicar com o presidente da Kodokan para buscar a oficialização da *yûdanshakai* brasileira (KINKOKU, 1938).

A formação desta associação na década de 1930 foi o ponto de partida de formação do grupo que se reuniu sob a liderança de Tatsuo Okochi após a Segunda Guerra Mundial, e ficou conhecido como Kodokan do Brasil (VIRGÍLIO, 2002a). Em 1952, constam como membros da Kodokan do Brasil no jornal Notícias do Brasil: Tatsuo Okochi, Shigeichi Yoshima, Sobei Tani, Shojiro Higuchi, Benichi Egoshi, Akira Sato, Yoshimatsu Kusahara, Hideki Yoshida, Katsutoshi Naito, Seisetsu Fukaya, Tomiyo Tomikawa, Takeshi Kunii, Shin'ichi Hashizume,

Kenji Katsumata, Noboru Ogino, Kiyoshi Tsukiyama, Tokuzo Terazaki, Sadai Ishihara, Kikura, Koji Matsumoto, Sada Miura, Ryuzo Akao, e Yasunobu Inoue (NIHON-DEN..., 1952).

6.2 Fukaya e Tani, lideranças da Kodokan na Capital

Entre os membros da Kodokan do Brasil que se destacaram na organização do judô, após a Segunda Guerra, na capital do estado de São Paulo foram Sobei Tani e Seisetsu Fukaya que lideraram as iniciativas supervisionadas por Okochi. Ambos participaram da primeira edição do *Budô/Jûkendô Taikai* em 1933 e, em meados da década de quarenta, deram sequência à divulgação do judô em São Paulo. “Os dois faziam lembrar os antigos samurais; para onde quer que fossem, iam juntos, percorrendo as várias regiões [...] a fim de divulgar o judô” (ISHII, 2015, p. 64-65).

Eles podem ser considerados os verdadeiros pioneiros do atual judô brasileiro. Os dois são totalmente opostos, pois, enquanto o senhor Tani é de pequena estatura, o senhor Fukaya tem porte avantajado. Em relação à origem, o senhor Tani é natural de Kyushu, ao sul do Japão, e o senhor Fukaya nasceu em Tohoku, nordeste do país. O senhor Tani é loquaz e hábil em trabalhos manuais, ao passo que o senhor Fukaya é do tipo calado e não tem habilidades manuais. Totalmente contrários, eles viviam brigando, mas eram amigos inseparáveis. (ISHII, 2015, p. 57).

Fukaya passou a dar aulas no Instituto Jaguaribe a partir de 1944 (O JUDO..., 1944; FUKAYA..., 1946) e no Esporte Clube Pinheiros que tinha como coordenador técnico Heney Awed (A ARTE..., 1944). O sucesso da prática do judô no Esporte Clube Pinheiros possibilitou em 1945 a instalação de um tatame moderno de judô e, em pouco tempo, o crescimento do número de praticantes se deu de tal forma que o clube podia ser considerado a melhor agremiação de amadores da cidade de São Paulo - segundo matéria do Correio Paulistano (A TRANSFORMAÇÃO..., 1945). Em 1945, através de Awed e Fukaya, o Esporte Clube Pinheiros começou a organizar competições de judô (O JUDO..., 1945). Outros membros do Esporte Clube Pinheiros incluíam Hirano, Paba e Mario Botelho de Miranda, que havia sido eleito presidente da Jukendô em 1939, e havia retornado no início da década de 1940 do Japão, onde se tornou membro da Kodokan (MIRANDA, 1944).

Entre os professores de judô do grupo de Okochi, e remanescentes da Jukendô, é de junho de 1947 a primeira notícia encontrada sobre uma tentativa de reorganização do judô, a partir de uma federação própria, pela fundação da *Zenpaku Jûdô Renmei* ou Federação

Brasileira de Judô (ZENPAKU..., 1947a). Segundo esta notícia, no dia 25 de maio, um domingo, 14 judocas graduados reuniram-se na casa de Tatsuo Okochi em São Paulo para discutir diversos assuntos referentes à popularização do judô como esporte, e ao aprimoramento do treinamento do judô no país. A questão central da reunião foi a recriação de uma federação de judô que unificasse os praticantes no Brasil. A reunião contou com a participação de Naito, Okochi, Fukaya, Higuchi, Tani, Matsumoto, Katsumata, Onoda, Nukariya, entre outros. A partir desta reunião, decidiram os participantes que seria realizado um campeonato brasileiro de judô para os dias 16 e 17 de agosto daquele ano (ZENPAKU..., 1947a). Este teria sido, segundo consta no jornal Notícias do Brasil, o primeiro campeonato brasileiro de judô organizado após a Segunda Guerra (DANTAI..., 1947). Considerando o número da edição do campeonato usado pelos organizadores (11º), é provável que a recém-criada Federação Brasileira de Judô ainda considerava que esse campeonato era uma continuação das antigas competições de judô da *Hakkoku Jûkendô Renmei*. No dia 8 de agosto, foi noticiada a alteração de data da competição para os dias 30 e 31, demonstrando ser Seisetsu Fukaya um dos organizadores e o responsável por receber as inscrições dos participantes da competição (ZENPAKU..., 1947b).

Com relação ao campeonato, inscreveram-se as equipes de Mogi das Cruzes, Suzano, Jaraguá, Marília, Bastos, Paraguassú, A. Machado, Lins e São Paulo (SEMARO..., 1947). Estiveram presentes no campeonato os diretores da Associação de Esportes do Estado de São Paulo e, consta que houve uma grande participação de brasileiros, entre os 130 participantes. A única questão negativa relatada nos jornais foi a baixa presença de atletas na categoria *yûdansha*, ainda que o Brasil já contasse nessa época com diversos praticantes detentores da graduação de *shodan*, e do segundo e terceiro *dan*. Os organizadores também lamentaram a dificuldade de comunicação do campeonato no período após a guerra (DANTAI..., 1947), possivelmente se referindo ao fechamento dos diversos jornais da colônia com que contavam os membros da Jukendô antes da guerra para estimular a participação nas competições.

Em 1947, no I Campeonato Brasileiro, na competição por equipes, venceu a equipe de Mogi das Cruzes. Na categoria *yônen* do torneio individual os atletas foram divididos em grupo A e B, e nos dois grupos saíram vitoriosos atletas de Mogi, no Grupo A, Tadashi Kojima, e no grupo B, Teruo Nishikata. No torneio de *shônen* individual venceu Shûen Shiozawa, de Jaraguá, e em segundo lugar ficou Takahashi de Mogi das Cruzes, em terceiro lugar, Suzuki de Jaraguá. Na competição *yônen* por equipes, em primeiro lugar ficou a equipe de Jaraguá, em segundo lugar, Cooper Cotia, e em terceiro, Mogi das Cruzes. Na competição por equipes *shônen*, em primeiro lugar ficou a equipe de Jaraguá, em segundo, Mogi das Cruzes, e em terceiro, Cooper

Cotia. Na competição da categoria adulto individuais *dangai*, até terceiro *kyu*, venceu Kurita de Cotia. Para primeiro e segundo *kyu*, em primeiro lugar ficou Tanaka de Mogi das Cruzes e, em segundo, Nishimura de São Paulo. Na competição *yūdansha* individual, venceu Martins (2° *dan*), de São Paulo, e em segundo ficou Durval (2° *dan*), de São Paulo. Com relação ao torneio por equipes, a equipe vitoriosa foi Mogi das Cruzes, em segundo lugar ficou São Paulo, em terceiro Jaraguá e, em quarto, Cooper Cotia. Os árbitros foram Ryuzo Akao (2° *dan*) e Shigeichi Yoshima (3° *dan*) (DANTAI..., 1947).

Ficou decidido em reunião organizada durante o campeonato a fundação da Associação de Faixas Pretas do Brasil no dia primeiro de setembro, logo após a competição (SEMARO..., 1947). Não foi possível estabelecer através dos jornais coletados a composição, naquele momento, da diretoria desta organização. Entretanto, segundo Virgílio (2002a), Katsutoshi Naito foi eleito presidente.

A criação da *Zenpaku Jūdō Renmei* reascendeu na colônia a vontade de organizar o judô. A partir da organização desta primeira competição, outras iniciativas entre os grupos que participaram do evento começaram a surgir pelo Estado de São Paulo. Em 28 de setembro do mesmo ano, em comemoração aos dez anos de fundação da filial da Linha Central do Brasil da *Hakkoku Jūkendō Renmei*, a *Hakkoku Chuō-sen Jūkendō Renmei*, foi realizado um torneio de judô e kendô nos mesmos moldes das antigas competições da Jukendô (ÔJI..., 1947). Tendo como principais promotores por parte do judô, Katsutoshi Naito, Tokuzo Terazaki, e Ishio Sadao, o campeonato da *Chuō-Sen Jūkendō Renmei* (Federação de Judô e Kendô da Linha Central) foi descrito pelos jornais como um sucesso, recebendo 306 atletas e três mil espectadores (ÔJI..., 1947). Portanto, fazendo ainda mais sucesso que o Campeonato Brasileiro da *Zenpaku Jūdō Renmei*.

Assim como pode ser visto pelo exemplo do caso do renascimento da filial da Jukendô da Linha Central após a Segunda Guerra (ÔJI..., 1947), nas demais regiões do interior onde existiram filiais da Jukendô, a estrutura se manteve e, iniciativas locais passaram a receber atenção dos jornais da colônia. Na cidade de Bastos, por exemplo, foi organizado um campeonato de Jukendô em dezembro de 1947, pela *Jūkendō Seinendan* de Bastos durante a cerimônia de abertura da associação, liderado por Kato (KASUKATTA..., 1947). Em janeiro do ano seguinte foi, também, organizada uma competição de judô em Marília, outra cidade que tinha uma filial que se destacou nas competições de judô da antiga Jukendô. Esta competição foi organizada por Noboru Ogino (3° *dan*) (MARÍLIA..., 1948). Como resultado destas duas iniciativas, em março de 1948 os grupos de judô das duas colônias se reuniram para um torneio (MA-GUN..., 1948). Ainda, no mesmo ano, Massao Mori, que possuía um *dōjō* em Araçatuba,

promoveu o “I Campeonato de Judô da Linha Noroeste”, objetivando, também, criar uma Associação de Faixas Pretas que reunisse os praticantes da Linha Noroeste (DAIICHIKAI..., 1948; ARAÇATUBA..., 1948). Entre os praticantes de judô da Linha Sorocabana, em 1950 foi fundada a *yûdanshakai* da Linha Sorocabana, tendo como presidente Yoshimatsu Kusahara, e como vice-presidente, Yokichi Kimura (PAN-SORO..., 1950).

Observando a movimentação do judô no interior, em 1948, Sobei Tani, ligado ao grupo de Tatsuo Okochi, e um dos organizadores do primeiro Campeonato Brasileiro de Judô (*Zenpaku Jûdô Taikai*), foi a Bastos e Marília com seus alunos faixas pretas Suzuki, Ito, Shiozawa e Yokoi, buscando aproximar o judô do interior do estado com o da capital, com o objetivo de promover a cooperação e intercâmbio entre esses grupos para a divulgação do judô no futuro. Além disso, convidou os praticantes dessas duas cidades para participar do Campeonato Brasileiro planejado para o ano seguinte pela *Zenpaku Jûdô Renmei* (JÛDÔ..., 1948a). Em setembro, Tani continuou visitando o interior, enquanto Fukaya preparou uma reunião entre os praticantes das várias academias em seu *dôjô* na capital para um treinamento conjunto. Havia, segundo o artigo do jornal Notícias do Brasil, o interesse entre esses praticantes que se organizavam por todo o estado, em reviver a popularidade que tiveram as competições da Jukendô antes da guerra (YOI..., 1948).

Com relação ao Campeonato Brasileiro organizado por Okochi e seu grupo da *Zenpaku Jûdô Renmei*, entretanto, não foram encontradas informações de competições para os anos posteriores. Partindo do pressuposto de que a falta de informações se deu pela não continuidade do evento, não ficaram claras as razões pelas quais a segunda edição do campeonato não ocorreu. Por outro lado, seus principais organizadores continuaram a promover outras iniciativas para divulgar o judô em São Paulo. Em setembro de 1948, Fukaya, Tani, Katsumata e Hashizume lideraram um movimento para a realização do 1º Torneio Suburbano de Judô de São Paulo (*Seishi Kinkô Senshusei Jûdô Taikai*), então programado para o terceiro domingo de outubro (YÔ-BÔ..., 1948).

O torneio foi patrocinado pelo *dôjô* Tani da *Jaraguá Seinenkai*, o *dôjô* Hashizume da Itapecerica *Seinenkai*, o *dôjô* Matsumoto de Cooper Cotia, o *dôjô* de Katsumata, e o *dôjô* de Fukaya. Segundo os jornais, o local do torneio foi a Chácara Pirajussara, em Caxinguí, e as inscrições foram recebidas novamente por Seisetsu Fukaya (JÛDÔ..., 1948b). A competição foi dividida nas seguintes categorias: Grupo A, *yûdansha* e *dangaisha* adulto, grupo B, dezoito anos e abaixo, grupo C, quinze anos e acima, grupo D, doze anos e abaixo, para as competições individuais. Uma disputa de *kohaku shiai* foi realizada entre uma equipe formada pelos

anfitriões (patrocinadores) contra uma equipe formada pelas demais academias presentes (SEISHI..., 1948).

A equipe de Jaraguá ganhou no *yônen* e *shônen* grupo A, através de Ito e Shiozawa. No grupo B do *shônen* venceu Tanikawa de Itapeçerica. No torneio de *dangaisha*, Kurobe de Suzano venceu Roberto Vieira, também de Suzano, nas finais. Na competição de *yûdansha*, Martins do Instituto Jaguaribe venceu Durval que veio à competição representando São Paulo capital (SEISHI..., 1948). Houve, ainda, durante a competição, um exame de graduação feito através de lutas. Martins e Durval receberam o 3º *dan* após enfrentarem cinco adversários cada. Ito, Suzuki e Saito receberam o 2º *dan*, e Kurobe recebeu o *shodan*. Os árbitros da competição foram Okochi, Naito, Terazaki, Yoshima, Fukaya e Tani (DETAZO!..., 1948).

6.3 Chuô-Sen Jûkendô Renmei, a liderança de Naito e Terazaki

Após a II Guerra Mundial, [...] com o aumento constante das atividades judoísticas, foi organizada uma entidade dos graduados do judô, tendo como presidente Katsutoshi Naito e como vice-presidente Tokuzo Terazaki. Porém, logo se viu a necessidade da organização de uma entidade mais ampla, e que atingisse o seu ensino e o aperfeiçoamento, sendo então fundada a Federação Nacional de Judô, cuja diretoria era a mesma da entidade anterior, isto é, Katsutoshi Naito Presidente e Tokuzo Terazaki Vice-Presidente. Entretanto, sendo o prof. Naito também presidente da Cooperativa Agrícola de Mogi das Cruzes, cuja administração exigia todo o tempo e atenção, a Federação Nacional de Judô ficou nas mãos do Prof. Terazaki. (VIRGÍLIO, 2002a, p.270).

Entre os diversos grupos remanescentes da Jukendô após o fim da Segunda Guerra, a principal organização a dar continuidade ao espírito do que foi a *Hakkoku Jûkendô Renmei* foi sua filial da Linha Central, a *Chuô-sen Jûkendô Renmei*. Seus principais líderes foram Katsutoshi Naito e Tokuzo Terazaki.

Ainda durante o período de existência da *Hakkoku Jûkendô Renmei*, em 1941 a filial da Linha Central promoveu pela primeira vez uma competição que englobava a cidade de São Paulo e arredores. No torneio por equipes participaram a filial de São Paulo capital, a Linha Central e a filial do Oeste de São Paulo (*Seisei*) (ISAMU..., 1941). Começou naquele momento uma ativa participação na promoção de torneios por essa filial que, entretanto, precisou encerrar as atividades no ano seguinte dada a dissolução da Jukendô no início de 1942.

Com o fim das atividades das associações japonesas, somente em 28 de setembro de 1947, em comemoração aos dez anos de fundação da *Chuô-sen Jûkendô Renmei*, ocorreu novamente um torneio de judô e kendô nos moldes da antiga competição, promovido pela Linha Central (ÔJI..., 1947). Tendo como principais promotores por parte do judô, Katsutoshi Naito, Tokuzo Terazaki, e Ishio Sadao, o campeonato da *Chuô-Sen Jûkendô Renmei* recebeu 306 atletas e três mil espectadores. A equipe vencedora no torneio de judô por equipes foi a filial de Palmeira em Suzano, e o atleta vencedor do torneio individual adulto, foi Yamaguchi. Os árbitros de judô foram Katsutoshi Naito, Tokuzo Terazaki e Benichi Egoshi (ÔJI..., 1947).

Dado o sucesso da competição, em janeiro de 1948 a diretoria da *Chuô-sen Jûkendô Renmei* se reuniu no *dôjô* de Tokuzo Terazaki para discutir o planejamento da segunda edição da competição (HOTARU..., 1948). O segundo campeonato de Jukendô (judô e kendô) organizado em Suzano ocorreu no *dôjô* Terazaki que, em 1948, recebeu uma placa com o nome *Shin'yokan* (真陽館). Além da competição, foram realizados exames de graduação e foi fundada uma associação de pesquisa em *budô* (*Budô Yûdansha No Kenkyukai*) (REPPAKU..., 1948).

O segundo Campeonato de Jukendô foi sediado no *dôjô* Terazaki, nos arredores de Suzano, nos dias oito e nove de maio. Participaram as seguintes equipes regionais: Cocuera, Campo Grande, Capela, São Bernardo, Santo André, Ribeirão Pires, Cidade de Suzano, Filial Norte de Suzano, Suzano Linha Central, Itaquaquecetuba, Arujá e Itaquera. Além dos 300 atletas que vieram dessas filiais, participaram também alunos das academias Fukaya, Katsumata e Tani. Entre os atletas brasileiros se destacaram Arsênio Martins, Ivan Siqueira e Roberto Vieira. A equipe de Cocuera venceu em todas as categorias dos torneios por equipes (NIHON..., 1948).

Com o sucesso da competição da Jukendô da Linha central, Terazaki passou a ser um professor muito requisitado no meio do judô. Por exemplo, no final de 1948, quando surgiu o interesse da abertura de uma academia de jiu-jítsu por dr. Costa, vereador da cidade de Santos, Terazaki foi convidado a fazer parte das demonstrações de inauguração das aulas que seriam ministradas por Mori e Miyazato, que viviam na cidade (NOBIRO..., 1948). A relação de Terazaki com o judô de Santos permaneceu por muitos anos, através de sua liderança, junto com Katsutoshi Naito, na Associação de Faixas Pretas do Brasil, e na *Dai Nippon Butokukai* da América Latina (JUDÔ..., 1969b).

As competições prosseguiram em 1949 quando foi organizado o terceiro torneio da Jukendô da Linha Central novamente no *Shin'yokan*, o *dôjô* de Terazaki, que se tornou o local preferencial dessas competições (SHIN'YOKAN..., 1949; BUNGEI-RAN..., 1949). Entre

outras iniciativas, no início do ano seguinte, em 26 de fevereiro, a Jukendô da Linha Central do Brasil realizou um seminário anual de treinamento de judô e kendô na cidade de Suzano, o *Jûkendô Renshû Kôshûkai*. Os participantes pelo judô foram Naito (5° *dan*), Terazaki (4° *dan*), Umehara, (1° *dan*), e outros membros não identificados pelo jornal. No mesmo dia, o grupo do judô realizou novamente as tradicionais lutas para as graduações de *dan*, em que Yoshiki Matsuzaki foi premiado com a graduação de *shodan* (YÛDANSHA..., 1950a).

Em 1950, seguiu o crescimento das competições de judô no *dôjô* Terazaki, que contavam com cada vez mais equipes participantes (JÛDÔKAI..., 1950). Nos dias oito e nove de abril participaram da competição as equipes Itagua, Norte de Suzano, Jabaquara, Cidade de Suzano, Ribeirão Pires, Campo Grande, Caputera, Arujá, São Bernardo, Suzano Linha Central, *Shin'yokan* norte de Suzano, Mogi das Cruzes, Registro, Piedade, Campos, outras três regiões que não foram possíveis de identificar, além do *dôjô* Ono e o *dôjô* Tani. Na classificação geral, saiu vencedora a equipe *Shin'yokan* de Terazaki. Em primeiro lugar na competição por equipes (*seinen-bu*) ficou a equipe de Cocuera e, em segundo lugar, a equipe do *Shin'yokan*. Nas lutas individuais, saiu-se vencedor do *shônen-bu*, Akiyama do *dôjô* Tani, em segundo “Rumans” (ルーマンス) do *dôjô* Ono e, em terceiro, Ito do *dôjô* Tani. O campeão individual adulto foi Furuyama (SHUTSUJÔ..., 1950).

O quarto campeonato da Jukendô da Linha Central ocorreu três meses depois, em 22 e 23 de julho, no mesmo local. Na competição de *yûdansha* venceu Nobuhiro Kurobe, em segundo, José Roberto, em terceiro, Furuyama. No torneio *Shônen*, grupo A, venceu Akira, e em segundo ficou Eguchi. No grupo B, venceu Matsui, em segundo ficou Hiratsuka, e em terceiro, Kobayashi. Na categoria *dangaisha* no grupo B venceu Makita, e em segundo ficou Yoshida. No grupo A, venceu Hayakawa, e em segundo ficou Clabin (KENGAKU..., 1950).

6.4 O Decreto-lei de 1941 e a estrutura do esporte no Brasil

Ainda que iniciativas de reconstrução do trabalho da *Hakkoku Jûkendô Renmei* pela colônia japonesa tenham ressurgido após a Segunda Guerra, a partir de 1941 os professores japoneses não possuíam mais legitimidade, sob a lei brasileira, para dirigir suas próprias organizações. De fato, o período imediatamente posterior à dissolução da Jûkendô foi também o período de organização da estrutura do esporte brasileiro. Enquanto na década de 1930, período de fundação da Jukendô, havia espaço e liberdade para a formação de diversas entidades esportivas concorrentes, dada a falta de uma regulação que regesse os esportes, o

Decreto-lei 3.199 de 1941 estabeleceu um controle rígido de quem poderia dirigir as organizações esportivas, e quais organizações esportivas (agora sob controle do governo) tinha a autoridade sobre quais esportes (TUBINO, 2002).

No início da década de 1930 o esporte brasileiro era desorganizado, isto se dava devido aos conflitos decisórios quanto às participações internacionais. Assim, sem interferência do governo, as entidades dos diversos ramos esportivos se autorregulavam, obedecendo (em certa medida) os regulamentos internacionais. Possivelmente influenciado por países como Itália e Alemanha, o governo do Estado Novo sentiu a necessidade, na metade da década de 1930, de regulamentar o esporte no país (TUBINO, 2002).

A era Vargas teve como uma de suas principais marcas uma profunda ambiguidade entre modernização e tradição. Por um lado, o país atravessava uma grande modernização econômica e social, com a implementação de ampla gama de políticas sociais, envolvendo a regulamentação da educação, do serviço público, do trabalho e da cultura, por exemplo, e com uma crescente racionalização do aparelho burocrático do Estado. [...] Junto a essa modernização, conviviam fortes características tradicionais, representadas pelas oligarquias regionais que ainda possuíam grande influência junto ao governo.

Tal ambiguidade pode ser também encontrada nas relações entre Estado e esporte [...] (DRUMOND, 2009, p.217).

A oficialização dos esportes, através da intervenção do Estado, aparece pela primeira vez em meados de 1935. A primeira medida no que diz respeito à regulamentação do esporte foi o Decreto-lei n.526 de 1938, que criou o Conselho Nacional de Cultura, que visava o desenvolvimento cultural da Educação Física. No ano seguinte, o Decreto-lei 1.056 instituiu a Comissão Nacional de Desportos. Essa comissão iniciou o movimento que gerou o Decreto-Lei 3.199 em 1941 (DRUMOND, 2009).

Ainda que o principal esporte a gerar conflito e dificultar a organização do esporte tenha sido o futebol (devido ao início do profissionalismo), quando o Estado regulamentou as atividades esportivas, foi além do futebol. O Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941 foi a primeira legislação esportiva a estruturar o esporte do país e permitiu a burocratização, ou “cartolização” do esporte. Foi a partir desse decreto que oficialmente o esporte brasileiro passou a ter uma estrutura burocrática, tendo no lugar mais alto de sua hierarquia, o Conselho Nacional de Desportos (TUBINO, 2002).

Além do Conselho Nacional de Desportos, o decreto constituiu as seguintes confederações que, a partir de então, seriam responsáveis por administrar o esporte:

Confederação Brasileira de Desportos, Confederação Brasileira de Basket-ball, Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), Confederação Brasileira de Vela e Motor, Confederação Brasileira de Esgrima e Confederação Brasileira de Xadrez (TUBINO, 2002).

Nas duas décadas que seguiram, a estrutura criada em 1941 praticamente permaneceu inalterada. Alexandre Djukitch descreveu em 1961, no jornal *Correio da Manhã*, como se dava a estrutura do esporte no Brasil desde a formulação do decreto-lei promulgado em 1941. Em poucas linhas, explica Djukitch, o brasileiro adquiria a formação e aperfeiçoamento esportivo: nos estabelecimentos escolares, nas universidades, nas forças armadas, nos estabelecimentos de recreação industrial e comercial, nos clubes e agremiações (que compunham em 1961 quase 80% das instalações e técnicos esportivos) (DJUKITCH, 1961).

Esses cinco setores de práticas esportivas eram autônomos e sem relações definidas entre si. Dos cinco setores, apenas dois eram ligados ao Conselho Nacional de Desportos: o esporte universitário e os clubes esportivos. Os primeiros passos no esporte se davam através da escola com os professores de Educação Física, este setor era subordinado ao Ministério da Educação através da Divisão de Educação Física. O esporte militar e aquele praticado na indústria e comércio, eram ligados à Comissão Desportiva das Forças Armadas, e ao Ministério do Trabalho, respectivamente (DJUKITCH, 1961).

As federações regionais responsáveis pelos clubes que ensinavam modalidades de luta eram ligadas à CBP. A CBP era considerada um tipo de Confederação “eclética”, em outras palavras, congregava esportes diferentes. No caso particular da CBP, os esportes de combate, excetuando a esgrima. A CBP era subordinada ao Conselho Nacional de Desportos que, por sua vez, tinha como atribuição conceder alvarás, efeitos suspensivos, verbas às entidades e medalhas aos dirigentes. Cabia, portanto, à CBP dentro da estrutura do Conselho Nacional de Desportos, coordenar clubes e agremiações esportivas ligadas ao esporte de combate no Brasil, entre eles, o judô (DJUKITCH, 1961). São citados como esporte de combate sob controle da CBP em 1950 o boxe, o jiu-jítsu, o judô, a luta, e o savate (DIREITO..., 1950). Enquanto em 1950 o judô e o jiu-jítsu fossem reconhecidas como modalidades esportivas diferentes, é importante destacar que, ao final da década de 1940, era atribuído às lutas nos ringues profissionais a principal forma de introdução do judô no Brasil (ÓTIMA..., 1949; DESENVOLVE-SE..., 1949). Era a essa tradição esportiva a que se dava o nome de jiu-jítsu.

Por força do Decreto-Lei 3.199 de 14 de abril de 1941, foi criada a entidade máxima com o nome de Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP), controladora e principal responsável pelo desenvolvimento e engrandecimento do pugilismo nacional, sob suas diversas modalidades: box,

luta-livre, greco-romana, “catch-as-catch-can”, judô, “jiu-jitsu”, capoeiragem, luta americana e todas que são praticadas em ringues, “tatames” ou tapetes para tais fins. (SÍNTESE..., 1958, p.29).

Segundo Djukitch (1961), a atribuição do Comitê Olímpico Brasileiro era de preparar as seleções e delegações que participavam dos Jogos Olímpicos e Pan-Americanos. Entretanto, diz em seu artigo, lembrava somente uma agência de viagens para os atletas e dirigentes que participavam desses eventos.

O decreto criou, ainda, a figura das associações desportivas, que poderiam se ligar às respectivas federações regionais, e os estatutos das associações deviam ser aprovados pelas federações a que se vinculassem (TUBINO, 2002).

Por fim, o Decreto-lei n. 3.199 criou barreiras à participação feminina por sugestão do general Newton Cavalcanti. A participação feminina tornou-se exclusiva às modalidades “aconselhadas” às mulheres. No caso do judô, o impedimento permaneceu por anos, tendo como ponto de virada o ano de 1979, sete anos após a oficialização da CBJ, e mais de três décadas após a instituição do decreto (DE SOUZA; MOURÃO, 2011).

6.5 A Confederação Brasileira de Pugilismo

Em 1933 foi fundada a Federação Brasileira de Pugilismo, mas com a assinatura do Decreto Lei 3199, em abril de 1941, a entidade passou a ser Confederação Brasileira e antes os esportes de ringue tinham filiação na CBD. A fundação, não despertou muita luta, como era de esperar e contou com São Paulo, Distrito Federal e Estado do Rio. Atualmente a CBP além dos fundadores, conta com o Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Bahia, Ceará e Pernambuco. Paschoal Segreto Sobrinho é o presidente, desde que existe a CBP. (GRANDE..., 1958, p.39).

Com relação aos dirigentes da CBP, dado que o controle da entidade se deu até 1969 pelas mãos de Paschoal Segreto Sobrinho, os principais dirigentes ligados ao judô podem ser encontrados na eleição da nova diretoria em 1954, ano do primeiro Campeonato Brasileiro de Judô: presidente, Pascoal Segreto Sobrinho; vice-presidente, Gastão Luis Detsi; diretor técnico, Jamil Calil Nasser. Além disso, com relação às entidades filiadas em meados dos anos cinquenta, estavam presentes na votação: a Federação Metropolitana (Guanabara), Federação Paulista, Federação Baiana, Federação Riograndense, Federação Pernambucana e Departamento de Pugilismo da Federação de Desportos do Amapá (REELEITO..., 1954).

Paschoal Segreto Sobrinho foi o primeiro presidente da Confederação Brasileira de Pugilismo, e sua administração perdurou até seu falecimento em 1969. Segreto herdou a Empresa Paschoal Segreto de Diversões S.A. do pai. A família Segreto chegou ao Brasil no início do século XX quando o pai de Paschoal, Gaetano Segreto, deixou a Itália. Após se mudar para o Rio de Janeiro, fundou o Teatro Carlos Gomes, os cinemas São José e Marrocos, além de vários apartamentos e hotéis. Nascido em 1902, Paschoal Segreto Sobrinho tornou-se empresário, e dividia seu tempo como empresário com o interesse pelo esporte. No Flamengo, conseguiu junto ao prefeito Pedro Ernesto a doação dos terrenos onde foi construído o estádio da Gávea, e a antiga sede do Clube de Regatas Flamengo, na Praia do Flamengo, na ocasião era o presidente do clube. Em 1947 fundou o clube Boqueirão do Passeio e organizou a primeira corrida automobilística do Rio de Janeiro (FAMÍLIA..., 1969).

O interesse da CBP no judô estava ligado à possibilidade de participação nas competições internacionais que estavam surgindo. Em entrevista no ano de 1953, um ano antes do I Campeonato Brasileiro de Judô organizado pela CBP, Paschoal Segreto afirmou que pretendia a CBP ter uma equipe representante nas próximas olimpíadas na modalidade de judô (PREVISTA..., 1953). Esta informação é interessante do ponto de vista da organização do judô, não somente por demonstrar as motivações que levaram a CBP a apoiar a modalidade, como também por demonstrar que já no ano de 1953 existia o entendimento entre a burocracia esportiva no Brasil de que havia um movimento empenhado em incluir o judô como esporte olímpico.

Uma das atribuições das confederações esportivas, segundo o Decreto-lei de 1941, era de regulamentar os esportes no Brasil tal qual eram regulamentados pelas instituições internacionais e, para isso, afirma também Segreto em 1958, que a CBP se empenhou nesse sentido:

No setor referente ao Judô tivemos o mérito de integrar o Brasil, dentro da prática internacional dessa modalidade desportiva de luta que é regulamentada pela Federação Internacional de Judô, com sede em Tóquio, Japão, da qual o nosso país já é filiado, tendo com isso terminado as dúvidas existentes sobre a prática que tínhamos desse tipo de luta. O progresso nesse setor é notável e o incremento do Judô é impressionante tanto no Rio, como em São Paulo, Belo Horizonte, Niterói, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Fortaleza e várias outras cidades do Brasil. (SÍNTESE..., 1958, p.29).

Com relação à origem da renda da CBP, em matéria de 1958, Paschoal Segreto Sobrinho revelou que cada filiada desembolsava Cr\$ 100,00. Entretanto, era comum que durante a

reunião de assembleia fosse perdoado o não pagamento desta taxa dadas as dificuldades financeiras que existia entre todas as filiadas (GRANDE..., 1958). Com relação à sua sede, Sobrinho revelou, também em 1958, que a sede da CBP funcionava em seu escritório particular, visto que não havia, segundo ele, dinheiro para o pagamento de aluguel em outro local, e que havia dificuldade em conseguir instalações próprias (GRANDE..., 1958).

6.6 Jiu-jítsu, a vertente brasileira do judô japonês

Dado o anteriormente exposto, portanto, em 1941, pouco antes de ocorrer a dissolução da Jukendô, o decreto-lei 3.199 passou a regular os esportes no Brasil e instituiu a CBP como responsável por todas as atividades esportivas de luta no país (TUBINO, 2002). Com o fim da Jukendô, o jiu-jítsu (judô) passou a ser oficialmente regulado por essa organização e, as novas diretrizes, como o impedimento de direção das federações esportivas por estrangeiros, impediu que qualquer nova federação de judô fosse fundada pela colônia japonesa oficialmente. Após sua dissolução, a autoridade exercida pela Jukendô se diluiu entre os professores japoneses, formando grupos divergentes, e dificultando a união de todos em uma mesma organização (VIRGÍLIO, 2002a).

Enquanto a Jukendô buscava equilibrar o modelo de judô promovido pela Kodokan e pela Butokukai em uma mesma organização, no Rio de Janeiro, por outro lado, a organização do judô foi conduzida sob o nome de jiu-jítsu desde o princípio. Por esta vertente que se firmou a partir da chegada de Mitsuyo Maeda, o jiu-jítsu (VIRGÍLIO, 2002b) passou a ser regulado pela Federação Brasileira de Pugilismo desde meados da década de 1930, quando a federação oficializou as regras das disputas competitivas do jiu-jítsu como modalidade esportiva (TAKESHITA, 1963).

Por esta vertente, na década de 1940, se destacou entre os brasileiros a academia dos irmãos Gracie (CAIRUS, 2020). Por outro lado, no caso dos japoneses, os principais integrantes desta vertente foram Yasuichi Ono, que se desligou da Jukendô ainda na década de 1930 (OKANO, 2020), e Takeo Yano, que, no início da década de 1940 ainda ensinava jiu-jítsu na Associação Cristã de Moços no Rio de Janeiro (A FESTA..., 1944; ENTREGUES..., 1944). Geo Omori, outro nome importante entre os lutadores japoneses do jiu-jítsu, faleceu em 1938, enquanto Mitsuyo Maeda faleceu em 1941 (SILVA; CORREA, 2021). Assim, os irmãos Ono, e Takeo Yano, passaram a representar, a partir da década de 1940, os principais integrantes,

entre os japoneses, desta vertente desenvolvida no Brasil (O JIUJITSU..., 1943; ENTREGUES..., 1944).

Nesse sentido, o judô brasileiro possuía, ao mesmo tempo, duas vertentes desenvolvidas em decorrência do processo de aculturação. Por um lado, um judô que passou por um processo de ajustamento à sociedade brasileira, chamado de jiu-jítsu. Por outro, um judô formado a partir da rejeição à cultura de assentamento, que era o judô praticado no seio da colônia japonesa pela Jukendô. Nesse sentido, historicamente, retratam modos distintos com que a aculturação do judô ocorreu no Brasil.

Shigeru Kabayama, membro da Kodokan, que veio ao Brasil após a Segunda Guerra, observou essas diferenças. De acordo com Kabayama (1955), Mitsuyo Maeda não havia transmitido o verdadeiro espírito do judô a Hélio e George Gracie, visto que a prática pelos membros da família Gracie tinha cunho profissional e se focava em *katame waza* (luta no solo). Afirma, ainda, que o resultado disto era que o termo judô era rejeitado pelos Gracie que, por sua vez, acolhiam o termo jiu-jítsu.

Outro relato importante para entender essa questão vem do período anterior à guerra, em artigo de Sumiyuki Kotani que, assim como anteriormente exposto, veio em missão ao Brasil em 1939. Kotani expressou sua preocupação com relação à Takeo Yano e os irmãos Ono que, segundo ele, se distanciaram do judô Kodokan e passaram a participar das lutas profissionais de jiu-jítsu e a promovê-las (KOTANI, 1940).

A Marinha há muito contratou um japonês, Yano, 3º *dan*, como instrutor para a prática do judô japonês para os soldados, mas o Sr. Yano tem um espírito fraco, ele deixou este emprego por vontade própria e agora é um lutador profissional. Parece que abriu uma empresa de entretenimento e anda por todo o Brasil.[...] Existem irmãos chamados Ono que estão no mesmo negócio que Yano. O irmão mais velho se autopromove a 4º *dan*, e o irmão mais novo diz ser 2º *dan* [...]. (KOTANI, 1940, p.25, tradução nossa).⁴

Ainda que a dissolução da Jukendô (KOBAYASHI, 2010) tenha enfraquecido a principal organização de prática do judô introduzido pela colônia, a vinda de Kotani em 1939 ensejou, na década de 1940, a percepção no Brasil pela primeira vez da diferença entre as duas vertentes, com relação aos praticantes brasileiros (HELOL, 1940). A partir da vinda de Kotani diversos artigos passaram a tratar dessa questão, em parte, falando sobre o uso incorreto do

⁴ “海軍では前より日本の柔道を兵隊に実施さすべく、日本人の矢野参段を指導者として採用したが、矢野君は精神が悪く、自分で離職して今では職業家になりブラジル中に興業して歩いてあるようである。[...] 矢野君と同じく興業してある者で小野君と言う兄弟がある。兄は自称四段と云い、弟は二段と云って [...]” (KOTANI, 1940, p.25).

termo jiu-jítsu como era usado no Brasil (A TRANSFORMAÇÃO..., 1945; DEFESA..., 1944; HELOL, 1940; NOGUEIRA, 1941; O JUDO..., 1944). Enquanto outros passaram a estabelecer diferenças entre o jiu-jítsu e o judô (A ARTE..., 1944). Nesse sentido cita-se o relato de Helol (1940) para o jornal Correio Paulistano em 28 de julho de 1940:

Até a visita feita ao nosso paiz pelos eruditos mestres do judô, Sato e Kotani, este systema de luta japoneza era conhecida entre nós, por jiu-jitsu. Nasceu, então, uma série de controvérsias quanto aos significados de ambas as palavras. (HELOL, 1940, p.17).

Entre aqueles que procuravam ressaltar as diferenças entre a prática do jiu-jítsu e do judô constavam como diferenciais o uso de golpes “contundentes e perigosos” a que se atribuía prática exclusiva do jiu-jítsu (A ARTE..., 1944). Nessa visão, o jiu-jítsu seria uma modalidade mais permissiva quanto às regras, permitindo socos, chutes, e qualquer tipo de chave ou estrangulamentos (O JIUJITSU..., 1943). A outra diferença apontada era o fato de o judô no Japão ser uma atividade amadora, sendo o profissionalismo vedado aos praticantes (A TRANSFORMAÇÃO..., 1945).

Entre as diferenças do judô praticado na Jukendô e o judô praticado sob o nome de jiu-jítsu estava primeiramente nas regras que tinham como maior diferença a inexistência da regra de “*ippon*” do judô - a vitória ao derrubar o adversário (REGRAS..., 1944). Com isso, as lutas se resolviam em sua maioria no solo, através de estrangulamentos e chaves articulares. Ainda, o judô praticado no Brasil sob o nome de jiu-jítsu permitia a seus praticantes tomarem parte em lutas profissionais que foram o principal meio de sua divulgação (CAIRUS, 2020), prática vedada pelas regras da Kodokan e da Butokukai (TOMIKAWA..., 1947). No que tange às graduações, a federação de pugilismo estabeleceu a seguinte ordem de faixas para o jiu-jítsu: primeira “classe”, faixa branca; segunda, faixa amarela; terceira, faixa laranja; quarta, faixa verde; quinta, faixa azul; sexta, faixa marrom; sétima, faixa preta (REGRAS..., 1944).

Outra questão a ser destacada sobre a prática do judô sob o nome de jiu-jítsu é de que na década de 1940 esta prática já fazia parte do currículo ensinado no curso da Escola de Educação Física do Exército, e na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (SOARES; FARIA, 1942; REGRAS..., 1944), como disciplina obrigatória (SOARES; FARIA, 1942). Portanto, este judô que passou precocemente pelo processo de aculturação, recebendo o nome de jiu-jítsu, e que era ensinado por um currículo próprio e independente daquele idealizado pela Kodokan, se espalhou pelo país através dessas entidades de ensino e formação de professores de Educação Física.

Com relação ao ensino do jiu-jítsu como disciplina curricular da Educação Física, destacavam-se os instrutores da Escola de Educação Física do Exército (NOGUEIRA, 1941) e da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (SOARES; FARIA, 1942). O nome de Alberto Latorre de Faria se destaca nesse processo dado que era instrutor do método jiu-jítsu na Escola Nacional de Educação Física e Desportos e foi uma das pessoas que passou a indagar, na década de 1940, as diferenças entre aquilo que foi propagado com o nome de jiu-jítsu, e o método japonês de judô (SOARES; FARIA, 1942; REGRAS..., 1944). Após assumir a função de professor de jiu-jítsu na ACM, substituindo Takeo Yano, Latorre passou a implementar as regras da Kodokan e a destacar as diferenças mais evidentes entre as duas vertentes, como as cores de faixas adotadas no jiu-jítsu no Brasil e aquelas que eram utilizadas na Kodokan (REGRAS..., 1944). Um livro que passou a ser adotado para estudar e escrever sobre o judô por membros do exército nessa época foi o livro “judô (*jujutsu*)” escrito por Jigoro Kano, na década de 1930, e que foi publicado em língua inglesa (NOGUEIRA, 1941; SOARES; FARIA, 1942).

Enquanto, a partir da década de 1940, mudanças começaram a ser aplicadas no jiu-jítsu do Rio de Janeiro, em São Paulo, onde viviam os membros da colônia japonesa que fundaram a Jukendô, a questão da organização do judô tornou-se mais complexa. Após a dissolução da Jukendô, que agregava todos os professores japoneses, a autoridade sobre o judô deixou de ser exercida pela federação, passando para as academias e clubes. A outorga de graduações e promoção de competições passou a ser atividade não mais de uma federação, mas dos centros de instrução. É a partir do fim da Jukendô que começaram a se destacar entre os brasileiros os campeonatos amadores da Budokan e da Academia Ono e, no final dos anos 1940, essas competições eram as mais conhecidas entre os brasileiros em São Paulo (PRIMEIRO..., 1948; JÛDÔ..., 1950).

Segundo matéria do jornal Correio Paulistano, de 1945, em meados da década de 1940 o judô amador em São Paulo encontrava-se em franco crescimento, tendo Ogawa formado os primeiros faixas pretas brasileiros amadores (A TRANSFORMAÇÃO..., 1945). Ainda que, como visto anteriormente, a Jukendô já tivesse graduado faixas pretas amadores brasileiros no início da década de 1940, a matéria sugere o protagonismo da Budokan na graduação de faixas pretas amadores naquele período. A Budokan, que iniciou como um único *dôjô*, adotou o sistema de filiais e, em outubro de 1948 já contava com seis filiais. Com isso, ainda que com a participação exclusiva de seus membros, as competições da academia de Ogawa se destacavam entre as demais (SHIBU..., 1948).

6.7 Ogawa Budokan

Ainda que a organização da maioria dos membros da *Hakkoku Jūkendô Renmei* tenha reiniciado após a Segunda Guerra sob a liderança de Tatsuo Okochi com a criação da *Zenpaku Judô Renmei* e da Associação de Faixas Pretas do Brasil (SEMARO..., 1947), alguns dos ex-membros da Jukendô decidiram permanecer independentes.

Entre os dois grupos que permaneceram dissociados da Kodokan do Brasil, o principal antagonista da Kodokan foi a Budokan de Ryuzo Ogawa. Membro da *Hakkoku Jūkendô Renmei* no período anterior à Segunda Guerra, Ryuzo Ogawa foi um dos personagens mais importantes para o desenvolvimento das organizações do judô no Brasil. Entre os membros da Budokan estiveram alguns dos mais importantes atletas e dirigentes do judô brasileiro. Entre seus alunos, teve particular importância para a criação da CBJ, Augusto Cordeiro. Assim Rudolf Hermann, aluno de Cordeiro, biografou Ogawa em 1961:

O prof. Ogawa é o último representante da Kashima-Shino-Ryo (sic), um dos grupos de “jiu-jitsu” que antecedeu ao moderno judô de Kodokan, mas tem introduzido modificações em seu sistema que o atualizaram e sob sua orientação treinaram muitos dos campeões nacionais [...] Começando a praticar o judô em sua terra natal, aos 9 anos de idade, alcançou, aos 49, a suprema honraria de realizar uma demonstração especial para o imperador [...] Fundou a matriz de sua organização, em São Paulo em 1938, e desde então, seus alunos mais experimentados vêm fundando filiais por todo São Paulo e Estados Vizinhas, já ultrapassando, hoje em dia, da casa dos quarenta, o número dos centros que divulgam seu sistema. (HERMANNY, 1961a, Segundo Caderno, p.7).

O primeiro *dôjô* de Ryuzo Ogawa de que se tem notícia pelos jornais data de agosto de 1937, e foi aberto em cooperação com o médico Edmundo Blundi (apresentado como 3º *dan* em judô), na Rua dos Estudantes número 289. Nesta ocasião, Ogawa se descreveu como professor de *Kashima Shin'yo-ryu*, defesa pessoal (*goshinjutsu*) e judô, além de atuar com *honetsugi* (osteopatia). Ogawa se apresentou como 5º *dan* de judô e membro da *Dai Nippon Kobudô Hozonkai* (Sociedade de Preservação do *Budô* Antigo do Japão) (KAIKAN..., 1937). A abertura do *dôjô* ocorreu entre a realização do torneio da filial de São Paulo da Jukendô, em que Ogawa serviu como árbitro, e o quinto campeonato da Jukendô em que, naquele ano, Ogawa fez uma apresentação de *kata* do *Kashima Shin'yo-ryu* como parte das tradicionais apresentações de *kata* daquela época (ASHITA..., 1937).

Embora o *budô* seja uma forma marcante de expressão do espírito japonês, com o passar do tempo, nosso povo está perdendo gradativamente o espírito do *budô*, o que é uma pena para nossos conterrâneos residentes no Brasil. Portanto, embora eu seja ainda inexperiente e insuficientemente preparado, tenho a felicidade de ter recebido a recomendação de todos vocês a abrir um *dôjô*, como segue. Através do *budô* como essência única do nosso país, começando pelas técnicas fundamentais do *kobudô*, uma a uma, farei o meu melhor para inspirar o moral das pessoas e expor o espírito do *budô*. Damos as boas-vindas a todos, jovens e idosos, homens e mulheres, que desejam se juntar a nós. (KAIKAN..., 1937, p.7, tradução nossa).⁵

A presença de Ogawa na Jukendô, a partir de 1937, foi bem recebida pelo judô da colônia. Em janeiro de 1938, dessa vez em evento da colônia, Ogawa foi convidado a apresentar novamente *kata* de *Kashima Shin'yo-ryu* e, *kata* da Kodokan (JÛDÔ..., 1938a). Também em janeiro desse mesmo ano foi escolhido como responsável pelo judô na *honbu dôjô* da Jukendô que foi construído na rua Conselheiro Furtado, 332 (DÔJO..., 1938; JÛKENDÔ..., 1938a; JÛKENDÔ..., 1938b), iniciando o projeto da construção de um *Butokuden* no Brasil (JÛKENDÔ..., 1938c). Ogawa também foi responsável, juntamente com Higuchi, pelo *Kangeiko* (treinamento de inverno) de 1938 no *dôjô* da Jukendô, que serviu como preparativo para o torneio de judô do *Budô Taikai* daquele ano (JÛDÔ..., 1938b).

Em 1940, em artigo sobre a quinta edição do torneio de jovens de *budô*, organizado pela colônia, foi encontrado pela primeira vez a menção à participação de uma equipe chamada Budokan em competições, possivelmente a Budokan de Ogawa fundada em 1937 (JUNJÔ..., 1940). Entre os brasileiros, por sua vez, em setembro de 1940 no jornal Correio Paulistano foi encontrada a primeira propaganda da academia de Ryuzo Ogawa em jornais brasileiros. Diz a propaganda: “aprendam Jiu Jitsu, pratiquem o Judô”. Nesta propaganda consta o novo endereço da academia na Rua Thomaz de Lima, 424. O assistente de Ryuzo Ogawa foi chamado, na propaganda, de Shiroji Ogawa (APRENDAM..., 1940). Uma propaganda da Budokan no jornal *Nambei Shimpo* em 1941, por sua vez, confirma a mudança de endereço da Budokan para a rua Thomaz de Lima (OGAWA..., 1941).

⁵ “武道は日本精神の顯著なる一発路であると云えども時代の推移に伴って国民漸次武道精神の気風を失う傾向にあると共に御当地ブラジルに於いては我々同胞に取り誠に遺憾とする所であります、就きましては今般小生儀未だ未熟不鍛錬ではありますが、幸にして青年諸君の推学に依り左記に開設いたし我国古有の武道中それの一精華として視べき古武道手解から順に身骨を碎き以て大に国民の士気を鼓舞し武道の精神を発揚する心組でありますから御希望の諸君は老若男女を問はず御来御来談被下さい。” (KAIKAN..., 1937, p.7).

Com relação às competições internas da Budokan, em maio de 1941, foi encontrado o mais antigo anúncio de um campeonato interno realizado pela academia Ogawa. Diz a matéria que se trata de um “campeonato de judô e demonstrações de jiu-jitsu” (JUDÔ..., 1941, p. 10). A hierarquia de faixas dos praticantes na academia Ogawa era, então: roxa para o quarto *kyu*, verde para o terceiro *kyu*, lilás para o segundo *kyu*, e marrom para o primeiro *kyu*. Com relação à vitória em competição, era aferida ao *ippon*, através de uma “queda clássica”. A arbitragem deste campeonato da Budokan foi deixada ao encargo dos faixas pretas (*shodan*) da academia, e as lutas duraram quatro minutos cada. Entre os alunos brasileiros que se destacaram estavam Joaquim Roademburgo e Ibiapaba de Oliveira Martins (JUDÔ..., 1941).

Há um silêncio nos jornais para as matérias relativas à Budokan a partir de então e, somente em maio de 1948 encontrou-se nos jornais japoneses a notícia do encontro realizado duas vezes por ano, no outono e no verão, com o objetivo de reunir as filiais da Budokan por coordenação do *honbu dôjô*, no sentido de aproximar a Budokan como organização (EN’YŪ..., 1948).

Nos jornais brasileiros, alguns meses depois, em 18 de setembro, há a notícia de realização do “Festival Internacional de Judô” no Pacaembu. Promovido pela academia Ogawa, vieram à competição em São Paulo praticantes do Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais. Entre os brasileiros alunos da academia destacaram-se Durval Castro, Ibiapaba Martins e Estevão Martins. A competição parece ter chamado atenção do público brasileiro por se dar “à moda nipônica, com seus trajes de samurai e suas longas catanás” (PRIMEIRO..., 1948, p.14). Como é possível perceber pelos jornais, houve um crescimento progressivo da associação através de suas filiais, incluindo participações de fora do Estado de São Paulo nos festivais da Budokan.

Acompanhando este crescimento, em 1948 foi fundada a *Budokan Yûdanshakai*. A inauguração foi noticiada no jornal Correio Paulistano em 20 de abril (INAUGUROU-SE..., 1948) e no jornal da colônia Notícias do Brasil onde consta que a “*Butokukan Yûdanshakai*” (sic) estava sob liderança de Hiroji Ogawa filho de Ogawa (5° *dan*) (UMARETA..., 29 de abr. 1948).

Destina-se a novel entidade a desenvolver os estudos práticos e teóricos sobre o judô ou jiu-jitsu, conforme a denominação preferida pelos brasileiros. [...] Com relação à referida entidade, foi formada uma biblioteca especializada, com livros em diversas línguas para o estudo dos associados que contam entre eles faixas pretas de primeiro, segundo e terceiro grau. A Yûdanshakai da Budokan passou a fazer uma reunião todo segundo e terceiro domingo do mês

para realizar disputas e estudar o judô de maneira teórica e prática. (INAUGUROU-SE..., 1948, p.10).

No fim da década de 1940, em agosto de 1949 foi anunciada a abertura de um *dôjô* de judô na “Santo Amaro *Aikoku Nihonjinkai*”, a “Associação Patriótica dos Japoneses de Santo Amaro”. A prática do judô foi vista como uma forma de resgatar o espírito patriótico. Segundo a matéria, o *dôjô* então aberto era a filial número seis da “Ogawa Budokan” (BUGI..., 1949). A Budokan abriu a década de 1950, no dia 17 de setembro de 1950, reunindo noventa faixas pretas filiados para um torneio no Pacaembu, promovido por sua *yûdanshakai* (YÛDANSHA..., 1950c).

6.8 Augusto Cordeiro e a Budokan

Além da Budokan, outros japoneses que permaneceram independentes do grupo de Okochi após a Segunda Guerra eram aqueles que adotaram o ensino do jiu-jítsu antes da Segunda Guerra. Enquanto na década de 1940, Yasuichi Ono era o principal professor a ensinar o jiu-jítsu no modelo brasileiro em São Paulo, no Rio de Janeiro o principal nome era Takeo Yano que, naquele momento, ensinava na ACM (PUGILISMO..., 1944).

A ACM no Rio de Janeiro era, na década de 1940, uma das instituições que permaneceu interessada e que promovia os diversos esportes de combate tendo em seus quadros, professores de boxe, jiu-jítsu, luta livre e judô tão cedo quanto 1943 (UMA DEMONSTRAÇÃO..., 1943). Visto que na primeira metade da década de 1940 existia pouca interferência de qualquer entidade externa sobre o jiu-jítsu, em 1944 a ACM promoveu competições e graduações, entregando faixas a seus alunos nas cerimônias realizadas pelo professor Takeo Yano (PUGILISMO..., 1944). O que se percebe pelo relato é que, tal como passou a ocorrer com o judô após o fim da Jukendô, as graduações no jiu-jítsu eram, também, outorgadas sem a presença de uma autoridade central. Clubes e professores de jiu-jítsu eram independentes a, tal como decidissem, atribuir as faixas a seus alunos. Por esse período é que Takeo Yano foi responsável pela graduação de professores no Rio de Janeiro e, dentre eles, aquele que se tornou, anos mais tarde, o primeiro presidente da CBJ, Augusto Cordeiro (O JIU-JITSU..., 1949).

Interessado no judô, em 1949, Augusto Cordeiro, então professor da vertente do jiu-jítsu e ex-aluno de Yano, aproximou-se da Academia Ono em São Paulo (O JIU-JITSU..., 1949). Entretanto, dado que Ono também fazia parte do jiu-jítsu institucionalizado no Brasil, Cordeiro continuou a procurar pelo judô e, no início da década de 1950, chegou à um acordo

com Ryuzo Ogawa, tornando-se sua primeira filial no Rio de Janeiro (UEDA; VACCARI, 2004). É a partir dessa união, e pela liderança de Cordeiro, que efetivamente a Federação Metropolitana de Pugilismo começou a voltar sua atenção para o judô. Em menos de uma década, Cordeiro tornou-se a principal figura política do judô nacional:

Empolgado com os esportes de luta, o professor Augusto Cordeiro começou em 1946 a praticar o jiu-jitsu – forma como eram denominadas todas as modalidades de luta de quimono. Mas pouco tempo depois ele tomava conhecimento da existência do judô, esporte desconhecido no Brasil até então, embora já tivesse um bom número de praticantes. (ACADEMIA..., 1968a, p.46).

Segundo Ueda e Vaccari (2004), por volta de 1950, em uma reunião na Academia de Cordeiro onde encontrava-se presente, também, Antônio Afonso Alves, foi levantada a possibilidade de intercâmbio com a Budokan e, resolveram os membros da Academia Augusto Cordeiro assistir o torneio anual da Budokan. Ainda segundo Ueda e Vaccari (2004), no ano seguinte, Cordeiro pediu que Ueda intermediasse a filiação à Budokan. Entretanto, foram rejeitados da primeira vez e, ao voltarem uma terceira vez à São Paulo, após Ogawa perceber a insistência e interesse de Cordeiro, a Academia Cordeiro foi aceita como oitava filial da Budokan com a condição de que a comunicação por cartas fosse sempre realizada em japonês. Os relatos dos jornais indicam uma aproximação de Cordeiro com a Budokan anterior ao que foi relatado por Ueda e Vaccari (2004), dado que em novembro de 1950, Cordeiro realizou um evento no salão da Associação Atlética Banco do Brasil para apresentar Ryuzo Ogawa ao seu círculo social e ao público interessado pelo jiu-jítsu no Rio de Janeiro (TUDO..., 1950).

Com relação à Budokan nessa época, em 1950 cento e três faixas pretas já haviam se graduado através de Ogawa. Segundo artigo do Diário da Noite (YÛDANSHA..., 1950b), o Grêmio de Faixas Pretas da Budokan (o *yûdanshakai*) já nessa época realizava regularmente um festival anual entre os faixas pretas (em 1950 realizado no Pacaembu) (YÛDANSHA..., 1950b), que veio a durar muitos anos.

O sucesso da Budokan se expandiu no Rio de Janeiro através de Cordeiro, que apresentava Ogawa sempre que possível aos seus círculos sociais e aos jornalistas. No evento realizado no salão da Associação Atlética Banco do Brasil, com presença de Ogawa (TUDO..., 1950), Cordeiro promoveu uma competição de judô entre os alunos da Budokan. Cordeiro afirmava aos jornais que Ogawa era o “representante no Brasil da Budo-kan, conceituada escola japonesa de jiu-jitsu” (EXIBIÇÃO..., 1950, Segundo Caderno, p.2). Esta afirmação sugeria que existia uma organização chamada Budokan no Japão, tal qual no Brasil, a qual Ogawa era

subordinado. Além disso, Cordeiro chamou atenção para o fato de que o evento era regido pelo “regulamento e ritual original japonês” (EXIBIÇÃO..., 1950, Segundo Caderno, p.2). Esta era uma clara referência ao fato de que os praticantes de jiu-jítsu no Brasil participavam de competições em que as regras tinham sido desenvolvidas no próprio país.

A promoção que Cordeiro passou a fazer da Budokan no Rio de Janeiro se mostrou efetiva e, em novembro, foi lançada uma longa matéria sobre o professor Ogawa, apresentando o mestre japonês em detalhe para o público carioca. A repórter, para realizar a entrevista, precisou de uma carta de apresentação de Augusto Cordeiro. Ogawa foi apresentado como quinto grau, e declarou “guerra contra os falsos professores que pretendem ficar milionários à custa da luta sem armas”, diz Ogawa: “sou absolutamente contra estes falsos professores de jiu-jítsu que o ensinam com o fito único de se fazerem milionários” (BAN, 1950a, p.10). Na entrevista, é dito que, segundo Ogawa, Augusto Cordeiro era o único a “tomar o jiu-jitsu a sério no Brasil” (BAN, 1950b, p.4). Se dirigindo aos irmãos Gracie, disse o professor japonês: “há homens explorando o “judo” para se fazerem milionários” (BAN, 1950b, p.6), e ainda, diz a matéria: “Se Gracie tivesse querido desafiá-los, teriam estado às suas ordens. Entretanto, ele nem apareceu” (BAN, 1950b, p.6).

A partir de sua ligação com Ogawa, Cordeiro passou a ter, através do respaldo da Budokan, a legitimidade para falar sobre o que era a prática à moda japonesa. Diziam os jornais que, em contraposição aos irmãos Gracie, “A Academia Augusto obedece a regulamentação aceita para o judô e o jiu-jitsu” (B, 1951, p.10).

Cordeiro soube utilizar de sua posição como filial da Budokan, para disputar com os irmãos Gracie, a liderança do judô e do jiu-jítsu no Estado da Guanabara, onde ficava a capital do país. Sua principal arma era o fato de que os Gracie utilizavam de regras próprias para as lutas, e não o regulamento internacional. Dizia Cordeiro: “Uma competição de judô, ou jiu-jítsu, conforme o povo diz, sem obediência às regras universalmente aceitas, é bom frisar, seria como uma partida de futebol, onde valesse tudo, desde que a bola esteja em campo” (B, 1951, p.10).

Além disso, a partir de sua filiação à Budokan, Cordeiro recebeu legitimidade para graduar seus alunos não só no jiu-jítsu, como também, no judô. Em maio de 1952, foi encontrada a notícia de um evento de graduação na Academia Augusto Cordeiro em Copacabana, tanto na modalidade judô como jiu-jítsu, em que houve a entrega de faixas (DEMONSTRAÇÃO..., 1952).

6.9 O contexto social da colônia japonesa durante, e logo após a Segunda Guerra Mundial

A partir da relação entre Cordeiro e a Budokan, a CBP, então controladora da modalidade, passou a utilizar a participação de Ogawa nas decisões da entidade sobre o judô como símbolo de legitimidade. Dado o conflito entre a Kodokan e a Budokan, os mandatários do judô passaram a dar preferência à Budokan. Nesse sentido é que José Brigido, em coluna para o Diário de Notícias, fez a seguinte crítica sobre relação da CBP e de Cordeiro com a Budokan:

A Escola de Kodokan, fundada há setenta anos, pelo professor Jigoro Kano, no Japão, é a única entidade desse caráter cujo diploma é válido em todo o mundo. Atualmente, no Japão, só existe o sistema Kodokan, como nos demais países onde se pratica esse nobre esporte, exceto aqui no Brasil, onde, após a guerra, apareceu um sistema obsoleto, místico, que, afirma-se, **vem sendo amparado e difundido por elementos que até hoje acreditam que o Japão não foi derrotado... E há brasileiros inconscientemente apoiando isso.** (BRIGIDO, 1956b, Caderno Esportivo, p.16, grifo nosso).

Ao dizer que os brasileiros se aliavam à japoneses que acreditavam que o Japão havia vencido a guerra, Brigido faz referência à um contexto mais profundo e complexo da realidade social dos imigrantes japoneses. Se refere à divisão que ocorreu na colônia japonesa em dois grupos: “vitoristas” e “derrotistas” (ou esclarecidos).

Desde 1939, o processo de nacionalização que ocorria no Brasil e suas consequências provocaram uma grande pressão psicológica sobre os imigrantes. A proibição de publicar os jornais japoneses no período que antecedeu a guerra fez com que as atividades culturais se desviassem de seu curso natural. As dificuldades em se comunicar, decorrente desse processo, tornou possível o surgimento de boatos que satisfaziam as inseguranças e anseios que nasciam de um estado de instabilidade e preocupação entre os imigrantes. O processo de integração desviou seu curso planejado na época da guerra, ficando proibido o uso da língua japonesa fora do círculo familiar, reprimindo os imigrantes que se encontravam, ainda, em um processo de adaptação. Caso encontrassem seus conterrâneos na rua, e trocassem cumprimentos em japonês, os imigrantes poderiam ser presos (HANDA, 1987).

Na época, em casas de pessoas um pouco mais conhecidas na colônia, era frequente reunirem-se amigos e conhecidos para conversar sobre a situação vigente, cada qual trazendo as mais variadas informações a respeito. Embora os imigrantes ainda não estivessem totalmente separados em *kachigumi* (“vitoristas”, ou seja, o grupo que acreditava que o Japão havia saído

vencedor) e *makegumi* (“derrotistas”, ou o grupo que admitia a derrota do Japão), todos haviam perdido a calma, ficando num estado de conturbação geral. (HANDA, 1987, p. 651).

Este estado de perturbação está relacionado à o que Berry (1992) chamou de “estresse” aculturativo. Segundo Handa (1987), os confrontos que se desencadearam no seio da colônia japonesa fizeram parte do processo de adaptação dos japoneses e resultou em um movimento violento por interferência tanto do movimento nacionalista japonês como brasileiro. Uma das formas de compreender o surgimento dos “vitoristas”, é de que era um movimento de resistência à modernização e apego ao *status quo*. Os “derrotistas”, de tendência liberal, representavam o perigo da modernização que os “vitoristas” repudiavam.

No período imediatamente posterior ao término da Segunda Grande Guerra, a coletividade japonesa radicada no Brasil viu-se envolvida por um “estranho fenômeno”. Era o antagonismo que surgiu entre aqueles que admitiram prontamente a derrota de sua pátria de origem e os que negaram a reconhecer o fato da derrota. Em 1955, decorrida uma década da conclusão da guerra, o conflito entre os dois grupos facciosos ainda subsistia. (IZUMI, 1973, p. 361).

Ao considerar as iniciativas que surgiram para organizar o judô no seio da colônia japonesa em São Paulo, é preciso considerar a divisão política que permeou a relação entre os japoneses que moravam na colônia. Izumi (1973) classificou essa divisão em três grupos: os “esclarecidos”, os “duros”, e os “fanáticos”.

Os esclarecidos eram aqueles que admitiram a derrota do Japão dentro de uma semana, e que posteriormente foram chamados de “derrotistas” pelos grupos de oposição, que acreditavam que o Japão havia vencido a guerra. Izumi chamou de “duros” aqueles que, ainda que não acreditassem completamente na vitória, também não queriam abertamente admitir a derrota. Por fim, os fanáticos eram aqueles que repeliam qualquer insinuação à derrota, acreditando sem sombra de dúvidas na vitória do Japão. Esses dois últimos grupos são os que ficaram conhecidos como “vitoristas” (IZUMI, 1973).

Uma das razões para o estado de coisas que gerou essa divisão entre a coletividade japonesa no Brasil foram as medidas restritivas às atividades dos japoneses durante o regime do “Estado Novo”, sob a política nacionalista do governo Vargas. Com o envolvimento do Brasil na guerra, os japoneses, então tratados como indivíduos “hostis”, tiveram aparelhos de rádio confiscados, correspondência censurada, e o uso do idioma japonês proibido de ser usado fora do lar e nas cartas. Além disso, reuniões entre japoneses precisavam de autorização prévia, e para viajarem, precisavam de um salvo-conduto. Tais medidas representavam a limitação e

restrição total que havia nos meios de comunicação dos japoneses e, dado que muitos não falavam o português, suas fontes de comunicação se tornaram escassas – somente 3,3% entre os 637 japoneses entrevistados por Izumi (1973) tinham como fonte de informação a mídia brasileira.

Não é possível determinar ao certo de onde surgiram os rumores de que o Japão havia vencido a guerra, entretanto, a situação de isolamento imposta à comunidade japonesa fez com que o principal meio de informação entre os colonos fosse a comunicação oral, e alguns boletins mimeografados. As notícias chegavam através de membros da colônia que mantinham rádio receptores de maneira clandestina, o que tornava a comunicação interpessoal o principal meio de informação sobre a guerra (IZUMI, 1973).

Além da dificuldade de comunicação, outra questão relevante para o entendimento da divisão que se sucedeu nesse período é relativa às tendências políticas entre grupos. Segundo Izumi (1973), a viga mestra que sustentava a estrutura psicológica da coletividade japonesa no Brasil apresentava diferenças significativas entre atitudes mais progressistas a mais conservadoras entre os três subgrupos da amostra. Entretanto uma das principais diferenças manifestas se encontrava entre aqueles que pretendiam retornar ao país de origem, e aqueles que pretendiam permanecer no Brasil.

Colocadas estas questões, o resultado mais conhecido dessas divergências se deu nos embates entre grupos, e a perseguição dos “vitoristas” aos “derrotistas” ou “esclarecidos”:

Os “esclarecidos” foram tachados de “traidores” e não tardou a surgir as atividades terroristas visando à eliminação de elementos destacados da ala derrotista. Pelotões de ataque – os *tokotai* – organizados sob a orientação de sociedades secretas, entre estas a maior e mais bem organizada *Shindo-Renmei*, assaltaram e assassinaram aqueles líderes. (IZUMI, 1973, p. 384).

De acordo com Doi e Junior (2018), o conflito entre “vitoristas” e “derrotistas” teve início em 1945, e teve seu declínio em 1950. Nesse período havia, entre os imigrantes japoneses, uma disputa pela representação do “ser japonês”, além do fato de que muitos japoneses se identificavam com o espírito nacionalista. Com relação ao grupo que Izumi (1973) denominou como “fanáticos”, Doi e Junior (2018) usam como exemplo um manuscrito da *Shindo Renmei* para demonstrar como a promoção da educação física se conectava, para esse grupo, à reverência aos deuses e ao culto aos antepassados. Esta educação física estava ligada, principalmente, à prática de artes marciais.

[...] é significativo o fato de que a maior agremiação nacionalista dos imigrantes japoneses estivesse preocupada com a educação do corpo, com os lazes esportivos e com a promoção de práticas corporais de origem japonesa, como as artes marciais. Isso aponta, embora reforcemos a necessidade de mais estudos, para a relação buscada entre essas práticas e a manutenção ou fortalecimento da identidade nacional em solo estrangeiro. (DOI; JUNIOR, 2018, p. 278).

A relação entre o “ser japonês” e a prática do judô estava intimamente ligada à forma como a Jukendô lidou com a prática da modalidade na década de 1930. Como visto anteriormente em revisão de literatura, a Butokukai como entidade organizadora em consonância com o governo japonês, promovia esses ideais. Nesse sentido, é importante ressaltar que a Kodokan e a Butokukai, possuíam alinhamentos políticos divergentes. Como sintetiza Virgílio (2002a, p.222): “[...] havia certa divergência entre o Kodokan e o Butokukai, pois, enquanto este tinha suas razões na volta do espírito marcial e das tradições antigas, aquele visava a modernidade [...]”.

A orientação da prática dos “vitoristas”, com o fortalecimento da identidade nacional (DOI; JUNIOR, 2018), portanto, se aproximava mais da visão de prática tradicional do judô propagada pela Butokukai, do que do judô como prática moderna promovido pela Kodokan (VIRGÍLIO, 2002a).

O judoca brasileiro com olhar mais próximo da questão foi Mario Botelho de Miranda (MIRANDA, 1948), que havia sido presidente da Jukendô e, nesta época, fazia parte do grupo que praticava judô no clube E.C. Pinheiros sob a liderança de Seisetsu Fukaya (O JUDO..., 1945). Por sua ligação com a colônia japonesa e por falar japonês, Miranda tornou-se tradutor para a polícia de São Paulo no caso da *Shindo Renmei*. Além de confirmar que a organização investia no treinamento de *budô*, seja ele o judô ou o kendô, principalmente para os mais jovens (MIRANDA, 1948), Miranda chama atenção para a instrumentalização das *seinenkai*, as associação de jovens, para a expansão de movimentos nacionalistas entre os japoneses:

Convém lembrar, porém, que existiu na colônia japonêsa, a chamada *seinenkai* ou “associação de jovens”. Em cada vila ou cidade do Brasil, onde houvesse um agrupamento ou núcleo de nipônicos, organizava-se, além das clássicas *nihonjin-kai* (“associação de japoneses”) uma *seinen-kai*. Assim, a *seinen-kai* de Marília, por exemplo, de Bastos, distinguindo-se, portanto, umas das outras pelo nome da cidade cujos habitantes nipônicos, jovens, eram seus membros [...] Quase sempre, porém, não se ocupando exclusivamente de esportes e cultura de âmbito internacional, propugnavam o ensino da língua

nipônica, artes militares do Japão: ju-jitsu, esgrima nacional; oratória e costumes da pátria de seus pais, uma vez que os preceptores e orientadores tinham soberana atuação e domínio sobre os jovens, líderes que aqueles eram na colônia, devido sua preponderância como ex-campeões esportistas, professores, ex-militares, etc.[...] O que se percebe, afinal, é que as *seinen-kai* sempre aproveitaram seus membros – até muitos nissei – obedientes que são aos seus instrutores, japoneses adultos e dirigentes, para mandatários gratuitos dos movimentos de resistência ao meio brasileiro. (MIRANDA, 1948, p. 87-88).

É nesse contexto político que a iniciativa de reacender as competições da antiga Jukendô na colônia acabaram por gerar nos anos 1950 outras duas competições, que passaram a se denominar “Campeonato Brasileiro de Jukendô”. Uma dessas competições era promovida pela *Nippak Sangyo Shinkokai*, a outra, pela *Zenpaku Seinen Renmei*. No caso da primeira, a organização do torneio de judô contou com a participação de Tokuzo Terazaki (DAIICHIKAI..., 1951). A segunda, organizou o torneio sob a responsabilidade de Ryuzo Ogawa (ÔZA..., 1952). Enquanto a *Zenpaku Seinen Renmei*, ficou conhecida como Associação Nova Brasileira, a *Nippak Sangyo Shinkokai*, ficou conhecida como Clube Bandeirante (MAEYAMA, 1979). Estas duas instituições foram consideradas pelo DEOPS como organizações que perpetuaram as ideias da *Shindo Renmei* (DEZEM, 2002), a *Nippak Sangyo Shinkokai* era dirigida pelos irmãos Nakauchi, enquanto a *Zenpaku Seinen Renmei* era dirigida pelos “irmãos Yendo” da “Casa Yendo” (DEZEM, 2002).

Segundo Maeyama (1979), as duas associações organizaram associações de jovens locais, em uma federação unificada, e foram as mais influentes organizações no âmbito do grupo dos “vitoristas”. As duas tiveram o mesmo presidente, que Maeyama (1979) identificou somente como S.E., mas que nessa pesquisa foi identificado no relato de uma das competições de Jukendô da Associação Nova Brasileira como Shiro Endo (também romanizado Yendo). Além de ter vencido o torneio de judô do último campeonato anual organizado pela *Hakkoku Jūkendô Renmei* em 1941 (9.o..., 1941), Endo foi um dos fundadores da Federação Paulista de Judô em 1958, eleito para o primeiro conselho fiscal da entidade (FUNDADA..., 1958). Posteriormente, foi candidato na década de 1960 à presidência da Federação Paulista de Judô, disputando a eleição com Lucio Franca e Katsuhiko Naito em 1968, sendo o candidato preferido do interior do estado (JUDÔ..., 1968a).

Enquanto o primeiro Campeonato Brasileiro de Jukendô da *Zenpaku Seinen Renmei* foi realizado em 1950 (ÔZA..., 1952), o primeiro campeonato Brasileiro de Jukendô da *Nippak*

Sangyo Shinkokai foi realizado no ginásio do Pacaembu nos dias 7 e 8 de julho de 1951 (DAIICHIKAI..., 1951). A partir da década de 1960, entre essas duas competições, a única que teve continuidade nas décadas seguintes foi a da *Zenpaku Seinen Renmei*, que se estabeleceu como o Campeonato Brasileiro de Jukendô oficial. Nos anos 1950, portanto, essas duas competições se juntaram ao torneio da Jukendô da Linha Central organizado por Naito e Terazaki, e estas passaram a ser as três competições de judô e kendô mais relevantes para os praticantes da colônia japonesa de São Paulo: o campeonato de Jukendô da Linha Central, o Campeonato Brasileiro de Jukendô da *Nippak Sangyo Shinkokai*, e o Campeonato Brasileiro de Jukendô da *Zenpaku Seinen Renmei* (Associação Nova Brasileira).

Em 1952, as três competições já se encontravam bem estabelecidas entre a comunidade japonesa. Nos dias 17 e 18 de maio de 1952 ocorreu o sexto *Jûkendô Taikai* organizado pela Jukendô da Linha Central do Brasil, no *dôjô* Terazaki em Suzano, com competições por equipes, individuais e, *kohaku shiai* (DAIROKKAI..., 1952). Compareceram mais de 300 participantes (PAN-CENTRAL..., 1952), ao passo que em agosto ocorreu o segundo Campeonato Brasileiro de Jukendô da *Nippak Sangyo Shinkokai*. No torneio de judô participaram 34 equipes, e na competição por equipes categoria *seinen*, o primeiro lugar ficou para o *dôjô* Tani de Jaraguá, e em segundo, ficou a equipe de Mogi das Cruzes. Na competição por equipes categoria *shônen*, sagrou-se vencedora a equipe do *dôjô* Terazaki, ficando em segundo lugar o *dôjô* de Jaguará. Na competição por equipes categoria *yônen*, em primeiro lugar ficou o *dôjô* Tani de Jaraguá. Em segundo lugar o *dôjô* Terazaki e, em terceiro, o *dôjô* Tani de Taipas. No torneio individual *yûdansha* venceu José Roberto de Mogi das Cruzes, e na categoria *dangai*, Gojima de Tucuruvi (DAINIKAI..., 1952). O que se verifica é que os torneios de Jukendô (judô e kendô) destas três organizações tornaram-se as competições mais importantes para unir os praticantes da colônia após a Segunda Guerra, e mantiveram o espírito da prática do *budô* pela Jukendô que existia na década de 1930.

Com relação ao posicionamento dos professores de judô da colônia, o único trabalho até o momento a fazer referências a esse contexto de divisão política foi o trabalho de Ishii (2015) em que é discutida uma possível ligação de Ryuzo Ogawa à *Shindo Renmei* (ISHII, 2015, p.26-27, grifo nosso):

Alguém ligada a Kodokan disse pra mim: “No passado, Ogawa veio para Registro, e era um operário que fazia tatame. Como entendia um pouco de jiu-jitsu, o professor Okochi o contratou como gerente da Liga de Ju kendo. Em 1941, iniciou-se a Guerra do Pacífico e, quando as autoridades ordenaram dissolver a Liga de Ju kendo, Ogawa pediu ao senhor Okochi para que cedesse

a academia, e ele então pendurou a placa da Budokan. **Durante a guerra, inspirado pelo espírito japonês, visitou cada colônia japonesa, foi militante do Shindo Renmei e, em cada colônia japonesa, fundou uma filial.**”

Não foi possível compreender se a afirmação de Brígido (1956b) de que Ogawa fazia parte dos vitoristas está ligada a esses rumores, ou ao fato de ser um dos primeiros organizadores das competições Jukendô da Associação Nova Brasileira presidida por Shiro Endo no início dos anos 1950 (ÔZA..., 1952). Esta informação não pôde ser, entretanto, corroborada pelos estudos pertinentes ao tema (MIRANDA, 1948; MAEYAMA, 1979; DEZEM, 2000; MORAIS, 2000; HATANAKA, 2002).

Além disso, é citado no trabalho de Ishii (2015) o rumor de que Katsutoshi Naito também seria ligado ao grupo dos “vitoristas”. Da mesma forma, esta afirmação deve ser tomada com cautela, não somente pela falta de comprovações documentais, como também por não haver como estabelecer a orientação política geral dos envolvidos, dados os diferentes pontos de vista presentes entre os “vitoristas” (IZUMI, 1973). Cabe ressaltar que a maioria dos imigrantes fazia parte do grupo dos “vitoristas”, sendo a posição majoritária, representando 80% dos japoneses (MIRANDA, 1948; HATANAKA, 2002). Entre os personagens do judô da colônia, pode-se notar, ainda, que o nome de Yoshimatsu Kussahara, membro da Kodokan do Brasil, foi encontrado em uma lista de “derrotistas” (esclarecidos) organizada pelo DEOPS (DEZEM, 2000).

Por aquilo que pôde ser encontrado até o momento, o membro do judô da colônia com atuação mais evidente na causa “vitorista” foi Shiro Endo, que presidiu a *Zenpaku Seinen Renmei*, a Associação Nova Brasileira (MAEYAMA, 1979), que continuou a patrocinar os eventos de Jukendô (judô e kendô) por toda a década de 1950 e 1960, além de ter sido candidato na década de 1960 à presidência da Federação Paulista de Judô (JUDÔ..., 1968a).

Sugere-se aqui, dada a escassez de informações observada, que mais estudos sejam realizados no sentido de explicar esse contexto para o judô, dado que sua importância e influência ainda não foi completamente explicada. De tal maneira a comunidade japonesa estava dividida que, em 1952, o professor de judô Yasuichi Ono, junto com o bispo budista Yunaka, percorreram o estado de São Paulo como elementos apaziguadores dos ânimos que surgiram na colônia em decorrência do acirramento entre os grupos políticos. Diz a matéria: “Através do budismo, Yunaka busca restaurar o entendimento entre os membros da colônia” (BISPOS..., 1952, p.2).

Seguindo o que foi exposto, é possível compreender que houve uma influência das circunstâncias do pós-guerra, e do contexto político interno da colônia japonesa, na formação de grupos divergentes na colônia japonesa e na tensão intragrupos. Ainda que, no caso do judô, sejam necessários estudos mais robustos para compreender a totalidade das tensões envolvidas, e dos efeitos desse processo, esse é um período de transição da cultura do judô. O judô, assim como outras atividades culturais, participou da discussão do “ser japonês” dentro da coletividade japonesa, e sofreu das pressões e restrições políticas não somente do estado brasileiro, como também das questões políticas internas da colônia japonesa.

Ainda que sejam necessários estudos mais aprofundados sobre o tema, os achados deste estudo evidenciam as rupturas no judô brasileiro pelas divergências entre “vitoristas” e “esclarecidos”. A questão é particularmente citada na autobiografia de Kotani (1984) ao tratar de sua visita ao Brasil na década de 1950. Atrelada à essa questão, a orientação Butokukai (tradicional) ou Kodokan (moderna) se tornou questão relevante para os períodos posteriores.

7 A REINTEGRAÇÃO À BUROCRACIA DO ESPORTE

7.1 Academia Ono

Enquanto o grupo da Kodokan no Brasil e a Budokan tornaram-se peças centrais nas divergências que surgiram no judô da colônia após a Segunda Guerra, foi a Academia Ono, outro grupo que seguiu independente da Kodokan no Brasil, que iniciou o processo de inclusão do judô nas federações pugilísticas. A divergência dos líderes da Kodokan com a Academia Ono parece ter começado a partir do desligamento de Yasuichi e Naoichi Ono da *Hakkoku Jûkendô Renmei* dado que se tornaram lutadores profissionais. Ishii (2015, p. 49-50, grifo nosso) narra um encontro entre os grupos para tentar resolver suas divergências no início dos anos cinquenta:

[...] os grupos da escola Kodokan, os do Ogawa Budô e os dos irmãos Ono, que até então estavam dispersos, se reuniram no restaurante Tokiwa situado no velho mercado para deliberar sobre a união do judô brasileiro.

“Que tal esquecermos o passado e recomeçar?” A essa proposta do senhor Naito, o grupo Okochi rebateu: **“Não podemos nos unir com o pessoal que lutava por dinheiro, com boxe, luta livre ou jiu-jitsu e apresentava espetáculos,** ou seja, não aceitamos de forma alguma o grupo de Ono.” Devido a essa postura radical, a reunião se dividiu e a aliança do judô brasileiro sofreu um atraso de quinze anos.

Esta relação que os irmãos Ono construíram com o pugilismo durante o período em que fizeram lutas profissionais se apresentaria como ferramenta essencial para o ressurgimento do judô organizado. Não somente isso, enquanto organizadores do judô brasileiro, destacou-se nos achados deste estudo que as competições da Academia Ono foram as competições de judô mais antigas a continuarem sendo realizadas no período após Segunda Guerra. Além disso, foram as precursoras das competições regionais do estado de São Paulo sob o comando da Federação Paulista de Pugilismo, como se verá a seguir.

A competição anual de judô da academia Ono começou em 1935 como um encontro competitivo da filial da capital do estado de São Paulo da *Hakkoku Jûkendô Renmei*. Este torneio servia como preparação dos atletas da capital para o torneio anual de judô que ocorria no *Budô/Jûkendô Taikai* anual na década de 1930. Portanto, não era uma competição fechada aos membros do *dôjô* Ono (então conhecido como *Shôwa Dôjô*), contando com participantes de diversas academias filiadas à Jukendô (SHÔWA..., 1937).

Em 1937, o campeonato, ainda que pequeno, contava em sua lista de árbitros com quatro dos principais organizadores do judô da colônia: Tatsuo Okochi, Ryuzo Ogawa, Zensaku Yoshida e Katsutoshi Naito. Entre os participantes em 1937 encontram-se somente dois brasileiros: Mario Miranda e José Roberto (SHÔWA..., 1937). Quando a federação de pugilismo passou a ser responsável pelo judô, a partir da década de 1940, o campeonato da Academia Ono passou a ser, naquele momento, a competição de judô mais longeva do Brasil.

Ainda durante o contexto que se apresentou após a Segunda Guerra, de suspeita da sociedade brasileira para com os japoneses, em 22 de abril de 1945 a Academia Ono promoveu seu campeonato no Ginásio do Pacaembu (A ARTE..., 1945). Com entrada franca, neste campeonato, foi homenageada a força expedicionária brasileira, como forma de ajudar os soldados, através da Comissão Estudantil de ajuda ao Expedicionário (HOMENAGEM..., 1945; COMISSÃO..., 1945). Por causa do auxílio desta comissão para a realização do campeonato, durante todo o evento aconteceram ações de incentivo ao auxílio à força expedicionária ao mesmo tempo em que eram vendidos distintivos com a inscrição “a cobra está fumando” (O TORNEIO..., 1945). O apoio público dado aos militares brasileiros pode ter sido uma forma encontrada pelos irmãos Ono para abrandar resquícios de desconfiança que poderia haver entre os brasileiros com os japoneses após a Segunda Guerra.

Dado que Ono participou da vertente do jiu-jítsu praticado amplamente pelos brasileiros desde a década de 1930, ainda que o judô amador da colônia estivesse ganhando espaço, este campeonato promoveu disputas nas regras das duas modalidades. Dadas as discussões sobre os termos judô e jiu-jítsu no contexto da década de 1940, nesta competição foram feitas demonstrações de jiu-jítsu por Ryuzo Ogawa, em que participaram dois brasileiros (Martins e Durval), ocasião em que foram apresentadas as diferenças entre o jiu-jítsu e o judô para o público paulista. Consta que Ogawa tratou o jiu-jítsu como arte de combate e defesa pessoal, enquanto o judô era somente um esporte (O TORNEIO..., 1945). A apresentação, entretanto, demonstrava na prática e comparava o judô com o *jûjutsu* clássico japonês ao invés do jiu-jítsu tal como praticado no Brasil.

Entre as lutas travadas na competição, destacaram-se José Misutani, Kubota, Luiz Tambucci, Francisco Malheiros, P. Morimassa, Julio Carijui, João Asahina e Habib Mahfuz. Dado que Luiz Tambucci foi tratado pelo noticiário como “especialista em chaves de pé”, chaves proibidas pelas regras da Kodokan, fica evidente que pedagogicamente ainda eram adotadas, pela Academia Ono, as regras do jiu-jítsu esportivo empregadas no Brasil. Ainda, visto a proximidade de Ono com as lutas profissionais, foi realizada uma disputa de luta-livre entre Lazaro dos Santos e Estanislau Franco. Após a competição, Ono mostrou-se contente com

o futuro do jiu-jítsu em São Paulo, e afirmou para a imprensa que naquele momento os maiores interessados na prática eram pessoas dedicadas às atividades intelectuais, visto o jiu-jítsu ser um esporte “mais de inteligência do que de músculos” (O TORNEIO..., 1945).

Como anteriormente exposto, Ogawa, convidado a fazer uma apresentação de jiu-jítsu na competição de Ono, era mestre da escola *Kashima Shin'yo-ryu* de *jûjutsu*. Ao realizar uma demonstração retratando as diferenças entre o judô e jiu-jítsu, buscou evidenciar as diferenças entre as duas práticas. Entretanto, ao invés de fazer-se reconhecer o uso incorreto do nome jiu-jítsu, a apresentação parece ter servido somente para legitimar o uso dos dois termos como práticas distintas. Ou seja, em vez de fazer entender aos brasileiros que o termo jiu-jítsu havia sido empregado, por muitos anos, de forma equivocada para se referir ao judô, fortaleceu a narrativa dos praticantes de jiu-jítsu de que se tratava de modalidades diferentes. A leitura dos jornais da época indica que entre os brasileiros em geral, persistiu a falta de entendimento das diferenças entre o *jûjutsu* japonês e o jiu-jítsu praticado no Brasil, enquanto nos jornais da colônia japonesa esta questão era bem resolvida. Talvez por isso, Ibiapaba Martins, então, aluno de Ogawa, poucos meses após a competição retornou ao assunto em artigo intitulado “O Jiu-Jitsu (Aliás judô)” no jornal *Correio Paulistano*:

Hoje, jiu-jitsu é uma denominação anacrônica no Japão, Inglaterra e Estados Unidos, apenas encontrada nos dicionários e enciclopédias e nunca nos ginásios. Apenas no Brasil ainda se usa a velha denominação quando se quer referir ao judô pelas lutas que se veem em S. Paulo em que os lutadores vestem quimonos e derrubam um ao outro, continuando o combate no chão, chama-se judô. Não é jiu-jitsu. (IBIAPABA, 1945, p.11).

Outra questão que pode ser avaliada pela forma com que a Academia Ono promovia o judô é a falta de uma organização hierarquicamente superior à própria agremiação. Em dezembro de 1945 a academia Ono realizou um torneio interno de graduação que, segundo os jornais, ocorria todos os anos no *dôjô* no Edifício Martinelli (TORNEIO..., 1945a; TORNEIO..., 1945b), o que reforça, mais uma vez, a autoridade pessoal dos professores japoneses após o fim da *Jukendô* no que tange à aferição de graduações.

Três anos depois, em 1948, na competição da Academia Ono ocorreram exclusivamente lutas de judô, ainda que tenha havido demonstrações de luta-livre e jiu-jítsu (DAIJUYONKAI..., 1948). Entre as academias participantes compareceram representações de Mogi das Cruzes, Suzano, além de alunos da Budokan (INAUGUROU-SE..., 1948). No caso das lutas de judô, as regras eram as mesmas adotadas pela Kodokan (LUTADORES..., 1948). Isto parece indicar que houve, naquele momento, uma intenção de Ono em se reaproximar da

comunidade do judô, então representada pelos professores ligados à Kodokan liderados por Okochi.

Isto ocorreu, efetivamente, no 14º Torneio Nipo-Brasileiro de Judô organizado pelo *dôjô* Ono realizado no Pacaembu. Pela primeira vez, podem ser notadas entre as equipes participantes os professores que, naquele momento, faziam parte da Kodokan do Brasil. Além do *dôjô* Ono, participaram o *Shin'yokan* de Terazaki, o *Shomukan* de Tomiyo Tomikawa, os alunos de Mario Miranda, e as academias de Fukaya, Naito e Ogawa. Ao todo, 100 atletas compareceram, e pela primeira vez foi notada a apresentação de mulheres em uma competição de judô. Três brasileiras e uma japonesa chamada Momoko Sen'na, alunas do *dôjô* Ono, fizeram apresentações durante o torneio (LUTADORES..., 1948).

Contando com 4.000 espectadores, na competição principal reuniram-se 28 atletas. Em primeiro lugar ficou Tsunekichi Sakai (2º *dan* do *dôjô* Ono), em segundo, Ken Saito (*shodan* representando Mogi), em terceiro, Waichi Umehara (*shodan* representando o *dôjô* Naito). Entre os professores de judô presentes estavam Naito (5º *dan*), Tomikawa, Chiba, Terazaki, Ishihara, Kusahara (3º *dan* de Bastos), Sawada, Ishio, Kunii e Mario Miranda (2º *dan*) (JOSHI..., 1948). Entre a classificação das academias, em primeiro lugar ficou a academia Ono, em segundo lugar a equipe de Mogi das Cruzes, e em terceiro lugar a equipe de Suzano (LUTADORES..., 1948). O que pode ser observado, ainda, pelos jornais, é que na década de 1940 a Academia Ono havia se expandido tal qual a Budokan no formato de filiais, o que pode ser observado pela presença das filiais nas competições (DESENVOLVE-SE..., 1949).

No ano seguinte, o torneio da Academia Ono ocorreu novamente no Pacaembu, no dia 23 de abril. No jornal da colônia, Notícias do Brasil, Ono foi reconhecido como responsável por ter espalhado a palavra “jiu-jítsu” entre os brasileiros. É interessante notar que, dada a pronúncia do termo no Brasil, o jornal, em vez de utilizar a escrita em *kanji*, preferiu o uso de *katakana* para escrever o termo. Silabário, este, preferencialmente empregado para palavras estrangeiras (JÛDÔKAI..., 1950). Esta competição foi chamada de 16º Campeonato Brasileiro de Judô (*Zenpaku Jûdô Taikai*), e compareceram ao ginásio do Pacaembu 2500 pessoas para prestigiar o evento. No ranking geral, ficou em primeiro lugar o *dôjô* Ono, seguido por Mogi das Cruzes, Presidente Prudente, Lins, Itapecerica e Suzano, respectivamente. Compareceram os professores Naito, Terazaki, Kusahara, Matsui, Yoshida, Kikuchi, Hashizume, Egoshi, Mario Miranda, dentre outros (JÛDÔ..., 1950).

Como será descrito adiante nesse trabalho, nesse período o judô começou a se integrar à Federação Paulista de Pugilismo e, acostumados em lidar com os dirigentes da burocracia esportiva brasileira, os irmãos Ono foram os professores de judô dos primeiros membros da

Comissão Técnica de Judô formada pela Federação Paulista de Pugilismo em 1949. Talvez por isso, em matéria de 26 de fevereiro de 1950, os irmãos Ono eram tratados como os mais ativos difusores do jiu-jítsu em São Paulo (HOMENAGEADO..., 1950), enquanto os demais líderes do judô paulista foram esquecidos.

Assim foi descrita pelos jornais a ligação dos irmãos Ono com a vertente do judô praticada sob o nome jiu-jítsu:

Em S. Paulo, centro de numerosa colônia nipônica, o “jiu-jitsu como que seguiu duas tendências. A primeira está representada pelos irmãos Ono, que trataram de popularizá-lo entre os brasileiros, livrando-o de algumas formalidades acidentais. A segunda corrente é representada principalmente pelos professores Ogawa e Okoshi (sic), conservadores por excelência. Nestes últimos anos, vai se apagando aos poucos as diferenças existentes entre as duas tendências. Aliás, mesmo no Japão o “judô” evoluiu bastante. Até antes da guerra, não havia profissionais de “judô” naquele país, mas, agora, começam a surgir os primeiros profissionais. Kimura, que ora nos visita, é um deles.” (JUDÔ..., 1951b, p.24).

Quando iniciou a década de 1950, ainda que tenham voltado a se ocupar com a promoção do judô ao invés do jiu-jítsu, a Academia Ono permaneceu independente do grupo da Kodokan. Dado que não havia uma instituição hierarquicamente superior que lhes desse respaldo, e buscando legitimar suas graduações e de seus alunos, os irmãos Ono passaram a entregar certificados de grau assinados por Kanemitsu Yaichibe, o professor de judô de Yasuichi Ono em Okayama. No início de 1950, Ono recebeu de seu mestre o 5º *dan* (HOMENAGEADO..., 1950).

7.2 O Judô na Federação Paulista de Pugilismo

A primeira federação pugilística local a dar atenção ao judô foi a Federação Paulista de Pugilismo. Em 1949 foi realizado pela primeira vez um campeonato de judô organizado pela Federação Paulista de Pugilismo com o apoio do departamento de esportes de São Paulo (O DEPARTAMENTO..., 1949; INICIAM-SE..., 1949). É nesse período que a Federação Paulista de Pugilismo se aproximou efetivamente do judô, criando uma comissão técnica subordinada à entidade (ÓTIMA..., 1949). Em julho de 1949 foi anunciada a criação da Comissão Técnica de Judô da Federação Paulista de Pugilismo. A comissão foi formada por três membros, todos

brasileiros: Renato Ferrari, faixa marrom; José Lucio Franca, faixa preta; Ibiapaba Martins, 2º dan (ÓTIMA..., 1949). Afirmar Ibiapaba segundo a matéria que:

Como todos sabem, até hoje, o judô – ou jiu-jitsu se quiserem a antiga denominação – não teve o amparo devido dos poderes oficiais. Era praticado, portanto, quase que exclusivamente na colônia japonesa e cercado de uma aureola de mistério que não se justificava. Aos poucos, porém, foram surgindo pessoas que se entregavam à sua prática e que não punham obstáculos a sua difusão. Jorge Gracie entre os brasileiros, Yassuiti Ono entre os japoneses e brasileiros, e o velho professor Ogawa na colônia japonesa, foram dos que mais lutaram pela difusão do judô nestes dez últimos anos. (ÓTIMA..., 1949, p.7).

Observa-se pelo discurso de Ibiapaba que, enquanto Yasuichi Ono e Ryuzo Ogawa foram tratados como principais divulgadores do judô no Brasil, os fundadores da Jukendô, e demais pioneiros do judô na colônia na década de 1930 foram omitidos. Fukaya, contemporâneo e rival de Ono nos torneios da Jukendô na década de 1930 foi citado superficialmente por Ibiapaba ao dizer que “novos professores surgiram ultimamente” (ÓTIMA..., 1949, p.7). A narrativa empregada demonstra não somente a força do crescimento da Budokan e da Academia Ono como principais agremiações do judô de São Paulo naquele momento, entre os praticantes brasileiros, como também a forma com que praticantes de judô passaram a promover a narrativa histórica a fim de exaltar seus próprios professores (Ibiapaba Martins foi aluno da Budokan e da Academia Ono).

Considerando os grupos em que o judô se dividiu nessa época, entre os membros dessa primeira comissão, não é possível observar qualquer pessoa ligada ao grupo da Kodokan no Brasil. Além disso, a matéria, parece indicar haver naquele momento um sentimento de total independência quanto à autoridade da Kodokan no Japão, pelos primeiros membros do judô paulista na Federação Paulista de Pugilismo, que se traduz na frase: “Hoje um razoável lutador de judô não terá necessariamente que ser formado na célebre “Kodokan”. Há lutadores que nunca saíram do Brasil e alcançaram primeiro, segundo e terceiro graus” (ÓTIMA..., 1949, p.7). Esta visão de independência do judô brasileiro frente à autoridade da Kodokan como principal organização mundial do judô era a reprodução pelos alunos de pontos de vista políticos expressos por seus professores. Isto não correspondia, porém, com o contexto do judô mundial naquele momento. Imediatamente após a Segunda Guerra, a Kodokan tornou-se a principal organização japonesa do judô após a dissolução da *Dai Nippon Butokukai* (GARCÍA, 2018).

A partir da fundação de uma Comissão Técnica de Judô, a Federação Paulista de Pugilismo passou a integrar a modalidade à sua estrutura burocrática. No início de 1950, como resultado de uma reunião da Federação Paulista de Pugilismo, os certames amadores de judô passaram a fazer parte da lista de eventos promovidos pela federação junto com o boxe, jiu-jítsu, e luta-livre romana. Em 1950, o judô era tratado pela entidade como novidade: “Notamos como novidade um campeonato de jiu-jitsu e outro de judô [...]” (ORGANIZADO..., 1950a, p.11). O campeonato a que a matéria faz referência foi o Campeonato Paulista de Jiu-Jítsu e Judô, realizado em outubro daquele ano (ORGANIZADO..., 1950a; ORGANIZADO..., 1950b). O jiu-jítsu e o judô passaram a ser, portanto, promovidos de maneira conjunta pela federação, como modalidades distintas.

Como anteriormente exposto, os membros da comissão técnica da Federação Paulista de Pugilismo não tinham relação com a Kodokan do Brasil, sua principal ligação era com a Academia Ono. Todos os membros estiveram presentes no evento de graduação da Academia Ono em 1950. Entre eles, Renato Ferrari foi promovido à faixa preta (*shodan*), Lucio Moreira Franca foi promovido ao 2º *dan*, Ibiapaba de Oliveira Martins, ao 3º *dan*. Portanto, fica evidente a associação de Ono com a presidência da comissão técnica (HOMENAGEADO..., 1950).

7.3 O I Campeonato Brasileiro promovido pela Federação Paulista de Pugilismo e Academia Ono

Em 1951 foi realizado o I Campeonato Brasileiro de Judô, organizado pela Academia Ono, com o patrocínio da Federação Paulista de Pugilismo, e do jornal São Paulo Shimbun. Vinte e duas equipes disputaram a competição, e a Academia Ono foi a campeã. As equipes vieram do interior e da capital de São Paulo, e do Rio de Janeiro. O clube E.C. Pinheiros foi a equipe vice-campeã, e a Academia Egoshi, de Mogi das Cruzes, ficou em terceiro lugar. No torneio individual, Sakai, da academia Ono, e Arsenio Martins, do Pinheiros, dividiram o primeiro lugar. Ao final da competição houve uma apresentação de Kimura, Yamaguchi e Kato, campeões japoneses que visitavam o Brasil (CAMPEÕES..., 1951; MAGNÍFICAS..., 1951; PROCLAMADOS..., 1951; FESTIVAL..., 1951a). Masahiko Kimura, havia chegado ao Brasil sob patrocínio do São Paulo Shimbun, para se apresentar como lutador profissional em lutas promovidas pelo jornal (CAMPEÃO..., 1951). Durante o campeonato, o departamento de judô da Federação Paulista de Pugilismo e o São Paulo Shimbun homenagearam os campeões visitantes (REÚNEM-SE..., 1951).

A competição por equipes foi dividida em três grupos: A, B, e C. No grupo A venceu o *dôjô* Egoshi, no grupo B o *dôjô* Fukaya, e no C o *dôjô* Ono. Nas finais organizadas entre as três campeãs das disputas por grupos, sagrou-se vencedor o *dôjô* Ono que, apesar do empate na última luta, venceu por decisão dos árbitros com vitória dada a Ibiapaba (3° *dan*), representante do *dôjô* Ono. Nas competições individuais, a primeira posição ficou dividida entre Martins, do *dôjô* Fukaya, e Sakai, do *dôjô* Ono; decisão tomada pelo arbitro da final, Kato. Em terceiro lugar ficou o atleta Isao, de Bastos (ONO..., 1951).

Os dois dias renderam cerca de 90 mil cruzeiros. A equipe campeã, da Academia Ono, foi composta por Antonio Silva, Sakai, Ibiapaba, Lucio e Shimada. Por sua vez, a equipe do E.C. Pinheiros foi formada por Durval, Martins, Heney, Edwin e Zaparoli (EMPOLGOU..., 1951).

Em agosto, pouco depois do Campeonato Brasileiro, foi realizada uma competição mista de judô e luta-livre patrocinada pelo jornal São Paulo Shimbun e supervisão da Federação Paulista de Pugilismo, com apresentação dos campeões japoneses de judô (JUDÔ..., 1951a). Demonstrando dois conflitos presentes no judô da Federação Paulista de Pugilismo naquele momento: não atendia o critério de amadorismo, e misturava as apresentações de judô com outras modalidades a fim de atrair maior público interessado. Isto está conectado à relação construída com os irmãos Ono como os primeiros entre os imigrantes japoneses a participarem ativamente da organização dos eventos de judô da Federação Paulista de Pugilismo. Além dos eventos já citados, outro evento que demonstra essa ligação entre a Academia Ono e a Federação Paulista de Pugilismo ocorreu em setembro de 1951, quando foi realizado um festival poliesportivo amador com seis lutas de judô. Este ficou sob controle técnico conjunto da Academia Ono e Federação Paulista de Pugilismo (FESTIVAL..., 1951b).

A inclusão de um membro filiado à Kodokan na estrutura organizacional da Federação Paulista de Pugilismo se deu em 1951, quando Mario Botelho de Miranda tornou-se diretor do departamento de Judô, criado a partir da comissão técnica (A CHEGADA..., 1951; O CAMPEÃO..., 1951). Após a criação da diretoria especializada, o crescimento do judô na federação foi tal, que em um período de apenas dois anos, passou a fazer parte da plataforma de campanha dos candidatos à presidência da Federação Paulista de Pugilismo, como Valdemar Zumbano, organizar reuniões de judô semanais (VALDEMAR..., 1953).

8 A SEPARAÇÃO ENTRE O JUDÔ E O JIU-JÍTSU

8.1 A visita de Masahiko Kimura ao Brasil

Como explicado na seção anterior, na competição da Federação Paulista de Pugilismo uma presença importante foi a da comitiva de judocas japoneses que visitou o Brasil. O principal evento do judô brasileiro em 1951 foi a vinda de Masahiko Kimura, campeão japonês, para realizar eventos de luta. Naquele momento, Kimura chegou sendo apresentado como lutador profissional. Ainda que a prática das lutas profissionais por praticantes do judô fosse comum no Brasil (sob o nome de jiu-jítsu), não era algo comum entre os lutadores que vinham do Japão, e que obedeciam as regras da Kodokan (JUDÔ..., 1951b).

Dado que conhecia de perto o cenário das lutas profissionais (JUDÔ..., 1951b), Yasuichi Ono foi escolhido como coordenador técnico da temporada da comitiva de Kimura realizada no Brasil (NÃO..., 1951). Naquele momento, as lutas profissionais sofriam questionamentos quanto à prática de lutas combinadas e, pouco tempo após o início das apresentações, começaram a aparecer acusações de que as lutas eram “de marmelada”. Ono, como coordenador técnico, para evitar as críticas que surgiam na imprensa reconheceu que de fato aqueles combates eram combinados, mas afirmou que substituiria, dada a comoção causada, os combates entre marmeleiros nas preliminares, por lutas entre amadores de luta-livre olímpica e judô (NÃO..., 1951; LUTA-LIVRE..., 1951). As mudanças foram bem aceitas pela imprensa que afirmou: “os organizadores da temporada reconhecendo como justas as críticas [...] apresentaram [...] um espetáculo bem diferente daquele que fez inaugurar a temporada.” (VOLTA..., 1951, p.7).

Como pode ser verificado, os alunos da Academia Ono participaram também desses eventos. Em 22 de agosto, as lutas de judô que tomaram parte na exibição da trupe de Kimura foram: Ibiapaba Martins contra Mario Shimada e Kimura contra Yamaguchi. Além disso foram realizados combates de luta-livre entre Kato e Menezes, Kimura contra Gigante de Memel, e Yamaguchi contra Mustafa (TORNEIO..., 1951). Em outro evento em outubro, sob o patrocínio do São Paulo Shimbun, lutaram outra vez os campeões japoneses em um evento em que Kimura fez uma luta de vale-tudo contra Leão de Portugal (LUTA..., 1951).

A defesa pessoal pelo meio científico que é o judô e com pequenas modificações o jiu-jitsu, ainda não está suficientemente difundido entre nós, como se verifica nas outras nações mais adiantadas: a exibição dos lutadores tornou patente o interesse crescente que essa modalidade de esportes vem

obtendo entre nós e a possibilidades de presenciarem aqueles campeões demonstrarem sua técnica que a todos entusiasmou. (OS CAMPEÕES..., 1951, p.16).

Novamente em outubro, os campeões japoneses enfrentaram o que foi, naquele ano, seu combate mais conhecido. Hélio Gracie desafiou os japoneses, o que culminou, primeiramente em suas duas lutas contra Kato nas regras do jiu-jítsu (O CAMPEÃO..., 1951). No Brasil, Kimura e sua trupe se depararam com um conjunto de regras que não era o padrão do Japão. Dadas as constantes disputas no Brasil sobre o regulamento de judô (jiu-jítsu), perguntaram os jornalistas para Kato, primeiro adversário de Hélio Gracie: “E como acha que a luta deve ser decidida, aos pontos?” Ao que Kato respondeu: “Não. Queremos lutar até que um de nós desfaleça ou se dê por batido. Assim que no Japão se decidem as lutas de jiu-jitsu” (FRANCAMENTE..., 1951, Segundo Caderno, p.1).

A resposta surpreendeu o jornalista. Dado que a colônia japonesa defendia sempre o uso do regulamento da Kodokan, prosseguiu assim o relato:

Dicemos-lhe, então que a própria colônia japonesa entre nós fazia ao contrário. As lutas que promovia em S. Paulo eram contadas aos pontos, decidindo-se muitas vezes a disputa somente por número de quedas. Os japoneses sorriram e preferiram não responder. É evidente que a colônia difunde o “Judo” (a luta em pé). O “Jiu-Jitsu” propriamente dito guardam para eles próprios...”. (FRANCAMENTE..., 1951, Segundo Caderno, p.1).

A Federação Metropolitana de Pugilismo, responsável pela organização das lutas na Guanabara, organizou as lutas preliminares do combate (INTERESSE..., 1951). Apesar de Kato ter demonstrado confiança nos jornais quanto àquelas regras diferentes das praticada no Japão, nas regras do jiu-jítsu Hélio venceu o lutador japonês (O CAMPEÃO..., 1951). Com isso, Kimura desafiou Hélio Gracie para a luta derradeira (KIMURA..., 1951).

Após a vitória de Kimura sobre Hélio Gracie, a comitiva permaneceu até novembro no país. Como exibição de despedida, realizaram uma reunião de luta-livre, judô e jiu-jítsu, promovida pela Federação Paulista de Pugilismo no Ginásio do Pacaembu. Kimura, Yamaguchi e Kato venceram em luta-livre Parisi, Ambrosio e Kian (SOBERBAS..., 1951). Contrapondo o que havia dito Kato, em sua saída do Brasil, assim expressou Kimura a sua impressão sobre as regras aplicadas no jiu-jítsu do Brasil:

Declarou-nos Kimura que estranhou o modo pelo qual se luta “jiu jitsu” no Brasil, que difere integralmente dos regulamentos do Japão. Disse que no seu país onde impera o regulamento da Kudo-kan (sic) (que é universalmente aceito) não se luta no chão sem primeiro derrubar o adversário e mesmo no

chão, o juiz suspende logo a luta se nota que não há imediata decisão, ordenando aos lutadores que a reiniciem de pé. (DECEPCIONADO..., 1951, p.10).

Explicaram os jornalistas ao lutador japonês: “Em nosso país também é obedecido o regulamento da Kudo-kan (sic), exceto pela Academia Gracie e por uns poucos lutadores avulsos” (DECEPCIONADO..., 1951, p.10). Esta fala demonstra como a partir do início da década de 1940 até 1951 as regras da Kodokan já haviam se popularizado entre a maioria dos praticantes.

Hélio Gracie, ao ler a matéria, procurou os jornais para rebater Kimura. Aproveitando-se do espírito nacionalista de seu tempo, respondeu sobre a questão de regras de que iria “defender a tese de que no Brasil não precisamos da interferência estrangeira para dar aos nossos patrícios um jiu-jitsu de altíssima categoria” (COMO..., 1951, p.6).

Diz meu adversário que os regulamentos da Kudo Kan (sic) são universalmente aceitos, isto não me admira [...] por essa razão que impõem o chamado “judo”, que é somente praticado como esporte [...] no que diz respeito ao jiu-jitsu [...] eles boicotam ao mundo inteiro. (COMO..., 1951, p.6).

Disse Hélio que não usava os regulamentos da Kodokan por não condizerem com os interesses nacionais, que são o de ensinar o “verdadeiro jiu-jítsu”. Ainda: “Não concordo com o boicote que querem impor ao jiu-jitsu nacional. Digo nacional, pois foi por nós adaptado às nossas necessidades e características de raça” (COMO..., 1951, p. 6). Continuou Hélio: “Nós ensinamos o jiu-jitsu, arma de ataque e defesa, sem o aparato místico dos japoneses” (COMO..., 1951, p. 6).

A tese do interesse nacional, utilizada pelos irmãos Gracie nessa oportunidade, serviu posteriormente como narrativa para discutir os desígnios das entidades do esporte brasileiro no que tange à oficialização dos regulamentos internacionais para as competições de judô. O principal adversário da Academia Gracie nesta discussão foi Augusto Cordeiro, aluno de Ryuzo Ogawa.

8.2 A disputa entre o Jiu-jítsu e o Judô

O principal embate para a solidificação do judô na primeira metade da década de 1950 foi com o jiu-jítsu. Especificamente, a vertente do judô introduzida por Mitsuyo Maeda no início do século XX que criou raízes nos estabelecimentos de ensino das forças de segurança,

das escolas de educação física, e entre os lutadores profissionais, e que teve como principal representante na mídia a Academia Gracie. Ainda no início da referida década, com exceção de São Paulo, o termo jiu-jítsu ainda tinha a preferência de uso na sociedade brasileira: “No Brasil, poucos, a não ser os afeiçoados, sabem o que significa a palavra judô. Fala-se em jiu-jitsu, no entanto, e todos saberão que se trata de um sport de origem japonesa [...]” (YÛDANSHA..., 1950b, p.10).

Após a vinda de Sumiyuki Kotani e Chugo Sato ao país, em 1939, a questão entre os termos judô e jiu-jítsu, e os debates entre o que era afinal a modalidade, se tornaram assuntos públicos. Assim, se dividiram aqueles que buscaram solucionar o problema entre os que diziam que havia confusão entre termos, e aqueles que afirmavam haver de fato diferença entre as duas modalidades. A principal dificuldade era, para o meio em geral, compreender que a diferença não estava em ser o jiu-jítsu praticado no Brasil o *jûjutsu* clássico japonês, mas uma modalidade completamente nova, fruto do processo de aculturação e de seu desenvolvimento interno no país fora dos padrões adotados pela Kodokan. Isto não significa que houve qualquer tentativa de esconder a origem deste sistema chamado posteriormente de “jiu-jítsu brasileiro” a partir do judô:

[...] no Brasil o judô passou por certa transformação em determinados estabelecimentos em consequência, naturalmente, do ambiente encontrado e da concorrência do box e da luta livre e, também [...] do “catch-as-catch-can” [...] As principais transformações sofridas pelo judô foram, primeiro, as de ordem formal, tais como cumprimentos, duração das lutas, situação do juiz e, em segundo lugar, as que vieram a influir no próprio conteúdo [...] em São Paulo, há questão de uns quinze anos atrás, este sport teria que sofrer a influência da luta livre. Foi o que aconteceu. O judô passou, então, a ser praticado de preferência no chão. (YÛDANSHA..., 1950b, p.10).

A década de 1950 é o momento em que o público brasileiro começou a perceber as diferenças entre as duas modalidades. Começaram a aparecer para os brasileiros as escolas dirigidas por japoneses, até então restritas à colônia, onde eram respeitadas todas as formalidades rituais e culturais da prática do judô (YÛDANSHA..., 1950b). Mesmo em São Paulo, principal rota da imigração japonesa, a necessidade de se adaptar à vida em uma nova cultura por alguns japoneses venceu o tradicionalismo e, assim, o sistema destituído de suas formalidades foi ensinado por membros da colônia no estado. Como anteriormente exposto, o

principal promotor do jiu-jítsu, como forma de judô menos detido às formalidades japonesas, na região, foi Yasuichi Ono (JUDÔ..., 1951b).

Quando Masahiko Kimura veio ao Brasil com o seu grupo de lutadores, a situação se tornou ainda mais confusa para os brasileiros, especialmente por ter Kimura aceitado lutar nas regras do jiu-jítsu. Kimura, portanto, rompeu uma tradição que já havia se estabelecido nos anos 1950 no Brasil de que as comitivas de judô vindas do Japão faziam somente lutas amadoras nas regras da Kodokan (KIMURA..., 1951) Os jornais especulavam as diferenças entre o jiu-jítsu e o judô constantemente e, em matéria sobre a luta de Kato contra Hélio Gracie, assim foi descrita a diferença dos termos judô e jiu-jítsu:

Antes, todavia, de prosseguirmos em nossa reportagem, é necessário que expliquemos a significação de umas tantas palavras que vimos empregando, a fim de que os leitores não fiquem tão confusos [...] Que significa a palavra “judô”? Não se confunde com “jiu-jitsu”? Sim, no Brasil são empregadas indiferentemente e, na realidade, correspondem ao mesmo esporte, embora alguns defensores da tradição teimem em estabelecer pequenas nuances entre “jiu-jitsu” e “judo”. (JUDÔ..., 1951b, p.24).

Ao aceitar participar de eventos com as regras competitivas aceitas pelo jiu-jítsu no Brasil, Kimura reascendeu as discussões quanto às regras a serem adotadas e os significados dos termos, reforçando teses equivocadas. O estabelecimento de novos conflitos entre as diferentes visões que se instalaram entre praticantes de judô e jiu-jítsu geraram a visita da segunda missão da Kodokan no Brasil em 1952.

8.3 Segunda Missão da Kodokan no Brasil

Em setembro de 1952, Carlos e Hélio Gracie visitaram o Correio da Manhã. O assunto sobre o qual queriam tratar era a temporada internacional de jiu-jítsu, que contaria com professores vindos do Japão. Entre eles o campeão japonês de judô, Yoshimatsu, além de outro entre os melhores atletas japoneses, Osawa. Os irmãos Gracie fizeram, então, um anúncio público de desafio aos japoneses, pelas regras do jiu-jítsu, tal qual foi feito para a comitiva de Kimura: “Se vêem os japoneses ao Brasil, justo e natural que se exibam sob nossas regras. [...] foram criadas por eles próprios, quando se sentiam seguros de sua superioridade [...]” (OS JAPONESES..., 1952, Segundo Caderno, p. 1).

Após a chegada da comitiva japonesa, em outubro daquele ano, foi promovido um evento para a apresentação dos integrantes da missão pelo consulado japonês, evento sob

patrocínio do Departamento de Esportes do Estado de São Paulo, realizado no Pacaembu. Com relação ao conteúdo das apresentações, a primeira parte tratou sobre “O que é o judô?” Em seguida, foi feita uma exposição das regras de competição de acordo com as normas da Kodokan, seguida de uma explicação da história do judô. Com relação ao judô, disseram os jornais que o “[...] judô já deixou de ser um esporte genuíno japonês para se revestir de um caráter internacional, entrando agora numa nova fase de grande desenvolvimento” (ESTREARÃO..., 1952, p.10). As publicações nos jornais anunciaram, ainda, que naquele ano havia sido inaugurada, em agosto, em Zurich, Suíça, a FIJ, tendo sido escolhido Risei Kano como presidente. Além disso, havia um planejamento da FIJ para concretizar a realização de um Campeonato Mundial de Judô (ESTREARÃO..., 1952).

Foi anunciada a chegada dos campeões japoneses de judô, da Kodokan em quatro de outubro (TEMPORADA..., 1952), seus integrantes eram Shinzo Takagaki (8º *dan*), Yoshihiro Yoshimatsu (7º *dan*), e Yoshimi Osawa (5º *dan*). A comitiva passou por São Paulo (capital), e pelo interior nas zonas Noroeste e Alta Sorocabana. Além disso, visitaram o Paraná, Distrito Federal (Rio de Janeiro) e Paraíba, retornando a São Paulo ao final da visita (NO GINÁSIO..., 1952). Durante o período de visitas, a temporada foi estendida a Londrina, onde foram realizados dois eventos, por conta do núcleo japonês no norte do Paraná (CAMPEÕES..., 1952).

Assim se deu o calendário de apresentações dos mestres japoneses: Mogi das Cruzes, dia 13; Suzano e Mogi das Cruzes, dia 16; Taubaté, dia 18; Araçatuba, dia 19; Lins, dia 24; Marília, dia 26; Lucélia, dia 27; Adamantina, dia 29; Presidente Prudente, dia 1 de novembro; Londrina, dia 2; Assaí, dia 9; São Paulo 4 a 11, com demonstrações nas Escolas de Educação Física da Polícia e Aeronáutica; dia 22, Rio de Janeiro; dia 15, João Pessoa, Paraíba; dias 17 e 18, foi a despedida no Rio de Janeiro (DIVERSAS..., 1952). O foco era, portanto, a capital do país (Rio de Janeiro) e os principais núcleos da colônia japonesa. Também, os centros de ensino de Educação Física das forças de segurança, responsáveis pelo ensino do jiu-jítsu como disciplina curricular do curso.

Com relação ao desafio da Academia Gracie, para que lutassem nas regras do jiu-jítsu, a missão da Kodokan se pronunciou explicando que eram: “[...] amadores e por isso lutarão sempre rigorosamente dentro das regras internacionais que regem o judô” (O REI..., 1952a, p.14), com isso negaram qualquer possibilidade de lutar fora das regras determinadas pela Kodokan, rejeitando um confronto nas regras do jiu-jítsu (O REI..., 1952a; O REI..., 1952b). Como esperado, Hélio Gracie retrucou dizendo que somente aceitava uma luta entre Carlson, seu sobrinho, e Osawa, se esta fosse nas regras do jiu-jítsu (HELIO..., 1952). Ainda, complementou Helio Gracie em outra matéria: “São uns pândegos esses japoneses. Chegam

com títulos ou sem eles e resolvem impor condições como se aqui fosse “terra de ninguém”” (O JUDÔ..., 1952, p. 15).

Com relação às apresentações, em São Paulo, Yoshimi Osawa enfrentou quinze lutadores locais, derrotando-os “num abrir e fechar de olhos” (ALCANÇARAM..., 1952, p.13). Yoshimatsu, por sua vez, enfrentou vinte e nove adversários, vencendo todos (ALCANÇARAM..., 1952). A facilidade com que os membros da Kodokan venceram seus adversários brasileiros colocou em xeque a propalada paridade de forças com o judô japonês que afirmam alguns dirigentes que organizavam a modalidade no Brasil, como visto anteriormente no caso da comissão técnica da Federação Paulista de Pugilismo formada por alunos da Academia Ono.

Durante a passagem pela Paraíba, Yoshimasa Nagashima, professor da ACM, residente no Brasil, havia dezessete anos, serviu como introdutor diplomático. Afirmou Nagashima que a visita dos professores de judô era uma retribuição à visita do brasileiro Ademar Ferreira da Silva ao Japão. “Assim como o campeão mundial e recordista olímpico do tríplice-salto foi a Tóquio fazer demonstrações da sua especialidade, virão dois consagrados lutadores mostrar como são as modernas regras do judo” (DIAS..., 1952, p.7). Perguntado pelos jornais sobre o desafio dos irmãos Gracie aos professores japoneses, criticou Nagashima o uso excessivo da luta de chão pelo jiu-jítsu praticado no Brasil, regra em que os irmãos Gracie desafiaram os mestres japoneses, e complementou dizendo que quem conhecia verdadeiramente o judô, poderia enfrentar diversos lutadores em situação de perigo: “vence-os facilmente, lutando de pé, sem necessidade de recorrer ao chão, deitando-se e inferiorizando-se para oferecer resistência deficitária.” (DIAS..., 1952, p.7).

Ainda com relação à visita da missão da Kodokan à Paraíba, esta se deu exclusivamente pelo interesse e patrocínio de Alice de Almeida, esposa do governador José Américo (VEM..., 1952). Durante a apresentação compareceram o Governador com a família, e seu filho, José Américo Filho, trabalhou como chefe do comitê organizador (PODERÁ..., 1952). Esta apresentação demonstra o aumento do interesse pelo judô fora da capital (Rio de Janeiro) e das regiões que continham núcleos de colonos japoneses.

Após se apresentar em João Pessoa, a delegação japonesa de judô voltou ao Rio de Janeiro, a capital do país, e foi apresentada ao Presidente Getúlio Vargas, por Vargas Neto, então presidente do Conselho Nacional dos Desportos (NO PALÁCIO..., 1952).

Nos momentos finais da visita dos membros da Kodokan ao país, Hélio Gracie voltou aos jornais para criticar a visita. Segundo o Gracie, a missão visou desmoralizar o método Gracie de jiu-jítsu, e indagou publicamente: “Por que o Govêrno não oficializa o método Gracie

de “jiu-jitsu”?” (AMADIO, 1952, p.20). Ainda que o jiu-jítsu não fosse ensinado exclusivamente pelos irmãos Gracie no Brasil, como anteriormente exposto, as declarações de Hélio sugerem, naquele momento, a percepção de que ensinavam um método próprio. Afirmou Hélio: “Cumprе salientar-se que o mérito dos Gracie não foi criar um novo método técnico [...] mas principalmente, modificar a forma de ensiná-lo” (AMADIO, 1952, p.20). A missão da Kodokan, disse ele, veio ao país tendo como único intuito desprestigiar o seu método de ensino (AMADIO, 1952). O foco das visitas nas regiões da colônia e nas instituições de ensino de Educação Física contrapõem esta visão, sugerindo que não havia intenção específica em disputar espaços diretamente com o sistema ensinado na Academia Gracie, mas divulgar o modelo da Kodokan no país como um todo.

É por esse período que os irmãos Gracie buscaram a validar uma nova teoria, de que o judô era apenas um único elemento técnico do jiu-jítsu, as projeções. Essa passou a ser a explicação de Hélio Gracie para as diferenças entre jiu-jítsu e judo a partir de então:

Não existe diferença entre “jiu-jitsu” e “judo”. Ambos são a mesma coisa. [...] A confusão surgiu com o emprego do termo “judo”, que denomina o que nós no Brasil chamamos de queda ou tombo. Antes desta confusão de nomes, o “jiu-jitsu” incluía em seus golpes o chamado “judô”, da mesma forma que existe chave-de-braço, estrangulamento, etc. O “judo” era o veículo que levava um adversário de peso maior ao chão, onde depois o mesmo seria vencido por um golpe qualquer, tal como chave, estrangulamento etc. Era, portanto, o golpe e não a queda que decidia a luta e acabava com os adversários. (AMADIO, 1952, p. 20-22).

Yasuichi Ono, adaptado ao contexto de lutas do Brasil, e um dos imigrantes japoneses que passou a ensinar também o sistema de jiu-jítsu estruturado no país, ao ler as declarações disse que Hélio fazia confusão entre os termos jiu-jítsu e judô, que eram a mesma coisa (ONO..., 1952). Ainda:

Helio comete um erro injustificável num professor quando afirma que os japoneses estão dispostos a só exportar um “jiu-jitsu de carregaçãо”, no qual não haja golpes tais como chaves de braço, estrangulamento e outros golpes que obrigam o adversário a desistir. [...] No “judô” há golpes em pé e golpes no tapete. Qualquer livrinho sobre o assunto (e já existem muitos) explica-nos isso. Só Hélio Gracie parece ignorar. (ONO..., 1952, p. 2).

É durante o período desta visita dos mestres japoneses que Ishii (2015) afirma ter acontecido uma reunião para tentar unir os grupos divergentes do judô da colônia. O contexto de conflito da Kodokan com os demais grupos do judô que se desenvolveram no Brasil fica

claro, quando Ono revela as academias que a missão da Kodokan preferiu manter distância: a Academia Ono, a Academia Gracie, e a Budokan de Ogawa (ONO..., 1952).

8.4 Federação Metropolitana de Pugilismo e o judô

Como foi possível compreender a partir dos jornais, no início da década de 1950 o método Kodokan era desconhecido na maior parte do Brasil. De maneira prática, somente quando o judô fosse amplamente conhecido, poderia suplantar o jiu-jítsu dentro das federações de pugilismo regionais. Para isso, também, serviu a visita dos membros da Kodokan em 1952, divulgar o judô de maneira mais ampla por todo o território nacional.

Enquanto em São Paulo o judô começou a se estabelecer sob a administração da Federação Paulista de Pugilismo, nas demais regiões onde não havia uma presença significativa de japoneses, o jiu-jítsu se manteve como a única prática ativamente promovida, como era o caso do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. A organização responsável por regulamentar o jiu-jítsu no Estado da Guanabara, desde a regularização do Decreto-lei 3.199, era a Federação Metropolitana de Pugilismo. Com relação aos clubes filiados à Federação Metropolitana de Pugilismo, em 1951, em nota sobre a reunião na sede, sob a presidência do Diretor do Departamento Técnico e Diretores da Divisão de Box Amador e Profissional, os clubes filiados eram: América, Vasco, São Cristóvão, Madureira e Flamengo. O objetivo desse encontro foi reafirmar a necessidade de fazer reviver o pugilismo amador na capital da República. Assim, a Federação Metropolitana de Pugilismo pediu que os clubes dessem ciência da situação da prática dos ramos do pugilismo como luta-livre, greco-romana, e judô, em seus clubes, para que fosse possível elaborar o calendário daquele ano (BOX..., 1951; REVIVERÁ..., 1951). Os clubes, entretanto, tinham pouca autonomia quanto às competições dado que os filiados não podiam promover espetáculos sem prévio conhecimento da federação (REUNIÕES..., 1951). Ainda assim, por estar incluído entre a lista de modalidades a serem promovidas, o judô já aparecia como prática competitiva de interesse na Federação Metropolitana de Pugilismo em 1951.

Com relação à sua estrutura, o relato encontrado sobre a Federação Metropolitana de Pugilismo no início da década de 1950 é de que recebia, anualmente, da Prefeitura, uma subvenção de sessenta mil cruzeiros, que não era capaz de cobrir as despesas. A sede ficava em uma sala modesta na Rua Álvaro Alvim, onde poucos funcionários se desdobravam para atender a demanda diária (ESMURRANDO..., 1953). Com relação ao judô e o jiu-jítsu, em outubro de 1951, houve uma reunião do departamento técnico da Federação Metropolitana de

Pugilismo, para que fosse discutido com os clubes, entre outras coisas, a fixação de uma data para a realização do Campeonato Carioca de “Jiu-Jitsu (Judô)”, na forma legal e regulamentar (PUGILISMO..., 1951). Na federação carioca, portanto, os dois termos eram entendidos como a mesma prática.

Foi no começo da década de cinquenta que a Federação Metropolitana de Pugilismo começou a ter contato e se adaptar às regras internacionais do judô. O primeiro membro da Kodokan do Brasil a ter sua colaboração com a Federação Metropolitana de Pugilismo anunciada em jornal foi Yoshimasa Nagashima. Em 1952, consta nos periódicos Diário de Notícias, Jornal dos Sports e Jornal do Brasil a solicitação da presença de Yoshimasa Nagashima e do dr. Valdemar Dutra, à Federação Metropolitana de Pugilismo, com o objetivo de se entenderem com o diretor do Departamento Técnico da Federação Metropolitana de Pugilismo sobre a regulamentação do campeonato de judô nos termos do regulamento internacional (EM AÇÃO..., 1952; NOTICIÁRIO..., 1952; PUGILISMO..., 1952). Ficou sob a responsabilidade de Nagashima, portanto, pela primeira vez estabelecer oficialmente na Federação Metropolitana de Pugilismo as regras da FIJ para as competições, no lugar das regras do jiu-jítsu utilizadas até então.

Por outro lado, ao escolher se dedicar ao judô como praticado em todo mundo, a Federação Metropolitana de Pugilismo abriu uma ruptura com os praticantes de jiu-jítsu que, como demonstrado anteriormente, na década de 1950, se faziam representar nos jornais através dos irmãos Gracie. Com relação à Academia Gracie, o relacionamento com a Federação Metropolitana de Pugilismo pelo que é demonstrado nos jornais, se deteriorou desde a vinda de Masahiko Kimura ao Brasil em 1951. Uma disputa com relação à organização da luta de Kimura contra Helio Gracie, entre a Academia Gracie e a Federação Metropolitana de Pugilismo, foi levada até a CBP. A CBP se pronunciou no sentido de que a Federação Metropolitana de Pugilismo tinha plena autoridade legal para dirigir, promover, controlar e permitir lutas ou espetáculos de jiu-jítsu, e não a Academia Gracie. Além disso, questionando o afamado título de Campeão Brasileiro ostentado por Hélio Gracie nos jornais, a CBP fez saber à imprensa que nenhum título de campeão nacional ou regional era válido sem o reconhecimento oficial da CBP. Os jornais que tomaram o lado dos irmãos Gracie, disseram não existir uma entidade especializada no jiu-jítsu, ignorando que pelos estatutos da CBP, a subordinação dos praticantes seja de jiu-jítsu ou judô estava sob a administração das entidades pugilísticas. As federações regionais, subordinadas à CBP, tinham a mesma autoridade para dirigir, promover ou permitir a realização de certames, quer de amadores ou de profissionais. A CBP avisou, adicionalmente, que os clubes deveriam se filiar, e a academia ou clube que

funcionasse sem cumprir as determinações do Conselho Nacional de Desportos estaria irregular – aviso claramente direcionado à Academia Gracie (A F.M.P..., 1951).

Como resposta às discordâncias que cresceram entre a Academia Gracie de um lado e a CBP e Federação Metropolitana de Pugilismo do outro, em 1952 George Gracie revelou a intenção dos irmãos Gracie em promover a fundação “[...] em todo o país da Federação Brasileira de Jiu-Jitsu, órgão controlador e que obedecerá à direção dos Irmãos Gracie em todo o Brasil.” (GEORGE..., 1952, p.7). Este momento de atrito entre os irmãos Gracie e a Federação Metropolitana de Pugilismo produziu, pelo que demonstra o desenrolar dos eventos observados, as condições ideais para que Augusto Cordeiro desafiasse a continuidade da prática do jiu-jítsu e construísse sua influência política na CBP, fazendo crescer na burocracia pugilística local e nacional a intenção de patrocinar o crescimento do judô.

8.5 A disputa política entre Cordeiro e os Irmãos Gracie

As divergências entre Cordeiro e a Academia Gracie começaram em 1950. Em outubro daquele ano, as duas agremiações participaram do primeiro Campeonato Carioca de Jiu-jítsu, organizado pela Federação Metropolitana de Pugilismo, que também contou com a participação das academias Azevedo Maia, Carlos Pereira e Fadda. Na segunda etapa da competição, Cordeiro retirou sua equipe, acusando a Academia Gracie de atitudes antidesportivas. Com a saída de Cordeiro, a Academia de Azevedo Maia decidiu também deixar da competição, o que gerou o cancelamento do evento pela Federação Metropolitana de Pugilismo. Ainda assim, os irmãos Gracie continuaram o evento (PREVISTO..., 1953) e, Takeshi Ueda, aluno de Cordeiro, resolveu continuar na disputa, empatando uma luta com Robson Gracie, filho de Carlos (GRACIE, 2008).

Observando o crescimento do judô no meio carioca, patrocinado pela Federação Metropolitana de Pugilismo, em 1953, Carlos Gracie desafiou a Academia Cordeiro para uma disputa (A. CORDEIRO..., 1953). Como observa Gracie (2008, p.277) “o jiu-jitsu sempre vivera na base do desafio, usando a imprensa como intermediária”. Cordeiro prontamente aceitou o desafio, com a condição de que as lutas fossem feitas pelo regulamento internacional do judô. Naquele momento, Cordeiro estava preparando seus alunos para o campeonato regional de judô que estava sendo planejado pela Federação Metropolitana de Pugilismo, e que supostamente ia servir de base para formar a equipe brasileira de judô que participaria dos Jogos Olímpicos (A. CORDEIRO..., 1953).

Enquanto Carlos dizia que um aluno de Cordeiro havia desafiado Robson, o que os legitimaria a impor as condições da luta, Cordeiro afirmava que nenhum um aluno seu havia desafiado o filho de Carlos, e aproveitou para publicamente acalorar os ânimos: “não creio que Robson tenha esquecido a luta que fez com Takeshi Ueda, meu aluno, que lhe deu uma autêntica aula de Judo” (QUE..., 1953, p.3). Mais uma vez Cordeiro reforçou que não tinha receio nenhum em enfrentar a Academia Gracie, que na verdade queria que o embate ocorresse, mas o faria somente nas regras internacionais do judô (QUE..., 1953). Enquanto a Federação Metropolitana de Pugilismo queria usar regulamento internacional, os irmãos Gracie faziam questão de lutar em seu próprio regulamento, usando o argumento de que praticavam o “jiu-jítsu nacional” (AUGUSTO..., 1953).

Ainda que o argumento nacionalista tivesse apelo entre a população e o governo, Cordeiro habilmente utilizou do mesmo expediente. Disse Cordeiro, que o jiu-jítsu praticado pelos irmãos Gracie servia somente para que chamassem atenção, verdadeiramente, o judô, entre as duas opções, era o único que poderia representar o Brasil frente as outras nações nos eventos internacionais. Sendo assim, somente realizando competições no regulamento internacional o judô poderia dar ao Brasil uma equipe forte para participar nos eventos internacionais e representar bem o país (AUGUSTO..., 1953). Como demonstra Drumond (2009), para o ideário de esporte nacional construído durante o governo Vargas, o esporte atuava em consonância com o sentimento de brasilidade, projetando uma imagem de sucesso da “raça” pátria nos eventos internacionais (DRUMOND, 2009).

Cordeiro e Hélio Gracie estavam propondo aos órgãos de controle do Estado, em última análise, duas estratégias distintas de aculturação para o judô. Pelo lado de Hélio, a manutenção da marginalização dos interesses da comunidade japonesa, propondo a manutenção do jiu-jítsu criado no Brasil como sistema completamente adaptado à sociedade brasileira. Por outro, Cordeiro propôs a integração do judô japonês, entretanto, sob a autoridade e mediação do sistema internacional representado pela FIJ em que, ainda que houvesse a manutenção de alguns elementos da cultura originária, o judô como sistema organizado se sujeitaria e se adaptaria de acordo com as demandas e regulações da FIJ através da CBP. Em outras palavras, o judô como esporte moderno, sob a ótica do contexto de ocidentalização posterior à Segunda Guerra Mundial.

O desafio dos Gracie colocou Cordeiro em evidência. Cirandinha, Passarito e Hermann, lutadores que treinavam para enfrentar os irmãos Gracie em um desafio de vale-tudo, passaram a treinar na Academia Cordeiro, chamando a atenção da imprensa (PRESENTE..., 1953). Enquanto Cordeiro já havia vencido os irmãos Gracie na disputa por

influência política na Federação Metropolitana de Pugilismo, ainda restava capital político para os Gracie em toda a mídia jornalística carioca. O desafio foi, no entanto, um golpe duro no prestígio que tinham perante a sociedade e a mídia, e elevou o prestígio de Cordeiro perante a opinião pública.

Em maio do mesmo ano, buscando auxiliar os irmãos Gracie, o jornal Última Hora tentou mudar a narrativa, revelando como havia se construído o desafio. Segundo o Última Hora, foram os membros do jornal quem tiveram a ideia de promover o confronto. Houve uma mesa-redonda para acordar os detalhes de como seria a competição, mas após dois meses o confronto foi cancelado. Hélio declarou não ter raiva de Cordeiro, e que eram inimigos apenas em ponto de vista. Entretanto, até então adversários somente dentro do esporte, acabaram se transformando em inimigos pessoais (O QUE..., 1953).

Ainda que houvessem percebido o erro, segundo o jornal, houve uma razão para que publicamente os Gracie tenham considerado continuar com o torneio. Ocorreu que uma emissora carioca teve ideia de promover uma mesa-redonda para tratar da regulamentação do jiu-jítsu, que vinha sendo estruturado pelas regras do judô dentro da Federação Metropolitana de Pugilismo sem qualquer consulta aos irmãos Gracie (O QUE..., 1953). Continua a matéria:

Passou-se a tratar desse novo assunto. Carlos e Helio apresentaram um anteprojeto, que foi motivo de discussão. Resolveram então abrir fogo contra o Judô. Lutariam, de maneira mais intensa, contra o que não muito aguerridamente vinham combatendo. (O QUE..., 1953, p.2).

Após a repercussão dessa mesa-redonda, a imprensa voltou a divulgar o torneio, mas os irmãos Gracie foram orientados por amigos a não lutar nas regras do judô (O QUE..., 1953). A partir disso, os irmãos Gracie anunciaram publicamente que não participariam de eventos fora das regras do jiu-jítsu (RESPEITO..., 1953; DEZ..., 1953). O enfraquecimento da imagem da Academia Gracie perante a imprensa e a opinião pública fica claro pelo tom da nota, e pelos ataques que fizeram a seus adversários:

[...] a imprensa é uma das principais responsáveis pelo prestígio dos irmãos Gracies em nossa terra, pelo incentivo e apoio que nunca nos negou, espontaneamente nos auxiliando e propagando nosso trabalho. Não podemos, portanto, ser incoerentes e ingratos e respeitamos a imprensa acima de tudo, porque ela é a verdadeira voz do povo. [...] imediatamente esses imitadores, que em sua maioria não passam de verdadeiros charlatães despidos de todo o interesse patriótico são movidos, apenas, por interesses egoísticos e mercenários, não sendo justo que tais indivíduos mereçam e contem com nossa colaboração como desejam no sentido de qualquer competição de

caráter público, a não ser dentro do regulamento que sempre existiram no verdadeiro jiu-jitsu desde sua origem. [...] não mais competiremos com quem quer que seja, ou em qualquer núcleo que se denomine escola de jiu-jitsu ou judô, em público, a não ser pelos regulamentos de origem [...] (DEZ..., 1953, p.14).

Agora em evidência pelo confronto que não aconteceu, Cordeiro realizou uma competição no Fluminense, com a presença de 120 lutadores, entre eles trinta membros da Budokan de São Paulo. Entre os lutadores de São Paulo estavam Kurachi, Kawahan (sic), Ogoshi e Nahame. Com relação aos noventa atletas do Rio de Janeiro, consistiam de membros da Academia Cordeiro, da ACM, do Clube Ginástico Português, da Colônia Japonesa de Santa Cruz e da Associação Atlética do Banco do Brasil (DOMINGO..., 1953). O evento contou com demonstração de defesa pessoal de “crianças e moças”. Destacaram-se entre os brasileiros, José Melo, Alexandre, Mauricio Helcio, Antonio Alves, Luiz Roberto, Harry, Sutter, Cristovão, e Rudolf Hermann (CENTO..., 1953).

A direção da competição coube a Ryuzo Ogawa, que o jornal dizia ser faixa preta do 6º grau, “membro da Kodokan e presidente no Brasil da Budokan”. Com relação aos vencedores: nas lutas dos mais jovens (26 competidores) venceu André Vasarelli, em segundo lugar ficou Antônio Pádua, e em terceiro, João Braune, todos alunos da Academia Augusto Cordeiro. Na categoria de faixas até a marrom (57 competidores), venceu José Carlos que era ainda um faixa branca (Academia Cordeiro), em segundo lugar, o faixa marrom Katu (Colônia de Santa Cruz), e em terceiro, Fausto (Academia Cordeiro). Na competição principal de faixas pretas 2º *dan* (25 competidores) em primeiro lugar ficou Minakawa (filial da Budokan de Santos), em segundo lugar, Gildo (filial da Budokan de Santos), em terceiro lugar Auraku da matriz da Budokan, e, em quarto, Harry da Academia Cordeiro. Estiveram presentes como convidados para assistir à competição Hélio, Carlos, Robson e Carlson Gracie (SUCESSO..., 1953). Esta competição simbolizou a separação definitiva entre o jiu-jítsu e o judô na capital do país, e representou a escolha da promoção do judô pela administração do pugilismo no Brasil.

Ainda que Hélio tenha prometido nunca mais lutar nas regras internacionais, os desafios a atletas de judô para que lutassem nas regras do jiu-jítsu não cessaram e, em 1954, com a progressão do crescimento acelerado do judô, Helio Gracie desafiou publicamente a Kodokan e a FIJ a provar a superioridade do judô sobre o jiu-jítsu (HELIO..., 1954). Portanto, promover desafios não deixou de ser a principal forma que os irmãos Gracie utilizaram para divulgar e manter vivo o jiu-jítsu.

8.6 O “interesse nacional”

Um tema central e recorrente no debate trazido pelos irmãos Gracie foi a questão do interesse nacional, identidade nacional. Isto revela que, apesar do número expressivo de imigrantes japoneses na primeira metade do século XX, o contexto político contribuiu para que o processo de aculturação do judô ocorresse também no Brasil. O judô, usado como ferramenta cultural, para promover o “espírito japonês” no seio da colônia sofreu, ao ser incluído no meio social brasileiro, transformações em um país que experimentava a sua própria onda de nacionalismo, e via os japoneses com desconfiança.

Assim, mesmo elementos como a reverência antes das lutas, tal como praticado no Japão, foram tema de discussão pública em nosso país (A ESTRANHA..., 1953). Como anteriormente explicado, o uso do esporte como ferramenta de formação de uma identidade nacional no Brasil surgiu no governo de Getúlio Vargas:

Os interesses de Vargas sobre o esporte vinham crescendo à medida que seu projeto de nação se estruturava e que se percebia o poder que o esporte tinha junto à juventude e às massas. Desde cedo, em seu governo, Vargas mostrava interesse com a formação da identidade nacional, assim como com a formação da juventude do país. Nesse sentido, o esporte foi uma das ferramentas utilizadas pelo governo na consolidação de uma nova imagem do homem brasileiro e na preparação da chamada “raça” brasileira e seu aperfeiçoamento pela prática esportiva. (DRUMOND, 2009, p.233).

O uso da ideia de interesse nacional e da concepção de um jiu-jítsu ou judô “nacional” como narrativa, dissociado da cultura japonesa, ficou mais claro após o evento da Mesa Circulante da Rádio Tupi. A Mesa Circulante da Rádio Tupi, foi uma reunião para tratar da regulamentação do jiu-jítsu no Brasil, e ocorreu em maio de 1953. Naquela oportunidade, os irmãos Gracie, que até então não haviam sido convidados a discutir o tema de regulação do jiu-jítsu pela Federação Metropolitana de Pugilismo apresentaram um anteprojeto (A ESTRANHA..., 1953). Na presidência da reunião estava o Major Joaquim Couto, representante da Federação Metropolitana de Pugilismo e, além dele, estavam presentes os redatores especializados dos jornais Última Hora, Correio da Manhã, Diário da Noite, Jornal dos Sports, A Noite, Correio da Noite, O popular, Campeão, e o locutor Garofalo (A ESTRANHA..., 1953).

Enquanto a Federação Metropolitana de Pugilismo havia adotado, através de Cordeiro e Nagashima, os regulamentos de competição da FIJ, os irmãos Gracie tentaram a todo custo, apelando à burocracia esportiva, exigir a manutenção da prática do jiu-jítsu.

Por ocasião da Mesa Circulante promovida pela rádio Tupi [...] veio à baila o regulamento internacional adotado pela Federação de Pugilismo. [...] aprovado pela F.M.P., embora do conhecimento de todos os professores de Judô do Brasil, que presumimos tenham sido consultados, na época, era absolutamente estranho aos irmãos Gracies, introdutores e maiores difusores do esporte nipônico em nosso país. [...] Alguns jornalistas, entre os quais se incluía o deste jornal, endossaram o protesto dos Gracies nesse sentido. [...] lamentam os Gracies que tenham sido postos à margem [...] (RENATO, 1953, p.10).

Os dois principais pontos trazidos pelos irmãos Gracie foram: a continuação da luta no solo e exclusão do cumprimento “à moda nipônica”. Com relação à reverência tradicional do judô japonês, comenta o jornal: “diga-se de passagem é de um ridículo à toda prova. Como os leitores sabem, os dois contendores antes da luta, curvam-se comicamente ao invés de apertarem as mãos” (A ESTRANHA..., 1953, p.10). Os irmãos Gracie, então em disputa de narrativas com Cordeiro novamente nos jornais, aproveitaram a chance para fazer apelo ao patriotismo do público brasileiro. Disse Hélio Gracie:

Embora levando em consideração a ignorância de certos cavalheiros neste assunto, não podemos, também, deixar de admitir que eles cometem um crime de lesa-pátria. É preciso não esquecer que eles não prejudicam os Gracies e sim o próprio Brasil. [...] Nosso intuito sempre foi o de melhorar o nível moral e físico de nossa gente. Um trabalho, portanto, sumamente patriótico [...] Mas eu os perdôo. Trata-se de brasileiros falsificados [...] (RENATO, 1953, p. 10).

Esta retórica fez com que a regulamentação em si tenha deixado de ser o objeto principal da reunião. Ataques pessoais dominaram o encontro, houve uma discussão intensa entre o jornalista Carlos Duarte e os irmãos Gracie (A ESTRANHA..., 1953). O intento dos irmãos Gracie, de que o uso de suas regras não fosse barrado pela federação de pugilismo, dada sua adoção das regras internacionais, parece ter sido atingido:

Helio informa que está sendo reparada, com muito interesse, pela Federação de Pugilismo, principalmente seu presidente, o major Joaquim Couto, e pelos dirigentes do esporte do ringue nacional esta falha que se poderia considerar imperdoável. Alguns desportistas estão interessados na aprovação do anteprojeto dos Gracies quando não seja para prática em torneios do país. (RENATO, 1953, p. 10).

Em 1953, apelar ao sentimento patriótico foi a principal arma dos irmãos Gracie para fazer sobreviver o seu sistema, o que foi dito abertamente: “estamos empenhados numa

campanha contra o método de ensino nipônico (judô). Sobretudo em se tratando desse Cordeiro, o maior quinta-colunista do jiu-jitsu brasileiro” (A “BOMBA”..., 1953, p. 12). Os brasileiros, que seguiam o modelo japonês eram retratados pelos irmãos Gracie como enganadores, ou traidores da pátria: “Atualmente fantasiado de moderno “jiu-jitsu”, um grupo de brasileiros orientados por japoneses e por um cidadão português, querem introduzir o judô em nosso país, para desta forma matar a semente tão bem plantada [...]” (CARTAS..., 1954, p. 2).

Como pode ser percebido pela citação anterior, a narrativa patriótica foi além de apontar que o judô era um método japonês e, dado que Cordeiro, o principal adversário político dos irmãos Gracie, era português, isto fez com que atacassem, também, sua nacionalidade portuguesa:

Agora mesmo, a pretexto de competir num campeonato mundial um “professor” português, a serviço de japoneses que nem conhecem o nosso idioma, sem conhecimentos técnicos de espécie alguma [...] inexplicavelmente apoiado por certas autoridades, pretende chefiar uma delegação à Argentina, e cada vez mais fortificar aquilo que os japoneses desejam, a distração do mundo para o judô [...] (CARTAS..., 1954, p. 2).

Visto que passaram a existir nos jornais, que por tanto tempo foram simpáticos aos irmãos Gracie aqueles jornalistas que eram favoráveis à causa do judô e aos pontos de vista de Augusto Cordeiro, os irmãos Gracie igualmente não poupavam a crítica à imprensa que não lhes era favorável:

A nossa gratidão pelo Correio da Manhã nos dá liberdade de estranharmos que esse grande órgão, já tendo desmascarado esse tão falado judô, em reportagens assinadas pelo redator Walter Mesquita, tenha desavisadamente se colocado, agora, a favor desse disfarce em que se apoiam alguns japoneses para, influenciando elementos de fácil controle, dominar o campo brasileiro com um falso “jiu-jitsu” [...] (CARTAS..., 1954, p. 2).

De maneira geral, o desgaste da Academia Gracie se deu de maneira ampla e, ainda que tenham mantido certa influência com alguns jornais e políticos, a adoção do judô como método oficial se tornou irreversível. As regras do jiu-jitsu, por outro lado, sobreviveram de maneira restrita.

8.7 O judô nas Escolas de Educação Física

Ainda que na retórica pública a Academia Gracie rivalizasse com o judô, o que demonstram as fontes jornalísticas é que o judô, na primeira metade da década de 1950, passou

a suplantando progressivamente o jiu-jítsu em todas as esferas do ensino esportivo no país. Ainda que as competições fossem o principal palco público de discussão e demonstração de força, desde o início dos anos 1950 o judô passou a ter preferência nas principais escolas para professores de Educação Física, que, até então, eram dominadas pelo ensino do jiu-jítsu.

É possível verificar através dos jornais a influência do judô, tão cedo quanto 1950, nessas instituições. Em agosto de 1950, na inauguração da sede da Escola de Educação Física e Esportes da Universidade do Brasil, nos fundos do Palácio Universitário, na avenida Pasteur em Botafogo, no programa comemorativo, entre as apresentações, já era utilizado o termo judô, ainda que como sinônimo de jiu-jítsu (INAUGURA-SE..., 1950; ESCOLA..., 1950). O mesmo pode ser observado na Escola Nacional de Educação Física e Desporto, quando houve o estabelecimento da Universidade do Brasil em 1950. A direção da Escola Nacional de Educação Física e Desporto foi entregue ao professor Alberto Latorre de Faria que, como apresentado anteriormente, já conhecia as contradições entre os termos judô e jiu-jítsu. Na inauguração do ginásio de pugilismo da Escola Nacional de Educação Física e Desporto, novamente, o termo judô já aparece, mas também como sinônimo de jiu-jítsu (FINALMENTE..., 1950).

É nesse sentido que Alberto Latorre de Faria, como diretor e professor, foi essencial para que o judô tomasse o lugar do jiu-jítsu no currículo da formação em Educação Física. Em 1954, um ano após o ferrenho debate entre a Academia Gracie e Cordeiro, e pouco depois do Campeonato Brasileiro de Judô, Latorre realizou na Escola Nacional de Educação Física e Desporto uma palestra, durante a qual colocou um ponto final na questão, apresentando, oficialmente, o judô, para as escolas de formação de professores em Educação Física (PROF..., 1954).

Na Conferência de Faria, estiveram presentes duas entre as mais altas autoridades do país no meio educacional e esportivo: o Reitor da universidade do Brasil, Pedro Calmon, e o General Pires de Castro, presidente do Conselho Nacional de Desportos (CARACTERÍSTICAS..., 1954). A apresentação foi fruto de extensa pesquisa e, buscou, de uma vez por todas, apresentar aos burocratas do meio educacional e esportivo, os detalhes do que era o judô, trazer uma explicação histórica, falando sobre o conceito sociopsicológico do povo japonês, referindo-se ao período Tokugawa quando as lutas atingiram seu apogeu no Japão. Latorre falou ainda sobre a participação de Jigoro Kano na transformação do processo de “atacar e defender-se”, modificando o sistema empírico e prático, através de métodos científicos. Encerrou sua apresentação demonstrando a circunstância global do judô, falando sobre sua expansão, e sua relação com o movimento olímpico internacional (CARACTERÍSTICAS..., 1954).

A grande receptividade que o Judo obteve no mundo ocidental – acentuou – não só no seu aspecto doutrinário como na sua faceta desportiva da qual a Federação Internacional de Judo, sediada em Paris, é um reflexo, tendo a mesma elaborado uma regulamentação que esclarece qualquer dúvida a respeito no plano das competições esportivas. (CARACTERÍSTICAS..., 1954, Segundo Caderno, p.1-2).

A apresentação de Latorre parece ter encerrado a questão do risco contra os interesses nacionais que havia sido promovida pelos irmãos Gracie. Em uma palestra em que estavam presentes autoridades públicas interessadas no esporte, foi reconhecida a origem cultural japonesa, mas o judô foi apresentado como um esporte de caráter internacional. A apresentação de Latorre tratou o judô somente como mais um esporte entre tantos, com grande aceitação e receptividade no Ocidente, representado internacionalmente pela FIJ, que tinha sua sede na Europa.

O mesmo discurso foi usado, no ano seguinte, pelo embaixador do Japão no Brasil durante a inauguração do Departamento de Judô da Associação Atlética do Banco do Brasil, e do retrato de Jigoro Kano: “O judô não é mais esporte nacional do Japão; já é internacional” (O JUDÔ..., 1955, p.7).

É importante frisar que o período da primeira metade da década de 1950 é o da criação da FIJ, fundada em 1951. É nesse momento que tanto os elementos pedagógicos como os objetivos da prática do judô sofreram mudanças. O judô passou de um método japonês espiritual, e de autodefesa, a uma modalidade esportiva com ênfase nas características competitivas (CARR, 1993). Segundo Villamon et al. (2004), foi neste período que iniciou o processo de modernização reflexiva do judô sob o domínio cultural dos Estados Unidos. O modelo de judô desenvolvido no Ocidente influenciou o modelo japonês e, com isso, passou a existir uma intensa disputa política pelo controle da FIJ (SAEKI, 1994). A mudança que sofreu o judô através de sua modernização, influenciou a forma como a modalidade passou a ser apresentada e interpretada no Brasil, sendo reforçado o valor do judô como um esporte internacional, em detrimento da sua dimensão cultural tal como praticado pela colônia japonesa.

9 O JUDÔ DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PUGILISMO

9.1 Primeiro Campeonato Brasileiro de Judô

A resolução da disputa entre jiu-jítsu e judô no Rio de Janeiro abriu caminho para a oficialização do judô nacionalmente através da CBP. Em 1954 foi realizado, pela primeira vez, o Campeonato Brasileiro de Judô reconhecido oficialmente pela entidade controladora das lutas desde 1941. O interesse da CBP em promover o evento era, entretanto, mais antigo. Em novembro de 1952, no jornal Tribuna da Imprensa foi anunciado o acontecimento do Campeonato Brasileiro de Judô planejado para acontecer no Pacaembu (JUDO, 1952). Levando em consideração a disputa entre a Academia Gracie e Augusto Cordeiro que ainda acontecia, fazia sentido que o primeiro evento ocorresse em São Paulo, onde o judô já estava bem estabelecido.

Entretanto, o campeonato não foi efetivamente realizado em 1952. No ano seguinte, Paschoal Segreto, presidente da CBP, reconheceu a necessidade de fortalecer o judô regionalmente antes da execução de um certame nacional, principalmente no Distrito Federal. Com isso, Segreto informou que a Associação Atlética do Banco do Brasil em conjunto com a Federação Metropolitana de Pugilismo planejavam fazer um encontro de todas as academias do Distrito Federal, então o Rio de Janeiro, para organizar um campeonato regional. A reunião serviu, também, para que cada academia indicasse um representante junto à federação (PREVISTA..., 1953).

A CBP deixou claro nos jornais que a competição regional se dava pelo interesse em realizar um campeonato em âmbito nacional para o ano seguinte, assentando definitivamente a disputa do Campeonato Brasileiro de Judô, que seria realizado em comemoração ao centenário de fundação da cidade de São Paulo. Era a partir desse campeonato que o Brasil finalmente poderia enviar uma equipe para os eventos internacionais. Ao que indicam as fontes, a CBP conhecia o interesse de que o judô se tornasse um esporte olímpico já nessa época, e desejava entender as possibilidades do Brasil caso participasse das competições de judô nos Jogos Olímpicos (PREVISTA..., 1953).

A realização do Campeonato Brasileiro, em 1954, já estava, portanto, acertada desde janeiro de 1953, quando foi estabelecido o calendário de 1954 da CBP, para que acontecesse durante as festividades do Centenário de São Paulo. Com a colaboração das federações e entidades esportivas do estado, decidiu-se que o Campeonato Brasileiro de Judô seria organizado em junho de 1954 (COMEMORAÇÕES..., 1953). Assim, em janeiro de 1954, a

CBP remeteu o calendário anual para o Conselho Nacional de Desportos, constando a data do Campeonato Brasileiro de Judô (ONTEM..., 1954).

Entretanto, as coisas não seguiram como o planejado e, em 12 de junho, em nota na imprensa, a CBP confirmou que os planos haviam mudado, e a realização do I Campeonato Brasileiro de Judô tinha passado para o Rio de Janeiro, no ginásio do Tijuca Tênis Club, que havia sido cedido pela diretoria, através de seu presidente, Hugo Ramos (PUGILISMO..., 1954).

Não será realizado em S. Paulo, como fora resolvido, o campeonato brasileiro de judo. O certame patrocinado pela C. B. P. terá lugar no Rio sendo disputado de 12 a 14 do corrente na sede do Tijuca. (NO RIO..., 1954, p.16).

Após ter sido estabelecida a nova data para a realização do campeonato, as entidades regionais começaram a organizar a forma de selecionar suas equipes, e a preparar seus atletas para a competição. A seleção paulista foi decidida conforme os campeões individuais do Campeonato Estadual (CAMPEONATO..., 1954g). O Campeonato Paulista de Judô promovido pela Federação Paulista de Pugilismo, ocorreu no ginásio do Departamento de Esportes. Realizou-se em homenagem à IV Comemoração ao Centenário da fundação da cidade de São Paulo (CAMPEONATO..., 1954e), no lugar do que seria oficialmente realizado o Campeonato Brasileiro. As delegações da Noroeste Paulista, Sorocabana e Linha Central, que vinham de fora da capital, ficaram hospedadas no alojamento de atletas do Departamento de Esportes do Estado de São Paulo, à rua Germaine Burchard, 451 (CAMPEONATO..., 1954f).

Assim se deram os resultados da competição: no torneio individual, faixa marrom, venceu, Yague (Centro de Instrução de Judô Ono – Capital); em segundo lugar ficou Yamamoto (Centro de Instrução de Judô Naito - Central). No torneio individual da faixa preta 1º *dan*, venceu Mario Costa (Esporte Clube Pinheiros); em segundo lugar ficou Milton Rossi (Centro de Instrução de Judô Ono). Na categoria faixa preta 2º *dan* venceu Minakawa (Centro de Instrução de judô Ogawa – Capital), em segundo lugar ficou Watanabe (Centro de Instrução de Judô Egoshi – Central), e o terceiro lugar foi para dois atletas, Zapparoli (Esporte Clube Pinheiros) e Shiozawa (Centro de Instrução de Judô Tani – Jaraguá). Na faixa preta 3º *dan* o primeiro lugar ficou com Kawakami (Centro de Instrução de Judô Ogawa), no segundo lugar ficou Akira Yamamoto (Centro de Instrução de Judô Ogawa) e em terceiro, Arsênio Martins (Esporte Clube Pinheiros) e Sakai (Centro de Instrução de Judô Ono) (CAMPEONATO..., 1954g). Com esses resultados, a seleção paulista foi formada por Yague, Yamamoto, Mario Costa, Shiozawa, Kawakami, Milton Rossi, e Arsênio Martins. Os delegados escolhidos para acompanhar a equipe foram José Lucio Moreira da Franca, Elias de Oliveira, e para servirem

como árbitros, Ono e Fukaya; por último, como técnico da equipe, foi escolhido Matsuo Ogawa (I CAMPEONATO..., 1954).

Como pode ser observado por estes resultados, e pela formação da equipe, os atletas e árbitros da delegação vinham dos principais polos de formação que se desenvolveram em São Paulo após a Segunda Guerra entre os japoneses: a Budokan, a Academia Ono, a região da Linha Central onde existia a *Hakkoku Chuô-sen Jûkendô Renmei*, e a Kodokan do Brasil na capital que tinha como principais lideranças Sobei Tani e Seisetsu Fukaya.

No Rio de Janeiro, centro da discussão entre o judô e o jiu-jítsu, a Federação Metropolitana de Pugilismo inicialmente convocou as equipes responsáveis por todos os atletas de judô no Estado da Guanabara, por meio dos jornais, a fim de selecionar os amadores cariocas para a equipe que ia participar do I Campeonato Brasileiro de Judô. A primeira proposta apresentada era a de fazer uma prova de seleção dos atletas, pela Federação Metropolitana de Pugilismo, obedecendo o regulamento organizado pela CBP (CAMPEONATO..., 1954b). Foram convocadas para esta reunião as seguintes Academias, Clubes e Agremiações: Associação Atlética Banco do Brasil, Academia Augusto Cordeiro, ACM, Clube Ginástico Português, Academia Fadda, Academia Omar, Olímpico Clube, Academia Jorge Gracie, Academia Gracie e Academia Brito (CAMPEONATO..., 1954c). O convite, portanto, não ficou restrito aos praticantes de judô, mas também àqueles que se mantiveram praticando o jiu-jítsu.

O processo originalmente planejado não deu certo, com baixa aderência das academias, principalmente aquelas que ensinavam jiu-jítsu. A Federação Metropolitana de Pugilismo decidiu, então, realizar um Campeonato Carioca e, os representantes do Rio de Janeiro seriam selecionados pelos campeões dos torneios individuais, assim como foi feito em São Paulo. O I Campeonato Carioca de Judô foi realizado na antiga sede do Flamengo. Entre as equipes que se inscreveram, não compareceu a equipe do Centro Metropolitano dos Esportes Gráficos. Além disso, por falta do número mínimo (cinco judocas), não puderam participar da competição por equipes o Clube Natação e Regatas e o Clube São Cristóvão de Futebol e Regatas. Sendo assim, a disputa por equipes ficou limitada às equipes A e B da Academia Cordeiro. Após as lutas válidas, o professor Hikari Kurachi, membro da Budokan que foi de São Paulo ao Rio de Janeiro para participar do evento, fez uma exibição lutando contra a equipe B da Academia Augusto Cordeiro, e derrotou os cinco adversários em 3 minutos e meio. Antes do campeonato, Kurachi fez demonstração de como se davam as pontuações nas lutas de judô e discorreu sobre a execução de *ukemi* (técnicas para o amortecimento da queda) (A EXIBIÇÃO..., 1954). A Academia Cordeiro foi a campeã da competição (CAMPEONATO..., 1954h).

Os campeões foram: André Vasarheyi (2° *kyu*); Rudolf de Otero Hermann (1° *kyu*) Harry Rutmann (1° *dan*), e Antonio Afonso Alves (2° *dan*) (CAMPEONATO..., 1954h). Com os resultados do Campeonato Carioca, assim ficou formada a delegação carioca que participou do Campeonato Brasileiro: Raul Pedrosa, (1° *kyu*); Augusto Cordeiro (técnico da equipe), Luis Raimundo (2° *kyu*), Antônio Lima (2° *kyu*, vice-campeão carioca), Rudolf Hermann (campeão carioca, 1° *kyu*), Harry Rutman (campeão carioca, 1° *dan*), Antônio Afonso Alves (campeão carioca, 2° *dan*) (NO DIA..., 1954). É importante notar que o Rio de Janeiro, portanto, enviaria somente dois faixas pretas para lutar no Campeonato Brasileiro.

Com relação às outras duas equipes que participaram do Campeonato Brasileiro (Rio Grande do Sul e Minas Gerais), o processo de seleção da equipe do Rio Grande do Sul, estado cujo número de praticantes ainda era muito pequeno, começou pela reunião dos atletas no Esporte Clube Ruy Barbosa, sob a organização da Federação Rio Grandense de Pugilismo, para um treinamento coletivo (CAMPEONATO..., 1954d). Posteriormente, em maio foi organizada uma competição pela Federação Rio Grandense de Pugilismo (Campeonato de Estreantes de Judô) que foi disputado entre o Esporte Clube Ruy Barbosa e a equipe da Sociedade dos Veranistas do SESC (SORVES) (CAMPEONATO..., 1954a). Houve reclamações do professor Iwao Sugo da SORVES sobre a organização do campeonato pelo professor Loanzi, mas os resultados não foram contestados, e a vitória ficou com a equipe do Ruy Barbosa (PROFESSOR..., 1954). Finalmente, a delegação Gaúcha ficou formada por: Amaro Junior (jornalista) chefe da delegação; Januário Resende, técnico; Doly Volkmann, Roberto Schames, Teodoro Saibro Neto, João Graff, Teodoro Mascarenhas, e Nelson Cardoso - os atletas escolhidos para representar o Rio Grande do Sul (AS DELEGAÇÕES..., 1954). Não foi possível determinar a forma como foi selecionada a equipe de Minas Gerais.

Com relação à execução do Campeonato Brasileiro, ocorreram novos adiamentos, até que a data ficou decidida para 14 e 15 de outubro. Com a entrada a preços populares, os sócios do Tijuca Tênis Clube, sede do campeonato, tinham gratuidade. Ryuzo Ogawa foi convidado para cooperar com a direção geral (GRANDE..., 1954). Usado como símbolo da tradição japonesa, é possível observar que não havia por parte dos jornais qualquer entendimento sobre as relações da Butokukai com a Kodokan, ou os conflitos que ocorriam entre a comunidade japonesa do judô. Ogawa era tratado como a autoridade máxima da Kodokan: “[...] cooperar com a direção geral do certame, o renomado professor Ogawa, expoente máximo do Kodokan [...]” (JUDO..., 1954, p. 11).

O mesmo pode ser observado em outra matéria com o título “De acordo com o figurino japonês”, na qual foi deixado claro que Ogawa foi usado pela CBP como símbolo para legitimar

a execução da competição sob os modos do judô japonês: “presença de um filho do país do sol nascente, para mais autenticar o trabalho feito pela Kodokan, no sentido de implantar o judô no resto do mundo como substituto do jiu-jitsu” (DE ACORDO..., 1954, p. 16).

Finalmente, em outubro de 1954, foi realizado o I Campeonato Brasileiro de Judô, no ginásio do Tijuca Tênis Clube, na rua Conde de Bonfim. A abertura oficial teve execução do hino nacional pela banda do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal e o campeonato contou com a presença de 100 atletas. Os preços cobrados para a entrada foram de Cr\$ 50,00 cadeiras e Cr\$20,00 arquibancadas (SERÁ..., 1954, p.17, Terceira Seção).

Antes da competição, as regras foram transmitidas às entidades filiadas. Os atletas foram divididos por suas graduações, segundo a faixa atribuída pela agremiação a que pertenciam e que fosse reconhecida pela federação. Foram admitidas para esse campeonato, não somente a participação das entidades filiadas à CBP como também de corporações militares ou nacionais quando autorizadas pelo Conselho Nacional de Desportos, entretanto nenhuma equipe de instituição militar compareceu. Os participantes se apresentaram uniformizados de acordo com o capítulo V do Regulamento de Judô da CBP, com um indicativo da entidade filiada costurado à altura do peito à esquerda, ou nas costas do *judogi* (uniforme de judo). Os combates foram regulados pelos Capítulos VII e VIII do regulamento, que obedeciam ao regulamento internacional. O campeonato por equipes contou com equipes formadas por cinco atletas, escolhidos por cada entidade competidora. As entidades inscreveram representantes para o torneio individual como segue: dois faixas marrons (1º *kyu*), dois faixas pretas (1º *dan*), dois faixas pretas 2º *dan*, um atleta da faixa preta 3º *dan*, escolhidos da forma que melhor pareceu a cada entidade a quem competiu fazer a seleção, dentre os atletas que participaram do torneio individual (EM SETEMBRO..., 1954).

Cordeiro, que havia se celebrizado na imprensa carioca após as discussões públicas com os irmãos Gracie foi o mais requisitado pelos jornalistas a opinar sobre a competição. Disse antes do campeonato que o paulista Kawakami, faixa preta 3º *dan*, provavelmente conquistaria o título absoluto (torneio sem restrição por graduação), o que de fato se concretizou. Seguindo a análise de Cordeiro, que dizia o jornal, tinha sob sua responsabilidade cerca de 110 alunos e uma coleção especializada de livros analíticos do esporte, o primeiro posto do campeonato seria de São Paulo. Quando comparado com o Rio de Janeiro, que contava com cerca de cinco academias, São Paulo, contava com por volta de sessenta e duas, que em sua maioria ficavam no interior do Estado. Hermann, na faixa marrom, era a melhor chance de vencer do Rio de Janeiro, disse Cordeiro (TREINA..., 1954, Segundo Caderno, p.1). Hermann, que inicialmente

iria disputar a faixa marrom, entretanto, lutou na competição na categoria faixa preta 1º *dan*, e sagrou-se campeão.

Com relação às equipes participantes, o I Campeonato Brasileiro de Judô contou com a participação de quatro estados brasileiros já descritas: Distrito Federal (RJ), São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. A luta mais interessante da noite, segundo os jornais, foi entre Yamamoto e Yugue, que terminou com a vitória do primeiro, que por sua vez sagrou-se campeão na categoria de faixa marrom. Conquistado o título, Yamamoto foi imediatamente promovido à faixa preta 3º *dan* e, assim, pôde participar, no dia seguinte, novamente da competição na nova categoria que recebeu (VANTAGEM..., 1954). Os resultados do campeonato foram: faixa marrom, venceu J. Yamamoto (SP); em segundo lugar ficou Suco Yugue, (SP); na categoria faixa preta 1º *dan* venceu Rudolf Otero Hermann (RJ); ficando em segundo lugar Harry Rutman (RJ); na faixa preta 2º *dan* venceu Hidenoguchi Shiozawa, (SP); e em segundo lugar ficou Angelo Zapparoli (SP); por fim, na faixa preta 3º *dan* venceu Kawakami (SP); em segundo lugar ficou Antônio Alves da Silva, (MG). (VANTAGEM..., 1954).

Após o Campeonato, um Congresso pleno foi instalado na sede da Confederação Brasileira de Pugilismo para discutir resoluções referentes ao futuro do judô no Brasil, como qual seria a sede do II Campeonato Brasileiro de Judô (TERÇA-FEIRA..., 1954).

Cabe ressaltar que tanto este Campeonato Brasileiro da CBP, como os anteriores em 1951 organizado pela Academia Ono, e pela *Zenpaku Judo Renmei* em 1947, eram somente competições masculinas. Nesse sentido, tanto o impedimento da participação feminina nas competições instituído pelo Decreto-lei 3.199, como a limitação da mulher à prática de *kata* por um componente cultural, atrasou o desenvolvimento do judô feminino durante todo o processo de desenvolvimento histórico do judô, ultrapassando a oficialização da CBJ.

9.2 Regulamentação dos Centros de Instrução 1953/1954

Como pode ser observado pela descrição do Campeonato Paulista de 1954, as academias de judô no estado não mais se referiam a si mesmas como academias, ou escolas, mas como centros de instrução. Isto não é fruto do acaso, mas resultado da forma como o Conselho Nacional de Desportos buscou regularizar as academias dentro do sistema legal do esporte brasileiro e sua estrutura nos anos cinquenta.

Em dezembro de 1953, entre as normas provisórias baixadas pelo Conselho Nacional de Desportos, regulamentando o funcionamento de agremiações, estava a deliberação número

71-51 do Conselho Nacional de Desportos, que dispunha: “filiação e funcionamento de entidades praticantes de esportes pugilísticos” entre eles o jiu-jítsu (judô). A resolução vedou o uso dos títulos academia, escola ou ginásio, regulamentando o registro dos centros de instrução, de um modo geral às mesmas linhas dos clubes esportivos (PODERÃO..., 1953, Terceira Seção, p. 2).

Considerando que no Brasil, o pugilismo em suas diferentes modalidades é praticado em sua grande maioria em instituições que escapam ao regime das associações onde é reduzida essa prática; Considerando que as partes interessadas solicitam e aguardam a manifestação do C.N.D., conforme se vê de exposição - feita a respeito pela Confederação Brasileira de Pugilismo, em razão de provocação feita pela Federação Metropolitana de Pugilismo; Considerando o parecer aprovado em sessão de 22 de novembro de 1951 no processo C.N.D. nº 9.069-A/51; Considerando que há necessidade de estimular a prática dos esportes do ringue e tapete, proporcionando-se às instituições acima referidas, meios de se organizarem para bem incentivar o desenvolvimento de tão salutar esporte com fiel observância das prescrições legais;

DELIBERA: Permitir a título de experiência e em caráter precário o funcionamento de “Centros de Instrução Pugilística” [...] (FUNCIONAMENTO..., 1954, Suplemento Esportivo, p. 7).

A deliberação do Conselho Nacional de Desportos tinha, portanto, como objetivo: “Permitir a título de experiência e em caráter precário o funcionamento de “Centros de Instrução Pugilística” [...]” (FUNCIONAMENTO..., 1954, Suplemento Esportivo, p. 7).

Assim, o Conselho Nacional de Desportos estabeleceu as seguintes condições para que, naquele tempo, um professor pudesse ter um Centro de Instrução legalizado sob as normas do Conselho: 1) Só podiam obter registro mediante prova documental de identidade e individualização do proprietário; além de identidade ou individualização do treinador ou técnico responsável pelo ensinamento; b) Prova do “permanecimento” legal no país para estrangeiros que façam parte do centro; c) Prova de habilitação dos responsáveis mediante diploma, certificado ou atestado firmado pela Escola Nacional de Educação Física, Escolas ou Departamentos de Educação Física de órgãos federais, estaduais ou municipais competentes, ou autorização do Conselho Nacional de Desportos (FUNCIONAMENTO..., 1954).

Além disso, os centros eram obrigados a se registrar imediatamente às Federações regionais correspondentes. Deveriam registrar o uniforme, flâmulas, insígnias e demais detalhes julgados de interesse. A partir daí os centros teriam seu nome registrado na CBP, e

deveriam observar e cumprir os estatutos, regulamentos, regras oficiais, códigos e quaisquer leis esportivas das entidades superiores. Com relação à realização de eventos, os espetáculos públicos somente poderiam acontecer com a anuência da Federação Regional de Pugilismo. O documento foi assinado por Manuel do Nascimento Vargas Neto, Presidente do Conselho Nacional de Desportos (FUNCIONAMENTO..., 1954). Em outubro de 1955, foi convocada uma reunião no Conselho Nacional de Desportos com participação de representantes das Escolas de Educação Física e do diretor da Divisão de Educação Física do Ministério, para a revisão da deliberação relativa aos Centros Pugilísticos (entre eles os de judô) afim de aprovar a deliberação enquadrando na legislação em vigor os Centros de Instrução Pugilística, com o objetivo de dar uma solução definitiva à situação dos técnico desportivos (ESTUDOS..., 1955).

Enquanto em São Paulo foi possível observar que houve rápido atendimento às normas do Conselho Nacional de Desportos, no Rio de Janeiro houve pouca aderência à resolução, e as escolas de judô continuaram dando preferência ao termo “academia”, o que havia sido vedado pelo Conselho Nacional de Desportos. Em artigo de 1958, é dito que:

A Federação Metropolitana de Pugilismo naturalmente considerando o surto de progresso que ultimamente vem envolvendo tanto o jiu-jitsu como o judô na Capital da República, vai se dirigir ao Conselho Nacional de Desportos, através da Confederação Brasileira de Pugilismo, solicitando meios para oficializar, desportivamente, as Academias que têm por finalidade o preparo da mocidade brasileira. Tal providência decorre do fato de ter sido proibida a denominação “Academia” para efeito de filiação, quando da estada do sr. Vargas Neto na presidência do C.N.D.. (LUVAS..., 1958b, p. 7).

9.3 Efeitos do Campeonato Brasileiro de Judô sobre a disputa entre o Jiu-jítsu e o Judô

Enquanto o judô cresceu como modalidade e se regulamentou junto ao Conselho Nacional de Desportos e as federações de pugilismo, o jiu-jítsu perdeu espaço. Ainda assim, a CBP aprovou o regulamento de jiu-jítsu apresentado pela Academia Gracie, mas não os oficializou. Portanto, ainda que não pudessem ser utilizados em competições oficiais das federações, podiam ser usados em competições internas da Academia Gracie. Os regulamentos da Academia Gracie, diziam os jornais, fugiam dos padrões da tradição nipônica: “São nacionais e atendem ao espírito do nosso jiu-jítsu” (COPA..., 1955, p.21).

Dada a possibilidade de usar os regulamentos do jiu-jítsu somente em competições internas, em 1955, Hélio Gracie realizou uma luta de vale-tudo com Waldemar Santana. Como

Hélio se intitulava campeão brasileiro de jiu-jítsu, após sua derrota para Waldemar, os jornais começaram a discutir publicamente quem seria, então, o novo campeão de jiu-jítsu (QUEM..., 1955).

Após a realização do Campeonato Brasileiro, a Federação Metropolitana de Pugilismo, responsável pela administração do judô no Rio de Janeiro, deixou claro que reconhecia Kawakami como o único campeão de judô ou jiu-jítsu do país. “Masayoshi Kawakami é, conforme dissemos, campeão de judô, porquanto o jiu-jitsu, tal qual no Japão, não é reconhecido no Brasil como esporte” (QUEM..., 1955, p.4).

Cordeiro que havia protagonizado a disputa entre o jiu-jítsu e o judô em 1953 defendia que o título devia ser atribuído a Kawakami:

Inicialmente – fala o professor – devo esclarecer que não há o judô e o jiu-jitsu. Existe, apenas, o judô, estado moderno do jiu-jitsu. [...] Helio Gracie nunca disputou competições oficiais, sempre viveu divorciado da Federação de Pugilismo, e por isso não pode ser reconhecido como campeão brasileiro. Kawakami é o único campeão. (A PROCURA..., 1955, p. 4).

Hélio Gracie respondeu Cordeiro, atacando também a federação:

Não me mancomuno com a indecência do ring, equivalendo esta frase a dizer que estou sempre separado de Federação Metropolitana de Pugilismo. [...] Só elementos movidos pela má fé e pela ignorância podem confundir as duas modalidades [...] Com a Federação Metropolitana de Pugilismo não quero nada. (ATÉ..., 1955, p. 7).

A questão virou novo campo de batalha nas disputas entre o judô e o jiu-jítsu. Hélio Gracie, então, propôs resolver a questão da mesma forma com que sempre costumava resolver esses debates, desafiou Kawakami para enfretar um dos alunos da Academia Gracie nas regras do jiu-jítsu, utilizadas em sua luta com Kimura (PROCURA-SE..., 1955).

Quanto mais os irmãos Gracie entravam em discussões e imbróglis públicos com o judô, em vez de aumentar o seu capital político, menor era a disposição dos meios governamentais com seus costumeiros arroubos nos periódicos. Em pouco tempo, não somente as instituições esportivas que regulavam as lutas no Brasil estavam ao lado de Cordeiro, como passaram a observar com mais atenção a organização desses combates que aconteciam sem o consentimento das organizações oficiais. Com isso, o Conselho Nacional de Desportos proibiu, em um primeiro momento, a luta de vale-tudo entre Waldemar Santana e Carlson Gracie, que havia sido marcada em decorrência da derrota de Hélio. Não somente isso, passou a proibir as

regras de competição adotadas pela Academia Gracie, mesmo que para competições internas (PROCURA-SE..., 1955).

Com a nova vitória do judô sobre o jiu-jítsu nos organismos reguladores, CBP e Conselho Nacional de Desportos, restou ao jiu-jítsu sobreviver ligado ao meio militar. Em 1957, a coluna Esporte de Ring, do Diário da Noite, tratou os meios militares como a última barreira ao completo domínio do judô, e a extinção do jiu-jítsu no Brasil (ESPORTE..., 1957b). Entretanto, a partir do início da década de 1960, também entre os militares o judô passou a se desenvolver e, gradualmente, substituir o jiu-jítsu como prática (COSTA, 1961).

9.4 O Segundo Campeonato Brasileiro e o Judô em Minas Gerais

Assim como encerrou todas as discussões entre o jiu-jítsu e o judô, o ano de 1955 foi um ano de estabelecimento do judô federativo e, nesse sentido, a CBP buscou fortalecer as duas regiões que haviam participado do campeonato de 1954, mas onde o judô ainda era perceptivelmente menos desenvolvido que em São Paulo e na Guanabara. Assim, o segundo Campeonato Brasileiro foi realizado em Minas Gerais, enquanto o Rio Grande do Sul recebeu apoio direto, através da CBP e de Augusto Cordeiro, para desenvolver a prática do judô (AS ATIVIDADES..., 1955).

Em agosto de 1955, a CBP patrocinou a ida a Porto Alegre de Augusto Cordeiro e Hikari Kurachi a fim de orientarem a prática do judô por meio de demonstrações e palestras. Além disso, remeteu para Belo Horizonte vinte tatames destinados à Federação Mineira para as lutas do II Campeonato Brasileiro previsto para a segunda quinzena de setembro (AS ATIVIDADES..., 1955).

Com relação à visita ao Rio Grande do Sul, Augusto Cordeiro foi a Porto Alegre para assistir à inauguração do Estádio de Pugilismo e tratar de um curso de judô. Cordeiro levou Kurachi e os dois se encontraram com Moacyr Dornelles, diretor técnico da Federação Riograndense de Pugilismo, e Jorge Aveline, presidente da mesma federação (ANIMA-SE..., 1955). Augusto Cordeiro foi colocado à disposição da Federação Riograndense de Pugilismo pela CBP com o intuito de acelerar a difusão do judô no estado, e permaneceu por uma semana no Rio Grande do Sul (CHEGOU..., 1955).

A visita de Cordeiro influenciou a busca de praticantes gaúchos pelo aperfeiçoamento fora do estado. Quando em 1955, encerrou em São Paulo o exame de faixas para graduação para faixa preta da Budokan, com doze aprovados, chamou atenção a graduação do gaúcho João

Graff Vassaux, que disputou o I Campeonato Brasileiro de Judô como atleta do Rio Grande do Sul (NOCAUTE, 1955).

Com relação aos incentivos dados às demais federações, em setembro, Paschoal Segreto Sobrinho, presidente da CBP, deu um novo ringue para a Federação Metropolitana de Pugilismo, presidida na época por Joaquim Couto de Sousa. Assim, a federação responsável pelas lutas no Rio de Janeiro passou a contar com um ringue com medidas internacionais para a prática do pugilismo, luta livre, judô, catch e jiu-jítsu (UM RINGUE..., 1955). Por outro lado, não foram observadas ações da CBP para incentivar a prática ou auxiliar o desenvolvimento do judô em São Paulo.

Voltando à situação do judô no Rio Grande do Sul, em agosto, aconteceu o I Campeonato Estadual no Ruy Barbosa, participando da competição além do Esporte Clube Ruy Barbosa, o Clube Nordestino e a SORVES. Na classificação geral, o Ruy Barbosa, venceu a competição, seguido da SORVES e do Clube Nordestino (RESULTADO..., 1955). Os campeões foram Sérgio Casarin, na faixa marrom; Wilson Sousa, na faixa roxa; e Claudio Pulgati, na faixa verde (JIGORO..., 1955). Poucos dias depois, foi realizada na sede da Federação Riograndense de Pugilismo uma reunião de técnicos de judô com prof. Loanzi (Clube Nordestino); Januário (Ruy Barbosa); Nelson Cardoso (Sidarta) e Iwao Sugo (SORVES). Com a presença do presidente da Federação Riograndense, Jorge Aveline, foi escolhida a seleção gaúcha para o II Campeonato Brasileiro em Belo Horizonte. Além disso, foi decidido que haveria treinos em conjunto entre as entidades, independentemente do clube ou academia, com escolha do local pelos técnicos (REUNIÃO..., 1955). Assim ficou a delegação do Rio Grande do Sul para o Campeonato Brasileiro: Chefe: Paulo Escobar Martins; Técnico: Miguel (Iwao) Sugo; e os atletas Gerard Otto Schraeder, João Germano Eisenhardt e Vito Pluskat, todos faixas marrons, além de João Graff Vassau, faixa preta. Este último se encontrava no Rio de Janeiro treinando na Academia Cordeiro (CAMPEONATO..., 1955).

No caso da Guanabara, a escolha se deu mais uma vez através dos resultados do Campeonato Carioca de Judô organizado pela Federação Metropolitana de Pugilismo, onde sagrou-se bicampeã a Academia Cordeiro. Nos torneios individuais em primeiro e segundo lugares ficaram, na faixa verde, Izidoro Campos Almeida, da Academia Cordeiro (campeão); Cesar Villar Gonzales do Flamengo (vice-campeão); na faixa roxa: Hugo Melo da Silva (campeão); e em segundo lugar Luiz Alberto Mendonça, ambos da Academia Cordeiro; na faixa marrom venceu Luiz Raimundo Coelho Machado, e no segundo lugar ficou Artur Orthwell, ambos da Academia Cordeiro; no 1º *dan* venceu Harry Rutmann e André J. Varsarhely foi o vice-campeão, ambos da Academia Cordeiro. Por fim, no torneio por equipes a campeã foi a

Academia Cordeiro com quatro vitórias, das vinte lutas disputadas perdeu apenas uma. Em segundo lugar ficou a equipe dos Gráficos com três vitórias e uma derrota (BICAMPEÃ..., 1955).

A formação da equipe vencedora pela Academia Cordeiro foi constituída de Harry Rutman, Luiz Roberto Moreira, André Vasarhely, Antônio Afonso Alves e Rudolf de Otero Hermany. O árbitro geral da competição foi Ryuzo Ogawa que foi, também, o árbitro geral em Belo Horizonte, no Campeonato Brasileiro. Outros juizes que arbitram as lutas foram Ogino, Nagashima e Augusto Cordeiro (BICAMPEÃ..., 1955).

O Judô no Distrito Federal atinge a sua maioria com a realização do II Campeonato Carioca. Este esporte, embora já tenha sido introduzido nesta capital há mais de 45 anos, só no ano passado mereceu a organização de um campeonato oficial. Muitos fatores influíram para o constante adiamento de sua realização, inclusive a falta de madureza do meio praticante. Os primeiros introdutores do Judô nesta cidade o fizeram mais como uma curiosidade e como um método místico de defesa pessoal do que verdadeiramente um esporte. A posterior comercialização do Judô, sob o nome de Jiu-Jitsu, encarregou-se de lhe modificar as características fundamentais e tornou-o algo amorfo, que se adaptava a todas as circunstâncias, mesmo as de ordem mercantil. [...] Sob o nome de Jiu-Jitsu, tomou ele grande impulso no Rio e em alguns Estados, com um caráter semi-esportivo, proveniente da alteração de suas regras de competição. Esta modificação que tende a contornar as falhas técnicas de determinado tipo de praticante, faz com que ele perca a qualidade de esporte. Modernamente, só se considera esporte a atividade que obedece a um regulamento aceito internacionalmente. (II CAMPEONATO..., 1955, Suplemento Esportivo, p. 6).

É importante ressaltar que, Takeo Yano, como anteriormente citado, um dos japoneses que no Brasil adotou a prática do jiu-jitsu, neste período, voltou sua atenção novamente para o judô. Em 1955, Yano, que então residia em Pernambuco, planejava levar uma equipe para o Campeonato Brasileiro em Belo Horizonte apesar das dificuldades que encontrou por estar longe dos grandes centros: “Não são de hoje as dificuldades encontradas pelas representações pernambucanas quando desejam participar de uma competição esportiva fora do Estado” (DE MOURA, 1955, p. 17). Os componentes da equipe deveriam ter sido Diniz Camara, Uraquitan Bezerra Leite, Murilo Rubão, Sargentão e alguns outros membros da Academia Pernambucana de Jiu-Jitsu. Entretanto, faltando apenas oito dias para a competição, a equipe ainda não tinha

conseguido o apoio da Federação Pernambucana de Pugilismo (DE MOURA, 1955) e acabou não comparecendo ao campeonato.

O caso da delegação de Pernambuco, que não conseguiu comparecer ao Campeonato Brasileiro, é emblemático por duas razões. Primeiramente, porque demarcaria o retorno de Takeo Yano ao meio das competições de judô sob as regras japonesas (o que acabou não acontecendo). Segundo, porque em seu esforço de tentar participar da competição, Yano criou a primeira federação regional de judô independente da federação regional de pugilismo.

Em Pernambuco, a prática do judô ainda seguia os moldes do jiu-jítsu até por volta de 1950 (BOX..., 1950; A NOITADA..., 1950). Entre os principais professores se encontrava William Arruda, aluno da Academia Gracie (ELAS..., 1950). O jiu-jítsu cresceu na região em 1953, ainda, após a chegada de George Gracie, que passou a realizar eventos de luta em conjunto com a Federação Pernambucana de Pugilismo (DENTRO..., 1953). Foi neste mesmo ano que chegou Takeo Yano, que inicialmente, também ensinava e promovia o jiu-jítsu (DE PARABÉNS..., 1953). Entretanto, no ano seguinte, em 1954, com o surgimento do Campeonato Brasileiro de Judô da CBP, Yano tentou pela primeira vez formar a equipe pernambucana para levar ao evento:

Atualmente, com a colaboração da Federação Pernambucana de Pugilismo, tenta o professor Yano, também já nomeado técnico da Federação, aperfeiçoar alguns dos seus melhores alunos, para representar Pernambuco no próximo Campeonato Brasileiro de Lutas, a se realizar em São Paulo [...] (TAVARES..., 1954, p. 8).

Visto que não teve sucesso em sua primeira tentativa, e sabedor da reedição da competição em 1955, Yano tentou novamente. Primeiramente, em março de 1955, Takeo Yano realizou exame de faixas como parte da preparação para levar uma equipe para o Campeonato Brasileiro de Judô (JUDO..., 1955a). Entretanto, a Federação Pernambucana de Pugilismo não dava o devido auxílio para que fosse possível preparar e levar a comitiva. Com isso, decidiu Yano junto a seus alunos fundarem a Federação Pernambucana de Judô (FUNDADA..., 1955).

O objetivo da Federação era de reger oficialmente o judô em todas as suas modalidades, reunindo sob sua orientação e regulamentação todas as associações e academias que praticavam a modalidade no estado. Em Assembleia Geral, foi eleita a seguinte diretoria: Presidente, Juarez Vieira da Cunha, Vice-Presidente: tenente Dourival; 1º secretário, Gilberto Tavares da Silva; 2º secretário, Gerson Barbalho; Diretor técnico, Takeo Yano; Tesoureiro, F. Ribeiro; Vice-tesoureiro, Aldo Camara; Diretor médico, Cid Paulo Gomes (FUNDADA..., 1955). Foram a falta de interesse e de investimento das autoridades locais que parecem ter sido as razões para

que a iniciativa, sem o apoio da Federação Pernambucana de Pugilismo, não tenha conseguido sobreviver, e se estabelecer definitivamente.

Com relação à São Paulo, o centro mais forte e mais importante do judô nacional, o departamento de judô da Federação Paulista de Pugilismo seguiu em franco crescimento. Para o Biênio 1955-56, foram eleitos como diretores da Federação Paulista de Pugilismo o presidente Mario Augusto Isaías, e o vice-presidente Armando Sanchez. Os diretores eleitos para o departamento de judô, jiu-jítsu, sumô e kendô foram, mais uma vez, Mario Botelho de Miranda; José Lucio Moreira da Franca; José Arruda Botelho, e Elias de Oliveira (CONSTITUIDA..., 1955). Aqui, nota-se, que o que deveria ser um departamento especializado em judô, tornou-se um departamento eclético, especializado em lutas japonesas. Com relação ao Campeonato Paulista, venceu na categoria 3º *dan* Massayoshi Kawakami; no 2º *dan*, José Roberto Vieira; no 1º *dan*, João Yamamoto; e na faixa marrom, Minoru Ito (JIGORO..., 1955).

Minas Gerais, onde foi realizado o campeonato, igualmente realizou um Campeonato Estadual, com o seguinte resultado: no 1º *dan*, venceu Frederico; na faixa marrom, Caio L. Pereira; na faixa verde, Luis C. Almeida, e na faixa branca, Eudes Batista (JIGORO..., 1955). Pelas categorias em que competiram os vencedores regionais conseguimos perceber a grande disparidade técnica ainda presente entre as regiões, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, contando com poucos faixas pretas, não tiveram vencedores acima de 1º *dan*, realizaram competições para todas as faixas coloridas e, em Minas Gerais, até mesmo para a faixa branca. Ainda, no caso da equipe do Rio Grande do Sul, o representante na faixa preta foi João Graff, que estava morando e treinando no Rio de Janeiro com Augusto Cordeiro.

Descritos os resultados das quatro regiões que participaram da competição, assim ficaram formadas as delegações que fizeram parte do evento. Delegação carioca: chefe de delegação, Sumio Mamaia; Paulo Meira (convidado); Altamiro Cunha (CBP); Paulo Falcão (secretário); Augusto Cordeiro (técnico) (AMANHÃ..., 1955). Delegação mineira: chefe de delegação, Albano Augusto Pinto Correia Filho; Simão Tam (1º *kyu*); Caio Lucena (1º *kyu*), Jaime Ferreira de Araújo (1º *dan*); Nelson de Freitas de Albuquerque (1º *dan*) (KAWAKAMI..., 1955). Delegação Paulista: chefe de delegação, José Franca; delegado Técnico, Elias de Oliveira; Hiramatsu (1º *kyu*); Minoru Ito (1º *kyu*); João Yamamoto (1º *dan*); Masatoshi Hiroshima (1º *dan*); José Roberto Vieira (2º *dan*); Hidenobu Shiozawa (3º *dan*); Akira Yamamoto (3º *dan*); representante para o campeonato absoluto, Massayoshi Kawakami (KAWAKAMI..., 1 de nov. 1955). Por fim, a delegação Riograndense: chefe de delegação, Paulo Escobar Martins; delegado técnico, Iwao Sugo; Luiz Sérgio Casarin (1º *kyu*); Vitor

Pkuskaf (1º *kyu*); João Graff Vassaux (1º *dan*); atletas para a disputa por equipes: Gerhard Otto Schrader e João Germano Eisenhart (KAWAKAMI..., 1955).

O Campeonato Brasileiro, em 1955, ocorreu em Belo Horizonte, no ginásio do Minas Tênis Clube. Massayoshi Kawakami, repetiu o feito do ano anterior, derrotou dez adversários, sagrando-se bicampeão individual absoluto do Brasil. Após o campeonato, à noite, no salão nobre do Brasil Palace Hotel, o Almirante Paulo Meira, delegado chefe da CBP, reuniu o Conselho Técnico do campeonato, e entregou diplomas e medalhas aos novos campeões. Todos os campeões foram de São Paulo, o faixa marrom Minoru Ito, o 1º *dan* Hiroshima, o 2º *dan* José Roberto Vieira, o 3º *dan*, Akira Yamamoto, e o campeão absoluto, Massayoshi Kawakami (KAWAKAMI..., 1955). Altamiro Cunha foi o representante da CBP na competição e disse que a CBP estava regularizando sua filiação internacional. Segundo Altamiro Cunha, ele seria eleito em breve o assessor técnico de judô da CBP. Em reunião entre os representantes das delegações, a escolha para sede do campeonato seguinte ficou entre o Rio Grande do Sul e São Paulo. Lucio Franca, representante de São Paulo, disse que se o Rio Grande do Sul recebesse o auxílio do governo estadual e tivesse condições de realizar o evento, a Federação Paulista abriria mão em benefício da representação do Rio Grande do Sul, e assim ficou decidido (JUDÔ..., 1955b).

Seguindo os esforços da CBP em promover o judô em Minas Gerais, em novembro, os judocas da Academia Cordeiro foram a Belo Horizonte para realizar uma competição interestadual de judô com os mineiros no ginásio do Minas Tênis Clube (ACADEMIA..., 1955). Este evento encerrou 1955, que foi o ano em que o Campeonato Brasileiro de Judô se firmou efetivamente a partir do investimento da CBP para que Minas Gerais e Rio Grande do Sul conseguissem crescer e desenvolver o judô em suas regiões.

9.6 O Mundial de 1956, o conflito entre a tradição e a burocracia

Como descrito anteriormente, uma das principais intenções do presidente da Confederação Brasileira de Pugilismo em investir no judô foi o percebido potencial do Brasil em competições internacionais. Após ter sido realizado o I Campeonato Brasileiro, a CBP procurou a primeira oportunidade para enviar uma comitiva para disputar uma competição fora do país (BRASIL..., 1956a).

Ainda em 1954, no final do ano, em artigo do Correio da Manhã, constava que o Brasil iria para Buenos Aires disputar o Campeonato Mundial de Judô. O organizador da competição era Bonnet Maury, catedrático da Faculdade de Medicina de Paris, e membro da FIJ. Para

executar o campeonato, Maury recebeu o patrocínio do governo argentino. Quinze países deveriam participar dessa competição na Argentina: Brasil, Itália, Espanha, Holanda, França, Japão, Cuba, México, Chile, Estados Unidos e Argentina (AUGUSTO..., 1954).

Como ficou demonstrado pela matéria, houve grandes expectativas entre as lideranças de que o judô brasileiro pudesse lutar de igual para igual com as maiores potências mundiais. Segundo Augusto Cordeiro, no caso de uma competição mundial, naquele momento, a Holanda e a França eram os principais adversários do Brasil pelo segundo lugar - o primeiro era do Japão, naturalmente. Quando perguntado sobre quem seriam os atletas em uma eventual participação do Brasil no Mundial, disse Cordeiro que entre os melhores lutadores do Brasil estavam Kawakami, Martins e Kurachi (AUGUSTO..., 1954).

Após o recebimento do convite pela CBP vindo da Federação Argentina de Judô, o presidente Paschoal Segreto Sobrinho prontamente o aceitou. O mundial na Argentina deveria ocorrer em fevereiro de 1955 (ASSUNTO..., 1954; ONTEM..., 1955). Bonnet Maury, o organizador do mundial, no início de 1955 veio ao Brasil para ver qual era o estado do judô no país. As perspectivas eram boas, e Maury afirmou que o Brasil tinha chances de vencer o Pan-Americano. A aceitação da participação do judô brasileiro no Mundial, a partir daí, dependia somente do Conselho Nacional de Desportos, órgão máximo do esporte no Brasil. Entretanto, havia uma orientação do governo brasileiro de que equipes esportivas brasileiras não podiam participar de eventos promovidos pela Argentina. Com isso, dependiam os judocas brasileiros não somente da aceitação do Conselho Nacional de Desportos, mas que se revogasse (ou abrisse uma exceção) a portaria que proibiu a presença de brasileiros em competições argentinas (A PROJEÇÃO..., 1955).

A impressão que a visita do prof. Augusto Cordeiro e Rudolf Hermany nos deixou, é que cometerá o C.N.D. uma grande injustiça se negar a estes rapazes a mínima solicitação a ele endereçada: competir. (O BRASIL..., 1955, Segundo Caderno, p. 1).

O governo brasileiro vinha de um período de forte embate com o peronismo na Argentina. Durante o período de presidência de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), o Brasil se distanciou da Argentina e, apesar da expectativa de uma reaproximação após a eleição de Getúlio Vargas em 1950, isto não ocorreu. A oposição do Poder Legislativo acusou Vargas de firmar acordos sigilosos com a Argentina, e a dificuldade em criar governabilidade desgastou o governo, que encerrou tragicamente em 1954. Assim, o Brasil se manteve distanciado politicamente da Argentina em todos esses anos (SANTOS, 2016).

Seguindo a orientação do governo, o Conselho Nacional de Desportos indeferiu o pedido da CBP para participar no I Campeonato Mundial de Judô. “Inconveniência” foi o motivo alegado para a negativa (NÃO..., 1955). Isto ocorreu em um momento em que uma nova diretoria da CBD, que completava apenas um mês de gestão, tomou providências para melhorar as relações de política esportiva com o Uruguai e o Paraguai. O Ministério das Relações Exteriores, no entanto, manteve a recomendação ao Conselho Nacional de Desportos para que nenhuma delegação brasileira fosse enviada a Buenos Aires (NADA..., 1955).

O I Campeonato Mundial que deveria ser realizado na Argentina não aconteceu (REPRESENTAÇÕES..., 1955). Assim, em 25 de novembro de 1955, chegou a notícia ao Brasil de que o I Campeonato Mundial seria realizado no Japão por deliberação da FIJ. Com relação à participação do Brasil, “O presidente da F.I.J. comunicou à C.B.P.[...] que a filiação do Brasil está sendo processada, mas que já enviou à Confederação Sul-Americana ofício em que autoriza a aceitar a inscrição do Brasil como filiado” (MAIO..., 1955).

Devido à distância que separava os diversos centros de prática de judô no mundo, o campeonato ia ser disputado por representações selecionadas nos campeonatos Europeu, Pan-Americano e Asiático (REPRESENTAÇÕES..., 1955). Portanto, inicialmente a informação era de que o Brasil, para conseguir participar, teria que classificar seus representantes no II Pan-Americano, em fevereiro, em Havana, na equipe representativa das Américas (REPRESENTAÇÕES..., 1955).

Após o anúncio do Campeonato Mundial no Japão, a CBP recebeu o convite por intermédio da embaixada do Japão, a competição ia ocorrer em maio. A CBP imediatamente tratou do assunto com o Conselho Nacional de Desportos para obter a permissão para participar. O convite estabelecia que a delegação fosse constituída por três pessoas, um delegado acumulando a função de técnico e dois lutadores indicados para representar o judô brasileiro. Segundo os jornais, o judô praticado no Brasil vinha tendo repercussão mundial, esse foi o motivo alegado para que o Brasil recebesse um convite a participar do evento ainda que não integrasse os quadros da Federação Internacional de Judô (JAPÃO..., 1955).

Em fevereiro, o embaixador Yoshiro Ando, antigo praticante de judô, formalizou o convite em caráter excepcional, e informou que o representante brasileiro seria escolhido através de uma disputa eliminatória. Os encarregados da escolha dos representantes brasileiros, disse o embaixador, seriam W. Santa Helena, do departamento de judô da Associação Atlética Banco do Brasil, Yoshimasa Nagashima e Masami Ogino. W. Santa Helena, afirmou que o vencedor da eliminatória teria as despesas pagas pela Embaixada do Japão, e que cada academia de judô poderia inscrever um atleta na eliminatória (O BRASIL..., 1956a).

A revelação de quem organizaria as eliminatórias e escolheria os atletas tornou-se um problema. A CBP se sentiu desprestigiada, dizendo que havia mais de um ano que pedira filiação à FIJ, mas que havia recebido a informação de que por ter sido criada a Federação Panamericana, deveria primeiro se filiar a esta organização. Portanto, o fato de ainda não ser filiada à FIJ não era por falta de tentativa (FICARAM..., 1956).

A CBP, por meio de seus representantes, foi além, e disse que, sem sua anuência, nenhuma delegação iria deixar o Brasil para representar o país no Mundial. O artigo que reproduziu as decisões da CBP criticou enfaticamente os professores Ogino e Nagashima, insinuando que eram professores de baixa qualidade, que não conseguiam preparar atletas para as competições, e afirmou: “a nata do judô carioca está na academia do professor Augusto Cordeiro, campeã absoluta do Rio, e em São Paulo, com várias academias, entre as quais a do professor Riuzo Ogawa [...]” (FICARAM..., 1956, p. 7).

Um jornalista do Diário de Notícias do Rio de Janeiro, pediu a intervenção do Conselho Nacional de Desportos no caso:

[...] vem ofender de forma direta a nossa organização esportiva, porque deixa de lado dois órgãos que de nenhum modo podem deixar de ser consultados. [...] Ora, o CND é um órgão subordinado ao Ministério da Educação e não pode ser desprestigiado dessa forma. [...] O CND deve intervir, deve fazer valer sua autoridade e prestigiar a Confederação Brasileira de Pugilismo, que é, por seus estatutos, a mentora nacional de todos os esportes de ringue, tapete e tablado. (TEVE..., 1956, Terceira Seção, p. 1).

Por meio do jornal Tribuna da Imprensa, o presidente da Federação Metropolitana de Pugilismo, Lourival Pereira, disse que cabia à CBP e à Federação Metropolitana de Pugilismo organizar e selecionar os lutadores para participar do mundial: “é da lei, está na lei, nada poderá se sobrepor à lei”, e acrescentou:

Se a polícia não nos atender, não impuser que os nossos direitos sejam respeitados, iremos ao Itamarati, pedindo até ao ministro das Relações Exteriores, providências enérgicas, contra a saída ilegal do lutador designado para representar o Brasil no Mundial de Judô. (JUDÔ..., 1956a, p. 8).

O embaixador do Japão, após perceber a comoção causada, afirmou por meio da imprensa que houve um mal-entendido. Afinal, o convite não era para a CBP ou para a Federação Metropolitana. Ele designou, especificamente, Tatsuo Okochi para selecionar, nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o melhor lutador brasileiro de judô, e Massami Ogino e Yoshimasa Nagashima, para selecionar o melhor nos demais estados (JUDÔ..., 1956a).

Assim explicou toda a questão para o periódico O Jornal, o embaixador japonês Yoshiro Ando:

O embaixador, que nos tempos em que frequentava a Universidade de Tokio, foi um praticante do nobre esporte, continua, apesar de sua carreira diplomática absorvente, um apreciador da arte. [...] Como não há Federação de Judô de Kodokan no Brasil – prosseguiu o embaixador – solicitei ao sr. Okochi, que é o professor mais altamente graduado de judô Kodokan no Brasil, para recomendar-me um candidato que represente não só São Paulo, onde mais se pratica a arte, mas todo o sul do Brasil. Quanto ao Distrito Federal e demais Estados, solicitei dos professores graduados de judô de Kodokan, Nagashima e Ogino, para promoverem o torneio com participação de praticantes brasileiros de judô. Esses – continuou – já obtiveram a valiosa colaboração da Associação Atlética do Banco do Brasil [...] Além do representante brasileiro, deverá acompanhá-lo um assistente ou “manager”. A passagem de avião, de ida e volta, para ambos, assim como a hospedagem, por tempo determinado, ocorrerão por conta do Instituto de Kodokan. (REPRESENTAÇÃO..., 1956, p. 8).

Insatisfeitos com a explicação do embaixador, os diretores da Federação Metropolitana de Pugilismo e da Confederação Brasileira de Desportos buscaram via Conselho Nacional de Desportos uma medida legal para impedir a realização da eliminatória de seleção pela Associação Atlética do Banco do Brasil. Ato contínuo, a Associação Atlética do Banco do Brasil cancelou um coquetel marcado com a imprensa para dar informações sobre a seletiva, esperando o resultado de uma visita de um representante do embaixador do Japão ao Conselho Nacional de Desportos para explicar a questão. De qualquer forma, atingiu-se um impasse e, através de um ofício, a CBP pediu ao Conselho Nacional de Desportos que fosse sustada qualquer representação do Brasil no Mundial de Judô (ADIADO..., 1956).

Em entrevista, após a CBP conseguir o impedimento da participação de atletas brasileiros no Mundial, Jamil Nasser, diretor técnico da CBP, criticou, mais uma vez, o embaixador do Japão no Brasil, e os membros da Kodokan do Brasil:

está iludido o Embaixador japonês [...] se não sabia a quem dirigir-se para fazer o convite deveria procurar a competente informação através do Ministério das Relações Exteriores. [...] Os srs. Tatsuo Okosshi, Yoshima Nagashima e Válter Santa Helena estão agindo na certa absoluta ignorância das normas a seguir em assuntos dessa natureza. [...] Já ouvi dizer que esses elementos estavam agindo por supostos interesses, o que não estou muito

inclinado a acreditar. Penso ser mais um caso de vaidade pessoal e de vontade de aparecer. [...] não enviaremos mais nenhum lutador [...] aguardaremos agora o pronunciamento do C.N.D.. (NÃO..., 1956, Suplemento Esportivo, p. 3).

Em ofício ao presidente do Conselho Nacional de Desportos, Inocêncio Pereira Leal, o embaixador Yoshiro Ando, depois de mencionar que a Confederação Brasileira de Pugilismo, de acordo com seu estatuto, dedicava-se ao jiu-jítsu e não ao judô, aceitou discutir a questão para dar seguimento ao processo de seleção dos atletas desde que a CBP chegasse a um acordo quanto aos métodos de seleção (DISPOSTA..., 1956).

Visto que a situação já não poderia ser resolvida da forma como gostaria, o embaixador do Japão tentou negociar uma solução em que incluía a CBP no processo de seleção dos atletas, no que foi respondido pela CBP de que o relator designado iria:

aprovar parecer sobre o processo originado da representação da Confederação Brasileira de Pugilismo e o visto do embaixador do Japão, referente a participação do Brasil no I Campeonato Mundial de Judô, concluindo o relator no sentido de se oficiar ao embaixador do Japão, agradecendo as sugestões enviadas, mas, reafirmando que em caráter oficial, somente poderão competir no estrangeiro atletas indicados pela Confederação de Pugilismo. (DILIGÊNCIA..., 1956, p. 12).

Decidiu a CBP, após discussões com a embaixada, fazer a eliminatória entre os atletas do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde o judô tinha mais força, para representar o Brasil em Cuba (no Panamericano) e em Tóquio. Ficou acordado que iriam estar presentes o embaixador do Japão e dois observadores, Ogino e Nagashima. A eliminatória iria ser organizada pela Federação Metropolitana de Pugilismo, sob as regras da Kodokan (COMPETIÇÃO..., 1956).

Com relação à arbitragem, afirmou o embaixador que os árbitros deveriam ser escolhidos pela Kodokan, enquanto a CBP queria manter esta prerrogativa: “Este ponto – frisou o embaixador – é extremamente importante pois a ele está condicionada a minha participação no caso. Se a CBP permanecer em seu ponto de vista a minha colaboração cessará” (IMPASSE..., 1956, Segunda Seção, p. 8).

O resultado de todo este embate foi a realização de uma eliminatória entre equipes do Rio de Janeiro e de São Paulo para decidir, não somente os lutadores que iriam para Tóquio, como também para o II Campeonato Pan-Americano. A Federação Paulista de Pugilismo convocou os seguintes atletas de São Paulo para a seletiva: Hikari Kurachi, Masayoshi Kawakami, Akira Yamamoto, Arsênio Vasconcelos Martins, Soiti Sato, José Roberto Vieira,

Hidenobu Shiozawa, João Yamamoto, Masayoshi Hiroshima, Sueo Yugue, Tadao Nagai, Milton Rossi, Shunji Hinata, Yoshio Goshima e Manabu Kurachi (DIA..., 1956b).

A equipe carioca, por sua vez, contou com os seguintes atletas: Luiz Raimundo, Luiz Alberto e Antonio Kroff Cordeiro (1º *kyu*), Antonio Lima Filho, Wilson de Oliveira e Harry Rutman (*shodan*), Rudolf Hermann e Antonio Afonso Alves (2º *dan*) (SERÁ..., 1956).

Os árbitros foram escolhidos pela CBP, e foram: Jamil Nasser da CBP, Yasuichi Ono, Katsutoshi Naito, Seisetsu Fukaya, Benishi Egoshi e Sobei Tani. O regulamento foi o da Kodokan, entregues pela Associação Atlética do Banco do Brasil à CBP. Este regulamento não era diferente dos usados no Campeonato Brasileiro de 1954 e no de 1955. Enquanto o líder da Kodokan no Brasil, Tatsuo Okochi, não pôde comparecer ao evento (CINCO..., 1956). É importante frisar que os árbitros Naito, Fukaya, Egoshi e Tani faziam parte da organização e, portanto, a CBP obedeceu à imposição do embaixador de que os árbitros fossem ligados à Kodokan.

Com relação aos possíveis candidatos a participarem do Mundial, foram feitos alguns esclarecimentos no jornal A Gazeta Esportiva, de São Paulo, sobre os requisitos para a participação dos atletas:

o Instituto Kodokan, de Tokio, exige que todos os participantes possuem sem sombra de dúvida, uma posição moral inatacável. A seleção é rigorosamente feita, sob as seguintes condições: 1. O atleta deve ser um bom lutador de judô; 2. Deve possuir boas qualidades morais; 3. Ser brasileiro nato, filho de brasileiros e não descender de japoneses; 4. Possuir instrução; 5. Pertencer a boa família. (O BRASIL..., 1956b, p. 24).

Sendo assim, entre os atletas paulistas, os únicos que preenchiam os requisitos eram Arsênio Vasconcelos Martins e Masayoshi Kawakami, mas o campeão brasileiro, não podia representar o Brasil por ser descendente de japoneses.

O espírito do Campeonato Mundial é justamente o de fazer com que cada país seja representado por elemento que reúna todos os requisitos constitutivos de seu tipo nacional. Esta razão por que o sr. embaixador do Japão no Brasil se tornou interprete da Federação Internacional de Judô. [...] é frequente qualquer lutador se intitular “faixa-preta”, tanto no Brasil como em outros países. Se o lutador não possui o diploma individual fornecido pelo Instituto Kodokan [...] não é “faixa-preta”. (O BRASIL..., 1956b, p. 4).

Encerradas as eliminatórias para Tóquio, ficaram escolhidos como representantes do Brasil, Milton Rossi e Luis Alberto (O DESENVOLVIMENTO..., 1956). Superados todos os problemas que decorreram após a apresentação do convite da FIJ através de Risei Kano, ainda

que houvesse selecionado os atletas, entretanto, a CBP perdeu o prazo estabelecido e o Brasil não participou do Mundial. José Brigido, colunista da Gazeta Esportiva, comentou o caso:

É lamentável que o Brasil fique ausente do I Campeonato Mundial de Judô [...] Muitas vezes, essas confusões são feitas por aqueles que querem de qualquer maneira merecer as preferências para um passeio ao estrangeiro. Mas o critério deve ser outro. [...] A Confederação Brasileira de pugilismo, uma vez cientificada de não ser mantido o convite referido, por não ter a Embaixada do Japão recebido resposta dentro do prazo fatal, tomou providencias para tentar a inscrição do Brasil diretamente e nesse sentido apelou para a Confederação Panamericana, que, por sua vez, se dispôs a entrar em contacto com a entidade internacional, sediada em Toquio [...] Há nisso tudo uma grande luta de elementos da Budokan, empenhados em participar de um certame da Kodokan, o que não é possível dada a organização e a tradição desta última. [...] É deplorável que, por mera questão interna, o Brasil não se faça representar no importante certame. (BRIGIDO, 1956a, p. 9).

O prazo para a eliminatória era dia 26, mas as lutas foram realizadas somente no dia 28. Paschoal Segreto, presidente da CBP, pediu auxílio à Confederação Panamericana de Judô em Cuba, para que intercedesse junto à FIJ. Entretanto, cabe frisar que uma das razões para o imbróglio que se repetia era de que, com relação à Kodokan: “Este Instituto não aceita competidores que não sigam suas determinações técnicas, como, por exemplo, os do grupo denominado Budokan” (RETIRADO..., 1956 p. 31). A relação próxima que a CBP construiu com a Budokan através de Augusto Cordeiro, e seu distanciamento dos membros da Kodokan no Brasil tornou-se, assim, um dilema para o judô brasileiro.

9.7 Primeira participação brasileira no Pan-Americano

Ainda que não tenha enviado atletas para o Campeonato Mundial, a CBP conseguiu realizar o objetivo de participar em eventos internacionais ao se fazer representar no segundo Pan-Americano de Judô (BRASIL..., 1956a).

O primeiro campeonato Pan-Americano de judô ocorreu em 1952 e foi realizado em Cuba, anunciado inicialmente como I Campeonato Latino-Americano de Judô. Em outubro daquele ano, chegou ao Brasil a notícia de que a equipe Argentina foi para a Havana levando os atletas Reinaldo Forti, Raul Zaneo e Vahakn Poladian (PRIMEIRO..., 1952). Na competição, a Argentina foi a melhor equipe, o que repercutiu na imprensa brasileira (PAN-AMERICANO..., 1952).

Segundo Augusto Cordeiro, em uma entrevista em 1968, ele foi convidado para o I Campeonato Pan-Americano, mas por ser português ainda não naturalizado, não pôde participar. Esta, segundo ele, foi a razão de ter começado a pensar em organizar o primeiro Campeonato Brasileiro de Judô, realizado com o auxílio da CBP (ACADEMIA..., 1968a).

Com a intenção de participar na segunda edição do evento, em novembro de 1955, como forma de se preparar para o Pan-Americano de 1956, a CBP enviou a Buenos Aires um diretor para discutir uma competição “Brasil e Argentina” em Buenos Aires, e um Campeonato Sul-Americano em São Paulo. Pascoal Segreto, o presidente da entidade, decidiu que a Academia Cordeiro ia representar a CBP na visita à Argentina, em face de o primeiro convite feito pelos argentinos ter sido feito à Academia Cordeiro e não à CBP. A razão para realizar o Sul-Americano em São Paulo era em face dos paulistas serem os campeões brasileiros de judô. Kawakami, como membro da Academia Cordeiro (por ser uma filial da Budokan), iria junto da representação de Cordeiro. Por sua vez, o judoca Hikari Kurachi, nascido japonês, iniciou o processo de naturalização visando disputar o Mundial na Argentina no início do ano, para defender a seleção do Brasil (SUL-AMERICANO..., 1955).

Como anteriormente exposto, o Campeonato Mundial não aconteceu e, como forma de selecionar os atletas para o mundial do Japão e para o Pan-Americano em Cuba, foi realizada uma disputa eliminatória entre as equipes da Guanabara e de São Paulo (CAMPEONATO..., 1956a). Enquanto no caso do mundial as despesas seriam pagas pela embaixada, o jornal Diário Carioca se propôs a patrocinar a viagem dos atletas brasileiros para o Pan-Americano, com colaboração da Panair do Brasil. Além disso, para cobrir o evento, enviou junto com a delegação um representante do periódico (DC..., 1956).

Foram enviados a Cuba, Luiz Alberto Mendonça (1º *kyu*), Milton Rossi (1º *dan*), Shunji Hinata (2º *dan*), e Hikari Kurachi (4º *dan*) (BRASIL..., 1956a). Na competição, o Brasil ficou em segundo lugar, sendo a equipe dos Estados Unidos a campeã. Ainda assim, o resultado dos brasileiros surpreendeu por ser a primeira participação. Kurachi foi o campeão na categoria 4º *dan*, Hinata o vice-campeão nas disputas de 2º *dan*, Kawakami foi vice-campeão no 3º *dan*, Milton Rossi, o campeão no 1º *dan*, e Luiz Alberto campeão no 1º *kyu* (DESEMBARCARAM..., 1956). Na reunião das delegações após o evento, para a surpresa da delegação brasileira, Augusto Cordeiro foi eleito presidente da Confederação Panamericana de Judô, por unanimidade, e Ribeiro Falcão foi eleito secretário (BRASIL..., 1956a).

Eleito presidente, Cordeiro disse que planejava criar uma junta revisora, que iria editar uma publicação que pudesse orientar os processos de treinamento para as várias federações filiadas. Além disso, planejava que no futuro somente a Federação Panamericana teria o poder

de conferir os graus mais elevados da faixa preta em toda a América, de 3º ou 4º *dan* para cima. Para isso, cada país indicaria um representante de 5º *dan* ou acima para uma junta avaliadora. Também, Cordeiro queria elaborar um código de regras a vigorar em todo o continente (PROGRAMADO..., 1956). Cordeiro, entretanto, parece não ter conseguido realizar seus objetivos:

De que adiantava ser presidente de uma entidade que praticamente não existia? Na verdade, dela só existia o título, pomposo, mas que não funcionava. Seus integrantes se encontravam de dois em dois anos, e pouca coisa era resolvida de útil. (ACADEMIA..., 1968a, p. 46).

Com relação à sede do evento seguinte, ficou determinado que em 1958 o Pan-Americano ia acontecer no Brasil, e Cordeiro revelou que o Brasil se candidatou à sede do Mundial de Judô de 1965. Sendo assim, afirmou que gostaria de incentivar o intercâmbio entre os países do continente (PROGRAMADO..., 1956). Os jornais brasileiros, apesar de congratular Cordeiro pela eleição, conhecedores de todas as questões que impediram o Brasil de participar do Mundial, fizeram um alerta:

De conceitos emitidos por Augusto Cordeiro, percebemos a sua tendência contrária ao Instituto Kodokan, pois ele é da corrente Budokan, que tem como elemento preponderante o professor Ogawa. Tal circunstância talvez suscite uma situação de constrangimento, pois em São Paulo, são assaz numerosos os que seguem a tradicional e reputada escola de Kodokan. (PROGRAMADO..., 1956, Suplemento Esportivo, p. 2).

De fato, Cordeiro não perdeu a oportunidade de exaltar a Budokan pelo resultado brasileiro em Cuba. Lembrou aos jornalistas em seu retorno ao Brasil que na delegação brasileira, cinco dos seis membros eram alunos e subordinados de Ryuzo Ogawa, e que Ogawa era membro permanente do Conselho Técnico da CBP. Além disso, Ogawa tinha participado de todas as competições da Federação Paulista de Pugilismo, da Federação Carioca, e da CBP. Disse Cordeiro que Ogawa era a maior expressão do judô, e aquele que pedia a todos que deixassem de lado as disputas internas, para propagar um judô brasileiro (TECNICA..., 1956).

As vitórias em Cuba foram também importantes em termos políticos para a CBP. Os jornais de Cuba noticiaram o bom desempenho do Brasil, retratando-o como o mais técnico do campeonato. Os elogios da imprensa cubana deixaram o embaixador brasileiro em Cuba, Góes Monteiro, muito satisfeito, congratulando Paschoal Segreto Sobrinho, presidente da CBP, pelo resultado (BRASIL..., 1956b). Além disso, ao retornar para o Brasil, os atletas do selecionado brasileiro foram convidados a fazer uma demonstração patrocinada pela CBP, e pela Escola de

Educação Física do Exército, no ginásio desta Escola, na Fortaleza de São João (OS “JUDOKAS”..., 1956).

Por outro lado, havia aqueles no meio do judô que, apesar de satisfeitos com as vitórias no Pan-Americano, entendiam que a celeuma criada para a participação no Mundial, e o não comparecimento, havia exposto a maior fraqueza do judô brasileiro, a desunião:

[...] é de se lamentar a desunião que, até esta data, vem reinando no seio dos seus praticantes em nosso país. [...] se procurássemos trabalhar em conjunto, sem levarmos em consideração as diversas denominações que cada um tem escolhido para difundir o JUDÔ (Jiu-Jitsu, Judô Budokan, ou mesmo, Judô Kodokan), tenho plena convicção de que o nosso nível técnico já teria atingido ao ponto de sermos equiparados aos maiores centros de JUDÔ extra-Japão. [...] É bem verdade que já podemos nos orgulhar da nossa primeira experiência internacional. Fomos os VICE-CAMPEÕES no II CAMPEONATO PAN-AMERICANO DE JUDÔ, em Havana, porém, não devemos esquecer que, da nossa representação, cinco dos seis componentes, pertenciam a um mesmo ramo. Qual teria sido a causa deste fenômeno? Será que o citado ramo possui os mais categorizados judocas do Brasil? [...] Não obstante, que aconteceu ao BRASIL quando regressamos da gloriosa jornada de Havana? Convidados para participarmos do 1º CAMPEONATO MUNDIAL DE JUDÔ, em Tóquio, pela Federação Internacional, por falta de interesse, mesquinhas, partidarismos e brigas, fomos obrigados a declinar de tão honroso convite. [...] Quem lucrou com o nosso proceder? O JUDÔ, o BRASIL? Não, nenhum dos dois e, para cúmulo da pouca sorte, propagamos pelo mundo desportivo a nossa desorganização e desinteresse pelo desporto que havíamos escolhido como nosso favorito. (BASTO, 1957, p.138).

9.8 Terceiro Campeonato Brasileiro de Judô

Após a participação no Pan-Americano, as atenções da imprensa voltaram-se para o III Campeonato Brasileiro em 1956. Em setembro os cariocas se prepararam sob a supervisão de Augusto Cordeiro, e o presidente da CBP, Paschoal Segreto Sobrinho, e o diretor técnico, Jamil Nasser, foram na academia de Cordeiro para presenciar os treinamentos (INÍCIO..., 1956).

Para decidir a representação carioca, o diretor do departamento de judô da Federação Metropolitana de Pugilismo, Paulo de Faro, abriu um campeonato municipal, no qual esperava-se a participação das seguintes equipes: Cordeiro, Fada, Haroldo de Brito, Centro Ermano

Regassi, Clubes de Regatas do Flamengo, Internacional, Satellite Club e a Escola Naval (OS CARIOCAS..., 1956). Nessa época, Cordeiro era o professor tanto da Escola Naval, como do Flamengo (NO BRASILEIRO..., 1956), se estabelecendo como o principal professor de judô no Rio de Janeiro.

Em São Paulo, como era o costume, os centros de instrução de judô se reuniram para o Campeonato Estadual sob patrocínio da Federação Paulista de Pugilismo, realizado no Ginásio do Pacaembu. As equipes participantes foram: Linha Paulista, Sorocabana, Central, Noroeste e Capital. Cada uma com cinco atletas (CAMPEONATO..., 1956b).

A maior expectativa para a competição residia na luta entre Arsênio Martins da Academia Fukaya e Massayoshi Kawakami da Budokan (CAMPEONATO..., 1956b). Entretanto, Arsênio Martins não participou da competição, além disso, o campeonato por equipes foi suspenso por falta de tempo, isto porque a categoria faixa marrom tinha tantos atletas que tomou toda a parte da manhã (CAMPEONATO..., 1956c).

No início da competição, Lucio Franca, diretor do Departamento de Judô da Federação Paulista de Pugilismo, fez uma breve saudação e advertência aos lutadores. Yasuichi Ono fez parte da mesa diretora. À tarde, após o descanso de almoço, houve uma demonstração técnica do prof. Yoshio Kihara (7º *dan*), que havia chegado do Japão juntamente com Yoshizawa (4º *dan*) (CAMPEONATO..., 1956c). Com relação a Kihara que havia chegado a pouco tempo ao Brasil, segundo Ishii (2015, p. 74): "Kihara dedicou-se na divulgação do judô correto da Kodokan e na orientação do *kata*, solidificando a forma original do *kata* no judô brasileiro".

Após a competição, escolhidos os atletas para o Campeonato Brasileiro, a Gazeta Esportiva visitou o Instituto Jaguaribe, onde treinavam os atletas do Pinheiros, dois dos quais integrantes da equipe paulista. Em 1956, o Esporte Clube Pinheiros permanecia sendo o único clube paulista, segundo os jornais, a participar das competições de judô, as demais representações sendo feita pelos Centros de Instrução. A diretoria do judô no Esporte Clube Pinheiros contava com Elias de Oliveira, diretor do Departamento de Judô da Federação Paulista de Pugilismo, Edgar Ozon, sub-diretor da seção de judô, além de Fukaya, orientador da equipe de judô do Jaguaribe e do Esporte Clube Pinheiros. O ano de 1956 marcou o retorno do Pinheiros às competições (RETOQUES..., 1956).

Em Minas Gerais, venceu o estadual a equipe do Minas Tênis Clube, sob a orientação de Albano Correa. Os atletas escolhidos para representar Minas Gerais foram: Simão Tam, Luiz Carlos Vieira, Olegário Maciel, Ailton e Alvaro Passos Loureiro. Simão Tam, um dos competidores, era o presidente da Federação Mineira de Pugilismo. Além de ter como

presidente da Federação de Pugilismo local um praticante de judô, Minas contava, ainda, com apoio do governo do Estado (REPRESENTANTES..., 1956; JUDÔ..., 1956b).

A equipe do Rio Grande do Sul, por sua vez, representada por Amaro Junior, presidente da Federação Riograndense de Pugilismo, encontrou-se no Rio de Janeiro com Paschoal Segretto Sobrinho, presidente da CBP, para organizar a viagem da equipe do Rio Grande do Sul para São Paulo. Além disso, havia o plano de que a equipe do Rio Grande do Sul realizasse um evento de disputa, no Rio de Janeiro, entre as equipes dos dois estados, realizado em acordo com a Federação Metropolitana de Pugilismo (INTENSOS..., 1956). Do Rio Grande do Sul, formaram a delegação para o Campeonato Brasileiro realizado em São Paulo como chefe da delegação, Anivaldo Gonçalves, como técnico o prof. Loanzi, e como observador, Iwao Sugo (ARRANCADA..., 1956).

A classificação final da competição em 1956 foi, para a competição por equipes, São Paulo mais uma vez em primeiro lugar, seguida da Guanabara, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, respectivamente. O campeão absoluto, novamente, foi Kawakami (SÃO PAULO..., 1956). Nas demais competições individuais, na faixa marrom venceu Lhofei Shiozawa, de São Paulo, na faixa preta 1º *dan*, Wilson Oliveira da Guanabara, na faixa preta 2º *dan*, Manabu Kurachi de São Paulo, e na faixa preta 3º *dan*, Masayoshi Kawakami (EMPOLGANTE..., 1956).

Ao final do evento, discursou o diretor do Departamento de Judô da Federação Metropolitana de Pugilismo, Paulo Humberto Kastrup de Faro, e ficou determinado que o próximo campeonato brasileiro seria no Rio de Janeiro. No congresso técnico foi discutida a maneira de atuar dos juízes, e, em outro congresso realizado na mesma oportunidade, o presidente da Federação Metropolitana de Pugilismo, Lourival Pereira, tratou do caso da filiação das academias, que ainda estava ocorrendo observando a legislação do Conselho Nacional de Desportos (BOA..., 1956).

10 A RELAÇÃO DO JUDÔ DO BRASIL COM A KODOKAN

10.1 Relação da Budokan com a Kodokan

A Escola de Kodokan, fundada há setenta anos, pelo professor Jigoro Kano, no Japão, é a única entidade desse caráter cujo diploma é válido em todo o mundo. Atualmente, no Japão, só existe o sistema Kodokan, como nos demais países onde se pratica esse nobre esporte, exceto aqui no Brasil, onde, após a guerra, apareceu um sistema obsoleto, místico, que, afirma-se, vem sendo amparado e difundido por elementos que até hoje acreditam que o Japão não foi derrotado... E há brasileiros inconscientemente apoiando isso. (BRIGIDO, 1956b, Caderno Esportivo, p. 16).

Para entender a discussão que se dá a partir da segunda metade da década de 1950, é necessário revisar algumas questões anteriormente estabelecidas. Enquanto na primeira metade desta década, a principal discussão se deu com relação ao estabelecimento do judô frente ao jiu-jítsu, na burocracia esportiva brasileira, a principal discussão da segunda metade da década tem raízes na relação que o judô brasileiro construiu com o Japão. O judô após a Segunda Guerra voltou a ser controlado pela FIJ que, sob a presidência de Risei Kano, tinha proximidade com a Kodokan (SAEKI, 1994). Por outro lado, a burocracia pugilística brasileira tinha escolhido apoiar a Budokan (BRIGIDO, 1956b) que, então, rivalizava com a Kodokan no Brasil (VIRGÍLIO, 2002a).

Como explicado anteriormente, Tatsuo Okochi anunciou a fundação da Associação de Faixas Pretas da Kodokan do Brasil ainda na década de 1930, quando era o diretor do departamento de judô da *Hakkoku Jûkendô Renmei*. A filiação, entretanto, não era aberta somente à membros da Kodokan, mas também aos membros da Butokukai que quisessem se filiar (KINKOKU, 1938). Após o fim da Jukendô, a Kodokan do Brasil (como ficou conhecida) era a principal associação de professores de judô na colônia japonesa em São Paulo. Entretanto, como anteriormente explicado, dois professores de judô de relevância para o judô no pós-guerra não faziam parte do grupo: Yasuichi Ono e Ryuzo Ogawa (VIRGÍLIO, 2002a; ISHII, 2015).

Enquanto o distanciamento de Ono tem raízes em sua escolha pelas lutas profissionais na década de 1930 (ISHII, 2015), o que as evidências apontam é que a divergência de Ogawa com a Kodokan tem origem na rivalidade entre a Butokukai e a Kodokan. A partir dessa afirmação é preciso atacar um problema que parece ter permeado o debate do judô brasileiro por muitos anos. Assim como demonstrado anteriormente, no Brasil, o termo jiu-jítsu e judô

não eram corretamente compreendidos até os anos 1940, e ensejou todos os debates entre Cordeiro e os irmãos Gracie na primeira metade da década de 1950. Pelo uso indistinto em um mesmo contexto dos termos Budokan, também grafado Budokwan, (ORGANIZAÇÃO..., 1957), Butokukai, ou ainda Budokukaia (CORDEIRO..., 1957), pelos jornais, o mesmo caso parece ter ocorrido no Brasil com estes termos.

É comum encontrar nos jornais, e nas declarações de Cordeiro (o principal porta-voz da Budokan nos jornais), que Ryuzo Ogawa fazia parte de uma organização chamada Budokan que era a principal rival da Kodokan no Japão (PROGRAMADO..., 1956). O que se acreditava na década de 1950, portanto, era que Ogawa era o representante de uma organização de caráter internacional, com sede no Japão, e filiais em vários continentes: “Ogawa é o representante no Brasil da Budo-Kan, a mais antiga academia japonesa, que tem filiais nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e outros países” (A GRANDE..., 1951 p. 36).

Como visto anteriormente, quando Ogawa abriu seu *dôjô* em 1937, mencionou três filiações: *shihan* do estilo *Kashima Shin'yo-ryu*, 5º *dan* de judô, e membro da *Nihon Kobudô Hozonkai* (KAIKAN..., 1937). A graduação de *shihan* era atribuição interna das escolas de *jûjutsu* (MOL, 2001), que obedeciam o sistema de hierarquia tradicional *iemoto*, tal como explicado por Saeki (1994) e, portanto, a outorga do título de *shihan* bastava ser outorgada pelo fundador ou representante máximo da escola (*sôke*) (MOL, 2001).

Na literatura contemporânea, o chefe de um *ryûha* costuma ser chamado de *sôke*, que se traduz literalmente como "chefe da família" ou "casa principal". É o *sôke* que tem o controle total do *ryûha*, e tem a obrigação moral de preservar os *ryûgi* conforme foram ensinados a ele. [...] Um *shihan* era considerado um "professor modelo" ou um "mestre exemplar" de um *ryûha*. Originalmente, o uso dos termos *shike* e *shihanke* se referia a uma situação em que havia um *sôke*, que controlava a linha principal, e um *shike* ou *shihanke*, que era o chefe de seu ramo daquela escola. [...] As formas tradicionais de licenças são bem diferentes do sistema *kyu-dan* que foi adotado pela maioria das formas de *budô* [...] (MOL, 2001, p. 84, tradução nossa).⁶

A outra organização de estilos antigos mencionada por Ogawa, fora sua escola, foi a *Nihon Kobudô Hozonkai*. A *Nihon Kobudô Hozonkai* foi criada a partir da reunião de mestres

⁶ “In contemporary literature the head of a *ryûha* is often called *soke*, which literally translates as “head family” or “main house.” It is the *soke* who is in total control of the *ryûha* and has the moral obligation to preserve the *ryûgi* as they were taught to him. [...] A *shihan* was considered to be a “model teacher” or an “exemplary master” of a *ryûha*. Originally the use of the terms *shike* and *shihanke* referred to a situation in which there was a *soke*, who was in control of the main line, and a *shike* or *shihanke* who was the head of his branch of that school. [...] The traditional ways of licensing are quite different from the *kyu-dan* system that has been adopted by most *budo* forms [...]” (MOL, 2001, p.84).

de escolas clássicas de artes marciais em decorrência de um evento de aniversário do Santuário Meiji (OMORI, 1958). Ogawa participou do evento, fazendo uma apresentação de *Kashima Shin'yo-ryu jūjutsu* (VIRGÍLIO, 2002a). Fundada por Manabu Matsumoto, a organização tinha como objetivo preservar as antigas escolas marciais, daí o nome “Sociedade de Preservação do Antigo Budô Japonês”. Sendo assim, Ogawa, na posição de *shihan* do *Kashima Shin'yo-ryu*, tornou-se membro da organização.

Por volta de 1930 ou 1931, durante a celebração do 10º aniversário do Santuário Meiji Jingu, cerca de 300 escolas de *judô* e *kendô* foram selecionadas de todo o Japão, e suas técnicas secretas foram exibidas por dois dias no Salão Público de Hibiya. Acho que foi a primeira vez que um evento desse tipo foi realizado. Depois disso, a Sociedade de Preservação do *kobudô* foi criada pelo Sr. Manabu Matsumoto, e dezenas de escolas participaram e apresentações foram realizadas todos os anos até o final da guerra. (OMORI, 1958, p. 26, tradução nossa).⁷

Resta a graduação de 5º *dan* em judô de Ogawa, mencionada quando da abertura do *dôjô* em 1937. A graduação através de *dan* (também chamado grau no Brasil) foi instituída por Jigoro Kano para o judô. Kano mudou o sistema de graduação porque discordava do sistema tradicional até então utilizado nas escolas de *jūjutsu*. A *Dai Nippon Butokukai*, fundada em 1895, adotou o sistema de *dan* para o judô e *kendô* em 1917 e, também, para o *kyudô* em 1923 (TODO; MURATA, 2004).

Ogawa chegou ao Brasil com o 5º *dan*, como é amplamente evidenciado pelos jornais da colônia na época. De fato, Ogawa era rotineiramente chamado nos jornais da colônia de “Ogawa 5º *dan*” (小川五段). Posto que a graduação de 5º *dan* não era um elemento do *jūjutsu*, sendo outorgada pela Kodokan ou pela Butokukai, e que Ogawa era de um grupo divergente da Kodokan, pode-se inferir que a graduação de Ogawa foi outorgada pela Butokukai.

É importante ressaltar que este trabalho não é o primeiro a sugerir uma relação de Ogawa com a Butokukai, a associação fora feita em 2021, em artigo de Shuhei Okano para a revista *Genkan Hiden*:

Em 1928, Ryuzo abriu um *dôjô* em Honjo, Tóquio, onde ensinou *jūjutsu* e judô. Embora a instrução de Ryuzo fosse principalmente *Kashima Shin'yo-ryu*, em 1899, após a promulgação dos regulamentos de arbitragem das lutas

⁷ “昭和五、六年頃のこと、明治神宮の鎮座十年祭に当つて、全国から柔剣道三百何流か選ばれ、二日間に亘って日比谷公会堂でその秘技が公開された。こういう催しはこれが初めてだったと思う。その後、松本学氏の手で古武道保存会が作られ、何十流かの人々が参加して終戦まで年々演技が行われた [...]” (OMORI, 1958, p.26).

de jujutsu da *Dai Nippon Butokukai*, ele incorporou técnicas de judô e treinamento de *randori* em sua instrução.

A *Dai Nippon Butokukai* foi estabelecida em 1895 (Meiji 28) e era a maior organização de artes marciais pré-guerra. Kano *Shihan* foi o presidente do regulamento de arbitragem de torneios de jujutsu da Butokukai, que foi criado como resultado de discussões entre o judô e várias escolas de jujutsu. A Butokukai patrocinou diversos torneios onde participavam as escolas de *jûjutsu* e judô, o que levou à uma unidade na prática do judô. (OKANO, 2021, p. 97, tradução nossa).⁸

O último documento que será aqui apresentado para argumentar em favor da filiação de Ogawa à Butokukai é o certificado de filiação de Manuel de Paula à Budokan, datado de 1955 (figura 5). Ao lado esquerdo do documento, onde consta a assinatura de Ryuzo Ogawa, podemos observar seu título de *shihan* em *Kashima Shin'yo-ryu*, a sua filiação à *Nihon Kobudô Hozonkai* (como previamente descrito) e, sobre a graduação em judô, consta que Ogawa era membro e 5º *dan* em judô pela *Dai Nippon Butokukai* (大日本武徳會々員柔道五段) (OGAWA, 1955).

Figura 5 - Certificado de filiação de Manuel de Paula à Budokan.



Fonte: Ogawa (1955).⁹

⁸ “龍造は 1928 年、東京の本所に道場を開き柔術と柔道を教える。龍造の指導は鹿島真揚流を主体とするも、1899 年、大日本武徳会柔術試合審判規定の制定をうけ、柔道の技や乱取稽古などを取り入れて指導していたよである。

大日本武徳会は 1895 年(明治 28 年)に設立された戦前最大の武道団体である。武徳会の柔術試合審判規定は嘉納師範が委員長となり、柔道と柔術諸派による協議の結果作られたもので、柔術の主張する手足の指や足首の関節技は禁止となったが、柔術諸派も講道館柔道の体育的、教育的要素を加味した柔道を容認し、武徳会主催の柔道並びに柔術諸派参加の試合を重ね、柔道への大同団結へと繋がっていった。” (OKANO, 2021, p.97).

⁹ Cópia cedida por Gustavo Freitas Marcelino, aluno de Manuel de Paula.

A partir do que foi exposto, este trabalho parte do pressuposto de que Ryuzo Ogawa era membro da *Dai Nippon Butokukai* e que daí parte sua primeira divergência com a Kodokan, principalmente no pós-Guerra.

Como mostra o artigo de Arthur Parahyba no jornal Tribuna da Imprensa (PARAHYBA, 1956), no mesmo período, a questão de conflito entre professores ligados à Butokukai fora do Japão, e membros da Kodokan, não foi exclusividade do Brasil. Em países como a França, houve a integração dos dois grupos formando uma única federação: “O último número da revista oficial de Judô da Federação Francesa de Judô, publicou a fusão das duas associações Kodokan e Kawaishi (Budokukai) (sic). Isso é influência da ida da representação francesa ao Mundial de Judô em Tóquio” (PARAHYBA, 1956, p.2).

Como anteriormente exposto, havia diferenças entre a forma de promoção do judô pela Butokukai e pela Kodokan. Promovido pela Butokukai, o *budô* enfatizava o *yamato-damashii* (a alma japonesa) nas colônias (CHENG; LEE; CHIN, 2021). Além disso, tornou-se responsável por incorporar o *bushidô* à prática de artes marciais, e ao espírito das forças militares (GARCÍA, 2018). Até o fim da guerra, a *Dai Nippon Butokukai* foi a organização com o maior número de membros, contando, durante a década de 1940, com três milhões de filiados. Em 1942, tornou-se organização extragovernamental, ficando sob a supervisão conjunta do Ministério da Educação, Saúde, Marinha, Exército e Interior, e passou a ter sua sede localizada no Ministério da Saúde. Entre as organizações que passou a controlar, nessa época, estava Kodokan (GARCÍA, 2018).

Após a Segunda Guerra Mundial, a partir da rendição japonesa, a primeira medida do Comando Supremo das Forças Aliadas foi identificar e remover os líderes militares do período de guerra que tinham posições de liderança, e dissipar as relações do militarismo com o sistema educacional. Logo no início da ocupação, as artes marciais tradicionais foram banidas. A *Dai Nippon Butokukai*, que estava ligada ao governo militarista no período da guerra, foi desmantelada (GUTTMANN; THOMPSON, 2001).

Com o fim da guerra, no contexto de domínio do Japão pelas forças de ocupação dos Estados Unidos, houve a retomada do controle do judô sob a administração da Kodokan que, em 1942, havia sido incorporada à *Dai Nippon Butokukai* (SAEKI, 1994). Segundo Villamon et al. (2004), neste período começou o processo de modernização reflexiva do judô em que, sob o domínio cultural dos Estados Unidos, houve uma reorientação da prática para o predomínio de sua vertente esportiva. O modelo de judô do Ocidente influenciou o modelo japonês e a Kodokan perdeu, gradualmente, a disputa pelo controle da modalidade para a FIJ (SAEKI,

1994). Além disso, o judô foi instrumentalizado para mostrar ao mundo as características positivas da cultura japonesa, diminuindo a percepção militarista do Japão, e do *budô*, no cenário internacional (BENESCH, 2020; GARCÍA, 2018).

O contexto pós Segunda Guerra, em que houve dissolução da Butokukai e, a aproximação da Kodokan com a recém-criada FIJ, ensejou o requisito de que para que qualquer atleta pudesse participar das competições internacionais era necessário que fosse filiado à Kodokan (O BRASIL..., 1956b). Essa é a origem política do problema que se sucedeu em 1956 e que se tornou um impasse para a participação dos brasileiros no Campeonato Mundial de judô. Sendo assim, no caso brasileiro, em decorrência do posicionamento da Budokan e da Confederação Brasileira de Pugilismo não houve, tal como em outros países (como a França), a fusão entre as correntes Kodokan e Butokukai após a guerra, condição necessária para a definitiva unificação das duas correntes predominantes do judô em uma só organização.

O contexto que tornou a posição de Ryuzo Ogawa, e consequentemente da Budokan, única no que tange à relação com a Kodokan, influenciando o contexto de desenvolvimento do judô brasileiro, não foi somente sua filiação à Butokukai. Um outro fator que contribuiu para seu distanciamento com a Kodokan foi, também, sua filiação à *Nihon Kobudô Hozonkai* (KAIKAN..., 1937), fundada em 1930 (OMORI, 1958), poucos anos antes de Ogawa se mudar para o Brasil em 1934 (VIRGÍLIO, 2002a).

A *Nihon Kobudô Hozonkai* surgiu da insatisfação com o caminho para onde se dirigia o *budô* como movimento esportivo no Japão. Após ter sido definitivamente estabelecida a mudança que substituiu o uso do termo *bujutsu* por *budô* pela Butokukai em 1919, e a adoção dos termos judô e kendô pelo Ministério da Educação em 1926, iniciou-se um processo acentuado de esportivização do *budô*. Esta tendência levou ao nascimento da Federação Estudantil Japonesa de Kendô em 1928, bem como ao Campeonato Nacional de Judô em 1930 (NAKAJIMA, 2010).

Segundo Nakajima (2010), a ideia de formar a *Nihon Kobudô Shinkokai* surgiu de Tatsujiro Oshima, que obteve apoio de Manabu (Gaku) Matsumoto, seu colega de trabalho no Ministério do Interior. Enquanto Oshima era praticante de kendô, Matsumoto havia praticado judô até o período em que ingressou na Universidade de Tóquio, quando deixou de praticar devido à uma lesão na perna. Preocupados com os rumos do *budô*, Oshima e Matsumoto promoveram apresentações de *kata* em 1930, durante o aniversário do santuário Meiji, convidando mestres de diversas escolas de artes marciais das diversas regiões do país (NAKAJIMA, 2010). Entre os convidados a participar e se apresentar neste evento, estava Ryuzo Ogawa, representando, na posição de *shihan*, a escola *Kashima Shin'yo Ryu* de *jûjutsu*

(VIRGÍLIO, 2002a). Foi durante esse evento, organizado por Oshima (NAKAJIMA, 2010), que Manabu Matsumoto fundou a *Nihon Kobudô Hozonkai*, convidando os mestres presentes a se filiar (OMORI, 1958).

O que era, em 1930, uma associação de preservação (*hozonkai*) (OMORI, 1958), tornou-se uma associação de promoção (*shinkokai*) do *kobudô* em 1935, e assim nasceu a *Nihon Kobudô Shinkokai* (NAKAJIMA, 2010). De fato, segundo Nakajima (2010), foi a partir do nascimento da *Nihon Kobudô Shinkokai* que o conceito de *kobudô* foi estabelecido efetivamente no Japão, em contraposição ao termo *budô* como prática esportiva moderna. Para tal, Matsumoto estabeleceu como norte as proposições de *kobudô* elaboradas por Tetsuzaburo Kawauchi, crítico ferrenho à prática do *budô* como esporte que se tornou posteriormente um dos diretores da organização. Estas ideias culminaram na elaboração do livro *Nihon Kobudô-ryu Soden* (日本古武道流祖伝) em 1935 (NAKAJIMA, 2010).

Enquanto a Butokukai tinha divergências políticas com a Kodokan (VIRGÍLIO, 2002a) as duas organizações pareciam concordar, naquele tempo, quanto à orientação esportiva em que se desenvolvia o judô, principalmente a partir da década de 1920 em diante (NAKAJIMA, 2010). A *Nihon Kobudô Shinkokai*, por sua vez, marcou posição contrária, recebendo entre seus membros os professores de estilos clássicos de *jûjutsu*, *kenjutsu*, e demais correntes de *kobudô* (NAKAJIMA, 2010). Matsumoto, fundador da *Nihon Kobudô Shinkokai*, estabeleceu como fundamento do *kobudô* a prática das formas clássicas de *kata*. Segundo sua visão, somente a partir da prática das formas desenvolvidas pelas antigas escolas de *kobudô* que se poderia captar a essência do espírito japonês. Assim, a organização passou a promover a inclusão da prática de *kata* de *kobudô* em escolas, para o ensino fundamental e médio, além de organizar grandes eventos para demonstrações (NAKAJIMA, 2010).

Como organização, a *Nihon Kobudô Shinkokai* tinha por volta de mil e quinhentos membros entre 1937 e 1938. Quando comparada à Butokukai e à Kodokan, o número de filiados era irrisório. Por outro lado, quando se transformou em fundação em abril de 1940, tinha entre seus diretores e membros figuras importantes como o almirante da marinha Isamu Takeshita, o vice-almirante Masayasu Asano, e Matsukichi Koyama que havia sido Ministro da Justiça do Japão, e serviu como presidente da *Nihon Kobudô Shinkokai* (NAKAJIMA, 2010).

Ainda que não fosse tão difundida quanto a Kodokan e a Butokukai, observando o discurso de fundação do primeiro *dôjô* da Budokan (KAIKAN..., 1937), Ogawa parece ter sido fortemente impactado pelos ideais da *Nihon Kobudô Shinkokai*, e pelos ideais de preservação e resgate do ensino do *kobudô* como ferramenta de promoção do espírito japonês, principalmente entre os jovens. Esta visão de promover o espírito japonês a partir da prática de *kata* do *kobudô*

(NAKAJIMA, 2010) parece ter sido um dos fatores para a distância entre a Budokan e a Kodokan apontada por autores como Virgílio (2002a) e Ishii (2015). Um fenômeno decorrente desse processo foi a predominância do ensino de *kata* da linha *Kashima Shin'yo-ryu* entre os membros da Budokan no Brasil, em detrimento do ensino das formas estabelecidas pela Kodokan (ISHII, 2015).

Portanto, Ogawa fazia parte de um movimento antagônico à Kodokan em várias dimensões, não somente do ponto de vista político. Além da importância dos conceitos de *bushidô* e *yamato-damashii* que também eram caros à Butokukai (GARCÍA, 2018), os prejuízos da esportivização do judô para o “treinamento do espírito” eram percebidos pelos membros da *Nihon Kobudô Shinkokai* como um problema a ser resolvido (NAKAJIMA, 2010). Para esta organização, a solução à esportivização excessiva, era o restabelecimento do *kobudô* e da prática de *kata* como veículos de propagação do espírito do povo japonês, no lugar de métodos de *budô* moderno, como o judô (NAKAJIMA, 2010).

Enquanto contraponto à Kodokan, as tendências políticas e filosóficas da *Nihon Kobudô Kyokai*, tal como apresentadas por Nakajima (2010) parecem de acordo com os preceitos da Butokukai (GARCÍA, 2018). De fato, entre seus membros, bem como diretores, se encontravam membros da Butokukai, que não disputavam a legitimidade da organização para organizar o judô competitivo. Contestavam tão somente a postura que a gestão da Butokukai passou a ter de valorizar a prática esportiva em detrimento do treinamento das formas de *kata* dos estilos clássicos de *kobudô* (NAKAJIMA, 2010). Na década de 1940, tal como a Kodokan, a *Nihon Kobudô Shinkokai* passou a ser, também, administrada pela Butokukai (NAKAJIMA, 2010). Sendo assim, seu desenvolvimento independente durante o período anterior ao fim da Segunda Guerra foi relativamente curto.

Para além das divergências políticas originadas ainda no contexto histórico de desenvolvimento do *budô* japonês, havia ainda, outra questão política de fundo germinada no contexto da imigração japonesa para o Brasil. Esta foi apontada por Brígido (1956b), ao afirmar que este judô dissociado da Kodokan vinha “sendo amparado e difundido por elementos que até hoje acreditam que o Japão não foi derrotado... E há brasileiros inconscientemente apoiando isso” (BRIGIDO, 1956b, Caderno Esportivo, p. 16).

No trabalho de Ishii (2015), aponta-se que Ogawa seria da *Shindo Renmei*, enquanto Brígido (1956b) insinuou ser Ogawa partidário do grupo dos “vitoristas”. Ainda que não tenham sido encontradas evidências para tal, a posição política da Butokukai encontrava-se próxima do ideário dos “vitoristas”, que tinham, segundo Handa (1987), uma postura mais tradicional e aversão à modernização. Foi inspirado no “espírito japonês”, ideário promovido

pela Butokukai, de tendência tradicional, que Ogawa construiu a Budokan no período de guerra percorrendo as associações da colônia, tal como escrito em Ishii (2015):

Durante a guerra, inspirado pelo espírito japonês, visitou cada colônia japonesa, foi militante do Shindo Renmei e, em cada colônia japonesa, fundou uma filial. Por isso, depois da guerra, quando reativamos o judô, quase todo o interior estava fortificado. (ISHII, 2015, p. 26-27).

O que a citação de Brigido (1956b) deixa claro, é que para a Federação Metropolitana de Pugilismo e para a CBP, essas questões internas do judô da colônia japonesa eram de menor importância, dado que o controle era de fato exercido por brasileiros como Paschoal Segreto Sobrinho e Augusto Cordeiro, que se preocupavam com questões políticas nacionais de outra natureza. Entretanto, a divergência de Ogawa com a Kodokan transbordou para o judô nacional. Como demonstra o caso do Campeonato Mundial de 1956, o grupo da Kodokan no Brasil, não contava com a simpatia da principal instituição regente do esporte, a CBP. Não somente isso, a partir do conflito no caso do Mundial, os jornais cariocas, simpatizantes da causa de Cordeiro, não pouparam críticas aos membros da Kodokan no estado, Nagashima e Ogino (FICARAM..., 1956).

Assim, a Budokan tornou-se para a CBP um símbolo de legitimidade que representava a tradição do Japão e, em contrapartida, contava com o suporte da burocracia brasileira para se expandir através da liderança de Augusto Cordeiro. Através da máquina da CBP, Cordeiro foi capaz de promover a Budokan para além do Rio de Janeiro, realizando visitas para liderar treinamentos, palestras, e torneios, no Rio Grande do Sul e em Minas Gerais. Esta influência política permitiu facilidades à Budokan para trafegar pela burocracia brasileira, o que não foi possível observar ocorrendo para outros grupos. Por exemplo, em 1957, consta que: “O Conselho Nacional de Desportos concedeu licença ao sr. Matsuo Ogawa, cidadão japonês, para presidir uma entidade esportiva de jiu-jitsu e judô” (O QUE..., 1957, p.7). A questão é emblemática dado que a impossibilidade legal de que os japoneses pudessem dirigir entidades esportivas no Brasil foi o principal fator de exclusão e distanciamento das principais lideranças do judô que haviam se organizado antes do Decreto-lei de 1941.

Enquanto na França, tão logo ocorreu o primeiro Mundial, houve a união dos membros remanescentes da Butokukai com a Kodokan em uma mesma federação (PARAHYBA, 1956), no Brasil, a CBP deu continuidade à separação suportando a Budokan através de Cordeiro. A questão tornou-se importante para o contexto político do judô, não somente interno, como também externo. Enquanto a CBP fazia oposição à Kodokan no âmbito interno, Cordeiro tornou-se oposição à Kodokan na política externa, como presidente da Confederação

Panamericana, chegando a fazer parte, em 1960, de um grupo de oposição à eleição de Risei Kano à presidência da FIJ (PARAHYBA, 1960).

O apoio que a CBP emprestou à Budokan coincidia com alinhamento político na FIJ, crítico à Kodokan. É nesse contexto que, durante o Pan-Americano do México de 1960 (FORMADA..., 1960; FAIXAS-PRETAS..., 1960; MATT..., 1960) Oscar Perez, da Argentina, foi eleito como novo presidente da Confederação Panamericana no lugar de Augusto Cordeiro (ECOS..., 1960). Em artigo da Tribuna da Imprensa, conta-se que Cordeiro retirou seu nome do pleito visando sua candidatura para a presidência da FIJ. A candidatura de Cordeiro teve o apoio extraoficial da França que ambicionava retirar a residência da FIJ em sua sede no Japão, almejando uma orientação mais alinhada aos interesses dos praticantes da Europa. Caso a estratégia tivesse se concretizado, Cordeiro teria substituído Risei Kano, presidente da Kodokan, na presidência da FIJ (PARAHYBA, 1960).

Esta disputa política entre o Ocidente e o Japão pelo controle da FIJ é explicada por Saeki (1994). Segundo o autor, fortes reações contra a hegemonia representada pela Kodokan através da Federação Japonesa de Judô, e do presidente da Kodokan, e da FIJ, Risei Kano, criaram um conflito entre aqueles que perseguiram os valores ensinados por Jigoro Kano, representados pela Kodokan, e aqueles na FIJ que buscavam transformar o judô em um esporte moderno. Entre as áreas de conflito estavam a designação de categorias de peso, os regulamentos oficiais, e o método de avaliação de graduações. Este momento em que Cordeiro propõe sua candidatura à presidência da FIJ é de apenas um ano antes da Federação Japonesa perder sua diretoria e, poucos anos depois, em 1965, perder sua presidência e hegemonia (SAEKI, 1994). A CBP estava unida nesta disputa política, portanto, àqueles que eram contrários à autoridade da Kodokan no cenário internacional, e buscavam o estabelecimento do judô como um esporte internacional.

É importante lembrar que, nesse contexto, em 1960, no dia 23 de julho, Avery Brundage, dos Estados Unidos, foi reeleito por unanimidade como presidente do COI pelo período de quatro anos. No dia seguinte, em reunião, o COI decidiu aceitar o judô como modalidade olímpica, passando a ser o 22º esporte do programa olímpico (REELEITO..., 1960).

Além da inclusão no programa olímpico, outro evento importante para o grupo que contestava a hegemonia do Japão sobre o controle da FIJ foi o resultado do III Campeonato Mundial em Paris. A vitória de Geesink, um Europeu, foi tratada como a emancipação do judô internacional. Foi nesse evento que Cordeiro, que participou como árbitro, teria disputado a presidência da FIJ com Kano. Entretanto, Risei Kano foi eleito novamente para o cargo antes do início da competição (HERMANNY, 1961c).

Havia rumores, segundo Saeki (1994), de que Risei Kano pediria renúncia como presidente da Kodokan. Os rumores atacavam a reputação de Kano por sua falta de treinamento em judô, segundo a visão de seus adversários. A partir de então as críticas internas entre os japoneses recaíram sobre a Kodokan, que passou a ter sua autoridade contestada. Passou a ser colocada na Kodokan a culpa pelo fato dos estrangeiros passarem a se aproximar competitivamente dos japoneses, até então tratados como imbatíveis (SAEKI, 1994).

Esta conexão que a CBP criou com a Budokan, utilizando a organização como legitimadora de suas ações, tinha, portanto, implicações que transbordavam para além de suas aspirações internas. A relação da CBP com a Budokan era uma relação contraditória. Enquanto organização a Budokan tinha uma orientação tradicional, a CBP via o judô meramente como um esporte moderno e internacional. Em comum entre as duas partes estava, somente, a contestação à autoridade da Kodokan.

10.2 A Kodokan do Brasil no Pós-guerra

No final de 1956, começaram os questionamentos sobre como solucionar o problema da filiação do judô brasileiro à FIJ, para evitar que, novamente, fosse impedido de participar do Campeonato Mundial. Uma das soluções era que finalmente o Brasil tivesse uma federação independente da Confederação Brasileira de Pugilismo, e ligada diretamente à FIJ:

No Brasil, o judô conta com grande número de praticantes, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, apesar da política reinante entre as diversas academias. Para maior desenvolvimento desse esporte em nosso País, será necessária a criação da Federação de Judô e consequente filiação à Federação Internacional que é o Instituto Kodokan de Tóquio, no Japão, a fim de que o Brasil possa participar dos campeonatos mundiais patrocinados por este instituto. É preciso criar uma nova mentalidade sobre este esporte entre nós, livre das paixões e vaidades pessoais. (LEITÃO, 1956, p. 135-136).

O grande problema em decorrência do controle da CBP era que o órgão controlador do judô no Brasil tinha a seu cargo o boxe, a luta-livre e outras modalidades de luta, não podendo dedicar-se inteiramente ao judô (LEITÃO, 1956).

No último campeonato mundial, por uma deferência especial ao nosso País, em vista do grande número de praticantes, a Kodokan nos enviou convite, através da Embaixada do Japão. A referida Embaixada procurou a Federação de Pugilismo, negando-se a mesma a participar, achando que houve desconsideração, uma vez que o convite deveria ser feito diretamente à

Federação e não por intermédio da Embaixada. Mas, perguntamos: como poderia a Federação receber convite se não é filiada à patrocinadora do campeonato? Por esse motivo não mandamos representantes a Tóquio. (LEITÃO, 1956, p.136).

Se não conseguia resolver suas divergências com a CBP, a Kodokan do Brasil resolveu deixar de ser uma organização somente da colônia japonesa, e se apresentou oficialmente para o público brasileiro. Sendo assim, ainda que sua fundação possa ser rastreada até a década de 1930, foi em 1957 que se estabeleceu oficialmente sob as leis brasileiras (HOMENAGEM..., 1957).

A Associação dos Faixas Pretas, enviará a Tóquio, sede da Kodokan, a relação de nomes de judocas graduados, os quais serão reconhecidos pela entidade mater. Aqui no Brasil a AFP se encarregará de dar graus aos judocas, graus esses que serão reconhecidos universalmente. (HOMENAGEM..., 1957, p. 28).

A apresentação formal foi feita no jornal Gazeta Esportiva de São Paulo e, na comissão presente à visita à redação do jornal estavam: Tatsuo Okochi (6° *dan*), Masakazu Nazaki, intérprete, Jin Unno (6° *dan*), Yoshio Kihara (7° *dan*), Seisetsu Fukaya (4° *dan*), Takeshi Kunii, (2° *dan*), Koshi Matsumoto (2° *dan*), Ryuzo Akao (2° *dan*), e Kurobe (2° *dan*) (HOMENAGEM..., 1957).

A comitiva convidou a representação do jornal a um coquetel, que foi realizado na sede da Aliança Cultural Brasil-Japão, na Liberdade, em evento comemorativo da fundação da associação, em caráter oficial. A “Associação dos Judoístas de Faixa-Preta da Kodokan do Brasil” era reconhecida pelo Instituto Kodokan de Tóquio, e possuía uma carta de reconhecimento enviada pela Kodokan que havia recentemente sido recebida por Tatsuo Okochi (ASSOCIAÇÃO..., 1957):

Carta de reconhecimento. Nome da entidade: Associação dos Judoístas de Faixa-Preta da Kodokan do Brasil. Reconheço a fundação da entidade acima mencionada, no Brasil. Tokio, dia 3 de novembro de 1957. a) Risei Kano – Presidente da Kodokan. Ao sr. Tatsuo Okochi, representante da Associação. (ASSOCIAÇÃO..., 1957, p. 36).

Durval de Castro e Silva foi eleito como presidente da associação e, pelo que consta na matéria, fica claro que o movimento de a oficializar, perante o público brasileiro, era uma resposta aos acontecimentos relativos à discussão da participação brasileira no Mundial em 1956. A presença do embaixador Yoshiro Ando no coquetel de celebração era mais um indício nesse sentido. A Kodokan no Japão atribuiu, então, à Kodokan do Brasil a autoridade para

conferir oficialmente as graduações, que seriam referendadas pela Kodokan no Japão (ASSOCIAÇÃO..., 1957).

A Associação de Faixas Pretas da Kodokan do Brasil tornou-se, assim, o principal elo entre o judô brasileiro e o Japão, representando a Kodokan em nosso país, sendo a responsável por regularizar as faixas pretas que eram outorgadas no país. A organização permaneceu ativa na década seguinte, expandindo o judô pelo país, patrocinando competições (KODOCAN..., 1967), trazendo mestres japoneses ao Brasil e, até pelo menos a década de 1960, criando oportunidades para a interação entre os praticantes de judô no Brasil em se conectarem com o judô tal como era praticado no Japão:

Além da Kodokan, no Japão, existe uma organização chamada Associação dos Faixas Pretas. Essa organização também está espalhada pelo mundo afora. A sua filial no Brasil tem por norma escolher de ano a ano, um judoca (novo de idade e com futuro) e enviá-lo ao Japão. Há três anos, Goro Saito foi escolhido. Resultado: veio com um judô diferente, inclusive vencendo Kastriget Medhi [...] (CASTRO, 1964c, p. 8).

Na segunda metade da década de 1950, houve uma reorganização da Kodokan no Brasil, com a chegada de novos professores vindos do Japão. Yoshio Kihara chegou em 1956, e se integrou à Kodokan do Brasil em São Paulo. Kihara recebeu, segundo Virgílio (2002a), a incumbência do Kodokan de implantar aqui os *kata* da Kodokan que eram pouco conhecidos no Brasil, além de promover a consolidação do judô. Como explica Virgílio (2002a), a influência da Kodokan continuava a ser combatida no Brasil, naquele período, por entidades que não queriam se subordinar à Kodokan, e desejavam a manutenção do *status quo*. Enquanto Kihara permaneceu em São Paulo, fortalecendo o grupo de Tatsuo Okochi (VIRGÍLIO, 2002a), a Kodokan do Brasil precisava de reforço, também, em outro local de interesse, o Rio de Janeiro, capital do país. É assim que chegou ao Brasil, outro personagem importante para compreender o desenvolvimento da história do nosso judô, Gengo Katayama.

Katayama veio para o Brasil no início de 1958, chegando por São Paulo, pretendendo fixar residência. Em sua primeira aparição nos jornais, encontrou os jornalistas brasileiros em um treinamento que ocorria no *dôjô* de Fukaya. Foi Katayama quem trouxe a carta de Risei Kano, presidente da Kodokan, congratulando o surgimento da Associação dos Faixas Pretas da Kodokan do Brasil (O BRASIL..., 1958).

Logo em sua chegada, o novo membro do judô brasileiro foi perguntado sobre as possibilidades do país se fazer representar no Campeonato Mundial seguinte, no que respondeu que o Brasil até agora não havia podido participar por não possuir um órgão oficial

especializado em judô reconhecido pela entidade japonesa (O BRASIL..., 1958). A organização do judô no Brasil sob os critérios da Kodokan no Japão parece ter sido, portanto, uma preocupação importante para o grupo da Kodokan que vivia no Brasil. Além disso, era intensão da organização que o Brasil tivesse uma Confederação de Judô, independente da CBP, e filiada a FIJ - o que foi ratificado por Sumiyuki Kotani em visita no mesmo ano (NA INGLATERRA..., 1958).

Com o passar do ano, Katayama, que estava em São Paulo, acabou se mudando para o Rio de Janeiro, e se colocou como emissário oficial da Kodokan no Brasil. No Rio de Janeiro, tornou-se diretor técnico da Academia Nipo-Brasileira de Judô:

Em vista de haver divergências quanto aos princípios básicos da Kodokan, nas diversas academias que funcionam no Brasil, resolveu a Kodokan enviar ao nosso país, em missão oficial, o professor Katayama, faixa-preta de 6º grau, a fim de, contando com a colaboração e boa-vontade dos responsáveis pelo desenvolvimento do judô, realizar um esforço em prol da unificação de tais princípios. (OBJETIVA-SE..., 1958, Segunda Seção, p.7).

Katayama, portanto, promovia a unificação do judô brasileiro sob a doutrina e método da Kodokan. No Rio de Janeiro, tornou-se representante da Associação de Faixas Pretas da Kodokan no Brasil que havia sido fundada em São Paulo (HÁ NO BRASIL..., 1958).

Chegando ao Rio de Janeiro, Katayama passa a criticar a forma como era gerido o judô na região. Segundo ele, a faixa preta era outorgada a candidatos sem qualificação, e sem controle de qualquer instituição, sendo conferida de maneira pessoal em caráter particular. Prossegue, afirmando para os jornais que deveria existir um critério de promoção comum a todos, adotado para o exame de uma banca examinadora, e obedecendo o regulamento da Kodokan. Era para isso que foi criada a Associação dos Faixas Pretas, que a partir dali poderia registrar os praticantes brasileiros diretamente com a Kodokan no Japão. Katayama encerra lamentando como as discordâncias políticas haviam influenciado negativamente o judô no Brasil, criando várias ramificações lideradas por professores que procuravam diminuir o trabalho dos demais (HÁ NO BRASIL..., 1958). A mensagem de Katayam era forte, mas dificilmente poderia gerar mudanças na estrutura que já havia se solidificado sob o controle da Federação Metropolitana de Pugilismo no Rio de Janeiro, com o apoio da CBP.

11 A BUSCA POR INDEPENDÊNCIA REGIONAL

11.1 Campeonato Brasileiro de 1957

Em 1957, o único evento de expressão nacional continuou sendo o Campeonato Brasileiro de Judô, organizado pela CBP. Tentando angariar apoio político, Paschoal Segreto Sobrinho, presidente da CBP, foi ao palácio do catete, e foi recebido por Geraldo Carneiro, oficial de gabinete do presidente da República. O presidente da CBP entregou uma medalha e flâmula comemorativa do XVI Campeonato Brasileiro de Box amador, e um memorial dirigido ao presidente, solicitando verba de dois milhões de cruzeiros para que a entidade pudesse fazer frente às despesas de promoção do III Campeonato Panamericano de Judô a ser realizado no Brasil (ENTREGUE..., 1957). Com relação à preparação das federações regionais para o Campeonato Brasileiro e a evolução do judô no país se dizia:

Teremos a quarta rodada do Campeonato Carioca de Judô e, em São Paulo, está marcando o início do certame estadual com a participação de algumas centenas de participantes. Sabe-se que na Bahia e no Rio Grande do Sul o Judô já tomou pé e que em Minas vai ganhando terreno. Enquanto isso ocorre, o Jiu-Jitsu está ficando fora de moda. Mesmo combatido tão fortemente, no início, o Judô progrediu e se enraizou profundamente nos mais diferentes centros esportivos. (ESPORTE..., 1957a, Segunda Seção, p. 2).

Com relação à preparação de São Paulo, em 1957, começou pelas disputas eliminatórias para o Campeonato Paulista. O resultado das eliminatórias para o IV Campeonato Estadual de Judô foi o que segue. Na categoria de faixa marrom ficou em primeiro lugar Kenzo Taba (Academia Kurachi); em segundo, Nobuyuki Suzuki (Academia Tani); e em terceiro, Fumio Tani (Academia Tani). Na categoria de faixa preta 1º *dan*, ficou em primeiro Lhofei Shiozawa (Academia Tani); e em segundo, Yuki Ono (Academia Ono). Na categoria de faixa preta 2º *dan*, venceu Yoshio Minei (Academia Ogawa) seguido de Shizuma Ishikawa (Academia Ogawa). Na categoria de faixa preta 3º *dan*, venceu Massayoshi Kawakami (Academia Kurashi); seguido de Hidenobu (Academia Tani) (MARCHA..., 1957).

Sobre a atuação dos juízes nas eliminatórias:

Os juízes, com exceção de alguns, atuaram mal, recebendo severas críticas por parte do público e participantes, que se sentiram bastante prejudicados. Os regulamentos que foram estabelecidos pela comissão técnica, a qual pertence a maioria dos juízes, não foram cumpridos totalmente, prejudicando o brilho do campeonato. (MARCHA..., 1957, p.21).

Participaram representantes das zonas Noroeste, Litoral, Paulista, Central e Capital, na competição que ocorreu no ginásio da Sociedade Esportiva e Recreativa Ipiranga. Dado o número de competidores, as categorias foram divididas em quatro grupos, A B C e D. Os vencedores foram, na faixa marrom, João Tannure; no 1º *dan*, Ryohei (Lhofei) Shiozawa; no 2º *dan*, Shunji Hinata; e no 3º *dan*, Massayoshi Kawakami. Na competição por equipes venceu a equipe da capital (INDISCUTÍVEL..., 1957).

Com relação à preparação da equipe do Rio Grande do Sul, no ginásio da ACM sob os auspícios da Federação de Pugilismo, aconteceu o IV Campeonato Gaúcho de Judô. O Grêmio Porto Alegrense ganhou no geral com nove pontos, contra oito pontos do Cruzeiro e sete do Ruy Barbosa. A categoria faixa verde foi vencida por Francisco Nora do Grêmio, na faixa roxa foram três vencedores: Mauro Gallichio do Ruy Barbosa, Edson Carsia do Cruzeiro e Wilson Raimundo do PAAR. Na faixa marrom venceu Enio Michel do Cruzeiro. No campeonato por equipes absoluto o Clube Ruy Barbosa venceu o Cruzeiro por 3 a 2, Grêmio venceu PAAR por 4 a 1, o PAAR venceu o Cruzeiro por 3 a 2, e o Cruzeiro venceu o Grêmio por 3 a 2 (GRÊMIO..., 1957a). O organizador da competição foi o professor Loanzi, então presidente interino da Federação Riograndense de Pugilismo (GRÊMIO..., 1957b).

O quarto Campeonato Brasileiro de Judô, foi disputado no Rio de Janeiro, no “ginásio do Carioca”. Com relação aos resultados, nos torneios individuais, na faixa marrom o campeão foi Washington Calfat, na faixa preta 1º *dan*, o campeão foi Shiozawa, na faixa preta 2º *dan*, o campeão foi Shunji Hinata, e no 3º *dan*, o campeão foi Kawakami. São Paulo foi novamente a vencedora por equipes, seguida mais uma vez do Rio de Janeiro, que já havia se estabelecido como a segunda força do judô nacional. O terceiro e quarto lugares, mais uma vez, foram disputados por Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Em 1957, a equipe de Minas superou a equipe do Rio Grande do Sul na pontuação que, por sua vez, não venceu nenhuma luta na disputa por equipes. Encerradas as disputas por equipes, Kawakami venceu a final do absoluto contra Hinata por *ippon* na prorrogação (S. PAULO..., 1957).

Após o Campeonato Brasileiro de Judô, os jornais informaram que Rudolf Hermann viajaria para a Europa, a fim de assistir ao Campeonato Europeu de Judô e colher algumas experiências nos países que estavam mais adiantados na prática do judô. Augusto Cordeiro, por sua vez, decidiu viajar para o Japão, com os mesmos objetivos de Hermann pretendendo permanecer seis meses (JUDÔ..., 1957e).

Finalizando suas declarações, o prof. Cordeiro (professor 4º Dan de Judô, diretor da oitava filial da Budokukaia (sic), no Brasil e presidente da Federação Pan-Americana de Judô) afirmou que no Japão tratará da definitiva legalização do Brasil no âmbito internacional dessa modalidade de luta, afirmando que apenas por divergências de opiniões ainda não tinha sido homologada a nossa legalização. (CORDEIRO..., 1957, p.16).

A programação de Cordeiro era de chegar em Tóquio e permanecer algum tempo na capital, posteriormente se deslocando para Kobe, Osaka, Quioto, Nagoya. Em seguida retornaria pela China, passando pela Europa, para entrar em contato com as principais academias e conhecer o estado do judô nesses lugares (ORGANIZAÇÃO..., 1957). É perceptível que não havia, naquele momento no Brasil, conhecimento sobre o que era a Butokukai. Enquanto na citação anterior afirma-se que Cordeiro visitaria a “Budokukaia”, é possível notar, pela citação a seguir, que trata do mesmo evento, que Cordeiro pretendia visitar a “Bodokwan” em Quioto, onde ficava, na verdade, a sede da Butokukai:

O objetivo é trazer para o Brasil, depois de seis meses de visita ao Japão, as observações sobre a sistematização de treinamentos e a organização das escolas de judô. [...] levará credenciais para resolver no Japão a questão da filiação da Confederação Brasileira de Pugilismo, representar os Panamericanos no Congresso de entidades continentais de judô e tratar de assuntos ligados à participação brasileira no próximo mundial de judô, que será realizado em Tóquio, em 1958. [...] frequentarei em Tóquio a Kodokan e em Kioto a Bodokwan. [...] A viagem de Cordeiro se faz graças à colaboração da Hotur, Hotéis e Turismo S.A. (ORGANIZAÇÃO..., 1957, p.18).

11.2 Fundação da Federação Paulista de Judô

Enquanto a Federação Pernambucana de Judô foi a primeira federação a se tornar independente da federação de pugilismo, de acordo com os achados deste trabalho, não houve uma efetiva consolidação da organização após sua fundação. A primeira federação a de fato ter sucesso na empreitada de tornar o judô independente após a tomada do controle pela CBP, a partir de 1941, foi a Federação Paulista de Judô.

Os antecedentes da criação da Federação Paulista de Judô ocorreram em fevereiro de 1957, quando Mario Isaias afirmou que a Federação Paulista de Pugilismo não iria colocar obstáculos para a formação de uma Federação Paulista de Judô independente da Federação

Paulista de Pugilismo. Disse Lucio Franca: “Não podemos mais ficar na dependência dos dirigentes do box, um sport totalmente diverso do nosso” (RECONHECE..., 1957, p.10).

[...] essa reportagem teve a maior das repercussões, unindo todos os técnicos e lutadores de judô no movimento separatista. Pretendem eles, como se sabe, organizar uma entidade própria tanto no âmbito estadual como na esfera federal. [...] na noite de ontem os mais destacados dirigentes do judô estiveram na Federação de Pugilismo participando de uma importante reunião com a diretoria da entidade pugilística. Foi o primeiro passo oficial para obter a tão almejada independência. (RECONHECE..., 1957, p.10).

Como pode ser observado pelos jornais, no início de 1957 já existia um grande movimento em São Paulo para a formação de uma federação de judô. A liderança evitava, no discurso que saiu nos jornais, apresentar qualquer insatisfação com a federação de pugilismo, mas abertamente falavam sobre a necessidade de ter uma entidade própria (FEDERAÇÃO..., 1957).

Como pode ser visto nos relatos das competições nacionais, São Paulo era o estado com o maior número de praticantes, e com os melhores atletas do país. O crescimento era tal que, em 1957, três grandes competições foram realizadas no estado em sequência, e com pouca diferença de tempo entre elas. O primeiro campeonato foi organizado pela União das Associações Budokan de Judô, liderado por Ryuzo Ogawa. O segundo campeonato foi I Campeonato Estudantil de Judô, o primeiro do gênero no Brasil. O terceiro foi o Campeonato Paulistano de Judô, promovido pela Federação Paulista de Pugilismo (Departamento de Judô) (JUDÔ..., 1957b).

Nesse mesmo ano, ocorreu também o I Campeonato Infanto-Juvenil de Judô que, segundo os jornais, ia ser patrocinado pela Federação Paulista de Pugilismo, no *dôjô* do prof. Tokuzo Terazaki (JUDÔ..., 1957c). Posteriormente, entretanto, ficou esclarecido publicamente que o campeonato não teve o patrocínio da Federação Paulista de Pugilismo como havia sido comentado. Quem tomou conta de patrocinar a competição foi a Associação de Faixas Pretas da Kodokan do Brasil, organização da qual Terazaki fazia parte. Lucio Moreira Franca, o diretor de judô da Federação Paulista de Pugilismo, justificou a confusão quanto ao patrocínio da Federação Paulista de Pugilismo dizendo que que havia somente conversado de maneira informal com o professor Egoshi, mas nada havia sido oficializado (NÃO..., 1957).

Enquanto alguns lideravam o judô paulista em direção à independência, outros preferiam ter uma atitude neutra, como foi o caso de Yasuichi Ono, que perguntado sobre a questão apontou somente as barreiras que implicavam a criação da Federação Paulista de Judô:

A dificuldade da fundação de tal federação que uniria os judocas paulistas, é a divisão dos esportistas em várias alas, sendo que cada uma delas tem seu ponto de vista a respeito do assunto. Assim sendo, penso que ainda por muito tempo o judô deverá ficar agregado à Federação Paulista de Pugilismo. Convém esclarecer que, para se concretizar tal aspiração esta somente o poderia ser através de lei federal. (ACADEMIA..., 1958, p.17).

Entretanto, três meses após a declaração de Ono de que conseguir a independência seria algo difícil, a Federação Paulista de Judô foi fundada, em abril de 1958, no Palácio das Federações. O estatuto foi aprovado após alguns debates em espírito de cordialidade. Para o cargo de presidente foi escolhido Lucio Franca, dando continuidade ao seu trabalho à frente do Judô na Federação Paulista de Pugilismo. Para 1º vice-presidente foi eleito Salim Helou, para 2º vice-presidente Arsênio Martins. O conselho fiscal passou a ser constituído por Raul Soares de Melo, Shiro Endo, e Paulo Ferreira de Barros. Por fim, Tatsuo Okochi foi eleito o diretor técnico da FPJ (FUNDADA..., 1958). Para evitar problemas legais, a Federação Paulista de Judô resolveu filiar-se provisoriamente à CBP para que não houvesse barreiras à representação paulista na seleção brasileira que ia disputar o Panamericano (DIA..., 1958). A eleição de Okochi para o cargo de diretor técnico foi uma clara vitória política do grupo da Kodokan de São Paulo.

O I Campeonato Paulista de Judô promovido pela Federação Paulista de Judô ocorreu no Instituto Jaguaribe (Academia Fukaya). Segundo o que se observa nos jornais, houve a participação de muitos brasileiros: “o judô deixou, comprovadamente, de ser um desporto exclusivo da colônia oriental” (CONSTITUIDA..., 1958, p. 36).

Os resultados da competição foram: na faixa marrom venceu Fumio Tani; no 1º *dan*, Chunji Yamaguchi; no 2º *dan*, Milton Rossi; no 3º *dan*, Arsênio Martins (CONSTITUIDA..., 1958). Não participou da competição Shunji Hinata, vice-campeão brasileiro de 1957, que se transferiu para o Rio de Janeiro e passou a fazer parte da equipe carioca (AMANHÃ..., 1958).

A independência custou caro à Federação Paulista de Judô, que teve de recomeçar sua organização sem poder contar com a estrutura que tinha quando fazia parte da Federação Paulista de Pugilismo, sendo assim, foi realizada ainda em 1958 a campanha dos 100 tatames para adquirir os tatames necessários para usar em futuras competições, sem a necessidade de depender de empréstimos de última hora (JUDÔ..., 1958f).

Enquanto no início do judô da Federação Paulista de Pugilismo havia uma grande aproximação da diretoria com a Academia Ono, a Federação Paulista de Judô por sua vez parece ter se apoiado no Esporte Clube Pinheiros. Alguns diretores podem ser vistos na promoção de

faixas na sede do E. C. Pinheiros, como Lucio Franca, presidente da Federação Paulista de Judô, e Salim Helol, o 1º vice-presidente. Durante o almoço de confraternização foram feitas as entregas de faixas aos alunos promovidos por Tatsuo Okochi, o representante da Kodokan no Brasil. Entre os membros da diretoria da Federação Paulista de Judô que receberam graduação neste dia estão o 2º *dan* de Edgar Ozon, o 4º *dan* de Jose Lucio Moreira da Franca, e estavam presentes Arsênio Martins e Durval Castro Silva. Este último, oficialmente o presidente da Associação de Faixas Pretas da Kodokan no Brasil (PROMOÇÕES..., 1958).

11.3 Campeonato Brasileiro de 1958

No ano de fundação da Federação Paulista de Judô, o Campeonato Brasileiro ocorreu em Belo Horizonte, no Ginásio do Minas Tênis Clube. Os resultados foram: campeão na faixa marrom, Antonio Kroff (carioca); vencedor no 1º *dan*, Luiz Raimundo (carioca); no 2º *dan*, Shunji Hinata ficou em primeiro e Hermann ficou em segundo, os dois representaram a Guanabara. No torneio de 3º *dan*, Manabu Kurachi venceu Arsênio Vasconcelos. Kawakami foi novamente o campeão absoluto, conquistando o penta-campeonato brasileiro. Com relação à classificação por equipes, a equipe de São Paulo ficou na primeira colocação, seguida da Guanabara, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. A melhora de desempenho da equipe da Guanabara até a categoria 2º *dan* foi perceptível, recebendo o reforço de Shunji Hinata que, até o ano anterior, lutava por São Paulo (EXTRAORDINÁRIA..., 1958).

Pela primeira vez foi observado nos jornais um incidente de divergências graves durante um Campeonato Brasileiro de Judô. Descreveu o jornal: “Lamentável fato ocorreu no ginásio do Minas, por ocasião do V Campeonato Brasileiro de Judô, e que maculou a cordialidade e hospitalidade do povo mineiro” (LUVAS..., 1958a, p.7).

No torneio absoluto, houve dúvida se pelo regulamento da competição Kawakami teria que enfrentar Harry Rutman pela segunda vez. “Os dirigentes mineiros, paulistas e cariocas, respectivamente, Simão Tamm, Ono e Antônio Cordeiro, passaram então, a estudar o julgamento [...]” (LUVAS..., 1958a, p.7).

[...] aproximou-se do grupo, Antônio Alves, que mantém uma Academia de pugilismo em Belo Horizonte. Este interferiu na conversa indevidamente, dirigindo palavras ofensivas ao dirigente carioca. [...] Alves tentou agredir Cordeiro, desferindo-lhe um ponta pé, que felizmente não alcançou o destino. Terceiros interferiram, surgindo um ligeiro conflito envolvendo diversos lutadores e acompanhantes de Antônio Alves. (LUVAS..., 1958a, p.7).

Isto causou revolta entre dirigentes da competição, por ter sido provocado por, segundo os jornais, um elemento estranho à Federação mineira e à CBP. Em seguida foi solicitada a saída de Antonio Alves do ginásio (LUVAS..., 1958a).

Ainda que tenha sido dito nos jornais que Antonio Alves fosse um elemento alheio ao judô, em um artigo de 1960 é dito que Antônio Alves da Silva foi um dos principais impulsionadores do judô em Minas Gerais. Foi aluno de Yasuichi Ono e recebeu de seu professor um diploma enviado do Japão por Kanemistu Yaichibe, presidente do Instituto *Genbukan*. De São Paulo, Antônio Alves se mudou para Minas, e desafiou os professores de jiu-jítsu que lá se encontravam. Por esse motivo, em Minas Gerais tinha prestígio paralelo ao que os irmãos Gracie tinham no Rio de Janeiro. Foi campeão dos torneios abertos de judô de 1944 a 1947 como capitão da equipe de Yasuichi Ono, vencedora do I Campeonato Brasileiro de Judô em 1951 (organizado pela academia Ono com suporte do São Paulo Shimbun), além de ter sido lutador de sumô, nas competições da colônia japonesa em São Paulo (EM 10..., 1960).

Não fica claro por que motivo os jornais desconsideraram o histórico no judô de Antônio Alves nesse caso, ou o fato de ter sido aluno de Ono, um dos que discutiam uma solução para o ocorrido junto com Cordeiro e Simão Tamm. Entretanto, o caso de discussão, da forma como se sucedeu, não era até então algo que se se apresentava como comum nas competições de judô.

11.4 Torneio Internacional da Federação Paulista de Judô

A competição mais emblemática do ano, para a colônia japonesa, foi, no entanto, a iniciativa conjunta da Comissão de Festejos do Cinquentenário da Imigração Japonesa no Brasil e da Federação Paulista de Judô. As duas entidades patrocinaram a vinda da equipe nacional argentina e da delegação japonesa para um campeonato amistoso entre a equipe brasileira e da colônia japonesa do Brasil (VISITAM..., 1958).

A delegação japonesa foi formada por Sumiyuki Kotani, que voltou ao Brasil após ter sua vinda em 1939 como “difusor oficial do judô”. Kotani chegou acompanhado de Kazuo Shinohara, campeão universitário do Japão. Após a chegada da delegação, os dois foram com um grupo de professores e dirigentes do judô em São Paulo assistir um treino, realizado na Academia Fukaya. Estavam presentes no treinamento o prof. Kihara (7º *dan*), Rodrigo Rodrigues de Moraes e Lucio Franca, respectivamente, diretor e presidente da Federação Paulista de Judô, Kazuo Shinohara, Kotani, Kunii, Maki, Fukaya e Tani. Estavam também Okochi e Atsushi Yamauchi, sendo que o último serviu como tradutor da delegação

(VISITAM..., 1958). Esse era o primeiro encontro de um representante da Kodokan do Japão com a Kodokan do Brasil após esta se tornar oficialmente a representante da entidade no Brasil.

Para a organização do evento foi formada uma comissão para a execução da Competição Internacional de Judô em São Paulo: Comissão Supervisora: Lucio Franca, Tatsuo Okochi. Comissão de Coordenação: Tatsuo Okochi, Edgar Ozon, Elias de Oliveira, Seisetsu Fukaya, Matsumoto, Moacyr Costa, Kunii, Yamanouchi e Nojiri; Tesoureiros: Kunii, Ryuzo Akao, Edgar Ozon e Hideyuki Oda; Comissão de Recepção: Salim Helou, Durval Silva Castro, Tatsuo Okochi, Yoshima, Ryuzo Akao, Rodrigo de Moraes e Geraldo Pedroso. (JUDÔ..., 1958a); Relações-Públicas: Durval Silva Castro, Ryuzo Akao, Rodrigo de Moraes, Edgar Ozon, Yamanouchi, Chisaka, João Alcindo, Geraldo Pedroso, Hideyuki Oda e Kooshi Matsumoto; Comissão Técnica: Ono, Ogawa, Kihara, Tani, Mesias, Tambucci, Okamura, Yamamoto, Kurachi, Egoshi, Naito, Ninomiya, Yoshida, Inoue, Tsukiyama, Ishihara, Honuma, Kassahara, Kakagawa, Terazaki, Ueda, Katsumata, Cordeiro, Suga, Hashizumi, Tanikawa e José Roberto Vieira (JUDÔ..., 1958a). A comissão foi, após o judô ficar sob administração da CBP, a primeira grande reunião de todos os grupos de judô que se formaram na colônia japonesa, para organizar um evento competitivo.

A Competição Internacional organizada pela colônia, atraiu a atenção dos jornais do país, como uma prévia do Panamericano. A competição contou com uma equipe formada somente por praticantes da colônia. e foi vencido pela equipe argentina. Tadao Nagai da Budokan e Lhofei Shiozawa, aluno de Sobei Tani, tiveram desempenho individual destacado. A equipe brasileira entrou para a competição desfalcada de atletas que já se encontravam no Rio de Janeiro em preparação para o Panamericano. Shinohara, campeão universitário japonês, venceu todos os adversários contra quem lutou em demonstração que fez contra atletas do torneio (SHINOHARA..., 1958). Aproveitando o ensejo, Sumiyuki Kotani entregou os diplomas concedidos pela Kodokan aos novos faixas pretas de São Paulo (FOI..., 1958), avalizando as graduações que estavam sendo concedidas pela Kodokan do Brasil.

Com relação à organização do judô pelos elementos da colônia japonesa até então, o trabalho continuou em paralelo ao desenvolvimento do judô sob comando da CBP e da Federação paulista de Pugilismo. Através dos jornais foi possível observar que, ainda em 1956, o trabalho de Naito e Terazaki na Linha Central com a *Hakkoku Chuô-sem Jûkendô Renmei* continuou:

A associação de Jukendô da Zona Central do Brasil fará inaugurar no próximo dia 10 [...] em Vila Urupês, em Suzano, a sua sede própria. [...] Para as festividades inaugurais dessa sede, recebemos amável convite que nos foi entregue pessoalmente pelo sr. Kotaro Watanabe, vice-presidente dessa associação de Ju-Kendo da Zona Central do Brasil. (DIA..., 1956a, p.19).

Estas competições combinadas de judô e kendô continuaram tendo sucesso na comunidade japonesa. Outro exemplo foi a realização em 1957, em Marília, interior de São Paulo, o *Zenhaku Jûkendô Taikai* da Linha Paulista, que contou com presença numerosa de atletas do interior e também da capital (JUDÔ..., 1957c). Compareceram representantes das zonas Noroeste, Paulista, Sorocabana e São Paulo (capital). Na equipe da capital, vencedora por equipes, a maioria dos atletas eram alunos de Hikari Kurachi. Shunji Hinata, um dos melhores atletas nos campeonatos brasileiros, venceu o a categoria 1º *dan* neste torneio Jukendô (JUDÔ..., 1957d).

Por outro lado, segundo Kotani (1984), ao visitar o Brasil, lhe comunicaram a divisão que surgiu por conta da questão “vitorista” e “derrotista” na colônia. Kotani se mostrou particularmente preocupado com o distanciamento do grupo de Terazaki e Naito da Linha Central, com o grupo de Okochi da capital. Os dois grupos, que antes estavam unidos na Kodokan do Brasil, agora haviam se separado.

Segundo Kotani (1984), houve uma tentativa de reconciliação. A relação próxima que Kotani tinha com Naito era anterior à sua primeira visita ao Brasil, Naito foi seu professor de luta-livre na *Koto Shihan Gakko*. Assim, ainda que houvesse se distanciado da Kodokan, Naito visitou Kotani em seu hotel, e conversaram sobre a questão. Ainda que houvesse a vontade de conciliação entre os grupos da capital e da Linha Central, Kotani concluiu que somente o tempo poderia resolver as divergências que surgiram no contexto produzido pela Segunda Guerra.

O mais preocupante para Kotani (1984) era a constatação de que os brasileiros se aproveitavam da lacuna de liderança provocada pela falta de unidade entre os japoneses para controlar os rumos do judô no Brasil. Esta preocupação recaía principalmente na organização do judô na capital do país, Rio de Janeiro, sede da CBP, que tinha como principal força política Augusto Cordeiro da Budokan, e onde os membros da Kodokan, citando especificamente Yoshimasa Nagashima, não haviam conseguido assumir papel de liderança efetiva.

De fato, a influência política exercida por Cordeiro sobre as decisões das federações de pugilismo fora de São Paulo, expandiu a influência da Budokan. O grupo ligado à Ryuzo Ogawa continuou se expandindo pelo Brasil através de filiais que, no final da década de 1950 contavam

com pelo menos 22 unidades. Assim, suas competições estavam entre as que tinham o maior número de participantes contando, em algumas edições, com mais de 350 participantes (VENCERAM..., 1957). Em 1956, no ginásio do Pacaembu foi realizada a competição anual da Budokan, também chamada “Centro de Instrução de Judô e Jiu-Jitsu do professor Ogawa”, com a participação de 100 faixas pretas. No torneio de 1º *dan*, venceu Luiz Alberto, no 2º *dan*, Hiroyuki Kawakami, no 3º *dan*, João Salgado, e na disputa de 4º *dan*, Hiroshi Yamamoto. O campeão absoluto foi Massayoshi Kawakami. A competição contou, também, com demonstrações de *jûjutsu* por Toranosuke Ono, Tadao Nagai e Fuchigami. Durante o evento, Augusto Cordeiro, então presidente da Confederação Panamericana de Judô, proferiu alguns discursos (MAGNÍFICA..., 1956). Além de Ryuzo Ogawa, as competições da Budokan contavam ainda, portanto, com o maior campeão da década de 1950, além da figura política mais influente daquele tempo: Kawakami e Cordeiro.

Era uma característica da Budokan, também as apresentações de *jûjutsu* tradicional. Esta era, até onde se pôde encontrar, a única entidade que realizava este tipo de demonstração. Além das tradicionais demonstrações de *kata* do *Kashima Shin'yo-ryu*, foram encontrados relatos, também, de demonstrações de *Toda-ryu* (GRANDE..., 1957). Além disso, continuavam a ser realizados os torneios anuais de graduação. A título de referência, em 1957 22 alunos da Budokan foram graduados à faixa preta (JUDÔ..., 1957a).

Havia, ainda, o Campeonato de Faixas Pretas patrocinado pela Associação dos Faixas Pretas da Budokan, que ocorria no Pacaembu, e recebia os melhores atletas da Academia Cordeiro que iam do Rio de Janeiro para São Paulo para participar do evento. Em 1957 Luiz Alberto Mendonça venceu o torneio de 1º *dan*, e Rudolf Hermann, no 2º *dan*. A competição contava, ainda, com um torneio de veteranos (GRANDE..., 1957).

Em 1958, o mesmo ano da realização da Competição Internacional de Judô em São Paulo, ocorreu o VII Campeonato Anual de Faixas Pretas da Budokan. Hermann, no 2º *dan*, e Akira Yamamoto, no 3º *dan*, foram os principais vencedores (ENTUSIASMO..., 1958). Ainda, ocorreu o torneio do 20º Aniversário de fundação da Budokan, com a participação das seguintes filiais: Matriz, Freguesia do Ó, Santo André, São Bernardo do Campo, M'Boi (Itapecerica da Serra), Rio de Janeiro (D.F.), Pinheiros, Registro, Cachoeira, Penha, Ipiranga, Tucuruvi, Lapa, Sorocaba, Casa Verde, Paratodos, Tapirai, Sarapuí (Piedade), Ibirapuera, São Caetano, Juta, Jundiaí, Bonsucesso, Prudentina (11.O CAMPEONATO..., 1958). Em 1958, a Budokan já tinha crescido a tal ponto que, por questão de tempo, no torneio anual não eram mais realizadas as lutas de faixas pretas, sendo mais orientado para os torneios infantis e juvenis (PARADA..., 1958).

12 O FIM DA DÉCADA DE 1950

12.1 O Pan-Americano e a primeira participação no Mundial

Em 1958 o Pan-Americano de Judô foi realizado no Brasil e, para planejar o evento, a diretoria da CBP se reuniu na sede do Boqueirão do Passeio (REUNE-SE..., 1958). A partir desse encontro, a diretoria da CBP resolveu fazer três reuniões para organizar a competição, uma em São Paulo entre técnicos paulistas e Jamil Nasser, representante da CBP. A segunda foi no Rio de Janeiro, com a presença dos treinadores cariocas. A terceira, em Belo Horizonte, reunindo os técnicos mineiros. Decidiriam nessas reuniões o processo de seleção dos atletas que representariam o Brasil, que fariam parte de uma delegação formada exclusivamente com lutadores do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. (REUNE-SE..., 1958). Enquanto não foi possível reunir informações sobre o conteúdo de todas as reuniões, observou-se que na reunião na Federação Metropolitana de Pugilismo, para discutir as providências para o II Pan-Americano de Judô, estavam presentes: Paschoal Segreto Sobrinho, Augusto Cordeiro, Jamil Nasser, Paulo Faro, W. Guarnieri e Rudolf Hermann (SERÁ..., 1958). As principais lideranças políticas do judô na CBP.

Com relação à competição, O Brasil foi o vencedor por equipes, vencendo também os torneios de 1º *kyu*, 1º *dan* e 2º *dan*. Harris e Williams dos Estados Unidos venceram as categorias de 3º e o 4º *dan* (MASSAYOSHI..., 1958). Ioshio Hanrako venceu para o Brasil no 1º *kyu*, no 1º *dan* venceu Luis Alberto Mendonça, e no 2º *dan*, Shunji Hinata (KAWAKAMI..., 1958). Kawakami e Harris dividiram o título absoluto após três prorrogações, por decisão do árbitro Sumiyuki Kotani, que ao deliberar com os árbitros auxiliares e representantes das duas delegações, tomou a decisão. O ginásio do Ibirapuera serviu de palco do encerramento do Pan-Americano. Participaram da competição a equipe da Argentina, do Brasil, dos Estados Unidos e México. Cuba e Uruguai enviaram delegações que somente assistiram o campeonato (KAWAKAMI..., 1958).

O Conselho Nacional de Desportos parabenizou o judô brasileiro pela vitória. Entretanto, os dirigentes do judô entendiam que, apesar do resultado, a modalidade ainda não havia recebido apoio do governo para que tivesse o devido crescimento. Assim, quando chegou o convite para o Mundial, sem o auxílio do Conselho Nacional de Desportos, a Confederação não tinha como enviar os atletas para o Mundial (JUDÔ, 1958b). Dado que nenhuma providência oficial foi tomada pelo Conselho Nacional de Desportos a CBP teve que procurar

alternativas ou para conseguir a verba, ou para encontrar uma forma de pressionar o Conselho Nacional de Desportos através de suas filiadas (BANDEIRA, 1958).

A CBP continuou trabalhando para conseguir enviar os atletas brasileiros para o Mundial. As despesas, entretanto, eram elevadíssimas. Paschoal Segreto pediu ao governador da cidade do Rio de Janeiro, Sá Freire Alvim, para conseguir verba uma vez que o embarque dos judocas estava muito próximo (DOIS..., 1958). Sem uma solução, Augusto Cordeiro teve que conseguir dinheiro emprestado para o sinal, fazendo prestações para pagar as duas passagens, para dois representantes brasileiros (JUDOCAS..., 1958).

Akira Yamamoto foi o chefe da delegação brasileira no Mundial diante da recusa de Kawakami de fazer esse papel. Yamamoto e Luiz Alberto Mendonça partiram com dois dias de atraso. Isto deveu-se à falta de verbas para a compra das passagens e à falta do lugar no avião que ia para o Japão. Segundo os jornais, não houve falta de vontade por parte da CBP, mas uma grande dificuldade em conseguir o dinheiro. Paschoal Segreto Sobrinho, Jamil Nasser e Augusto Cordeiro trabalharam quase um mês para poder conseguir a verba (JUDÔ..., 1958c).

No Mundial, venceu o japonês Koji Sone (5º *dan*), que fez a final com Kaminaga (4º *dan*). A França, por intermédio de seus atletas, Courtine e Pariset, demonstrou que depois do Japão era a melhor seleção do mundo. Geesink perdeu somente para Yamashiki, que obteve o terceiro lugar. Massayoshi Kawakami, o representante brasileiro, resistiu bem diante de Yamashiki (6º *dan*), terceiro melhor do mundo, apesar da derrota. Akira Yamamoto, também do Brasil, perdeu a terceira rodada para Harris (4º *dan*), que havia conquistado em São Paulo o Pan-Americano juntamente com Kawakami. Luiz Alberto, por sua vez, perdeu a primeira luta para o estadunidense Meed, após 5 minutos de luta por decisão dos juízes (JUDÔ..., 1958d).

Encerrado o Campeonato Mundial, os jornais brasileiros anunciaram que Risei Kano, presidente da FIJ, e presidente da Kodokan, discutiu com o COI, trabalhando ativamente para que o judô fosse incluído nos Jogos Olímpicos (JUDÔ, 1958e). Dois anos depois, no dia 23 de julho de 1960, Avery Brundage, dos Estados Unidos, foi reeleito por unanimidade como presidente do COI pelo período de quatro anos. No dia seguinte à eleição, em reunião, o COI decidiu aceitar o judô como esporte olímpico, se tornando, então, o 22º esporte a fazer parte dos Jogos Olímpicos (REELEITO..., 1960).

O ano de 1958 encerrou com a notícia de que, seguindo o movimento de fundação da Federação Paulista de Judô, iniciaram as conversas para a fundação de uma entidade independente de judô no Rio Grande do Sul, a Federação Gaúcha de Judô. Loanzi adiantou à reportagem que estava tratando da fundação da federação especializada. O presidente da futura entidade já estava escolhido, seria o jornalista e praticante de judô Jorge Aveline, que já havia

exercido a função na Federação Gaúcha de Pugilismo. A iniciativa contava com o apoio dos clubes Cruzeiro, Sparta, Ruy Barbosa e Clube de Lutas de Bagé, e esperavam que fizessem parte da iniciativa, também os clubes Grêmio e Internacional (MOVIMENTO..., 1958).

12.3 O último Campeonato Brasileiro dos anos cinquenta

Com o aumento da prática do judô pelo país, e a necessidade de ampliar o escopo das competições, no início de 1959, no Rio de Janeiro, a Federação Metropolitana de Pugilismo instituiu o Campeonato Infanto-Juvenil de Judô, com patrocínio do Diário de Notícias, tendo à frente da organização Takeshi Ueda (INSTITUÍDO..., 1959). No caso de São Paulo, em agosto, ocorreu o I Campeonato Juvenil Estadual de Judô da Federação Paulista de Judô (AVELINE, 1959).

Ainda no primeiro semestre, os efeitos do processo de independência conquistada pela Federação Paulista de Judô, sobre outras organizações correlatas, criaram uma situação de tensão para o Conselho Nacional de Desportos, que começou a observar outras entidades especializadas buscando independência da CBP. O presidente do Conselho Nacional de Desportos precisou suspender uma sessão do órgão controlador devido a discussões sobre novos pedidos de criação de federações especializadas de lutas que começaram a aparecer (QUASE..., 1959).

Ainda com relação à interação entre o judô e as entidades controladoras, a CBP ainda esperava que fossem ressarcidos ou pagos os custos contraídos para a realização do Pan-Americano, por intermédio do Conselho Nacional de Desportos. O assunto teve que ser levado à Câmara dos Deputados, onde foi aprovado no plenário da câmara o crédito especial de três milhões de cruzeiros para atender às despesas com os campeonatos Pan-Americano de Judô e Mundial de Boxe (EMENDA..., 1959). De maneira geral, como avaliou Hermann (1959c), 1959 foi um ano relativamente calmo para o judô no Brasil.

Se preparando para o Campeonato Brasileiro, São Paulo e Guanabara, as equipes que dominavam as competições, escolheram seus atletas mais uma vez pelo resultado do estadual. Na última fase do Campeonato Carioca sagraram-se vencedores no absoluto Luis Alberto Mendonça (2º *dan*) e Rubens Bogossian (2º *dan*) (LUIZ..., 1959). No Campeonato Paulista, no ginásio do Ibirapuera, venceram: na faixa marrom, Milton Lovato; no 1º *dan*, Roberto David; no 2º *dan*, Lhofei Shiozawa; no 3º *dan*, João Salgado; no absoluto, Kawakami, o segundo colocado do absoluto foi Lhofei Shiozawa (CONQUISTADO..., 1959).

O VI Campeonato Brasileiro de Judô aconteceu em Porto Alegre, no Palácio de Esportes do Grêmio União, com equipes representativas de: Minas Gerais, Paraná, Guanabara, Rio Grande do Sul e São Paulo. A equipe da Guanabara venceu o torneio por equipes tendo como técnico Augusto Cordeiro. Nas competições individuais os vencedores foram, na faixa marrom, Milton Lovato (São Paulo). Na faixa preta 1º *dan*, Roberto Davi (São Paulo). Na faixa preta 2º *dan*, Luiz Alberto Mendonça (Guanabara). Na faixa preta 3º *dan*, Shunji Hinata (Guanabara). Massayoshi Kawakami foi proclamado campeão absoluto vencendo Luiz Alberto Mendonça por decisão dos juízes. Em sua primeira participação, a equipe do Paraná ficou em último lugar (CARIOCAS..., 1959; BASTO, 1960). A transferência de Shunji Hinata para a cidade do Rio de Janeiro, e sua inclusão na equipe da Guanabara, foi uma das vantagens dos cariocas para vencer o campeonato por equipes. É possível observar pelos jornais que a transferência de atletas de um estado para o outro tornou-se, com o tempo, uma estratégia de melhora rápida nos resultados das equipes.

Além disso, sobre o bom desempenho da equipe do Rio de Janeiro na competição, disse Hermann: “Quem observa a vitória por equipes do Rio sobre São Paulo no Campeonato Brasileiro deste ano e imaginar que o judô conta no DF com grande organização e número de praticantes estará se enganando” (HERMANNY, 1959b, Segundo Caderno, p. 9). A realidade, afirmou, era de que poucos se dedicavam ao judô no Rio de Janeiro, enquanto muitos ainda se mantinham ensinando jiu-jítsu (HERMANNY, 1959b).

13 INDEPENDÊNCIA REGIONAL NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1960

O início da década de 1960 foi marcado pela mudança da capital do país, o Distrito Federal deixou de ser o Rio de Janeiro e se transferiu para cidade de Brasília. Com isso, em 1960, o Campeonato Brasileiro foi realizado na nova capital do país, em agosto. O VII Campeonato Brasileiro de Judô foi vencido pelos cariocas. Luis Alberto Mendonça, atleta da equipe carioca, venceu o torneio de faixa preta 2º *dan*, e, também, a categoria absoluto. Na categoria de 1º *dan* venceu Fumio Tani de São Paulo e, no 3º *dan*, Shunji Hinata, representando a equipe carioca, venceu Lhofei Shiozawa de São Paulo. Além da equipe carioca, participaram também as equipes de São Paulo (segunda colocada), Rio Grande do Sul (terceira) e Paraná (CAMPEÕES..., 1960). O mal desempenho da equipe de São Paulo, que possuiu por muitos anos a hegemonia sobre os títulos nacionais foi explicada por Hermanny como resultado das divergências políticas e divisão do judô de São Paulo em grupos antagônicos: “O resultado não retrata a verdadeira situação do judô paulista, certamente o melhor do país, mas revela a sua divisão interior e a política perniciososa de alguns grupos” (HERMANNY, 1960f, Segundo Caderno, p.19).

O relato de Hermanny demonstra, ainda, as dificuldades enfrentadas para organizar o campeonato na nova capital do Brasil que vinha sendo construída, Brasília:

O adiamento do campeonato, anunciado à última hora, por motivos imperiosos, alterou a programação cuidadosa da Confederação Brasileira de Pugilismo e causou certas dificuldades às autoridades incumbidas do transporte das delegações. Os participantes, por seu lado, passaram por horas de ansiedade, sem saber como, e nem se, chegariam à Brasília.

Chegando à nova Capital, a primeira turma de cariocas já encontrou à sua espera o dinâmico prof. Augusto Cordeiro, que se deslocara em sua camioneta, viajando vinte horas ininterruptas, com alguns judoístas. [...] Quem mais sofreu, provavelmente, foi o presidente em exercício da CBD, o simpósio Jamil Nasser, que não parou um instante, no planalto destinado a se transformar em cidade. (HERMANNY, 1960f, Segundo Caderno, p.19).

Além da realização do Campeonato em Brasília, outra questão que marcou o início da década de 1960 foi a influência da criação da Federação Paulista de Judô sobre as demais regiões, que passaram a buscar a independência das federações pugilísticas regionais. A transferência da capital para Brasília e a busca por independência do judô regional passou a significar um perigo para o controle carioca exercido sobre o judô pela diretoria da CBP, e a presidência de Paschoal Segreto Sobrinho por duas razões: 1) A Confederação, por lei, deveria

ter sua sede na capital do país (agora Brasília) (ANIZ..., 1965); 2) eram necessárias, segundo o Decreto-lei 3.199 de 1941, quatro federações especializadas, ou seja, quatro federações de judô, para que fosse fundada a Confederação (CONCLUSÃO..., 1966). A independência do judô regional era, portanto, condição *sine qua non* para que fosse criada a CBJ.

No ano seguinte, além das cinco regiões que já participavam do Campeonato Brasileiro, outras duas passaram a comparecer nos eventos: uma delegação da Bahia e uma do Ceará. Para o Campeonato Brasileiro de 1961, a delegação da Guanabara foi chefiada por Almir Ferreira de Almeida, e o delegado Antônio Alves, e os atletas Luis Alberto Mendonça, Shunji Hinata, Rudolf Hermann, George Medhi, André Vasarhelyi, Harry Rutmann, Luís Raimundo, Carlos Bartolomeu, Osmar Vieira, Helio Marques, Antônio Kroff, Silvino Vieira, João MacDowell, Guru e Luís Carlos Queiros (BRASILEIRO..., 1961).

São Paulo teve como chefe de delegação, José Rotenberg, como delegado técnico, Edgar Ozon, como técnico, Hikari Kurachi, e foram ao Rio de Janeiro os atletas Kawakami, Toranosuke Ono, Lhofei Shiozawa, Miguel Suganuma, Roberto David, Moacir Pinto, Haruo Nishimura, Yoshihiro Higuchi, Jorge Kajimoto, Hadel Aurani, Takeshi Miura e Milton Amorim (BRASILEIRO..., 1961).

O Paraná participou do VIII Campeonato Brasileiro de Judô com representantes do norte e sul do estado. As disputas da zona sul do estado foram realizadas na Academia Kodokan de Judô, e o do Norte do estado em Londrina. O presidente da Liga Londrinense de Judô indicou o técnico da delegação paranaense. É interessante notar que Londrina já tinha uma Liga Municipal de Judô dentro da hierarquia burocrática do esporte nacional (PARANÁ..., 1961). Posteriormente, Londrina tornou-se a cidade sede da Federação Paranaense.

A delegação do Paraná teve como chefe da delegação o major Gentil Almeida Campos, que também fez o papel de delegado técnico; como técnico foi, ao Rio de Janeiro, Saburo Nakasukasa, e os atletas Isao Kaminari, Kojiro Hironaka, Sijo Beppu, Hiroki Nakamura, Mario Arazawa, Naby Euclides Molinari, Lioji Suzuki e Tokio Nakashima (BRASILEIRO..., 1961).

No caso do Rio Grande do Sul, representou a comitiva como chefe delegação, Moacir Lauro Dorneles, como delegado técnico, Luis Sérgio Cazarin, os atletas foram Sijuenobo Tuchiana, Carlos Sato, Delamar Teixeira da Silva, Nilton Cardoso de Sousa, Ricardo Gaston, Justino Rocha Viana e Ubirajara Custódio (BRASILEIRO..., 1961).

Da Bahia foram, como chefe, Fauzi Abdala João, o médico Angelo Augusto Decanio Filho; como treinador, E. Freire, e foi como acompanhante da delegação, Otávio Rabin da Silva; além do presidente de honra Deputado Helio Machado e os atletas Tolentino Luciano de Sousa, Carlos Alberto Monteiro e Antonio Carlos Monteiro. Por fim, a comitiva do Ceará foi ao Rio

de Janeiro tendo como chefe Agamenon Frota Leite e os atletas Antônio Lima e Ruben Cartaxo Leite (BRASILEIRO..., 1961).

O Congresso Brasileiro de Judô foi realizado por ocasião do Campeonato, e na reunião entre as entidades presentes foi proposto os votos favoráveis (em unanimidade) dos delegados das Federações à reeleição de Pascoal Segreto Sobrinho para presidente da Confederação Brasileira de Pugilismo. Votaram as seguintes Federações: Federação Riograndense de Pugilismo, Federação Paranaense Desportiva, Federação Paulista de Judô, Federação Carioca de Pugilismo, Federação Baiana de Pugilismo e Federação Cearense de Pugilismo (JUDÔ, 1961c).

Em 1961, a equipe de São Paulo conseguiu vencer outra vez o Campeonato Brasileiro, evitando o tricampeonato carioca. A equipe paulista foi formada por Yoshiro Higuchi, Massayoshi Kawakami, Roberto David, Lhofei Shiozawa, Miguel Suganuma, Haru Nishimura, e Toranosuke Ono. Nos torneios individuais, Takeshi Miura de São Paulo sagrou-se campeão na categoria faixa marrom, enquanto Carlos Bartolomeu do Rio de Janeiro e Haru Nishimura de São Paulo sagraram-se campeões nas categorias de 1º e 2º *dan*, respectivamente. No 3º *dan*, Hermanny venceu Luis Alberto Mendonça na final. No Absoluto, Kawakami venceu a final por meio ponto (*waza-ari*) e, por ter adotado uma atitude excessivamente defensiva, desagradou o público, que vaiou o campeão (SÃO PAULO..., 1961) O Campeonato Brasileiro foi realizado no Clube Sírio Libanês no Rio de Janeiro (MIURA..., 1961).

Neste mesmo ano, na nova capital do Brasil, o judô se organizou de maneira acelerada, contando com a chegada de praticantes e lideranças vindas de outros estados onde o judô já estava bem estabelecido. Em janeiro de 1961, foi fundada na Associação Cultural Nipo Brasileira de Brasília, sob a presidência de Kiyoji Mizuno (LEAL, 1967), onde foi estabelecida uma academia de judô, a Academia de Judô Kodokan de Brasília, sob o comando de Michio Ninomiya (então 6º *dan*) e Gunji Matsuuchi (3º *dan*) (BRASÍLIA..., 1961). Em junho, no mesmo local, foi feita a assembleia para aprovar a criação da Federação Metropolitana de Judô de Brasília, e eleger sua primeira diretoria (CONVOCAÇÃO, 1961). Em contrapartida, em 1962, foi fundada a Federação Brasiliense de Pugilismo (PUGILISMO..., 1962) sob a presidência de Paulo Mont Serrat (LEAL, 1967). Como diretor de judô da Federação Brasiliense de Pugilismo foi escolhido João Mizuno (PUGILISMO..., 1962).

O I Campeonato Brasiliense de Judô foi promovido em 1963 pela Federação Brasiliense de Pugilismo. Serviram como árbitros, os professores Ninomiya, de Brasília, e Albano, de Belo Horizonte. Venceu a disputa por equipes a Academia da Polícia, e no Absoluto foi campeão Matsuchi, da mesma equipe (MATSUUCHI..., 1963). A competição foi organizada em conjunto

pela Federação Metropolitana de Judô de Brasília e pela Federação Brasiliense de Pugilismo. Participaram as seguintes equipes: Academia da Aeronáutica, Academia M. Ninomiya, Academia de Polícia, Caseb – Plano Piloto, Centro de Judô Professor Albano Augusto - Sobradinho, Judô Clube Adnet – Plano Piloto, Olikar e Sociedade Nipo-Brasileira, da Cidade Livre (SERÁ..., 1963). Ainda que não houvesse uma decisão oficial sobre qual das duas entidades controlaria o judô no novo Distrito Federal, o que se observa é que a Federação Metropolitana de Judô de Brasília e a Federação Brasiliense de Pugilismo dialogavam e trabalhavam em conjunto pelo judô.

Com relação a Minas Gerais, que participava do Campeonato Brasileiro de Judô desde a edição de 1954, em 9 de junho de 1961 foi fundada a Federação Mineira de Judô, sendo escolhido como primeiro presidente Alberto Vieira (ESPORTE..., 1961). Ainda assim, a recém-criada Federação Mineira não conseguiu, em um primeiro momento, sua completa independência, coexistindo, assim como a Federação Metropolitana de Judô de Brasília, com a federação de pugilismo local (AMADORES..., 1961).

No caso do judô paranaense, que começou a participar dos campeonatos brasileiros a partir do final da década de 1950, em 11 de janeiro de 1962 foi publicada uma nota no jornal Diário da Tarde com o calendário para 1962 da Federação Paranaense de Judô, o que, portanto, sugere a criação da entidade em 1962 ou 1961. Percebe-se que o *dôjô* da Academia Kodokan de Curitiba funcionava como local da maior parte dos eventos, e que havia um esforço dos paranaenses em participar em eventos organizados em São Paulo. O I Campeonato Paranaense “oficial” foi marcado para julho, em Londrina (FEDERAÇÃO..., 1962).

A temporada paranaense de judô começou, em 1962, pelo I Campeonato de Judô infantil, juvenil e adultos. Organizado pelo major Gentil Almeida Campos, presidente da Federação Paranaense de Judô, o campeonato contou com a apresentação de Yoshio Kihara (9º *dan*), Minoru Kamada (6º *dan*), e Kimie Kihara (2º *dan*) (CAMPEONATO..., 1962). Cabe citar que Kimie, filha de Yoshio Kihara, foi responsável pelo primeiro curso de judô feminino do Brasil em 1961. Em 1962, Kimie era a única mulher faixa-preta reconhecida pela Kodokan no Brasil, sendo seguida pelo reconhecimento de Eico Suzuki em 1963 sem, no entanto, reconhecimento da CBP e federações regionais de pugilismo (DE SOUZA; MOURÃO, 2011). A solenidade de entrega dos prêmios ocorreu na Academia Kodokan de Curitiba (CAMPEONATO..., 1962).

No ano seguinte, a criação da Federação Paranaense chamou atenção da região vizinha, Santa Catarina. Assim, foi realizado em 1963, na Academia Kodokan, em Curitiba, um torneio interestadual com a participação de uma seleção de Joinville (Santa Catarina). Os árbitros da

competição foram Minoru Kamada, Kenzo Minami e Kakashima (ACADEMIA..., 1963). Em junho de 1963, foi noticiado que diversos praticantes de judô começaram a se organizar em Joinville, para formar a Federação Catarinense de Judô, com o objetivo de participar do Campeonato Brasileiro em Porto Alegre (NOTÍCIAS..., 1963). Entretanto, não houve continuidade nesse projeto, e Santa Catarina não fundou, naquele momento, sua federação de judô.

13.1 A disputa pelo judô carioca

O caso mais complexo de independência do judô regional ocorreu na Guanabara. Sede da CBP, o processo sofreu de complexas disputas políticas. Além disso, havia um crônico problema legal de filiação das academias à federação. Seguindo os requisitos vigentes na legislação, que não permitiam a filiação de estabelecimentos comerciais, para que pudessem se filiar, as academias deveriam se tornar associações de alunos, com personalidade jurídica e diretorias legalmente constituídas. No início dos anos sessenta, a única entidade legalmente capaz de integrar os quadros de uma eventual federação carioca com um departamento de judô em funcionamento era o Clube de Regatas Flamengo. (HERMANNY, 1960g).

Com relação ao controle do governo sobre as competições de judô, a fiscalização se tornou ainda mais restritiva. Em 1961, Ascendino Leite, chefe do Serviço de Censura da Guanabara, baixou resoluções regulamentares para as entidades desportivas do estado da Guanabara. Entre as novas regulações, estipulou que as entidades e clubes esportivos deveriam requerer com antecedência de 48 horas a aprovação do programa de competições, indicando nome dos competidores, dia hora e local, preço dos ingressos, relação nominal de equipes e integrantes efetivos. No do judô, o requerimento de censura deveria conter, também, atestado de saúde dos participantes com firma reconhecida (NORMAS..., 1961).

Em maio de 1962, vinte e dois professores e diretores de academias de judô se reuniram para formar o conselho técnico de judô da Federação Carioca de Pugilismo (O MOMENTO..., 1962). Este conselho passou a ficar encarregado de regulamentar, dirigir e orientar as escolas de judô do estado. Assim ficou formado o conselho: Augusto Cordeiro, George Medhi, Haroldo Brito, Theofanes Mesquita, Takeshi Ueda e Rudolf Hermann. Os suplentes eram: Shunji Hinata, Enir Vacari, Alair Souza e Silva, Luiz Roberto Moreira, Glauco Lorenzo e Luiz Alberto Mendonça (LUVAS..., 1962b).

Apesar da eleição ter transcorrido sem intercorrências, notou-se nitidamente dois grupos antagônicos. De um lado o grupo liderado por Yoshimasa Nagashima e Masami Ogino, do

outro lado o grupo de Augusto Cordeiro, cuja chapa saiu vencedora (BRITTO, 1962). O grupo de Cordeiro, ainda que vencedor, não conseguiu por um longo período permanecer coeso e, em poucos meses, novas divergências surgiram, acarretando no afastamento de Hermann por discordâncias com os trabalhos do conselho (QUATRO..., 1962).

Derrotados na eleição do conselho técnico, o grupo de Nagashima e Ogino não se deu por satisfeito com os rumos do judô carioca e, em julho de 1962, criaram, com sede no Méier, a Federação Carioca de Judô. Tomou a frente do projeto, o presidente eleito João Cândido Lacerda de Oliveira, tendo como vice-presidente, Elizeu Vieira Fernandes Júnior. Yoshimasa Nagashima assumiu a função de diretor técnico da nova federação. Foram consideradas entidades fundadoras, o Tijuca Tênis Clube, Sociedade Esportiva Hebraica, Unidos do Ricardo F.C., Academia Candelária, Montanha Clube, E.C. Makenzie e Monte Sinai (CRIADA..., 1962). Além de Nagashima e Ogino, uniu-se também ao grupo, Yamamoto, professor da Kodokan que serviu de orientador técnico a Augusto Cordeiro em sua visita ao Japão (FUJIYAMA, 1962d).

No mês seguinte, o grupo pediu que o Conselho Nacional de Desportos homologasse a Federação Carioca de Judô, para que coordenasse e fiscalizasse a prática do judô no estado (CND..., 1962). Além disso, o presidente João Cândido, foi aos jornais reclamar do tratamento dado à entidade pela Confederação Brasileira de Pugilismo. Ainda que fosse legalmente estabelecida, a Confederação Brasileira de Pugilismo criava barreiras para que a Federação Carioca de Judô conseguisse se filiar (DIRIGENTES..., 1962). Criticou, ainda, a tentativa que surgia de criar outra Federação de Judô, dado que a dualidade de federações regentes da mesma modalidade, segundo art. 20 da lei 3.199, não era permitida (DIRIGENTES..., 1962).

A efetivação da Federação Carioca seria a tomada do controle até então exercido pelo grupo liderado por Cordeiro, pelo grupo de Nagashima e Ogino. Os dois professores japoneses eram filiados à Associação de Faixas Pretas liderada por Tokuzo Terazaki e Katsutoshi Naito, com a filial da Guanabara tendo sido fundada em 1961 (CRIADA..., 1961). Entre as escolas presentes em sua fundação estavam: Hospital dos Servidores do Estado, Associação Cristã de Moços, Ginásium dos Portuários, Castro-Ênio, C.A. Hebraica, Irmãos Melo e Colônia Japonesa de Santa Cruz (CRIADA..., 1961). Ainda que em seu estatuto se propusesse a ser uma sociedade civil apolítica (CASTRO, 1969), a Associação de Faixas Pretas da Guanabara se tornou a principal oposição ao grupo de Cordeiro durante o processo de independência do judô carioca. Ainda, o grupo representava a separação no Rio de Janeiro do grupo ligado à Katsutoshi Naito e Tokuzo Terazaki da Kodokan do Brasil e, portanto, não contava com a participação efetiva de Gengo Katayama.

A primeira competição organizada pela associação ocorreu em 1962. Os participantes da competição foram o Ginásio Força e Saúde de Juiz de Fora, Academia de Judô Friburgo, Associação dos Servidores do HSE, 2º Batalhão da Polícia Municipal, Ginásio Portuário, Academia Irmãos Melo, Escola de Judô Zoshikan, ACM, Academia Anchieta, Academia Niterói de Orlando Barradas, e Clube Ginástico Português (TAKUO..., 1962).

No mês seguinte, um festival foi realizado no clube Hebraica, uma das escolas fundadoras da Associação dos Faixas Pretas da Guanabara com participação de equipes do estado do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais (LUVAS..., 1962a). Neste Festival participaram o Clube “Ginástico Português”, Academia Terazaki, Santa Cruz, Piracema, Castro, Portuários, Servidores do Estado, ACM. e Espírito Santo. Na categoria principal venceu Roberto David, da Academia Terazaki de Suzano no estado de São Paulo (JUDÔ..., 1962a). Foi logo após este festival, no mês de julho, que os membros da associação formalizaram a intenção de fundar uma federação independente na Guanabara.

A intenção por trás da criação da Federação Carioca de Judô era, portanto, tomar para si a legitimidade de desenvolver, orientar e difundir o judô no estado (FUJIYAMA, 1962a). Entre seus planos, estava o de formar o Departamento Técnico da federação, e tinha como base seguir os moldes do Instituto Kodokan para promoções de faixas. Assim, as promoções a partir da faixa marrom estariam a encargo da federação. Com relação à arbitragem, a Federação Carioca de Judô queria estipular que os árbitros deveriam ter graduação mínima de 1º *dan*, e realizar um curso intensivo de seis semanas constituído dos seguintes temas: Regulamento Internacional de “Judô Kodokan”, Organização Técnico-Desportiva de Torneios e Competições, Formas de Reanimar (*kuatsu*) (FUJIYAMA, 1962b). Com o reconhecimento da entidade oficializado seriam eliminados, de acordo com a liderança da Federação Carioca de Judô, o comércio de faixas e diplomas, a indústria de faixas pretas e pseudo-professores, e o misticismo comercial (FUJIYAMA, 1962b).

A outra federação que o presidente da Federação Carioca de Judô acusou de estar sendo formada de maneira concorrente à sua era liderada por Augusto Cordeiro e começou a se organizar em agosto. Na noite do dia 9 de agosto, reuniram-se na sede do Flamengo, respondendo a um edital expedido pelo presidente do clube, Fadel Fadel, os interessados na fundação da Federação Guanabarina de Judô. Participaram desta reunião os representantes dos seguintes clubes e associações: Clube Leblon, Botafogo FR, Clube dos Caiçaras, Clube Monte Líbano, Judô Clube Augusto Cordeiro, Judô Clube Ren-Sei-Kan, Judô Clube K. Medhi, Judô Clube R. Hermann e Esporte Clube Cocotá. A assembleia ordinária foi presidida por Sergio Delamare e, após discutidas as questões relativas à fundação da entidade falaram Augusto

Cordeiro e Vinicius F. da Silva, sobre a necessidade de união entre os praticantes de judô do estado (JUDÔ..., 1962b).

Dado que o grupo da Federação Guanabarina de Judô era o que desejava manter o *status quo*, o Campeonato Carioca de Judô de 1962, gerido pelo grupo da Federação Carioca de Pugilismo, deu mais munição ao grupo da Federação Carioca de Judô por evidenciar para o público seus constantes erros de organização que perdurava por anos. Durante a penúltima etapa do Campeonato Carioca de Judô uma série de problemas foram apontados pelo jornal Correio da Manhã, que afirmou que houve uma “completa falta de organização”. O campeonato foi dirigido por Abel Magalhães através da Federação Carioca de Pugilismo. A competição iniciou com duas horas de atraso, os organizadores se atrapalharam com as chaves já sorteadas, o número de participantes foi pequeno por falta de informações sobre o dia e o local do evento. Além disso, foram constatadas irregularidades na arbitragem durante a disputa do título carioca por equipes, no evento anterior, dado que foram atribuídas vitória de maneira equivocada por “vantagem” (*yusei-gachi*) (NOVOS..., 1962). As principais reclamações eram de que não existia planejamento, as soluções nunca eram definitivas, resolvendo provisoriamente e de maneira precária os problemas que se repetiam. A desorganização não desagradava somente os participantes como também o público (FUJIYAMA, 1962c).

Dado que o processo da Federação Carioca de Judô não andava nos trâmites burocráticos regulares, em novembro de 1962, para tentar garantir que seus direitos seriam respeitados a Federação Carioca de Judô comunicou-se com o Conselho Nacional de Desportos, para que fosse decidido seu reconhecimento como entidade dirigente do judô (FED..., 1962). Com isso, em 27 de novembro, o Conselho Nacional de Desportos concedeu prazo de 48 horas para vistas da Federação Carioca de Judô, e 20 dias para o pronunciamento da CBP sobre o processo em disputa de registro entre a Federação Carioca de Judô e a Federação Guanabarina de Judô (JUDÔ, 1962c).

Em meio a esse imbróglio chegou o período de realização do Campeonato Brasileiro de Judô. O Campeonato Brasileiro de Judô de 1962 aconteceu em São Paulo, no ginásio do Ibirapuera. Participaram do campeonato equipes de Brasília, São Paulo, Guanabara, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná (BRASILEIRO..., 1962). Os resultados individuais foram: nos leves, venceu Akira Ono; nos médios, Shunji Hinata; nos pesados, o campeão foi Roberto David. Nos torneios por categoria de faixa, na faixa marrom sagrou-se vencedor Tani; no 1º *dan*, Takeshi Miura; no 2º *dan*, Milton Lovato e no 3º *dan*, Miguel Suganuma. O campeão Absoluto da competição foi Haruo Nishimura de São Paulo, vencendo Carlos Müller do Paraná (GB..., 1962). A campeã por equipes em 1962 foi a equipe do estado

da Guanabara, formada por Shunji Hinata, Carlos Bartolomeu Cavalcanti, Luiz Alberto Mendonça, Rudolf Hermann e Roberto David que encarou, na final, a equipe de São Paulo que contava com Miguel Sukanuma, Akira Ono, Milton Lovato, Tadao Nagai e Haruo Nishimura (GB..., 1962).

Aproveitando-se da vitória no Campeonato Brasileiro, o grupo da Federação Guanabarina de Judô, utilizando de sua influência junto à equipe que competiu no evento, recebeu apoio público dos membros da seleção carioca. Na matéria em que anunciam este apoio, é possível observar que algumas academias do Rio de Janeiro passaram a usar o termo “Judô Clube” em seus nomes, como o Judô Clube Augusto Cordeiro e o Judô Clube Ren-Sei-Kan (CAMPEÕES..., 1962). A mudança foi intencional. Como demonstra a matéria do Jornal dos Sports de primeiro de setembro que fala da mudança de nome da Academia Cordeiro para Judo Clube Augusto Cordeiro (PRIMEIRA..., 1962), possivelmente em uma tentativa de corresponder ao problema de regularização das academias com as federações apontada por Hermann, agora judô “clubes”.

Em outra matéria de novembro de 1962, do Correio da Manhã, os principais atletas cariocas como Shunji Hinata, George Medhi, Harry Rutmann, emprestaram apoio à Federação Guanabarina, e registraram suas opiniões favoráveis à entidade na disputa para regularização das federações (FIGURAS..., 1962). Da mesma forma, Takeshi Ueda, membro da Federação Guanabarina de Judô foi convidado a comentar o caso. Na mesma matéria, Paulo Waldemar Falcão, ex-secretário da Confederação Panamericana, e aliado de Cordeiro, disse: “[...] creio que a tradição desportiva dos que se reúnem na Federação Guanabarina de Judô, por si só, será suficiente para orientar as autoridades dos desportos nesta opção” (FIGURAS..., 1962, Segundo Caderno, p. 12). Roberto David, o único atleta que era ligado de alguma forma à Federação Carioca de Judô, por ser aluno de Tokuzo Terazaki, preferiu se abster de comentar o caso: “[...] não vou me meter em política de qualquer espécie. Não tenho partido nesta questão” (FIGURAS..., 1962, Segundo Caderno, p. 12).

O que fica evidente é que, ainda que tenha sido a primeira a se registrar, a Federação Carioca de Judô, não contava entre seus quadros com os principais nomes das competições do estado. Assim, o grupo de praticantes de judô mais envolvidos com as competições agiram rapidamente para formar, por sua vez, o seu órgão regulador do judô, sob o nome de Federação Guanabarina de Judô. Diziam os jornais que noventa e nove por cento dos praticantes que se envolviam em competições de judô, apoiavam a segunda Federação (MAIORIDADE..., 1962).

Por fim, a CBP pronunciou-se em dezembro se dizendo favorável à Federação Guanabarina de Judô. A justificativa foi de que, enquanto a Federação Carioca de Judô tinha 6

clubes filiados, a Federação Guanabarina de Judô tinha 11 clubes filiados (C.B..., 1962). Entretanto, a interferência política de Cordeiro para que seu grupo continuasse controlando o judô a qualquer custo ficou evidente, e exposta pelos jornais (1962..., 1963). Apesar do apoio da CBP, o processo permaneceu no Conselho Nacional de Desportos que não tomou uma decisão sobre o caso. O controle acabou recaindo novamente sobre a Federação Carioca de Pugilismo (URGE..., 1963; CND..., 1963a).

Foi criado um departamento técnico de judô na Federação Carioca de Pugilismo com as prerrogativas de coordenar e promover torneios e competições, regular promoções e graduações, o registro de atletas, organizar o calendário esportivo. Sugeriam os jornais um departamento com lideranças das duas federações em disputa: Nagashima, Cordeiro, Ogino, Hermann, Yamamoto, Ueda e Mello (INEVITÁVEL..., 1963).

O departamento durou pouco e, um mês antes da realização do Campeonato Brasileiro, o Conselho Nacional de Desportos decidiu oficializar a Federação Guanabarina de Judô em detrimento da Federação Carioca de Pugilismo (CND..., 1963b). Cabe ressaltar que, posteriormente, no mesmo mês, Augusto Cordeiro foi escolhido como assessor para a modalidade judô no Conselho Nacional de Desportos (40 ASSESSORES..., 1963), mesmo órgão julgador do processo.

Com a questão assim decidida, o judô carioca ficou provisoriamente sob a organização da Federação Carioca de Pugilismo, enquanto a Federação Guanabarina de Judô se organizava para assumir o controle (JUÍZES..., 1963). É possível notar a presença de Nagashima e Ogino participando como árbitros nas competições da Federação Carioca de Pugilismo durante este período de transição (CASTRO, 1963).

O imbróglio encerrou definitivamente após o reconhecimento da Federação Guanabarina de Judô pelo Conselho Nacional de Desportos sob a presidência do brigadeiro Oswaldo Ballousier (TOMOU..., 1963). Em 20 de outubro foi constituído o Departamento Técnico da entidade, integrado pelos seguintes professores: Takeshi Ueda, Augusto Cordeiro, Gengo Katayama, Vicente Rocha, Yoshimasa Nagashima, Haroldo Britto e Rudolf Hermann (JUDÔ, 1963a). Percebe-se, portanto, que após a oficialização da Federação Guanabarina de Judô, em um primeiro momento houve a tentativa de incorporar os professores japoneses com quem o grupo de Cordeiro tinha divergências históricas, Nagashima e Katayama.

Todo este processo demonstra o grau de interferência que a CBP e o Conselho Nacional de Desportos tinham sobre as federações regionais. Isso se dava de tal modo que, mesmo se uma federação seguisse a norma legal estabelecida para ser criada, para assumir o controle de fato da modalidade dependia de vontade política.

14 A CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ

14.1 A Primeira Confederação Brasileira de Judô

Em 1963 o judô passou a integrar os Jogos Pan-Americanos. Até então as competições panamericanas vinham sendo realizadas à parte pela Confederação Panamericana de Judô. A equipe foi formada por quatro atletas: Lhofei Shiozawa, Milton Lovato, George Medhi e Jorge Yamashita. Shiozawa venceu a categoria de médios, ganhando a primeira medalha de ouro em Jogos Pan-Americanos do judô do Brasil. Lovato e Medhi ganharam a medalha de prata, enquanto Jorge Yamashita fez luta não-oficial com o americano Seiho (BRASIL..., 1963). A exibição de Shiozawa tornou-se o prenúncio de suas participações internacionais subsequentes. Shiozawa, pelo que se observa nos jornais, tomou o lugar de grande campeão nacional, que pertencia até então a Masayoshi Kawakami. Neste sentido, houve uma transição, dado que a invencibilidade de Kawakami sustentava um discurso de superioridade da escola Budokan no judô competitivo brasileiro que, conseqüentemente legitimava a posição de liderança e autoridade de Cordeiro frente à CBP e à comunidade do judô nacional.

Em 1963, o Campeonato Brasileiro, voltou a ser vencido por São Paulo. Na faixa marrom, os dois finalistas foram de São Paulo, o campeão Giovanni Agostini e o vice Antônio João Amaro. Nos pesos leves venceu Akira Ono, nos médios, Lhofei Shiozawa foi campeão, com o vice também de São Paulo, Miguel Sukanuma. Nos pesos pesados, novamente final entre dois paulistas, Milton Lovato venceu Haruo Nishimura. No absoluto, Shiozawa venceu Lovato, demonstrando a superioridade de São Paulo em todas as categorias da competição. A equipe de São Paulo, igualmente saiu-se campeã por equipes, tendo como atletas Shiozawa, Lovato, Nishimura, Sukanuma e Ono (AMPLA..., 1963). As disputas políticas que ocorreram no judô carioca a partir de 1962 podem explicar a ampla vantagem que os paulistas tiveram nessa edição.

Após a competição, foi aprovado um voto de louvor para o Delegado Especial da CBP, Vicente Leitão da Rocha, pela excelente organização. Foi informado, também, que havia uma disposição da CBP para que a Confederação Brasileira de Judô pudesse ser finalmente criada em 1965, logo após o IV Campeonato Mundial de Judô, que seria sediado no Rio de Janeiro. Além disso, a Resolução do Congresso Técnico no X Campeonato Brasileiro determinou a realização de um congresso em São Paulo para a elaboração do Regulamento Nacional do Judô, que entre outras disposições determinaria os requisitos de graduações, e um regulamento oficial para os Campeonatos Brasileiros de Judô (JUDÔ..., 1963b).

É necessário destacar a organização do campeonato por Vicente Leitão da Rocha, dado que veio a se tornar personagem importante para a organização do judô brasileiro nos anos que seguiram, em particular no desenvolvimento da regulação de faixas. O Major Vicente foi instrutor e chefe da cadeira de judô da Escola de Educação Física do Exército. Entre suas realizações como promotor e organizador do judô brasileiro podemos citar que escreveu o primeiro manual de educação física especial de lutas para o Exército; organizou e dirigiu os campeonatos brasileiros de 1961, 62, 63 e 64; organizou, juntamente com o Rudolf Hermann, o programa oficial de exame e outorga de faixas; organizou e dirigiu o IV Mundial de Judô, realizado em 1965, no Rio de Janeiro; foi professor da Academia Haroldo Brito e, ministrou, em 1967, um curso especial para professores na Academia Almir Ribeiro (LIVRO..., 1967).

Os delegados de todos os estados presentes no X Campeonato Brasileiro de Judô aprovaram, também, a proposição feita por Paulo Monte-Serrat, representante de Brasília, para o envio de um telegrama ao COI reclamando da resolução que retirou o judô das provas dos Jogos Olímpicos no México em 1968 (JUDÔ..., 1963b).

Iniciou o ano seguinte e, no caso dos cariocas, 1964 foi o ano de consolidação da Federação Guanabarina de Judô. Ainda que a Federação Carioca de Judô, derrotada politicamente, tenha planejado impetrar mandado de segurança, acreditando que foram enganados (CASTRO, 1964a), o processo não caminhou. A Associação de Faixas Pretas da Guanabara, que liderou o processo de fundação da Federação Carioca de Judô, entretanto, continuou coexistindo com a Federação Guanabarina, realizando competições paralelas, clínicas de arbitragem, cursos de *kata* e graduações (JUDÔ, 1966c).

Oficialmente reconhecida, em maio de 1964, a Federação Guanabarina de Judô fez um requerimento de subvenção no valor de Cr\$ 500.000 para a Secretaria de Serviços Sociais. (CASTRO, 1964d). O novo presidente eleito em 1964 foi Alair de Sousa e Silva, tendo como vice-presidente, Gilberto Menezes (LUVAS..., 1964). Ainda que vencedores na disputa política, o grupo de Cordeiro permanecia desunido e, no Campeonato Carioca de 1964, um fato escancarou os problemas de desunião e desorganização do judô carioca. Augusto Cordeiro retirou a sua equipe da competição após a derrota de seu aluno Antonio Croff para Hirofumi Fujikawa (MEDHLI..., 1964), sendo criticado pela imprensa especializada em judô (CASTRO, 1964b; OROTAVO JUNIOR, 1964a).

Ao encerrar o seu termo em novembro de 1965, Gilberto Pereira Menezes admitiu que desde 1963, sob o primeiro presidente Oswaldo Balucier, a Federação Guanabarina de Judô não cumpria os dispositivos legais para que a entidade funcionasse como uma federação. Ao assumir a entidade, Menezes sentiu que seus predecessores e, mesmo ele próprio,

negligenciaram culposa ou dolosamente os tramites legais da entidade. Por exemplo, sua sede, que deveria ser provisória, continuava funcionando no C.R. Flamengo (PRESIDENTE, 1965).

A desorganização não impediu que a Federação Guanabarina voltasse a ter destaque no XI Campeonato Brasileiro de Judô, em Brasília, promovido pela CBP e organizado pela Federação Metropolitana de Judô de Brasília. O melhor lutador da competição foi o representante carioca Medhi, que venceu o título dos pesados e do 4º *dan*. Goro Saito foi o campeão absoluto e, na competição por equipes, venceu a equipe de São Paulo, tendo como vice-campeã a equipe da Guanabara e, em terceiro lugar, a equipe do Distrito Federal. Participaram da competição representantes de São Paulo, Guanabara, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Ceará, Goiás e Brasília (MEDHI..., 1964).

Durante o campeonato foi criada a Confederação Brasileira de Judô (CBJ). Em eleição realizada na sede da Federação Metropolitana de Judô de Brasília foi escolhido o major Monte Serrat como presidente da Confederação. O 1º vice-presidente era Lucio Moreira da Franca, 2º vice-presidente, Gentil Almeida Campos. Faziam também parte da diretoria, como Secretário-Geral, Francisco José Marques Helney, como 2º secretário, Yokihiro Watanabe, 1º tesoureiro, Takeshi Mizuno, e Diretor Técnico, Tatsuo Okochi (CRIADA..., 1964).

O presidente eleito, Monte Serrat, era o presidente da Federação Brasiliense de Pugilismo (LEAL, 1967), o 1º vice, Lucio Franca, era ex-presidente da Federação Paulista de Judô (FUNDADA..., 1958). Gentil de Almeida Campos, por sua vez, deixou a presidência da Federação Paranaense de Judô, que foi assumida por Rafael de Souza Pinto (COMANDANTE..., 1964). Com a direção técnica de Tatsuo Okochi, a diretoria da recém-formada CBJ era muito mais inclinada à influência da Kodokan do que a diretoria que se perpetuava na CBP.

Em 15 de junho, no Jornal dos Sports, o judoca e colunista Fernando Orotavo Júnior do Rio de Janeiro criticou a criação da entidade. Segundo ele, a ideia da criação da CBJ veio das federações Paulista, Mineira, Paranaense e Metropolitana (Brasília). Segue Orotavo Junior dizendo que a primeira tentativa de criação da entidade tinha suas raízes no Campeonato Brasileiro de 1963, em Belo Horizonte, e que Augusto Cordeiro tinha impedido o avanço da criação de uma Confederação de Judô naquele ano. Havia, em 1963, sido decidido que o assunto voltaria à tona somente após o Mundial de Judô no Rio de Janeiro. Segundo ele, a nova confederação não teria capacidade financeira para sustentar do judô brasileiro (OROTAVO JUNIOR, 1964b). Nesse sentido, o mesmo *status quo* que impediu a Federação Carioca de Judô de se efetivar, trabalhou para impedir a criação de uma CBJ que estivesse fora de seu comando.

Ato contínuo, a Confederação Brasileira de Pugilismo recorreu ao poder judiciário, através do advogado Cesar Augusto Dinis Chaves, para impedir a criação da entidade. E Paschoal Segreto Sobrinho passou a trabalhar ativamente para impedir a concretização da Confederação Brasileira (OROTAVO JUNIOR, 1964c).

Conforme todos já foram devidamente informados, inclusive através desta coluna, já existe uma Confederação Brasileira de Judô, ilegal, ilógica e fadada ao insucesso [...] Quando do Campeonato anual da Budokan, realizado em São Paulo, a cerca de quinze dias, os judoístas guanabarinós que a este compareceram, foram surpreendidos com alegações de alguns menos informados desportistas bandeirantes, que a nova confederação tinha como um dos seus objetivos principais o controle das verbas que as entidades governamentais destinam anualmente para o incremento e desenvolvimento do esporte do tatame, culminando tais assertivas com a ventilação da hipótese de estar a CBP desviando tais verbas e não aplicando-as devidamente. [...] com todas estas despesas vultosas e muitas outras relativas a organização burocrática imprescindível da Assessoria do Judô da Confederação, o montante destas operações ultrapassa em muito as verbas destacadas para o Judô, o que vem a provar, mais uma vez, estar a CBP empenhada atualmente num maior incremento e divulgação do nosso esporte. Como agora, a pretexto de não sei o que, podemos admitir que maldosos e iludidos venham lançar a suspeita da desonestidade sobre nomes tão ilustres e conceituados no cenário esportivo patricio? (OROTAVO JUNIOR, 1964f, Segundo Caderno, p. 1).

Em entrevista para a Revista do Esporte, Augusto Cordeiro comentou a criação da CBJ em 1964, e revelou como interviu para que a criação da Confederação não se concretizasse:

Quando soube do ocorrido, dirigi-me aos Srs. Álvaro Loureiro, presidente da Federação Mineira, major Gentil, do Paraná, e Ozon, de São Paulo, fazendo ver a infantilidade com que agiam, fundando uma entidade sem termos condições ainda para arcarmos com essa responsabilidade [...] mostrei-lhes que seria necessário que as federações fossem fortes e organizadas para poderem, então, fundar uma entidade de âmbito nacional. E tudo ficou como dantes... (BATISTA, 1964, p. 20).

A CBP foi bem-sucedida em impedir a fundação da CBJ, e propôs entregar a administração do judô nacional a uma entidade própria após o III Campeonato Mundial de Judô no Rio de Janeiro. Os principais nomes responsáveis pela organização do judô pela CBP nesse período eram Rudolf Hermann e Vicente Leitão da Rocha (ZULEIDA, 1965). Cabe reportar

que o representante da modalidade de Judô no Conselho Nacional de Desportos, em 1964, por um breve momento, tenha sido Hermann (LUVAS..., 1964).

Enquanto a comunidade do judô esperava pela criação da CBJ, em julho de 1964 o Brasil recebeu pela terceira vez a visita de Sumiyuki Kotani. Em visita de inspeção, Kotani e Kawamura checaram as instalações para o mundial de 1965 que ia ser sediado no Rio de Janeiro. Os dois membros da Federação Japonesa de Judô e da Federação Internacional de Judô, encontraram-se com algumas das principais lideranças do judô nacional como Augusto Cordeiro, Rudolf Hermann, Luis Alberto Mendonça, Katayama, Kihara e Tani, para um almoço, assim que chegaram e, prosseguiram nos dias posteriores, sua avaliação do Brasil como sede do mundial (OROTAVO JUNIOR, 1964e). Confirmando, posteriormente, o Rio de Janeiro como sede do Mundial (CONFIRMADO..., 1964).

No mesmo ano, ocorreram os Jogos Olímpicos. Lhofei Shiozawa foi o único atleta brasileiro enviado à competição. Na primeira luta, derrotou o costarriquenho Rafael Barquero e, na segunda, o austríaco, Alfred Redl, sendo eliminado na terceira luta para o coreano Eul Tae Kim. Na categoria de Shiozawa, o vencedor foi Isao Okano (SHIOSAWA..., 1964).

Iniciando os preparativos para a participação no Mundial do ano seguinte, em dezembro de 1964, normas foram estabelecidas pelo Conselho Diretor da CBP, para o preparo dos atletas brasileiros para o IV Campeonato Mundial de Judô a ser realizado no Rio de Janeiro em 1965. Entre estas, estava a criação de uma comissão técnica integrada por Tatsuo Okochi, Yoshio Kihara, Sobei Tani, Augusto Cordeiro, Edgar Ozon, Rudolf Otero Hermann e Vicente Leitão da Rocha. Passou a ser atribuição dessa comissão supervisionar o processo de seleção dos atletas para o campeonato, e o treinamento desses atletas (CBP..., 1964).

O Campeonato Mundial de 1965 no Rio de Janeiro ocorreu no ginásio do Maracanãzinho, na categoria de leves venceu Masuda do Japão, e Geesink da Holanda venceu os pesados. Isao Inokuma foi o grande vencedor do evento ganhando o título na categoria absoluto. Segundo as notícias, o campeonato foi um dos mais desorganizados campeonatos esportivos de expressão internacional realizados no Rio de Janeiro. Goro Saito foi o representante brasileiro com a melhor colocação, perdendo para o campeão Inokuma na segunda luta que disputou (JUDÔ..., 1965).

A organização do campeonato pela CBP não se viu livre de críticas. Entretanto, os órgãos de controle do esporte trabalharam para que todas as críticas fossem contestadas. Em agosto de 1966, foi publicada no Jornal do Brasil, matéria sobre a retratação de Soshihiro Yamamoto, frente seus comentários para a revista da Kodokan, em janeiro, relativos à organização do campeonato Mundial de Judô no Rio de Janeiro. Yamamoto, que possuía

academia de judô no Rio de Janeiro, se viu na necessidade de se retratar publicamente, apesar de manter a posição de suas críticas técnicas à execução do campeonato pela CBP. Os problemas de execução eram as principais críticas de Yamamoto fora a falta de debate sobre a execução do campeonato, se referindo à organização do certame como se tivesse ocorrido de forma “secreta” (CONFEDERAÇÃO..., 1966).

Passado o Mundial, começaram as expectativas com relação à criação da CBJ durante o Campeonato Brasileiro. Enquanto a semana do Campeonato Brasileiro servia para diversos congressos (pleno, técnico), aproveitando a reunião promovida pelo campeonato para tratar dos assuntos relacionados ao judô brasileiro, em 1965 a CBP convocou uma reunião com todas as federações filiadas para discutir o estatuto da Confederação Brasileira de Judô. Orotavo Junior, da Academia Haroldo Brito, em sua coluna para o Jornal dos Sports, questionou novamente a criação da entidade, ainda que esta fosse uma promessa de Paschoal Segreto Sobrinho, para o ano de execução do Mundial de Judô no Rio de Janeiro. Criticando as federações regionais, Orotavo Junior afirmou que era preciso primeiro que as federações se organizassem elas mesmas para que a criação da CBJ acontecesse de maneira ideal, porquanto a pressa de independência da CBP não era positiva. O colunista sugeriu postergar a criação da CBJ para 1966 (OROTAVO JUNIOR, 1965).

Em outubro de 1965 começaram as discussões sobre o local onde a Confederação Brasileira de Judô iria ser instalada. O Decreto-lei 3.199 estabelecia que a sede deveria ser no Distrito Federal, agora Brasília, mas começou uma articulação política nos bastidores para que a sede fosse na Guanabara (ANIZ..., 1965). Evidenciando a tentativa dos membros da CBP, com sede no Rio de Janeiro, em manter o controle do judô brasileiro, mesmo após a fundação da CBJ.

O deputado Aniz Badra ocupou a tribuna da Câmara dos Deputados para reclamar da escolha do Rio de Janeiro como sede. Disse que, apesar de errado, era compreensível que Confederações que já existiam na Guanabara ainda permanecessem na cidade, entretanto, isto não poderia ser admitido em uma Confederação nova, que estava sendo criada (ANIZ..., 1965).

14.2 O caminho para a independência da Confederação Brasileira de Judô

Em 1960, dizia Hermannny que inúmeras tentativas foram feitas no sentido de unir o judô brasileiro em um organismo único. Nas reuniões que se estabeleceram, se notava a grande diferença de pontos de vista entre os diversos grupos (HERMANNY, 1960d). Chegou o ano de

1966 e perdurava a desunião, e com isso o judô brasileiro continuava sem uma Confederação Brasileira independente.

No ano de 1966, o principal líder da Kodokan no Brasil, Tatsuo Okochi, faleceu. Em maio de 1966, a CBP resolveu instituir o troféu Tatsuo Okochi, reconhecendo seus relevantes serviços prestados. O troféu era disputado anualmente no Campeonato Brasileiro de Juvenis. A entidade com o maior número de campeões ficaria com o troféu, e o nome de cada entidade que tomasse posse do troféu seria inscrito nele, com o nome da equipe e o ano da conquista (RESENHA..., 1966).

Com a morte de Okochi, Yoshio Kihara assumiu a liderança da Kodokan do Brasil. Em resposta às críticas de desunião do judô brasileiro, Vicente Leitão da Rocha criticou Katayama, membro da Kodokan do Rio de Janeiro, bem como Yamamoto, Kihara, e a antiga divergência entre a Kodokan e a Budokan. (VICENTE..., 1966).

Analisando a desunião atribuída ao judô nacional no âmbito de São Paulo, vamos encontrar dois centros que se chocam e que buscam a sua liderança: a Budokan, dissidência da Kodokan, que sob a direção do professor Ogawa congrega grande número de filiados, e a Kodokan, que sob a orientação atualmente do professor Kihara reúne também grande número de filiados. Claro está, que estas duas associações não são dirigidas por brasileiros e que a grande maioria de seus filiados é de japoneses e de filhos de japoneses. [...] É verdade que o nosso judô é fraco, todos o viram em 1965 por ocasião do Campeonato Mundial. É verdade que temos inflação de academias montadas sem satisfazerem as condições sob vários aspectos, é verdade que possuímos professores que são verdadeiros embusteiros no que se propõem a professar, mas nada disso nos obriga a aceitar engodos e a fazer vista grossa quanto às verdadeiras intenções dos representantes da Kodokan. (VICENTE..., 1966, p.18).

Em abril de 1966, Paulo Monte Serrat Filho, presidente da Federação Metropolitana de Judô de Brasília, que havia sido eleito presidente da CBJ na primeira tentativa de fundação da organização, deixou a presidência da Federação Metropolitana de Judô de Brasília. Em seu relatório de saída, destacou Monte Serrat que, com três anos em existência, a federação de Brasília existia sem qualquer auxílio da CBP. E mais, fazia ressaltar os empecilhos que a CBP colocava ao desenvolvimento da federação, seja por si mesma, ou através da Federação Brasiliense de Pugilismo, tentando, inclusive, assumir a direção do Campeonato Brasiliense de Judô, e ameaçando com punição de suspensão os atletas que participassem da competição (CONCLUSÃO..., 1966).

Estes empecilhos, disse Monte Serrat, tiveram por objetivo invalidar a criação da CBJ em maio de 1964, em Brasília, presentes os presidentes das federações Paulista, Mineira, Paranaense e Metropolitana. A partir daquele momento, a CBP passou a usar de todos os instrumentos que tinha à sua disposição para negar a existência das federações Metropolitana e Paranaense de Judô. Isso porque, invalidando estas federações, anularia a criação da CBJ dado que não haveria o número mínimo de entidades regulamentares para a fundação de uma federação, pelo que versava a lei 3.199 (CONCLUSÃO..., 1966). Foi somente após a saída de Monte Serrat do cargo de presidente que, em junho de 1966, a CBP concedeu filiação à Federação Metropolitana de Judô de Brasília, que passou a dirigir o judô no Distrito Federal (JUDÔ, 1966b). Havia, portanto, controle total da CBP sobre a formalização das federações regionais e, a aceitação da regularização passou a ser usada como ferramenta de pressão política.

No que tange às relações mantidas pelas demais regiões com a CBP, em abril de 1966, a CBP deu cumprimento à decisão do Conselho Nacional de Desportos e informou à recém-formada Federação Cearense de Judô as adaptações necessárias ao seu estatuto para efetivar sua filiação, e ter seu reconhecimento oficializado (JUDÔ, 1966b).

Dada a ingerência da CBP sobre o judô regional, para o Campeonato Brasileiro de 1966, as federações do Paraná e de Goiás se negavam a notificar se participariam ou não da competição. Paschoal Segreto informou que havia enviado várias comunicações a Germano Baer, presidente da Federação Desportiva Paranaense, sem receber resposta (SILÊNCIO..., 1966). Isto parece demonstrar, não somente o mau relacionamento da CBP com a liderança do judô paranaense, como sua tentativa de invalidar a Federação Paranaense de Judô ao contactar a Federação Desportiva Paranaense, sugerindo que esta, e não aquela, é quem geria o judô no estado.

No Campeonato Brasileiro de 1966, pode-se observar muita reclamação com relação aos juízes da competição. É marcante que os árbitros não fossem somente acusados por sua má performance, mas por intencionalmente fazer prevalecer os lutadores de suas federações regionais (JUÍZES..., 1966).

Kihara, de São Paulo, árbitro que os próprios membros da Federação Paulista consideraram “desonesto”, e Nimonia (sic) de Brasília, realizaram uma violenta luta para ver quem conseguia mais vitórias para os judoístas de seus Estados, sendo bem auxiliados pelo juiz da Federação Mineira, Iwafune, que logo tirava os cariocas da disputa. (JUÍZES..., 1966, p.8).

Conta a matéria que, ao final da competição, a delegação carioca organizou um “verdadeiro carnaval”, reclamando das decisões, no Minas Tênis Clube e, durante a entrega do troféu aos vencedores, levantaram-se Leopoldo de Lucas, Shunji Hinata, Orlando Duarte e Osvaldo Duncan, e cantaram “Cidade Maravilhosa” (JUÍZES..., 1966). Nota-se que a suspeita do jornal carioca recaiu sobre os membros das três federações estaduais, entre as quatro no total, que formaram o grupo de fundação da CBJ em 1964.

Os resultados para as faixas-pretas foram os seguintes: no peso pena o vencedor foi Takafushi Nishida, de São Paulo; no peso leve Takeshi Miura, de Brasília; no peso médio Lhofei Shiozawa, representando Brasília; no meio-pesado, Koki Tani, de São Paulo; no pesado, Alvaro Loureiro, de Minas Gerais. Com relação às equipes, as quatro primeiras colocadas foram São Paulo, com 65 pontos, Brasília, com 44, Guanabara, com 39 e Minas Gerais, com 29 (JUÍZES..., 1966).

O Campeonato Brasileiro passou a contar, também, com a participação da Federação Fluminense de Judô, representando o Estado do Rio de Janeiro. Em 1964 a Federação Fluminense de Desportos começou a reunir as academias de judô de Niterói, com o objetivo de organizar o judô no estado do Rio de Janeiro (ASSESSORIA..., 1964). No ano seguinte, em 1965, Edu Francisco Magdalena buscou a oficialização da Federação Fluminense de Judô, com a necessária homologação do estatuto pelo CND (FEDERAÇÃO..., 1965). A partir daí, a Federação Fluminense de Judô iniciou as atividades, de maneira ainda não oficial, realizando competições no Rio de Janeiro (PÚBLICO..., 1965). Em novembro, Tokio Mao ingressou na Federação Fluminense de Judô, e passou a exercer a função de auxiliar no Departamento Técnico juntamente com Nagashima (GRANDE..., 1965).

Com relação à oficialização da organização, em agosto, Paschoal Segreto, presidente da CBP, oficiou à Federação Fluminense de Desportos, exigindo providências contra o funcionamento da Federação Fluminense de Judô, impedindo o funcionamento regular da federação (CONFEDERAÇÃO..., 1965). Entretanto, em novembro, a CBP, designou um relator para o pedido de filiação da Federação Fluminense de Judô (GRANDE..., 1965). Isto redundou na oficialização da Federação Fluminense de Judô que, a partir de então, passou a participar da competição nacional de judô.

O número de regiões que participavam do Campeonato Brasileiro continuou progressivamente crescendo, mas, passado mais um ano, a criação da CBJ se arrastava e, nada parecia que iria mudar. A esperança de que a questão fosse tratada no campeonato seguinte também não se concretizou. O número de federações de judô independentes ainda era pequeno e, no final da década de 1960, fora dos centros principais, a CBP ainda exercia elevada

influência sobre as federações pugilísticas locais, como por exemplo, em Pernambuco (NO GINÁSIO..., 1967; ALCANÇOU..., 1968).

Enquanto havia impasse na situação política interna, o judô brasileiro continuou vencendo nas competições internacionais. As medalhas do Brasil no Pan-Americano de 1967 vieram através de Takeshi Miura, de Brasília, e Akira Ono, filho de Yasuichi Ono, que venceu na categoria de pesos penas. Lhofei Shiozawa ficou com a prata nos pesos médios (JUDÔ..., 1967b).

No Campeonato Brasileiro de 1967, a competição contou com a participação de equipes de nove estados: Guanabara, São Paulo, Paraná, Brasília, Estado do Rio, Ceará, Goiás, Pernambuco e Minas Gerais. A equipe com melhor colocação foi a da Guanabara. Os campeões foram: Liogi Suzuki (Paraná) na categoria peso pena, Santo Marzullo (Guanabara) nos leves, Lhofei Shiozawa (representando Brasília) nos médios, George Medhi (Guanabara) no meio-pesado e Durval (São Paulo), no pesado (JUDÔ..., 1967c).

No evento desse ano, um artigo do jornal Diário de Notícias afirmou que, Paschoal Segreto se dedicou ao judô de tal modo, que não havia quem pudesse substituí-lo para administrar o judô brasileiro. Não havia um líder no judô, dizia a matéria (JUDÔ..., 1967d). Refletindo a influência que Segreto tinha não somente nos meios pugilísticos, como também, sobre a imprensa carioca.

Somente em outubro de 1968 os últimos acertos para a realização da eleição da primeira diretoria da CBJ iniciaram, na sede da CBP, com a discussão final dos estatutos sendo realizada com a presença de presidentes e representantes de todas as filiadas. Já havia negociações para a escolha de Paschoal Segreto Sobrinho para ser o primeiro presidente, e que a sede fosse na Guanabara. Como vices, despontavam, naquele momento, os nomes de Jorge Luís de Souza e Silva, e Edgar Ozon. O evento marcava, finalmente, a emancipação do judô, então há dezessete anos sob controle da CBP (NORTE..., 1968).

Após as discussões, a expectativa era que a oficialização da CBJ ocorreria durante o Campeonato Brasileiro. Londrina foi a sede do Campeonato Brasileiro de Judô, cidade sede da Federação Paranaense, sob a presidência de Jaime Matsuo Kwamoto (BRASILEIRO..., 1968). Naquele ano, o Campeonato Brasileiro de Judô contou com a participação das seguintes delegações: São Paulo, Brasília, Guanabara, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Ceará, Paraná, Pernambuco e Rio Grande do Sul. O melhor atleta da competição foi Lhofei Shiozawa, conquistando o título nas categorias absoluto e médios, representando Brasília. Haruo Nishimura e Takayuki Nishida venceram as categorias meio-pesado e pena, respectivamente, representando São Paulo. Santo Marzullo venceu nos leves, representando a equipe da

Guanabara. Teve destaque, também, Odair Borges, vice-campeão nos médios, perdendo somente para o campeão Shiozawa (PAULISTAS..., 1968). O anúncio de oficialização da CBJ, novamente, não ocorreu.

Em novembro, notícia veiculada em O Jornal, do Rio de Janeiro, comunicou que foi convocada uma assembleia geral pela Federação Guanabarina, Federação Fluminense e Federação Metropolitana de Judô na sede da CBP para tratar da criação da CBJ (JUDÔ..., 1968b). Foi então que no ano seguinte, no dia 18 de março, foi finalmente fundada a CBJ, na cidade do Rio de Janeiro (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2007).

A partir do andamento da criação da CBJ, os principais grupos em que se dividiu o judô nas décadas anteriores, Kodokan, Budokan, Ono, ainda que realizassem competições paralelas, se diluíram definitivamente ao corpo da estrutura burocrática vigente do judô brasileiro. Durante a década de 1960, a Kodokan do Brasil continuou ajudado a organizar os Campeonatos Brasileiros de Jûkendô da Associação Nova Brasileira, presidida por Shiro Endo (OROTAVO JUNIOR, 1964d). Foi possível verificar a existência dessas competições, através dos jornais, do início dos anos 1960 até 1967 (TORNEIO..., 1961; HERMANNY, 1961b; SELEÇÃO..., 1961; JUDÔ..., 1961a; JUDOCAS..., 1961; O MOMENTO..., 1962; RESENHA..., 1962; OROTAVO JUNIOR, 1964g; JUDO..., 1964; JUDÔ..., 1967a).

No caso da Budokan, a década de 1960 foi marcada pela transferência do comando da Budokan, de Ryuzo Ogawa para seu filho, Matsuo (VIRGÍLIO, 2002a). As competições da Budokan, ainda atraíam por vezes, tanto no início da década de 1960 (O JUDÔ..., 1961; TOMA..., 1961; JUDÔ..., 1961b) como ao final (JUDÔ..., 1969a; SHOW..., 1970), mais participantes do que as competições da Federação Paulista e, se mantiveram como uma das principais competições de judô do país. De tal forma os torneios da Budokan eram conhecidos que, em 1964, esteve presente à competição da Budokan o 3º *dan* Francisco Castela, jornalista argentino, vindo ao Brasil interessado em conhecer a situação do judô brasileiro (ZULEIDA, 1964). Naquele ano, a competição da Budokan contou com a presença de Kawakami, que já não participava com frequência das competições das federações, e venceu na categoria 4º *dan* (OROTAVO JUNIOR, 1964d). Segundo Virgílio (2002a), a partir de 1962, Ryuzo Ogawa deixou de participar das atividades diárias da Budokan, depois de completar oitenta anos. Nos oito anos seguintes, dedicou-se aos netos, e assistiu a Budokan prosperar.

Ainda que tais competições continuassem, de maneira geral, estas organizações já não mais disputavam espaço como concorrentes das federações locais, ou com a CBP, pelo controle do judô. A única iniciativa a realizar uma atividade paralela à CBP, nesse período, foi a *Dai Nippon Butokukai* da América Latina. A *Dai Nippon Butokukai* da América Latina surgiu a

partir da Associação dos Faixas Preta do Brasil, que tinha como liderança os dissidentes da Kodokan do Brasil. Sob a liderança de Naito e Terazaki, ainda que tivesse sede no estado de São Paulo, a *Dai Nippon Butokukai* da América Latina absorveu igualmente a estrutura da Associação de Faixas Pretas da Guanabara, criada em 1961 (CRIADA..., 1961).

Ainda que no passado tenham sido membros da Kodokan do Brasil, que se reunia sob a liderança de Tatsuo Okochi, é possível observar que Naito e Terazaki passaram a se dedicar mais à Associação de Faixas Pretas que presidiam. Segundo Kotani (1984), em 1958, a divergência entre os grupos já era evidente. Assim explicada por Ishii (2015):

Conforme a narração do senhor Katsuhiko Naito, o senhor Okochi e o senhor Naito eram muito amigos. Respeitavam-se mutuamente como judocas e esportistas. Entretanto, as pessoas que os apoiavam é que andaram caluniando-os e romperam a amizade dos dois. (ISHII, 2015, p.49).

Ainda segundo Ishii (2015), após Naito deixar de fazer parte da Associação de Faixas Pretas da Kodokan, a Jûkendô da Linha Central (liderada por Naito e Terazaki) ligou-se à Butokukai, e começou a emitir graduações pela entidade. Assim Naito recebeu o estigma de líder do movimento anti-Kodokan (ISHII, 2015).

A Butokukai da América Latina parece ter suas primeiras aparições nos jornais brasileiros em 1968 (PEREIRA, 1968). “Foi convidado para participar e prestigiar o ato, o prof. Tokuzo Terazaki, faixa preta 9º grau, e presidente da Federação para toda América Latina da “Budoku Kai”” (ACADEMIA..., 1968b, Quinto Caderno, p.2).

Como pode ser observado pelas matérias, a Butokukai da América Latina, de fato, passou a emitir graduações no Brasil. Em setembro de 1969, foram realizados exames na Associação Santista dos Faixas-Pretas, sob a supervisão da “Dai Nippon-Budoku-Kai” da América Latina (JUDÔ, 1969b). Em novembro, na Associação dos Advogados de Santos, houve um evento de judô entre academias com o comparecimento tanto do presidente da “Dai-Nippon Budo-kai” para América Latina, Tokuzo Terazaki, com comitiva de Suzano, como Osvaldo de Souza Mendes, representante da Federação Paulista de Judô (AAS..., 1969). No ano seguinte, também em Santos, foi realizado o II Torneio da Bandeira promovido pela “Dai Nippon Budoku-kai” da América Latina, e pela Associação dos Faixas Pretas de Santos, além da Academia de Judô Terazaki de Suzano e SESC de Santos (MUITOS..., 1970).

Dado que, neste período, a outorga de graduações e a promoção de competições tinha se estabelecido como exclusividade das federações e da CBP, as ações da Butokukai da América Latina como organização paralela foram notadas pela CBP, que veio a público afirmar

que as ações da Butokukai da América Latina não tinham legitimidade frente às organizações do judô brasileiro (JUDÔ..., 1972d).

Chegou o ano de 1969 e a CBJ apesar de ter sido fundada ainda funcionava de maneira restrita e não oficial. Foi então que faleceu o comandante máximo da CBP, Paschoal Segreto Sobrinho. Sepultado às 12 horas do dia 16 de agosto, Paschoal Segreto Sobrinho faleceu perto de Nápoles, Itália, vítima de enfarte. Paschoal exerceu por 28 anos a presidência da CBP (PASCHOAL..., 1969). A partir dali as organizações das lutas perdiam o mais influente agente político do pugilismo brasileiro.

A edição de 1969 do Campeonato Brasileiro de Judô ocorreu no mês seguinte à notícia do falecimento de Paschoal Segreto. A competição ocorreu em Brasília, Lhofei Shiozawa alcançou a primeira colocação nas categorias médio e absoluto no XVI Campeonato Brasileiro de Judô (SHIOZAWA..., 1969). Foi somente no ano seguinte que reiniciaram as discussões sobre a oficialização da CBJ.

Em julho, durante o I Campeonato Brasileiro Juvenil, foram apreciadas e votadas modificações para os estatutos da CBJ (JUDÔ, 1970b). Ainda, ficou a encargo da CBJ, atendendo às determinações da FIJ, divulgar a delegação brasileira para o Campeonato Sul-Americano (JUDÔ, 1970d). Entretanto, a CBP continuou supervisionando as competições. O Campeonato Pan-Americano em Londrina, por exemplo, foi organizado pela Federação Paranaense de Judô e pela CBP (MACKENZIE..., 1970; JUDÔ, 1970c). Além disso, as principais notificações sobre eventos e regulamentações eram feitas pela CBP (JUDÔ, 1970e).

No mesmo ano, o movimento de independência alcançou outras federações regionais de pugilismo e, em assembleia geral, o desligamento do judô da Federação Riograndense de Pugilismo foi oficializado em 1970, bem como a eleição da diretoria provisória e apresentação do estatuto (DESLIGAMENTO..., 1970; AO PREFEITO, 1970). O presidente da Federação Riograndense de Pugilismo apresentou Ricardo Gaston, candidato à presidência da Federação de Judô do estado, ao prefeito de Porto Alegre (AO PREFEITO, 1970).

No ano seguinte, ainda ficou sob responsabilidade da CBP divulgar o calendário de 1971, e convocar os judocas ao Campeonato Juvenil em Recife, ao Sul-Americano Juvenil em Belo Horizonte, Minas Gerais, ao Brasileiro de Adultos em Salvador na Bahia, e a participação no Mundial em Ludwigshafen, na Alemanha Ocidental (CBP..., 1970). A supervisão da CBP para os exames de faixas regionais se manteve, como em São Paulo para promoção de 4º e 5º *dan* que contou com a banca de examinadores da CBP: Kihara, Yamamoto, Cordeiro e Hermanny (NOTÍCIAS..., 1971).

Em 1971, houve uma nova eleição para a diretoria da CBP. Considerando-se o falecimento de Paschoal Segreto Sobrinho em 1969, este era um momento novo para a entidade que permaneceu por tantos anos sob uma mesma direção. O presidente escolhido para a entidade foi Alvaro Onety Figueiredo, além disso, Gaetano Segreto, da família de Paschoal Segreto Sobrinho, foi eleito membro efetivo. Para o conselho fiscal, Martinho Segreto, outro membro da família, foi eleito suplente. Jamil Nasser, antigo vice-presidente da CBP, e personagem relevante para a administração do judô foi eleito membro efetivo. Ainda, entre os dirigentes relacionados ao judô, Almir Ferreira de Almeida foi eleito para a Comissão de Assuntos Internacionais, Legislação e Consulta e, para a diretoria do judô foi escolhido Rudolf Hermann (PUGILISMO..., 1971a).

Em outubro do mesmo ano, o Presidente da CBP Eurico de Andrade Neves Filho, destacou a importância da participação do Brasil no torneio de judô nos Jogos Olímpicos de Munique no ano seguinte (PUGILISMO..., 1971b). Da publicação do calendário da CBP para 1972 pode-se perceber que a organização mantinha o controle sobre todas as modalidades de luta no Brasil, como: o boxe, o judô, o sumô, o karatê, a capoeira, e a luta-livre olímpica (UM CALENDÁRIO..., 1971). Em termos de competições internacionais para o judô em 1972, no Pan-Americano, Washington de Oliveira foi campeão na categoria pesados. Chiaki Ishii foi campeão dos meio-pesados (JUDÔ..., 1972b). Na sequência, nos Jogos Olímpicos de Munique, Ishii conquistou a primeira medalha (bronze) olímpica para o judô brasileiro (ISHII..., 1972).

Com relação às questões organizacionais, em junho de 1972, o Conselho Regional de Desportos suspendeu a Federação Metropolitana de Judô de Brasília, para a surpresa de seus associados (GOLPE..., 1972). Por outro lado, foi oficializada a Federação Baiana de Judô, com sua homologação assinada em 24 de julho pelo Ministro da Educação e Cultura. Ainda, a CBP enviou ao Conselho Nacional de Desportos a documentação referente à criação da Federação Cearense de Judô (DEPOIS..., 1972). Por fim, em setembro de 1972 foi reconhecida a CBJ em âmbito nacional como controladora legítima do judô brasileiro (JUDÔ, 1972c; TUDO..., 1972).

O Governo Federal, nos termos do decreto assinado pelo presidente Medici, reconheceu a Confederação Brasileira de Judô, que fica assim constituída na forma do Estatuto aprovado pelo Conselho nacional de Desportos e homologado pelo Ministro de Educação e Cultura. (VARIAS, 1972, Segundo Caderno, p. 7).

Em novembro de 1972, quando ocorreu o Campeonato Brasileiro de Judô após o reconhecimento da CBJ, a expansão que a modalidade atingiu no país ficou evidente. Além da Bahia, sede do evento, estavam inscritas as seguintes federações regionais: Guanabara, São

Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Sergipe, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Pará, Amazonas, Espírito Santo, Maranhão e Brasília. O presidente da recém-fundada Federação Baiana era o capitão Hemetério Chaves Filho (BRASILEIRO..., 1972.). Lhofei Shiozawa (5^o dan) anunciou sua aposentadoria, após vencer a categoria absoluto no campeonato, vencendo, também, a categoria dos médios. Além disso, comunicou que estava de mudança para a Bahia, onde abriu uma academia de judô. Na categoria dos leves, venceu Uitiro Umakakeba, nos meio-pesados, venceu Virgílio Castro e Moura. Mauro Roberto Junqueira, de Brasília, foi o campeão dos pesos pena. Nos pesados, o primeiro lugar ficou para o baiano Osvaldo Cupertino. Marzullo, ao lutar nas classificatórias com Nassef, ofendeu-o ao perder a luta. Negou-se a cumprimentá-lo como de praxe, voltando-lhe as costas. Fora do tatame, Nassef foi tirar satisfação sobre o ocorrido e os dois começaram uma briga, sendo separados por policiais do exército (SHIOZAWA..., 1972).

Em dezembro, após o campeonato, a CBJ já aparece nos jornais como entidade administradora do judô no Brasil, em pleno funcionamento. Sua diretoria foi eleita através dos votos das federações de Brasília, São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Guanabara, Bahia, Rio Grande do Sul, Goiás e Minas Gerais, que elegeram Augusto Cordeiro para a presidência (JUDÔ..., 1972e).

A primeira diretoria eleita tem na presidência Augusto de Oliveira Cordeiro, na 1.a vice-presidência, Rudolf Theodoro Hermany e, na 2.a vice-presidência, Jamil Kalil Nasser. O Superior Tribunal de Justiça Desportiva conta com Paulo Rudemar Falcão, Erasmo H. M. Lopes, João Gomes de Oliveira, Ismael Correia, Caetano Secreto, Jorge Luis Silva, Euripedes Alexandrino Fenotas, almirante Thomaz Alves Sírío e Itamar Barbalho; Conselho Fiscal, coronel Nelson de Freitas Albuquerque, Cristiano Muller Leal e Paulo Rocha. (JUDÔ..., 1972e, p. 11).

Dados os nomes daqueles que foram eleitos para as diretorias e conselhos da CBJ, fica claro que eram os mesmos dirigentes que controlavam o judô através da CBP e do Conselho Nacional de Desportos. Portanto, a CBJ, ainda que tenha iniciado, a partir daí, um período de independência da CBP, é uma independência ainda capturada pela continuidade da mesma administração que se perpetuou por décadas no comando da predecessora. Parece provável que os antecedentes políticos do período de independência, e a forma como esta se estabeleceu, tenham sedimentado as bases para o estabelecimento do que Mazzei e Cruz (2015) denominaram de período de “escuridão” do judô brasileiro, que durou entre os anos de 1979 e 2000, marcado pelo amadorismo, autoritarismo e corrupção (MAZZEI; CRUZ, 2015).

15 O JUDÔ BRASILEIRO COMO ESPORTE MODERNO

15.1 A esportivização do judô brasileiro

A transição da década de 1950 para a década de 1960 é, também, o período em que o judô brasileiro começou a adquirir uma orientação mais esportiva. O trabalho de Allen Guttman fornece uma aplicação importante da tese da racionalização ao analisar o esporte moderno. Guttman propôs sete características que podem ser usadas para analisar o esporte moderno quando comparado ao esporte de outros momentos históricos: secularismo, igualdade, especialização, racionalização, burocratização, quantificação e busca pelos records (GUTTMANN, 1978; GUTTMANN, 2001)

Ao aplicar o modelo de Guttman para o caso do judô, Carr (1993) aponta algumas questões relevantes para a análise. Primeiramente, com relação ao secularismo, existe um distanciamento do judô dos princípios filosóficos deixados por Jigoro Kano, o que o aproxima cada vez mais de outros esportes ao tornar-se mais culturalmente indistinto. No caso do conceito de igualdade, aponta que havia um objetivo de integração de classes preconizado por Kano, e que existiria uma barreira econômica baixa para a prática, além de salientar as barreiras encontradas na participação feminina na modalidade. Em termos de especialização, há um distanciamento nas esferas da competição, do ensino e da administração, além de uma ênfase na especialização técnica com a tendência de competidores tornarem-se especialistas em um número reduzido de técnicas. A racionalização pode ser observada em vários âmbitos do judô, se refletindo na competição em toda a cadeia de treinamento, seja em termos de método, como nas exigências em termos de profissionais especializados e conhecimento científico. No caso da organização burocrática, há hoje no judô um sistema mais complexo que na época de sua concepção, que passa dos menores clubes esportivos até a Federação Internacional.

Segundo Carr (1993), duas características estabelecidas por Guttman não são encontradas no judô: a quantificação e a busca por records. Isto se dá pela pouca existência de medidas objetivas aplicáveis à observância dessas duas características.

Em 1960, Rudolf Hermann, ainda antes da publicação do primeiro trabalho de Guttman (1978) sobre o tema, afirmou que o judô já estava sendo praticado com a única razão de vencer competições, se afastando de sua essência. Hermann defendeu, em artigo de 1960, que o judô deveria ser visto como mais que meramente um esporte, em coluna intitulada: “Será o Judô mais que um esporte?” (HERMANNY, 1960h).

Quando, como está tão generalizado, dedicamo-nos ao desporto com o **único fito de vencer competições, o aprimoramos apenas os recursos técnicos e táticos que nos levam a este objetivo**, abandonamos o que há de mais belo na atividade. E, em qualquer modalidade desportiva, estaremos agindo erradamente. [...] O que causa mais controvérsia dentro do judô é a questão relativa ao “**espírito do judô**”, tantas vezes **chamado para debelar inovações e alterações** que tendem a surgir dentro deste campo. Creio ser necessário atualizar um pouco este ponto [...] (HERMANNY, 1960h, p. 19, grifo nosso).

Com relação à especialização dos atletas, Hermannny assim descreveu a questão:

O grande problema dos praticantes de nossos dias reside na escolha das técnicas que melhor se adaptem às suas próprias condições físicas, a fim de **seguir um treinamento racional**. Cada judoista se **especializa em determinado número de golpes** e neles procura obter a maior eficiência. São raríssimos aqueles que dominam perfeitamente um vasto número de golpes, constituindo, portanto, exceções. (HERMANNY, 1960a, p. 7, grifo nosso).

Ao dizer que, por ter como único objetivo vencer competições, os atletas aprimoram somente recursos técnicos que os levam a vencer, há a evidência clara de uma especialização em determinados tipos de golpes pelos atletas naquele tempo. Hermannny descreveu, uma década antes de Guttman, a incidência da característica da especialização do judô moderno no Brasil. Ao retratar o “espírito do judô” como um problema, algo que deva ser descartado ou atualizado em favor de inovações, Hermannny retrata a característica do secularismo. A característica da racionalização é expressa quando Hermannny afirma que o grande problema dos praticantes naquele tempo era seguir um treinamento racional baseado na escolha das técnicas a partir da condição física individual. Dado que, como demonstrado neste trabalho, o judô brasileiro era controlado e regulado pela CBP, em uma estrutura que, claramente, a burocracia é sua mais evidente forma de legitimação, restaria discutir a questão da igualdade para compreender que, dentro das características do esporte moderno delineadas por Carr (1993), o judô brasileiro já se apresentava, apenas seis anos após o primeiro campeonato brasileiro, como um esporte tipicamente moderno, de acordo com a tipologia de Guttman (1978).

Ainda com relação à questão da desvirtuação do propósito essencial do judô em virtude do desenvolvimento de sua vertente competitiva, Hermannny coloca outras questões pertinentes, como o uso de regras e regulamentos, e “artimanhas”, para atingir melhores colocações. É nesse sentido que se destaca a vitória a qualquer custo, que legitima práticas antiéticas perpetradas

por professores e academias em favor de uma melhor colocação em competição, descreve Hermannny:

Outra fraude que compromete muito certos professores de judô é a de **permitir a seus alunos que disputem usando faixas de graduação inferior às reais, a fim de causarem melhor impressão ou serem incluídos em grupamentos de nível técnico mais baixo**, o que constitui fraqueza de caráter e falta de confiança em suas classificações. (HERMANNY, 1960e, p.19, grifo nosso).

Outra questão relevante ao debate sobre o que era o judô como esporte naquele momento é o debate entre a tendência ao amadorismo ou ao profissionalismo. Com relação ao amadorismo, diz Hermannny (1960b) que a questão do amadorismo e do profissionalismo, em termos do que separa os limites entre os dois tipos de praticantes, ainda não era bem regulamentada, havendo uma grande variação entre o entendimento dos dois termos entre diferentes modalidades. No caso do judô, por exemplo, não se permitia a qualquer um o ganho financeiro com lutas ou apresentações, entretanto, permitia-se que professores da modalidade participassem de competições. Com relação a essa última questão, a avaliação era de que o trabalho árduo para ensinar impedia o professor de manter a “forma de competição”. A grande questão ao redor do tema era garantir a igualdade de condições e a prática do fair play.

Um caso que exemplifica a subjetividade do conceito de amadorismo, ocorreu em 1961 quando a Academia Nipo-Brasileira de Judô teve seus atletas negados à inscrição no torneio de faixas verdes de judô pois a Federação Carioca de Pugilismo avaliou serem atletas profissionais de luta-livre, o que foi rebatido pela Nipo-Brasileira, afirmando que seus atletas eram amadores legalizados pela Federação Carioca de Pugilismo (NIPO-BRASILEIRA..., 1961).

Outra questão apresentada partindo do ponto de vista da especialização no judô está relacionada com os próprios componentes da estrutura organizacional, e na existência de treinadores especialistas, ou mesmo uma arbitragem especializada. Uma das discussões em que esta questão se encontra está no declínio da ideia de que uma pessoa com um *dan* (grau) mais elevado tenha automaticamente competência para treinar, arbitrar ou administrar competições em virtude do grau que alcançou no judô (GOODGER; GOODGER, 1980). Como pode ser observado, esta ideia começou a habitar a discussão do judô brasileiro, tão cedo quanto três anos após a realização do primeiro Campeonato Brasileiro de Judô em 1954. Ato contínuo, em 1970 começaram a se estabelecer as clínicas de arbitragem da CBP, ministradas por Rudolph Hermannny com o intuito de melhorar o nível técnico da arbitragem (CLÍNICA..., 1970).

Os problemas das arbitragens nas lutas de judô em todo o mundo, em particular aqui no Brasil, principalmente em torneios e campeonatos de grande importância é muito discutido. Apresentam, não raras vezes certas **divergências de ordem técnica no critério de julgamento** de um árbitro para outro. Naturalmente são critérios baseados em **fundamentos sólidos e definidos, mas que afinal não passam de pessoais**. Isto resulta em grande disparidade existente entre este ou aquele arbitro na contagem de pontos de uma luta, sendo uns bastante benevolentes e outros exageradamente rigorosos. [...] **Os árbitros são escolhidos entre os mais graduados judocas**. Apesar de aparentemente fáceis as regras são bastante complexas, demandando vasta experiência e conhecimento técnico de cada arbitro. [...] **Temos visto grandes figuras que integram os nossos meios desempenhando o papel de árbitro, caírem quase que no ridículo, tomando decisões imprecisas**. (JUDÔ..., 1957c, p.20, grifo nosso).

Segundo Goodger e Goodger (1980), o desenvolvimento da vertente competitiva tem repercussões na estrutura das regras aplicáveis às competições de judô. As mudanças nas regras do período pós-guerra tiveram duas tendências principais. Primeiro, a preocupação em aumentar o interesse no judô do ponto de vista do espectador e, em segundo lugar, a preocupação com a estrutura de pontuação e registro de pontos em uma competição. A questão não se refere unicamente à um aumento no nível de complexidade das regras, mas também aponta para um incremento da burocratização do judô como esporte.

15.2 A regulamentação da graduação no judô pela CBP

Outra questão relevante sobre o processo de domínio organizacional das federações sobre a prática do judô está relacionada a quem tem a autoridade ou legitimidade para graduar os praticantes de judô aos níveis mais altos. Esta é uma questão não somente que diz respeito ao controle da modalidade, como também uma questão de ordem financeira. Segundo Ishii (2015), por muitos anos, o valor arrecadado através da outorga de faixas e graduações era a principal receita das academias. Antes da guerra, a Jukendô possuía legitimidade para outorgar o *dan*, mas depois da guerra, com a extinção da Jukendô, cada academia passou a aprovar seus alunos e ofertar diplomas, e foi assim que a concessão de grau passou a ser a principal receita de uma academia. Foi somente em meados da década de 1960 que a CBP instituiu o seu sistema oficial de graduação, que contava com as faixas coloridas branca, amarela, laranja, verde, roxa e marrom, antes da faixa preta (DA ROCHA, 1967).

Como pode ser observado pelos jornais, no Brasil as cores das faixas eram diferentes da aplicada em pela Kodokan em Tóquio ao menos desde a década de quarenta. Justificava-se a questão afirmando que o mesmo ocorria em outros países. A Federação Brasileira de Pugilismo, antecessora da CBP com fundação na década de 1930, havia estabelecido cinco cores: branca, verde, roxa, marrom e preta (O JIU-JITSU..., 1949). Na década de quarenta, em São Paulo, observou-se a utilização ainda, de uma faixa vermelha para os mais jovens, segundo relato da Academia Ono (DEFESA..., 1944) e do clube E.C. Pinheiros (O JUDO..., 1945).

Em 1951, a hierarquia de faixas do judô é inicialmente apresentada pelos jornais, tal qual a estipulada pela Federação Brasileira de Pugilismo: faixa-branca, faixa-verde, faixa-roxa, faixa-marrom e faixa-preta. Segundo consta, chegar à faixa preta demandava pelo menos quatro anos de prática (A GRANDE..., 1951). Além disso, observa-se na época havia diferenciação entre as graduações ditas oficiais (as promoções ratificadas por instituições japonesas) e as não oficiais (dadas individualmente pelos professores no Brasil) (COLUNA..., 1951b).

No Japão, há classificação oficial e particular dos adeptos do judô. A classificação oficial é feita pelo Kodokwan (sic), de Tóquio, ou pelo Butokukwan (sic), de Quioto. A classificação particular é feita pelas escolas ou academias de judô particulares. (COLUNA..., 1951a, p. 8).

Ainda com relação às graduações no Brasil, na década de 1960, após terem sido iniciados os campeonatos da CBP, e as participações em eventos internacionais, a Confederação Panamericana de Judô (sob presidência de Augusto Cordeiro) fez uma consulta às entidades filiadas no sentido de regulamentar a concessão de faixas e graus. A CBP repassou a consulta às entidades nacionais que argumentaram diferentes pontos de vista. Uma, defendia que auferir *dan* era legitimidade do instituto Kodokan, outra que as graduações deveriam ser regulamentadas através da FIJ. Segundo Hermanny, estas respostas fugiam da realidade brasileira. Afirma Hermanny que já era “[...] hora dos judoistas começarem a se entender, dentro de bases nacionais e sem intervenções de outrem [...]” (HERMANNY, 1960d, p.17, Segundo Caderno).

Crítico da forma como eram feitas as graduações no Brasil, Hermanny, que na década de 1960 já gozava de prestígio no meio do judô, opinou sobre como as graduações vinham sendo realizadas no período até 1960. O fez através de sua coluna no Correio da Manhã, intitulada “Graduação no Judô:” “Esta classificação é arbitrária e seu valor é dependente da entidade que atribui os graus. Assim, temos, por aí, uma verdadeira inflação de faixas portadas por indivíduos que, absolutamente, não as merecem [...]” (HERMANNY, 1960c, Segundo Caderno, p. 19).

[...] academias altamente comercializadas, a graduação é, muitas vezes, usada apenas para explorar a vaidade dos alunos [...]. Há, ainda, os graus atribuídos por serviços prestados ao judô, que vêm sendo muito mal interpretados [...]. Outro mal que vem se desenvolvendo em nossos meios é o dos professores japoneses, em trânsito, procederem a exames sumários e pouco criteriosos, atribuindo mediante alguns dólares, diplomas que levam o rótulo do Instituto Kodokan, e que são, avidamente, disputados pelos exibicionistas da especialidade. (HERMANNY, 1960c, Segundo Caderno, p. 19).

O estabelecimento de um padrão para os exames de graduação ocorreu com a realização do Congresso Brasileiro de Judô em São Paulo nos dias 23 e 24 de novembro de 1963. Neste momento ficou estabelecida a sequência de cores já relatada: branca, amarela, laranja, verde, roxa, marrom e preta. Além disso, ficou decidido o programa para graduações com a especificação do conhecimento técnico e teórico mínimo para a evolução do praticante da faixa amarela à marrom (RESENHA..., 1963a).

Com relação à faixa-preta, ficou estabelecido que no exame o candidato deveria conhecer todas as técnicas exigidas para as graduações anteriores, ter condições morais inquestionáveis, ser capaz de demonstrar as técnicas de memória do 1º *kyo* do *Gokyo*, pela terminologia japonesa, o 2º, o 3º, e o 4º *kyo* do *Gokyo*; e pelo menos cinco técnicas do 5º *kyo* do *Gokyo*; além disso, demonstrar entradas, defesas básicas e escapadas para imobilizações, estrangulamentos e chaves articulares no solo. O candidato precisava saber, ainda, contra-golpes (*kaeshi*), técnicas de conexão-variação para 1º, 2º *kyo* e para pelo menos três técnicas do 3º *kyo* do *Gokyo*. Para ser promovido à faixa-preta era necessário demonstrar, também, condições para ensinar nos níveis básicos, experiência em arbitragem e julgamento de competições. A apresentação do *nage-no-kata* era facultativa e, recordes de competição e tempos de carência eram usados como pré-requisitos para se candidatar ao exame como segue: 1) *Batsugun*: bater seis *ikkyu* seguidamente; 2) Dez pontos acumulados em competição (sem carência de tempo); 3) Seis pontos acumulados em competição e 1 ano de *ikkyu*; 4) Três pontos acumulados em competição e 2 anos de *ikkyu* (faixa marrom) (RESENHA..., 1963b).

Da faixa branca até roxa, ainda era competência das academias, centros de instrução, judô clubes ou entidades similares em realizar os exames e a promoção. Uma comissão técnica de cada federação estadual passou a ficar responsável pela graduação da faixa marrom até o 3º *dan*. Acima de 4º *dan*, as graduações passaram a ser outorgadas por uma comissão eleita pelas Federações Estaduais e nomeada pela CBP, durante os Campeonatos Brasileiros (RESENHA..., 1963b).

Apesar do estabelecimento de um padrão a ser seguido por todos, este acabou tendo pouca aderência das federações, academias e clubes. Até 1967, apesar de ter a autoridade sobre as graduações, mesmo as federações estaduais ainda permitiam a graduação pelas associações e academias, oficializando-as, por já estarem excessivamente sobrecarregadas. Por outro lado, a CBP ainda não havia formado a comissão de professores responsável pelas altas graduações. Com isso, em 1967 foi instituído o Registro de Faixas Pretas do Brasil pela CBP, que era um órgão controlador oficial que passaria a oficializar as faixas pretas. Esta medida tomada pelo Departamento Especial de Judô da CBP teve o objetivo de combater a inflação de faixas-pretas e altas graduações no Brasil. (HERMANNY, 1967a).

Isto torna ridículas as pretensões de alguns cidadãos que vêm enfeitando suas cinturas com faixas vermelho e branco (reservadas aos graduados entre 6º e 8º *dan*) e vermelho puro (reservadas aos 9.º e 10.º Dan). Alguns são japoneses que vieram para cá ainda muito jovens e não tiveram mais qualquer contacto com o judô japonês, passando decênios em lidar com iniciantes e praticantes de pequenas categorias, e agora reivindicam oitavos e nonos dans, sem que possam apresentar trabalhos realizados que os possam credenciar. É necessário considerar que as altas graduações não são atribuídas apenas em função de cabelos brancos, mas levam em conta a categoria que atingiram como praticantes e competidores, o trabalho que realizaram traduzido em alunos de alta classe e bons resultados em competições, organizações modelares de judô e outros ponderáveis serviços prestados ao judô. (HERMANNY, 1967a, Terceiro Caderno, p. 7).

A CBP passou a exigir, então, a apresentação de diplomas do Instituto Kodokan para aqueles que pleiteavam altas graduações, que seriam submetidos ao estudo de um Conselho formado pela CBP para referendar, ou não, a graduação. A partir de 1968, segundo o regulamento, somente poderiam competir nos campeonatos oficiais e desempenhar funções que exigiam a faixa preta, aqueles registrados oficialmente no Registro de Faixas-Pretas da CBP. Além disso, a FIJ somente reconheceria as graduações de *dan* que tivessem sido oficializadas pela CBP (HERMANNY, 1967a).

Foi o departamento especial de judô da CBP, dirigido por Jorge Luis de Sousa e Silva, o responsável por criar o Registro Geral dos Faixas Pretas de Judô no Brasil. A partir de então, foram estipuladas as seguintes idades mínimas e prazos de carência para graduação à faixa-preta: 1º *dan*: 15 anos; 2º *dan*, 17 anos e no mínimo seis meses de 1º *dan*; 3º *dan*, 18 anos e um ano de 2º *dan*; 4º *dan*, 21 anos e um ano de 3º *dan*; 5º *dan*, 22 anos e dois anos de 4º *dan*; 6º *dan*, 27 anos e cinco anos de 5º *dan* (DEPARTAMENTO..., 1967).

Para auxiliar na propagação dos itens necessários para cada graduação, em 1967, Vicente Leitão da Rocha que organizou, juntamente com Rudolf Hermann, o programa oficial de exame e outorga de faixas, lançou um livro-guia até a faixa marrom para os exames de graduação, além de fundamentar a história do judô, detalhar as regras internacionais, além de sugerir um método através do qual os professores poderiam fazer os seus planos de aula (LIVRO..., 1967).

Ensinando desde como se dobrar um quimono e organizar uma biblioteca sobre judô, além de contar com as regras oficiais e o programa completo de exame e outorga de faixas, será lançado, amanhã, o livro Judô - Conquista de Faixas, de autoria do Major Vicente da Rocha, considerado um dos maiores teóricos deste esporte no Brasil. (LIVRO..., 1967, p.20).

Segundo o próprio autor, as finalidades principais da sua obra são a de facilitar o aprendizado dos iniciantes com a complementação do que receberam em suas academias, e ainda a de cooperar com os professores, através de uma pesquisa didática e pedagogicamente elaborada [...] (LIVRO..., 1967, p. 20).

Com relação a quem poderia ensinar judô, nesse período, em 1967, Renato Britto, diretor do Departamento de Educação Física, Recreação e Esporte do Estado da Guanabara, havia decidido que seu departamento iria intensificar a fiscalização das academias e centros de ensino de judô, karatê, e demais atividades congêneres, para coibir o crescimento dos estabelecimentos que não obedeciam às normas da Secretaria de Educação e Cultura. Entre os pontos a serem fiscalizados estavam a qualificação dos professores, as condições de segurança e higiene, e o controle da saúde. A maior dificuldade em controlar a questão pelas autoridades competentes foi a questão da habilitação dos professores. Segundo a lei em vigor, somente poderiam ensinar o judô os licenciados e técnicos egressos das escolas de educação física. Entretanto, as escolas de educação física negligenciavam a formação de professores especialistas e, portanto, se as autoridades decidissem acabar com todos os professores que não estavam legalmente habilitados por essa lei, 99% das academias teriam que parar com suas atividades. Caso isso ocorresse, poderia impossibilitar o desenvolvimento das práticas especializadas que dependiam desses professores (HERMANNY, 1967b).

Em entrevista, Takeshi Ueda, em 1968, sugere que a CBP deveria convidar a Kodokan para instituir o programa de promoção que havia se estabelecido, e critica a postura de alguns dos administradores do judô:

A Confederação Brasileira de Pugilismo deveria convidar representantes da Kodokan, de Tóquio, para virem ao Brasil cumprir um programa de registro e outorga de graus. [...] O professor Takeshi Ueda, ao fazer esse depoimento,

acrescenta que o Judô brasileiro, não raro, tem capacidade de organizar programas de vulto a longo prazo. Em indivíduos que se dizem sexto, sétimo, oitavo e até mesmo nono dan – prossegue – é de lamentar a ignorância que mostram, pois, a maioria, senão todos os japoneses que ensinam o Judô no Brasil, são imigrantes, ninguém em caráter oficial. Ressalva-se que há bons, e os melhores são os mais modestos. [...] Esses são os verdadeiros baluartes do nosso esporte, os defensores, e por isso jamais se pode tê-los à margem da Organização, como vem demonstrando o presidente da Federação Guanabarina. Apesar de ser meu aluno, Fernando Corrêa está errado, primário e imaturo ao discutir com os mais experientes ao ponto de recusá-los como fêz Rudolf Hermann, logo na primeira assembleia da nova diretoria da FGJ, forjando a saída do recinto do ilustre administrador, no que foi seguido por outros professores que já anunciaram que não mais pretendem ir à sede da Entidade.

Fernando precisa pensar em vez de deixar o cargo subir-lhe à cabeça. [...] Vi o sacrifício que custou implantar Judô no Rio, e hoje dá pena assistir ao retrocesso da doutrina. O exemplo está cedendo à vulgaridade, sem pensar no amanhã. Por isso não desejo nada falar sobre o fechamento da Ren-sei-kan da Tijuca, nem as causas que puseram muitos faixas-preta fora da Academia que, assim mesmo, foi sempre uma das primeiras colocadas nos campeonatos. (MATTOS, 1968, p.11).

A CBP, entretanto, não pediu a ratificação da Kodokan para o regulamento de promoção de faixas. Segundo da Rocha (1967), o Programa Oficial para Exame e Outorga de Faixas da CBP, foi desenvolvido por Hermann e Vicente Leitão da Rocha. Entre os documentos usados para a elaboração do programa, há um que é destacado por Vicente Leitão da Rocha, o “Regulamento do Judô Norte Americano” (DA ROCHA, 1964).

Quando comparados com os requerimentos de promoção dos Estados Unidos da América, elaborados em 1963 (AAUJBBF, 1966), com as regras de promoção do Brasil elaboradas no mesmo ano (RESENHA..., 1963a; RESENHA..., 1963b), os requerimentos de promoção brasileiros são, de fato, muito semelhantes aos dos Estados Unidos da América, sendo os requisitos para *shodan*, os mesmos. Entretanto, duas diferenças que concernem este trabalho devem ser destacadas. Primeiramente, na versão dos Estados Unidos da América, o *nage no kata* era item obrigatório desde a promoção à faixa marrom (AAUJBBF, 1966), enquanto no Brasil era facultativo, somente para faixa preta. Isto pode ter relação com o fato de que, na Budokan, que foi uma das principais academias formadoras do Brasil, não se

ensinava o *kata* da Kodokan, mas do *Kashima Shin'yo-ryu* (ISHII, 2015). Em segundo lugar, enquanto a padronização e estabelecimento do regramento brasileiro buscava distanciar as Associações de Faixas Pretas que existiam no Brasil do processo, nos Estados Unidos da América os requerimentos foram criados pela Associação de Faixas Pretas de Judô dos Estados Unidos da América (então também conhecida como Federação de Judô dos Estados Unidos da América) e, estas associações (*yûdanshakai*) tornaram-se organizações regulamentadas e participantes do processo. Enquanto no Brasil a CBP tomou para si a autoridade sobre as graduações, nos Estados Unidos da América a União Atlética Amadora (UAA), que neste país também controlava o judô, renunciou à autoridade sobre as graduações (AAUJBBF, 1966).

Ainda, nos Estados Unidos da América, a Associação de Faixas Pretas era ligada à Kodokan, enquanto a UAA lidava com a FIJ e com a Confederação Panamericana, e as duas dividiram responsabilidades e, passaram a trabalhar em conjunto (AAUJBBF, 1966). No Brasil, a CBP tomou o controle para si, sem dialogar com as associações de faixas pretas e a Kodokan com isonomia, se colocando como autoridade hierarquicamente superior em qualquer discussão. Enquanto nos primeiros mundiais a Kodokan precisava ratificar as graduações outorgadas no Brasil, a partir das mudanças operadas pela CBP, esta passou ter autoridade para ratificar, ou não, as graduações emitidas pela Kodokan. Nesse sentido, a CBP, que nem mesmo era uma Confederação de Judô, mas de pugilismo, se colocou hierarquicamente acima da Kodokan e das associações de faixas pretas criadas pelos japoneses no Brasil. Até o final da década de sessenta, a burocracia se colocou, de maneira definitiva, acima da tradição.

Foi em 1970 que efetivamente as federações passaram a fiscalizar a situação das graduações. Em fevereiro de 1970, a Federação Rio Grandense de Pugilismo prestou esclarecimentos públicos divulgando a relação de faixas pretas autorizados a ensinar no estado. Os faixas pretas que não constavam na lista estavam sujeitos a penalidades judiciais sob acusação de uso ilegal da faixa. A lista de regularizados contava com Aluizio Bandeira de Mello, João Graff, Teruo Obata, Ubirajara Lucena, Nilton Cardoso, Delmar Teiceira, Osvaldo Monteiro, Luiz Escandiel, Carlos Matias, Emilio Felicio, Rafael Cabeda, Nelson Cardoso, Makoto Kawasaki, Jorge Aveline, Shuji Hinata, entre outros (FAIXAS-PRÊTAS..., 1970).

Por outro lado, em 2 de junho de 1970 ocorreram os exames para faixas pretas organizados pela Federação Guanabarina dentro do que pregava o artigo 28 do Regulamento de Registro de Faixas, aprovado pela Confederação (JUDÔ..., 1970a). Ainda, em 12 de junho foi realizado na Academia Julio Adnet, exame de faixas promovido pela Federação Metropolitana de Judô, sob a responsabilidade de Gunji Matsuuchi, Koki Tani, Lhofei Shiozawa e Julio Adnet (FAIXAS..., 1970). Em julho, no Rio de Janeiro, sob orientação de

Rudolf Hermann e colaboração de Cordeiro, Alípio Amaral, Vicente Candido de Souza, Avany Magalhães, Massami Ogino e Teophanes Mesquita foi realizado o primeiro encontro para candidatos a *shodan* com o objetivo de orientar os candidatos sobre as exigências do Departamento de Outorga de Faixa da CBP (JUDOCAS..., 1970).

Em abril de 1971, ocorreram os exames para faixas pretas de 1º e 2º *dan*, da Federação Guanabarina. A banca examinadora foi formada por: Augusto Cordeiro, Hermann, Takeshi Ueda, Ogino, Teophanes Mesquita, e Avany Magalhães (CAMPEONATO..., 1971). No Estado do Rio de Janeiro, por sua vez, a Federação Fluminense de Judô realizou em Niterói um exame de 1º e 2º *dan* visando acabar com os mais de 70 “falsos professores” de judô no estado. Somente trinta e dois professores no estado do Rio de Janeiro tinham a situação regularizada na CBP. Depois do exame, todos os professores fluminenses somente poderiam usar a faixa preta se apresentassem um documento emitido pela CBP (ESTADO..., 1971).

Tal como a Federação Riograndense havia feito em 1970, em 1972 a Federação Pernambucana de Pugilismo divulgou sua lista de faixas pretas. Assim, esclareceu publicamente aqueles devidamente registrados na Federação, combatendo a “onda de pseudos Faixa Preta, que estão surgindo em Pernambuco” (FEDERAÇÃO..., 1972, p.8). Em 1972, ano de oficialização da CBJ, a CBP já havia regulamentado por completo as graduações do judô sob sua autoridade, restando somente a *Dai Nippon Butokukai* da América Latina de Naito, Terazaki, Ogino e Nagashima se opondo à exclusividade da CBP para conferir graduações (BARBOSA, 1972):

A Confederação Brasileira de Pugilismo, órgão criado por força do decreto lei 3199, de abril de 41, até que funcione efetivamente a Confederação Brasileira de Judô, oficiou às entidades pugilísticas sobre a emissão de diplomas de vários graus, anunciando que somente têm valor os certificados que tenham sido conferidos de acordo com os dispositivos da Resolução 1 de 14 de novembro de 1969, da CBP que instituiu exames de classificação de faixa-preta. [...] A comissão de controle de graus de faixa-preta de judô no Brasil da CBP é composta pelos professores Yoshio Kihara, presidente, Hiroshi Yamamoto, Augusto de Oliveira Cordeiro, Michio Ninomiya e Seisetsu Fukaya.

O objetivo da nota oficial da CBP é alertar os praticantes de judô em todo o Brasil para o fato de que uma agremiação denominada “Dai-Nippon Budocankai da América Latina [...] estaria segundo a denúncia da Federação Guanabarina à CBP, outorgando indevidamente no Brasil faixas de diversos graus.” (JUDÔ..., 1972d, p.15).

15.3 O Judô Feminino

Quando uma mulher diz que está aprendendo jiu-jitsu, judô ou mesmo karatê, parentes e amigos passam a considerá-la como uma pessoa sem juízo. Passam até a dizer: - Vai virar homem! Mulher já era! Não se surpreendam, o futuro dessa menina está tragado/ Quem avisa amigo é!

Os preconceitos existem. Algumas pessoas não conseguem adquirir flexibilidade perceptiva. Os fatos sociais mudam e a rigidez de percepção continua. Foi o tempo em que a mulher não podia usar calças compridas, não podia fumar e nem praticar esportes. (ALBERTO, 1972, p.13).

Com relação à inclusão feminina no judô como marcador da característica de igualdade, no caso do judô brasileiro, este trabalho acompanha os achados de Souza e Mourão (2011). Isto se dá no sentido de que, não existiu no período estudado, pelas evidências fornecidas pelas fontes jornalísticas, interesse da burocracia esportiva nacional que controlava o judô brasileiro (CND, CBP) em promover o judô competitivo feminino. Não somente isso, como aponta de Souza e Mourão (2011), o impedimento da prática do judô por mulheres tem sua origem no Decreto-lei 3.199 de 1941, em seu artigo 54, que ditava que as mulheres não poderiam, de acordo com o texto do decreto, praticar modalidades incompatíveis com sua natureza.

A primeira matéria relativa à participação feminina no judô, encontrada nas fontes deste trabalho, foi em artigo de jornal da colônia japonesa, de 1948, que aponta que já havia a prática de judô como forma de defesa pessoal por mulheres, mostrando a foto da prática de Yamato Nadeshiko, aluna da Academia Ono (NIHON..., 1948). No mesmo ano, no 14º Torneio Nipo-Brasileiro de Judô organizado pelo dōjō Ono realizado no Pacaembu, houve a apresentação das alunas da Academia Ono, duas brasileiras e uma japonesa chamada Momoko Sen'na (LUTADORES..., 1948).

Posteriormente, no início da década de 1950, foi aberto um curso para a Polícia Feminina auxiliar. Em 1953 foi formada uma turma em que se dizia: “até judô elas aprendem” (E A POLÍCIA..., 1953). No final da década de 1950, e início de 1960, há a notícia de que Yoshimasa Nagashima iniciou um curso de judô feminino para defesa pessoal na ACM (MOÇAS..., 1959; MULHERES..., 1960). As lideranças do judô carioca parecem ter tentado atrair novos públicos para a prática, através de iniciativas para além do que era o rotineiro da Federação Metropolitana de Pugilismo e dos mestres japoneses. Entretanto, em artigo denominado “A Mulher no Judô”, Hermanny defendeu que o judô feminino deveria se resumir ao *ju no kata* (forma de prática combinada) e à defesa pessoal, por não ser compatível com a

natureza feminina (HERMANNY, 1959a). A discussão da inclusão feminina do judô gerou debate entre os jornais. Em matéria do jornal Última Hora do Paraná, em artigo intitulado “Devem as mulheres praticar o judô?”, de autor anônimo, afirma-se que:

As mulheres, segundo afirma conhecido faixa preta, meu amigo, só tem a lucrar com o aprendizado do judô, pois além de transformá-las em criaturas dispostas a enfrentar o pior em qualquer oportunidade, destemidas e corajosas, desenvolve-lhes o físico, beneficiando de um modo geral a saúde. [...] Mulher moderna precisa saber defender-se sozinha. De há muito, se foi o tempo das pálidas donzelas que não saíam sozinhas nem para comprar um carretel de linha, na loja da esquina. (DEVEM..., 1959, Segundo Caderno, p. 2).

Da década de 1940 até a década de 1960 foi observado que a prática do judô feminino na Academia Ono, prosseguiu e, em 1960, a academia contava em uma de suas filiais com um Departamento Feminino. Conta a matéria que, no início eram poucas as alunas da academia Ono, mas nessa época contava com vinte e cinco praticantes entre faixas vermelha e verde. Como mais destacadas alunas estavam Alzira Silva, Amiene Pardi, e Marilene Donda (YASSUITI..., 1960).

Ainda em 1960, no Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de São Paulo, consta o funcionamento de uma academia de judô com ensino exclusivo para mulheres. Esta turma foi formada por volta de 1959 pelo professor Ken Hiramatsu que já tinha outorgado graduações de faixa marrom e verde entre suas alunas. Segundo os jornais, foi a primeira academia de São Paulo a ter uma seção estritamente para o judô feminino (QUE..., 1960).

Em agosto de 1961, Kimie Kihara começou a dar aulas de judô na Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Na primeira aula, assistiram cerca de 20 mulheres. A iniciativa partiu de Alberto Latorre de Faria, então docente da cadeira de Desportos de Ataque e Defesa da ENEFD. O curso era totalmente gratuito, podendo ser frequentado a partir dos 16 anos, recomendando a prática até os 40 anos de idade, para aquelas com boa saúde. Latorre defendia a preferência na contratação de professoras mulheres para ministrarem as aulas do judô feminino pois “o aproveitamento geral torna-se melhor, face à maior confiança das alunas em si mesmas” (SEGREDOS..., 1961, p. 3).

Kimie era graduada, na época, 1º *dan* pela Kodokan, e ministrou em 30 dias os princípios básicos do judô “adaptado à mulher”. O curso foi dividido em duas partes: Iniciação ou *ju no kata*, e a segunda parte, aprendizagem da execução de ataques e defesas. “Todos os movimentos foram estudados na escola, para serem ministrados sem prejuízo da graça

feminina” (JOVENS..., 1961, Segundo Caderno, p. 4). Alberto Latorre pretendia a continuação, com um novo curso intensivo de 90 dias. Nessa primeira oportunidade, trinta alunas foram diplomadas (JOVENS..., 1961).

Há alguns anos, a cena seria considerada absurda e inacreditável: um grupo de moças bonitas, da melhor sociedade, vestindo os pijamas característicos e realizando todo aquele ritual nipônico que faz parte do aprendizado de judô. Hoje, não só um curso desta natureza é muito procurado como intensamente aplaudido pelos que o conhecem. (E QUEM..., 1962, Quinto Caderno, p. 1).

É nesse período que matéria do Correio da Manhã, de 1962, afirma que o tabu que impedia a mulher brasileira de praticar o judô tinha sido quebrado. O exemplo utilizado são as aulas de judô feminino da academia Brito (E QUEM..., 1962). Haroldo Britto, o professor da academia, afirmava que em seis meses era possível completar o aprendizado do judô, e dizia:

Judô é quase um ballet, onde o ritmo tem uma razão de ser, mais funcional e mais rígida. Os movimentos são, geralmente, de flexão, que tornam a silhueta solta e leve, sem masculinizá-la. (E QUEM..., 1962, Quinto Caderno, p.1).

Em termos de organização das federações para competições femininas, em 1966 o C.R. Flamengo parece ter sido o pioneiro, enviando carta à Federação Guanabarina de Judô, planejando um torneio feminino em 1966. Segundo a fonte jornalística, o judô feminino já contava com praticantes em quase todas as academias da cidade. Caso fosse autorizado a realizar o torneio, o Flamengo se prontificava a levar à competição suas 12 alunas de judô (JUDÔ..., 1966a).

Nessa mesma época, em matéria de 1967, o clube de futebol Santos, por sua vez, afirma que contava com 40 mulheres inscritas nas aulas de judo na Vila Belmiro, aprendendo a modalidade com o professor Roberto Monte Santo (APRENDER..., 1967).

Entre as iniciativas das federações para o judô feminino no começo da década de 1970, em 1970 foi realizado o primeiro Torneio de Judô Feminino da Baixada, em Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro (NOVA..., 1970). Além disso, começam a aparecer as primeiras faixas pretas reconhecidas pelas federações regionais. Em 1969 Léa Linhares recebeu a faixa preta de uma banca examinadora da Federação Riograndense de Pugilismo (PÔRTO..., 1970).

O judô feminino já tem faixa prêta. Trata-se da Senhorita Léa Linhares, que durante o Campeonato Brasileiro Juvenil, realizado em Pôrto Alegre, fez uma belíssima demonstração de Nage-No-Kata. (PÔRTO..., 1970, Suplemento Esportivo, p. 2).

No ano seguinte, Divoeny Julieta Cabral, em dezembro de 1971, recebeu a faixa preta, no Paraná, após exames em Londrina pela Federação Paranaense de Judô (MULHER..., 1972a).

Com o aparecimento de graduações para o judô feminino, entretanto, a CBP começou a intervir, com o intuito de impedir estas iniciativas. Em 1972, através de ofício circular enviado à Federação Pernambucana de Pugilismo, a Confederação de Pugilismo comunicou ser proibida a prática de judô por mulheres segundo o Conselho Nacional de Desportos. A resolução do Conselho Nacional de Desportos surpreendeu Diogenes de Moraes, presidente da Federação Pernambucana de Pugilismo, que sempre foi favorável à participação feminina no judô. O presidente da CBP comunicou que a decisão do conselho foi motivada por uma consulta da Federação Paulista de Judô sobre o assunto. Segundo o Conselho Nacional de Desportos: “A prática do judô por mulheres é vedada pela legislação vigente, não vendo o CND razão que justifique a mudança de orientação” (MULHER..., 1972b, p. 20). O crescimento da prática do judô feminino como esporte competitivo, entretanto, continuou a se expandir pelo país:

Fundada a poucos meses em Brasília, a Academia de Judô “Judokan” reúne hoje um grande número de alunos e alunas [...] Não só os rapazes, mas também as jovens demonstram um interesse imenso pela prática do judô e diversas já fizeram suas inscrições [...] comprovando que de fato gostam daquele esporte. Na foto, Dude, Tânia Malheiros e Vera Galente [...] alunas do professor Luciano Sampaio. (JUDÔ..., 1972a, p. 14).

As evidências coletadas pela leitura dos jornais apontam que, apesar do incentivo de alguns professores em promover a prática feminina em suas academias, da inclusão de um curso pela ENEFD, e na polícia feminina, e, evidências de que desde a metade da década de 1960, algumas federações regionais e clubes também tenham procurado incentivar a prática, a autoridade e o poder político e institucional do Brasil na época (CND E CBP), era contrária à prática competitiva do judô feminino.

Somente em 1979, com Ana Maria de Carvalho e Silva, Kazue Ueda, Cristina Maria de Carvalho e Silva e Patrícia Maria de Carvalho e Silva, que a participação feminina no judô competitivo de fato começou (DE SOUZA; MOURÃO, 2011). Entretanto, até hoje, a CBJ não elegeu uma mulher para a presidência. Segundo Brum (2016), a CBJ sempre foi comandada por homens. Somente Jemina Alves, Selo Totti (BRUM, 2016) e Carmita Figueira Dourado (ROCHA, 2020) assumiram cargo de presidência em federações regionais, a primeira, em Pernambuco, a segunda em Rondônia, e a terceira no Amazonas. Selo Totti foi a primeira a conseguir atingir, em 2017, cargo diretivo na CBJ como vice-presidente (PINTO, 2018). Assim, ainda existem muitas barreiras em termos de inclusão da mulher na estrutura administrativa do judô. Estes achados sugerem a necessidade de mais estudos que possam explicar e descrever o papel da mulher na formação das organizações do judô no Brasil.

16 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os achados do presente trabalho, o desenvolvimento organizacional do judô brasileiro pode ser dividido em nove períodos: 1) Período do Jiu-Jítsu; 2) Período Jukendô; 3) Período de Desintegração ou Fragmentação; 4) Período de Reintegração; 5) Período de Diferenciação; 6) Período da Consolidação; 7) Período da Contestação; 8) Período da Confrontação; 9) Período da Independência.

O Período do Jiu-Jítsu corresponde à chegada de Sada Miyako e à chegada da trupe do Conde Koma, quando o judô foi apresentado ao público brasileiro sob o nome de jiu-jítsu. Nesse período, o judô foi, não somente promovido para os brasileiros como também passou a integrar o sistema de ensino das forças de segurança, além de se tornar disciplina das escolas de instrução para professores de Educação Física. É neste sentido que o judô sofreu o seu maior grau de aculturação e, em meados da década de 1930, foi regulamentado como esporte pela Federação Brasileira de Pugilismo (precursora da Confederação Brasileira de Pugilismo). Entre os principais personagens envolvidos nesse processo, e descritos neste trabalho, estão, além de Miyako, Maeda e sua trupe, os irmãos Gracie, Alberto Latorre de Faria, Yasuichi Ono, Takeo Yano e Geo Omori. Este período é caracterizado pelo ajustamento do judô como sistema cultural à sociedade de assentamento.

O segundo período de organização do judô é o Período Jukendô. Este período compreende a fundação da *Hakkoku Jûkendô Renmei* oficialmente em 1933, até sua dissolução forçada pelo governo brasileiro em 1942. Este é um período em que o judô se desenvolveu na colônia japonesa, principalmente no estado de São Paulo, e sedimentou as bases do que viria a ser a Federação Paulista de Judô. As principais lideranças do judô da Jukendô nesse período foram Tatsuo Okochi, Zensaku Yoshida, Tomiyo Tomikawa, Katsutoshi Naito e Ryuzo Ogawa. O judô tinha importante influência da dimensão cultural, com uma estrutura organizacional com presença do sistema *iemoto*, além de ser usado pela colônia como forma de preservação da cultura japonesa, bem como passá-la a seus descendentes da geração que nasceu no Brasil. Nesse contexto, questões como *yamato-damashii* (espírito japonês) e o *bushidô*, faziam parte do corpo filosófico promovido pelos professores de judô. Este período é, portanto, caracterizado pela rejeição à cultura de assentamento pelas lideranças do judô da colônia japonesa.

No período seguinte, o Período de Desintegração, com o fim da Jukendô os professores de judô da colônia japonesa se dividiram em três grupos: a Kodokan do Brasil, a Budokan e a Academia Ono. É um contexto histórico em que há uma divisão da colônia decorrente das circunstâncias derivadas da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, e isolamento

informacional dos imigrantes. Nesse sentido, fragmentou-se a comunidade japonesa em grupos antagônicos entre aqueles que defendiam que o Japão havia vencido a guerra, e aqueles que compreendiam que o Japão havia sido derrotado pelos Estados Unidos da América. Por ser um período de importante pressão psicológica sobre os imigrantes, professores que estavam mais ajustados à cultura e política brasileira, como Yasuichi Ono, permaneceram divulgando o judô sob o nome de jiu-jítsu entre os brasileiros, enquanto os demais, menos ajustados à burocracia da sociedade de assentamento, empreenderam iniciativas de reorganização do judô que ficaram restritas à colônia japonesa, como a *Zenpaku Jûdô Renmei* e a *Hakkoku Chuô-sen Jûkendô Renmei*. Este período representa um momento de intenso estresse aculturativo para os imigrantes japoneses.

No subsequente Período de Reintegração, os alunos dos professores de judô da colônia japonesa passaram a fazer parte dos quadros das federações regionais de pugilismo, dado o que foi estipulado pelo Decreto-lei 3.199 de 1941, e surgem os departamentos especializados da modalidade que, até então, era tratada como sinônimo de jiu-jítsu. Aqui, há um predomínio de pessoas ligadas aos irmãos Ono na Federação Paulista de Pugilismo, e ao professor Ryuzo Ogawa, na Federação Metropolitana de Pugilismo do Rio de Janeiro, na figura de Augusto Cordeiro. Esse período sedimentou as lideranças políticas que utilizaram sua influência dentro das federações pugilísticas para se manterem em controle da administração do judô.

No Período de Diferenciação, tornaram-se públicas as divergências entre o judô e o jiu-jítsu como modalidades distintas. Dado que ambas faziam parte dos quadros da Confederação Brasileira de Pugilismo, passou a haver discussões entre a adoção das regras “nacionais” (do jiu-jítsu) e as regras internacionais (elaboradas pela Kodokan). É nesse contexto que aconteceu a visita de Masahiko Kimura, e ocorreu sua famosa luta com Hélio Gracie. Além disso, é também o momento da vinda de uma comitiva da Kodokan, em que vieram os professores Takagaki, Yoshimatsu e Ozawa, para divulgar o judô Kodokan pelo país. A principal disputa, entretanto, foi travada entre Augusto Cordeiro (principal defensor do judô no Rio de Janeiro) e a Academia Gracie. Cordeiro conseguiu, através da Federação Metropolitana de Pugilismo e da CBP, estabelecer que as regras e o modelo internacional do judô seriam os oficiais no Brasil, e promovidos pela CBP e suas federações filiadas.

No Período de Consolidação, a CBP, sob a presidência de Paschoal Segreto Sobrinho, se estabeleceu como o principal órgão controlador do judô, a partir do primeiro Campeonato Brasileiro de Judô organizado pela CBP em 1954. Para manter seu controle sobre o judô, a CBP desafiou até mesmo a Kodokan no Japão e seus integrantes no Brasil, como pode ser visto, por exemplo, no caso do Campeonato Mundial de 1956, quando a CBP não aceitou que membros

da Kodokan do Brasil escolhessem os atletas brasileiros para o Mundial, o que inviabilizou a participação do país no primeiro Campeonato Mundial de Judô no Japão. É nesse momento que a burocracia esportiva brasileira se sobrepõe definitivamente sobre a tradição do judô Kodokan. Este período consolida a escolha dos órgãos de controle responsáveis pelo judô pela estratégia de integração da modalidade a partir da mediação e autoridade da FIJ, provocando os mesmos traços característicos de aculturação pela ocidentalização e modernização observado em outros países.

A partir da consolidação da Confederação Brasileira de Pugilismo, iniciou-se um Período de Contestação. Isto se dá tanto pelo fato de Paschoal Segreto Sobrinho se perpetuar indefinidamente na presidência da CBP e, portanto, não havia mudança de administração, como também pelo fato de que a CBP, por ser uma confederação de pugilismo, era de modalidade diversa à prática do judô e, portanto, desconhecia suas questões mais profundas. Este período iniciou pela independência da Federação Paulista de Judô em 1958, seguindo com a independência das federações de Brasília, Minas Gerais e Paraná, no início dos anos 1960. O caso mais complexo se deu na Guanabara, dado que a primeira federação independente foi criada por membros da Kodokan, que eram adversários políticos da Federação Metropolitana de Pugilismo, da CBP e de Augusto Cordeiro. Cordeiro inviabilizou a criação da federação e, usando de sua influência política, criou uma federação concorrente que foi reconhecida pela CBP e pelo Conselho Nacional de Desportos. Com a independência das principais federações regionais naquele período, este momento culminou com a criação da Confederação Brasileira de Judô em 1964 durante o Campeonato Brasileiro de Judô em Brasília.

O Período de Contestação é seguido pelo Período de Confrontação. Isto porque Paschoal Segreto e Augusto Cordeiro trabalharam junto aos tribunais, e usaram de sua influência política, para impedir a criação da CBJ, tal qual Cordeiro havia feito com a Federação Carioca de Judô. A CBJ havia sido criada em 1964 por adversários políticos da CBP, que tinham como principal liderança Tatsuo Okochi e os membros da Kodokan do Brasil. A disputa durou até o final de 1968 quando a CBJ, apesar de ter sido criada, não foi oficializada. O reconhecimento da CBJ ocorreu somente em 1972, três anos após o falecimento de Paschoal Segreto Sobrinho, e, como planejado pelo grupo político que controlava a CBP, assumiu como presidente, Augusto Cordeiro. O judô, a partir de então, passou a ser controlado por sua própria organização nacional, independente da Confederação de Pugilismo. Ainda assim, a estrutura política eleita em 1972 era a mesma que se perpetuou no poder nas décadas anteriores, e era composta pelos quadros do judô na CBP e no Conselho Nacional de Desportos.

Enquanto em 1972 o judô brasileiro se tornou independente da CBP, a influência da aculturação por que passou desde sua introdução no país pode ser observada em eventos posteriores. Dado que a estrutura estabelecida pelo Decreto-Lei 3.199 de 1941 permaneceu intacta por décadas, e a liderança de Paschoal Segreto Sobrinho perdurou até a criação da CBJ, os pioneiros japoneses do judô brasileiro não ocuparam posições de autoridade dentro das organizações. Enquanto importantes para o desenvolvimento da Jukendô e de toda a estrutura que permitiu o surgimento de atletas como Massayoshi Kawakami e Lhofei Shiozawa, os professores japoneses, a partir de 1941, foram relegados às funções de diretores técnicos e consultores. Muitos permaneceram organizando o judô de maneira paralela às federações, se destacando a Associação de Faixas Pretas da Kodokan, a Associação de Faixas Pretas do Brasil, a *Dai Nippon Butokukai* da América Latina, além dos torneios de Jukendô organizados pela Associação Nova Brasileira, e pela Jukendô da Linha Central. Além disso, destacaram-se a Academia Ono, e a Budokan como as maiores associações de judô no Brasil até a criação da CBJ, estando suas competições anuais entre as mais tradicionais e antigas do país. Nesse sentido, o período de independência que se iniciou, foi um período de independência relativa, em que, ainda que a CBJ tenha legalmente se separado da CBP, a diretoria da entidade representava a continuidade dos mesmos elementos que se perpetuaram no controle da CBP nas décadas anteriores.

A CBP via o judô principalmente como um esporte internacional, organizado pela FIJ, dando pouca importância à dimensão cultural. Nesse sentido, o judô brasileiro adquiriu as principais características do esporte moderno em termos de burocratização, secularização e especialização até a oficialização da CBJ em 1972. Em outras palavras, os aspectos culturais japoneses do judô não permearam a sua estrutura organizacional. Neste contexto, ainda se fazem sentir os efeitos da dissolução da Jukendô em 1941. Ainda hoje, a separação entre o judô como ferramenta educacional e como esporte competitivo não tem sido mantida adequadamente na prática e no ensino, como foi feito no Japão. Além disso, as organizações de judô fundadas pelos japoneses após a Segunda Guerra Mundial estavam em grande parte desconectadas do processo de desenvolvimento do judô no Brasil. Apesar da significativa imigração japonesa no Brasil, ao suprimir a dimensão cultural do judô, o conflito entre o judô tradicional e o judô como esporte internacional e moderno tornou-se mais pronunciado.

Como pode ser observado no manual da Federação Paulista de Judô de 1999, mais de cinquenta anos após a instituição do decreto-lei 3.199, seus estatutos ainda seguem sua regulamentação. Por exemplo, o Decreto-Lei 3.199 de 1941, conforme estabelece seu capítulo nove, artigo 48, dispôs que “a entidade desportiva exerce função de natureza patriótica”

(TUBINO, 2002, p. 34). Esta disposição está prevista na seção “objetivos da federação” da FPJ, dado que um dos objetivos que constam é o de promover o sentimento de “brasilidade” (FEDERAÇÃO PAULISTA DE JUDÔ, 1999). Dispositivo incongruente quando pensamos no judô como ferramenta de promoção da cultura japonesa, tal como era feito dentro da colônia japonesa no Brasil, mas evidentemente conectado com a política nacional elaborada durante o Estado Novo.

Por outro lado, os pioneiros do judô que construíram a estrutura organizacional do judô brasileiro, antes da CBP tomar seu controle, foram alienados até mesmo da narrativa histórica construída pela CBJ até a década de 1980. O judô brasileiro era retratado como desorganizado até o primeiro Campeonato Brasileiro de Judô em 1954, e o crédito do início do processo de organização foi atribuído exclusivamente a Ryuzo Ogawa (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 1986), que tornou-se professor da principal figura política do judô brasileiro a partir da década de 1950 até o final da década de 1970, Augusto Cordeiro. Assim, os demais pioneiros do judô, que tornaram possível que o Brasil fosse uma das principais potências do judô nas Américas ainda na década de 1950, deixam de ser retratados adequadamente quando tratamos do desenvolvimento organizacional histórico do nosso judô, por questões políticas pessoais.

Neste sentido, portanto, sugerem-se mais estudos sobre o desenvolvimento do judô brasileiro e suas disputas políticas, dado que uma narrativa política não se sobressaia sobre outras, e que os esforços feitos por aqueles que construíram a sólida base do nosso do judô, apesar das contradições sob o comando da CBP, sejam sempre lembrados.

REFERÊNCIAS

- 11.O CAMPEONATO de Judô da Budokan. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 2, 10 de ago. 1958.
- 1962 nas federações. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 20 de jan. 1963. Quarta Seção, p. 2.
- 40 ASSESSORES para o CND. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 de set. 1963. Segundo Caderno, p. 7.
- 9.o campeonato de “Jûkendô”. **Brasil Asahi**, São Paulo, p. 7, 31 de jul. 1941.
- A ARTE de atacar e defender. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 9 24 de jun. 1944.
- A ARTE de derrubar. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 8, 20 de abr. 1945.
- AAS promove o II Interacademias de Judô de Santos. **A Tribuna**, Santos, p. 14, 22 de nov. 1969.
- AAUJBBF. **Official Judo Handbook**. 3.ed., Nova Yorke: Amateur Athletic Union of USA, 1966.
- ABE, I.; KIYOHARA, Y.; NAKAJIMA, K. Fascism, Sport and Society in Japan. **The International Journal of the History of Sport**, v.9, n.1, p. 1-28, 1992.
- A “BOMBA” doa Gracie vai estourar! **Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 12, 28 de mai. 1953.
- ACADEMIA Cordeiro em Minas. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 5, 19 e 20 de nov. 1955.
- ACADEMIA Irmãos Ono:Doze Filiais em vários pontos do país e oitocentos alunos. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 17, 14 de jan. 1958.
- ACADEMIA Kodo-Kan campeã do Interestadual de judô. **Última Hora**, Paraná, p. 10, 24 de jun. 1963.
- ACADEMIA cordeiro festejou ontem 17 anos de fundação. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 46, 8 de dez. 1968a.
- ACADEMIA de judô da A.A.S. **A Tribuna**, Santos, 8 de dez. 1968b. Quinto Caderno, p. 2.
- A. CORDEIRO à reportagem: pratico o judô: Nada Temo. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 3, 8 de fev. 1953.
- A CHEGADA dos campeões. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 6 e 10, 1 de out. 1951.
- ADIADO o coquetel do judô. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9 e 11, 18 de fev. 1956.
- A DIFERENÇA entre jiu-jitsu e judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 14, 20 de ago. 1939.

A ESTRANHA Mesa Circulante. **Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 10, 19 de mai. 1953.

A EXIBIÇÃO de Kurache foi o melhor espetáculo do Campeonato de Judô. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 8, 1 de set. 1954.

A FESTA esportiva da A.C.M. **A Manhã**, Rio de Janeiro, p. 9, 21 de abr. 1944.

A F.M.P. tem plena autoridade legal para dirigir, promover, controlar e permitir lutas ou espetáculos de jiu-jitsu. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 23 de ago. 1951. Terceira Seção, p. 13.

A GRANDE atração. **A Noite Suplemento: Seção de Rotogravura**, Rio de Janeiro, p. 25 e 36, 27 de mar. 1951.

ALBERTO, J. É útil para a mulher a prática do Jiu-Jitsu? (II). **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 13, 9 de jun. 1972.

ALCANÇARAM êxito as demonstrações dos campeões japoneses de judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 13, 7 de out. 1952.

ALCANÇOU sucesso total o I Campeonato de judô. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 9, 5 de jan. 1968.

ALVES, F. L.; GUARNIERI, I. L. A. Utilização da imprensa escrita para a escrita da história: diálogos contemporâneos. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**. v.1, n. 2, p. 30-53, 2007.

AMADIO, J. Difusão ou confusão dos emissários japoneses? **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, p. 20-22, 6 de dez. 1952.

AMADORES cariocas dão início ao treinamento. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 19 e 20 de jun. 1961. Segundo Caderno, p. 10.

AMANHÃ em B. Horizonte II Brasileiro de Judô. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 5, 2 de out. 1955.

AMANHÃ o início do Campeonato Brasileiro de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 25, 11 de jul. 1958.

AMPLA vitória dos paulistas no judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 de out. 1963. Segundo Caderno, p. 6.

ANIMA-SE o Judô. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 10, 12 de jul. 1955.

ANIZ Badra protesta contra a Confederação de Judô na GB. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, 10 de out. 1965. Segundo Caderno, p. 7.

A NOITADA de box no Clube Náutico. **Diário da Manhã**, Pernambuco, p. 12, 10 de ago. 1950.

AO PREFEITO. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 5, 14 de ago. 1970.

APRENDAM Jiu Jitsu, Pratiquem o Judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 10, 1 de set. 1940.

APRENDER judô, nova moda entre mulheres. **Cidade de Santos**, p. 8, Santos, 4 de out. 1967.

A PROCURA do campeão nacional de jiu-jitsu. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 4, 8 de jun. 1955.

A PROJEÇÃO do judô.... **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 8, 11 de jan. 1955.

ARAÇATUBA de Pan-Noro Jûdô Taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 13 de set. 1948.

ARRANCADA Inicial do Campeonato brasileiro de judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 19, 27 de out. 1956.

AS ATIVIDADES da Confederação Brasileira de Pugilismo. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 7, 15 de ago. 1955.

AS DELEGAÇÕES gaúcha e paulista. **Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 6, 12 de out. 1954.

ASHITA kara hiraku Zenppaku Jûkendô Taikai Seishi Lira kurabu de. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 2, 27 de ago. 1937.

ASSESSORIA da FFD convoca reunião para organizar “Judô”. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, p. 7, 24 de jul. 1964.

ASSOCIAÇÃO dos faixas-pretas da Kodokan no Brasil. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 36, 12 de dez. 1957.

ASSOCIAÇÃO de judô Ono comemora seus 39 anos. **Cidade de Santos**, São Paulo, p. 8, 12 de jun. 1971.

ASSUNTO Liquidado: o Brasil participará do Mundial de Judô. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 8 de nov. 1954. Segundo Caderno, p. 1.

ATÉ o momento sou eu o campeão brasileiro de jiu-jitsu. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 7, 10 de jun. 1955.

A TRANSFORMAÇÃO do bárbaro jiu-jitsu no aperfeiçoado e artístico judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, 4 de fev. 1945. Segunda Secção, p. 9 e 11.

AUGUSTO Cordeiro responde colérico: Não temo os Gracie. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 3 e 6, 12 de fev. 1953.

AUGUSTO Cordeiro, possivelmente técnico da equipe brasileira. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 31 de out. 1954. Segundo Caderno, p. 1.

AVELINE, J. Judô em revista. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 2, 7 de ago. 1959.

AZEVEDO, L. P. M. C.; PESSOA, L. S.; NETA, O. M. M. Hemeroteca Digital Brasileira: fontes e possibilidades para a pesquisa em história da educação. **Revista Cenas Educacionais**, v.2, n. especial, p. 39-55, 2019.

B. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 10, 20 de out. 1951.

BAN, E. Japoneses sem mistério! **A Noite: Suplemento Secção de Rotogravura**, Rio de Janeiro, p. 10-11, 28 de nov. 1950a.

BAN, E. Japão no Brasil: morte pela espada. **A Noite: Suplemento Secção de Rotogravura**, Rio de Janeiro, p. 3-6, 5 de dez. 1950b.

BANDEIRA, G. Esportes de Ring. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 2 de out. 1958. Segunda Seção, p. 5.

BARBOSA, J. De Trivela. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, p. 12, 21 de nov. de 1972.

BARNHILL, C. R., SMITH N. L., OJA, B. D. **Organizational Behavior in Sport Management**. Londres: Palgrave Macmillan, 2021.

BASTO, F. S. F. **Almanaque dos Desportos**, Rio de Janeiro, p. 137-139, 1 de jun. 1957.

BASTO, F. S. F. Judô. **Almanaque dos Desportos**, Rio de Janeiro, ano 4, n.16, p. 12-14, 1º semestre 1960.

BATISTA, H. Vaidade enfraquece o judô brasileiro. **Revista do Esporte**, Rio de Janeiro, n.289, p. 20-21, 19 de set. 1964.

BENESCH, O. Olympic samurai: japanese martial arts between sports and self-cultivation. **Sport in History**, v.40, n.3, p.328-355, 2020.

BERRY, L. Acculturation and adaptation in a new society. **International Migration**, vol. 30, n. 1, p.69-85, 1992.

BETTI, M. Cultura Corporal e Cultura Esportiva. **Revista Paulista de Educação Física**, v.7, n.2, p. 44-51, 1993.

BICAMPEÃ de Judô a Academia Cordeiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 de set. 1955. Segundo Caderno, p. 1-2.

BINGHAM, A. The digitization of newspaper archives: opportunities and challenges for historians, **Twentieth Century British History**, v.21, n.2, p. 225–231, 2010.

BISPOS budistas vieram pacificar a colônia japonesa. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 2, 28 de fev. 1952.

BOA atuação dos cariocas no certame brasileiro de judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 1 de nov. 1956. Segundo Caderno, p. 2.

BOEHL, W. R.; IGNÁCIO, M. C. Narrativas de protagonismo, o judoca Willy Schneider. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v.21, e30030, p. 1-7, 2023.

BORGES, R.; MAÇANEIRO, G. Shigeichi Yoshima's Trajectory in the Promotion of judo in Brazil. **Martial Arts Studies**, v. 13, p. 27-41, 2003. DOI: 10.18573/mas.137

BOWEN, R. Origins of the British Judo Association, the European Judo Union, and the International Judo Federation. In: GREEN, Thomas A.; SVINTH, Joseph R. (eds) **Martial Arts in the Modern World**. Londres: Praeger, 2003.

BOWIE, D. Contextual analysis and newspaper archives in management history research. **Journal of Management History**, v.25, n.4, p. 516–532, 2019.

BOX, luta livre e jiu-jitsu. **Pequeno Jornal: Jornal Pequeno**, Pernambuco, p. 5, 9 de ago. 1950.

BOX: Resoluções da FMP. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 10, 28 de mar. 1951.

BRASIL, vice-campeão panamericano de judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 21, 27 de abr. 1956a.

BRASIL, Vice Campeão Pan-Americano. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 7, 5 de mai. 1956b.

BRASIL ganhou três medalhas na estréias (uma de ouro e duas de prata). **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 de abr. 1963. Segundo Caderno, p. 6.

BRASILEIRO de Judô começa com paulistas e cariocas favoritos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 11, 10 de nov. 1961.

BRASILEIRO de Judô começou e São Paulo já ganhou um título. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 11, 22 de set. 1962.

BRASILEIRO de Judô será em londrina e deve ter sucesso. **Diário do Paraná**, Paraná, 27 de set. 1968. Segundo Caderno, p. 5.

BRASILEIRO de Judô tem Ishii como destaque. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 24, 1 de nov. 1972.

BRASÍLIA terá academia de judô. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, 4 de jan. 1961. Terceiro Caderno, p. 8.

BRIGIDO, J. Somente os cultores da técnica do Instituto Kodokan poderão ir a Tóquio. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 9, 19 de abr. 1956a.

BRIGIDO, J. Coluna para ler no bonde: Judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1 de jun. 1956b. Caderno Esportivo, p. 16.

BRITTO, H. Eleito o conselho técnico de judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 13 de mai. 1962. Segundo Caderno, p. 7.

BROUSSE, M. **Les racines du judo français**: histoire d'une culture sportive. Presse Universitaire de Bordeaux: Bordeaux, 2005.

BRUM, A. “**Mulheres que lutam**”: as narrativas de judocas brasileiras e a contribuição na construção da memória da modalidade. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 208, 2016.

BUDÔ Taikai. **Nippak Shimbun**, São Paulo, p. 3, 17 de ago. 1938.

BUDÔ Taikai. **Brasil Asahi**, São Paulo, p. 2, 8 de mai. 1941.

BUNGEI-RAN. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 4, 6 de jul. 1949.

BUGI mohan shiai no jûdô dôjô-biraki. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 5 de ago. 1949.

BURAJIRU NI OKERU NIHONJIN HATTEN-SHI KANKÔ IINKAI. **Burajiru ni okeru nihonjin hatten-shi**. 1ed., Tóquio: Ratenamerika Chûôkai, 1942.

BUSHIDÔ Seishin ni nottori minzoku-teki shimei o tassei. **Nippak Shimbun**, São Paulo, p. 7, 22 de set. 1932.

CAIRUS, J. Nationalism, immigration and identity: the Gracies and the making of Brazilian jiu-jitsu. **Martial Arts Studies**, v.9, p. 28-42, 2020. DOI: doi.org/10.18573/mas.105

CALLAN, M.; HEFFERNAN, C.; SPENN, A. Women’s jujutsu and judo in the early twentieth-century: the cases of Phoebe Roberts, Edith Garrud, and Sarah Mayer. **The International Journal of the History of Sport**, v.35, n.6, p. 530-553, 2019.

CAMPEÃO número um. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 10, 6 de jun. 1951.

CAMPEÕES de judô em ação. **Diário da Noite**, São Paulo, p. 7, 28 de jul. 1951.

CAMPEÕES japoneses em Londrina. **O Dia**, Paraná, p. 11, 5 de out. 1952.

CAMPEÕES de Judô os Cariocas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 16 de ago. 1960. Segundo Caderno, p. 14.

CAMPEÕES Brasileiros apoiam a Federação Guanabarina de Judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 de dez. 1962. Segundo Caderno, p. 14.

CAMPEONATO Inter-Colonial de Jûkendô. **Brasil Asahi**, São Paulo, 14 de ago. 1941. Segundo Caderno, p. 3.

CAMPEONATO de estreatantes de “judo”, 2ª feira. **Diário de Notícias**, p. 17, Rio Grande do Sul, 25 de abr. 1954a.

CAMPEONATO Brasileiro de Judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27 de jun. 1954b. Suplemento Esportivo, p. 2 e 7.

- CAMPEONATO Brasileiro de Judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 11 de jul. 1954c. Terceiro Caderno, p. 6.
- CAMPEONATO Brasileiro de Judo. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 13, 15 de jul. 1954d.
- CAMPEONATO Paulista de Judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 11, 18 de jul. 1954e.
- CAMPEONATO Estadual de Judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 12, 30 de jul. 1954f.
- CAMPEONATO Estadual de Judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 13, 3 de ago. 1954g.
- CAMPEONATO Carioca de Judô. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, p. 7, 21 de set. 1954h.
- CAMPEONATO Brasileiro de Judô em Belo Horizonte. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 13, 28 de out. 1955.
- CAMPEONATO Panamericano de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 7, 21 de mar. 1956a.
- CAMPEONATO Estadual de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 23, 12 de set. 1956b.
- CAMPEONATO Estadual de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 21, 18 de set. 1956c.
- CAMPEONATO de Judô. **Diário do Paraná**, Paraná, p. 6, 27 de abr. 1962.
- CAMPEONATO de judô juvenil começa dia 4. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 9, 1 de abr. 1971.
- CAPRARO, A. M.; SANTOS, N; LISE, R. S. O enredo da vitória – seleção brasileira de futebol e identidade nacional (1950-1970). **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 2, p.1-23, 2012.
- CARACTERÍSTICAS diferenciais do jiu-jitsu e do Judo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 13 de nov. 1954. Segundo Caderno, p. 1-2.
- CARIOCAS Campeões Brasileiros de Judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, 16 de out. 1959. Segundo Caderno, p. 6.
- CARR, K. G. Making way: war, philosophy, and sport in Japanese jūdō, **Journal of Sport History**, v.20, n.2, p. 167–188, 1993.
- CARTAS à Redação: Judô e “Jiu-Jitsu”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 2, 9 de nov. 1954.
- CARVALHO, D. Os meandros da imigração japonesa para a América Latina: das políticas abolicionistas ao “ideal de branqueamento” na gênese dos discursos identitários nacionais no fim do séc. XIX. **Contraponto**, v.8, n.2, p. 101-124, 2019.
- CASTRO, D.A. Eurico Versari, campeão carioca de judô (1º Dan). **A Luta Democrática**, p. 8, Rio de Janeiro, 20 de set. 1963.

CASTRO, D.A. Luvas e Quimonos. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 4, 8 de fev. 1964.

CASTRO, D.A. Luvas e Quimonos. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 8, 14 de abr. 1964.

CASTRO, D.A. Luvas e Quimonos **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 8, 26 e 27 de abr. 1964.

CASTRO, D.A. Luvas e Quimonos. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 8, 9 de mai. 1964.

CASTRO, D.A. Faixas Pretas reformulam sua programação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 30 de mar. 1969. Suplemento Esportivo, p. 3.

CAYROLS, R. G. La práctica deportiva del judo: análisis sociológico de su implantación y desarrollo em la sociedade valenciana. **Quaderns de ciencies socials**, v.2, n.17, p. 1-60, 2010.

C.B. Pugilismo é favorável à F. Guanabarina. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27 de dez. 1962. Segunda Seção, p. 5.

CBP dita normas de treinos para judocas brasileiros. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 de dez. 1964. Segundo Caderno, p. 4.

CBP Divulgou seu calendário de judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 29 de nov. 1970. Suplemento Esportivo, p. 3.

CENTO e vinte lutadores numa competição de judô no Fluminense. **A Noite**, Rio de Janeiro, p.15, 24 de out. 1953.

CHEGOU o Professor Cordeiro. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 13, 12 de jul. 1955.

CHENG, C.; LEE, S.; CHIN, H. Community Formation through the Cultural Heritage of the Japanese Colonial Period: A Case Study of Kaohsiung Butokuden (Martial Arts Hall) in Taiwan. **The International Journal of the History of Sport**, v.37, n.17, p. 1844-1862, 2021.

CHIAVENATO, I. **Comportamento Organizacional**: a dinâmica do sucesso das organizações. Rio de Janeiro: Editora Campus-Elsevier, 2010.

CINCO judocas na equipe brasileira para o “Pan”. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9 e 11, 30 de mar. 1956.

CLÍNICA de arbitragem. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 15, 15 de mar. 1970.

CND homologa FCJ. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p.4, 15 de ago. 1962. Segundo Caderno.

CND Esclarece caso do judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 9, 17 de fev. 1963a.

CND reuniu-se em Brasília e teve promessa. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 1 de set. 1963b. Segundo Caderno, p. 14.

COLUNA 5 por dia. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 8, 4 de jul. 1951a.

COLUNA 5 por dia. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 11, 22 de jul. 1951b.

COMANDANTE Pinto aclamado Presidente da Federação de Judô: nova mentalidade. **Diário do Paraná**, Paraná, 29 de ago. 1964. Segundo Caderno, p. 5.

COM A VICTORIA colectiva de São Paulo encerrou-se o 8º campeonato de Jûkendô. **Brasil Asahi**, São Paulo, p. 4, 4 de set. 1940.

COMEMORAÇÕES esportivas no IV Centenário de São Paulo. **Pequeno Jornal: Jornal pequeno**, Pernambuco, p. 6, 24 de jan. 1953.

COMO professor de jiu-jitsu. **Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 6, 9 de nov. 1951.

COMISSÃO Estudantil de ajuda a expedicionário. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 6, 22 de abr. 1945.

COMPETIÇÃO de jiu-jitsu e esgrima japonesa. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 8, 31 de ago. 1935.

COMPETIÇÃO de “Jûkendô” em Marília. **Brasil Asahi**, São Paulo, p. 7, 9 de mai. 1941.

COMPETIÇÃO Rio-São Paulo para o Mundial de Judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 22 de mar. 1956. Terceira Seção, p. 2.

CONCLUSÃO do relatório divulgado pela FEMEJU. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, 1 de abr. 1966. Segundo Caderno, p. 6.

CONQUISTADO pelos paulistanos o Campeonato Paulista de Judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 7, 29 de set. 1959.

CONFEDERAÇÃO de Pugilismo contra F.F.J. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, p. 7, 25 de ago. 1965.

CONFEDERAÇÃO aceitou a retratação de Yamamoto sobre críticas ao judô. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 18, 5 de ago. 1966.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. **Regras oficiais**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1986.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ. Estatuto da Confederação Brasileira de Judô. **CBJ**, 2007. Disponível em: < <https://cbj.com.br/public/uploads/estatutos/20230615201651-CBJ.%20Estatuto%2023.03.2007.pdf>>. Acesso em: 10 de out. 2023.

CONFIRMADO mundial no Rio para 1965. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 22, 8 de nov. 1964.

CONSTITUÍDA a nova diretoria da Federação Paulista de Pugilismo. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 8, 11 de mar. 1955.

CONSTITUÍDA a equipe paulista para o Campeonato Brasileiro de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 36, 8 de jul. 1958.

CONVOCAÇÃO. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, p. 2, 4 de jun. 1961.

COPA Gracie de Jiu-Jitsu. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, p. 21-22, 26 de mar. 1955.

CORDEIRO estudará seis meses em Tóquio: judô. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 16, 15 de dez. 1957.

COSTA, C. A. Esportes nas classes armadas. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 8, 6 de jun. 1961.

CRAIG, P. **Sport sociology**. 3ª ed. Londres: SAGE, 2016. 368 p. ISBN 1473919479

CRIADA a Associação dos faixas-pretas do E. da Guanabara. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 7, 6 de dez. 1961.

CRIADA a Federação Carioca de Judo. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 2 e 8, 24 de jul. 1962.

CRIADA a Confederação Brasileira de Judô durante o XI Campeonato. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, 2 de jun. 1964. Segundo Caderno, p. 4.

DAIGOKAI Zenpaku Budô Taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 4, 31 de ago. 1937.

DAIHACHIKAI Zenpaku Budô Taikai owaru. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 3 de set. 1940.

DAIICHIKAI pan-Noroeste Jûdô Taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 2, 10 de set. 1948.

DAIICHIKAI Zenpaku Jûkendô Taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 6, 23 de abr. 1951.

DAIJUYONKAI nippaku gôdô jûdô taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 1, 15 de mar. 1948.

DAINIKAI Zenpaku Jûkendô Taikai Senseki. **Notícias do Brasil**, São Paulo, 11 de ago. 1952. Jihô Esportivo, p. 2.

DAIROKKAI Zenpaku Budô Taika. **Nambei Shimpo**, São Paulo, p. 3, 28 de jul. 1938.

DAIYONKAI Budô Taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 5, 27 de jul. 1936a.

DAIYONKAI Budô Taikai. **Nippak Shimbun**, São Paulo, p. 6, 28 de jul. 1936b.

DANTAI no eikan moji-gun he. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 5 de set. 1947.

DA ROCHA, V.L. Como o exército poderá praticar o judô. **Revista de Educação Física**. v.33, n.1, 1964. Disponível em: <<http://revistadeeducacaofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/2320/2507>>. Acesso em: 30 de ago. 2023.

DA ROCHA, V. L. **Judo: Conquista de faixas**. Guanabara: Serviço Gráfico do IBGE, 1967.

DC vai patrocinar viagem do judô ao Pan-Americano. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 2, 23 de mar. 1956.

DE ACORDO com o figurino japonês. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 16, 13 de out. 1954.

DECEPCIONADO com Hélio Gracie. **Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 10, 3 de nov. 1952.

DEFESA Pessoal: prática esportiva que se desenvolve entre nós. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 18, 28 de mai. 1944.

DE LUCA, T. R. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, C. B. (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-153.

DEMONSTRAÇÃO de Jiu-Jitsu, hoje na Academia Augusto. **Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 10, 29 de mai. 1952.

DEMONSTRAÇÕES públicas do “Ju-ken-do. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 10, 9 de ago. 1939.

DE MOURA, L. No certame nacional de jiu-jitsu Pernambuco precisa estar presente. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 17, 2 de out. 1955.

DENTRO e fora do Ring. **Pequeno Jornal: Jornal pequeno**, Pernambuco, p. 6, 30 de jan. 1953.

DE PARABÉNS a entidade pugilista de Pernambuco. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 7, 30 de mai. 1953.

DEPARTAMENTO de Judô da CBP criado. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 18, 6 de abr. 1967.

DEPOIS de muitos anos, a Bahia tem sua Federação. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 13, 18 de ago. 1972.

DESEMBARCARAM... **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 4, 30 de abr. 1956.

DESENVOLVE-SE o judô em São Paulo. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 5, 9 de out. 1949.

DESLIGAMENTO do judô da FRGP. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, 6 de ago. 1970. Segundo Caderno, p. 5.

DE SOUZA, G. C.; MOURÃO, L. **Mulheres do tatame: o judô feminino no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

DETAZO! Hakuji no Sandan. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 20 de out. 1948.

DEVEM as mulheres praticar judô? **Última Hora**, Paraná, 22 de out. 1959. Segundo Caderno, p. 2.

DEZ quesitos e um só objetivo orientarão os Gracies para o futuro. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 14, 29 de mai. 1953.

DEZEM, R. **Shindô-Renmei: terrorismo e repressão**. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2000.

DIAS 15 e 16 no campo do Cabo Branco. **O Norte**, Paraíba, p. 7-8, 12 de nov. 1952.

DIA 10 próximo, em Suzano: Inauguração da sede própria da Associação de Ju-Kendo. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 19, 29 de fev. 1956a.

DIA 28: Paulistas x cariocas em judo. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 16, 24 de mar. 1956b.

DIA 28 e 29 de junho o Campeonato Paulista de judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 16, 3 de jun. 1958.

DILIGÊNCIA, por ordem da CBD, no Processo sobre a lei do acesso. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 12, 16 de mar. 1956.

DIREITO Desportivo (XXVI). **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 5, 18 de fev. 1950.

DIRIGENTES da Federação de Judô estranham tratamento dispensado pela Confederação. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 5 de ago. 1962. Quinta Seção, p. 4.

DISPOSTA a recuar a embaixada do Japão. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 22 de fev. 1956. Suplemento Esportivo, p. 1.

DIVERSAS cidades do interior conhecerão os mestres de judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 11, 9 de out. 1952.

DJUKITCH, A. Abrindo o “dossier” do esporte mundial e brasileiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 de fev. 1961. Segundo Caderno, p. 14.

DOI I. C.; JUNIOR E.G. Os esportes dos imigrantes japoneses no jornal de notícias e suas relações com a identidade nacional (1947-1950). **Licere**, v.21, n.4, p. 259-285, 2018.

DOIS Brasileiros no Campeonato Mundial. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 13 de nov. 1958. Segunda Seção, p. 3.

DÔJÔ Hiraki. **Nippak Shimbun**, São Paulo, p. 3, 27 de jan. 1938.

DOMINGO no ginásio do Fluminense um espetáculo de judô e Defesa pessoal. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 11, 21 de out. 1953.

DRAEGER, D. F. **Modern bujutsu & budo: the martial arts and ways of Japan**. Nova Yorke: Weatherhill, 1974.

DRUMOND, M. O esporte como política de Estado: Vargas. In: PRIORE, M.D.; DE MELO, V. A. (Org.). **História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, 2009.

DRUMOND, M. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. **Estudos Históricos**, v. 22, n. 44, p. 398-421, 2009.

E A POLICIA feminina?. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, p. 11, 3 de out. 1953.

ECOS do campeonato Pan-americano de Judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 de out. 1960. Segundo Caderno, p. 13.

ELAS estão aprendendo Judo-capoeira na escola de defesa pessoal da rua Conde da Boa Vista. **Pequeno Jornal: Jornal Pequeno**, Pernambuco, p. 1, 19 de dez. 1950.

EM AÇÃO os esportes de ringue. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 de jul.1952. Segunda Seção, p. 5.

EM 10 anos mineiro fêz judô popular. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 7, 22 de jan. 1960.

EMENDA parlamentar provoca novos debates. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 3, 28 de set. 1959.

EM SETEMBRO próximo, no Rio, o campeonato brasileiro de judô. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 11, 20 de ago. 1954.

EMPOLGANTE o III Campeonato Brasileiro de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 37, 29 de out. 1956.

EMPOLGOU o festival de jiu-jitsu. **Diário da Noite**, São Paulo, p. 18, 30 de jul. 1951.

ENTREGUES as faixas simbólicas aos praticantes de Judô. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 8, 25 de abr. 1944.

ENTREGUE um memorial da CBP ao presidente da república. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 31, 13 de abr. 1957.

ENTUSIASMO e vibração caracterizaram o VII Campeonato de Faixas Pretas da Budokan. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 27, 28 de mai. 1958.

EN'YÛ no kawari ni kazoku ian undôkai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p.3, 19 de mai. 1948.

E QUEM disse que judô não é para mulheres? **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 de abr. 1962. Quinto Caderno, p. 1.

ESCOLA de Educação Física e Esportes. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 16, 19 de ago. 1950.

ESMURRANDO caras para comer. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, p. 20-21, 22 de ago. 1953.

ESPORTE de Ring. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 5 de out. 1957a. Segunda Seção, p. 2.

ESPORTE de Ring. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 7 de nov. 1957b. Segunda Seção, p. 2.

ESPORTE por Esporte. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 8, 10 de jun. 1961.

ESTADO do Rio faz exame contra falsos professores. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 24, 5 de mai. 1971.

ESTÃO aqui os mestres do jiu-jitsu. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 13, 13 de jul. 1939.

ESTREARÃO sábado os campeões brasileiros de judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 10, 2 de out. 1952.

ESTUDOS sobre a situação dos técnicos. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 6, 5 de out. 1955.

EXIBIÇÃO de judô e jiu-jitsu. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 2, 26 de nov. 1950. Segundo Caderno.

EXTRAORDINÁRIA conduta dos paulistas no Certame Nacional de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 15, 15 de jul. 1958.

FAIXAS-PRETAS disputarão domingo seleção para o Pan-americano de judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 de set. 1960. Segundo Caderno, p. 11.

FAIXAS-PRÊTAS autorizados pela FRGP. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, 28 de fev. 1970. Segundo Caderno, p. 5.

FAIXAS pretas: Exame amanhã. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, p. 10, 12 de jun. 1970.

FAMÍLIA de Pascoal Segreto aguarda liberação da Itália para trasladá-lo ao Rio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 18, 13 de ago. 1969.

FED. Carioca de judô age junto ao CND. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 25 de nov. 1962. Sexta Seção, p. 8.

FEDERAÇÃO de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 10, 25 de mai. 1957.

FEDERAÇÃO Paranaense de Judo. **Diário da Tarde**, Paraná, p. 8, 11 de jan. 1962.

FEDERAÇÃO Fluminense de Judô pretende iniciar atividades calendário oficial aprovado. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 1 de ago. 1965. Segundo Caderno, p. 7.

FEDERAÇÃO de pugilismo na festa do sesquicentenário. **Diário da Manhã**, Pernambuco, p. 8, 28 de abr. 1972.

FESTIVAL do judo. **A Manhã**, Rio de Janeiro, p. 12, 1 de ago. 1951a.

FESTIVAL Poli-esportivo Amador. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 12, 7 de set. 1951b.

FICARAM de fora os campeões brasileiros de São Paulo. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 7, 16 de fev. 1956.

FIGURAS do judô falam sobre reconhecimento da Federação pelo CND. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 de nov. 1962. Segundo Caderno, p. 5 e 12.

FINALMENTE, sede própria para a Escola Nacional de Educação Física. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 10, 19 de ago. 1950.

FOI o amistoso internacional de judô uma vitória da organização e da disciplina. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 24, 6 de ago. 1958.

FORMADA a equipe brasileira para o Pan-Americano de Judô. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 11, 27 de set. 1960.

FRANCAMENTE otimistas os japoneses. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 de ago. 1951. Segundo Caderno, p. 1.

FRANCHINI, E. Judo's foundations applied to Olympic education and to the development of fair play. In: **International Olympic Academy – Report on the I.O.A.'s Special Sessions and Seminars 2001**. Athens: International Olympic Academy, v.1, p. 190-199, 2001.

FRANCHINI, E.; DEL'VECCHIO, F. B. Tradição e modernidade no judô: histórico e implicações. In: RUBIO, K. et al. (eds). **Ética e compromisso social nos estudos Olímpicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. cap. 9, p. 121–145.

FUCHIGAMI, R.H. **Aspectos culturais e musicológicos do shakuhachi no Brasil**. 2014. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2014.

FUJIYAMA. Judô. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 1 de set. 1962a. Segundo Caderno, p. 6.

FUJIYAMA. Irregularidades que precisam desaparecer do judô com urgência. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 4 de set. 1962b. Segundo Caderno, p. 10.

FUJIYAMA. Judô. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 7 de set. 1962c. Segundo Caderno, p. 6.

FUJIYAMA. Judô Carioca agitado por violenta crise e sem solução provável. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 25 de set. 1962d. Segundo Caderno, p. 14.

FUKAYA Seisetsu. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 2, 24 de dez. 1946.

FUNCIONAMENTO e filiação dos centros de pugilismo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 21 de mar. 1954. Suplemento Esportivo, p. 7.

FUNDADA a federação de esgrima japonesa, **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 7, 16 de jun. 1933.

FUNDADA a entidade de judô. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 7, 24 de abr. 1955.

FUNDADA a Federação Paulista de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 24, 19 de abr. 1958.

FUSHIMI, K. **Cultural and historical transformation of judo in the United States and Japan: is sport dependent on the dominant culture?** Tese (Mestrado em Ciências em Human Performance) - Oregon State University, Corvallis, 1992.

GALLINO, L. **Dicionário de sociologia**. Tradução: José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.

GARCÍA, R. S. **The Historical Sociology of Japanese Martial Arts**. Abingdon: Routledge, 2018.

GB ganhou o título de judô e trouxe troféu “Correio da Manhã”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 de set. 1962. Segundo Caderno, p. 10.

GEORGE Gracie retorna do Rio com muitas novidades. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 7, 19 de mar. 1952.

GIULLIANOTTI, R. **Sport: a critical sociology**. 2ª ed. Cambridge: Polity Press, 2016.

GOLPE no judô. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, p. 14, 9 de jun. 1972.

GOODGER B. C.; GOODGER J. M. Judo in the light of theory and sociological research, **International Review of Sport Sociology**, v.12, n.2, p. 5-32, 1977.

GOODGER, B. C.; GOODGER, J. M. Organisational and Cultural Change in Post-War British Judo. **International Review for the Sociology of Sport**, v.15, n.1, p. 21-48, 1980.

GOODGER, B. **The development of judo in Britain: a sociological study**. Tese (Ph.D.) - University of London, Londres, 1981.

GOODGER, J. M. Theories of change in Sport: comments on some recent contributions. **International Review for the Sociology of Sport**, v.17, n.3, p. 99-109, 1982a.

GOODGER, J. Judo players as a gnostic sect. **Religion**, v.12, n.4, p. 333-344, 1982b.

GRACIE, R. **Carlos Gracie: o criador de uma dinastia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

GRANDE Expectativa. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 6 de out. 1954. Terceira Seção, p. 17.

GRANDE Competição de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 25, 17 de ago. 1956.

GRANDE sucesso alcançou o VI Campeonato de Faixas Pretas da Budokan. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 24, 21 de mai. 1957.

GRANDE falta de dinheiro ameaça o pugilismo nacional de ir à lona. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 39, 9 de set. 1958.

GRANDE movimentação no judô com ótimas previsões da FFJ cujo processo já tem relator. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, 7 de nov. 1965. Terceiro Caderno, p. 5.

GRÊMIO venceu o certame de judô. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 8, 15 de out. 1957a.

GRÊMIO bicampeão absoluto de judô. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 11, 16 de out. 1957b.

GROENEN, H. The origins of the French teaching method of judo (1936–1967): acculturation, international sporting stakes and gaulism. **Social and Education History**, v.2, n.3, p. 235-260, 2013.

GULYAYEVA, A. S. Japanese judo in the Soviet Ukraine (the 1960s –1970): the image in youth and sports press. **Grani**, v.138, n.10, p. 117-122, 2016.

GUTIÉRREZ-GARCÍA, C.; RUIZ-BARQUÍN, R. Professional wrestling and judo interaction in Spain in the mid-twentieth century. In: **IMACSSS: Abstract Book**, CYNARSKI, W. J.; PAWELEC, P.; SWIDER, P.; KULASA, J. (Eds.), p. 50-51, 2022.

GUTTMANN, A. **From ritual to record: the nature of modern sports**. Nova Yorke: Columbia University Press, 1978.

GUTTMANN, A. Sports Diffusion: A Response to Maguire and the americanization commentaries. **Sociology of Sport Journal**, v. 8, n.2, p. 185-190, 1991.

GUTTMANN, A.; THOMPSON, L. **Japanese sports: a history**. Honolulu: University of Hawaii Press, 2001.

HAKKOKU jûkendô renmei no setsuritsu keikaku gutai-ka. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 26 de set. 1932.

HAKKOKU jûkendô renmei dainikkai budô taikai heisô. **Semanário de São Paulo**, São Paulo, p. 3, 14 de set. 1934.

HAKKOKU Jûkendô renmei yakuinkai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 1 de nov. 1937.

HANDA, T. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HÁ NO BRASIL Faixas-Pretas que não merecem esse título. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 21 de dez. 1958. Suplemento Esportivo, p. 3 e 49.

HATANAKA, M.L.E. **O processo judicial da Shindo-Renmei**. São Paulo: Fundação Japão, 2002.

HELIO Gracie quer Judo; Jiu-Jitsu, não. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 11, 8 de out. 1952.

HELIO Gracie desafia a Kodokan. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 2, 30 de out. 1954. Segunda Seção.

HELOL, S. O jiu-jitsu morreu no Japão. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 17, 28 de jul. 1940.

HERMANNY, R. A Mulher no Judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 23 de ago. 1959a. Segundo Caderno, p. 19.

HERMANNY, R. Os Ausentes do Judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 de dez. 1959b. Segundo Caderno, p. 9.

HERMANNY, R. Judô em 1959. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 de dez. 1959c. Segundo Caderno, p. 15.

HERMANNY, R. O judô e a improvisação. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 de mar. 1960a. Segundo Caderno, p. 7.

HERMANNY, R. Profissionalismo e judo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20 de mar. 1960b, Segundo Caderno, p.19.

HERMANNY, R. Graduação no Judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 de mar. 1960c. Segundo Caderno, p. 19.

HERMANNY, R. Problemas do judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 17 de abr. 1960d. Segundo Caderno, p. 17.

HERMANNY, R. Nas competições de Judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 5 de jun. 1960e. Segundo Caderno, p. 19.

HERMANNY, R. Brasileiro visto por dentro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 de ago. 1960f. Segundo Caderno, p. 19.

HERMANNY, R. Federação Carioca de Judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 de nov. 1960g. Segundo Caderno, p. 19.

HERMANNY, R. Será o Judô mais que um esporte? **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 4 de dez. 1960h. Segundo Caderno, p. 19.

HERMANNY, R. Um mestre de judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 de jun. 1961a. Segundo Caderno, p. 7.

HERMANNY, R. Noticiário de Judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 30 de jul. 1961b. Segundo Caderno, p. 7.

HERMANNY, R. Geesink é um fenômeno do judô e sua vitória trará benefícios. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 9 de dez. 1961c. Segundo Caderno, p. 10.

HERMANNY, R. Judô: Faixas pretas agora vão ser controlados. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 de nov. 1967. Terceiro Caderno, p. 7.

HERMANNY, R. JUDÔ: Academias vão ser vistas pelo Govêrno. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 17 de dez. 1967. Terceiro Caderno, p.7.

HOMENAGEADO um velho cultor do jiu-jitsu. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 4, 26 de fev. 1950.

HOMENAGEM ao Expedicionário. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 5, 21 de abr. 1945.

HOMENAGEM da Associação dos Faixas Pretas ao diretor de “A Gazeta Esportiva”. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 28, 2 de ago. 1957.

HOTARU Dentou. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 7 de jan. 1948.

HWANG, D.; MANGAN, J. A. Japanese Cultural Imperialism in Taiwan: Judo as an instrument of colonial conditioning. MANGAN, J.A.; HORTON, P.; REN, T.; OK, G. (eds) **Japanese imperialism: politics and sport in east asia**. Singapura: Palgrave, p. 195-216, 2018.

IBIAPABA. O Jiu-Jitsu (Aliás judô). **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 11, 22 de ago. 1945.

I CAMPEONATO Brasileiro de Judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 12, 7 de out. 1954.

II CAMPEONATO Carioca de Judo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 6, 11 de set. 1955. Suplemento Esportivo.

IMPASSE apenas na escolha dos juízes. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 24 de mar. 1956. Segunda Seção, p. 8.

INAUGURADA a filial da Federação de Jûkendô em P. Prudente. **Brasil Asahi**, São Paulo, 29 de abril 1941, p. 7.

INAUGURA-SE amanhã a nova sede da Escola Nacional de Educação Física. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 18 de ago. 1950. Segundo Caderno, p. 7.

INAUGUROU-SE o “Gremio Yûdansha de Bukokan” destinado à prática e teoria do judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 10, 20 de abr. 1948.

INEVITÁVEL a criação de uma Federação de Judô no Estado. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 15 de mai. 1963. Segundo Caderno, p. 8.

INICIAM-SE hoje os certames em homenagem ao D.E.E.S.P. **Jornal de Notícias**, São Paulo, p. 14, 31 de jul. 1949.

INÍCIO auspicioso do Campeonato Paulista de Ciclismo. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 23, 6 de set. 1956.

INDISCUTÍVEL vitória da Capital no IV Campeonato Paulista de judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 18, 8 de out. 1957.

INSTALAÇÃO hoje do Brasileiro de judô. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 9 de out. 1959. Segundo Caderno, p. 8.

INSTITUÍDO o Campeonato Infanto-Juvenil de Judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 26 de fev. 1959. Terceira Seção, p. 2.

INTENSOS preparativos dos gaúchos para o Campeonato Brasileiro. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 23, 24 de out. 1956.

INTERESSE sobre o combate entre Helio Gracie e Kato. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p.3, 5 de set. 1951.

ISAMU Tsuyoshi no "renbu-e". **Brasil Asahi**, São Paulo, p. 3, 23 de jul. 1941.

ISHII dá medalha de bronze ao Brasil no judô. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 25, 2 de set. 1972.

ISHII, C. **Os pioneiros do judô no Brasil**. São Paulo: Generale, 2015.

IZUMI, S. A estrutura psicológica da colônia japonesa no Brasil. In: SAITO, H.; MAEYAMA, T. (org.) **Estudos Brasileiros: Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1973.

JAPÃO convidou o Brasil para o campeonato de judô. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 31 de dez. 1955.

JIGORO Kano, Criador do Jiu-Jitsu Moderno. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 18 de set. 1955. Suplemento Esportivo, p. 3.

JIMENEZ-LANDAZURI, A.; GOMEZ-ALONSO, M. T.; IZQUIERDO, E.; GUTIERREZ-GARCIA, C. Reserach into the history of martial arts and combat sports in Spain: the noticiarios y documentales) No-Do–newsreels (1943-1981). **Journal of Martial Arts Anthropology**, v.16, n.4, p. 11-20, 2016.

JOHNS, G. The essential impact of context on Organizational Behavior. **Academy of Management Review**, v.31, n.2, p. 386-408, 2006.

JOSHI senshu mo katsuyaku. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 13, 29 de abr. 1948.

JOVENS cariocas formam-se em judô na Educação Física. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 de set. 1961. Segundo Caderno, p. 4.

- JÛDÔ Kendô. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 10 de jan. 1938a.
- JÛDÔ Kangeiko. **Notícias de São Paulo**, São Paulo, p. 3, 24 de jun. 1938b.
- JUDÔ e jiu-jitsu no campeonato interno da Academia Ogawa. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 10, 22 de mai. 1941.
- JÛDÔ no fukyû hatten he. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 14 de jul. 1948.
- JÛDÔ senshuken taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 1 de out. 1948.
- JÛDÔ kôkan no hana. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 7, 29 de abr. 1950.
- JUDÔ e luta-livre, hoje, no Pacaembú. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 10, 12 de ago. 1951a.
- JUDÔ e “Caminho Suave “significam a mesma coisa. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 24, 23 de set. 1951b.
- JUDO. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 11, 7 de nov. 1952.
- JUDO em foco. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 11, 3 de out. 1954.
- JUDO: Mais Faixas para a academia Takeo Yano. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 8, 1 de mar. 1955a.
- JUDÔ: competição, disciplina e lealdade num mesmo esporte. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 7, 3 de nov. 1955b.
- JUDÔ briga por viagem ao Japão. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 8, 17 de fev. 1956a.
- JUDÔ Sensacional. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 13, 17 de out. 1956b.
- JUDÔ em revista. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 20, 11 de abr. 1957a.
- JUDÔ em revista. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 25, 11 de jul. 1957b.
- JUDÔ em revista. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 20, 19 de jul. 1957c.
- JUDÔ em revista. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 12, 26 de jul. 1957d.
- JUDÔ em revista. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 24, 14 de nov. 1957e.
- JUDÔ em revista. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 27, 20 de dez. 1957f.
- JUDÔ em Revista. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 20, 25 de jul. 1958a.
- JUDÔ. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 18 de set. 1958b. Segunda Seção, p. 5.

JUDÔ em revista. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 15, 29 de nov. 1958c.

JUDÔ. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 28, 4 de dez. 1958d.

JUDÔ em revista. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 33, 4 de dez. 1958e.

JUDÔ em revista. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 33, 11 de dez. 1958f.

JUDÔ no D.F. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, p. 7, 21 de jun. 1961a.

JUDÔ em S. Paulo. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 7, 9 de ago. 1961b.

JUDÔ. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 de nov. 1961c. Segundo Caderno, p. 11.

JUDÔ: festival na Hebraica. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 26 e 27 de mar. 1962a. Segundo Caderno, p. 8.

JUDÔ carioca já tem Federação cujo nome é Guanabarina: união. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 11 de ago. 1962b. Segundo Caderno, p. 12.

JUDÔ. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27 de nov. 1962c. Segunda Seção, p. 7.

JUDÔ. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20 de out. 1963a. Segundo Caderno, p. 12.

JUDÔ reage contra a exclusão dos JO. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 1 de nov. 1963b. Segundo Caderno, p. 5.

JUDO Clube Res-sei-kan irá a S. Paulo. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 8, 2 de jul. 1964.

JUDÔ Terminou sem o duelo esperado entre Geesnik e Ynokuma. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 14, 19 de out. 1965.

JUDÔ do Flamengo está em perigo de extinção caso a diretoria não libere verba. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 29, 6 de fev. 1966a.

JUDÔ. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 8 de abr. 1966b. Segundo Caderno, p. 18.

JUDÔ. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 de jun. 1966c. Segundo Caderno, p. 11.

JUDÔ: Curso de Nage-no-kata. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 27 de set. 1966c. Segundo Caderno, p. 4.

JUDÔ da Guanabara vence com H. Brito. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 8, 18 de jul. 1967a.

JUDÔ do Brasil brilho no Pan. **Alto Madeira**, Rondônia, p. 6, 10 de ago. 1967b.

JUDÔ no Paraná. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, 5 de nov. 1967c. Terceiro Caderno, p. 8.

JUDÔ: Brasil tem 54 mil praticantes. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, 30 de dez. 1967d. Segundo Caderno, p. 5.

JUDÔ agita-se com a próxima eleição. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 3, 3 de jan. 1968a.

JUDÔ tem reunião para fundar CBJ. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 11, 27 de nov. 1968b.

JUDÔ carioca conquistou o título da Budokan tendo em Mehdi sua maior figura. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 20, 7 de mai. 1969a.

JUDÔ, novas faixas. **A Tribuna**, Santos, p. 13, 20 de set. 1969b.

JUDÔ vai examinar o 1º Dan. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 19, 24 de abr. 1970a.

JUDÔ. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 11 de jul. 1970b. Segundo Caderno, p. 2.

JUDÔ. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 20 de ago. 1970c. Caderno ABC, p. 3.

JUDÔ. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 8 de out. 1970d. Caderno ABC, p. 2.

JUDÔ. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 30 de out. 1970e. Caderno ABC, p. 2.

JUDÔ feminino. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, p. 14, 5 de mar. 1972a.

JUDÔ brasileiro ganha as duas primeiras no certame Pan-americano. **A Tribuna**, Santos, p. 13, 14 de mai. 1972b.

JUDÔ. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 2, 22 de set. 1972c.

JUDÔ: só diplomas da CBP tem valor. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, p. 15, 17 de nov. 1972d.

JUDÔ: Confederação já funciona. **A Tribuna**, Santos, p. 11, 25 de dez. 1972e.

JUDOCAS seguiram: crediário. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 de nov. 1958. Segundo Caderno, p. 1.

JÛDÔKAI no Hanagata. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 4, 5 de abr. 1950.

JUDOCAS de Brasília obtiveram: 4º lugar. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, p. 7, 12 de jul. 1961.

JUDOCAS vão mudar de faixa. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 14, 2 de jul. 1970.

JUÍZES prejudicam o torneio de judô. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 8, 5 de jun. 1963.

JUÍZES prejudicam cariocas no Brasileiro de Judô que termina com tetra paulista. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 20, 21 de jun. 1966.

JÛKENDÔ Taikai. **Nippak Shimbun**, São Paulo, p. 7, 5 de jun. 1933.

JÛKENDÔ renmei yakuinkai. **Nippak Shimbun**, São Paulo, p. 11, 25 de jul. 1934.

JÛKENDÔ renmei dôjô-biraki wa kigensetsu. **Notícias de São Paulo**, São Paulo, p. 2, 26 de jan. 1938a.

JÛKENDÔ renmei. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 15 de fev. 1938b.

JÛKENDÔ wo ichidô ni atsumete. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 8 de out. 1938c.

JÛKENDÔ renmei ni Mario miranda-kun-nai kokujin dan tai ni kaiso. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 31 de ago. 1939.

JUNJÔ wo tôkon ni ori mazete budô no seika hiraku gyôsei to mariria ore gu yûshô. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 16 de abr. 1940.

KABAYAMA, S. Burajiru jûdô no genzai shôrai. **Judô**, v.26, n.3, p. 27-29, Tóquio: Kodokan, 1955.

KAGAYAKU jûdô no rikisen o san fu daie o kazaru Ono nidan Sawada nidan no nekketsu o haku dai hakuhei-sem. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 4, 4 de set. 1935.

KAIKAN O-hirô. **Nippak Shimbun**, São Paulo, p. 7, 7 de ago. 1937.

KANO R. **Jigoro Kano and the Kodokan: an innovative response to modernisation**. Tradução de Alexander Bennet. Tokyo: Kodokan Judo Institute, 2009.

KAWAI, T. Italianos e sírio-libaneses: uma visão comparativa com os japoneses. In: SAITO, H. (org.) **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: EDUSP, p. 153-172, 1980.

KASUKATTA yûshô: Jûkendô Taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 17 de dez. 1947.

KAWAKAMI o campeão nacional. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 1 de nov. 1955. Segundo Caderno, p. 1-2.

KAWAKAMI foi a grande sensação. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 11, 20 de ago. 1958.

KENGAKU shiki shinkyô-buri. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 28 de jul. 1950.

KIMURA desafia Helio Gracie. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 5 de out. 1951. Segunda Seção, p. 8.

KINKOKU. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 2, 25 de dez. 1938.

KOBAYASHI, L. **Peregrinos do sol: a arte da espada samurai**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

KODAMA, K.; SAKURAI, C. Episódios da imigração: um balanço de 100 anos. In: SAKURAI, C. et al. (Orgs.). **Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

KODOCAN do Litoral: torneio de judô promovido pela CME. **A Tribuna**, Santos, 26 de mar. 1967. Segundo Caderno, p. 11.

KOSHIYAMA, A. M. Globalização e mídia Nikkei: portuguese media for nikkeis in Brazil. **Comunicação: Veredas**, v.3, n.3, p. 35-45, 2004.

KOTANI, S. Nanbei Jūdō Angya, **Judô**, v.11, n.4, p. 25, Tóquio: Kodokan, 1940.

KOTANI, S. **Jūdō Ichiro**: kaigai fukyū ni tsukushita gojū-nen [Jornada no Judô: Cinquenta anos espalhando o judô no estrangeiro]. Tóquio: BBM, 1984.

KRILLOW, L.S.W. Jornal como fonte e/ou objeto da escrita histórica: proposta metodológica aplicada à análise das representações sobre “o político” na “grande imprensa carioca” de 1955 a 1960. **Oficina do historiador**, v.12, n.1, p. 1-21, 2019.

LEE, C.; MANGAN, J.A.; OK, G. Taiwan under Japanese colonial control: sport as a component of cultural conditioning, political domination, and militaristic imperialism. In: MANGAN, J.A.; HORTON, P.; REN, T.; OK, G. (eds) **Japanese imperialism: politics and sport in east asia**. Singapura: Palgrave, p. 217-242, 2018.

LEAL, S. Faixa-preta é bom mas não é o maior. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, 10 de set. 1967. Terceiro Caderno, p. 1.

LEITÃO, H. Q. O Judô de Kodokan. **A Cigarra**, São Paulo, p. 134-137, dez 1956.

LIGA de Esportes da Marinha. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 14, 1 de ago. 1939.

LISE, R. S.; CAPRARO A. M., Primórdios do jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil: contestando uma memória consolidada. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 3, p. 318-324, 2018.

LIVRO de judô vai ensinar desde a parte técnica até como se dobrar o quimono. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 20, 11 de mai. 1967.

LOPEZ-CLASS, M.; CASTRO, F. G.; RAMIREZ, A. G. Conceptions of acculturation: a review and statement of critical issues. **Social Science & Medicine**, v. 72, n. 9, p.1555-1562, 2011.

LOURENÇÃO, G. V. **Identidades, práticas e moralidades transnacionais: etnografia da esgrima japonesa no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

LUIZ Alberto campeão absoluto de judô em 59. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 de set. 1959. Segundo Caderno, p.13.

LUTA de longa duração (fatos diversos). **Brasil Asahi**, São Paulo, p. 7, 21 de ago. 1941.

LUTA livre e judô. **Jornal de Notícias**, São Paulo, p. 9, 7 de out. 1951.

LUTA-LIVRE e judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 10, 19 de ago. 1951.

LUTADORES da capital e do interior se defrontaram ontem no ginásio do Pacaembu. **Diário da Noite**, São Paulo, p. 9, 19 de abr. 1948.

LUVAS & Quimonos. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 7, 15 de jul. 1958a.

LUVAS e Quimonos. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 7, 14 de ago. 1958b.

LUVAS e Quimonos. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 7, 24 de mar. 1962a.

LUVAS e Quimonos. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 2 e 8, 11 de mai. 1962b.

LUVAS e Quimonos. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 8, 9 e 10 de ago. 1964.

MAÇANEIRO, G. G. B.; FRANCHINI, E. Hakkoku Jūkendō Renmei: Development of Jūdō in Brazil. In: KEUM Gi Hyung; PARK Chang Hyun. (Org.). **Traditional Martial Arts as Intangible Cultural Heritage**. 1ª ed., v.1, p. 53-64, Jeonju: ICHCAP, 2020.

MACKENZIE vence Judô. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p. 8, 13 de ago. 1970.

MAEYAMA, T. Ethnicity, Secret Societies, and Associations: The Japanese in Brazil. **Comparative Studies in Society and History**, v.21, n.4, p. 589-610, 1979.

MANGAN, J.A.; PARK, K.; OK, G. Japanese imperial sport as failed cultural conditioning: Korean ‘recalcitrance’. MANGAN, J.A.; HORTON, P.; REN, T.; OK, G. (eds) **Japanese imperialism: politics and sport in east asia**. Singapura: Palgrave, p. 43-69, 2018.

MANTUANO, T. Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón. **Esporte e Sociedade**, ano 7, n. 20, p. 175-182, 2012.

MAGNIFICAS demonstrações de judô no Pacaembu. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 8, 31 de jul. 1951.

MAGNIFICA a demonstração de judô domingo. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 15, 16 de mai. 1956.

MA-GUN attôteki shôri. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 5 de mar. 1948.

MAIO no Japão: 1º Campeonato Mundial de Judô. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 7, 25 de nov. 1955.

MAIORIDADE do judô no Est. Da Guanabara. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 6, 17 de nov. de 1962.

MARCHA Kawakami para a conquista do tetracampeonato de judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 21, 24 de set. 1957.

MARÍLIA no jûdô-netsu. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 26 de jan. 1948.

MARTA, F. E. F. Artes marciais e ditadura brasileira: as histórias se cruzam? Incursões pelas páginas de O Judoka. **Dialogia**, v.7, n.1, p. 53-62, 2008.

MARTINS, A.L.; DE LUCA, T.R. (org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MASSAYOSHI Kawakami, do Brasil e George Harris dos E.U.A. repartiram o título absoluto. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 24, 18 de ago. 1958.

MATTOS, Z. Graus do Japão para melhorar judô no Brasil. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 11, 28 de jan. 1968.

MATSUCHI Campeão Absoluto do I Campeonato De Judô. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, p. 6, 1 de out. 1963.

MATT (canadense) foi campeão absoluto; Kawakami o vice. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 de out. 1960. Segundo Caderno, p. 14.

MAZZEI, L. C.; NASSIF, V. M. A cultura organizacional na gestão do esporte: a study on a sports Federation. **REUNA**, v.18, n.4, p. 93-110, 2013.

MAZZEI, L. C.; CRUZ, A. C. C. Um Longo Caminho: Memória Institucional da Gestão do Judô no Brasil. In: ROCCO JR., A.J; et al. (orgs) **Ensaio sobre Gestão do Esporte: reflexões e contribuições do GEPAE/EEFE-USP**. SP: OJM, 2015. cap. 4, p. 105-128.

MEDHI, o maior no Brasileiro de judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 14 de jun. 1964. Segundo Caderno, p. 13.

MEDHLI foi o campeão dos pesados: judô. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 10, 14 de abr. 1964.

MIARKA, B.; MARQUES, J. B.; FRANCHINI, E. Reinterpreting the history of women's judo in Japan. **The International Journal of the History of Sport**, v.28, n.7, p. 1016-1029, 2011.

MIRANDA, M. B. **Um brasileiro no Japão em guerra**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

MIRANDA, M. B. **Shindo Renmei: terrorismo e extorsão**. São Paulo: Saraiva, 1948.

MIURA (marrom), Bartolomeu (1.º Dan), Moacir (2.º Dan) e Hermanny (3.º Dan) foram campeões individuais de judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 de nov. 1961. Segundo Caderno, p. 12.

MOÇAS e senhoras aprendem judô para defender-se dos dons-joões importunos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 7, 9 de mai. 1959.

MOL, S. **Classical fighting arts of Japan: a complete guide to koryu jujutsu**. Tóquio: Kodansha International, 2001.

MOLINA, M. M. **História dos Jornais no Brasil: Da era colonial à Regência (1500-1840)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MORAIS, F. **Corações sujos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MORELLI, F. Esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. **Projeto História**, São Paulo, n.49, p. 445-453, 2014.

MOVIMENTO para fundar a Federação Gaúcha de Judô. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 12, 13 de dez. 1958.

MUITOS brigam por causa de uma bandeira. **Cidade de Santos**, São Paulo, p. 8, 28 de out. 1970.

MULHER do Paraná já é faixa-preta. **Diário da Tarde**, Parana, p. 1, 14 de mar. 1972a.

MULHER não poderá participar das competições oficiais de judoismo. **Diário de Pernambuco**, p. 20, 9 de jul. 1972b.

MULHERES aprendem judô e os maridos tremem. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 16, 9 de mai. 1960.

NADA com os Argentinos. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 10, 13 de fev. 1955.

NA INGLATERRA se pratica o Judo semelhante ao do Japão. **Diário da Noite**, São Paulo, p. 12, 30 de jul. 1958.

NAKAJIMA, T. Taikô bunka to shite no Kobudô: Matsumoto-gaku ni yoru Kobudô teishô to Nihon Kobudô Shinkôkai no katsudô wo chûshin ni, **Supôtsu Jinrui Gaku Kenkyû**, v.12, p. 51-73, 2010.

NAKAJIMA, T.; THOMPSON, L. Judo and the process of nation-building in Japan: Kanô Jigorô and the formation of Kôdôkan judo, **Asia Pacific Journal of Sport and Social Science**, v.1, n.2-3, p. 97-110, 2012.

NAKAJIMA, T. Emergence of jujutsu match and its fact in the end of Tokugawa Period: analysis of Tenjinshinyo-ryu's record "Taryu Shiai Seimei Hikae", **Kodokan Judo Kagaku Kenkyukaikyo**, v.16, p. 41-58, 2017.

NÃO há lugar em São Paulo para combates combinados. **Jornal de Notícias**, São Paulo, p. 7, 15 de ago. 1951.

NÃO poderão ir à Argentina. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 24, 8 de fev. 1955.

NÃO abdicará a CBP de seus líquidos direitos. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 de fev. 1956. Suplemento Esportivo, p. 3.

NÃO será patrocinada pela F.P.P. o I Campeonato Infante Juvenil de Judô em Suzano. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 14, 20 de jul. 1957.

NEGAWA, S. Trends in a Japanese–Christian Educational Institution in Brazil in the Pre-World War II period: a case in Seishu Gijuku in the early 1930s. **Keizaigaku-Ronso (The Doshisha University economic review)**, v.64, n.4, p. 173-198, 2013.

NIEHAUS, A. If you want to cry, cry on the green mats of Kôdôkan: expressions of Japanese cultural and national identity in the movement to include judo into the Olympic programme. **The International Journal of the History of Sport**, v.23, n.7, p. 1173-1192, 2006.

NIHON Kokugi no Seika. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 12 de mai. 1948.

NIHON-DEN Kodôkan Jûdô shisetsu shôhei. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 2, 20 de ago. 1952.

NIPO-BRASILEIRA troca de bem com a federação. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 5, 3 de mar. 1961.

NIPPON BUDOKAN. **Budo: The Martial Ways of Japan**. Tradução de Alexander Bennet. Chiba: Bunkasha International, 2011.

NOBIRO Nihon Jûdô. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 15 de set. 1948.

NO BRASILEIRO de Judô: Paulistas, ainda os favoritos. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 8, 17 de set. 1956.

NOCAUTE. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 10, 21 de ago. 1955.

NO DIA 12, início do 1º Campeonato Brasileiro de Judo. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 10, 8 de out. 1954.

NO GINÁSIO do Pacaembu, estrearão hoje os campeões japoneses de judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 11, 4 de out. 1952.

NO GINÁSIO “Major Martorelli” o I Campeonato de Judô. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 11, 14 de set. 1967.

NOGUEIRA, M. C. Judo e Jiu-Jitsu: O que veem a ser? **Revista de Educação Física**, Rio de Janeiro, ed.49, p. 9-10, nov. 1941.

NO MUNDO esportivo. **Brasil Asahi**, São Paulo, p. 8, 9 de mar. 1941.

NO PALÁCIO do Catete. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 20 de nov. 1952. Primeira Seção, p. 4.

NO RIO o Campeonato de Judô. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 16, 5 de out. 1954.

NORMAS do serviço de censura. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 2, 16 de ago. 1961.

NORTE há sucesso. **Diário do Paraná**, Paraná, 6 de out. 1968. Segundo Caderno, p. 8.

NOTICIARIO da Federação de Pugilismo. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 3, 20 de jul. 1952.

NOTÍCIAS de esporte. **A Nação**, Blumenau, p. 5, 30 de jun. 1963.

NOTÍCIAS de judô. **Cidade de Santos**, São Paulo, p. 8, 16 de mar. 1971.

NOVA Iguaçu: Judô feminino tem torneio dia 2. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p.7, 23 de julho de 1970.

NOVOS campeões de judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 9 de set. 1962. Segundo Caderno, p. 8.

NUNES, A. V.; RUBIO, K. As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.26, n.4, p. 667-678, 2012.

NUNES, A. V.; RUBIO, K. The Japanese influence on the formation and development of Brazilian judo. **International Journal of Sport Studies**, v.3, n.10, p. 1087-1094, 2013.

O 25º aniversário da imigração japonesa para o Brasil. **Nippak Shimbun**, São Paulo, p. 8, 22 de jun. 1933.

OBJETIVA-SE a unificação das práticas do judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 19 de dez. 1958. Segunda Seção, p. 7.

O BRASIL deve participar do Campeonato Mundial de Judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 de fev. 1955. Segundo Caderno, p. 1.

O BRASIL concorrerá ao Mundial de judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 de fev. 1956a. Segundo Caderno, p. 1.

O BRASIL no Mundial de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 4 e 24, 13 de abr. 1956b.

O BRASIL no Mundial de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 19, 25 de jan. 1958.

O CAMPEÃO nipônico dormiu nos punhos poderosos de Helio Gracie. **Diário de Natal**, Rio Grande do Norte, p. 5, 4 de out. 1951.

O DEPARTAMENTO de esportes promoverá vários torneios. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 9, 15 de jul. 1949.

O DESENVOLVIMENTO do judô no Brasil em nível elevado. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 1 de abr. 1956.

- OGAWA Ryuzô. **Nambei Shimpo**, São Paulo, p. 7, 29 de abr. 1941.
- OGAWA R. 1955. **Budokan kan'in no shô**. São Paulo, 10 de dez. 1955. Certificado.
- O JIUJITSU é superior ao boxe. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 9, 9 de nov. 1943.
- ÔJI no zenppaku taikai wo shinobu seikyô. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 6 de out. 1947.
- O JIU-JITSU sensacional. **A Noite: Suplemento**, Rio de Janeiro, 12 de jul. 1949. Secção de Rotogravura, p. 3-6 e 14.
- O JUDO em S. Paulo. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 13, 9 de nov. 1944.
- O JUDO em S. Paulo. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 9, 22 de ago. 1945.
- O JUDÔ quer descobrir o Brasil. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 15, 10 de out. 1952.
- O JUDÔ aproxima os povos. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 7-8, 1 de jun. 1955.
- O JUDÔ Carioca Brilhou em São Paulo. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 7, 12 de mai. 1961.
- OKAMOTO, M. S.; NAGAMURA, Y. Burajiru Jihô (Notícias do Brasil) e Nippak Shimbun (Jornal Nipo-brasileiro): os primeiros tempos dos jornais japoneses no Brasil (1916-1941). **Revista Escritos**, v.9, n.9, p. 147-179, 2015.
- OKANO, S. Umi wo watatta Samurai: Shirizu dai ni kai. **Genkan Hidden**, ano 30, n.9, p. 34-38, 2020.
- OKANO, S. Umi wo watatta Samurai: burajiru jûdô no senkuchatachi. **Genkan Hidden**, ano 31, n.1, p. 96-100, 2021.
- O MOMENTO no judô carioca. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 de jul. 1962. Segundo Caderno, p. 17.
- OMORI, S. Nodachi shigenryû. **Daijyouzen**, v.35, n.8, p. 26-29, 1958.
- ONO dôjô yûshô. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 1 de ago. 1951.
- ONTEM no CND. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 4, 19 de jan. 1954.
- ONTEM no CND. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 4, 5 de fev. 1955.
- O QUE a nota dos Gracie não disse. **Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 2, 30 de mai. 1953.
- O QUE vai pelo DEFE. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 7, 22 de ago. 1957.
- O REI do Judo elogia Gracie. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 14, 4 de out. 1952a.

O REI do judô elogia Gracie. **Diário de Natal**, Rio Grande do Norte, p. 5, 7 de out. 1952b.

ORGANIZAÇÃO e sistema para o judô brasileiro. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 18, 28 de dez. 1957.

ORGANIZADO o calendário da entidade pugilística. **Jornal de Notícias**, São Paulo, p. 11, 3 de mar. 1950a.

ORGANIZADO o calendário esportivo da Federação Paulista de Pugilismo. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 4, 14 de mar. 1950b.

OROTAVO JUNIOR, F.O. Judô & Judocas. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 8, 15 de abr. 1964a.

OROTAVO JUNIOR, F.O. Judô & Judocas. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 7, 15 de jun. 1964b.

OROTAVO JUNIOR, F.O. Judô & Judocas. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 9, 16 de jun. 1964c.

OROTAVO JUNIOR, F.O. Judô & Judocas. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 8, 25 de jun. 1964d.

OROTAVO JUNIOR, F.O. Judô & Judocas. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 8, 2 de jul. 1964e.

OROTAVO JUNIOR, F.O. Judô & Judocas. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 12 de jul. 1964f. Segundo Caderno, p. 1.

OROTAVO JUNIOR, F.O. Judô & Judocas. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 7, 14 de jul. 1964g.

OROTAVO JUNIOR, F.O. Judô & Judocas. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 8, 16 de jul. 1964h.

OROTAVO JUNIOR, F.O. Judô & Judocas: Fundação da CBJ será decidida hoje na CBP. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 9, 11 de jun. 1965.

OS CAMPEÕES japoneses de judô não realizaram lutas combinadas do ginásio do Pacaembú. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 16, 16 de ago. 1951.

OS CARIOCAS serão sérios concorrentes ao certame Brasileiro de judô, a ser disputado em São Paulo. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 9, 15 de set. 1956.

OS JAPONESES lutarão sob nossas regras. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 de set. 1952. Segundo Caderno, p. 1.

OS “JUDOKAS” Pan-Americanos na Escola de Educação Física do Exército. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 17, 4 de mai. 1956.

ÓTIMA perspectiva para o jiu-jitsu. **Diário da Noite**, São Paulo, p. 7, 19 de jul. 1949.

O TORNEIO de judô realizado no ginásio do Pacaembú. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 11, 1 de mai. 1945.

ÔZA yurugazu. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 4 de fev. 1952.

PAN-AMERICANO de Judo. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 6, 10 de out. 1952.

PAN-CENTRAL sen Jûkendô Taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 4, 19 de mai. 1952.

PAN-SORO Jûdô Yûdanshakai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 5 de abr. 1950.

PARADA de Judokas no XI Campeonato anual da Budokan. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 36, 11 de ago. 1958.

PARAHYBA, A. Ring & Ring. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 2, 5 de jul. 1956.

PARAHYBA, A. Brasil ganhou título de bi-pan-americano e pode ganhar a FIJ. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 24 e 25 de dez. 1960. Segundo Caderno, p. 6.

PARANÁ estará presente ao 3.o Campeonato Brasileiro de Judô no Rio de Janeiro. **Diário do Paraná**, Paraná, p. 6, 27 de set. 1961.

PASCHOAL tem adeus do esporte. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 17 de ago. 1969. Segundo Caderno, p. 11.

PAULISTAS levantaram o Brasileiro de judô em Londrina. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, 20 de out. 1968. Segundo Caderno, p. 8.

PEREIRA, O. Esporte Amador. **Cidade de Santos**, Santos, p. 8, 17 de out. 1968.

PINTO, P. Selo Totti, a Dama de Ferro do judô nacional, deixa um legado de grandes conquistas no judô rondoniense. **Revista Budô**, 3 de jun. 2018. Disponível em <<https://revistabudo.com.br/selo-totti-dama-de-ferro-do-judo-nacional-deixa-um-legado-de-grandes-conquistas-no-judo-rondoniense/>> Acesso em: 1 de nov. 2023.

PODERÁ Yoshi enfrentar 5 adversários a um tempo. **O Norte**, Paraíba, p.7, 14 de nov. 1952.

PODERÃO ser filiados os centros pugilísticos. **Diario de Notícias**, Rio de Janeiro, 1 de dez. 1953. Terceira Seção, p. 2.

PÔRTO Alegre já tem Faixa Preta feminino. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 9 de ago. 1970. Suplemento Esportivo, p. 2.

PRESENTE ao “vale-tudo” o rei da capoeira. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 13 de mar. 1953. Segundo Caderno, p. 1.

PRESIDENTE da Federação de Judô deixa cargo assim que Conselho aprovar as contas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 17, 20 de nov. 1965.

PREVISTA a participação do judô na próxima olimpíada. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 10, 15 de fev. 1953.

PREVISTO para amanhã: A. Cordeiro e H. Gracie. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 10, 10 de fev. 1953.

PRIMEIRA Grande Adesão: Judô Clube Augusto Cordeiro. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 8, 1 de set. 1962.

PRIMEIRO festival internacional de judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 14, 18 de set. 1948.

PRIMEIRO Campeonato Latino-Americano de Judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 12, 2 de out. 1952.

PROCLAMADOS dois vencedores no certame nacional de judô. **Jornal de Notícias**, São Paulo, p. 8, 31 de jul. 1951.

PROCURA-SE um campeão de jiu-jitsu. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 4, 28 de jul. 1955.

PROFESSOR Loanzi, incisivo: foi justa a vitória do Ruy Barbosa. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 10-11, 5 de mai. 1954.

PROF. A. Latorre de Faria. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 10, 6 de nov. 1954.

PROGRAMADO para o Brasil o próximo campeonato Pan-Americano de Judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 6 de mai. 1956. Suplemento Esportivo, p. 2.

PROMOÇÕES na Federação de “Jûkendô” do Brasil. **Brasil Asahi**, São Paulo, p. 7, 28 de ago. 1941.

PROMOÇÕES de Judoistas da Kodokan. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 4, 21 de dez. 1958.

PÚBLICO prestigiou lutas no ginásio do Gragoatá entre vários judocas. **O Fluminense**, Rio de Janeiro, p. 7, 5 de ago. 1965.

PUGILISMO na Associação Cristão de Moços. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 6, 18 de abr. 1944.

PUGILISMO da F.M.P. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 7 de out. 1951. Suplemento Esportivo, p. 3.

PUGILISMO: Reunião do Departamento Técnico da Federação Metropolitana. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 9, 20 de jul. 1952.

PUGILISMO. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 12 de jun. 1954. Segunda Seção, p. 2.

PUGILISMO Tornou-se Realidade no D.F. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, 5 de ago. 1962. Segundo Caderno, p. 4.

PUGILISMO elege todos os poderes com gente boa. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, p.11, 1 de abr. 1971a.

PUGILISMO já fêz o calendário para 1972. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 22 de out. 1971b. Segundo Caderno, p. 11.

QUASE chegam às vias de fato dois membros do C.N.D. **A Nação**, Santa Catarina, p. 6, 27 de jun. 1959.

QUATRO judoístas só por nação no judô dos jogos Olímpicos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 8 de jul. 1962. Segundo Caderno, p. 5.

QUE venham os Gracie. **Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 3, 31 de jan. 1953.

QUE se precavenham os “engraçadinhos”: moças aprendem judô para se defender. **Diário da Noite**, São Paulo, p. 5, 7 de jun. 1960.

QUEM será, afinal, o campeão brasileiro de jiu-jitsu? **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, p. 4, 7 de jun. 1955.

RAINENDO yakushin junbi ni Jûkendô renmei yakuinkai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 25 de nov. 1937.

RECONHECE a F.P.P. justiça no movimento separatista do judô. **Diário da Noite**, São Paulo, p. 10, 5 de fev. 1957.

REELEITO Pascoal Segreto Sobrinho. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 2 de fev. 1954. Segunda Seção, p. 16.

REELEITO Brundage. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, p. 7, 25 de jul. 1960.

RÉGNIER, P. Le judô em Bretagne du point de vue de la théorie du processus de civilisation. **Aspects Sociologiques**, v.17, n.1, p. 86-98, 2010.

REGRAS Modernas de Judo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 3, 9 abr. 1944.

RENATO, C. Cuidado com os espões de kimono! **Última Hora**, Rio de Janeiro, p. 10, 22 de mai. 1953.

REPPAKU no kiai... Shime-waza no seika. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 14 de abr. 1948.

REPRESENTAÇÃO brasileira no campeonato de judô, no Japão. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 8, 18 de fev. 1956.

REPRESENTAÇÕES Continentais no Campeonato Mundial de Judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 3, 27 de nov. 1955. Suplemento Esportivo.

REPRESENTANTES mineiros para o certâmen nacional de judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 14, 6 de out. 1956.

RESENHA Amadorista. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 14, 15 de jul. 1962.

RESENHA Amadorista. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 3 de dez. 1963a. Segundo Caderno, p. 5.

RESENHA Amadorista. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 de dez. 1963b. Segundo Caderno, p. 6.

RESENHA Amadorista. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 de mai. 1966. Segundo Caderno, p. 9.

RESPEITO ao “Jiu-Jitsu”. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 3 de mai. 1953. Segundo Caderno, p. 2.

RESULTADO do certame de judô. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 10, 27 de ago. 1955.

RETIRADO o convite do Brasil para disputar o Mundial de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 31, 19 de abr. 1956.

RETOQUES finais dos bandeirantes para o III Campeonato Brasileiro de Judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 13, 9 de out. 1956.

REÚNEM-SE no Pacaembu os lutadores de judô. **Jornal de Notícias**, São Paulo, p. 9, 28 de jul. 1951.

REUNE-SE a C.B.P. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 14, 2 de mai. 1958.

REUNIÃO de técnicos de judô na FRPG. **Diário de Notícias**, Rio Grande do Sul, p. 12, 31 de ago. 1955.

REUNIÕES do departamento técnico. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 4, 1 de abr. 1951.

REVIVENDO o espírito do Samuraes. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 8, 16 de ago. 1939.

REVIVERÁ o pugilismo. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 29 de mar. 1951. Terceira Seção, p. 13.

ROCHA, R. FEJAMA realiza ‘Feijoada Beneficente’, alusiva a sua fundação. **Federação de Judô do Amazonas**. Manaus, 2020. Disponível em: <https://www.fejama.com.br/fejama-realiza-feijoada-beneficente-alusiva-a-sua-data-de-fundacao/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

S. PAULO obteve espetacularmente o título de tetracampeão brasileiro de judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 17, 12 de nov. 1957.

- SAEKI, T. The conflict between tradition and modernization in a sport organization: a sociological study of issues surrounding the organizational reformation of the All-Japan Judo Federation, **International Review for the Sociology of Sport**, v.29, n.3, p. 301-315, 1994.
- SAKURAI, C. **Os japoneses**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- SAMARA, E.; TUPY, I. **História e documento e metodologia de pesquisa**. 2^a ed. Autêntica, 2013.
- SÁNCHEZ-GARCÍA, R. The development of Kano's judo within japanese civilizing/decivilizing processes. **Asia Pacific Journal of Sport and Social Science**, v.5, n.2, p. 108-119, 2016.
- SANTARI! Budô no seika. **Notícias de São Paulo**, São Paulo, p. 3, 15 de ago. 1939.
- SANTOS, R.G.C.D. As Charges antiperonistas de Tribuna da Imprensa (1949-1955). **Revista Tempo e Argumento**, v.8, n.18, p. 215-248, 2016.
- SÃO PAULO campeão brasileiro de judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 30, 29 de out. 1956.
- SÃO PAULO é campeão Brasileiro de judô. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 7, 14 de nov. 1961.
- SASAKI, E. A imigração para o Japão. **Estudos Avançados**, v.20, n.57, p. 99-117, 2006.
- SATO, S. The sportification of judo: global convergence and evolution, **Journal of Global History**, v.8, n.2, p. 299-317, 2013.
- SATO, Y.; INOUE, S. Judo no bunka hen'yo ni kansuru kenkyu: judô to judo no paradokkusu. **Taiiku supotsu tetsugaku kenkyu**, v.39, n.2, p. 137-148, 2017.
- SATO, Y.; INOUE, S. Changes in the educational value of Judo: Its cultural presence. **Kokushikan Society of Sports Science**, n.22, p. 29-34, 2022.
- SEGREDOS do judô feminino está em saber como cair. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 3, 22 de ago. 1961.
- SEIDAI de ata Budô Taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 7, 22 de jun. 1933.
- SEISHI ni moeru tōhō shōbu-koku no iki hakkoku jūkendō renmei dainikai budô taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 7, 19 de set. 1934.
- SEISHI Kinkō Senshukun Taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 6 de out. 1948.
- SELEÇÃO de Judô. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, p. 8, 1 de jul. 1961.
- SEMARO zenppaku jūdô. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 27 de ago. 1947.

SERÁ iniciado o I Campeonato Brasileiro de Judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 12 de out. 1954. Terceira Seção, p. 17.

SERÁ conhecida hoje a delegação brasileira de judô. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 9, 28 de mar. 1956.

SERÁ no Brasil o Panamericano de Judo. **A Tarde**, Paraná, p. 7, 3 de mai. 1958.

SERÁ no Teatro Nacional o 1º Campeonato de Judô. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, p. 6, 21 de set. 1963.

SHIBATA, N. N. Y. Os sentidos do (ser) moderno: o Japão e sua política imigratória no caso brasileiro. **JINMONKEN**, ed. especial, p. 70-109, 2011.

SHIBU hata ni ai-musubu. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 4 de out. 1948.

SHINOHARA, campeão absoluto do torneio internacional de judô. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 25, 5 de ago. 1958.

SHIN'YOKAN Kôrei Taikai. **Notícias do Brasil**. São Paulo, p. 3, 13 de mai. 1949.

SHIOSAWA perdeu na terceira. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 22, 22 de out. 1964.

SHIOZAWA foi o destaque do Brasileiro de Judô que São Paulo conquistou. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 27, 9 de set. 1969.

SHIOZAWA dá adeus ao judô após conquistar outro título absoluto. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 24, 20 de nov. 1972.

SHOW de judô em São Paulo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 13, 1 de jul. 1970.

SHUTSUJÔ musha Sanbyaku Meiyo: Tôkon hibana chiro. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 6, 29 de abr. 1950.

SHÔWA dôjô shusai jûdô taikai seikyô. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 6, 4 de ago. 1937.

SILÊNCIO do Paraná desagrada a C.B.P.: Brasileiro de Judô. **Diário do Paraná**, Paraná, 16 de jun. 1966. Segundo Caderno, p. 6.

SILVA, E.; CORRÊA, E. **Muito antes do MMA: O legado dos precursores do Vale Tudo no Brasil e no mundo: III- a consolidação do grappling e do vale tudo no brasil**. São Paulo: AGBOOK, 2021.

SÍNTESE histórica das atividades e realizações da C.B.P. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 29, 11 de jun. 1958.

SOARES, J. R. M.; FARIA, A. L. A Origem do Jiu-jitsu. **Educação Physica**, Rio de Janeiro, n. 62-63, p. 20-21, jan. e fev. 1942.

SOBERBAS exibições de despedida de Kimura, Yamagushi e Kato. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 12, 2 de nov. 1951.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA. **Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa do Brasil**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1992.

SODRE N.W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.

STEVENS, J. **The way of judo: a portrait of Jigoro Kano & his students**. Londres: Shambala, 2013.

SUCCESSO absoluto no espetáculo do judô da Academia Cordeiro. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 7, 27 de out. 1953.

SUDDABY, R.; FOSTER, W. M. History and Organizational Change. **Journal of Management**, v.43, n.1, p. 19-38, 2017.

SUL-AMERICANO de Judô em São Paulo. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, p. 7, 24 de nov. 1955.

SUZUKI, T. A imigração Japonesa no Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n.39, p. 5-65, 1995.

TAKESHITA, K. **Ju-do: antigo jiu-jitsu**. São Paulo: Cia. Brasil Editora, [1963].

TAKUO Chiba foi vencedor absoluto do certame da Associação de Judoistas. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 25 de jan. 1962. Segundo Caderno, p. 8.

TAVARES, G. Jiu-jitsu em Pernambuco. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, p. 8, 20 de jul. 1954.

TECNICA dos brasileiros o sucesso do certame de judô. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 8-9, 29 de abr. 1956.

TEMPORADA Internacional de Judô. **O Dia**, Paraná, p. 9, 4 de out. 1952.

TERÇA-FEIRA o início do I Campeonato Brasileiro de Judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 9 de out. 1954. Segunda Seção, p. 16.

TERU yaku haken mezashite wakôdo no chishio wa odoru. **Nippak Shimbun**, São Paulo, p. 3, 16 de ago. 1938.

TEVE o CND invadidas suas reais atribuições. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 16 de fev. 1956. Terceira Seção, p. 1.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

TODO, Y; MURATA, N. A study of the history and the cultural value of dan and kyu grades in budo. **Budôgaku Kenkyu**, v.37, n.1, p. 1-9, 2004.

- TOMA vulto o judô no Estado da Guanabara. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 7, 16 de jun. 1961.
- TOMIKAWA sensei. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 4, 27 de jun. 1947.
- TOMOU posse a Guanabarina de judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 13 de out. 1963. Segundo Caderno, p. 10.
- TORNEIO de judô. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 14, 23 de dez. 1945a.
- TORNEIO anual de jiu-jitsu. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 8, 27 de dez. 1945b.
- TORNEIO de judô e luta-livre. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 8, 22 de ago. 1951.
- TORNEIO de judô em São Paulo. **A Luta Democrática**, Rio de Janeiro, p. 6, 20 de jul. 1961.
- TREINA na Ac. Cordeiro o provável campeão nacional. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 30 de set. 1954. Segundo Caderno, p. 1.
- TSUI, A. S. Contextualization in Chinese Management Research. **Management and Organization Review**, v.2, n.1, p. 1–13, 2006.
- TUBINO, M. J. G. **500 Anos de Legislação esportiva Brasileira: do Brasil Colônia ao Início do Século XXI**. Rio de Janeiro: Shape, 2002.
- TUDO e jiu-jitsu na Academia Cordeiro. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, p. 3, 25 de nov. 1950.
- TUDO Reconhecido. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 3, 22 de set. 1972.
- UEDA, T.; VACCARI, E. **REN-SEI-KAN: meio século de judô**. Rio de Janeiro: Zit Editora, 2004.
- UMA DEMONSTRAÇÃO na A.C.M. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 4, 21 de set. 1943.
- UMARETA Butokukan Yûdanshakai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 13, 29 de abr. 1948.
- UM CALENDÁRIO para as lutas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 16, 27 de out. 1971.
- UM RINGUE internacional para o Maracanãzinho. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 1 de set. 1955. Terceira Seção, p. 1.
- URGE ação do CND em prol do judô carioca. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 de fev. 1963. Segundo Caderno, p. 12.
- VALDEMAR Zumbano Candidato à presidência do pugilismo. **Diário da Noite**, São Paulo, p. 8, 23 de jan. 1953.

VANTAGEM para São Paulo no Campeonato Brasileiro de judô. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 8, 13 de out. 1954.

VARIAS. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 23 de set. 1972. Segundo Caderno, p. 7.

VEM aí Yoshi Matsu. **O Norte**, Paraíba, p. 7, 13 de nov. 1952.

VENCERAM os cariocas o X Campeonato de judô da Budokan. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 17, 13 de ago. 1957.

VICENTE protesta contra a entrevista de Ito e diz que japoneses desunem judô. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 18, 9 de set. 1966.

VIEIRA, M. P. A.; PEIXOTO, M. R. C.; KULCSAR, R.; KHOURY, Y. A. Imprensa como fonte para pesquisa histórica. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v.3, p.47-54 1984.

VILLAMÓN, M., BROWN, D., ESPARTERO, J.; GUTIÉRREZ, C. Reflexive Modernization and the Disembedding of Jūdō from 1946 to the 2000 Sydney Olympics. **International Review for the Sociology of Sport**, v.39, n.2, p. 139-156, 2004.

VILLÁMON, M.; ESPARTERO, J. La utopia educativa de Jigoro Kano: el judô Kodokan. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v.2, n.1, p. 1-41, 2009.

VIRGÍLIO, S. **A arte do judô**. Porto Alegre, RS: Rigel, 1994.

VIRGÍLIO, S. **Personagens e histórias do judô brasileiro**. Campinas, SP: Editora Átomo, 2002a.

VIRGÍLIO, S. **Conde Koma: o invencível yondan da história**. Campinas, SP: Editora Átomo, 2002b.

VISITAM à A GAZETA ESPORTIVA os campeões japoneses e argentinos de judo. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 22, 1 de ago. 1958.

VOLTA a exhibir-se hoje os lutadores japoneses. **Jornal de Notícias**, São Paulo, p. 7, 22 de ago. 1951.

WATSON, B. N. **Memórias de Jigoro Kano: o início da história do judô**. São Paulo: Cultrix, 2011.

WEBER, M. **Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology**. Berkley, Los Angeles, London: University of California Press, 1978.

YABU, K. The Acculturation of Judo in the United States during the Russo-Japanese War: Beyond the “match-based” historical point of view. **Martial Arts Studies**, v.6, p. 41-51, 2018.

YASSUITI Ono: Nome que é patrimônio na história do esporte paulista. **Correio Paulistano**, São Paulo, 6 de nov. 1960. Segundo Caderno, p. 6.

YÔ-BO dai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 27 de set. 1948.

YOI wa? **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 7 de set. 1948.

YÛDANSHA kôshûkai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 6 de mar. 1950a.

YÛDANSHA de Budokan aprimorador do jiu-jitsu. **Diário da Noite**, São Paulo, p. 10, 1 de set. 1950b.

YÛDANSHA Taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 5, 15 de set. 1950c.

ZEHI oshiete kudasai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 8 de ago. 1939.

ZENPAKU Dainikai Budô Taikai. **Nippon Shimbun**, São Paulo, p. 6, 19 de set. 1934.

ZENPAKU Budô Taikai. **Nippak Shimbun**, São Paulo, p. 7, 29 de jul. de 1937.

ZENPAKU Jûdô Taikai. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 2 de jun. 1947a.

ZENPAKU no mosa wo ichidô. **Notícias do Brasil**, São Paulo, p. 3, 8 de ago. 1947b.

ZULEIDA. Judô. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 26 de jul. 1964. Quinta Seção, p. 3.

ZULEIDA. Judô: os melhores do ano (II). **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 3 de jan. 1965. Segunda Seção, p. 8.

APÊNDICE A - Quadros da Hemeroteca com o termo Judo

Quadro A-1 - Hemeroteca palavra-chave Judo, década de 1940

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Paulistano, São Paulo, 1 de set. 1940, p. 10.	Aprendam Jiu Jitsu, Pratique o Judô.	Propaganda	Aprendam Jiu Jitsu, Pratique o Judô. Professor Ryuzo Ogawa, Assistente Shiroji Ogawa. Rua Thomaz de Lima, 424.
Correio Paulistano, São Paulo, 21 de ago. 1940 p. 8, S. Helol.	Randori	Artigo	Explicação sobre o que é o Randori.
Correio Paulistano, São Paulo, 28 de jul. 1940, p. 17., S. Helol.	O Jiu-Jitsu Morreu no Japão	Artigo	Fala sobre o desenvolvimento do judô por J. Kano, e sobre a vinda de Kotani e Sato.
Correio Paulistano, São Paulo, 22 de mai. 1941, p. 10.	Judô e jiu-jitsu no campeonato interno da Academia Ogawa	competição	Fala sobre o Campeonato da Budokan em 1941.
Revista de Educação Física, Rio de Janeiro, ed. 49, nov. 1941, p. 9-10, Cap. Milton Campelo Nogueira, instrutor da E.E.F. E.	Judo e Jiu-Jitsu: O que veem a ser?	artigo	Baseia-se no livro judô(jujútsu) de Jigoro Kano para estabelecer o que é judô e o que é jiu-jitsu.
Educação Physica, Rio de Janeiro, n. 62-63 de jan. e fev. 1942 p. 20-21. José Roberto de Macedo Soares e Alberto Latorre de Faria (professores de ataque e defesa).	A Origem do Jiu-jitsu	Artigo	Conta a história do judô, e fala sobre o uso dos termos judô e jiu-jitsu. Ainda, sobre ao jiu-jitsu como disciplina na ENEFD.
Revista de Educação Física, Rio de Janeiro, fev. 1942, p. 25, ed. 51, 1942. Cap. Milton Campello Nogueira (instrutor da EEFE).	Um método japonês de Educação Física (Judo)	Artigo	Fala sobre o judô com base no livro Judô (Jujutsu) de Jigoro Kano. Apresenta a história e objetivos do judô em comparação com o jiu-jitsu.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 21 de set. 1943, p.4.	Uma demonstração na A.C.M	Demonstração	Demonstração de jiu-jitsu, luta livre, boxe e judô feita pela ACM no RJ.
Correio Paulistano, São Paulo, 9 de nov. 1943 p. 9.	O jiu-jitsu é superior ao boxe	Luta Profissional	Luta de Yasuichi Ono contra Tobis,. “no jiu-jitsu- que aqui no Brasil se confunde com o judo”. Jiu-jitsu colocado como luta com mais permissão das regras.
A Manhã, Rio de Janeiro, 21 de abr. 1944, p.9.	A festa esportiva da A.C.M.	Evento	Festa esportiva da A.C.M. Demonstrações pelo professor Yano e aluno Celso Mendonça. Entrega de faixas de jiu-jitsu.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Noite, Rio de Janeiro, 25 de abr. 1944, p.8.	Entregues as faixas simbólicas aos praticantes de Judô	Evento, Competição	A.C.M. promoveu lutas e entrega de faixas. Yano professor. Homenagens a Alberto Latorre que organizou o regulamento para as lutas de judô.
Correio Paulistano, São Paulo, 28 de mai. 1944, p.18.	Defesa Pessoal: prática esportiva que se desenvolve entre nós	Artigo	“jiu jitsu, especialidade que no país de origem é conhecida por judô”. Prática de crianças, academia pode ser reconhecida na foto como academia de Yasuichi Ono.
Correio Paulistano, São Paulo, 24 de jun. 1944, p.9.	A arte de atacar e defender	Artigo	Diferença de judô e jiu-jitsu. Destacam-se no judô atletas do clube Pinheiros, dirigido por Heney Awed. Conta o clube com Fukaya (3º dan).
Correio Paulistano, São Paulo, 9 de nov. 1944, p.13.	O Judo em S. Paulo	Evento	Festividades de abertura do Instituto Jaguaribe, na R. Jaguaribe 20.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, 9 abr. 1944, p.3.	Regras Modernas de Judo	Artigo	Alberto Latorre da ENEFD organizou regulamento para competição da ACM. E o compara com o regulamento da Kodokan.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, 23 de abr. 1944, p.4.	Entregues as faixas simbólicas aos praticantes de Judô	Evento, Competição	Mesma notícia de a “A Noite (RJ), 25 de abr. 1944, p.8”.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 18 de abr. 1944, p.6.	Pugilismo na Associação Cristão de Moços	Competição	Competição de jiu-jitsu com participação de Yano. Entrega de faixas pelo presidente da A.C.M.
Correio Paulistano, São Paulo, 4 de fev. 1945, p.9 e 11, Segunda Seção.	A transformação do bárbaro jiu-jitsu no aperfeiçoado e artístico judô	Artigo	Sobre o judô no EC Pinheiros. Instalação de Tatami moderno de judô, técnico Heney Awed. Faixas pretas Fukaya Miranda e Paba.
Correio Paulistano, São Paulo, 20 de abr. 1945, p.8.	A arte de derrubar	Competição	Competição organizada pela ac. Ono.
Correio Paulistano /, São Paulo, 21 de abr. 1945, p.5.	Homenagem ao Expedicionario	Competição	Anúncio de torneio da Academia Ono.
Correio Paulistano, São Paulo, 22 de abr. 1945, p.6.	Comissão Estudantil de ajuda a expedicionário	Competição	Anúncio de torneio da Academia Ono.
Correio Paulistano, São Paulo, 1 de mai. 1945, p.11.	O Torneio de judô realizado no ginásio do Pacaembú	Competição	Competição organizada pelos irmãos Ono. Colaboração do comitê estudantil de ajuda ao soldado expedicionário.. Demonstração de Ogawa da diferença entre jiu-jitsu e judô.
Correio Paulistano, São Paulo, 22 de jun.1945, p.9.	O Judo em S. Paulo	Competição	EC Pinheiros, competição organizada por Heney Awed. Lutas de faixas vermelhas e verdes, luta final entre Fukaya e Heney.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Paulistano, São Paulo, 22 de ago. 1945, p.11. IBIAPABA.	O Jiu-Jitsu (Aliás judô)	Artigo	Jiu-jitsu é uma denominação anacrônica no Japão, Inglaterra e Estados Unidos, apenas encontrada nos dicionários e enciclopédias e nunca nos ginásios. Apenas no Brasil ainda se usa a velha denominação.
Correio Paulistano, São Paulo, 23 jun. 1945 p.8.	Pelo E.C. Pinheiros	Competição	Demonstrações de judô e JJ do E.C. Pinheiros.
Correio Paulistano, São Paulo, 23 de dez. 1945, p.14.	Torneio de judô	Evento	Torneio interno para auferir graduação aos alunos da Academia Ono.
Correio Paulistano, São Paulo, 27 de dez. 1945, p.8.	Torneio anual de jiu-jitsu	Evento	Torneio interno para auferir graduação aos alunos da Academia Ono.
Correio Paulistano, São Paulo, 18 de set. 1948, p.14.	Primeiro festival internacional de judo	Competição	Torneio no Pacaembu organizado por Ogawa. Vinda de atletas do Rio de Janeiro, Paraná e Minas Gerais. Ogawa responsável pela formação de faixas pretas.
Correio Paulistano, São Paulo, 20 de abr. 1948, p.10.	Inaugurou-se o “Gremio Yûdansha de Bukokan” destinado à prática e teoria do judo	Evento, Competição	Inauguração da associação de faixas-pretas da Budokan. Presidente da entidade, Hiroji Ogawa, filho do godan prof. Ogawa.
Diário da Noite, São Paulo, 19 de abr. 1948, p.9.	Lutadores da capital e do interior se defrontaram ontem no ginásio do Pacaembu	Competição	“Realizou-se ontem à tarde, no ginásio do Pacaembu, o festival de judô ou jiu-jitsu, conforme a denominação preferida no Brasil.” Regras da Kodokan. Destaque Mogi, Suzano e Bastos. Demonstração de defesa pessoal por mulheres.
A Noite Suplemento, Rio de Janeiro, 12 de jul. 1949, p.3-6 e 14, Secção de Rotogravura.	O jiu-jitsu sensacional	Artigo, Competição	Sobre a graduação oficial do judô na Kodokan. Foram registradas na Federação Brasileira de Pugilismo, cinco cores: branca, verde, roxo marrom e preta.
Correio Paulistano, São Paulo, 9 de out. 1949, p.5.	Desenvolve-se o judô em São Paulo	Nota	Fala da introdução do judô pelos rings. Inauguração de filial de Ono.
Correio Paulistano, São Paulo, 15 de jul. 1949, p.9.	O departamento de esportes promoverá vários torneios	Competição	Campeonato de judô organizado pela FPP.
Diário da Noite, São Paulo, 19 de jul. 1949, p.7.	Ótima perspectiva para o jiu-jitsu	Nota	Notícia de organização de campeonato paulista e brasileiro. Posse da Comissão técnica de judô da FPP. Renato Ferrari, faixa marrom; José Lucio França, faixa preta; Ibiapaba Martins, 2º dan.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal de Notícias, São Paulo, 31 de jul. 1949, p.14.	Iniciam-se hoje os certames em homenagem ao D.E.E.S.P.	Nota	Torneiros em homenagem ao Departamento de Esportes do Estado de São Paulo, incluindo competição de judô organizada pela FPP.

Fonte: o autor.

Quadro A-2 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1950

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Paulistano, São Paulo, p.4, 26 de fev. 1950.	Homenageado um velho cultor do jiu-jitsu	Artigo	Entrega de certificados enviado do Japão pelo antigo mestre de Ono. Ono recebeu o quinto grau. Presença no evento da Comissão técnica da FPP, e do presidente da FPP.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.5, 18 de fev. 1950.	Direito Desportivo (XXVI)	Nota	A administração de cada ramo desportivo, ou de cada grupo de ramos[...] é feita sob a superintendência do CND.
Jornal de Notícias, São Paulo, p.11, 3 de mar. 1950.	Organizado o calendário da entidade pugilística	Nota	Resultado da última reunião da FPP. Certames amadores de box, jiu-jitsu, judô e luta-livre romana.
Correio Paulistano, São Paulo, p.4, 14 de mar. 1950.	Organizado o calendário esportivo da Federação Paulista de Pugilismo	Nota	Para outubro: Reuniões de pugilismo e luta-livre olímpica. Campeonato paulista de jiu-jitsu e judô.
Pequeno Jornal: Jornal Pequeno, Pernambuco, p.5, 9 de ago. 1950.	Box, luta livre e jiu-jitsu	Nota	Noitada pugilística de luta livre e jiu-jitsu. Reunião técnica na sede da FPP com diversas academias de judô.
Diário da Manhã, Pernambuco, p.12, 10 de ago. 1950.	A noitada de box no Clube Náutico	Artigo	Reinício das atividades da F. Pernambucana de P. Reunião técnica na sede da entidade com diversas academias de judô, que trabalham em cooperação com a FPP.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.16, 19 de ago. 1950.	Escola de Educação Física e Esportes	Nota	Inauguração da sede da EEFE nos fundos do Palácio Universitário, avenida Pasteur em Botafogo. Programa comemorativo com apresentação de Jiu-jitsu (judo).
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 18 de ago. 1950, Segundo Caderno.	Inaugura-se amanhã a nova sede da Escola Nacional de Educação Física	Nota	Inauguração do ginásio de pugilismo com demonstrações de jiu-jitsu (judô) por grupos infantil, juvenil e faixas pretas.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.10, 19 de ago. 1950.	Finalmente, sede própria para a Escola Nacional de Educação Física	Artigo	ENEFD, estabelecimento da Universidade do Brasil. A direção da ENEFED está entregue ao professor Alberto Latorre de Faria. Inauguração do ginásio de pugilismo: jiu-jitsu (judô): infantil, juvenil e por faixas pretas.
Diário da Noite, São Paulo, p.10, 1 de set. 1950.	Yûdansha de Budokan aprimorador do jiu-jitsu	Artigo	Judô é muito desenvolvido no interior do Estado. Cento e três faixas pretas formaram-se na Budokan. Grêmio de faixas-pretas de Budokan realiza um festival anual entre os faixas pretas.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.3, 25 de nov. 1950.	Tudo e jiu-jitsu na Academia Cordeiro	Nota	Evento no Salão da A.A.B.B., promovido pela Academia Cordeiro de Jiu-jitsu, com a vinda do professor Ryuzo Ogawa e alunos ao Rio de Janeiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 26 de nov. 1950, Segundo Caderno.	Exibição de judô e jiu-jitsu	Competição	Promovida pela academia Augusto de jiu-jitsu. Local: sede da A.A.Banco do Brasil, avenida atlântica. Competição de judo com alunos do professor Ogawa.
A Noite: Suplemento Secção de Rotogravura, Rio de Janeiro, p.10-11, 28 de nov. 1950. Eva Ban.	Japoneses sem misterio!	Artigo	Matéria sobre Ryuzo Ogawa e sua família.
A Noite: Suplemento Secção de Rotogravura, Rio de Janeiro, p.3-6, 5 de dez. 1950. Eva Ban.	Japão no Brasil: morte pela espada	Artigo	“Augusto Cordeiro o único a tomar o jiu-jitsu a sério no Brasil” Cordeiro trouxe de São Paulo Ogawa e seus melhores alunos para competição de jiu-jitsu.
Pequeno Jornal: Jornal Pequeno, Pernambuco, p.1, 19 de dez. 1950.	Elas estão aprendendo Judo-capoeira na escola de defesa pessoal da rua Conde da Boa Vista.	Artigo	Escola ensina mistura de judô com capoeira. Jovem pernambucano que no Rio de Janeiro interessou-se pelo jiu-jitsu e aprendeu na academia Gracie. Recebeu a faixa azul, símbolo de uma graduação. Professor Williams Arruda Ramos.

Fonte: o autor.

Quadro A-3 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1951

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Noite Suplemento: Secção de Rotogravura, Rio de Janeiro, p.25 e 36, 27 de mar. 1951.	A grande atração	Artigo	“[...]há lá (Japão) outra academia não menos famosa, a Budo-Kan.” “Ogawa é o representante no Brasil da Budo-Kan, a mais antiga academia japonesa, que tem filiais nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e outros países.”
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.10, 28 de mar. 1951.	BOX: Resoluções da FMP	Nota	Reunidos na sede da FMP sob a presidência do Diretor do Departamento técnico, Diretores da Divisão de Box Amador e Profissional, representantes dos clubes filiados. Clubes devem dar ciência da situação dos demais ramos do pugilismo como judô.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.13, 29 de mar. 1951, Terceira Seção.	Reviverá o pugilismo	Nota	Diretor técnico da FMP Altamiro do Nascimento Cunha. Auxiliares: R.A.A. Coutinho, Moacir Lopes e Antonio Vieira Mendonça. Reunião com clubes filiados.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.4, 1 de abr. 1951.	Reuniões do departamento tecnico	Nota	Filiados da FMP não devem promover espetáculos sem prévio conhecimento da Federação.
A Manhã, Rio de Janeiro, p.12, 1 de ago. 1951.	Festival do judo	Nota	22 equipes disputantes, Academia Ono campeã. Equipes vieram do interior de SP, da Capital, e do Rio de Janeiro. E.C. Pinheiros vice-campeã.
A Noite, Rio de Janeiro, p.10, 6 de jun. 1951.	Campeão número um	Nota	Masahiko Kimura, campeão número 1 de judô, vem ao Brasil com Yamaguchi e Sakabe. Patrocínio do jornal São Paulo Shinbun.
Correio Paulistano, São Paulo, p.8, 4 de jul. 1951.	Coluna 5 por dia	Nota	“No japão, há classificação oficial e particular dos adeptos do judô. A classificação oficial é feita pelo Kodokwan (sic), de Tóquio, ou pelo Butokukwan (sic), de Quioto.”
Correio Paulistano, São Paulo, p.11, 22 de jul. 1951.	Coluna 5 por dia	Nota	Conde koma era 6º dan oficial. Geo Omori 2º dan não oficial. Jorge Gracie, 3º dan não oficial. Ono, 4º e Naoiti Ono, 2º dan não oficial.
Diário da Noite, São Paulo, p.7, 28 de jul. 1951.	Campeões de judô em ação	Competição	Hoje as 13 horas iniciado no Pacaembú o programa comemorativo da vinda dos lutadores Masahiko Kimura, Toshio Yamaguchi e Yukio Kato.
Jornal de Notícias, São Paulo, p.9, 28 de jul. 1951.	Reúnem-se no Pacaembu os lutadores de judô	Nota	Departamento de judô da FPP, juntamente com o diário de São Paulo Shimbun, homenageiam os campeões visitantes, reunindo 23 academias existente em SP.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário da Noite, São Paulo, p.18, 30 de jul. 1951.	Empolgou o festival de jiu-jitsu	Competição	Academia Ono em primeiro lugar. Os dois dias renderam cerca de 90 mil cruzeiros. E.C. Pinheiros, segundo lugar, Academia Egoshi, terceiro lugar.
Correio Paulistano, São Paulo, p.8, 31 de jul. 1951.	Magníficas demonstrações de judô no Pacaembú	Competição	Primeiro Campeonato Brasileiro de Judô. Compareceram vinte e três academias. Presença de Kimura, Yamaguchi e Kato. Equipes de destaque: Ono, Jaguaribe, Mogi das Cruzes, Jaraguá e Tani.
Jornal de Notícias, São Paulo, p.8, 31 de jul. 1951.	Proclamados dois vencedores no certame nacional de judô	Competição	Primeiro Campeonato Brasileiro de Judô da FPP.
Correio Paulistano, São Paulo, p.10, 12 de ago. 1951.	Judô e luta-livre, hoje, no Pacaembú	Nota	Competição mista de judô e luta livre patrocinada pelo jornal São Paulo Shimbun e supervisão da Federação Paulista de Pugilismo.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1, 15 de ago. 1951, Segundo Caderno.	Francamente otimistas os japoneses	Artigo	“O peso da colônia nipônica em S. Paulo faz-se sentir no terreno esportivo através do jiu-jitsu”.
Jornal de Notícias, São Paulo, p.7, 15 de ago. 1951.	Não há lugar em São Paulo para combates combinados	Nota	Yasuichi Ono coordenador técnico da temporada de Kimura. Acusação de luta de marmelada.
Correio Paulistano, São Paulo, p.16, 16 de ago. 1951.	Os campeões japoneses de judô não realizaram lutas combinadas do ginásio do Pacaembú	Competição	“A defesa pessoal pelo meio científico que é o judô e com pequenas modificações o jiu-jitsu, ainda não está suficientemente difundido entre nós, como se verifica nas outras nações mais adiantadas”.
Correio Paulistano, São Paulo, p.10, 19 de ago. 1951.	Luta-livre e judô	Nota	Patrocínio do jornal São Paulo Shimbun e supervisão técnica da Federação Paulista de Pugilismo demonstrações de luta-livre e judô com participação de campeões japoneses.
Correio Paulistano, São Paulo, p.8, 22 de ago. 1951.	Torneio de judô e luta-livre	Competição	Luta de judô Ibiapaba Martins vs Mario Shimada. Demonstração de judô: Kimura vs Yamaguchi. Luta livre Kato vs Menezes, Kimura vs Gigante de Memel, Yamaguchi vs Mustafa.
Jornal de Notícias, São Paulo, p.7, 22 de ago. 1951.	Volta a exibir-se hoje os lutadores japoneses	competição	“os organizadores da temporada reconhecendo como justas as críticas[...] apresentaram[...] um espetáculo bem diferente daquele que fez inaugurar a temporada.”

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.13, 23 de ago. 1951, Terceira Seção.	A F.M.P. tem plena autoridade legal para dirigir, promover, controlar e permitir lutas ou espetáculos de jiu-jitsu	Artigo	Nenhum título de campeão nacional ou regional é valido sem o reconhecimento oficial da CBP.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.3, 5 de set. 1951 p3.	Interesse sobre o combate entre Helio Gracie e Kato	Competição	FMP organizou as lutas preliminares do combate entre Helio Gracie e Kato.
Correio Paulistano, São Paulo, p.12, 7 de set. 1951.	Festival Poliesportivo Amador	Competição	A.A.A.R. Filó, realiza um festival poliesportivo amador com seis lutas de judô sob controle técnico conjunto da Academia Ono e da FPP.
Correio Paulistano, São Paulo, p.24, 23 de set. 1951.	Judô e “Caminho Suave” significam a mesma coisa	Artigo	Materia sobre a luta Kato vs Helio Gracie, contestando o sensacionalismo de alguns jornais pela vitória de Helio. “Antes, todavia, de prosseguirmos em nossa reportagem, é necessário que expliquemos a significação de umas tantas palavras que vimos empregando, a fim de que os leitores não fiquem tão confusos [...] Que significa a palavra “judô”? Não se confunde com “jiu-jitsu”?
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.6 e 10, 1 de out. 1951.	A chegada dos campeões	Competição	Luta de Helio Gracie vs Kato. Mario Botelho de Miranda, diretor do Departamento de Judô da Federação Paulista de Pugilismo.
Diário de Natal, Rio Grande do Norte, p.5, 4 de out. 1951.	O campeão nipônico dormiu nos punhos poderosos de Helio Gracie	Competição	Vitoria de Helio sobre Kato. Regras da luta. Mario botelho de Miranda, diretor do departamento de judô da FPP foi o arbitro.
Jornal de Noticias, São Paulo, p.7, 4 de out. 1951.	Determinadas as cidades-sedes dos próximos jogos abertos do interior	Competição	Congresso em santos da sede do clube XV. Foi apresentado por Lins a sugestão de incluir o judô nos próximos torneios dos jogos abertos do interior.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.8, 5 de out. 1951, Segunda Seção.	Kimura desafia Helio Gracie	Nota	O judô está passando por uma transição. Até há pouco, não havia profissionais, pois só se tolerava o amadorismo. Entretanto, Kimura e Yamaguchi romperam a tradição tornando-se profissionais.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.3, 7 de out. 1951, Suplemento Esportivo.	Pugilismo da F.M.P.	Nota	Reunião do departamento técnico da Federação Metropolitana de Pugilismo.
Jornal de Noticias, São Paulo, p.9, 7 de out. 1951.	Luta livre e judô	Competição	Patrocínio do São Paulo Shimbun, lutas dos campeões japoneses. Kimura faz luta de vale tudo com Leão de Portugal, entre outros combates.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.10, 20 de out. 1951.	B	Artigo	“A Academia Augusto obedece a regulamentação aceita para o judô e o jiu-jitsu”.
Correio Paulistano, São Paulo, p.12, 2 de nov. 1951.	Soberbas exibições de despedida de Kimura, Yamagushi e Kato	Nota	Ginásio do Pacaembu. Reunião de luta-livre, judô e jiu-jitsu, promovida pela Federação Paulista de Pugilismo. Kimura, Yamaguchi e Kato venceram em luta-livre Parisi, Ambrosio e Kian.
Última Hora, Rio de Janeiro, p.10, 3 de nov. 1951.	Decepcionado com Helio Gracie	Artigo	“Declarou-nos Kimura que estranhou o modo pelo qual se luta “jiu jitsu” no Brasil que difere integralmente dos regulamentos do Japão.
Última Hora, Rio de Janeiro, p.6, 9 de nov. 1951.	Como professor de jiu-jitsu	nota	Helio: “defender a tese de que no Brasil não precisamos da interferência estrangeira para dar aos nossos patrícios um jiu-jitsu de altíssima categoria.” Não usa os regulamentos da Kodokan porque não condizem com os interesses nacionais.

Fonte: o autor.

Quadro A-4 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1952

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 28 de fev. 1952.	Bispos budistas vieram pacificar a colônia japonesa	Artigo	Acompanhado do professor Ono o “bispo” budista Yukana visita SP, o interior e o Paraná. Através do budismo restaurar o entendimento entre os membros da colônia.
Diario de Pernambuco, Pernambuco, p.7, 19 de mar. 1952.	George Gracie retorna do Rio com muitas novidades	Artigo	“[...]fundação em todo o país da Federação Brasileira de Jiu-Jitsu, órgão controlador e que obedecerá à direção dos Irmãos Gracie em todo o Brasil.”
Ultima Hora, Rio de Janeiro, p.10, 29 de mai. 1952.	Demonstração de Jiu-Jitsu, hoje na Academia Augusto	Nota	Espetáculo na Academia Augusto em Copacabana, de judô e jiu-jitsu. Entrega de faixas aos alunos.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.5, 19 de jul.1952, Segunda Seção.	Em ação os esportes de ringue	Nota	Solicitada a presença de Yoshimasa Nagashima e dr. Valdemar Dutra a fim de se entenderem com o diretor do Departamento Técnico da FMP sobre a regulamentação do Campeonato de Ju-do nos termos do regulamento internacional.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.3, 20 de jul. 1952.	Noticiario da Federação de Pugilismo	Nota	Solicitada a presença de Yoshimasa Nagashima e dr. Valdemar Dutra a fim de se entenderem com o diretor do Departamento Técnico da FMP.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.9, 20 de jul. 1952.	Pugilismo: Reunião do Departamento Técnico da Federação Metropolitana	Nota	Solicitada a presença de Yoshimasa Nagashima e dr. Valdemar Dutra a fim de se entenderem com o diretor do Departamento Técnico da FMP sobre a regulamentação do Campeonato de Ju-do nos termos do regulamento internacional.
Correio Paulistano, São Paulo, p.10, 20 de set. 1952.	Temporada de judô	Nota	Fotos de jantar oferecido pelo Consul do Japão com representantes do Departamento de Esportes de São Paulo e cronistas esportivos para tratar da vinda dos campeões de judô.
Diário da Noite, São Paulo, p.9, 26 de set. 1952.	Sem expressão esportiva as exposições de “judô”	Artigo	Crítica à vinda da missão da Kodokan com patrocínio do Departamento de Esportes.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p1, 27 de set. 1952, Segundo Caderno.	Os japoneses lutarão sob nossas regras	Artigo	Carlos e Helio visitam o Correio da Manhã. Assunto: próxima temporada internacional de jiu-jitsu, que contara com o atual campeão Yoshimatsu e Osawa.
Correio Paulistano, São Paulo, p.10, 2 de out. 1952.	Estrearão sábado os campeões brasileiros de judô	Artigo	Visita dos judocas japoneses, promovida pelo consulado japonês e sob patrocínio do Departamento de Esportes do Estado. Iniciado no Pacaembú. Faixas pretas grau oito, sete e cinco.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Paulistano, São Paulo, p.12, 2 de out. 1952.	Primeiro Campeonato Latino-Americano de Judô	Nota	Notícia de Buenos Aires: A realizar-se em Cuba o I Campeonato Latino-Americano de Judô. Equipe Argentina vai para a Havana: Reinaldo Forti, Raul Zaneo, Vahakn Poladian.
Correio Paulistano, São Paulo, p.11, 4 de out. 1952.	No ginásio do Pacaembú, estrearão hoje os campeões japoneses de judô	Nota	Shinzo Takagaki 8dan, Yoshihiro Yoshimatsu 7o, Yoshimi Osawa, 5°. Passarão por São Paulo, interior de SP: zona Noroeste, Alta sorocabana. Paraná, Distrito Federal e Paraíba, retornando a SP.
O Dia, Paraná, p.9, 4 de out. 1952.	Temporada Internacional de Judô	Nota	Chegada dos campeões Japoneses de judô da Kodokan em interessante temporada internacional.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.14, 4 de out. 1952.	O rei do Judo elogia Gracie	Nota	Missão da Kodokan fala sobre o desafio de Helio Gracie.
O Dia, Paraná, p.11, 5 de out. 1952.	Campeões japoneses em Londrina	Nota	A temporada será estendida a Londrina na próxima semana realizando dois espetáculos. Levando-se em conta que o norte do Paraná é um importante núcleo japonês.
Diário de Natal, Rio Grande do Norte, p.5, 7 de out. 1952.	O rei do judô elogia Gracie	Nota	Missão da Kodokan fala sobre o desafio de Helio Gracie.
O Dia, Paraná, p.10, 7 de out. 1952.	O rei judô elogia Gracie	Nota	Missão da Kodokan fala sobre o desafio de Helio Gracie.
Correio Paulistano, São Paulo, p.13, 7 de out. 1952.	Alcançaram êxito as demonstrações dos campeões japoneses de judô	Nota	Yoshimi Ozawa enfrentou quinze lutadores locais, derrotando-os num abrir e fechar de olhos. Yoshimatsu enfrentou vinte e nove adversários, vencendo todos.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.11, 8 de out. 1952.	Helio Gracie quer Judo; Jiu-Jitsu, não	Artigo	Helio Gracie somente aceita que Carlson lute com Ozawa nas regras do Jiu-Jitsu.
Correio Paulistano, São Paulo, p.11, 9 de out. 1952.	Diversas cidades do interior conhecerão os mestres de judô	Nota	Calendário de visitas dos mestres de judô.
A Noite, Rio de Janeiro, p.15, 10 de out. 1952.	O judô quer descobrir o Brasil	Artigo	Helio Gracie: "São uns pândegos esses japoneses. Chegam com títulos ou sem eles e resolvem impor condições como se aqui fosse terra de ninguém".
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.6, 10 de out. 1952.	Pan-Americano de Judo	Nota	Argentina conquista todas as honras no Primeiro Campeonato de Judô em Havana, Cuba.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.11, 7 de nov. 1952.	Judo	Nota	O Campeonato Brasileiro de Judo será realizado domingo no Pacaembú.
O Norte, Paraíba, p.7-8, 12 de nov. 1952.	Dias 15 e 16 no campo do Cabo Branco	Artigo	Sobre a missão da Kodokan segundo Nagashima, professor da ACM, residente no Brasil há 17 anos, serviu como introdutor diplomático.
O Norte, Paraíba, p.7, 13 de nov. 1952.	Vem aí Yoshi Matsu	Artigo	Apresentação da Missão da Kodokan na Paraíba, João Pessoa. Patrocínio de Alice de Almeida, esposa do governador José Américo.
O Norte, Paraíba, p.7, 14 de nov. 1952.	Poderá Yoshi enfrentar 5 adversários a um tempo	Artigo	Governador José Américo comparecerá à apresentação com a família. Será um sucesso a apresentação dos japoneses.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.11, 14 de nov. 1952.	Ultima tentativa para a luta Carlson x Ozawa	Artigo	Helio Gracie tenta mais uma vez desafiar os japoneses para uma luta entre Carlson e Ozawa nas regras do jiu-jitsu como praticado na Academia Gracie.
A Noite, Rio de Janeiro, p.14, 13 de nov. 1952.	A imprensa ficou para depois	Artigo	Exibição dos campeões de judô que vieram ao Brasil a convite da diretoria de esportes do Estado de São Paulo. Yoshimatsu e Osawa fazem exibições.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.5, 13 de nov. 1952, Segunda Seção.	Afirmam os lutadores japoneses Takagaki, Yooshimatsu e Ozawa	Nota	Sobre a missão de lutadores japoneses promovida pelo Consulado Japonês.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.4, 15 de nov. 1952, Segunda Seção.	Helio Gracie rebate as declarações de Ozawa, Yoshimatsu e Takagaki	Artigo	Helio Gracie desafia os japoneses oferecendo Carlson como Amador para lutar nas regras do jiu-jitsu.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.8, 15 de nov. 1952, Segunda Seção.	O egoísmo japonês sabota o duelo dos Gracie com Ozawa	Artigo	Helio Gracie oferece Carlson para lutar com Ozawa.
Diário de Natal, Rio Grande do Norte, p.5, 18 de nov. 1952.	O egoísmo japonês sabota o duelo dos Gracie com Ozawa	Artigo	Desafio de Helio aos japoneses. Judô é o jiu-jitsu despido de qualquer utilidade.
A Noite, Rio de Janeiro, p.16, 19 de nov. 1952.	Os maiores do mundo tem medo dos maiores do Brasil	Artigo	Carlos e Helio: Estranharam que cheguem ao Brasil atletas estrangeiros e façam o que bem entendem, sem obedecerem às leis e regulamentos esportivos locais.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.4, 20 de nov. 1952, Primeira Seção.	No Palácio do Catete	Nota	Delegação japonesa de judô é apresentada ao Presidente por Vargas Neto, presidente do Conselho Nacional dos Desportos.
Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, p.2, 20 de nov. 1952.	Despachos e Audiencias	Nota	Delegação japonesa de judô é apresentada ao Presidente por Vargas Neto, presidente do Conselho Nacional dos Desportos.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.6, 20 de nov. 1952.	Em visita ao Presidente da República a delegação japonesa de judo	Nota	Getulio Vargas recebe delegação de judô, na companhia de Takeu Ueno, Consul do Japão. Irão após o Brasil a Buenos Aires e depois retornarão ao Japão.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.7, 20 de nov. 1952.	Várias Notícias	Nota	Getulio Vargas recebe delegação de judô, na companhia de Takeu Ueno, Consul do Japão.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.4, 21 de nov. 1952.	Os japoneses no Catete	Nota	Foto da missão japonesa com o presidente da república, acompanhados do cônsul do Japão.
A Manhã, Rio de Janeiro, p.3, 22 de nov. 1952. Suplemento Esportivo.	Os campeões mundiais de judo	Nota	Visita dos campeões mundiais de judô ao Brasil no ginásio do Fluminense F.C. Não querem enfrentar “nossos campeões”.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, p.20-22, 6 de dez. 1952. José Amadio.	Difusão ou confusão dos emissários japoneses?	Artigo	Visando desmoralizar o método Gracie de “jiu-jitsu”, os campeões mundiais [...] recusaram-se a lutar” “Por que o Govêrno não oficializa o método Gracie de “jiu-jitsu”?”
Ultima Hora, Rio de Janeiro, p.2, 15 de dez. 1952.	Ono desafia Helio Gracie: Não pode ser campeão Ocidental sem me vencer	Artigo	Ono desafia Helio Gracie para uma terceira luta. “Quero terminar dizendo que Helio ignora coisas simples, quando faz tremenda confusão entre “jiu-jitsu” e “judo”.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.3, 19 de dez. 1952, Segunda Seção.	4	Nota	Campeonato Feminino de Judô em Paris. Luta da noite entre Ann Schrikker da Holanda e Helen Kraft da França.

Fonte: o autor.

Quadro A-5 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1953

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Natal, Rio Grande do Norte, p.7, 23 de jan. 1953.	Resposta a Diniz Camara	Carta publica	Carta de Valdemiro Alves dos Santos a Diniz câmara que explica (em seu entendimento) a situação do judô ou jiu jitsu em Natal.
Pequeno Jornal: Jornal pequeno, Pernambuco, p.6, 24 de jan. 1953.	Comemorações esportivas no IV Centenário de São Paulo	Artigo	Calendário de 1954 para o Centenário de São Paulo, com a colaboração das federações e entidades esportivas do Estado. Campeonato Brasileiro de Judô organizado para Junho de 54.
Diário da Noite, São Paulo, p.8, 23 de jan. 1953.	Valdemar Zumbano Candidato à presidência do pugilismo	Artigo	Candidatura de Valdemar Zumbano para a presidência da FPP. Organizar semanalmente reuniões de judô.
Pequeno Jornal: Jornal pequeno, Pernambuco, p.6, 30 de jan. 1953.	Dentro e fora do Ring	artigo	Temporada de jiu-jitsu e luta livre patrocinada por George Gracie em conjunto com a F. Pernambucana de P.
Diário de Natal, Rio Grande do Norte, p.7, 30 de jan. 1953.	2ª. Feira à noite, no Aero Clube, grande demonstração de jiu-jitsu	Artigo	Temporada de jiu-jitsu em Natal com presença do campeão do norte e nordeste reconhecido pela Federação Pernambucana de Jiu-jitsu, Julius Mendes Guimarães.
Ultima Hora, Rio de Janeiro, p.3, 31 de jan. 1953.	Que venham os Gracie	Nota	Cordeiro afirma que não foi um aluno seu que desafiou Robson Gracie.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.3, 8 de fev. 1953.	A. Cordeiro à reportagem: pratico o judô. Nada Temo.	Artigo	Carlos Gracie desafia a Academia Cordeiro. Cordeiro aceita o desafio desde que as lutas sejam feitas pelo regulamento internacional.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.10, 10 de fev. 1953.	Previsto para amanhã: A. Cordeiro e H. Gracie	Artigo	Previsto para o dia seguinte o confronto entre as duas academias. Para se concretizar é preciso que se chegue à um acordo quanto ao sistema de regras.
A Ordem, Rio Grande do Norte, p.3, 10 de fev. 1953.	Empolga a cidade a exibição de jiu-jitsu	Competição	Competição de jiu-jitsu no Teatro Carlos Gomes, onde foram escolhidos os campeões que representaram o Rio Grande do Norte no próximo torneio de judô realizado no Recife.
A Ordem, Rio Grande do Norte, p.3, 11 de fev. 1953.	Hoje, no Carlos Gomes: A Luta Armstrog x Gomes	Competição	Competição de jiu-jitsu no Teatro Carlos Gomes, onde foram escolhidos os campeões que representaram o Rio Grande do Norte no próximo torneio de judô realizado no Recife.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.3 e 6, 12 de fev. 1953.	Augusto Cordeiro responde colérico: Não temo os Gracie	entrevista	Gracies não querem lutar no regulamento internacional. "Como argumento, costumam dizer os Gracies que praticam o "jiu-jitsu nacional"".

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.10, 15 de fev. 1953.	Prevista a participação do judô na próxima olimpíada	entrevista	Entrevista com Paschoal Segreto. Pretende a CBP ter representante nas próximas olimpíadas por uma equipe de judô. Paschoal Segreto, presidente da CBP.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1, 13 de mar. 1953, Segundo Caderno.	Presente ao “valeduto” o rei da capoeira	Luta	Cirandinha, Passarito e Hermannny treinam na Academia Cordeiro para luta de Valeduto em evento organizado pelos irmãos Gracie.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 3 de mai. 1953, Segundo Caderno.	Respeito ao “Jiu-Jitsu”	Artigo	Irmão Gracie anunciam publicamente que a partir dali irão participar de eventos somente nas regras do jiu-jitsu. (como A Noite, 29 05 1953)
Última Hora, Rio de Janeiro, p.10, 19 de mai. 1953.	A Estranha Mesa Circulante	Artigo	Mesa Circulante da Radio Tupi para tratar da regulamentação do Jiu-Jitsu brasileiro. Apresentação de um anteprojeto dos irmãos Gracie e discussão sobre o assunto.
Última Hora, Rio de Janeiro, p.10, 22 de mai. 1953. Carlos Renato.	Cuidado com os espíões de kimono!	Artigo	“Por ocasião da Mesa Circulante promovida pela rádio Tupi [...] veio à baila o regulamento internacional adotado pela Federação de Pugilismo.”
Última Hora, Rio de Janeiro, p.12, 28 de mai. 1953.	A “bomba” doa Gracie vai estourar!	Artigo	Torneio entre A. Gracie vs Cordeiro não se concretiza. “estamos empenhados numa campanha contra o método de ensino nipônico (judô)”.
Última Hora, Rio de Janeiro, p.10, 29 de mai. 1953, Segundo Caderno.	A Bomba Estorou: Nota Oficial da Academia Gracie	Nota	Irmão Gracie anunciam publicamente que a partir dali irão participar de eventos somente nas regras do jiu-jitsu.
A Noite, Rio de Janeiro, p.14, 29 de mai. 1953.	Dez quesitos e um só objetivo orientarão os Gracies para o futuro	Artigo	Irmão Gracie anunciam publicamente que a partir dali irão participar de eventos somente nas regras do jiu-jitsu.
Última Hora, Rio de Janeiro, p.2, 30 de mai. 1953.	O que a nota dos Gracie não disse	Artigo	Foi a última Hora quem teve a ideia de promover um torneio em a A. Gracie e Cordeiro.
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.6, 30 de mai. 1953.	Que os Charlatões continuem a adotar o judo	Nota	Foi a última Hora quem teve a ideia de promover um torneio em a A. Gracie e Cordeiro.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p.7, 30 de mai. 1953.	De parabéns a entidade pugilista de pernambuco	Competição	Demonstração de judô por Takeo yano com aluno. Evento organizado pela F pernambucana de P.
Revista da Semana, Rio de Janeiro, p.20-21, 22 de ago. 1953.	Esmurrando caras para comer	Artigo	A FMP recebe, anualmente, da Prefeitura uma subvenção de sessenta mil cruzeiro, que não dá para cobrir as despesas. A sede, uma sala modesta na Rua Alvaro Alvim.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Revista da Semana, Rio de Janeiro, p.11, 3 de out. 1953.	E a policia feminina?	Artigo	Curso da Polícia Feminina auxiliar. Uma turma já formada, “até judô elas aprendem”.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.2, 9 de out. 1953.	Judo	Nota	Criação da seção de judô no Flamengo. Guilherme Klig, o professor, é profundo conhecedor de todos os segredos do Judo e já lecionou em vários países da Europa.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.10, 16 de out. 1953.	Exibição de jiu-jitsu no Fluminense	Competição	Competição dia 25 das 17 as 23 horas no Ginásio do Fluminense FC por ocasião do quinto aniversário da Academia Cordeiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.11, 16 de out. 1953.	Grande exibição de judô e jiu-jitsu no Fluminense	Competição	Evento da A. Cordeiro no Fluminense.
Última Hora, Rio de Janeiro, p.3, 17 de out. 1953.	5º aniversário da Academia Cordeiro	Competição	Evento de judô e JJ da A. Cordeiro.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.16, 17 de out. 1953.	Grande exibição de judô e jiu-jitsu no Fluminense	Competição	Evento da A. Cordeiro no Fluminense
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.5, 20 de out. 1953.	A coragem de chamorro conquista o torcedor	Nota	Guilherme Klig contratado para ser professor de judô.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.12, 21 de out. 1953.	Os festejos de aniversário do Flamengo	Nota	Inauguração da seção de judô do Flamengo em 27/11
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.11, 21 de out. 1953.	Domingo no ginásio do Fluminense um espetáculo de judô e Defesa pessoal	Competição	Evento A. Cordeiro no Fluminense. Presença de 120 lutadores. 30 de SP da Budokan, presidida por Ryuzo Ogawa.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.10, 22 de out. 1953.	Grande exibição de judô e jiu-jitsu	Competição	Evento A. Cordeiro de aniversário, competição de judô e demonstrações de jiu-jitsu no fluminense.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 22 de out. 1953, Segunda Seção.	Demonstrações de Defesa Pessoal Jiu-Jitsu	Competição	Competição dia 25 das 17 as 23 horas no Ginásio do Fluminense FC por ocasião do quinto aniversário da Academia Cordeiro
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.16, 23 de out. 1953, Segunda Seção.	Uma grande festa de judô no ginásio do Fluminense	Competição	Academia Augusto de judô e jiu-jitsu, 8ª filial da Kodokuan (sic)
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.11, 23 de out. 1953.	120 lutadores numa competição de judô no Fluminense	Competição	Festiva da A. Cordeiro no Fluminense. Tomarão parte: Club ginástico português, A Atlético BB, ACM. Conhecidos faixas pretas: Kurate, Matsu, Yamamoto e Masayoshi.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.16, 24 de out. 1953, Segunda Seção.	Competição de judô e jiu-jitsu no Fluminense	Competição	Festiva da A. Cordeiro no Fluminense.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.8, 24 de out. 1953, Segunda Seção.	Judô no Fluminesen	Competição	Evento da A. Cordeiro no Fluminense.
A Noite, Rio de Janeiro, p.15, 24 de out. 1953.	Cento e vinte lutadores numa competição de judô no Fluminense	Competição	Competição dia 25 das 17 as 23 horas no Ginásio do Fluminense FC por ocasião do quinto aniversário da Academia Cordeiro. Demonstração de Defesa Pessoal com crianças e moças. Participação de alunos do professor Ryuzo Ogawa, diretor geral da Budokan.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.4, 24 de out. 1953, Segunda Seção.	Judô	Competição	Competição no Fluminense F.C. aniversario A. Cordeiro.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.10, 24 e 25 de out. 1953.	Espetáculo de judô	Competição	Evento A. Cordeiro. Foto de cordeiro aplicando técnica em aluno.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.10, 24 e 25 de out. 1953.	Judô	Competição	“Competição Interestadual (se referindo à competição da A. Cordeiro no Fluminense.”
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 25 de out. 1953.	Grande exibição de judô e jiu-jitsu		Exibição de judô e jj no festavila de aniversário da A. Cordeiro no Fluminense.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.4, 25 de out. 1953. Suplemento Esportivo.	120 lutadores numa competição de judô no Fluminense	Competição, Nota	Competição A. Cordeiro no Fluminense.
Imprensa Popular, Rio de Janeiro, p.9, 25 de out. 1953.	Hoje Grande Noite de judô e Jiu-jitsu	Competição	“Em nosso país há elementos pertencentes a duas escolas: a do prof. Augusto Cordeiro Alves, que se apresenta como a legitima, e a dos irmãos Gracies”.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.7, 27 de out. 1953.	Sucesso absoluto no espetáculo do judô da Academia Cordeiro	Competição	Evento A. Cordeiro no Ginásio das Laranjeiras “Exito total” Representantes da Budokan: Matriz Paulitsa, Filial de Santos. ACM, Colonia japonesa de Sta Cruz, AABB, C. G. português, A. Augusto Cordeiro. Presentes como convidados estavam Helio, Carlos, Robson e Carlson Gracie.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.8, 29 de out. 1953, Segunda Seção.	Judô	Competição	Resultados evento Cordeiro no Fluminense.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.10, 5 de nov. 1953.	Seção de Judo	Nota	Criação da seção de judô do flamengo com orientação do professor Guillermo Klig.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.2, 6 de nov. 1953.	Seção de Judo	Nota	Criação da seção de judô do flamengo com orientação do professor Guillermo Klig. Informacoes de inscrição.
Correio Paulistano, São Paulo, p.10, 19 de nov. 1953.	Judô e halterofilismo, esporte de todas as idades	Artigo	Matéria sobre a recém-instalada Academia Central Olímpica de Luiz Tambucci.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 1 de dez. 1953, Terceira Seção.	Poderão ser filiados os centros pugilísticos	Nota	Normas provisórias baixadas pelo CND regulamentando o funcionamento de agremiações. Deliberação número 71-51 do CND.

Fonte: o autor.

Quadro A-6 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1954

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.4, 19 de jan. 1954.	Ontem no CND	Nota	CBP remeteu o calendário anual para o CND. Campeonato Brasileiro de Judô para junho.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.16, 2 de fev. 1954, Segunda Seção.	Reeleito Pascoal Segreto Sobrinho	Nota	Eleição da nova diretoria da da CBP.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.11, 2 de fev. 1954.	Pugilismo	Nota	I CBJ em junho no calendário.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.16, 2 de fev. 1954, Segunda Seção.	Grande calendário do pugilismo para 1954	Nota	Calendário da CBP. Em junho, 1º Campeonato Brasileiro de Judô.
A Noite, Rio de Janeiro, p.7, 5 de fev. 1954.	As atividades do pugilismo em 1954	Nota	Calendário para 1954. 1º CB de Judô a ser realizado em Junho em local ainda a ser designado.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 21 de mar. 1954, Suplemento Esportivo.	Funcionamento e filiação dos centros de pugilismo	Nota	Baixadas normas provisórias pelo CND pela deliberação No 71/53. "Permitir a título de experiência e em caráter precário o funcionamento de "Centros de Instrução Pugilística"[...]"
Diário de Notícias, p.17, Rio Grande do Sul, 25 de abr. 1954.	Campeonato de estreantes de "judo", 2ª feira	Competição	Competição organizada pela FRGP (Campeonato de Estreantes de judô).
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.10-11, 5 de mai. 1954.	Professor Loanzi, incisivo: foi justa a vitória do Ruy Barbosa	Competição	Campeonatos de estreantes de judô, organizado pela Federação Riograndense de Pugilismo.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 6 de mai. 1954.	Reuniu-se a CBP para estudar a organização do Campeonato Brasileiro de Judo e Luta-Livre	Nota	Reunida sob a presidência de Pascoal Segreto Sobrinho a diretoria da Confederação Brasileira de Pugilismo. Entre outros assuntos a próxima disputa do Campeonato Brasileiro de Judo e Luta Livre na capital bandeirante.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.6, 15 de mai. 1954.	Judo	Nota	Iniciará as atividades da Academia de Judô do Clube Internacional de Regatas sob a direção do professor Nagachima.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.5, 28 de mai. 1954.	Novas diretrizes para as Olimpíadas	Artigo	Judô é um dos esportes facultativos considerados para 1960 nos Jogos Olímpicos.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.8, 8 de jun.1954.	Judô	Nota, Competição	6 e 7 de agosto será realizado o I CBJ.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.8, 9 de jun. 1954, Segundo Caderno.	Novos Rumos para o pugilismo	Nota	Nota da CBP marcando o Campeonato Brasileiro de judô para 6 e 7 de agosto.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 10 de jun. 1954, Terceira Seção.	Medidas importantes em favor do pugilismo	Nota	Nota da CBP marcando o Campeonato Brasileiro de judô para 6 e 7 de agosto.
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 12 de jun. 1954, Segunda Seção.	Pugilismo	Nota	Nota da CBP confirmando a realização do I Campeonato Brasileiro de Judô.
A Noite, Rio de Janeiro, p.11, 21 de jun. 1954.	Famosos Campeões Italianos e Olímpicos em Ringues brasileiros	Nota	Diretoria da CBP, em sua última reunião, deliberou o seguinte: Confirmar a realização do Primeiro Campeonato Brasileiro de judô, no novo ginásio do Tijuca T.C., cedido por Hugo Ramos Filho.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2 e 7, 27 de jun. 1954, Suplemento Esportivo.	Campeonato Brasileiro de Judô	Nota, Competição	A fim de selecionar os amadores cariocas para a equipe que participará do I CBJ, a FMP convocou os responsáveis pelos atletas.
Imprensa Popular, Rio de Janeiro, p.7, 1 de jul. 1954.	Campeonato brasileiro de judô	Nota	A FMP reuniu os responsáveis pelos atletas para decidir seus representantes.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 8 de jul. 1954, Terceira Seção.	Teremos o I Campeonato de Judô	Nota	A CBP comunica que o I Campeonato brasileiro de Judô será realizado em agosto.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.11, 8 de jul. 1954.	I Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	A CBP confirma o I CBJ. Foi sedido o ginásio do Tijuca T. C.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.11, 8 de jul. 1954.	Judo	Competição	A CBP confirma o I CBJ. Foi sedido o ginásio do Tijuca T. C.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.5, 11 de jul. 1954.	O 1º Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	A CBP confirma o I CBJ. Foi sedido o ginásio do Tijuca T. C.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.6, 11 de jul. 1954, Terceiro Caderno.	Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Convocação dos atletas amadores pela FMP. Reunião na sede da FMP dos responsáveis pelos atletas.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 14 de jul. 1954.	Em poucas palavras	Nota, Competição	Realização do I CBJ em agosto pela CBP.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.13, 15 de jul. 1954.	Campeonato Brasileiro de Jduo	Nota	Federação Rio Grandense de Pugilismo iniciou treinamento parasse representar no I CBJ dos atletas que defenderão as cores do Rio Grande do Sul.
Correio Paulistano, São Paulo, p.11, 18 de jul. 1954.	Campeonato Paulista de Judô	Competição	Hoje o Campeonato Paulista de Judô. Promovido pela Federação Paulista de Pugilismo, no ginásio de Departamento de esportes.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diario de Pernambuco, Pernambuco, p.8, 20 de jul. 1954. Gilberto Tavares.	Jiu-jitsu em Pernambuco	Nota	“Aqui em Pernambuco temos um legítimo representante do Japão, muito bem representado pelo famoso professor e lutador Takeo Yano[...].”
Correio Paulistano, São Paulo, p.12, 30 de jul. 1954.	Campeonato Estadual de Judô	Competição	Finais disputadas domingo no Ginásio do Pacaembu. Campeonato promovido em homenagem às comemorações.
Correio Paulistano, São Paulo, p.13, 1 de ago. 1954.	Campeonato Estadual de Judô	Competição	Campeonato Estadual de Judô em SP, em homenagem ao IV Centenário de fundação da cidade de São Paulo.
Imprensa Popular, Rio de Janeiro, p.7, 3 de ago. 1954.	Campeonato Carioca de Judô	Competição	Inscrições abertas para o primeiro campeonato carioca de judô organizado pela FMP
Correio Paulistano, São Paulo, p.13, 3 de ago. 1954.	Campeonato Estadual de Judô	Competição	Campeonato Brasileiro será no Rio, a seleção paulista será baseada nos campeões individuais de Estado de S. Paulo.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 10 de ago. 1954, Terceira Seção.	Campeonato Carioca de Judô	Competição	A Federação Metropolitana de Pugilismo comunica a todos os Judokas Amadores, interessados nesta modalidade de lutas, que estão abertas as inscrições de avulsos, para os que desejarem competir no primeiro Campeonato Carioca de Judô,”
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.3, 11 de ago. 1954.	Campeonato Carioca de Judô	Competição	Nota de realização do 1º campeonato carioca da FMP.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.10, 18 de ago. 1954.	Campeonato Carioca de Judô	Competição	Nota de realização do 1º campeonato carioca da FMP. Reunião a ser realizada sobre o campeonato.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.11, 20 de ago. 1954.	Em setembro próximo, no Rio, o campeonato brasileiro de judo	Competição	Os participantes deverão se apresentar uniformizados de acordo com o capítulo V do Regulamento de Judo da CBP, indicativo da entidade costurado a altura do peito à esquerda, ou nas costas do quimono. Combates regulados pelos Capítulos VII e VIII do regulamento.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.12, 21 de ago. 1954.	Em setembro próximo, no Rio, o campeonato brasileiro de judo	Competição	Regulamento do I Campeonato Brasileiro de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.17, 31 de ago. 1954, Terceira Seção.	Inicia-se o Campeonato de judô	Competição	Campeonato carioca de judô da FMP na sede do Flamengo.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.7,31 de ago. 1954.	Hoje no Flamengo Primeiro Campeonato Carioca de Judo	Competição	Informações sobre o I CCJ.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.8, 1 de set. 1954.	A exibição de Kurache foi o melhor espetáculo do Campeonato de Judô	Competição	I Campeonato Carioca de Judô na antiga sede do Flamengo.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.16, 3 de set. 1954, Segunda Seção.	Novamente em cotejo os campeões de judô	Competição	Certame individual de judô da FMP, na sede do Flamengo o Campeonato Carioca de Judô. Sagrou-se vencedor o Centro de Instrução de Judô Augusto Cordeiro.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.5, 6 de set. 1954.	Resultado do Campeonato Carioca de Judô	Competição	Resultados do campeonato. Cordeiro usa o nome "Centro de Instrução de Judô".
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.4, 7 de set. 1954.	Campeonato Carioca de Judô	Competição	Realizou-se na antiga sede do Flamengo, o I Campeonato Carioca de Judô reunindo 35 competidores de 4 academias.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.7, 8 de set. 1954.	Os brasileiros disputarão Judô nos jogos Panamericanos	Nota	Os brasileiros participarão do Campeonato de Judô nos próximos II Jogos Pan-Americanos marcados para 12 a 26 de março no México. Dirigentes da CBP estão empenhados.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.8, 9 de set. 1954.	Judô	Nota, Competição	Departamento especializado vai realizar o Primeiro Campeonato Estadual de Judô no Rio.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.10, 11 de set. 1954.	O I Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	A CBP fara o campeonato nos dias 8 e 9 de outubro.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.9, 11 de set. 1954.	O I Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	Informações gerais sobre o I CBJ.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.3, 12 de set. 1954, Quinto Caderno.	O I Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	Será realizado o I CBJ. Texto sobre o que é judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 16 de set. 1954, Terceira Seção.	No Tijuca o Campeonato Nacional de Judo	Competicao	Nota sobre realização do I CBJ nos dias 8 e 9 de outubro.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.11, 16 de set. 1954.	Judo	Competição	Informações gerais sobre o I CBJ.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 16 de set. 1954.	No Ginasio do Tijuca T.C. o campeonato Nacional	Competição	Informações gerais sobre o I CBJ.
Sport Ilustrado, Rio de Janeiro, p.16, 16 de set. 1954.	Pugilismo	Nota	A Confederação Brasileira de Pugilismo confirmou inscrição junto ao Comitê Olímpico Brasileiro para o Judô, no campeonato Sul-Americano e nos Segundos Jogos Panamericanos.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.11, 17 de set. 1954.	No Ginasio do Tijuca Tennis Clube a disputa do Campeonato Nacional de Judô	Competição	O Campeonato Brasileiro de Judô será no Tijuca T. C. sob patrocínio da CBP.
Imprensa Popular, Rio de Janeiro, p.7, 21 de set. 1954.	Campeonato Carioca de Judô	Competição	Academia Cordeiro campeã da competição.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.10, 22 de set. 1954.	Judo	Competição	Informações gerais do I CBJ.
Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, p.11, 22 de set. 1954.	A disputa do I Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	Informações gerais do I CBJ.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.6, 22 de set. 1954.	1º Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	Informações gerais do I CBJ.
A Noite, Rio de Janeiro, p.15, 23 de set. 1954.	O primeiro Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	A CBP aceitou o oferecimento do ginásio do Tijuca T.C., o melhor do D.F., para a realização do Primeiro Campeonato Brasileiro de Judô.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.2, 23 de set. 1954, Terceira Seção.	Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Informações gerais sobre o I CBJ, “o certame, que pela primeira vez se disputa no Brasil, é um corolário natural do incremento e difusão que já alcançou o judô entre nós.”
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.11, 25 de set. 1954.	Aproxima-se o I Campeonato Brasileiro de Judo	Competicao	Informações gerais sobre o I CBJ. Marcado para 8 e 9 de outubro.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.4, 25 de set. 1954.	Em poucas palavras	Nota, Competição	Será realizado em outubro o I CBJ.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.17, 28 de set. 1954, Terceira Seção.	I Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Informações gerais do campeonato a ser realizado em 8 e 9 de outubro.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.13, 29 de set. 1954.	O I Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Sobre o excelente ginásio do Tijuca T. C. O Judo e o Jiu-Jitsu “Atualmente não se concebe que haja quem utilize os dois termos para indicar o esporte que o Dr. Jigoro Kano modernizou e modificou.”
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.11, 29 de set. 1954.	Judo	Competição	Informações gerais do I CBJ.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.8, 29 de set. 1954.	Esportes Diversos	Nota	A FMP irá informar à Crônica Esportiva sobre a formação da equipe carioca que participará no I CBJ.
A Noite, Rio de Janeiro, p.15, 30 de set. 1954.	Será realizado em outubro próximo o I Campeonato de Judo	Competição	Para outubro próximo, no moderníssimo ginásio do Tijuca, considerado o maior da Metrópole, está marcada a realização do I Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1, 30 de set. 1954, Segundo Caderno.	Treina na Ac. Cordeiro o provável campeão nacional	Competição	Um paulista, Kawacame, faixa-preta 3º grau, deverá conquistar o título máximo do “Judo” no campeonato brasileiro nos dias 8 e 9 de outubro no ginásio do Tijuca. Isto foi dito por Augusto Cordeiro.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p.11, 3 de out. 1954.	Judo em foco	Competição	Informações gerais do I CBJ. “[...] cooperar com a direção geral do certame, o renomado professor Ogawa, expoente máximo do Kodokan[...].”
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.5, 3 de out. 1954.	Judo	Competição	Informações gerais do I CBJ.
A Noite, Rio de Janeiro, p.16, 5 de out. 1954.	No Rio o Campeonato de Judô	Competição	“Não será realizado em S. Paulo, como fora resolvido, o campeonato brasileiro de judô. O certame patrocinado pela C. B. P. terá lugar no Rio sendo disputado de 12 a 14 do corrente na sede do Tijuca.”
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.17, 6 de out. 1954, Terceira Seção.	Grande Expectativa	Competição	Definitivamente marcada a data do I Campeonato Brasileiro de Judô da CBP. Professor Ogawa convidado para cooperar com a direção geral.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.9, 6 de out. 1954.	Judo	Competição	Informações gerais do I CBJ. Professor Ogawa autoridade máxima do Kodokan.
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.11, 6 de out. 1954.	Torneio de Judo	Competição	Torneio de judô é “Novidade para o esporte carioca.” O judô “será introduzido oficialmente no Brasil.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 6 de out. 1954.	Em poucas palavras	Nota, Competição	A CBP convidou o prof. Ogawa, “representante do Kodokan no Brasil” para cooperar no I CBJ.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 7 de out. 1954.	Datas para o I Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	Informações gerais do I CBJ. Definitivamente marcado para 12 e 14 de outubro.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.10, 7 de out. 1954.	Judo	Competição	Informações gerais sobre o I CBJ.
Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, p.11, 7 de out. 1954.	Será disputado o 1º campeonato brasileiro de judo	Competição	Informações gerais do I CBJ.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.2, 7 de out. 1954, Terceira Seção.	Será a consagração do judô	Competição	Informações gerais do I Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio Paulistano, São Paulo, p.12, 7 de out. 1954.	I Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Campeonato ocorrerá no Rio. A seleção paulista será formada por Yugue, Yamamoto, Mario Costa, Shiozawa, Kawakami, Milton Rossi, Ogawa e Martins.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.10, 8 de out. 1954.	No dia 12, início do 1º Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	I Campeonato Brasileiro de Judô a ser disputado nos dias 12 e 14 do corrente promovido pela CBP. Pela primeira vez se confrontam os judoístas mineiros, paulistas, gaúchos e cariocas.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.16, 9 de out. 1954, Segunda Seção.	Terça-feira o início do I Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Informações gerais do I Campeonato Brasileiro de Judô. O Congresso pleno será instalado na sede da Confederação Brasileira de Pugilismo para discutir resoluções como a sede do II Campeonato Brasileiro de Judô.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 9 de out. 1954.	Mineiros, Paulistas, Gauchos e Cariocas vão disputar a hegemonia do judô no Brasil	Competição	Informações gerais do I CBJ. Foto.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.5, 10 de out. 1954, Suplemento Esportivo.	Lutadores de quatro estados em grandes duelos	Competição	Informações gerais do I CBJ.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.8, 10 de out. 1954.	Em poucas palavras	Nota, Competição	Nota sobre início do I CBJ.
A Noite, Rio de Janeiro, p.7, 11 de out. 1954.	Amanhã, o início do campeonato de Judo	Competição	1 Campeonato de Judô, disputado dia 12, promovido pela C B P.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.6, 12 de out. 1954.	Hoje à noite no Tijuca: início do I Brasileiro de Judô	Competição	Informações sobre o I CBJ. “Todas as lutas serão de 1 round único de cinco minutos, havendo um assalto extra de três minutos (como prorrogação) caso não haja uma decisão no período normal.”

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Última Hora, Rio de Janeiro, p.6, 12 de out. 1954.	As delegações gaúcha e paulista	Artigo	Visita das delegações Gaúcha e Paulista ao Última Hora. Formação da Delegação Gaúcha. Formação da Delegação Paulista.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.10, 12 de out. 1954.	Hoje a abertura do brasileiro de judô: Tijuca	Competição	Primeiro Campeonato Brasileiro de Judô. Preços: cadeiras Cr\$ 50,00; arquibancadas Cr\$ 20,00.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 12 de out. 1954.	Campeonato de Judô	Competição	Informações gerais sobre o I CBJ. Foto.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 12 de out. 1954.	Hoje o 1º Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	Informações gerais do 1 CBJ. Programa das lutas.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.9, 12 de out. 1954.	Judo	Competição	Sequência de lutas do I CBJ.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.17, 12 de out. 1954, Terceira Seção.	Hoje, no ginásio do Tijuca será iniciado o I Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Informacoes gerais do I CBJ, paulistas mineiros e gaúchos e cariocas no certame. Programa de lutas.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1, 12 de out. 1954, Segundo Caderno.	Hoje, o judô: Campeões em desfile	Competição	Informações sobre o Primeiro Campeonato brasileiro de Judô. “Paralelamente à disputa do Campeonato será realizado o Primeiro Congresso Brasileiro de Judô, o qual, entre varias deliberações importantes, deverá indicar a sede do próximo certame a ter lugar no ano de 1955.”
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.12, 12 de out. 1954.	Hoje, o início do Io Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	O programa, sobre o prof. Ogawa, ingresso a preços módicos, gratuito para associados do Tijuca.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.17, 12 de out. 1954, Terceira Seção.	Será iniciado o I Campeonato Brasileiro de Judô	Nota	Primeiro Campeonato Brasileiro de Judô. Ginásio do Tijuca Tennis Clube, rua Conde de Bonfin. Abertura oficial com execução do hino Nacional pela banda do Corpo de Bombeiros do DF. 100 atletas.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.8, 13 de out. 1954.	Vantagem para São Paulo no Campeonato Brasileiro de judô	Competição	Participação de quatro Estados brasileiros: Distrito Federal (RJ), São Paulo, minas e Rio Grande do Sul.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.6, 13 de out. 1954.	Iniciou-se ontem o primeiro Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	Resultados do I CBJ, Hermanny e Ianamoto (sic) os primeiros campeões.
A Noite, Rio de Janeiro, p.15, 13 de out. 1954.	O I Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	No ginásio do Tijuca T.C. teve início, à noite, o I CBJ, promovido pela CBP. Superioridade dos Paulistas na primeira rodada.
A Noite, Rio de Janeiro, p.16, 13 de out. 1954.	De acordo com o figurino japonês	Competição	Ryuzo Ogawa serviu como símbolo “presença de um filho do país do sol nascente, para mais autenticar o trabalho feito pela Kodokan, no sentido de implantar o judô no resto do mundo como substituto do jiu-jitsu” .
Jornal do Comercio, Rio de Janeiro, p.19, 14 de out. 1954.	Judo	Competição	Encerramento do I CBJ.
Ultima Hora, Rio de Janeiro, p.4, 14 de out. 1954.	Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	Informações gerais do I CBJ.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.6, 14 de out. 1954.	Hoje: o Campeonato Brasileiro (por equipes) no Judô	Competição	Hoje à noite, será cumprida mais uma noite de lutas. Seleção dos melhores judoístas do Brasil nas lutas por equipes, em testes para formação das equipes brasileiros para disputar o Sul-Americano e o II Jogos Pan-Americanos.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.11, 14 de out. 1954.	Campeonato Brasileiro de Judo	Competicao	Encerramento do I CBJ.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.10, 14 10 1954.	Hoje no Tijuca o encerramento do certame: Judô	Competição	Campeonato Brasileiro de Judo. Cita os vencedores individuais. Professor Ogawa foi o arbitro geral.
Diário de Noticias, Rio de Janeiro, p.2, 14 de out. 1954, Terceira Seção.	Encerrar-se-á hoje o I Campeonato Nacional de Judô	Competição	Informações gerais sobre o último dia de competição do I CBJ.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 14 de out. 1954, Segundo Caderno.	No Tijuca define-se o campeonato de judô	Competição	Campeonato Brasileiro de Judô por equipes, dando continuidade à competição. Participarão as federações: Metropolitana, Paulista, Gaucha e Mineira. Ogawa foi convidado pela CBP para ser o arbitro geral do certame.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.6, 15 de out. 1954.	Massami Kavacami campeão brasileiro de todas as categorias no certame de judô	Competição	Informações e resultados do último CBJ. Fotos da competição. INFORMAÇÕES SOBRE OS ATLETAS CAMPEÕES.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Noite, Rio de Janeiro, p.15, 15 de out. 1954.	Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Hoje, o encerramento do 1º Campeonato Brasileiro de Judo, promovido pela CBP. Ingressos a preços reduzidos, início às 20:30 horas.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.6, 15 de out. 1954.	Judô	Competição	Paulistas triunfaram por equipes derrotando os gaúchos por 5 a zero, e os cariocas por 3 a 1.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.4, 16 de out. 1954, Segunda Seção.	Em poucas palavras	Nota, Competição	Paulistas conquistaram o título de campeões brasileiros de judô seguidos dos cariocas.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.8, 17 de out. 1954, Segunda Seção.	Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	Foto de luta do campeonato.
O Dia, Paraná, p.10, 17 de out. 1954.	Diversas Noticias	Nota, Competição	Encerrado o I CBJ.
O Mundo Ilustrado, Rio de Janeiro, ano 2, n.89, p.42, 20 de out. 1954.	Venceram os paulistas com mérito	Competição	Fotos do campeonato. “Nas lutas finais, o favorito Iamamoto perdeu para Shiozawa, por imobilização.” Kavakini (sic, Kawakami) venceu Shiozawa e Hermanny.
Sport Ilustrado, Rio de Janeiro, p.16, 21 de out. 1954.	Judo	Nota, Competição	Nota sobre o I CBJ.
A Noite, Rio de Janeiro, p.6, 22 de out. 1954.	Revista de Judô	Artigo	Primeiro número da Revista de Judô que se propõe ser o veículo de tudo quando se relacione com a “ciência do equilíbrio e da realidade”.
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 30 de out. 1954, Segunda Seção.	Helio Gracie desafia a Kodokan	Artigo	Helio Gracie desafia publicamente a Kodokan e a FIJ a provar a superioridade do judô sobre o jiu-jitsu.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1, 31 de out. 1954, Segundo Caderno.	Augusto Cordeiro, possivelmente técnico da equipe brasileira	Nota	Brasil irá para Buenos Aires disputar o Campeonato Mundial de Judô. Organizador é Bonnet Maury, catedrático da Faculdade de Medicina de Paris, patrocinado pela Argentina. Cordeiro acredita que Holanda e França são os principais adversários do Brasil pelo segundo lugar, o primeiro ficara com o Japão naturalmente.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.10, 6 de nov. 1954.	Prof. A. Latorre de Faria	Nota	Conferência do professor Alberto Latorre de Faria, sobre o tema: “Jiu-Jitsu e Judô”.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.7, 7 de nov. 1954, Suplemento Esportivo.	Publicações Recebidas	Nota	Revista de Judô lançada por Augusto Cordeiro, publicação periódica.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.1, 8 de nov. 1954, Segundo Caderno.	Assunto Liquidado: o Brasil participará do Mundial de Judô	Nota, Competição	O Brasil disputará o Mundial na Argentina em fevereiro de 1955. Decisão está oficialmente tomada pela CBP. O presidente da CBP, Paschoal Segreto resolveu aceitar o convite da Federação Argentina.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 9 de nov. 1954.	Cartas à Redação: Judô e “Jiu-Jitsu”	Carta Aberta de Helio Gracie	“Atualmente fantasiado de moderno “jiu-jitsu”, um grupo de brasileiros orientados por japoneses e por um cidadão português, querem introduzir o judô em nosso país, para desta forma matar a semente tão bem plantada [...]”
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.8, 9 de nov. 1954.	Conferencia sobre Jiu-jitsu e Judô	Nota	Conferência de A. L. de Faria.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1-2, 13 de nov. 1954. Segundo Caderno.	Características diferenciais do jiu-jitsu e do Judo	Nota	Conferência de Alberto Latorre de Faria sobre o tema “jiu-Jitsu e Judo”.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 13 de nov. 1954.	Conferência sobre o judô e o jiu-jitsu	Nota	Apresentação de Alberto Latorre de Faria. “o conferencista estudou a regulamentação desportiva do judô, frisando que o mesmo objetiva fins mais elevados e não o mero campeonismo ou disputa de circo ou picadeiro [...]”
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.2, 14 de nov. 1954, Suplemento Esportivo.	Características Diferenciais do Jiu-Jitsu e do Judô	Artigo	Igual acima. Com foto de Alberto Altorre de faria.
A Luta Democratica, Rio de Janeiro, p.7, 23 de nov. 1954.	Judo no Flamengo	Competição	Competição de judô organizada pelo Flamengo sob a direção de Augusto Cordeiro, participação das mais destacadas academias e clubes da metrópole.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.2, 9 de dez. 1954.	Revista do Judô	Nota	Está em circulação a revista do judô com o objetivo de orientar e divulgar o esporte. Diretor: Augusto Cordeiro, Secretário e jornalista veterano: Wilson Guarnieri, Redator Principal: Rudolf Hermany.

Fonte: o autor.

Quadro A-7 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1955

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.8, 11 de jan. 1955.	A projeção do judô...	Artigo	Bonet Maury, a pouco tempo passou ao Brasil e disse que o Brasil tem chance de vencer o Pan-Americano. Dependerá de que o Conselho Nacional de Desportos revogue a portaria que proíbe a presença de brasileiros em competições esportivas patrocinadas por argentinos.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.4, 5 de fev. 1955.	Ontem no CND	Nota	CBP pediu ao CND para participar do Mundial na Argentina.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1, 6 de fev. 1955, Segundo Caderno.	O Brasil deve participar do Campeonato Mundial de Judô	Nota	O CND resolverá amanhã a participação do Brasil no Mundial de Judô, que terá lugar junto do PanAmericano, em Buenos Aires. Preocupação dos praticantes de judô que a CND negue a CBP a permissão para participar nos eventos. Augusto Cordeiro, técnico da equipe.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.24, 8 de fev. 1955.	Não poderão ir à Argentina	Nota	CND indeferiu o pedido da CBP para participar no I Campeonato Mundial de Judô. “Inconveniencia” foi o motivo alegado”.
Jornal do Dia, Rio Grande do Sul, p.6, 9 de fev. 1955.	Argentina, não	Nota	O CND não autoriza a participação da CBP no Mundial na Argentina.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.1, 9 de fev. 1955, Terceira Seção.	Também não pode ir	Nota	CND não permitiu a participação da CBP no I Campeonato Mundial de Judo na Argentina em março.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.21, 11 de fev. 1955.	No setor amadorista do Rio	Nota	CND indeferiu o pedido da CBP para participar no I Campeonato Mundial de Judô na Argentina.
O Dia, Paraná, p.9, 11 de fev. 1955.	Também não pode ir	Nota	CND indeferiu o pedido da CBP para participar no I Campeonato Mundial de Judô na Argentina.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.10, 13 de fev. 1955.	Nada com os Argentinos	Nota	O Ministério das Relações Exteriores mantém recomendação ao CND para que nenhuma delegação brasileira seja enviada a Buenos Aires.
Diario de Pernambuco, Pernambuco, p.8, 1 de mar. 1955.	Judo: Mais Faixas para a academia Takeo Yano	Artigo	Takeo Yano realiza exame de faixas e planeja levar uma equipe para o próximo Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio Paulistano, São Paulo, p.8, 11 de mar. 1955.	Constituída a nova diretoria da Federação Paulista de Pugilismo	Nota	Bienio 55-56 Presidente Mario Augusto Isaias, VP Armando Sanchez Depto de Judô, Jiu-Jitsu, Sumou e Kendo: dr. Mario Botelho de Miranda; dr. José Lucio Moreira de Franca; dr. José Arruda Botelho, Elias de Oliveira.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, p.21-22, 26 de mar. 1955.	Copa Gracie de Jiu-Jitsu	Competição	A CBP aprovou os regulamentos apresentados, a pedido, pela Academia Gracie, mas não os oficializou. Os regulamentos Gracie fogem aos padrões da tradição nipônica.
Diario de Pernambuco, Pernambuco, p.7, 24 de abr. 1955.	Fundada a entidade de judo	Nota	Fundação da Federação Pernambucana de Judô no dia 19 último, para reger oficialmente o Judo em todas as suas modalidades, reunindo sob sua orientação e regulamentação todas as associações e academias que pratiquem tal desporto em todo o território estadual.
Pequeno Jornal, Pernambuco, p.5, 26 de abr. 1955.	Focalizando o amadorismo	Nota	Fundada a Federação Penambucana de Judo.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.7-8, 1 de jun. 1955.	O judô aproxima os povos	Artigo	Embaixador do japão durante a inauguração do Departamento de Judô da Associação Atlética do Banco do Brasil.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.4, 7 de jun. 1955.	Quem será, afinal, o campeão brasileiro de jiu-jitsu?	Artigo	Discussão sobre o título de campeão brasileiro de jiu-jitsu de Helio Gracie após sua derrota para Waldemar Santana. A FMP reconhece Kawakami como o verdadeiro campeão de judô do país. Kawakami venceu o I CBJ.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.4, 8 de jun. 1955.	A procura do campeão nacional de jiu-jitsu	Artigo	Cordeiro: Só admito um detentor do cetro supremo do judô: Kawacami.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.7, 10 de jun. 1955.	Até o momento sou eu o campeão brasileiro de jiu-jitsu	Artigo	Helio Gracie responde Cordeiro “Não me mancomuno com a indecência do ring, equivalendo esta frase a dizer que estou sempre separado de Federação Metropolitana de Pugilismo”
Diario de Noticias, Rio Grande do Sul, p.12, 12 de jun. 1955.	Nocaute	Artigo	Segue para a Capital da República, João Graf Vassaux, que participou do I Campeonato brasileiro de Judô.
Diario de Noticias, Rio Grande do Sul, p.12, 17 de jun. 1955.	Pugilismo	Artigo	A CBP ofereceu à FRSP o professor Augusto Cordeiro para auxiliar a preparação da equipe Gaúcha.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.9, 24 de jun. 1955.	Box	Nota	CBP leva o CBJ a BH e patrocina Cordeiro e Kurachi no RS.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.11, 25 de jun. 1955.	2º campeonato carioca de Judô, inscrições abertas na F.M.P. equipe e individual	Nota, Competição	Nota de realização do CCJ.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.13, 26 de jun. 1955.	Judo	Nota, Competição	Convocação para o CCJ.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 5 de jul. 1955, Segunda Seção.	Do Jiu-Jitsu	Competição	A FMP dá ciência aos filiados que estão abertas as inscrições para o CCJ.
Diario de Noticias, Rio Grande do Sul, p.10, 12 de jul. 1955.	Anima-se o Judô	Artigo	Augusto Cordeiro se aproxima do judô do Rio Grande do Sul.
Diario de Noticias,, Rio Grande do Sul, p.13, 12 de jul. 1955.	Chegou o Professor Cordeiro	Artigo	Augusto Cordeiro é posto à disposição da FRGP pela CBP.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 20 de jul. 1955, Segunda Seção.	Da Luta-Livre	Competição	A FMP leva ao conhecimento de todos os “clubes e Centros de Instrução de Judô” a abertura das inscrições para o CCJ.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.13, 26 de jul. 1955.	Campeonato Municipal de Judô	Competição	No próximo dia 31, Campeonato Municipal de judô.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.8, 26 de jul. 1955.	Os famosos campeões sem campeonatos	Artigo	Artigo sobre a vida de Kawakami com diversas fotos.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.4, 28 de jul. 1955.	Procura-se um campeão de jiu-jitsu	Artigo	Hélio perdeu para Waldemar Sant’Ana em luta de vale tudo. Helio continua se intitulado campeão brasileiro.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.9, 30 de jul. 1955.	Campeonato de Judô do Municipio	Competição	Amanhã no ginásio do DEFEEESP, na água branca, FPP o Campeonato de Judô do Municipio.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.13, 2 de ago. 1955.	Campeonato Municipal de Judô	Competição	Classificação final: 1º CIJ Ogawa, 2º CIJ Tani, 3º CIJ Ono, 4º CIJ Tambuci local: ginásio do DEESFSP. Os representantes para o Estadual serão CIJ Ogawa, Tani e Ono. Além destes, dois campeões de várias cidades do interior.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.17, 6 de ago. 1955.	Campeonato Estadual de Judô	Competição	No ginásio do DEESFSP. Participação de várias cidades do interior e dos centros de instrução da capital: Ogawa, Tani e Ono.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 7 de ago. 1955, Suplemento Esportivo.	II Campeonato Carioca de amadores de judô	Competição	Informações sobre o campeonato organizado pela FMP.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 13 de ago. 1955, Segundo Caderno.	Novos planejamentos no pugilismo	Nota	Quanto ao judô Patrocinou prof. Cordeiro e Kurachi a ir a Porto Alegre a fim de orientar a prática do judô Envio de 20 tatames a Belo Horizonte.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.10, 13 de ago. 1955.	Box	Nota	CBP patrocinou Cordeiro e Kurachi a ir ao RS.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.12, 13 de ago. 1955.	Pugilismo	Nota	CBP patrocinou Cordeiro e Kurachi a ir ao RS.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p.11, 13 de ago. 1955.	Pugilismo Nacional	Nota	CBP patrocina a ida de Coriderio ao RS e o CBJ em BH.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.7, 15 de ago. 1955.	As atividades da Confederação Brasileira de Pugilismo	Nota	CBP patrocinou a ida a Porto Alegre dos professores de Judô Augusto Cordeiro e H. Kurachi afim de orientarem a prática do judô por meio de demonstrações, palestras, etc.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.10, 21 de ago. 1955.	Nocaute	Artigo	Exame de faixa da Budokan.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.8, 24 de ago. 1955.	Campeonato Carioca de Judô	Competição	5 equipes inscritas para o CCJ: A. Cordeiro Matriz, A. Cordeiro Cascadura, Flamengo, AABB, Colonia de Santa Cruz.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 26 de ago. 1955.	Campeonato de Judo no Flamengo	Competição	Campeonato Carioca de Judô na sede do Flamengo, realizado pela Federação Metropolitana de Pugilismo. 86 judocas de sete academias distribuídos em cinco categorias.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.10, 27 de ago. 1955.	Resultado do certame de judô	Competição	Realizado ontem o Campeonato Estadual (RS) na Academia Ruy Barbosa, tendo concorrido também o C. Nordeste e a SORVES. Classificação: Ruy Barbosa, Sorves e Nordeste. Preparação para com CBJ em BH.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.7, 2 de ago. 1955.	Judo	Nota, Competição	Nota curta sobre o CCJ.
Diario de Noticias, Rio Grande do Sul, p.12, 31 de ago. 1955.	Reunião de técnicos de judô na FRPG	Nota	Realizou-se na sede da FRGP uma reunião de técnicos de judô com prof. Loanzi (Clube Nordeste); Januário (Ruy Barbosa); Nelson Cardoso (Sdarta) Iwao Sugo (SORVES).
Diario de Noticias, Rio Grande do Sul, p.13, 28 de out. 1955.	Campeonato Brasileiro de Judô em Belo Horizonte	Competição	Equipe do RS vai a BH para o CBJ. Informa os membros da delegação.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 30 de ago. 1955.	Resultado do certame Carioca: Judo	Competição	Resultados do CCJ.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.8, 31 de ago. 1955.	Campeonato Carioca de Judo	Competição	Sede do Flamengo, primeira parte do CCJ da FMP. Eliminatórias nas categorias faixa verde e roxa.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 1 de set. 1955, Segunda Seção. Alberto Fernandes.	O Esporte do Dia	Nota	Campeonato Carioca de Judô da FMP na sede do Flamengo. A situação atual do judô é das mais convincentes.
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.5, 1 de set. 1955, Segunda Seção.	Prossegue sábado o Campeonato C. de Judô	Competição	Informações gerais sobre o Campeonato Carioca de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.1, 1 de set. 1955, Terceira Seção.	Um ringue internacional para o Maracanãzinho	Artigo	Paschoal Segreto Sobrinho, presidente da CBP, deu um novo ringue para a Federação Metropolitana de Pugilismo.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.11, 2 de set. 1955, Terceira Seção.	Amanhã Rodada Final do Carioca de Judô	Artigo	Informações gerais sobre o Campeonato Carioca de Judô.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.6, 5 de set. 1955.	Academia Cordeiro: Bicampeão de Judô	Competição	Academia Cordeiro foi bi-campeão do CCJ. Materia apresenta os resultados e fala sobre a Budokan de Ryuzo Ogawa.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 3 de set. 1955.	Decisão hoje dos campeões de judô no Flamengo	Competição	II CCJ, apresentações de Kawakami. Prof. da Academia Grafica é francês.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1-2, 6 de set. 1955, Segundo Caderno.	Bicampeã de Judô a Academia Cordeiro	Competição	Campeonato Carioca de Judô patrocinado pela FMP, sagrou-se bi-campeã, A. Cordeiro com 4 vitórias, das 20 lutas realizadas perdeu apenas uma.. Arbitro Geral foi Ryuzo Ogawa que será também em Belo Horizonte no Campeonato Brasileiro.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 6 de set. 1955, Segunda Seção.	Do Jiu-Jitsu	Competição	A FMP dará prosseguimento hoje na sede do Flamengo as eliminatórias do CCJ.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.11, 5 e 6 de set. 1955.	Judo	Competição	Informações gerais do CCJ. Arbitros: Ryuzo Ogawa, Cordeiro, Ogino e Nagashima.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.18, 7 de set. 1955.	No setor amadorista do Rio	Competição	Campeonato Carioca, vitória da Academia Cordeiro.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.6, 11 de set. 1955, Suplemento Esportivo.	II Campeonato Carioca de Judo	Competição	“O judô no Distrito Federal atinge a sua maioria com a realização do II Campeonato Carioca. Este esporte, embora já tenha sido introduzido nesta capital há mais de 45 anos, só no ano passado mereceu a organização de um campeonato oficial.”

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 16 de set. 1955.	Em outubro o Brasileiro de Judô	Competição	Informações gerais para o II CBJ a ser realizado.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.15, 17 de set. 1955.	Campeonato Brasileiro de Judô	Nota, Competição	CBJ que deveria ser realizado este mês foi transferido para 7, 8 e 9 de outubro.
A Noite, Rio de Janeiro, p.10, 17 de set. 1955.	Os jogos de hoje, no Campeonato Gráfico	Nota	Os Gráficos vice-campeões cariocas de judô. Atletas que participaram: Marcel Desert, Antonio Soares, Deuedete Menezes, Edgard Marburg e José de Oliveira.
Diario de Pernambuco, Pernambuco, p.17, 2 de out. 1955. Luiz de Moura.	No certame nacional de jiu-jitsu Pernambuco precisa estar presente	Artigo, Competição	“Não são de hoje as dificuldades encontradas pelas representações pernambucanas quando desejam participar de uma competição esportiva fora do Estado.” Takeo Yano preparou uma equipe.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.6, 5 de out. 1955.	Estudos sobre a situação dos técnicos	Artigo	Revisão da Deliberação Relativa aos “Centros Pugilísticos” (Box, Lutas, Judo, etc.)
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.11, 10 de out. 1955.	Decepcionados os fãs do judô com a luta de sábado	Artigo	W. Guarnieri comenta contra os Gracie na matéria Redator-secretário da “Revista de Judô”, sobre a luta Waldemar vs Carlson.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.3, 16 de out. 1955, Suplemento Esportivo.	Tem sede em Paris o órgão supremo da luta japonesa	Artigo	FIJ com sede em Paris sob a presidência de Risei Kano é o órgão supremo dirigente do Judô. O Brasil aguarda uma oportunidade para participar das competições internacionais.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.3, 18 de set. 1955, Suplemento Esportivo.	Jigoro Kano, Criador do Jiu-Jitsu Moderno	Artigo	“O Judô veio para o Brasil trazido por imigrantes japoneses e por aventureiros lutadores. Desenvolveu-se, também simultaneamente, na sua forma tradicional, entre os colonos, e como espetáculo, nos palcos. “
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.12, 19 de out. 1955.	Dia 28 o início do Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Informações gerais do II CBJ.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.7, 19 de out. 1955. Arthur Parahyba.	O Campeonato brasileiro de Judô	Artigo	Sobre o que é o judô e a confusão de nomes (judô e jiu-jitsu).
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 27 de out. 1955.	Amanhã o início do judô (Minas)	Competição	II CBJ participação de SP, RJ, RS e Bahia.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.5, 2 de out. 1955.	Amanhã em B. Horizonte II Brasileiro de Judô	Competição	Delegação carioca: Chefe: Sumio Mamaia Paulo Meira (convidado) Altamiro Cunha (CBP) Paulo Falcão (secretário) Augusto Cordeiro (técnico)
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.13, 28 de out. 1955.	Desperta Grande Interesse o Campeonato Nacional de judô	Competição	Programado o certame para dias 28, 29 e 30 em Belo Horizonte. Lutadores mineiros, sob a direção do prof. Albano Correa, vem sendo submetidos a severo programa de treinamento.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.6, 28 de out. 1955.	Esta noite inauguração do Brasileiro de judô	Competição	Informações gerais da competição. Paulistas tentaram inscrever Shiozawa e Kawakami na mesma categoria (3odan) não foi permitido (era somente um atleta para 3º dan).
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.12, 28 de out. 1955.	Amanhã o início do Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Início do CBJ.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1, 29 de out. 1955. Segundo Caderno.	Supremacia de São Paulo na abertura do brasileiro de judô	Competição	II CBJ em Belo Horizonte. Resultados do campeonato. Paulo Meira, dirigiu a abertura do campeonato.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.4, 29 de out. 1955.	Campeonato Brasileiro de Judô em Belo Horizonte	Competição	Informações gerais sobre o Campeonato Brasileiro de Judô, com resultados.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1-2, 30 de out. 1955, Segundo Caderno.	Superioridade Paulista no Camp. Brasileiro de Judô	Competição	SP sagrou-se campeão por equipe e as melhores colocações no individual. Foto da equipe do RJ. No Absoluto, cada Federação apresentou 2 atletas.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.16, 30 de out. 1955.	Paulistas venceram o campeonato de judô em B. Horizonte	Competição	Participação de 3 Estados mais o DF no II CBJ. Equipe campeã integrada por: Minoru, Ito, Irohima, José Roberto, Shiozawa e Akira Yamamoto.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1-2, 1 de nov. 1955, Segundo Caderno.	Kawakami o campeão nacional	Competição	Belo Horizonte, 31. II CBJ, no ginásio do Minas T.C. Massayoshi Kawakami, repetindo o feito do ano anterior, derrotou dez adversários, sangrando-se bicampeão individual absoluto do Brasil.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.10, 1 de nov. 1955.	Campeonato brasileiro de Judô paulistas, campeões por equipes	Competição	Info. Gerais do II CBJ.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.7, 3 de nov. 1955.	Judô: competição, disciplina e lealdade num mesmo esporte	Competição	Informações sobre o IICBJ com destaque a Kawakami. Altamiro Cunha era o representante da CBP na competição. Altamiro Cunha disse que a CBP procura sua filiação internacional.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.23, 4 de nov. 1955.	Vitória dos paulistas no Campeonato Nacional de Judô	Competição	Belo Horizonte. Encerradas, domingo, as disputas do II Campeonato Brasileiro de Judô com equipes de SP, DF, RS e MG. Local: Ginásio do Minas TC. Vitória dos paulistas.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 6 de nov. 1955, Suplemento Esportivo.	Êxito completo consagrou o II Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Informações gerais sobre o II CBJ.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.5, 19 e 20 de nov. 1955.	Academia Cordeiro em Minas	Nota	Os judocas da A. Cordeiro vão para BH para uma competição interestadual de judô com os mineiros no ginásio do Minas T.C.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.7, 21 de nov. 1955.	A equipe da Academia Augusto...	Artigo	Em um torneio interno em Minas entre a Academia Cordeiro e o Minas Tennis Clube, venceu a A. Cordeiro por 4 a 1.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.7, 24 de nov. 1955.	Sul-Americano de Judô em São Paulo	Artigo	A CBP mandou a Buenos Aires um diretor para discutir uma competição "Brasil e Argentina" em Buenos Aires, e um Campeonato Sul-Americano em SP.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.7, 25 de nov. 1955.	Maio no Japão: 1º Campeonato Mundial de Judô	Artigo	O primeiro campeonato mundial será realizado no Japão por deliberação da FIJ.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.3, 27 de nov. 1955, Suplemento Esportivo.	Representações Continentais no Campeonato Mundial de Judô	Artigo, Competição	Risei kano, presidente da FIJ, divulgou que a Federação Japonesa organizará o Mundial em Tóquio.
A Noite, Rio de Janeiro, p.8, 9 de dez. 1955.	Em Toquio	Nota	A Federação de Judô do Japão anunciou que vai organizar o Primeiro Campeonato Mundial em Tóquio. Serão enviados convites aos dezenove países membros da Federação Mundial de Judo e a outro que ainda não o são, entre eles o Brasil.
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 9 de dez. 1955.	Campeonato Mundial de Judo	Nota	Federação de Judô do Japão organizará um campeonato mundial de judô.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 31 de dez. 1955.	Japão convidou o Brasil para o campeonato de judô	Nota	A CBP recebeu o convite por intermédio da embaixada do Japão, a fim de participar do campeonato Mundial em Tóquio em maio. A CBP tratará do assunto com o CND para obter a permissão para participar.

Fonte: o autor.

Quadro A-8 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1956

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.15, 4 de jan. 1956.	No setor amadorista do Rio	Nota	CBP recebeu, por intermédio da Embaixada do Japão, convite para o Mundial de Judô em Tóquio.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 4 de jan. 1956, Segunda Seção.	Em Toquio a partir de maio	Nota	A CBP recebeu por intermedio da Embaixada do Japão um convite para o Mundial.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1, 12 de fev. 1956, Segundo Caderno.	O Brasil concorrerá ao Mundial de judo	Nota	O embaixador Yoshiro Anno, antigo praticante de judô, trouxe o convite em caráter excepcional. O representante brasileiro será escolhido através de eliminatória. Os encarregados da escolha do representante brasileiro foram W. Santa Helena, do departamento de judô da AABB, Yoshimasa Nagashima, Masami Ogino.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.4, 12 de fev. 1956, Suplemento Esportivo.	Será no Japão em maio o certame mundial de judô	Nota	Foto de Ogino, Nagashima e Walter Santa Helena da AABB. Informações gerais sobre o convite.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.7, 16 de fev. 1956.	Ficaram de fora os campeões brasileiros de São Paulo	Nota	A seleção da representação nacional foi encaminhada a dois professores de judô japoneses residentes no Rio: M. Oguino e S. Nagashima do Ginastico Português e da AABB, auxiliados por Walter Santa Helena, diretor do departamento de judô da AABB. A CBP se sentiu desprestigiada.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.1, 16 de fev. 1956, Terceira Seção.	Teve o CND invadidas suas reais atribuições	Nota	"Irregularidades gritantes surgiram após o convite feito pela Federação Internacional de Judô." O CND deve intervir.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.13, 17 de fev. 1956.	No setor Amadorista	Nota	Atletas para o Mundial serão escolhidos através de eliminatória, concorrendo todas as Academias desde que se submetam às regras da FIJ. Brasil participará do Mundial apesar de não estar filiado.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.8, 17 de fev. 1956.	Judô briga por viagem ao Japão	Nota	Cabe a CBP e FMP organizar e selecionar os lutadores para participar do mundial. Opinião de Lourival Pereira, presidente da FMP. Embaixador designou Tatsuo Okochi para selecionar, nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o melhor lutador, e os srs. Massami Ogino e Yoshimassa Nagashima, para os demais Estados.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.12, 17 de fev. 1956, Segundo Caderno.	O Brasil no Mundial de Judo	Nota	“A maneira pela qual estão sendo tomadas as providências para a indicação do lutador que representará o Brasil no 1º Campeonato Mundial de Judo [...] está gerando descontentamento entre os praticantes de judô. [...]”
O Jornal, Rio de Janeiro, p.8, 18 de fev. 1956.	Representação brasileira no campeonato de judô, no Japão	Artigo	“Como não há Federação de Judô de Kodokan no Brasil – prosseguiu o embaixador – solicitei ao sr. Okochi, que é o professor mais altamente graduado de judô Kodokan no Brasil, para recomendar-me um candidato que represente não só São Paulo, onde mais se pratica a arte, mas todo o sul do Brasil. Quanto ao Distrito Federal e demais Estados, solicitei dos professores graduados de judô de Kodokan, Nagashima e Ogino”
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.8, 18 de fev. 1956, Suplemento Esportivo.	Ameaçada a Presença da Representação Nacional	Nota	Sobre a questão do convite para o Mundial.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.9 e 11, 18 de fev. 1956.	Adiado o coquetel do judô	Nota	Um ofício da CBP ao CND pediu que fosse sustada qualquer representação do Brasil no Mundial de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.3, 19 de fev. 1956, Suplemento Esportivo.	Não abdicará a CBP de seus líquidos direitos	Entrevista	Entrevista com Jamil Nasser, diretor técnico da CBP.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 19 de fev. 1956, Suplemento Esportivo.	Aspectos de certa gravidade na atitude da embaixada do Japão	Nota	Questão do convite para o Mundial.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.1, 22 de fev. 1956, Suplemento Esportivo.	Disposta a recuar a embaixada do Japão	Nota	O embaixador Yoshiro Ando, depois de mencionar que, a Confederação Brasileira de Pugilismo, de acordo com seu estatuto dedica-se ao jiu-Jitsu e não ao Judô, disse que está disposto a conversar desde que a CBP chegue a um acordo quanto aos métodos de seleção.
Tribuna da Imprensa, São Paulo, p.8, 22 de fev. 1956.	Caso Judô no novo C.N.D.	Nota	“[...] a Lei no 3.199 não permite de forma alguma que qualquer associação, clube ou federação chame a si a representação do esporte brasileiro, salvo se designado pela Confederação competente.”

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.19, 29 de fev. 1956.	Dia 10 proximo, em Suzano: Inauguração da sede própria da Associação de Ju-Kendo	Nota	“A associação de Jûkendô da Zona Central do Brasil fará inaugurar no próximo dia 10[...] em Vila Urupês, em Suzano, a sua sede própria.”
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.12, 14 de mar. 1956.	Participará do Panamericano de Judô	Nota	CBP requereu participar do Panamericano em Havan e recebeu autorização do CND.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.18, 15 de mar. 1956.	Irá o Brasil ao Panamericano de Judô	Nota	Paschoal Segreto revela que haverá eliminatórias, para a escolha da equipe para o Panamericano e Mundial de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.12, 16 de mar. 1956.	Diligencia, por ordem da CBD, no Processo sobre a lei do acesso	Nota	“aprovar parecer sobre o processo originado as representações da Confederação Brasileira de Pugilismo e o visto do embaixador do Japão, referente a participação do Brasil no I Campeonato Mundial de Judô,”
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.1, 16 de mar. 1956, Terceira Seção.	Dirigir-se-à o C.N.D. ao Embaixador do Japão	Nota	Aprovou parecer sobre o processo originado pela CBP, somente poderá competir no estrangeiro atleta indicado pela CBP.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.12, 20 de mar. 1956.	Pugilismo: Federação Metropolitana de Pugilismo	Nota	Convocação da FMP para as eliminatórias de seleção dos lutadores para o Panamericano e Mundial.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.7, 21 de mar. 1956.	Campeonato Panamericano de Judô	Competição	A FPP convoca a comissão Técnica do Departamento de Judô para uma reunião a fim de tratar de assuntos relativos à seleção dos atletas de SP.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.2, 23 de mar. 1956.	DC vai patrocinar viagem do judô ao Pan-Americano	Nota	Diário Carioca vai patrocinar a viagem dos atletas brasileiros com colaboração da Panair do Brasil. Viaja junto com a delegação um representante do DC para fazer a cobertura do evento.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 22 de mar. 1956, Terceira Seção.	Competição Rio-São Paulo para o Mundial de Judô	Nota	A CBP fará a eliminatória entre Rio e SP para representar o brasil em Cuba e em Tóquio. Estará presente o embaixador do Japão e observadores (Ogino e Nagashima).
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.8, 24 de mar. 1956, Segunda Seção.	Impasse apenas na escolha dos juizes	Nota	“Em virtude desta circunstância [...] o presidente da Associação de Judô no Japão, dr. Kano, pediu-me que pessoalmente fizesse a seleção de esportistas brasileiros que quisessem participar do campeonato.”

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.16, 24 de mar. 1956.	Dia 28: Paulistas x cariocas em judô	Nota	Eliminatórias entre paulistas e cariocas para selecionar os representantes que participarão do II Campeonato Panamericano.
Correio Paulistano, São Paulo, p.16, 25 de mar. 1956.	Os Brasileiros participarão do Pan-americano e Mundial de judô	Nota	Lutadores brasileiros lutarão no II Pan-americano em Cuba, dia 15 de abril, e do Mundial em Toquio, 3 de maio.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.19, 27 de mar. 1956.	Eliminatorias entre paulistas e carioca	Nota	Lutadores brasileiros lutarão no II Pan-americano em Cuba, dia 15 de abril, e do Mundial em Toquio, 3 de maio.
Correio Paulistano, São Paulo, p.15, 28 de mar. 1956.	Hoje as eliminatórias para o Pan-Americano e Mundial de Judô	Nota	Confronto eliminatório entre paulistas e cariocas para decidir quem irá à Tóquio.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 28 de mar. 1956.	Será conhecida hoje a delegação brasileira de judô	Nota	Eliminatória. Equipe carioca.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9 e 11, 30 de mar. 1956.	Cinco judocas na equipe brasileira para o "Pan"	Nota	Eliminatorias para o Pan, no Pacaembu. Juizes: Jamil Nasser da CBP, YAssuiti Ono, Katsutoshi Naito, Seisetsu Fukaya, Benishi Egoshi e Sobei Tani.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 1 de abr. 1956.	O desenvolvimento do judô no Brasil em nível elevado	Nota	Nas eliminatórias para Tóquio, ficaram escolhidos Milton Rossi e Luis Alberto para representarem o Brasil em Tóquio.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 6 de abr. 1956.	Hoje: 20 horas a posse da Diretoria FMP	Nota	Tomaram posse os novos dirigentes da Federação Metropolitana de Pugilismo.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 8 de abr. 1956.	Os preparativos da Equipe Brasileira de Judô para o "Pan"	Nota	Informações gerais sobre a equipe brasileira e sua ida para Cuba para disputar o Pan-Americano.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 11 de abr. 1956.	Embarca a equipe de judô: Pan-Americano	competição	Embarque da delegação brasileira para Cuba.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 12 de abr. 1956, Caderno Bola pra Frente.	Os lutadores de judô embarcam esta tarde	nota	Diário Carioca Patrocinou a viagem da delegação brasileira ao Panamericano.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.4 e 24, 13 de abr. 1956.	O Brasil no Mundial de Judô	Nota	Judô é um esporte amador, sem caber burla na conceituação do amadorismo. Para o mundial. Regras do Instituto Kodokan.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 13 de abr. 1956.	Judô	Foto	Foto de Paschoal Segreto Sobrinho entregando a Augusto Cordeiro os ofícios e roteiros para o Pan-Americano de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.9, 19 de abr. 1956. Jose Brigido.	Somente os cultores da técnica do Instituto Kodokan poderão ir a Toquio	Artigo	Não foram respeitadas as combinações feitas com o alto representante do Japão em nosso país. “Há nisso tudo uma grande luta de elementos da Budokan, empenhados em participar de um certame da Kodokan.”
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.1-2, 19 de abr. 1956, Terceira Seção.	Ameaçada a presença do Brasil no Campeonato Mundial de Judô	Artigo	Caducou o convite feito pelo embaixador do Japão. “A confusão maior tem sido feita por elementos do grupo denominado Budokan, “
A Noite, Rio de Janeiro, p.9, 19 de abr. 1956, Primeiro Caderno.	No Brasil, o Pan Americano e Mundial de judo	Nota	“No Congresso Pan-Americano de Judô, que está sendo efetuado nesta capital, o representante brasileiro pleiteou a realização no Brasil, em 1956, do 3º Campeonato Pan-Americano e do Campeonato Mundial de Judô.”
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.31, 19 de abr. 1956.	Retirado o convite do Brasil para disputar o Mundial de Judô	Artigo	Paschoal Segreto apelou para a Confederação Panamericana de Judô em Cuba, para que interceda junto à entidade internacional no Japão.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 20 de abr. 1956.	Brasileiros na liderança do Pan-Americano: Judô	Competição	Kawakami classificado para lutar pelo título absoluto contra Osako. Kurachi e Augusto Cordeiro também lutaram o Absoluto.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 21 de abr. 1956.	Brasileiros e americanos decidem Certame de Judô	Competição	Embora a equipe brasileira tenha demonstrado excelente performance, a equipe americana é franca favorita.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 24 de abr. 1956.	Três títulos para os brasileiros no judô	Competição	Informações gerais da competição. Cordeiro eleito presidente da Confederação Panamericana de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.21, 27 de abr. 1956.	Brasil, vice-campeão panamericano de judô	Competicao	Hikari Kurachi campeão panamericano 4º dan, Luiz Alberto Mendonça Faixa Marrom e Milton Rossi, 1º dan Augusto Cordeiro foi eleito presidente da Confederação Panamericana de Judô, por unanimidade. Ribeiro Falcão foi eleito secretário.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.8-9, 29 de abr. 1956.	Tecnica dos brasileiros o sucesso do certame de judô	Nota	Diz cordeiro ao final de um encontro no retorno ao Brasil: Na delegação brasileira, cinco dos seis membros eram alunos e subordinados de Ryuzo Ogawa.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.4, 30 de abr. 1956.	Desembarcaram...	Nota	Desembarque dos vice-campeões. Brasil ficou em segundo, Estados Unidos em primeiro.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.17, 4 de mai. 1956.	Os “Judokas” Pan-Americanos na Escola de Educação Física do Exército	Nota	Demonstração pela delegação de Judô que conquistou o vice-campeonato Panamericano de judô em Havana. Patrocinada pela CBP e pela Escola de Educação Física do Exército.
A Noite, Rio de Janeiro, p.7, 5 de mai. 1956.	Brasil, Vice Campeão Pan-Americano	Nota	“O Judô Mais técnico de toda a América, Diz a Imprensa Cubana” Embaixador brasileiro em Cuba, satisfeito.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.2, 6 de mai. 1956, Suplemento Esportivo.	Programado para o Brasil o próximo campeonato Pan-Americano de Judô	Artigo	A delegação brasileira foi surpreendida com a eleição de Augusto Cordeiro para presidente da Confederação Pan-Americana de judô. “De conceitos emitidos por Augusto Cordeiro, percebemos a sua tendência contrária ao Instituto Kodokan, pois ele é da corrente Budokan,”
Sport Ilustrado, Rio de Janeiro, p.8-9 e 18, 10 de mai. 1956.	Vice- Campeão o Brasil no Pan-americano de judô!	competição	Delegações participantes.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.15, 16 de mai. 1956.	Magnifica a demonstração de judô domingo	Competição	No ginásio do Pacaembú foi realizada a competição da Budokan, do Centro de Instrução de Judô e Jiu-Jitsu do professor Ogawa, participação de 100 judocas faixas pretas. Augusto Cordeiro, presidente da Confederação Panamericana de Judô proferiu algumas palavras.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.16, 1 de jun. 1956, Caderno Esportivo. José Brigido.	Coluna para ler no bonde: Judô	nota	“Atualmente, no Japão, só existe o sistema Kodokan, como nos demais países onde se pratica esse nobre esporte, exceto aqui no Brasil, onde, após a guerra, apareceu um sistema obsoleto, místico, que, afirma-se, vem sendo amparado e difundido por elementos que até hoje acreditam que o Japão não foi derrotado... E há brasileiros inconscientemente apoiando isso.”
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.2, 5 de jul. 1956. Arthur Parahyba.	Ring & Ring	Nota	“O último número da revista oficial de Judô da Federação Francesa de Judô, publica a fusão das duas associações Kodokan e Kawashi (Budokukai). Isso é influência da ida da representação francesa ao Mundial de Judô em Tóquio.”

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.7, 6 de jul. 1956, Segunda Seção.	Será cumprido o regulamento no campeonato de judô	Nota, Competição	Certame promovido pela TV Tupi. Organizado por José Maria Scassa, o Primeiro Campeonato Aberto de Judô, a ser televisionado.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.25, 17 de ago. 1956.	Grande Competição de Judô	Competição	Competição em comemoração ao aniversário de XVIII aniversário da academia Budokan no Ginásio do Pacaembu. Demonstrações de Judô e Jiu-Jitsu (Toda Riu) reunindo 25 filiais da Budokan.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.17, 18 de ago. 1956.	Grandiosa competição de judô	Competição	Evento de 18 anos de aniversário da Budokan. Apresentação de jiu-jitsu Toda Ryu.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.22, 24 de ago. 1956.	Obteve pleno êxito a competição de judô de sábado e domingo no Pacaembu	Competição	VIII Campeonato Interno da Budokan no Pacaembu. Vitória da equipe de Freguesia, em segundo Santo, em terceira a Matriz da Budokan. Resultados gerais apresentados na matéria.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.24, 1 de set. 1956.	Pugilismo no Rio	Artigo	Campeonato Brasileiro de Judô a ser realizado em outubro em São Paulo. Augusto Cordeiro analisa que a preparação do Rio de Janeiro está sendo bem-feita.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.36, 3 de set. 1956.	Campeonato Estadual de Judô	Competição	Terá lugar nos dias 15 e 16 no ginásio do Pacaembu o campeonato estadual de judô. Os atletas foram selecionados em eliminatórias na capital e no interior.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.23, 6 de set. 1956.	Início auspicioso do Campeonato Paulista de Ciclismo	Nota	Cariocas treinam sob a supervisão de Augusto Cordeiro para o Campeonato Brasileiro de Judô. O presidente da CBP, Paschoal Segreto Sobrinho, e o diretor técnico, Jamil Nasser, estarão na academia presenciando os treinos.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.7, 8 de set. 1956.	Campeonato Estadual de Judô	Competição	Informações gerais do CEJ.
Correio Paulistano, São Paulo, p.4, 8 de set. 1956, Segundo Caderno.	Campeonato Paulista de Judô	Competição	Data do campeonato paulista promovido pela FPP.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.23, 12 de set. 1956.	Campeonato Estadual de Judô	Competição	Campeonato Estadual de Judô sob patrocínio da F.P.P. será realizado no Ginásio do Pacaembu. Equipes participantes.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.16, 14 de set. 1956.	Campeonato Estadual de Judô	Competição	Amanhã início do estadual no Pacaembu.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 14 de set. 1956, Segundo Caderno.	Inscrições até 19 do corrente	Competição	Diretor do Departamento de Judô da FMP, Paulo de Faro, abre inscrições para um certame aberto entre atletas da cidade do RJ.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.3, 15 de set. 1956, Segundo Caderno.	Em outubro, no Pacaembu, o Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Informações gerais sobre o campeonato.
A Noite, Rio de Janeiro, p.9, 15 de set. 1956.	Os Cariocas serão sérios concorrentes ao certame Brasileiro de judô, a ser disputado em São Paulo	Competição	Diretor do departamento de Judô da FMP, Paulo de Faro, abre um campeonato para atletas da cidade.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.13, 15 de set. 1956.	Arsenio Martins x Massayashi Kawakami	Competição	A luta entre Arsenio Martins e Kawakami é a mais esperada para o Campeonato Estadual.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.3, 17 de set. 1956.	Campeonato brasileiro de Judô	Competição	Foto do Campeonato Brasileiro de Judô em SP. (Na verdade é o paulista, o texto está incorreto)
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.8, 17 de set. 1956.	No Brasileiro de Judô: Paulistas, ainda os favoritos	Competição	Paulo Kostruf da F.M.P. reconhece que os paulistas são os favoritos, mas acredita nas chances do Rio de Janeiro.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.21, 18 de set. 1956.	Campeonato Estadual de Judô	Competição	Lucio Franca, diretor do Departamento de Judô da F.P.P. fez uma breve saudação e advertência aos lutadores para abrir a competição. Categoria Faixa Marrom tomou toda a parte da manhã, apresentando o maior numero de concorrentes.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.18, 21 de set. 1956.	Desfile de faixas preta e marrom	Artigo, Competição	Preparação para o CBJ. Informações sobre os integrantes das delegações.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.24, 29 de set. 1956.	Aproxima-se o III Campeonato Brasileiro de Judô	Artigo	Brasil não conseguiu ir ao Mundial “deve-se a um magote de interesseiros que, colocando os interesses do esporte nacional de lado, tratou de defender um passeio ao estrangeiro, prejudicando os nossos campeões.”
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 4 de out. 1956.	Judô na TV Tupi	Nota	Dia 6, o Campeonato Carioca de Judô da FMP terá apresentação na Televisão Tupi.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.14, 6 de out. 1956.	Representantes mineiros para o certâmen nacional de judô	Nota	Selecionados de Minas para participar do CBJ.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.7, 6 de out. 1956, Segunda Seção.	Lutas de judô pelo campeonato carioca!	Competição	Na TV Tupi, às 17 55, decisão do título. Espetáculo inédito para os telespectadores, primeira vez que é televisionado o campeonato carioca de judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.16, 8 de out. 1956.	Transferido o Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	A CBP anuncia a transferência do CBJ para os dias 25 e 26 de outubro.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.13, 9 de out. 1956.	Retoques finais dos bandeirantes para o III Campeonato Brasileiro de Judô	Artigo	A Gazeta Esportiva visita o Instituto Jaguaribe onde treinam os atletas do E.C. pinheiros, dois dos quais integram a equipe paulista. Colhe declarações de Elias de Oliveira, diretor do Departamento de judô da F.P.P. e Edgar Ozon, sub-diretor da secção de judô do E.C. Pinheiros. Além de Fukaya, orientador da equipe de judô do Jaguaribe e E.C. Pinheiros.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.14, 12 de out. 1956.	III Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Campeonato Brasileiro transferido para os dias 27 e 28 por indisponibilidade do ginásio do Pacaembu.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.10, 13 de out. 1956, Segundo Caderno.	Do Judô	Cometição	Campeonato de judô terá hoje na TV Tupi as finais de faixas marrom e preta. Desses combates surgirão os representantes do Rio para o Brasileiro.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.13, 17 de out. 1956.	Judô Sensacional	Artigo	Em Minas venceu o Minas T.C. sob a orientação de Albano Correa.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.23, 20 de out. 1956.	Judô Sensacional	Artigo	Treinamento na A. Augusto Cordeiro se preparando para o brasileiro.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.25, 23 de out. 1956.	Abrem-se no sábado as portas do III Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Informações gerais do Campeonato Brasileiro.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.21, 24 de out. 1956.	III Campeonato Brasileiro de judô	Competição	Maria Augusto Isaias, Presidente da FPP, assim como Lucio Franca e Elias de Oliveira do departamento de “jiu-jitsu” e judô, são verdadeiros abnegados.
Correio Paulistano, São Paulo, p.16, 24 de out. 1956, Segundo Caderno.	Disputa-se Sabado e Domingo o III Campeonato Nacional de Judô	Competição	Cariocas se preparam para tentar tirar a hegemonia dos paulistas.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.23, 24 de out. 1956.	Intensos preparativos dos gaúchos para o Campeonato Brasileiro	Nota	Amaro Junior, presidente da FRS Box, encontra-se no Rio, onde conversou com Paschoal Segretto Sobrinho, presidente da CBP e organizou a vinda da equipe do RS para SP.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.31, 25 de out. 1956.	Lutarão os paulistas pelo Tri-Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Sobre os lutadores que participarão do campeonato. Foto de Lucio Franca e Elias de Oliveira.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 26 de out. 1956.	Cariocas e paulistas vão decidir o III Certame de Judô	Competição	Informações gerais. Os regulamentos serão os mesmos do Pan-Americano e do Mundial de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.19, 27 de out. 1956.	Arrancada Inicial do Campeonato brasileiro de judô	competição	Do RS: Anivaldo Gonçalves, chefe da delegação, prof. Loanzi, técnico Iwao Sugo, observador.
Correio Paulistano, São Paulo, p.16, 27 de out. 1956, Segundo Caderno.	Inicia-se hoje à noite o III Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Informações gerais sobre o campeonato. Atletas de São Paulo e Rio de Janeiro.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.30, 29 de out. 1956.	São Paulo campeão brasileiro de judô	Competição	Classificação final: 1° SP, 2° DF, 3° RS, 4° MG Absoluto Kawakami.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.37, 29 de out. 1956.	Empolgante o III Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Campeões Individuais: F. Marrom Lhofei Shiozawa (SP) F. Preta 1° grau, Wilson Oliveira (Rio) F Preta 2° grau, Manabu Kurachi (SP) F Preta 3° grau Masayoshi Kawakami (SP)
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1, 30 de out. 1956, Segundo Caderno.	Campeonato de Judô	Competição	Informações gerais sobre o resultado do campeonato.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.17, 30 de out. 1956.	Confirmando os prognósticos, os paulistas sagraram-se tricampeões nacionais	Competição	Informações gerais do campeonato. Arsenio Martins segundo lugar no absoluto atrás de Kawakami.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 30 de out. 1956.	Kavacami, tricampeão de judô	Competição	Informações gerais e resultados do CBJ.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 1 de nov. 1956, Segundo Caderno.	Boa atuação dos cariocas no certame brasileiro de judô	Entrevista	Fala o diretor do Departamento de Judô da FMP. Paulo Humberto Katrup de Faro. O próximo campeonato brasileiro será no RJ em 1957. No Congresso Técnico discutida a maneira de atuar dos juizes.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.14, 1 de nov. 1956.	Boa atuação dos cariocas no certame brasileiro de judô	Entrevista	Igual acima.
Correio Paulistano, São Paulo, p.12, 2 de nov. 1956.	Sagram-se os paulista tri-campeões de judô	Competição	Informações gerais sobre os resultados do brasileiro de judô

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Cigarra, São Paulo, p.134-137, dez 1956. Hilton Queiros Leitão.	O Judô de Kodokan	Artigo	“Para maior desenvolvimento desse esporte em nosso País, será necessária a criação da Federação de Judô e consequente filiação à Federação Internacional que é o Instituto Kodokan de Tóquio, no Japão, a fim de que o Brasil possa participar dos campeonatos mundiais patrocinados por este instituto.

Fonte: o autor.

Quadro A-9 - Hemeroteca palavra-chave Judo, ano 1957

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.12, 1 de fev. 1957.	Outra temporada de sensação: Pugilistas norte-americanos e brasileiros nos ginásios do Maracanã e do Ibirapuera	Nota	Calendário do judô aprovado pela CBP para 1957.
Diário da Noite, São Paulo, p.10, 5 de fev. 1957.	Reconhece a F.P.P. justiça no movimento separatista do judô	Artigo	Mario Isaias afirma que a FPP não colocará obstáculos à formação da FPJ. “Não podemos mais ficar na dependência dos dirigentes do box, um sport totalmente diverso do nosso.”
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.16, 20 de mar. 1957.	Judô em revista	Artigo	A Gazeta Esportiva publicará a partir de hoje esta seção especializada (Judô em Revista) “.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.20, 11 de abr. 1957.	Judô em revista	Artigo	Foi realizado o exame de suficiência técnica para f. preta 1º dan pela U. A. Budokan. Foram aprovados 22 alunos.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.31, 13 de abr. 1957.	Entregue um memorial da CBP ao presidente da república	Nota	Paschoal Segreto Sobrinho, presidente da CBP, foi ao palácio do catete, recebidos por Geraldo Carneiro, oficial de gabinete do presidente da República.
A Noite, Rio de Janeiro, p.8, 15 de abr. 1957.	Memorial ao presidente da república	Nota	A CBP solicita dois milhões de cruzeiros para realizar o Campeonato Pan-Americano de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.12, 28 de abr. 1957, Segundo Caderno.	Ensino: A associação atlética da F.D.N. e as comemorações do seu VI aniversário	Nota	Augusto Cordeiro é diretor do departamento de judô da CBP, e vice-presidente da Confederação Panamericana.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.20, 16 de mai. 1957.	Judô em revista	Artigo, Competição	Campeonato de faixas pretas patrocinado pela Associação dos Faixas Pretas da Budokan. “Diretor do dep. De Judô da FPP, José Lucio Moreira Franca, integrante da Academia Ono, promovido ao 4º dan.”
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.24, 21 de mai. 1957.	Grande sucesso alcançou o VI Campeonato de Faixas Pretas da Budokan	Competição	No Pacaembu Kodjinshiai: 1º dan Luiz Alberto Mendonça. 2º dan Rudolf Hermany 3º dan Tadao Nagai
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.10, 25 de mai. 1957.	Federação de Judô	Nota	Grande movimento em São Paulo para a formação de uma federação de Judô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Almanaque dos Desportos, Rio de Janeiro, p.137-139, 1 de jun. 1957. Fausto da S.F. Bastos.	Judô	Artigo	“se procurássemos trabalhar em conjunto, sem levarmos em consideração as diversas denominações que cada um tem escolhido para difundir o JUDÔ (Jiu-Jitsu, Judô Budokan, ou mesmo, Judô Kodokan), tenho plena convicção de que o nosso nível técnico já teria atingido ao ponto de sermos equiparados aos maiores centros de JUDÔ extra-Japão”
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.2, 13 de jun. 1957.	Uma federação de judô	Nota	Augusto Cordeiro informou que está promovendo a fundação da Federação de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.12, 17 de jun. 1957.	O que vai pelo DEFE	nota	Alvará expedido pelo Conselho Regional de Desportos à Academia de Judô Ogawa.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.25, 11 de jul. 1957.	Judô em revista	Artigo	Três competições quase em sequência em SP, representando o crescimento do judô no estado.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.20, 19 de jul. 1957.	Judô em revista	Artigo	Os problemas das arbitragens nas lutas de judô I Campeonato Infanto—Juvenil de Judô patrocinado pela FPP, no dôjô do prof Terazaki.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.14, 20 de jul. 1957.	Não será patrocinada pela F.P.P. o I Campeonato Infanto Juvenil de Judô em Suzano	Artigo	Campeonato não será patrocinado pela FPP como havia sido comentado. Será patrocinado pela Associação De Faixas Pretas da Kodokan do Brasil. Será realizado em Suzano.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.12, 26 de jul. 1957.	Judô em revista	Artigo	Nos dias 13 e 14 foi realizado em Marília o tradicional Zen-haku Jûkendô Taikai, reunindo os representantes das zonas Noroeste, Paulista, Sorocabana e São Paulo.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.28, 2 de ago. 1957.	Homenagem da Associação dos Faixas Pretas ao diretor de “A Gazeta Esportiva”	Nota	“[...] está sendo organizada a Associação dos Faixas Pretas, a qual orientará o judô no Brasil.” “A Associação dos Faixas Pretas, enviará a Tóquio, sede da Kodokan, a relação de nomes de judocas graduados, os quais serão reconhecidos pela entidade mater.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.18, 7 de ago. 1957.	Expira amanhã o prazo de inscrição para o I Campeonato Inter-Estudantil de Judô	Competição	Apoio do DEFE. A FUPE, por intermédio do diretor Atsuchi Yamauchi, realizará no dia 18 das 8 as 17h, no ginásio do Pacaembú o I Campeonato Inter-estudantil.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.18, 9 de ago. 1957.	Permitidas inscrições individuais para o I Campeonato Estudantil de Judô	Artigo	Atsushi Yamauchi, diretor do Departamento de Judô da FUPE.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.17, 13 de ago. 1957.	Venceram os cariocas o X Campeonato de judô da Budokan	Competição	Cerca de 22 academias, mais de 350 participantes e 1.047 lutas efetuadas. Colocação por equipes no adulto: 1º Rio de Janeiro: André (1º dan), João Graff (2º dan), Rudolf Hermann (2º dan) Harry Rutmann (2º dan) Luiz Alberto Mendonça (1º dan).
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.23, 17 de ago. 1957.	Promete transcurso sensacional o I Campeonato Universitário e Estudantil de Judô	Competição	Nove faculdades e treze cursos secundários, entrada franca. Kawakami diretor técnico da Universidade Mackenzie
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.24, 21 de ago. 1957.	Brilhou o Ginásio Estadual de Assaí no Certame Estudantil de Judô	Competição	Equipe vencedora foi o Ginásio Estadual de Assaí do Paraná, preparada pelo técnico Ishihara e orientada pelo diretor Nabor Silva Junior.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.7, 22 de ago. 1957.	O que vai pelo DEFE	Nota	“O Conselho Nacional de Desportos concedeu licença ao sr. Matsuo Ogawa, cidadão japonês, para presidir uma entidade esportiva de jiu-jitsu e judô. O fato está sendo levado ao conhecimento do interessado pelo CRD paulista.”
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 23 de ago. 1957, Terceira Seção.	Esportes de ring	Nota	Enquanto em São Paulo todas as academias encontram-se registradas na federação, no Rio de Janeiro ainda falta organização.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.3, 23 de ago. 1957, Segundo Caderno.	Provas de equipes e individuais no certame carioca de judo	Nota, Competição	Programa e equipes participantes do Campeonato Carioca.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.7, 23 de ago. 1957, Segunda Seção.	Preparam-se os cariocas para o Brasileiro de Judô	Nota	Paulo de Faro, diretor do departamento especializado de judo da FMP, marca reunião para decidir sobre o Campeonato Carioca.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 27 de ago. 1957.	Esportes de ring	Nota	Federação prepara a equipe carioca para disputar o Campeonato Brasileiro de Judô.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.10, 29 de ago. 1957, Segundo Caderno.	Amadorismo: Providências dos cariocas para o Brasileiro de Judô	Artigo	Reunião da FMP para decidir sobre a seleção da equipe carioca.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.16, 6 de set. 1957.	Judô em revista	Artigo	Coluna Judô em Revista da Gazeta Esportiva surge em 1957. O maior problema dos paulistas para o Campeonato Brasileiro é no 1º dan.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.7, 6 de set. 1957.	Últimas esportivas: Campeonato Carioca de Judô	Nota, Competição	Reunião preparatória para a disputa do Carioca promovida pela FMP, sob presidência de Lourival Pereira.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 8 de set. 1957, Suplemento Esportivo.	Assegurado o êxito do Campeonato de judô	Artigo, Competição	FMP realiza reunião para decidir as providências para a realização do Campeonato Carioca.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.20, 11 de set. 1957, Suplemento Esportivo.	Cada vez mais o interesse pelo campeonato de judô	Artigo, Competição	FMP seleciona os juizes do Campeonato Carioca.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 11 de set. 1957.	Campeonato Carioca de Judô: breve	Competição	Organização do Campeonato Carioca de Judô que conta com 200 inscritos.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.16, 12 de set. 1957.	Judô em revista	Artigo	Augusto Cordeiro, presidente da Confederação Panamericana, trabalha para trazer o Campeonato Pan-Americano para o Brasil em 1958.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.1, 12 de set. 1957, Terceiro Caderno.	Judô: Dia 20, início do Campeonato Carioca	Competição	Informações sobre o programa, os juizes e as premiações do Campeonato Carioca.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 18 de set. 1957, Segunda Seção.	Esporte de ring	Nota	Augusto Cordeiro já tem como certa a realização do Campeonato Pan-Americano no Brasil.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.3, 19 de set. 1957, Terceiro Caderno.	Será iniciado amanhã o campeonato de judô	Competição	Realizado em 4 etapas. A primeira na Escola Naval, A segunda no Clube de Regatas do Flamengo, e as duas últimas na Academia Suburbana de Judô.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.21, 20 de set. 1957. Suplemento Esportivo.	Sensacional o início hoje do Campeonato Carioca de Judô	Competição	Primeira rodada do Carioca no Clube Naval.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.33, 23 de set. 1957.	Iniciado no Rio o Campeonato de Judô	Competição	Primeira etapa do Campeonato Carioca.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.21, 24 de set. 1957.	Marcha Kawakami para a conquista do tetracampeonato de judô	Competição	Eliminatórias para o IV Campeonato Estadual de Judô. Resultados Finais. A atuação dos juizes.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.19, 25 de set. 1957.	Hoje, no Flamengo, novas lutas do Campeonato Carioca de Judô	Competição	Amanhã, dia 25, prossegue o Campeonato Carioca de Judô. Participam atletas do Flamengo, Academias Cordeiro, Gracie, Suburbana, Rensei Kan, Radar, Escola Naval e Satelite
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 26 de set. 1957, Segunda Seção.	Esportes de “ring”	Competição	Segunda rodada do Campeonato Carioca.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.20, 27 de set. 1957, Segunda Seção.	Novo êxito registrou o campeonato de judô	Competição	Segunda rodada do Campeonato Carioca.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.19, 27 de set. 1957.	Judô em revista	Competição	Resultados do Campeonato Paulista de Judô.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.6, 29 de set. 1957.	Campeonato Carioca de Judo	Competição	Terceira etapa do Campeonato Carioca de Judô.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.8, 29 de set. 1957, Segunda Seção.	Cumprida brilhantemente a terceira rodada do Campeonato Carioca de Judô	Competição	Resultados da terceira etapa do Campeonato Carioca de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.16, 1 de out. 1957.	Intensa atividade judoistica no corrente mês	Artigo	Informações sobre o Pan-Americano e Mundial de 1958. Iniciados estudos para a fundação da FPJ.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, 3 de out. 1957, Segunda Seção, Caderno Esportivo.	Surgirão esta noite os campeões de judo de 57	Competição	Resultados do Campeonato Carioca de Judô.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 4 de out. 1957.	Campeã absoluta a Academia Cordeiro	Competição	Resultados gerais do Campeonato Carioca promovido pela Federação Metropolitana de Pugilismo.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.17, 4 de out. 1957.	Judô em revista	Artigo	Informações sobre a realização do Campeonato Paulista de Judô.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 5 de out. 1957, Segunda Seção.	Esporte de Ring	Nota	“Teremos a quarta rodada do Campeonato Carioca de Judô e, em São Paulo, está marcando o início do certame estadual com a participação de algumas centenas de participantes. Sabe-se que na Bahia e no Rio Grande do Sul o Judô já tomou pé e que em Minas vai ganhando terreno.”

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.18, 8 de out. 1957.	Indiscutível vitória da Capital no IV Campeonato Paulista de judô	Competição	Sagrou-se Kawakami o tetracampeão. Representantes das zonas Noroeste, Litoral, Paulista, Central e Capital, no Ginásio da Sociedade Esportiva e Recreativa Ipiranga, o IV Campeonato Paulista de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.15, 9 de out. 1957.	Amanhã o início do X Campeonato Anual de Judô da Budokan	Competição	Participação de 23 filiais. A equipe de Freguesia tentará assegurar o título conquistado no ano anterior. 900 participantes. Neste ano o campeonato será somente por equipes.
Diario de Notícias, Rio Grande do Sul, p.8, 15 de out. 1957.	Grêmio venceu o certame de judô	Competição	No ginásio da ACM sob os auspícios da Federação de Pugilismo, aconteceu o IV Campeonato Gaucho de Judô.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.12, 15 de out. 1957.	Proibido ensinar judô sem diploma	Artigo	O Conselho Nacional de Desportos não devia permitir o funcionamento dessas academias que ensinam judô ou jiu-jitsu, sem que os seus dirigentes sejam diplomados pelas escolas oficiais de Educação Física do país declarou o vereador Couto de Sousa.
Diario de Notícias, Rio Grande do Sul, p.11, 16 de out. 1957.	Grêmio bicampeão absoluto de judô	Competição	Loanzi, presidente interino da FRGP. Resultado detalhado das lutas. Grêmio Porto Alegrense campeão com 9 pontos, por equipes. Campeões Absolutos foram Uemura e Casarim, ambos do Grêmio.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 17 de out. 1957, Terceira Seção.	Encerra-se sábado o Campeonato de Judô	Competição	Encerramento do Campeonato Carioca na Academia Cordeiro.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.12, 18 de out. 1957.	Ensinar jiu-jitsu sem curso é crime	nota	De acordo com projeto de lei, a Prefeitura só concederá licença para o funcionamento de academias de jiu-jitsu e judô e halterofilismo, se forem dirigidas por técnicos em educação física diplomados pelas escolas oficiais.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.15, 24 de out. 1957.	Judô em revista	Competição	Adiado o Campeonato Brasileiro.
Diario de Notícias, Rio Grande do Sul, p.2, 24 de out. 1957.	Qual será a equipe gaúcha que disputará o Quarto Campeonato Brasileiro de Judô?	Artigo	Enquete e artigo sobre o a seleção da equipe gaúcha para o Campeonato Brasileiro.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.20, 25 de out. 1957.	Confirmado o adiamento do IV Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Augusto Cordeiro, diretor do Departamento de Judô da CBP, enviou telegrama à FPP dando ciência da impossibilidade de realizar o CBJ, pela indisponibilidade de local adequado.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 1 de nov. 1957.	Campeonato Brasileiro de Judo	Nota	Provas eliminatórias para decidir os atletas cariocas.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 7 de nov. 1957.	Escalada a representação carioca ao 4.º Campeonato Brasileiro de Judo	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro, e sobre a delegação carioca.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 7 de nov. 1957, Segunda Seção.	Esporte de Ring	Nota	“Mesmo declinando o Jiu-Jitsu sobreviverá. O Judô arrancou centenas de seus adeptos, mas a centenária arte japonesa ainda está sendo largamente difundida no Brasil, graças às corporações militares.”
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.13, 7 de nov. 1957.	O que vai pelo DEFE	Nota	Lucio Moreira Franca visita o DEFE buscando informações para a fundação da federação de judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.21, 7 de nov. 1957.	Confirmado para sábado o início do IV Campeonato Brasileiro de Judô	Artigo	Informações sobre a realização do Campeonato Brasileiro de Judô pela CBP.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.23, 7 de nov. 1957, Terceira Seção.	Sábado e Domingo a disputa do Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Programa do Campeonato Brasileiro de Judô. Ingressos adquiridos na Academia Ren-Sei-Kan. Informações sobre a delegação carioca.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 7 de nov. 1957.	Escalada a representação carioca ao 4º Campeonato Brasileiro de Judo	Nota	Formação da Delegação Carioca.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.29, 8 de nov. 1957.	Judô em revista	Artigo	Preparação da delegação paulista para o Campeonato Brasileiro.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 8 de nov. 1957.	Inicia-se amanhã o campeonato de judô	Competição	Informações sobre a execução do Campeonato Brasileiro de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.28, 9 de nov. 1957.	Abre-se hoje o IV Campeonato Brasileiro de Judô	Artigo, Competição	Início do Campeonato Brasileiro de Judô.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 9 de nov. 1957.	Inicia-se o campeonato de judô: hoje	Competição	Início do Campeonato Brasileiro de Judô.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.2, 9 de nov. 1957, Segunda Seção.	Brasileiro de Judô	Competição	Programa do Campeonato Brasileiro de Judô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.2, 11 de nov. 1957.	Kavakami: Tetracampeão absoluto de judô e da faixa preta (3º dan)	Competição	Informações detalhadas da competição e comentários sobre todas as 4 equipes.
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.2 e 7, 11 de nov. 1957, Segunda Seção.	Impuseram-se paulistas no Brasileiro de Judô	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.8, 12 de nov. 1957, Segundo Caderno.	Amadorismo: Sagrou-se tetracampeã de judô a equipe de São Paulo	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.17, 12 de nov. 1957.	S. Paulo obteve espetacularmente o título de tetracampeão brasileiro de judô	competição	Quarto Campeonato Brasileiro de Judô, disputado no RJ, no “ginásio do Carioca”. “O triunfo bandeirante foi deveras fácil [...]” Vencedora por equipe: São Paulo. Absoluto: Kawakami.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 12 de nov. 1957, Segundo Caderno.	Sagraram-se os paulistas tetracampeões de judô	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 13 de nov. 1957.	Luvras e Quimonos	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.24, 14 de nov. 1957.	Judô em revista	Artigo, Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro. Rudolf Hermann viajara para a Europa, a fim de assistir ao Campeonato Europeu de Judô e colher algumas experiências. Augusto Cordeiro, viajara para o Japão, com os mesmos objetivos de Hermann. Cordeiro pretende ficar no Japão seis meses.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.11, 1 de dez. 1957.	Luvras e Quimonos	Nota	Federação metropolitana de Judo. Vários professores de judô e jiu-jitsu estudam a criação de uma Federação Metropolitana de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.57, 1 de dez. 1957, Caderno Esportivo.	Para os campeões de judô	Nota	Diário de Notícias, patrocinou o campeonato carioca de judô da FMP e entregará troféus e medalhas aos campeões.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.36, 12 de dez. 1957.	Associação dos faixas-pretas da Kodokan no Brasil	Artigo	Fundação, em caráter oficial, da Associação dos Judoístas de Faixa-Preta da Kodokan do Brasil – reconhecida pelo Instituto Kodokan do Tóquio. A carta de reconhecimento acaba de ser recebida por Tatsuo Okochi.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.16, 15 de dez. 1957.	Cordeiro estudará seis meses em Tóquio: judô	Artigo	Augusto Cordeiro irá para o japão onde irá conhecer a Kodokan e a Budokukaia.
A Luta Democratica, p.7, 18 de dez. 1957.	Luvras e Quimonos	Artigo	Omar Kairuz adere ao movimento para fundação da federação especializada.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.27, 20 de dez. 1957.	Judô em revista	Artigo	Augusto Cordeiro viajará ao Japão onde pretende ficar 5 meses. Presidente da Associação De Faixas-Pretas da Kodokan é Durval de Castro e Silva.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.18, 28 de dez. 1957.	Organização e sistema para o judô brasileiro	Artigo, Entrevista	Cordeiro vai ao Japão “carecemos de uniformidade de sistema”. “frequentarei em Tóquio a Kodokan e em Kioto a Bodokwan.”

Fonte: o autor.

Quadro A-10. Hemeroteca palavra-chave Judo, 1958

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Almanaque dos Desportos, Rio de Janeiro, p.133-135, 1º semestre 1958. Fausto da S.F. Basto.	Judô	Artigo	“A princípio toda sorte de empecilho antepôs ao progresso desta modalidade desportiva: o grupo de privilegiados que o difundia sob a denominação de JIU-JITSU, procurou, por todos os meios, desacreditá-lo no seio da opinião pública.”
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.17, 14 de jan. 1958.	Academia Irmãos Ono:Doze Filiais em vários pontos do país e oitocentos alunos	Artigo	Academia Ono conta com doze filiais. Informações sobre a criação da FPJ
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.19, 25 de jan. 1958.	O Brasil no Mundial de Judô	Nota	Gengo Katayama vem ao Brasil onde pretende fixar residência. Trouxe consigo carta de Risei Kano, presidente da Kodokan, congratulando o surgimento da “Federação dos Faixas-Pretas da Kodokan do Brasil”
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.21, 31 de jan. 1958.	Espera a C.B.P. verba para o Panamericano de Judô	Nota	Paschoal Segreto fala sobre sua expectativa para o Pan-Americano realizado pela CBP.
Diario da Noite, São Paulo, p.12, 12 de fev. 1958.	Nota Oficial do C.N.D.	Nota	CND cobra da CBP a previsão de renda e despesas para o Pan-Americano.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.22, 12 de fev. 1958, Segunda Seção.	Interpeladas a C. B. de Pugilismo e a C.B.D.	Nota	CND cobra da CBP a previsão de renda e despesas para o Pan-Americano.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.24, 19 de abr. 1958.	Fundada a Federação Paulista de Jud	Nota	Fundacao da FPJ com fotos. Aprovado o estatuto após alguns debates, em espírito de cordialidade. Nome da diretoria eleita.
Diario de Notícias, Rio Grande do Sul, 20 de abr. 1958. Jorge Aveline.	O desenvolvimento do “judo” no Rio Grande do Sul	Artigo	Em 1943, Jorge Gracie, realizou alguns espetáculos e exibições. Em 1948, Takeo Yano morou em Porto Alegre. Loanzi, Januário e Walter Fraga, são os resposanveis pelo progresso do Judô no RS.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.18, 28 de abr. 1958.	Importantes deliberações da Confederação Brasileira de Pugilismo	Nota	Deliberações da CBP e definições sobre o Pan-Americano.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.17, 30 de abr. 1958.	Empossada a diretoria da Federação Paulista de Judô	Nota	Na sede do E.C. Pinheiro, anteontem, tomou posse a diretoria da recém-criada FPJ.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.8, 30 de abr. 1958, Segunda Seção.	Será no Brasil o Panamericano de Judo	Nota	Reunião da CBP para tomar providências necessárias à participação do Pan-Americano.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Paulistano, São Paulo, p.5, 30 de abr. 1958.	Tomou posse a diretoria da Federação Paulista de Judô	Nota	“[...] após o registro da F.P.J. no Departamento de Esportes [...]” Informação dos membros da diretoria da FPJ.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.14, 2 de mai. 1958.	Reune-se a C.B.P.	Nota	Reunida na sede do Boqueirão do passeio, a diretoria da Confederação Brasileira de Pugilismo.
A Tarde, Paraná, p.7, 3 de mai. 1958.	Será no Brasil o Panamericano de Judo	Nota, Competição	Reunião da CBP com os representantes da Confederação Panamericana de Judô e da FMP para discutir as providencias para o II Panamericano de Judô.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.5, 6 de mai. 1958. Gerson Bandeira.	Esportes de Ring	Nota	Opinião de Gerson Bandeira sobre a fundação da FPJ.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.27, 28 de mai. 1958.	Entusiasmo e vibração caracterizaram o VII Campeonato de Faixas Pretas da Budokan	Competição	Resultados da competição.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.16, 3 de jun. 1958.	Dia 28 e 29 de junho o Campeonato Paulista de judô	Nota, Competição	Sob a presidência de Lucio Franca esteve reunida a FPJ, pretendem antecipar o certame paulista. FPJ resolveu filiar-se provisoriamente à CBP.
Correio Paulistano, São Paulo, p.8, 3 de jun. 1958, Segundo Caderno.	Será realizado a 28 e 29 de junho o Campeonato Paulista de Judo	Nota, Competição	Primeiras ações da FPJ. Antecipação do Campeonato Paulista de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.28, 11 de jun. 1958.	Em Belo Horizonte o Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Preparativos para o Campeonato Brasileiro.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.29, 11 de jun. 1958.	Síntese histórica das atividades e realizações da C.B.P.	Artigo	“Por força do Decreto-Lei 3.199 de 14 de abril de 1941, foi criada a entidade máxima com o nome de Confederação Brasileira de Pugilismo (CBP)”
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.16, 13 de jun. 1958.	Do certame brasileiro de judo sairá a turma para o Panamericano	Artigo	CBP escolhe a comissão para o Pan-Americano.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 15 de jun. 1958, Suplemento Esportivo.	Inaugurado Brilantemente o Campeonato Carioca de Judô	Competição	Informações sobre a execução do Campeonato Carioca de Judô e resultados.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.5, 18 de jun. 1958, Segunda Seção. Gerson bandeira.	Esportes de Ring	Competição	Informações sobre a execução do Campeonato Carioca de Judô sob responsabilidade de Lourival Pereira, presidente da FMP.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 18 de jun. 1958, Segunda Seção.	Conhecidos os finalistas do Campeonato de Judô	Competição	Resultados do Campeonato Carioca
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.32, 19 de jun. 1958.	Será em Juiz de Fora o Campeonato Brasileiro de Judô	Artigo	CBP resolve atender o pedido da Federação Mineira para sediar o Campeonato Brasileiro. FPJ pede filiação à CBP.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.26, 20 de jun. 1958.	Campeonato Carioca de Judô	Competição	Resultados do Campeonato Carioca da FMP.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.11, 22 de jun. 1958.	Luvas e Quimonos	Artigo, Competição	Campeonato Brasileiro será realizado em Juiz de Fora. Hinata foi campeão carioca.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 24 de jun. 1958, Terceira Seção.	Novamente campeã a Academia Cordeiro	Competição	Resultados do Campeonato Carioca da FMP.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.36, 4 de jul. 1958.	Campeonato Paulista de Judô, eliminatória para o Brasileiro	Nota	FPJ realizará o Campeonato Paulista na Academia Fukaya (Instituto Jaguaribe).
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.36, 8 de jul. 1958.	Constituída a equipe paulista para o Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Campeonato paulista de Judô promovido pela FPJ, último domingo, no Instituto Jaguaribe (Academia Fukaya)
Correio Paulistano, São Paulo, p.6, 9 de jul. 1958, Segundo Caderno.	Selecionados os paulistas para o Campeonato Brasileiro de Judô.	Nota	Selecionada a equipe paulista para o Campeonato Brasileiro de Judô após os resultados do Campeonato Paulista.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 10 de jul. 1958, Segundo Caderno.	Desperta interesse o campeonato brasileiro de judo	Competição	Campeonato Brasileiro ocorrerá em Belo Horizonte. Informações sobre a equipe carioca.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.25, 11 de jul. 1958.	Amanhã o início do Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Equipe paulista desfalcada pela transferência de Shunji Hinata, vice-campeão brasileiro de 1957, para o Rio de Janeiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 12 de jul. 1958, Segundo Caderno.	Inaugura-se em Minas o Brasileiro de Judô	Competição	Informações sobre as delegações da Guanabara e de São Paulo.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.15, 15 de jul. 1958.	Extraordinária conduta dos paulistas no Certame Nacional de Judô	Competição	Local: Ginásio do Minas T.C. Kawakami foi o campeão Absoluto (no absoluto cada equipe apresenta 2 atletas) Por equipes: São Paulo, RJ e MG e RS. Kawakami se sagrou Penta-Campeão.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.4, 15 de jul. 1958, Segunda Seção.	O próximo Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro, e sobre a delegação carioca.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 15 de jul. 1958.	Luvas & Quimonos	Nota, Competição	Incidente durante o V Campeonato Brasileiro de Judo “[...] aproximou-se do grupo, Antônio Alves, que mantém uma Academia de pugilismo em Belo Horizonte. “
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.3, 15 de jul. 1958, Segundo Caderno.	Cariocas surpreenderam no Brasileiro de Judô	Competição	Resultado do Campeonato Brasileiro de Judô.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.3, 17 de jul. 1958. Jorge Aveline.	V Campeonato Gaucho de Judô	Competição	Participantes: Ginásio Sparta, Esporte Clube Ruy Barbosa, Porto Alegre Atletico Ringue, Esporte Clube Cruzeiro.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 19 de jul. 1958.	Luvas e Quimonos	Nota	Departamento técnico da CBP sob presidência de Jamil Nasser e presença de Paschoal Segreto decide que Hikari Kurachi irá treinar a seleção brasileira.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.18, 22 de jul. 1958.	Cedido o Maracanãzinho para o Campeonato Pan-americano de Judô	Nota	CBP solicitou ao CND uma audiência com o presidente Juscelino Kubitschek em que serão apresentados os membros das delegações para o Pan-Americano.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 22 de jul. 1958, Segundo Caderno.	Confirmado: no “ginásio” o Pan-Americano de Judô	Nota	CBP acerta os últimos detalhes para que o Pan-Americano aconteça no Maracanãzinho.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.15, 23 de jul. 1958.	Sensacional o próximo Campeonato Panamericano de Judô	Competição	O departamento técnico da CBP se reuniu sob a presidência de Jamil Nasser e o presidente da CBP Paschoal Segreto Sobrinho, e decidiram Hikari Kurachi para dirigir a representação brasileira no Panamericano.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.20, 25 de jul. 1958.	Judô em Revista	Nota	Comissões formadas para a execução da Competição Internacional de Judô em São Paulo.
Correio Paulistano, São Paulo, p.7, 26 de jul. 1958, Segundo Caderno.	Campeonato Panamericana de Judô	Artigo	Informações sobre o programa do Campeonato Pan-Americano.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário da Noite, São Paulo, p.12, 30 de jul. 1958.	Na Inglaterra se pratica o Judo semelhante ao do Japão	Artigo	Segundo Kotani, de todos os países que visitou, a Inglaterra é onde se pratica o judô de maneira mais parecida com o Japão. Verificou o progresso do judô brasileiro desde a sua última visita.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.22, 1 de ago. 1958.	Visitam à A GAZETA ESPOTIVA os campeões japoneses e argentinos de judô	Artigo	Iniciativa conjunta da Comissão de Festejos do Cinquentenário da Imigração Japonesa no Brasil e da Federação Paulista de Judô. Patrocinando a vinda da equipe nacional argentina e da delegação japonesa para um campeonato amistoso que contará com um amistoso entre a equipe brasileira e da colônia japonesa do Brasil.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.11, 2 de ago. 1958.	Benemérito da C.B.P. o presidente da república	nota	III Panamericano de Judô será realizado nos dias 9 e 10 no Ginásio do Maracanã, 13 no Minas Tennis Clube, 16 e 17 no Ginásio do Ibirapuera. A CBP concedeu o titulo de benemerência ao Presidente da Republica, Dr. Juscelino Kubitschek, pelo que vem ajudando os desportos amadores no país.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.25, 2 de ago. 1958.	Inaugura-se esta tarde a competição internacional de judô	Competição	Torneio entre a equipe Argentina, Brasileiros e a Colonia Japonesa. Kotani “[...] pela segunda vez é investido nas funções de embaixador do judô em nosso país[...].”
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.25, 5 de ago. 1958.	Shinohara, campeão absoluto do torneio internacional de judô	Competição	Venceu a equipe Argentina. Nagai e Shiozawa se destacaram. A equipe brasileira entrou desfalcada de atletas que já se encontravam no Rio de Janeiro em preparação para o Panamericano.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.24, 6 de ago. 1958.	Foi o amistoso internacional de judô uma vitória da organização e da disciplina	Competição	Sumiyuki Kotani entregou diplomas concedidos pela Kodokan aos novos faixas-pretas de SP.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.24, 6 de ago. 1958.	Mexico- outra atração do Panamericano de Judô	Competição	Informações sobre a realização do Pan-Americano pela CBP.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 6 de ago. 1958, Segundo Caderno.	Chegaram os americanos para o Pan-Americano de judô	Competição	Informações sobre a chegada da equipe dos Estados Unidos e do México.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.26, 8 de ago. 1958.	No Pacaembu inicia-se o torneio de judô da Budokan	Competição	23 equipes selecionadas disputarão o campeonato. Demonstração de “jiu-jitsu clássico”
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.2, 10 de ago. 1958.	11.o Campeonato de Judô da Budokan	Competição	20º Aniversário de fundação da Budokan.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.36, 11 de ago. 1958.	Parada de Judokas no XI Campeonato anual da Budokan	Competição	Resultados do anual da Budokan.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.5-6, 11 de ago. 1958, Segunda Seção.	Brilham os Brasileiros no Pan-Americano de Judô	Competição	Informações sobre os resultados do Pan-Americano de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.21, 13 de ago. 1958.	Brilharam os atletas brasileiros no III Panamericano de Judô	Competição	Informações sobre os resultados do Pan-Americano de Judô.
Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 14 de ago. 1958.	Luvas e Quimonos	Nota	“proibida a denominação “Academia” para efeito de filiação, quando da estada do sr. Vargas Neto na presidência do C.N.D.”
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.24, 18 de ago. 1958.	Massayoshi Kawakami, do Brasil e George Harris dos E.U.A. repartiram o título absoluto	Competição	Equipes participantes: Argentina, Brasil, Estados Unidos e Mexico. Cuba e Uruguai enviaram delegações que somente assistiram o campeonato. Brasil foi o vencedor por equipes.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 19 de ago. 1958.	Brasil ficou absoluto no “Pan” de judô	Competição	Resultados do Pan-Americano.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.11, 20 de ago. 1958.	Kawakami foi a grande sensação	Competição	Ioshio Hanrako venceu para o brasil 1kyu no Panamericano. 1º dan Luis Alberto Mendonça, 2º dan, Shunji Hinata.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.12, 10 de ago. 1958.	Brasil campeão do Pan-Americano de Judô	Competição	Resultados do Pan-Americano.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.6, 25 de ago. 1958.	Sem dinheiro vai o pugilismo a nocaute	Entrevista	Presidente da FMP, Lourival: Dirigir pugilismo no Rio é tarefa de mágicos. Assim como Paschoal Segreto em outra matéria pede a instituição da Loteria Esportiva como forma de financiar as federações de pugilismo.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.39, 9 de set. 1958.	Grande falta de dinheiro ameaça o pugilismo nacional de ir à lona	Entrevista	Breve História: Paschoal Segreto Sobrinho é o presidente, desde que existe a CBP.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.29, 12 de set. 1958.	Vida nova no judô bandeirante com a fundação da sua entidade	Nota	Velha aspiração dos judocas bandeirantes, fundação em abril deste ano da FPJ. SP é pioneiro em mais um setor esportivo.
Correio Paulistano, São Paulo, p.6, 12 de set. 1958, Segundo Caderno.	Benéfica a emancipação do esporte do quimono	Artigo	Informações sobre a fundação da FPJ, e sobre sua diretoria.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.15, 15 de set. 1958.	No Campeonato Mundial de Judô o Brasil	Nota	A CBP estabelece a forma de seleção dos futuros atletas para o Mundial, e comunica as federações.
Alterosa, Minas Gerais, p.11, 15 de set. 1958.	No Panamericano de Judô o Brasil foi campeão	Nota, Competição	Brasil derrotou os Estados Unidos e se sagrou campeão do Pan-Americano.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.6, 18 de set, 1958, Segundo Caderno.	Amanhã 17 anos de existência da FMP	Nota	Informações sobre a FMP. Entrega de diplomas e medalhas aos campeões cariocas.
Diario da Noite. Rio de Janeiro, p.5, 18 de set. 1958, Segunda Seção.	Judô	Nota	Judô brasileiro recebe os aplausos do CND pela vitória no Panamericano. Entretanto, o judô não tem recebido apoio do governo.
Correio Paulistano, São Paulo, p.8, 25 de set. 1958, Segundo Caderno.	Participará o Brasil do Mundial de Judô	Nota	Resoluções da CBP para definir os representantes brasileiros para o Mundial.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.5, 25 de set. 1958, Segunda Seção. Gerson Bandeira.	Esporte de Ring	Nota	O CND não tem ajudado o judô brasileiro.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.4, 27 de set. 1958, Segunda Seção.	O Campeonato Mundial de Judô	Nota	Resoluções da CBP para definir os representantes brasileiros para o Mundial.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.5, 2 de out. 1958, Segunda Seção. Gerson Bandeira.	Esportes de Ring	Nota	Nenhuma providência oficial foi tomada pelo CND sobre a representação do judô brasileiro no Mundial de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.17, 7 de out. 1958.	Perspectivas favoráveis ao Brasil no Mundial de Judô	Nota	Declarações de Hikari Kurachi sobre as chances do Brasil no Mundial.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.14, 9 de out. 1958.	Cancelada a Eliminatória Paulista para o Mundial de Judô	Nota	Insuficiência no número de inscritos motivou a medida de cancelar a eliminatória paulista.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.20, 18 de out. 1958.	Amanhã as eliminatórias nacionais para o Mundial de Judô	Nota	Preparativos para a realização das eliminatórias para o Mundial de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.9, 26 de out. 1958.	Kawakami, vencedor das eliminatórias do judô	Nota	Foram os selecionados através da eliminatória: Kawakami, Akira Yamamoto e Carlos Alberto Mendonça. Kawakami está confirmado no mundial.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.24, 6 de nov. 1958.	Judô em revista	Nota	Arsenio Martins, Vice-Presidente da FPJ, apresentou carta de demissão à diretoria que não foi aceita por intervenção do diretor técnico.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.5, 12 de nov. 1958.	Kawakami e Kurachi no Mundial de Judô em Tóquio	Nota	Esforços da CBP para enviar os atletas brasileiros ao Mundial de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 12 de nov. 1958, Segunda Seção.	Periga a presença do Brasil no certame Mundial de judô	Nota	Ainda não foi assinada a verba para a viagem dos atletas para o mundial. Paschoal Segreto Sobrinho recorrer ao governador do DF.
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.3, 13 de nov. 1958, Segunda Seção.	Dois Brasileiros no Campeonato Mundial	Nota	No dia 22 do corrente, devem sair os atletas brasileiros para o Mundial. As despesas, entretanto, são elevadíssimas.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.12, 14 de nov. 1958.	O Brasil no Camp. Mundial de Judô	Artigo	CBP aguarda a verba para enviar Kawakami e Kurachi ao Japão.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.1, 25 de nov. 1958, Segundo Caderno.	Judocas seguiram: crediário	Nota	“Por não possuir ainda a Confederação Brasileira de Pugilismo a verba a ela destinada, o Professor Augusto Cordeiro teve que conseguir dinheiro emprestado para o sinal e dar o seu aval, nas prestações das duas passagens, para os dois representantes.”
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.15, 29 de nov. 1958.	Judô em revista	Nota	Akira Yamamoto é o chefe da delegação brasileira no Mundial. Falta de verbas para a compra das passagens e à falta do lugar no avião que ia para o japão. Segreto Sobrinho, Jamil e Cordeiro trabalharam quase um mês para conseguir a verba.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.35, 1 de dez. 1958.	Campeonato Mundial de Judô	Competição	Resultados da participação brasileira no Campeonato Mundial.
Diario Carioca, Rio de Janeiro, p.9, 3 de dez. 1958.	Mundial de Judô: Kawakami derrubou o japonês em 18”	Nota	Participação brasileira no Mundial.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.28, 4 de dez. 1958.	Judô	Nota	Risei kano trabalha para que o Judô seja incluído no próximos Jogos Olímpicos.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.33, 4 de dez. 1958.	Judô em revista	Competição	Mundial Vitória do japonês Koji Sone 5º dan, final com Kaminaga 4º dan. Massayoshi Kawakami resistiu bem diante de Yamashiki. Akira Yamamoto do Brasil perdeu a 3ª rodada para Harris (4º dan). Luiz Alberto perdeu a primeira luta.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 4 de dez. 1958, Segundo Caderno.	Inclusão do Judô nos Jogos Olímpicos	Artigo	Presidente da FIJ, Risei Kano, declarou que fara todo o possível para que o judô seja incluído no programa dos Jogos Olímpicos.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.33, 11 de dez. 1958.	Judô em revista	nota	Campanha dos 100 tatamis.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.12, 13 de dez. 1958.	Movimento para fundar a Federação Gaúcha de Judô	Nota	Presidente da futura entidade já escolhido: Jorge Aveline.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 19 de dez. 1958, Segunda Seção.	Objetiva-se a unificação das práticas do judô	Nota	Em missão oficial no Brasil o Faixa-Preta Katayama da Kodokan, diretor técnico da Academia Nipo-Brasileira de Judô.
A Gazeta Esportiva, São Paulo, p.4, 21 de dez. 1958.	Promoções de Judoistas da Kodokan.	Nota	Promoção de faixas na sede do CEP no último dia 18, presentes Lucio Franca, presidente da FPJ, Salim Helol, representante do ECP. Durante o almoço foram feitas entregas de faixas aos alunos promovidos de categoria por Tatsuo Okochi, representante da Kodokan.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.3 e 49, 21 de dez. 1958, Suplemento Esportivo.	Há no Brasil Faixas-Pretas que não merecem esse título	Nota	Katayama busca unificar o judô brasileiro sob a doutrina e método da Kodokan.

Fonte: o autor.

Quadro A-11 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1959

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Almanaque dos Desportos, Rio de Janeiro, p.185-188, 1º semestre 1959. Fausto da S. F. Basto.	Judô	Artigo	Artigo de Basto retratando a realização do campeonato Pan-americano de Judô no Brasil.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.11, 3 de jan. 1959. Jorge Aveline.	Pugilismo em Marcha	Artigo	Resultados da participação brasileira no Campeonato Mundial de Judô.
Ultima Hora, Rio de Janeiro, p.12, 9 de jan. 1959. Paulo Dias Luz.	1958, ano de ouro do esporte brasileiro	Artigo	Artigo de Paulo Dias Luz apresentando os resultados do judô brasileiro no Pan-Americano de 1958, e no II Campeonato Mundial.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.5, 20 de jan. 1959.	Toma posse hoje à noite a nova diretoria do F.R.G.P.	Nota	Presidente eleito da FRPG: Moacyr Lauro Dornelles Departamento técnico de judô: Luiz Sérgio Casarin, Walter Fraga de Sá, Justino da Rocha Viana e Enio Souza.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.3, 5 de fev. 1959. Jorge Aveline.	Pugilismo em Marcha	Artigo	Moacyr Dornelles, presidente da FRGP, fala sobre as decisões sobre os esportes de luta, e sobre o judô.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.3, 12 de fev. 1959.	Presidente da FRGP pretende reerguer os esportes de "ring" em nosso estado	Artigo	Ações de Moacyr Dornelles em prol das lutas. Conversas com a CBP para organizar visita de Augusto Cordeiro ao RS.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 26 de fev. 1959, Terceira Seção.	Instituído o Campeonato Infanto-Juvenil de Judô	Competição	Controle da FMP, patrocínio do Diário de Notícias, tendo à frente o professor Takeshi Ueda.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.22, 8 de abr. 1959, Suplemento Esportivo.	Grande Êxito no Torneio Infanto-Juvenil de Judô	Competição	Torneio organizado pela FMP no Rio de Janeiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.9, 14 de abr. 1959, Primeiro Caderno.	Falta de sorte impediu que o Brasil se classificasse melhor no Mundial de Judô	Competição	Participação de atletas brasileiros no Mundial.
Correio Paulistano, São Paulo, p.6, 15 de abr. 1959, Segundo Caderno.	Retornam de Toquio os lutadores de judô	Competição	Resultado dos atletas brasileiros no mundial de judo.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.7, 9 de mai. 1959.	Moças e senhoras aprendem judô para defender-se dos dons-joões importunos	Artigo	Curso de judô feminino para defesa pessoal com o professor Nagashima na ACM.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Dia, Rio Grande do Sul, p.9, 9 de jun. 1959.	Rui Barbosa levantou o 1º Campeonato de Judo	Competição	Competicao disputada no ginásio da SOGIPA, organizado pela FRGP.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.8, 26 de jun. 1959, Segunda Seção.	Quase chegam às vias de fato dois membros do C.N.D.	Artigo	O presidente do CND suspendeu a sessão. A FPP faz de tudo, com apoio da CBP, para que a FPL não consiga autorização do CND para filiação.
A Nação, Santa Catarina, p.6, 27 de jun. 1959.	Quase chegam às vias de fato dois membros do C.N.D.	Artigo	O presidente do CND suspendeu a sessão. A FPP faz de tudo, com apoio da CBP, para que a FPL não consiga autorização do CND para filiação.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 19 de jul. 1959, Segundo Caderno. Rudolf Hermanny.	Ensino do Judô no Brasil	Artigo	Classificação dos professores de judô por Hermanny.
Correio Paulistano, São Paulo, p.6, 25 de jul. 1959, Segundo Caderno.	Kendô e Judô	Competição	Competição patrocinada pela Associação Centro da Juventude Nova Brasileira.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1 e 4, 26 de jul. 1959, Segundo Caderno. Rudolf Hermanny.	Organização do Judô no Brasil	Artigo	Artigo de Hermanny sobre a organização do judo pela CBP.
Correio Paulistano, São Paulo, p.3, 29 de jul. 1959, Segundo Caderno.	Competição de Kendô e Judô	Competição	Promissão brilhou na competição.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.5, 2 de ago. 1959, Segundo Caderno. Rudolf Hermanny.	Correntes de Judô	Artigo	Os praticantes de judô no Brasil podem ser classificados em três grupos principais: os que seguem a orientação do Instituto Kodokan; os que sofrem a influência da Associação Budokan; núcles isolados independentes.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.2, 7 de ago. 1959. Jorge Aveline.	Judô em revista	Artigo	A primeira parte do I Campeonato Juvenil Estadual de Judô da FPJ foi um sucesso.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 23 de ago. 1959, Segundo Caderno. Rudolf Hermanny.	A Mulher no Judô	Artigo	Hermanny defende que o judô feminino deve se resumir ao Ju-no-Kata e à defesa pessoal, por não ser compatível com a natureza feminina.
Correio Paulistano, São Paulo, p.6, 27 de ago. 1959, Segundo Caderno.	Coroada de êxito a disputa do III Campeonato Estudantil de Judô	Competição	Registro completo do campeonato.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 4 de set. 1959.	Luvas e Quimonos	Nota	“A escolha de juizes deu-se através de votos e no final verificou-se que estavam barrados os professores Ninomia e Katayama, presentes, também, à reunião.”

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.7, 13 de set. 1959.	Polícia de saias tem 2 argumentos	Artigo	Polícia feminina paulista aprende lutas, incluindo o judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.17, 10 de set. 1959, Segundo Caderno.	Começará domingo o Campeonato de Judô	Artigo	Primeira rodada do campeonato de judô da FMP na sede antiga do Flamengo. Chaves e nomes dos atletas inscritos.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.17, 13 de set. 1959, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	O judô, o pugilismo e o C.N.D.	Artigo	Artigo de Hermann falando sobre o CND, e sobre a definição legal de "pugilista".
Correio Paulistano, São Paulo, p.3, 19 de set. 1959, Primeiro Caderno.	Ordem do dia	Nota	Liberação de crédito para o Pan-Americano e para o Mundial de judô
Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 19 de set. 1959.	Luvas e Quimonos	Competição	Resultados do carioca de judô da FMP.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 23 de set. 1959, Segundo Caderno.	Judô: Campeão absoluto surgirá hoje	Competição	Academia Cordeiro campeã por equipes do Campeonato Carioca.
Correio Paulistano, São Paulo, p.6, 23 de set. 1959, Segundo Caderno.	Deverá ser pleno de atrativos o Campeonato Estadual de Judô	Competição	Informações sobre a realização do Campeonato Paulista de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 24 de set. 1959, Segunda Seção.	Seis Estados no Nacional de Judô	Competição	Informações sobre as participações regionais no Campeonato Brasileiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.13, 25 de set. 1959. Segundo Caderno.	Luiz Alberto campeão absoluto de judô em 59	Competição	Última etapa do carioca sagrou os vencedores: Campeão Absoluto: Luis Alberto Mendonça (Cordeiro) 2º Rubens Bogossian (Ac. Haroldo Brito)
Correio Paulistano, São Paulo, p.6, 26 de set. 1959, Segundo Caderno.	Inicia-se hoje, no Ibirapuera, o Campeonato Paulista de Judô	Competição	Informações sobre o Campeonato Paulista.
Correio Paulistano, São Paulo, p.8, 27 de set. 1959, Segundo Caderno.	Dez Cidades Empenhadas no Campeonato Paulista de Judô	Competição	Informações sobre o Campeonato Paulista.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.5, 27 de set. 1959.	Um grande campeonato	Competição	Resultados do Campeonato Carioca de Judô.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.3, 28 de set. 1959.	Emenda parlamentar provoca novos debates	Nota	Foi aprovado no plenário da câmara o crédito especial de três milhões de cruzeiros para atender as despesas com os campeonatos Panamericano de Judô e Mundial de Box.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Paulistano, São Paulo, p.7, 29 de set. 1959.	Conquistado pelos paulistanos o Campeonato Paulista de Judô	Competição	Ibirapuera F. Marrom: Milton Iovato Preta: Roberto David 2º: Lhofei Shiozawa 3º: João Salgado Absoluto: Kawakami, vc: Lhofei Shiozawa
Correio Paulistano, São Paulo, p.6, 1 de out. 1959, Segundo Caderno.	Prepararam-se os mineiros para o VI Campeonato Brasileiro de Judô	Nota	Preparação da equipe de Minas Gerais para o Campeonato Brasileiro.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.15, 1 de out. 1959.	Inaugura-se dia 9 em nossa capital o 6.º Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Informações sobre a realização do Campeonato Brasileiro em Porto Alegre.
Correio Paulistano, São Paulo, p.6, 6 de out. 1959, Segundo Caderno.	Em Porto Alegre a disputa do Campeonato Brasileiro de Judô	Artigo	Programa do Campeonato Brasileiro de Judô.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.3, 6 de out. 1959, Suplemento.	8.º Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Equipes e programa para o Campeonato Brasileiro.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.1, 7 de out. 1959. Jorge Aveline.	Judô em Revista	Artigo	Preparação para o Campeonato Brasileiro. Organização feita por Jamil Nasser da CBP.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.13, 8 de out. 1959. Elcy Nunes.	Prof. Loanzi: “êste será o maior Campeonato Brasileiro de Judô”	Artigo	Artigo de Elcy Nunes sobre o Campeonato Brasileiro de Judô em Porto Alegre.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 9 de out. 1959, Segunda Seção.	Brasileiro de Judô começará hoje: Sul	Competição	Informações sobre o VIII Campeonato Brasileiro de Judô em Porto Alegre.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.2, 9 de out. 1959. Jorge Aveline.	Judô	Artigo	Artigo de Jorge Aveline para relatar a preparação para o Campeonato Brasileiro de Judô.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.8, 9 de out. 1959, Segundo Caderno.	Instalação hoje do Brasileiro de judô	Competição	Porto Alegre VIII Campeonato Brasileiro de Judô no Ginásio do Grêmio Náutico União. Patrocinado pela CBP, CPJ e organizadores General Andrade Neves e o vice da CBP, Nasser.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.2, 10 de out. 1959. Jorge Aveline.	Judô	Competição	Sobre congresso pleno e técnico organizado para o Campeonato Brasileiro de Judô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diario de Notícias, Rio Grande do Sul, p.3, 11 de out. 1959.	Kawakami, pentacampeão brasileiro e campeão Pan-americano, atração máxima do grande certame de judô	Artigo	Matéria falando sobre a expectativa da participação de Kawakami no Campeonato Brasileiro.
Diário do Paraná, p.7, Paraná, 11 de out. 1959, Segundo Caderno.	Instala-se Congresso Brasileiro de Judô	Nota	Curta nota sobre a instalação do congresso técnico de judo durante o Campeonato Brasileiro.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 14 de out. 1959, Segunda Seção.	Brasileiro de Judô: primeiros resultados	Competição	Resultados parciais do Campeonato Brasileiro
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.2, 14 de out. 1959. Jorge Aveline.	Judô em Revista	Competição	Encerramento e detalhes do Campeonato Brasileiro.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.13, 15 de out. 1959. Jorge Aveline.	Judô em Reista	Competição	Resultado do Campeonato Brasileiro.
Jornal do Dia, Rio Grande do Sul, p.2, 15 de out. 1959.	Brasileiro de Judô	Competição	Resultado do torneio absoluto no Campeonato Brasileiro.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.2, 16 de out. 1959.	Cariocas, Campeões Brasileiros de Judô	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 16 de out. 1959.	VI Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Sobre a vitória dos cariocas, e resultados do Campeonato Brasileiro.
Correio Paulistano, São Paulo, p.6, 16 de out. 1959. Segundo Caderno.	Cariocas Campeões Brasileiros de Judô	Competição	F. Marrom: Campeão Milton Lovato (SP). Preta 1o: Roberto David (SP). 2º : Luis Alberto de Mendonça (RJ). 3º : Campeão Shunji Hinata (RJ). Classificação das Equipes: 1 DF, 2 SP, 3 MG, 4 RS, 5 Paraná.
Diario da Noite, Rio de Janeiro, p.3, 17 de out. 1959, Segunda Seção.	Alberto manteve seu famoso cartaz	Competição	Cariocas superam os paulistas no Campeonato Brasileiro.
Correio do Paraná, Paraná, p.14, 18 de out. 1959.	Brasil Esportivo: Porto Alegre	Competição	Cariocas vencem o Campeonato Brasileiro de Judô.
Diario de Notícias, Rio Grande do Sul, p.2, 18 de out. 1959. Jorge Aveline.	Judô em Revista	Competição	Artigo de Jorge Aveline com detalhes do Campeonato Brasileiro.
Ultima Hora, Paraná, p.2, 22 de out. 1959, Segundo Caderno.	Devem as mulheres praticar judô?	Artigo	“Mulher moderna precisa saber defender-se sozinha.”

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 25 de out. 1959.	Campeonato Brasileiro de Judô	Competição	Cariocas acabam com hegemonia paulista no Campeonato Brasileiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 1 de nov. 1959, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	Eficiência do Judô	Artigo	Artigo de Rudolf Hermann sobre os diversos grupos que praticam o judô. A CBP estuda a inclusão das categorias de peso no Campeonato Brasileiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 17 de nov. 1959.	Judô e enfermeiras	Nota	Comissão de Finanças aprova crédito para execução do Pan-Americano, e participação do Brasil no Mundial.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.15, 21 de nov. 1959, Segundo Caderno.	Federação de Pugilismo contra o sr. Hélio Gracie	Nota	Nota oficial da FMP em defesa do judô, contrapondo declarações de Hélio Gracie.
Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.13, 22 de nov. 1959.	Luvas e Quimonos	Nota	Nota oficial da FMP em defesa do judô, contrapondo declarações de Hélio Gracie. Assinada por Lourival Pereira (presidente da FMP), Almir Ferreira (secretário da FMP) e Paschoal Segreto Sobrinho (presidente da CBP).
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.64, 22 de nov. 1959, Caderno Metropolitano Esportivo. Rudolf Hermann.	Professor de Judô deve ser formado?	Artigo	“Pela legislação em vigor, só estão habilitados a ensinar o judô os licenciados em educação física e os técnicos especializados em judô.”
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.5, 1 de dez. 1959.	Senado Federal	Nota	Senado não vota a verba para o Campeonato Pan-Americano de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 3 de dez. 1959.	Judô	Nota	Aprovada abertura de crédito na Câmara autorizando crédito para a realização do Pan-Americano.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.3, 3 de dez. 1959.	Congresso	Nota	Aprovada abertura de crédito na Câmara autorizando crédito para a realização do Pan-Americano.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.9, 6 de dez. 1959, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	Os Ausentes do Judô	Artigo	Quem observa a vitória por equipes do Rio sobre São Paulo no Brasileiro deste ano e imaginar que o judô conta no DF com grande organização e número de praticantes se enganará.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.15, 27 de dez. 1959, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	Judô em 1959	Artigo	“1959 foi um ano relativamente calmo para o judô, salvo o Campeonato Europeu não podemos citar nenhuma grande competição de âmbito internacional.”

Fonte: o autor.

Quadro A-12 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1960

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Almanaque dos Desportos, Rio de Janeiro, ano 4, n.16, p.12-14, 1º semestre 1960, Fausto da Silva Fernandes Basto	Judô	Competição	Em outubro de 1960, em Porto Alegre no Palácio de Esportes do Grêmio União foi realizado o VI Campeonato Brasileiro de Judô com equipes representativas de: M. Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo.
Almanaque dos Desportos, Rio de Janeiro, ano 4, n.17, p.76-77, 2º semestre 1960, Fausto da Silva Fernandes Basto	Judô	Artigo	Judokas brasileiros campeões sulamericanos. Em Mar del Plata, o Brasil levantou 3 títulos na disputa.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 3 de jan. 1960, Segundo Caderno, Rudolf Hermann.	O judô brasileiro	Artigo	Hermann divide o desenvolvimento do judô japonês em quatro etapas: Período de elaboração, lançamento, heróico e reconhecimento. Faz críticas severas aos que usam o nome jiu-jitsu.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.7, 22 de jan. 1960.	Em 10 anos mineiro fez judô popular	Artigo	Artigo sobre Antônio Alves da Silva, que foi aluno de Yasuichi Ono, e foi importante introdutor do judô em Minas Gerais.
Jornal dos Sports, São Paulo, p.2, 28 de Jan, 1960.	Federação Mineira	Nota	Expectativa da eleição de Simão Yamn, para presidente da Federação Mineira de Pugilismo.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 10 de fev, 1960, Segunda Seção.	Segue a Delegação Nacional de Judô	Competição	Pela terceira vez o judô brasileiro participa de competições internacionais.
Revista do Esporte, Rio de Janeiro, n.52, p.31-32, 5 de mar. 1960.	Jiu-Jitsu é esporte do passado; o judô tomou o seu lugar	Entrevista	Entrevista com Rudolf Hermann em que conta como o uso do termo Jiu-Jitsu para identificar o judô é anacrônico.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 6 de mar. 1960, Segundo Caderno, Rudolf Hermann	O judô e a improvisação	Artigo	“Cada judoista se especializa em determinado número de golpes e neles procura obter a maior eficiência. São raríssimos aqueles que dominam perfeitamente um vasto número de golpes, constituindo, portanto, exceções.”
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.11, 20 de mar. 1960.	Presidente da F.M.P.: Jiu-jitsu não existe	Nota	O novo presidente da F.M.P., Almir de Almeida, concedeu entrevista à Revista do Esporte onde afirma que o jiu-jitsu não existe como esporte.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 20 de mar. 1960, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	Profissionalismo e judô	Artigo	Hermann fala sobre a questão do amadorismo no judô e suas contradições.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 27 de mar. 1960, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	Graduação no Judô	Artigo	Hermann da a sua visão sobre como tem sido feitas as graduações de faixas no judô brasileiro.
Revista do Esporte, Rio de Janeiro, n.56, p.11-12, 2 de abr. 1960.	Jiu-Jitsu não existe	entrevista	Entrevista com o novo presidente da FMP, Almir Ferreira de Almeida, sobre a necessidade de decidir o que fazer com o jiu-jitsu no Brasil.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 03 de abr. 1960, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	Judô na Universidade	Artigo	Absorção do Judô por Universidades de diferentes estados.
Correio Paulistano, Rio de Janeiro, p.6, 06 de abr. 1960, Segundo Caderno.	Elaborado o Calendario Esportivo da Confederação Brasileira Pugilismo	Artigo	Em reunião efetuada pela diretoria da Confederação Brasileira de Pugilismo vem ser elaborado o calendário esportivo da entidade máxima mentora do esporte das lutas. .
A Tribuna, São Paulo, p.9, 13 de abr. 1960.	O Judô pode	Nota	Possibilidade do judô ser incluído no programa dos Jogos Olímpicos de Tóquio de 1964.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.17, 17 de abr. 1960, Segundo Caderno. Rudolf Hermann	Problemas do judô	Artigo	Segundo Hermann, inúmeras tentativas foram feitas no sentido de unir o judô brasileiro em um organismo único.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.16, 24 de abr. 1960, Segundo Caderno.	O Judô e a F.M.P;	Nota	Os judoístas cariocas aguardam um calendário que indique a programação de competições desta modalidade. A Federação Metropolitana de Pugilismo é o órgão que deve elaborá-lo.
Correio Paulistano, São Paulo, p.16, 29 de abr. 1960, Segundo Caderno.	Auxílio a federações de esportes amadores	Nota	Beneficiadas pelo projeto de lei do Executivo, 29 entidades desportivas paulistas, entre elas a federação de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 08 de mai. 1960, Segundo Caderno.	O Prof. Cordeiro e o Judô	Artigo	Atribuição ao professor Augusto Cordeiro, presidente da Confederação Pan-Americana de Judô a grande parte da conquista da vitória da equipe da Federação Metropolitana no ano anterior e à difusão do esporte no Rio de Janeiro.
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.16, 9 de mai. 1960.	Mulheres aprendem judô e os maridos tremem	Artigos	Mulheres aprendem judô com o professor Yoshimasa Nagashima na ACM.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 11 de mai. 1960.	Luvras e Quimonos	Nota	Tomou posse o presidente da FMP Almir de Almeida. O diretor de judô é Nelson Albuquerque. A Coluna Luvras e Quimonos critica a ausência de ações do novo presidente.
Correio Paulistano, São Paulo, p.6, 13 de mai. 1960, Segundo Caderno.	Campeonato Paulista de Judô	Competições	Divulgada a reunião para preparar os representantes dos participantes, associações concorrentes, e juizes. O artigo também informa os juizes escalados.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 5 de jun. 1960, Segundo Caderno, Rudolf Hermann.	Nas competições de Judô	Artigo	Hermann alerta sobre a questão da relação das graduações que são dadas em relação ao nível nas diversas categorias competitivas.
Diario da Noite, São Paulo, p.5, 7 de jun. 1960.	Que se precavenham os “engraçadinhos”: moças aprendem judô para se defender	Artigo	Ken Hiramatsu ensina o judô para mulheres no sindicato dos trabalhadores da indústria de fiação e tecelagem.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 7 de jun. 1960.	A FMP trabalha pelo Esporte do quimono	Nota	Nota de FMP aceitando a filiação das academias de jiu-jitsu e judô.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 16 de jun. 1960.	Luvras e Quimonos- Toma posse o diretor de judô	Nota/	Nota sobre a posse no cargo de diretor do setor de judô da FCP do capitão Néelson e informe sobre a abertura de inscrições para o campeonato carioca.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.11, 19 de jun. 1960.	Campeonato Carioca de Judô	Nota/ Competição	Nota sobre primeiras decisões após a posse do diretor da Divisão de Judô da FCP, Néelson de Freitas Albuquerque, e convite as agremiações interessadas para o Campeonato Carioca de Judô
Diario da Noite, São Paulo, p.15, 21 de jun. 1960, Terceiro Caderno.	Setor Amadorista	Nota	Aviso sobre a realização na Academia Ono da eliminatória para o primeiro campeonato de Judô da FPJ. Categorias vão entre até 8 anos e até 16 anos.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.9, 22 de jun. 1960.	Brasília será sede do próximo campeonato brasileiro de judô	Artigo	Artigo sobre a visita de Henrique Tamm por designação do presidente da FMP à Capital federal e os esforços para em homenagem aos construtores da mesma fazer o campeonato brasileiro de judô em Brasília.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 26 de jun. 1960, Segundo Caderno.	Aproxima-se o Carioca de Judô	Competição	Informações sobre quando se dará o Campeonato Carioca de Judô. Menciona-se também que serão feitas pela primeira vez, divisões por peso corporal entre os iniciantes.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 01 de jul. 1960, Segundo Caderno.	Judô nas olimpíadas de 1964	Nota	O Comitê Olímpico dos jogos de Tóquio resolveu incluir o judô como vigésima primeira disciplina esportiva nos jogos olímpicos de 1964.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.13, 08 de jul. 1960, Segundo Caderno.	Começa amanhã o Carioca de Judô	Competição	Programa de lutas do Campeonato Carioca de Judô a ter início no dia 02 de julho.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 8 de jul. 1960.	Luvras e quimonos - Amanhã o Início do Campeonato Carioca de Judô de 1960	Nota / Competição	Informações do Campeonato Carioca de Judô de 1960 a ocorrer no dia seguinte: Grade de lutas, local e recomendação de horário de chegada aos atletas.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.6, 12 de jul. 1960.	Luvras e Quimonos	Nota/ Competição	7º Campeonato Carioca de Judô: Informações sobre os resultados das disputas dos faixas marrons no sábado passado e sobre o programa de lutas entre faixas pretas de 1º, 2º e 3º dan.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 14 de jul. 1960.	Luvras e Quimonos - Surpresa no Judô: Kastrioto é o Novo Campeão Carioca	Nota/ Competição	Desfecho do Campeonato Carioca de Judô para faixas pretas até 3º grau.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.17, 14 de jul. 1960, Segundo Caderno.	Medhi venceu Hinata e foi campeão no 3.º dan	Competição	No Campeonato carioca de Judô, na disputa de 3º Dan, Georges Kastriot Mehdi, revelação do judô carioca, venceu os favoritos Hermann e Hinata, sagrando-se campeão.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 16 de jul. 1960.	Luvras e Quimonos – Chega ao seu final o campeonato de judô	Nota/ Competição	Informações sobre as lutas finais do Campeonato Carioca de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 10 de jul. 1960, Segundo Caderno.	Decide-se À noite o título absoluto	Competição	Inscreveram-se seis equipes no Campeonato Carioca de Judô, mas houve a desistência de uma academia. Breve descrição das equipes.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 17 de jul. 1960, Segundo Caderno.	Campeonato Carioca de Judô	Nota/ Competição	Retrospecto sobre o VII Campeonato Carioca de Judô. Informação de que a realização do III Campeonato Mundial de Judô será em Paris em 1961.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.16, 21 de jul. 1960, Segundo Caderno.	Luiz Alberto Mendonça bicampeão absoluto de Judô	Competição	Informações gerais do VII Campeonato Carioca de Judô.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 22 de jul. 1960.	Luvras e Quimonos	Competição	Retrospecto do Campeonato Carioca de Judô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 24 de jul. 1960, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	Judô Carioca tem novo diretor	Artigo	Rudolf Hermann fala sobre o novo diretor do diretor de judô da FMP.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.9, 24 de jul. 1960.	Campeonato Brasileiro de Judô em Brasília	Competição	Informações gerais sobre o Campeonato Brasileiro de Judô em Brasília. Informações sobre a delegação gaúcha.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.7, 25 de jul. 1960.	Roma, 24 (UPI)	Nota	“Em sua reunião de ontem, o Comitê Olímpico Internacional decidiu: 1- Aceitar o Judô como esporte olímpico. O clássico esporte japonês será assim o 22º das olimpíadas. [...]”
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.7, 25 de jul. 1960.	Reeleito Brundage	Nota	No dia 23 de julho de 1960, Avery Brundage dos Estados Unidos é reeleito por unanimidade como presidente da Comissão Olímpica Internacional pelo período de quatro anos. No dia seguinte, em reunião, o COI decidiu aceitar o judô como esporte olímpico, foi então o 22º esporte das olimpíadas.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 26 de jul. 1960, Segundo Caderno.	XIII Campeonato Anual da Budokan	Competição	Resultados do campeonato da Budokan.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.11, 27 de jul. 1960.	Luvras e Quimonos – Judô	Nota/ Competição	A FCP Convoca atletas específicos para treino e assentar(?) as providências para o Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.8, 31 de jul. 1960, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	[...] Brasileiro de Judô	Competição	Expectativas em relação ao VII Campeonato Brasileiro de Judô. “A novidade do ano, além da realização do campeonato em Brasília, é a participação da delegação baiana, o que aumentará o número dos Estados em que o judô se organiza.”
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.13, 3 de ago. 1960, segundo caderno.	Judô em São Paulo	Competição	Campeonato Aberto de Seleções Regionais realizado nos dias 30 e 31 de julho no ginásio do Pacaembu promovido por “um jornal da colônia japonesa” e a Federação Paulista de Judô.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 05 de ago. 1960.	Luvras e quimonos - Campeonato de Judô começa dia 13: Formada a delegação carioca	Nota/ Competição	Informações sobre a composição da delegação carioca de judô, chefiada pelo diretor de judô da FCP sr. Néelson Freitas Albuquerque para o Campeonato Brasileiro de Judô, em Brasília nos dias 12, 13 e 14 de agosto de 1960.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.15, 06 de ago. 1960, Segundo Caderno. Rudolf Hermannny.	Brasileiro de Judô desperta grande interesse	Competição	Expectativas de êxito ao VII Campeonato Brasileiro de Judô que teve sua data adiada em 8 dias. Expectativas e atrações: Presença do Presidente da República e dos ministros e presença do paulista Massaioshi Kawakami, detentor de vários títulos.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 07 de ago. 1960, Segundo Caderno. Rudolf Hermannny.	O Judô empolga a torcida carioca	Artigo	O aumento de interessados no Judô após a realização do I Campeonato Brasileiro, e com a maturação do esporte e crescimento do público a necessidade de locais mais amplos para uma acolhida melhor aos espectadores.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 10 de ago. 1960, Segundo Caderno.	Seguem para Brasília os judoístas cariocas	Competição	Partida da delegação carioca, chefiada por Nelson Albuquerque, para Brasília, no avião da FAB, para participar do VII Campeonato Brasileiro de Judô,
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 12 de ago. 1960.	Luvras e Quimonos – Campeonato Brasileiro começou ontem	Nota, Competição	Informações gerais sobre o início, encerramento e delegações participantes do 7º Campeonato Brasileiro de Judô na Capital da República.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 16 de ago. 1960, Segundo Caderno.	Campeões de Judô os Cariocas	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro de Judô realizado em Brasília.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 21 de ago. 1960, Segundo Caderno. Rudolf Hermannny.	Brasileiro visto por dentro	Competição	Relato de Rudolf Hermannny sobre os acontecimentos do Campeonato Brasileiro de Judô em Brasília.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 24 de ago. 1960.	Luvras e Quimonos – Judô admitido nos Jogos Olímpicos	Nota	Inclusão do Judô nos Jogos olímpicos de Tóquio de 1964.
A Tribuna, São Paulo, p.9, 24 de ago. 1960.	IV Campeonato Pan-Americano de Judô	Competição	Jamil Nasser, presidente da C.B.P. encontra-se em São Paulo coordenando as providências para a formação de uma delegação para o próximo Pan-Americano.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.20, 04 de set. 1960, Segundo Caderno. Rudolf Hermannny.	O Pan-Americano de Judô	Competição	Realização do IV Campeonato Pan-Americano no México. Seleção da delegação nacional baseada no último Campeonato Brasileiro.
Revista do Esporte, Rio de Janeiro, p.23, 10 de set. 1960, n.79.	Luta	Nota	Federação Carioca de Pugilismo, adquiriu sua sede própria. Vitória da administração do Sr. Almir de Almeida.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Revista do Esporte, Rio de Janeiro, p.53, 10 de set. 1960, n.79.	Primeeeeeiro “round”! - ... J.K.	Nota, Competição	Juscelino Kubischek, recebeu do presidente da C.B.P. o título de Benemérito do Pugilismo Brasileiro. Apoiou o 3º Campeonato Pan Americano de Judô e prestigiou o Campeonato Brasileiro de Judô em Brasília.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.11, 21 de set. 1960, Segundo Caderno.	Faixas-pretas disputarão domingo seleção para o Pan-americano de judô.	Competição	Eliminatórias para a escolha do representante do Pan-Americano.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.11, 27 de set. 1960.	Formada a equipe brasileira para o Pan-Americano de Judô.	Competição	Eliminatórias para a formação da representação brasileira na Academia Cordeiro. A FPJ não enviou delegação.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.11, 02 de out. 1960, Segundo Caderno	Judô de Competição	Artigo	Discussão sobre o direcionamento para competição do Judô e perda dos princípios básicos do jiu-jitsu e Judô de original.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 05 de out. 1960, Segundo Caderno.	Judô na Universidade	Nota, Competição	Nota sobre as datas das viagens da delegação brasileira ao México para o campeonato Pan-Americano.
A Tribuna, São Paulo, p.9, 7 de out. 1960.	Viajaram	Nota / Competição	Nota sobre parte da delegação ter viajado ao México para o campeonato Pan-Americano.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 12 de out. 1960, Segundo Caderno.	Sete Países do “Pan” de judô	Competição	Informações sobre o vôo para o México e lista de países participantes.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 15 de out. 1960, Segundo Caderno.	Brasil sagrou-se bi pan-americano de Judô, no México	Competição	Resultados do Pan-Americano de 1960.
A Tribuna, São Paulo, p.8, 15 de out. 1960.	Brasil, bi-campeão por equipe no latino-americano de judô	Competição	Retenção do título de campeão por equipe no IV Torneio Pan-Americano de Judô no México, e comentários gerais sobre o resultado das outras equipes.
A Tribuna, São Paulo, p.9, 15 de out. 1960.	Campeonato paulista de judô	Competição	Realização do campeonato estadual, promovido pela Federação Paulista de Judô reunindo cerca de 200 judocas. Informação da composição da equipe santista.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.6, 16 de out. 1960.	Brasil, Campeão invicto do Pan-Americano de Judô	Competição	Resultados do Pan-Americano de 1960 e classificação final.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 21 de out. 1960.	Kawakami derrotado no México	Competição	Resultados do Pan-americano de 1960.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Tribuna, São Paulo, p.11, 21 de out. 1960.	Torneio Pan-Americano de Judô	Competição	Resultados do Pan-americano de 1960. (Matt. Canadense “3ª faixa” campeão ao vencer Masyoki brasileiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 21 de out. 1960, Segundo Caderno.	Matt (canadense) foi campeão absoluto; Kawakami o vice	Competição	Resultados do Pan-americano de 1960.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.13, 25 de out. 1960, Segundo Caderno.	Ecos do campeonato Pan-americano de Judô.	Competição	Registro sobre o Pan-Americano de Judô de 1960.
Correio Paulistano, São Paulo, p.6, 6 de nov. 1960, Segundo Caderno.	Yassuiti Ono: Nome que é patrimônio na história do esporte paulista	Artigo	Conta a história de Yassuichi Ono e sua importância para o judô brasileiro.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.2, 08 de nov, 1960.	Judô: Finalizará hoje o Estadual	Competição	Segunda parte do II Campeonato Estadual de Judô, no ginásio da A.C.M.. da FRGF.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.2, 09 de nov, 1960.	E.C.Ruy Barboa laureou-se no 2º Campeonato do Estado	Competição	Na segunda parte do Campeonato Estadual de Judô foram realizados os Campeonatos por equipe e absoluto.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 27 de nov. 1960, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	Federação Carioca de Judô	Artigo	Hermann fala sobre as barreiras que devem ser vencidas para a criação de uma federação própria para o judô no Rio de Janeiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 4 de dez. 1960, Segundo Caderno, Rudolf Hermann.	Será o Judô mais que um esporte?	Artigo	Hermann defende que o judô deve ser visto como mais que meramente um esporte.
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.6, 24 e 25 de dez. 1960, Segundo Caderno. Arthur Parahyba.	Brasil ganhou título de bi-pan-americano e pode ganhar a FIJ	Artigo	Sobre as vitórias competitivas do judô brasileiro no exterior, e a possível indicação de Augusto Cordeiro à presidência da FIJ.

Fonte: o autor.

Quadro A-13 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1961

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.8, 4 de jan. 1961, Terceiro Caderno.	Brasília terá academia de judô	Nota	Fundação de Academia de Judô em Brasília.
Correio Paulistano, São Paulo, p.7, 05 de jan. 1961, Segundo Caderno.	Reune-se o Conselho Deliberativo da Federação Paulista de Pugilismo	Nota	A fim de apreciar recurso interposto pelos seus filiados, reúne-se o Conselho Deliberativo da Federação Paulista de Pugilismo.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 26 de jan. 1961.	Luvas e Quimonos - Judocas querem ter a sua federação	Nota	As diretorias de inúmeras academias de judô em conversa com o autor comunicaram que apesar de estarem satisfeitos com a distinção que têm recebido da Federação Carioca de Pugilismo, têm pensado em fundar a Federação Carioca de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 21 de fev. 1961, Segundo Caderno. Alexandre Djukitch.	Abrindo o “dossier” do esporte mundial e brasileiro	Artigo	Artigo mostrando como funciona a burocracia do esporte brasileiro. Contém organograma do esporte no Brasil.
A Noite, Rio de Janeiro, p.5, 3 de mar. 1961.	Nipo-Brasileira troca de bem com a federação	Nota	Academia Nipo-Brasileira de Judô teve seus atletas negados à inscrição em campeonato pois a Federação Carioca de Pugilismo avaliou tratar-se de atletas profissionais de luta livre.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 19 de mar. 1961, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	Em progresso o judô carioca	Artigo	Hermann fala da união do judô carioca ao redor do professor Augusto Cordeiro.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 11 de mai. 1961.	Luvas e quimonos – Oficialmente o Judô Carioca está parado	Nota	Crítica a ausência de ações por parte da Federação Carioca de Pugilismo.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 12 de mai. 1961.	O Judô Carioca Brilhou em São Paulo	Competição	X Campeonato de Faixas Pretas da Budokan.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.2, 4 de jun. 1961.	Convocação	Nota	Convocação para fundação da FMJB.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 6 de jun. 1961. Abelardo Costa Coelho.	Esportes nas classes armadas	Artigo	Sobre o crescimento da prática do judô nas forças armadas.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.8, 10 de jun. 1961.	Esporte por Esporte	Nota	Foi fundada (ontem) a Federação Mineira de Judô, sendo escolhido como primeiro presidente Alberto Vieira.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 16 de jun. 1961.	Toma vulto o judô no Estado da Guanabara	Nota	Reunião de judocas na Academia Suburbana com a presença do professor Ogawa.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 18 de jun. 1961, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	Um mestre de judô	Artigo	Artigo de Rudolf Hermann que conta a biografia de Ryuzo Ogawa.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.10, 19 e 20 de jun. 1961, Segundo Caderno.	Amadores cariocas dão início ao treinamento	Nota	A CBP protestou junto ao CND contra o fato da Federação Mineira de Judo haver patrocinado uma competição.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.10, 19 e 20 de jun. 1961, Segundo Caderno.	-	Nota	A Confederação Brasileira de Pugilismo protestou junto ao CND contra o fato de que a Federação Mineira de Judo patrocinou uma competição.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.7, 21 de jun. 1961.	Judô no D.F.	Competição	Convite à FMJB para participar do torneio de Jûkendô
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.4, 23 de jun. 1961, Segundo Caderno.	Ponto, parágrafo	Nota	“Foi fundada em Brasília, a Federação Brasiliense de Judô. A Federação Desportiva precisa tomar conhecimento disso porque a fundação da FBJ é completamente ilegal.”
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.8, 1 de jul. 1961.	Seleção de Judô	Nota	Formação da seleção brasiliense para disputar o campeonato de Judô e Kendô em São Paulo.
A Noite, Rio de Janeiro, p.11 7 de jul. 1961	Confederação Brasileira de Pugilismo dá Nota Oficial	Nota	A C.B.P. tomou entre outras, as seguintes resoluções: Conceder à Federação Desportiva de Brasília filiação definitiva; Designar a cidade do Rio de Janeiro para sede do 8º Campeonato Brasileiro de Judô.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 8 de jul. 1961.	Luvas e quimonos - A Federação Carioca de Pugilismo movimentase	Artigo/ Competição	De acordo com o autor, o Rio de Janeiro estaria “perdendo pontos com relação” a São Paulo pois a única Academia Carioca que conseguiu competir de igual para igual com os paulistas foi a Academia Suburbana.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.5, 09 e 10 de jul. 1961.	-	Nota	Crítica à proliferação de academias e ginásios pela cidade, sem a necessária assistência de um professor de educação física, em flagrante desrespeito à lei.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.7, 12 de jul. 1961.	Judocas de Brasília obtiveram: 4º lugar	Competição	Equipe de Brasília ficou em terceiro lugar.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.6, 20 de jul. 1961.	Torneio de judô em São Paulo	Competição	Competição de judô da Associação Nova Brasileira presidida por Shiro-Endo.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 30 de jul. 1961, Segundo Caderno. Rudolf Hermann	Noticiário de Judô	Artigo	Noticiário de Judô por Rudolf Hermann com referência à Jûkendô Renmei.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 7 de ago. 1961.	Luvas e quimonos – Vai empolgar o Campeonato dos faixas pretas: hoje	Competição	A temporada de judô no Estado da Guanabara custou muito a ser iniciada, mas depois que o presidente da Federação Carioca de Pugilismo, sr. Almir de Almeida resolveu tomar as rédeas as competições se sucediam com entusiasmo. Informações sobre o Campeonato de Faixas Preta.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 9 de ago. 1961.	Judô em S. Paulo	Competição	Torneio anual da Budokan.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.2, 16 de ago. 1961.	Normas do serviço de censura	Nota	Instruções baixadas pelo chefe do serviço de censura de diversões da Guanabara e, obediência ao decreto 20493-46, concedendo prazo de 15 dias para os irregulares.
A Noite, Rio de Janeiro, p.3, 22 de ago. 1961.	Segredos do judô feminino está em saber como cair	Nota	Kimie Kihara começou a dar aula de judô na Escola Nacional de Educação Física.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.11, 25 de ago. 1961.	Pugilismo tem plano quinquenal	Nota	A Confederação Brasileira de Pugilismo enviou o programa de campeonatos e torneios internacionais em que tomará parte nos próximos cinco anos.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 8 de set. 1961.	Faixas pretas empolgaram a platéia: Campeonato Carioca	Competição	Realizado no dia anterior à publicação o campeonato guanabarinense de judô. A matéria reproduz os resultados da competição.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.2, 08 de set. 1961.	Carioca de Judô prosseguiu ontem.	Competição	Resultados e chaves do Campeonato Carioca.
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.4, 11 de set. 1961.	Venceu a academia Cordeiro	Competição	Foram designados Luis Alberto Mendonça, da Academia Cordeiro e Newthon Thuin da Academia Haroldo de Brito para uma luta de desempate. Sagrou-se vencedor.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 14 de set. 1961.	Judô: Sunji Hinata é o campeão absoluto da Guanabara	Competição	Shunji Hinata venceu Medhi na final do Absoluto.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.11, 14 de set. 1961, Segundo Caderno.	Judô	Competição	Resultados do Campeonato Absoluto.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 15 de set. 1961, Segundo Caderno.	Jovens cariocas formam-se em judô na Educação Física	Nota	Descrição do curso de judô de Kimie Kihara, e formatura das alunas.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.7, 20 de set. 1961.	8º Campeonato Estadual de Judô	Competição	Informações gerais do Campeonato Estadual de Judô do Rio Grande Do Sul, promovido pela Federação Rio Grandense de Pugilismo.
Última Hora, Paraná, p.9, 20 de set. 1961.	Campeonato	Nota	Informações gerais do Campeonato Paranaense de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.12, 24 de set. 1961, Segundo Caderno.	Noticiário de Judô	Competição	CBP esforça-se para realizar o campeonato no Rio de Janeiro. A Federação Carioca de Pugilismo marcou o 1º treino em conjunto para os representantes cariocas ao Campeonato Brasileiro.
Diario do Paraná, Paraná, p.6, 27 de set. 1961.	Paraná estará presente ao 3.o Campeonato Brasileiro de Judô no Rio de Janeiro	Competição	O Paraná participou do Oitavo Campeonato Brasileiro de Judô com representantes do norte e sul do Estado. O presidente da Liga Londrinense de Judô indicou o técnico da delegação paranaense.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.8, 27 de out. 1961, Segundo Caderno.	Judô	Nota, Competição	Promovido pela Confederação Brasileira de Pugilismo, o 8º Campeonato Brasileiro de Judô.
A Tribuna, São Paulo, p.22, 29 de out. 1961.	Brasileiros nos campeonatos mundiais de judô	Nota	Realizou-se na tarde de 29 de outubro, em Paris, o sorteio para as disputas dos campeonatos mundiais de judô. Lista das lutas dos latino-americanos.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 1 de nov. 1961.	Os melhores judocas do país no 8º Campeonato de Judô: Local - Rio	Competição	Informações gerais sobre o Campeonato Brasileiro e lista das federações participantes. Ainda: a informação de que vários campeões sul-americanos e panamericanos estariam na disputa.
Revista do Esporte, Rio de Janeiro, p.26, 04 de nov. 1961.	Judô e Boxe: Planos até 65	Artigo	“Uma série de estudos para elaborar o seu calendário até 1965 e, ao mesmo tempo, acompanhar o desenvolvimento do boxe e do judô, vem sendo realizada pela Confederação Brasileira de Pugilismo. [...]
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.9, 4 e 5 de nov. 1961.	Judô	Nota	A FCP “está providenciando os locais de treinamento dos atletas que intervirão no VIII Campeonato Brasileiro de Judô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.9, 08 de nov. 1961.	Começam a chegar as delegações	Competição	Horários das chegadas das delegações ao Rio de Janeiro para o Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.10, 10 de nov. 1961, Segundo Caderno.	Campeonato Individual (por faixas) abre à noite Brasileiro de Judô	Competição	Informações gerais e chaves do início do 8º Campeonato Brasileiro de Judô.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.11, 10 de nov. 1961.	Brasileiro de Judô começa com paulistas e cariocas favoritos	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro de Judô com informações sobre as delegações.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.12, 12 de nov. 1961, Segundo Caderno.	Miura (marrom), Bartolomeu (1.º Dan), Moacir (2.º Dan) e Hermannny (3.º Dan) foram campeões individuais de judô.	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro de Judô.
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.4, 13 de nov. 1961.	Cavacani é campeão	Competição	Foi encerrado o Campeonato Brasileiro de Judô com o título de campeão absoluto dos faixas pretas, que terminou com a vitória do paulista Cavacani.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.10 14 de nov. 1961, Segundo Caderno.	Kawakami novamente foi campeão absoluto	Competição	Resultados do VIII Campeonato Brasileiro de Judô, crítica à falta de árbitros no judô nacional, observações sobre a colaboração do Comando da Escola Naval.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 14 de nov. 1961.	São Paulo é campeão Brasileiro de judô	Competição	Registro do Campeonato Brasileiro de Judô.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 16 de nov. 1961.	Performance Espetacular	Competição	Impressões do Campeonato Brasileiro de 1961.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.11, 21 de nov. 1961, Segundo Caderno.	Judô	Congresso	Congresso Brasileiro de Judô realizado por ocasião do Campeonato Brasileiro de judô propôs votos favoráveis (em unanimidade) dos delegados das Federações à reeleição de Pascoal Segreto Sobrinho para presidente da Confederação Brasileira de Pugilismo.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.9 2 de dez. 1961, Segundo Caderno.	Competição	Nota	O 3º Campeonato Mundial de Judô. Congresso da Federação Internacional, com várias propostas para a reforma dos Estatutos da FIJ. Expectativa de conseguir para sede do mundial de 1965.
A Tribuna, São Paulo, p.4 6 de dez. 1961, Segundo Caderno.	Foi fundada a Liga Santista de Judô	Nota	Fundação da Liga Santista de Judô e solicitação de comparecimento dos fundadores e demais interessados para a aprovação do estatuto.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 6 de dez. 1961.	Criada a Associação dos faixas-pretas do E. da Guanabara	Nota	Criação da Associação de Faixas Pretas no Rio de Janeiro. Vinda de Tokuzo Terazaki para o Rio de Janeiro para criar a associação.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.10, 9 de dez. 1961, Segundo Caderno. Rudolf Hermann	Geesink é um fenômeno do judô e sua vitória trará benefícios	Competição	Informações sobre o III Campeonato Mundial de Judô.
Revista do Esporte, Rio de Janeiro, p.44, 16 de dez. 1961.	Judô	Campeonato	Crítica à falta de divulgação, e por consequência, ressonância inferior a “que merecia ter”, do Campeonato Brasileiro de Judô, no Rio.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.5, 31 de set. 1961, Segundo Caderno.	Judô em 1961	Artigo	Principais acontecimentos, campeonatos e atletas no judô Nacional e Internacional.

Fonte: o autor.

Quadro A-14 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1962

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Almanaque dos Desportos, Rio de Janeiro, ano 6, n.20, p.131 e 132, 1º semestre 1962, Rudolf Hermany.	São Paulo Campeão por equipe e Kawakami novamente campeão absoluto	Competição	Resumo no VIII Campeonato Brasileiro de Judô, promovido em novembro do ano anterior.
Almanaque dos Desportos, Rio de Janeiro, ano 6, n.21, p.120 e 121, 2º semestre 1962, Rudolf Hermany.	Os Campeões brasileiros de Judô	Competição	Quadro dos títulos nacionais de judo já disputados e seus campeões.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.4, 7 de jan. 1962, Segundo Caderno.	Brasília	Nota, Competição	Takeshi Misuno, nomeado Acessor do Departamento de Pugilismo pelo Presidente da Federação Desportiva de Brasília, Jardel Noronha, se encarregará da realização do I Campeonato Brasileiro de Judô.
Diário da Tarde, Paraná, p.8, 11 de jan. 1962.	Federação Paranaense de Judo	Nota	Calendario de 1962 da Federação Paranaense de Judo.
Diario do Paraná, Paraná, p.5, 13 de jan. 1962, Segundo Caderno.	Federação de Judô relacionou suas provas deste ano.	Competição	Calendário de 1962.
Ultima Hora, Rio de Janeiro, p.10, 22 de mar. 1962.	As Instruções Para o Campeonato de Judô	Nota	“novo regulamento e instruções dos campeonatos brasileiros de judô, determinados pelo III Congresso Ordinário da Federação Internacional de Judô, em Paris.”
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.8, 25 de jan. 1962, Segundo Caderno.	Takuo Chiba foi vencedor absoluto do certame da Associação de Judoistas	Competição	Takuo Chiba foi o campeão absoluto de Campeonato promovido pela “Associação Judoista do Brasil” que teve como juizes Ogino e Nagashima.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 24 de mar. 1962.	Luvax e Quimonos	Competição	Festival de Judô na Hebraica sob patrocínio da Associação dos Faixas-Pretas da Guanabara
Jornal do Comercio, Rio de Janeiro, p.8, 26 e 27 de mar. 1962, Segundo Caderno.	Judô: festival na Hebraica	Competição	Festival no Club Hebraico promovido pela Associação dos Faixas Pretas do Brasil.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 15 de abr. 1962, Segundo Caderno.	Organizações de Judô	Artigo	Resumo sobre as organizações do judô e a necessidade de criação de uma federação própria no Rio de Janeiro.
Diário do Paraná, Paraná, p.6, 27 de abr. 1962.	Campeonato de Judô	Nota	A temporada paranaense de judô começou, em 1962, pelo I Campeonato de Judô infantil, juvenil e adulto. Organizado pelo major Gentil Almeida Campos, presidente da Federação Paranaense.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p1, 29 de abr. 1962, Quinto Caderno.	E quem disse que judô não é para mulheres?	Artigo	Sobre a prática do judô por mulheres no Brasil.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.2 e 8, 11 de mai. 1962.	Luvas e Quimonos – Formado o “Conselho Técnico de Judo”	Nota	Em maio de 1962, 22 professores e diretores de academias de judô se reuniram para formar um conselho técnico de judô da Federação Carioca de Pugilismo.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 13 de mai. 1962, Segundo Caderno. Haroldo Britto.	Eleito o conselho técnico de judô	Nota	Com relação às eleições do Conselho Técnico de Judô. Notou-se dois grupos. De um lado Yoshimasa Nagashima e Ogino, do outro o grupo do Professor Augusto Cordeiro.
A Tribuna, Santos, p.12, 15 de jun. 1962.	Entidade “caçula” em Santos: Judô	Nota	Criação da Liga Santista de Judô.
Revista do Esporte, Rio de Janeiro, p.39, 16 de jun. 1962.	Ringue	Nota	Eleição do Conselho Técnico de Judô da Federação Carioca de Pugilismo.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.8, 20 de jun. 1962.	Brasileiro de Judô	Competição	Será realizado em setembro o campeonato brasileiro de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 21 de jun. 1962, Segundo Caderno.	Pugilismo	Competição	Providências tomadas pela Confederação Brasileira de Pugilismo, tendo em vista os IV Jogos Pan-Americanos de 1963.
Correio Paulistano, Rio de Janeiro, p.14, 23 de jun. 1962.	Resenha Amadorista - Pugilismo	Competição	“Considerando a aproximação dos IV Jogos Panamericanos, a Confederação Brasileira de Pugilismo organizou extenso programa preparatório para os praticantes do pugilismo, judô e luta livre olímpica.”
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.5, 8 de jul. 1962, Segundo Caderno.	Quatro judoístas só por nação no judô dos jogos Olímpicos	Nota	“Por não concordar com a forma como estão sendo conduzidos os trabalhos do Conselho Técnico de Judô, o prof. Rudolf Hermannny afastou-se do cargo de membro daquele Conselho da Federação Carioca de Pugilismo.”
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 10 de jul. 1962, Segundo Caderno.	Resenha Amadorista	Competição	Resultados do Campeonato Paulista de Judô.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.8, 10 de jul. 1962.	Judô: Sexta-Feira a entrega dos prêmios do Estadual de 61	Competição	Entrega dos prêmios referentes ao campeonato estadual do ano de 1961 e coquetel oferecido pela Federação Rio Grandense de Pugilismo.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Paulistano, São Paulo, p.14, 15 de jul. 1962.	Resenha Amadorista	Competição	O Campeonato de Judô e Kendô por iniciativa do Centro Nova Juventude Brasileira, ocorreu no Pacaembu com a participação de núcleos da capital e do interior. Segundo a matéria, quase 500 pessoas participam anualmente do evento.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.2 e 8, 24 de jul. 1962.	Criada a Federação Carioca de Judo	Nota	Criação da Federação Carioca de Judô pelo grupo de Nagashima.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.17, 29 de jul. 1962, Segundo Caderno.	O momento no judô carioca	Artigo	Sobre a disputa do judô da carioca. Campeonato da Jûkendô.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 03 de ago. 1962.	Luvas e Quimonos – Cá estamos	Nota	No judô, foi fundada a Federação Carioca de Judô, ainda não oficializada e, na primeira quinzena do mês a seguir a realização do Campeonato Brasileiro.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.4, 5 de ago. 1962, Segundo Caderno.	Pugilismo Tornou-se Realidade no D.F.	Nota	Formação da Federação Brasiliense de Pugilismo. Como diretor de judô foi escolhido João Mizuno.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.4, 5 de ago. 1962, Quinta Seção.	Dirigentes da Federação de Judô estranham tratamento dispensado pela Confederação.	Artigo	Presidente da Federação Carioca de Judô reclama do tratamento dispensado pela Confederação Brasileira de Pugilismo.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.4, 5 de ago. 1962, Quinta Seção.	Outra Entidade	Nota	O presidente da Federação Carioca de Judô diz que teve conhecimento que outro grupo pretende organizar uma entidade de Judô.”
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.7, 10 de ago. 1962.	Delegações gaúchas de Judô e Box seguiram para Rio e São Paulo	Competição	Viagem da delegação gaúcha à capital paulista para disputar o Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.12, 11 de ago. 1962, Segundo Caderno.	Judô carioca já tem Federação cujo nome é Guanabarina: união	Artigo	Reunião na sede do Flamengo para fundação da Federação Guanabarina de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.6, 11 de ago. 1962, Segunda Seção.	Judô Carioca a Caminho da Emancipação	Nota	“Deu entrada no CND o pedido de homologação do Estatuto da Federação Carioca de Judô”.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 15 de ago. 1962, Segundo Caderno.	CND homologa FCJ	Nota	Homologação da FCJ.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.8, 17 de ago. 1962, Segundo Caderno.	Queiroz Rutman e David são os novos campeões faixas-pretas de judô	Competição	Relato do Campeonato Carioca dos Faixas-pretas.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.11, 17 de ago. 1962.	David venceu Hinata	Competição	Relato do Campeonato Carioca de Judô.
A Noite, Rio de Janeiro, p.10, 29 de ago. 1962.	Decide-se hoje em G. Severiano o Campeonato Carioca de Judô	Competição	Informações do Campeonato Carioca de Judô.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 1 de set. 1962.	Primeira Grande Adesão: Judô Clube Augusto Cordeiro	Artigo	A Academia Augusto Cordeiro teve sua denominação modificada para: Judô Clube Augusto Cordeiro.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 1 de set. 1962, Segundo Caderno. Fujiyama.	Judô	Artigo	Artigo em que Fujiyama apresenta a Federação Carioca de Judô e seu estatuto.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.6, 03 de set. 1962.	Falta de Disputantes Transfere Campeonato	Nota	Crítica ao Campeonato Carioca de Judô com exceção ao campeonato absoluto, que teria sido adiado para outubro do mesmo ano. Resultados gerais,
O Jornal, Rio de Janeiro, p.10, 4 de set. 1962, Segundo Caderno. Fujiyama	Irregularidades que precisam desaparecer do judô com urgência	Artigo	Fujiyama relata as principais ações da FCJ em relação aos torneios e competições à arbitragem.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 7 de set. 1962, Segundo Caderno. Fujiyama.	Judô	Artigo	Fujiyama critica a atual organização das competições de judô pela federação de Pugilismo. Pede intervenção do CND.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.8, 9 de set. 1962, Segundo Caderno.	Novos campeões de judô	Competição	Informações sobre a penúltima etapa do Campeonato Carioca de Judô.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 15 de set. 1962, Segundo Caderno. Fujiyama.	Desatino de árbitros reclama urgentemente medidas moralizadoras	Artigo	Fujiyama coloca como um dos grandes problemas a falta de conhecimento das regras internacionais pelos árbitros e cita como exemplo a luta entre Luiz Alberto Mendonça e Shunji Hinata que causou confusão e revolta do público.
Diário da Noite, São Paulo, p.13, 21 de ago. 1962.	Inaugurado com brilho: IX Brasileiro de Judô	Competição	Primeira noite do Campeonato Brasileiro de Judô.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 22 de set. 1962, Segundo Caderno.	Iniciado o Campeonato Nacional de Judô com excelentes resultados	Competição	Relato e informações gerais do Campeonato Brasileiro de Judô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.11, 22 de set. 1962.	Brasileiro de Judô começou e São Paulo já ganhou um título	Competição	Abertura do Campeonato Brasileiro de Judô.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.6, 24 e 25 de ago. 1962. Segundo Caderno	Campeã de judô equipe carioca	Competição	Resultados do IX Campeonato Brasileiro de Judô.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.11, 25 de set, 1962.	Equipe carioca venceu IX Brasileiro de Judô realizado em São Paulo	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro de Judô, realizado no Pacaembu.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 25 de set, 1962.	Cariocas CAMPEÕES Brasileiros de Judô	Competição	Resultados do IX Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.10, 25 de set. 1962, Segundo Caderno.	GB ganhou o título de judô e trouxe troféu "Correio da Manhã"	Competição	Resultados do IX Campeonato Brasileiro de Judô.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 29 de set. 1962, Segundo Caderno.	Mesmo com os defeitos costumeiros, cariocas brilharam no nacional	Competição	Comentando que o Judô carioca se encontrava acéfalo, o autor entende que se justifica, de certa maneira, ao diminuto progresso técnico do judô carioca no campeonato Brasileiro. Além disso, comenta de maneira geral a performance.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p6, 17 de nov. de 1962.	Maioridade do judô no Est. Da Guanabara	Artigo	Artigo sobre a competição entre duas federações criadas no Estado da Guanabara para dirigir o judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.8, 25 de nov. 1962, Sexta Seção.	Fed. Carioca de judô age junto ao CND	Nota	Federação Carioca de Judô dirigiu-se, ontem, ao CND, para o seu reconhecimento como entidade dirigente daquela modalidade nesta capital.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.14, 25 de nov. 1962, Segundo Caderno.	Judô Carioca agitado por violenta crise e sem solução provável Fujiyama.	Artigo	Fujiyama apresenta o currículo dos integrantes da FCJ em contraponto aquilo que foi dito por outro periódico que dizia se tratar de desconhecidos.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 27 de nov. 1962, Segunda Seção.	Judô	Nota	Concedido prazo de 48 horas para vistas da FCJ, e 20 dias para o pronunciamento da CBP sobre o processo em disputa de registro da FCJ e a FGJ.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p5 e 12, 29 de nov. 1962, Segundo Caderno.	Figuras do judô falam sobre reconhecimento da Federação pelo CND.	Artigo	Traz as opiniões de Shunji Hinata, George Medhi, Harry Rutman, Paulo Waldemar Falcao, Roberto David, Takeshi Ueda sobre a formação da Federação.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.7, 30 de nov. 1962.	Judô: começa sábado o Campeonato Gaúcho	Competição	Informações gerais do Campeonato Gaúcho de Judô.
Diário do Paraná, Paraná, p.6, 30 de nov. 1962.	Londrina: Sede do Campeonato de Judô: Paraná	Competição	Presidente da Federação de Judô informa que Londrina será sede do Campeonato Paranaense de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 6 de dez. 1962, Segundo Caderno.	Campeões Brasileiros apóiam a Federação Guanabarina de Judô	Nota	Delegação carioca que participou e venceu o Campeonato Brasileiro, apoia a Federação guanabarina de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.13, 11 de dez. 1962.	Curtas	Nota	Está com a Justiça a decisão de uma Federação de Judô na Guanabara.
A Tribuna, Santos, p.12, 11 de dez. 1962.	Judô: Torneio entre academias da cidade	Nota	Nota de torneios de Judô. Há a participação na promoção de um torneio pela Liga Santista de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 19 de dez. 1962, Segunda Seção.	O Campeonato Brasileiro	Artigo	Análise do IX Campeonato Brasileiro de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 21 de dez. 1962, Segunda Seção.	O Campeonato Brasileiro	Artigo	Análise do IX Campeonato Brasileiro de Judô.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.8, 26 e 27 de dez. 1962, Segundo Caderno.	Judô	Nota	Duas entidades estão pleiteando junto a CND, a obtenção da filiação em judô, na Guanabara; a Federação Guanabarina e a Federação Carioca.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 27 de dez. 1962, Segunda Seção.	O Campeonato Brasileiro	Artigo	Análise do IX Campeonato Brasileiro de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 28 de dez. 1962, Segunda Seção.	O Campeonato Brasileiro	Artigo	Análise do IX Campeonato Brasileiro de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.5, 27 de dez. 1962, Segunda Seção.	C.B. Pugilismo é favorável à F. Guanabarina	Nota	Atendendo à solicitação do CND, a CBP pronunciou-se favorável à FGJ. A justificativa foi de que, enquanto a FCJ tinha seis clubes filiados, a FGJ tinha 11 clubes filiados.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 27 de dez. 1962, Segundo Caderno.	Federação de Judô	Nota	Duas entidades pleiteando, junto ao CND, a filiação como dirigente do Judô na Guanabara, a Federação Guanabarina e a Federação Carioca. A CBP dá preferência ao pedido da primeira.

Fonte: o autor.

Quadro A-15 - Hemeroteca palavra-chave judô, 1963

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 9 de jan. 1963, Segunda Seção. Zuleida.	Judô: Balanço de 62-III	Artigo, Coluna	Lista resumo dos acontecimentos do judo em 1962.
Diário de Notícias Rio de Janeiro, p.3, 13 de jan. 1963, Quarta Seção. Zuleida.	Por uma federação de judô - I	Artigo	Sobre a necessidade de resolver a questão das federações e o papel de Augusto Cordeiro.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 20 de jan. 1963, Quarta Seção.	1962 nas federações	Artigo	Artigo falando sobre o problema das federações de judô no Rio de Janeiro junto ao CND.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 27 de jan. 1963, Quarta Seção.	Programa para examen a Federação Carioca de Judô	Artigo	Conselho técnico da Federação Carioca de Judô aprovou programa de exame de faixa de roxa para marrom, e de shodan em diante.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 31 de jan. 1963, Segunda Seção. Zuleida.	Por que a Federação esportiva de judô	Artigo, Coluna	Zuleida afirma que é preciso achar uma solução para a situação das duas federações na Guanabara.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.8, 7 de fev. 1963, Segunda Seção.	Federação de Judô é a que dirige	Nota	Federação Carioca distribuiu nota oficial afirmando que o judô está sob sua direção até que o CND tome uma decisão.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 8 de fev. 1963, Segundo Caderno.	Judô	Nota	João Candido Lacerda de Oliveira, Presidente da FCJ, comunicou a FCP que a FCJ assume a direção do judô carioca até que seja resolvida a deliberação do CND.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.12, 10 de fev. 1963, Segundo Caderno.	Urge ação do CND em prol do judô carioca	Nota	Segundo a matéria, de fevereiro de 1963, o fato do controle de judô carioca continuar em disputa paralisa suas atividades.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.6, 13 de fev. 1963, Segunda Seção.	Caso do judô	Nota	Conselho Nacional de Desportos apreciou uma reclamação da CBP sobre a nota da FCJ dizendo que supervisionaria o judô enquanto não houvesse uma decisão sobre a Federação oficial do judô no estado.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.1, 14 de fev. 1963.	CND decretou: só a FCP pode patrocinar judô	Nota	CND estabelece que enquanto não houver decisão a FCP decidirá as questões do judô na Guanabara
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.5, 14 de fev. 1963.	CND decretou: só a FCP pode patrocinar judô	Nota	CND estabelece que enquanto não houver decisão a FCP decidirá as questões do judô na Guanabara. Contém a transcrição da nota oficial do CND.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.5, 15 de fev. 1963, Segundo Caderno.	Judô	Nota	Jogos Pan-Americanos serão realizados em São Paulo. Haverá um torneio de seleção com delegações da Guanabara, São Paulo, Minas Gerais e Paraná.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.9, 17 de fev. 1963.	CND Esclarece caso do judô	Nota	CND coloca a autoridade sobre o judô Carioca na Federação Carioca de Pugilismo enquanto imbróglio não é resolvido.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.8, 20 de fev. 1963, Segunda Seção.	CND tenta conciliação para o caso do judô	Artigo	Será tentado um entendimento entre as federações Carioca e Guanabarina de Judô, para que ocorra a emancipação do judô carioca.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.2, 20 de fev. 1963, 1963.	CND promove encontro da paz: Judô	Artigo	Por proposta de Valed Perri, vice-presidente, o CND decidiu um encontro entre os presidentes das duas federações a fim de atingir uma pacificação. Mas o Parcer do conselheiro Silvio Padilha é favorável à FGJ.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.2, 1 de mar. 1963.	CND vai oficializar uma federação de judô	Artigo	O presidente do CND, João Meneses, oficializará em reunião do conselho, a Federação de Judô da Guanabara, que já tinha a seu favor o voto do conselheiro Silvio de Magalhães Padilha.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 2 de mar. 1963, Segunda Seção.	Eliminatórias de judô para o Pan amanhã em S. Paulo	Competição	Selecionados cariocas para a disputa das eliminatórias da equipe de judô para o Pan.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.8, 3 de mar. 1963, Segundo Caderno.	Judô escolhe em SP representantes do Brasil nos Pan-Americanos	Artigo	Realizadas provas de seleção dos judocas que representarão o Brasil nos Jogos Pan-Americanos, no Ginásio do Pacaembu.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.16, 10 de mar. 1963, Segundo Caderno.	Mehdi foi o melhor do judô carioca durante eliminatórias em SP	Competição	Resultado das eliminatórias para o Pan-Americano, em São Paulo.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.12, 24 de mar. 1963, Segundo Caderno.	Kastriget Mehdi lutará pelo título absoluto do judô nos Pan-americanos	Competição	Atletas escolhidos para representar o Brasil nos Jogos-Panamericanos.
Última Hora, Rio de Janeiro, p.9, 25 de mar. 1963. José Carlos Rêgo.	Mulheres praticantes de judô mantêm curvas e feminilidade	Artigo	Artigo escrito por José Carlos Rêgo em favor da prática de judô pelas mulheres. O judô é um esporte como outro qualquer..
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 26 de mar. 1963, Segunda Seção.	Adiada, novamente, pelo CND, a decisão da questão do judô	Artigo	Novamente foi adiada a solução da questão do judô carioca que tem duas federações concorrendo por seu controle. Descrição dos clubes que formam as duas federações.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.17, 22 de abr. 1963.	Conquistou o Brasil uma medalha de ouro no judô	Competição	Judô foi o primeiro a dar medalha para o judô nos Jogos Panamericanos.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p.13, 23 de abr. 1963.	No judô, a primeira de ouro do Brasil, no Pan	Competição	Informações sobre a participação do judô brasileiro no Pan-americano.
Diário do Paraná, Paraná, p.5, 23 de abr. 1963, Segundo Caderno.	Boletim do Pan-Americano (IV): <Nissei> conquistou para o Brasil a primeira medalha de ouro no torneio de judô	Competição	Resultado do judô brasileiro no Pan-americano com destaque para Lhofei Shiozawa.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 23 de abr. 1963, Segundo Caderno.	Boletim dos IV Jogos Pan-Americanos: Primeira medalha de ouro para o Brasil foi no judô: Lhojei	Competição	Resultados do judô brasileiro no Pan-Americano.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 23 de abr. 1963, Segundo Caderno.	Brasil ganhou três medalhas na estréias (uma de ouro e duas de prata)	Competição	Resultados do Brasil nos Jogos Pan-Americanos de 1963.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 24 de abr. 1963, Segunda Seção.	Gracie desafia Haroldo Brito para decidir sua divergência num ringue	Artigo	Haroldo Brito foi aluno de Helio Gracie.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 9 de mai. 1963, Segundo Caderno.	Detentores das medalhas de ouro prata e bronze dos Jogos Pan-Americanos	Competição	Resultados do judô no Pan-Americano.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.8, 15 de mai. 1963, Segundo Caderno.	Inevitável a criação de uma Federação de Judô no Estado	Artigo	Artigo do O Jornal do Rio de Janeiro aponta que seria espinha dorsal da Federação que viria a existir o departamento técnico, e indica os nomes que deveriam compor o departamento.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.11, 19 de mai. 1963, Segundo Caderno.	Reconhecimento da Federação de Judô protelado pelo CND	Artigo	Artigo sobre a demora do CND em resolver a questão de duas federações para a Guanabara.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 29 de mai. 1963, Segunda Seção. Zuleida.	Judô: O retorno de um mestre	Artigo, Coluna	Augusto Cordeiro, volta ao Flamengo após ausência devido à doença que o tirou dos tatames nos últimos anos.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, 5 de jun. 1963, p.8.	Juízes prejudicam o torneio de judo	Competição	Em torneio de 1963, a sétima rodada, organizado pelo jornal "O Globo", notou-se sérios problemas de arbitragem.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 19 de jun. 1963, Segunda Seção.	A maior assessoria da FCP: Judô	Competição	Criada a assessoria de Judô da Federação Carioca de Pugilismo. Composta de seis indivíduos selecionados, e não eleitos.
Última Hora, Paraná, p.10, 24 de jun. 1963.	Academia Kodo-Kan campeã do Interestadual de judô	Competição	Na Academia Kodo-kan em Curitiba é realizado um torneio interestadual com a participação de uma seleção de Joinville (Santa Catarina).
A Nação, Blumenau, p.5, 30 de jun. 1963.	Notícias de esporte	Nota	Em junho de 1963, é noticiado que vários praticantes de judô começaram a se organizar em Joinville para formar a Federação Catarinense de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.5, 16 de ago. 1963, Segundo Caderno.	Judô	Competição	Resultados do torneio anual da Budokan.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 23 de ago. 1963, Segundo Caderno.	CND reuniu-se em Brasília e teve promessa	Nota	CND decide apoiar a Federação Guanabarina ao invés da Federação Carioca.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.6, 23 de ago. 1963.	Ministro da educação quer que o Braisl patrocine Olimpíada	Artigo	A Federação Guanabarina foi escolhida pelo CND para dirigir o judô carioca e tem 30 dias para se regularizar.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 1 de set. 1963, Segundo Caderno.	CND reuniu-se em Brasília e teve promessa	Competição	Em sua primeira reunião em Brasília, a CND decide no final de agosto oficializar a FGJ em detrimento da FCJ.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 19 de set. 1963, Segundo Caderno.	40 assessores para o CND	Nota	Lista de assessores escolhidos pelo CND.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, 20 de set. 1963.	Eurico versari, campeão carioca de judô (1º Dan)	Competição	Campeonato Carioca de Judô, organizado pela Federação Carioca de Pugilismo Eurico versári foi o campeão no 1º Dan. No 2º Dan, venceu Valter Hourinho da Academia Haroldo Brito.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 21 de set. 1963.	Será no Teatro Nacional o 1º Campeonato de Judô	Competição	A competição foi organizada em conjunto da FMJ e da FBP.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.5, 28 de set. 1963, Segundo Caderno.	Começa hoje no Teatro Nacional o primeiro campeonato de judô	Competição	Informações sobre a realização e preparação para o primeiro campeonato brasileiro de judo.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 1 de out. 1963.	Matsuchi Campeão Absoluto do I Campeonato De Judô	Competição	O I Campeonato Brasileiro de Judô foi promovido pela Federação Brasileira de Pugilismo.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 4 de out. 1963, Segundo Caderno.	Brasília participará do Brasileiro de Judô	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro que será realizado em Brasília em 64, e a participação de Brasília em 63.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 9 de out. 1963, Segundo Caderno.	Resenha Amadorista	Competição	Resultado geral do campeonato paulista no ginásio do Pacaembu.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.6, 10 de out. 1963.	Cariocas começam a treinar hoje para o Brasileiro de Judô	Competição	Preparação da equipe carioca para o Campeonato Brasileiro.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.6, 11 de out. 1963. Marlene Campos.	A mulher e o judô	Artigo	“O judô feminino nunca será esporte-competição, pois, para competir, a prática tem de ser de maneira que não convém ao sexo frágil.”
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.10, 13 de out. 1963, Segundo Caderno.	Tomou posse a Guanabarina de judô	Nota	Com o reconhecimento do CND, tomou posse a diretoria da FGJ.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.6, 19 de out. 1963.	Judô pede filiação ao pugilismo	Nota	FGJ pediu filiação à CBP e deve ser aceita.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.12, 20 de out. 1963, Segundo Caderno.	Judô	Nota	Formação do Departamento Técnico da FGJ.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 27 de out. 1963, Quinta Seção.	Paulistas venceram o Judô: Minas	Competição	Paulistas ficaram em primeiro lugar com os Cariocas no segundo no campeonato brasileiro por equipes.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 29 de out. 1963, Segundo Caderno.	Ampla vitória dos paulistas no judô	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro de 1963.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.6, 31 de out. 1963.	Show de Shiosawa foi o máximo em BH: Judô	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.5, 1 de nov. 1963, Segundo Caderno.	Judô reage contra a exclusão dos JO	Nota	Há uma disposição da CBP para que a Confederação Brasileira de Judô possa ser criada em 1965, logo após o IV Campeonato Mundial de Judô no Rio de Janeiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.5, 3 de dez. 1963, Segundo Caderno.	Resenha Amadorista	Nota	O Congresso brasileiro de Judô em São Paulo estabeleceu o programa para graduações de faixa para adultos e jovens.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 12 de dez. 1963, Segundo Caderno.	Resenha Amadorista	Nota	O Congresso Brasileiro de Judô em São Paulo estabeleceu o programa para graduações de faixa preta.

Fonte: o autor.

Quadro A-16 - Hemeroteca palavra-chave Judo, ano 1964

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.8, 5 de jan. 1964, Segunda Seção. Zuleida.	1963, ano de bases para o judô	Artigo, Coluna	Resumo do ano de 1963 para o judô. Osvaldo Duncan foi o melhor árbitro apesar de não estar entre os mais graduados. Martins do Vale tentou fundar a Confederação de Judô. “[...]”
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.4, 21 de jan. 1964.	CND confirma pena de Kanela e estuda situação do atleta	Nota	Autorizado o funcionamento da FEMEJU, com sede em Brasília, pelo CND.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 26 de jan. 1964, Segunda Seção. Zuleida.	Judô: A Mulher como nova atração	Artigo, Coluna	Zuleida defende que os campeonatos de judô passem a ter demonstrações de Kata por mulheres na abertura dos eventos.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 28 de jan. 1964. D. A. Castro	Luvras & Quimonos	Nota	Se encontra em funcionamento a FGJ. Membros do departamento técnico: Cordeiro, Nagashima, Hermann, Vicente, Katayama, Takeshi Ueda.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.4, 8 de fev. 1964. D.A. Castro.	Luvras e Quimonos	Artigo	Existe na Guanabara três grupos de praticantes de judô. Um apoia o professor Augusto Cordeiro, o segundo apoia os professores Ogino e Nagashima, e o terceiro é neutro.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.8, 16 de fev. 1964, Segunda Seção. Zuleida	Grandes passos do judo brasileiro	Artigo	“A CBP acaba de oficializar o Regulamento para Exame e Outorga de Faixas que será distribuído às escolas de Judô no Brasil.”
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.8, 3 de mar. 1964, Segunda Seção. Zuleida	Judô: A Grande Rússia	Artigo, Coluna	Os regulamentos de exame e outorga de faixas serão levados e estudado em mesa-redonda durante o XI Campeonato Brasileiro em Brasília
Correio da Manhã, p.5, 12 de mar. 1964, Segundo Caderno.	Judô abre dia 4 o Campeonato GB	Competição	Preparação pra o Campeonato Carioca da FGJ e medidas tomadas pela Federação com relação ao judô carioca
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 2 de abr. 1964, Segundo Caderno.	Mundial no Rio de Janeiro	Nota	A FIJ informou a CBP de que a única oposição aos planos dos brasileiros em realizar o Mundial com categoria por peso vinha da Federação Japonesa
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 4 de abr. 1964.	O campeonato carioca de judo começa hoje	Nota	Informações sobre o primeiro campeonato organizado pela fundada FGJ
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 6 de abr. 1964.	Medhi venceu campeonato de faixas-pretas 4º DAN	Artigo	Resultados do Campeonato Carioca
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.5, 7 de abr. 1964, Segundo Caderno.	Faixas pretas têm 3 novos campeões	Competição	Resultados do Campeonato Carioca

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 7 de abr. 1964, Segunda Seção.	Campeonato Carioca de Judô foi vencido por Medhy, Alípio e Gomes	Competição	Resultados do Campeonato Carioca, que teve boa participação dos árbitros Takeshi Ueda, Katayama e Osvaldo Duncan.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 8 de abr. 1964. D.A. Castro.	Luvras e Quimonos	Nota	Resultados do Carioca de Judô e problemas de arbitragem. Severas críticas à arbitragem de Takeshi Ueda.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 14 de abr. 1964. D.A. Castro.	Luvras e Quimonos	Artigo	Sobre o campeonato carioca de judô.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.10, 14 de abr. 1964.	Medhli foi o campeão dos pesados: judô	Competição	Resultados do campeonato carioca de judô de 1964.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8 15 de abr. 1964, Fernando Orotavo Junior.	Judô & Judocas	Artigo	Retirada da equipe de Cordeiro do campeonato carioca de 1964.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.8, 19 de abr. 1964, Segundo Caderno.	FMJ defende um nome de Brasília para o CND	Nota	FEMEJU, sob presidência de Paulo Mont Serrat, deliberou pelo envio de um ofício ao general Eloy Meneses, presidente do CND, para que fosse incluído um desportista de Brasília no corpo de conselheiros.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 26 e 27 de abr. 1964. D.A. Castro.	Luvras e Quimonos	Artigo	Associação dos Faixas Pretas tem por norma escolher de ano a ano, um judoca e enviá-lo ao Japão. Há três anos, Goro Saito foi escolhido.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 30 de abr. 1964, Segundo Caderno.	Convocados Atletas de Judô	Nota	A Federação Metropolitana de Judô convoca os atletas selecionados para o Campeonato Brasileiro.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 1 de mai. 1964. D. A. Castro.	Luvras & Quimonos	Nota	A criação e uma federação guanabarina de judô apaziguou os ânimos, mas agora surge o problema de arbitragem. Não basta ser um bom professor ou atleta para arbitrar.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 8 de mai. 1964. D. A. Castro.	Luvras & Quimonos	Nota	Professor Naito, 9º dan, é o presidente da Associação dos Faixas-Pretas do Brasil. Terazaki, 8º dan, assumirá a presidência durante a ausência de Naito, que estará no Japão.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.8, 8 de mai. 1964, Segunda Seção.	Campeonato Paulista, com início amanhã, dirá quem vai ao brasileiro de judô	Competição	Em 1964, Lhofei Shiozawa, campeão panamericano, foi a atração máxima do campeonato paulista realizado no Pacaembu.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 9 de mai. 1964. D.A. Castro.	Luvras e Quimonos	Notas	Pedido de subvenção pela FGJ.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 12 de mai. 1964. Fernando Orotavo Júnior.	Nacional de Brasília	Artigo	Nove delegações estaduais compareceram ao Campeonato Brasileiro.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.7, 14 de mai. 1964.	10 seleções participarão do XI Brasileiro de judô	Artigo	Artigo sobre os preparativos para o Campeonato Brasileiro e os participantes.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 14 de mai. 1964, Segundo Caderno.	Resenha Amadorista: Judocas Chamados para o Brasileiro	Artigo	FGJ convoca 21 judocas para treinamento e seleção da equipe que disputará o Campeonato Brasileiro.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 21 de mai. 1964, Segundo Caderno.	XI.o Campeonato Brasileiro de Judô	Nota	Preparação para o XI Campeonato Brasileiro. Delegação de Brasília para o campeonato. Gunji Matsuuchi foi campeão universitário no Japão.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.8, 23 de mai. 1964, Segundo Caderno.	Resenha Amadorista: Brasileiro de Judô terça em Brasília	Artigo	Informações sobre o Campeonato Brasileiro de Judô em Brasília e mudanças na direção da FGJ.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 24 de mai. 1964, Segundo Caderno. Fernando Orotavo Júnior.	Judô & Judocas: Certame nacional vai contar este ano com um novo regulamento	Artigo, Coluna	Novas regras serão adotadas para o Campeonato Brasileiro em 1964.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 26 de mai. 1964, Segundo Caderno. Fernando Orotavo Júnior.	Judô & Judocas: História do Nacional começa com o “ciclo bandeirante” até 57	Artigo, Coluna	Descreve o ciclo bandeirante, de superioridade paulista entre 54 e 57 no Campeonato Brasileiro.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 28 de mai. 1964, Segundo Caderno.	Hoje as 9 horas no Teatro Nacional abertura do XI Brasileiro de Judô	Artigo	Início do Campeonato Brasileiro e principais representantes de comitativas e conselhos.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.4, 30 de mai. 1964, Segundo Caderno.	Continuam hoje as disputas pelo XI Brasileiro de judô	Competição	Informações sobre a disputa do Campeonato Brasileiro de Judô em Brasília.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.4, 2 de jun. 1964, Segundo Caderno.	Criada a Confederação Brasileira de Judô durante o XI Campeonato	Artigo	Criação da Confederação Brasileira de Judô no XI Campeonato Brasileiro de Judô..
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.4, 3 de jun. 1964, Segundo Caderno.	Paulistas Campeões do XI Campeonato de Judô	Artigo	Artigo sobre os resultados do Campeonato Brasileiro.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 3 de jun. 1964. Fernando Orotavo Júnior.	Judô e Judocas: História dos últimos quatro campeonatos e seus grandes heróis	Artigo	Artigo de Orotavo Júnior falando sobre os campeonatos brasileiros de 61, 62, 63 e 64.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 9 de jun. 1964.	Paulistas lograram o título nacional com mais folga que antes	Nota	Resultados por equipes do Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.13, 14 de jun. 1964, Segundo Caderno.	Mehdi, o maior no Brasileiro de judô.	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro de Judô.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 15 de jun. 1964. Fernando Orotavo Junior.	Judô & Judocas	Artigo	Orotavo critica a criação da Confederação Brasileira de Judô.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 16 de jun. 1964. Fernando Orotavo Junior.	Judô & Judocas	Artigo	Orotavo crítica a criação da Confederação Brasileira de Judô. A CBP age na justiça para acabar com a nova entidade.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 21 de jun. 1964, Quinta Seção. Zuleida.	Judô: Qual será o rumo?	Artigo, Coluna	Zuleida afirma que falta comando no judô brasileiro. Não é hora de fundar a CBJ.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 25 de jun. 1964. Fernando Orotavo Junior.	Judô & Judocas	Artigo	“Sensação do torneio da Budokan em SP foi a presença de Kawakami”.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 26 de jun. 1964, Segundo Caderno.	Resenha Amadorista: CBP dá nota oficial sôbre caso Kawakami	Artigo	Artigo tratando de nota da CBP sobre a ausência de Kawakami nas competições oficiais.
A Luta Democratica, Rio de Janeiro, p.8, 2 de jul. 1964.	Judo Clube Res-sei-kan irá a S. paulo	Nota	Ren-Sei-Kan vai a São Paulo para o campeonato de Judô e Kendô.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 2 de jul. 1964. Fernando Orotavo Junior.	Judô & Judocas	Nota	Visita de inspeção de Kotani e Kawamura das instalações para o mundial de 1965 que será sediado no Rio de Janeiro.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 2 de jul. 1964, Segundo Caderno.	Delegação de Jûkendô disputará em S. Paulo	Nota	Viaja para São Paulo uma delegação Brasiliense de Jûkendô para disputar o campeonato nos dias 11 e 12.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 3 de jul. 1964, Segundo Caderno.	Resenha Amadorista: Segreto quer mais Judoistas: Tóquio	Artigo	Paschoal Segretto, presidente da CBP, contesta o fato do governo brasileiro patrocinar somente um atleta aos Jogos Olímpicos, podendo acarretar problemas para o Mundial no Brasil.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 5 de jul. 1964, Quinta Seção. Zuleida.	Judô	Artigo	Academia D. Pedro II organiza o torneio de Jûkendô em São Paulo.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 8 de jul. 1964, Segundo Caderno.	Resenha Amadorista: Cariocas lutarão judô e kendô em SP	Competição	Participação dos cariocas no torneio Jûkendô em SP.
Jornal do Dia, Rio Grande do Sul, p.7, 8 de jul. 1964.	Mundial de Judô	Nota	Brasil foi aprovado para sede do Campeonato Mundial após visita de membros da FIJ ao país para conhecer as instalações.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 9 de jul. 1964. D. A. Castro	Luvras & Quimonos	Nota	Ocorrerá em SP o XV Campeonato de Judô e Kendo promovido pelo Centro Juventude Nova Brasileira.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.1 12 de jul. 1964, Segundo Caderno. Fernando Orotavo Junior.	Judô & Judocas	Artigo	Sobre a nova Confederação criada no Campeonato Brasileiro de Judô.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7 14 de jul. 1964. Fernando Orotavo Junior.	Judô & Judocas	Artigo	Coluna de Orotavo Junior falando sobre o Campeonato “Jiu-Ken” em São Paulo.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 16 de jul. 1964. Fernando Orotavo Junior.	Judô & Judocas	Artigo	O campeonato de Jûkendô foi observado pela CBP para formar a seleção brasileira que iria para Tóquio.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 16 de jul. 1964. D. A. Castro.	Luvras & Quimonos	Nota	Resultados do torneio da Nova Brasileira.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 23 de jul. 1964, Segundo Caderno.	Resenha Amadorista: Brasil viajou visando ganhar S-A de natação	Competição, Artigo	Resultados do Campeonato Jûkendô da Nova Brasileira.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p., 24 de jul. 1964.	Assessoria da FFD convoca reunião para organizar “Judô”	Nota	Em 1964 a Federação Fluminense de Desportos, reuniu as academias de judô de Niteróis, com o objetivo de organizar o judô no Estado do Rio.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.3, 26 de jul. 1964, Quinta Seção. Zuleida.	Judô	Artigo	Presente à competição da Budokan o 3º grau Francisco Castela, jornalista argentino, vindo ao Brasil para conhecer a situação do judô brasileiro.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.3, 2 de ago. 1964, Quinta Seção. Zuleida.	Judô	Artigo	Artigo falando sobre a escolha da nova presidência da FGJ. “Menos de 20 pessoas não darão conta da responsabilidade, cada uma apresentando frutos, soluções já prontas.”
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.23, 9 de ago. 1964. Rudolf Hermann.	Federação de Judô mudou dirigentes	Artigo, Coluna	Os representantes do CR Flamengo, Alair de Souza e Silva e Gilberto Menezes, substituíram o brigadeiro Oswaldo Balloussier e o major Nelson de Freitas na presidência e vice-presidência da FGJ.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 9 e 10 de ago. 1964.	Luvras e Quimonos	Nota	Nova composição da Federação Guanabarina de Judô.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.6, 16 e 17 de ago. 1964, Segundo Caderno. D. A. Castro.	Luvras e Quimonos: Campeonato Carioca Infante Juvenil	Nota	Informações sobre a nova formação da diretoria da Federação Guanabarina.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 19 de ago. 1964. D. A. Castro.	Luvras & Quimonos	Nota	Tomou posse a nova diretoria do judô.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 22 de ago. 1964. D. A. Castro	Luvras & Quimonos	Nota	Promoção de faixas de judô deverão ser comunicadas por escrito à Federação Guanabarina de Judô.
Diário do Paraná, Paraná, p.5, 29 de ago. 1964, Segundo Caderno.	Comandante Pinto Aclamado Presidente da Federação de Judô: nova mentalidade	Artigo	Em Assembléia Geral Extraordinária em Londrina foi empossada a nova diretoria da Federação Paranaense de Judô. Foi escolhido como novo presidente, Rafael de Souza Pinto, e o vice presidente, Sadao Massuko.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.6, 1 de set. 1964. D. A. Castro.	Luvras e Quimonos	Nota	Relação das escolas filiadas à FGJ.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.12, 2 de set. 1964.	Pinga Pinga	Nota	General Eloi Meneses recebeu Guilherme Barbosa e Olmar de Sousa da Federação Carioca com o objetivo de apaziguar o judô carioca.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 5 de set. 1964. D.A. Castro.	Luvras e Quimonos	Nota	Katayama é o único faixa-preta japonês que representa a Kodokan no Estado da Guanabara, mas se afastou da FGJ.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.3, 6 de set. 1964, Quinta Seção. Zuleida.	Judô: O Mundial no Brasil	Artigo	Pascoal Segreto viaja ao Japão para participar de congresso em vias de confirmar a escolha do Brasil como sede do Mundial.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Revista do Esporte, Rio de Janeiro, n.289, p.20-21, 19 de set. 1964. Herique Batista.	Vaidade enfraquece o judô brasileiro	Entrevista	Entrevista com Augusto Cordeiro sobre a estado atual do judô e a tentativa de criar a CBJ. Afirma Cordeiro que procurou o jiu-Jitsu no Japão, mas a prática já não existe mais.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.22, 22 de out. 1964.	Shiosawa perdeu na terceira	Competição	Participação de Shiozawa nos Jogos Olímpicos de Tóquio.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.22, 8 de nov. 1964.	Confirmado mundial no Rio para 1965.	Artigo	Confirmação do Mundial no RJ em 1965.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.3, 8 de nov. 1964, Quinta Seção. Zuleida	Judô: Providências para regulamenta Dojô	Artigo, Coluna	Requisitos para montar um dôjô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.3, 15 de nov. 1964, Quinta Seção. Zuleida	Judô: uma elite como diretriz	Artigo, Coluna	Críticas à desorganização e falta de profissionais especializados na Federação Guanabarina. Continuação da lista de documentos necessários para abrir um dôjô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 24 de nov. 1964, Segundo Caderno.	Confirmado mundial de judô no Rio	Artigo	Bonet-Maury presidente da comissão da FIJ confirma que o Mundial será no Rio de Janeiro.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 24 de nov. 1964.	FIJ confirma mundial de judô em 65 no Rio	Nota	Bonet-Maury, presidente da FIJ, confirmou o Campeonato Mundial no Brasil em 65.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 3 de dez. 1964, Segundo Caderno.	Judô	Nota	CBP toma providencia visando o Mundial no Rio de Janeiro. Paschoal Segretto acerta os detalhes na França.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 24 de dez. 1964, Segundo Caderno.	CBP dita normas de treinos para judocas brasileiros	Artigo	Normas estabelecidas pelo Conselho Diretor da CBP, para o preparo dos atletas brasileiros para o IV Campeonato Mundial de Judô a ser realizado no Rio de Janeiro em 1965.

Fonte: o autor.

Quadro A-17 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1965

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Almanaque dos Desportos, Rio de Janeiro, ano IX, n.25, 1o semestre 1965, p.45-49. Jorge Luiz.	Judô	Artigo	Sobre a necessidade e proposição anterior de criação da Confederação Brasileira de Judô. “Infelizmente, algumas Federações houveram por bem precipita o problema.”
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.8, 3 de jan. 1965, Segunda Seção. Zuleida.	Judô: os melhores do ano (II)	Coluna	A CBP barrou a fundação da Confederação Brasileira de Judô e, propôs entregar a administração do judô nacional a uma entidade própria após o III Campeonato Mundial de Judô no Rio de Janeiro.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 8 de jan. 1965. Fernando Orotavo Júnior.	Desligados 15 Clubes dos quadros da F.G.J.	Artigo, Coluna	Em 21 de dez. do ano anterior, a FGJ desligou 15 associações de judô do Estado que, a partir de então, precisarão se regularizar para participar das competições.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 9 de jan. 1965. Fernando Orotavo Júnior.	Judô & Judocas: Transferência possui lei nova já em vigor	Artigo, Coluna	Lei de Transferências promulgada pela Federação Guanabarina de Judô, regulando a transferência de judocas entre Agremiações.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 10 de jan. 1965, Segunda Seção. Zuleida.	Judô: Evolução no Exército	Coluna	FGJ afirma que será intransigente com relação às inscrições e filiações das entidades do judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.11, 23 de jan. 1965, Segundo Caderno.	Flu quer torneio com ajuda oficial	Artigo	Artigo sobre a distribuição da verba para o esporte. O judô recebeu 200 milhões de cruzeiros dos 1 bilhão e 200 milhões disponível. “o que não deixa de constituir um exagero.”
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 24 de jan. Segunda Seção. Zuleida.	Esquema, Ação e Gabarito	Artigo, Coluna	Críticas à Federação Guanabarina, em particular, o fato de que seus dirigentes não tem o preparo necessário, e que não divulga seus calendários.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.12, 24 de jan. 1965, Segundo Caderno.	Dia 30 o exame de faixas na Kodokan Judô	Nota	Participação de 46 atletas no exame de promoção de faixas da Kodokan Judô do Brasil no Rio de Janeiro com sede no Largo da Carioca.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.14, 29 de jan. 1965, Segundo Caderno. D.A. Castro.	Professor Naito chegou do Japão.	Artigo, Coluna	Sobre a viagem de Katsutoshi Naito ao Japão e sobre a visita de Tokuzo Terazaki ao Rio de Janeiro.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 2 de fev. 1965. Fernando Orotavo Junior.	FGJ teve a diretoria modificada para 1965	Artigo, Coluna	Reestruturação da FGJ pelo presidente Alair, dado que aqueles que costumavam participar da FGJ não podiam colaborar por razões pessoais. Assim, alguns membros se viam sobrecarregados.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.12, 4 de fev. 1965, Segundo Caderno. D. A. Castro.	Luvas e Quimonos: Escolas vão se regularizar: 65	Artigo	Artigo relatando as escolas de Judô da Guanabara que buscarão se regularizar junto à federação.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 16 de fev. 1965.	Ninguém quer fim da competição de “dan”	Artigo	Fim das competições por dan para a continuação somente das categorias por peso.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 17 de fev. 1965. Fernando Orotavo Junior.	Judô & Judocas: Fluminenses vão ter sua federação em 65	Artigo, Coluna	Fundação da Federação Fluminense de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.20, 7 de mar. 1965.	Judô	Competição	CBP cancela as competições por faixa, e mantém somente as competições por peso que serão as únicas disputadas no Mundial.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 7 de mar. 1965, Segundo Caderno. Zuleida	Judô: Flashes do Mundial	Competição	Pequenas notas sobre o Campeonato Mundial e a FIJ.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.9, 28 de abr. 1965, Segundo Caderno.	Judô	Competição	Resultados do Campeonato Paulista disputado no Pacaembu.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.9, 4 de mai. 1965, Segundo Caderno.	Resenha Amadorista: Hinata, Davi e Medhi venceram Faixa-Preta	Competição	Informações sobre os campeões cariocas na faixa-preta.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.8, 19 de mai. 1965, Segundo Caderno.	Brasília participará do II Brasileiro de Judô no Rio	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro e a delegação de Brasília.
Revista do Esporte, Rio de Janeiro, n.330, p.29, 3 de jun. 1965.	Mulher deve aprender a defender-se	Artigo	Valquíria, além de praticar judô, é professora de defesa pessoal da academia de Guarilha.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.8, 11 de jun. 1965, Segundo Caderno.	Judô apresenta novos campeões	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro de Judô.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 11 de jun. 1965. Fernando Orotavo Junior.	Judô & Judocas: Fundação da CBJ será decidida hoje na CBP.	Artigo, Colunista	Orotavo Jr. Comenta o modo como será criada a CBJ, e coloca suas opiniões sobre as questões de fundo.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 11 de jun. 1965, Segundo Caderno.	Começa hoje no Montanha certame nacional de judô	Nota	Organização do Campeonato Brasileiro pela CBP, e escolha da arbitragem.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 15 de jun. 1965.	Detalhes do Certame Brasileiro de Judô	Competição, Artigo	Resultados do Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.11, 15 de jun. 1965, Segundo Caderno.	Resenha Amadorista: Paulistas campeões brasileiros de judô	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 29 de jun. 1965, Segundo Caderno.	Judô	Nota	Convocação feita pela Comissão Técnica da CBP para o treinamento que servirá para a seleção dos atletas do Mundial.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 9 de jul. 1965.	FFD confirma apoio que deu antecipadamente para a fundação da FFJ	Artigo	FFD apoia a oficialização da FFJ.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 17 de jul. 1965.	Devidamente constituída nova administração da FFJ, para legalização	Artigo	Constituição da FFJ. Presidente: Edu Francisco Magdalena. Diretor Técnico: Yoshimasa Nagashima.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 1 de ago. 1965, Segundo Caderno.	Federação Fluminense de Judô pretende iniciar atividades calendário oficial aprovado	Artigo	Edu Francisco Magdalena busca a oficialização da Federação Fluminense de Judô, com a necessária homologação do estatuto pelo CND.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 5 de ago. 1965.	Público prestigiou lutas no ginásio do Gragoatá entre vários judocas	Artigo	A Federação Fluminense de Judô iniciou as atividades, de maneira ainda não oficial, realizando competições no Estado do Rio.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 6 de ago. 1965, Segundo Caderno.	69 países no Mundial de Judô na Guanabara	Competição	Informações sobre a realização do Campeonato Mundial no Brasil.
Diário da Tarde, p.5, Pará, 7 de ago. 1965.	Assuntos Gerais	Nota	O CRD autorizou a Federação de Desportos Paraense a orientar as competições de judô por não haver uma entidade especializada.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 13 de ago. 1965.	FFJ encaminhou estatuto ao CRD para aprovação	Artigo	Edu Francisco Magdalena encaminhou o estatuto da FFJ ao CRD para a homologação pelo CND.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 25 de ago. 1965.	Confederação de Pugilismo contra F.F.J.	Nota	Paschoal Segreto, presidente da CBP, oficiou à Federação Fluminense de Desportos, exigindo providências contra a FFJ.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.20, 5 de set. 1965. Rudolf Hermann.	Torneio em SP após mundial foi cancelado	Artigo	Cancelado o torneio amistoso pós-mundial que tradicionalmente é disputado após o campeonato, e que seria em São Paulo. A Superintendência do IV Centenário ameaçou cortar a subvenção do Mundial caso houvesse o torneio em SP.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.10, 17 de set. 1965, Segundo Caderno.	No IPEG todos os Congressos do C. Mundial de Judô	Nota	Informações sobre os Congressos que ocorreram durante o Campeonato Mundial.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 19 de set. 1965.	Levanta-se o judô fluminense e por sua animação trabalha a diretoria da FFJ	Artigo	Desenvolvimento da recém-fundada FFJ.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.3, 19 e 20 de set. 1965.	Serão feitos no IPEG congressos do judo	Nota	Organização de congresso durante o Campeonato Mundial.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 21 de set. 1965.	Brasil já tem equipe para o Mundial de Judô	Competição	Equipe brasileira para o Campeonato Mundial de Judô.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 25 de set. 1965.	Mundial de Judô terá 130 atletas	Competição	Informações gerais sobre a realização do Campeonato Mundial de Judô
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 25 de set. 1965, Segundo Caderno.	Resenha Amadorista: Atletas em ação no troféu Brasil hoje em São Paulo	Competição	Informações sobre o mundial e a delegação escolhida para representar o Brasil na competição.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.8, 28 de set. 1965, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	Judô: 110 atletas inscritos no Mundial deste ano	Competição, Artigo	Informações sobre o Mundial de Judô. Inclui a lista de atletas inscritos.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.5, 28 de set. 1965, Segundo Caderno.	Casemiro foi o grande campeão do certame brasileiro de judô	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro de Judô.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 5 de out. 1965.	Juízes de Judô chegam amanhã	Nota	Chegam na quarta-feira os juizes para o IV Campeonato Mundial de Judô.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.11, 6 de out. 1965.	Judô internacional virá com 43 países	Competição	Informações gerais sobre o Campeonato Mundial.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.12, 6 de out. 1965.	Mundial de judô bate recorde	Competição	Informações sobre o Mundial no Brasil, que bateu o recorde de inscrições em mundiais.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 7 de out. 1965.	Judô alemão e francês está no Rio	Competição	Informações sobre a chegada das delegações internacionais para o mundial no Rio de Janeiro.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.11, 8 de out. 1965.	Mundial de Judô vai ter aulas de ciência	Competição	Informações sobre o Mundial de Judô. Simpósios científicos de Medicina Esportiva organizado pela ENEF e Sociedade de Medicina de Ed. Física do RJ. Patrocinado pela CBP, reunindo médicos e técnicos.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 8 de out. 1965, Segundo Caderno.	Simpósio de medicina esportiva junto com IV Mundial de Judô	Competição	Simpósios e Congressos realizados durante o Campeonato Mundial e o preço dos ingressos.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 9 de out. 1965, Segundo Caderno.	Judocas campeões recebem prêmios	Competição	Entrega de troféus aos vencedores do Campeonato de Brasília.
Diário de Natal, Rio Grande do Norte, p.3, 9 de out. 1965.	Mundial de Judô começa dia 14 na Guanabara	Competição	Informações sobre o Campeonato Mundial de Judô
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.7, 10 de out. 1965, Segundo Caderno.	Aniz Badra protesta contra a Confederação de Judô na GB	Artigo	Articulação ocorre para que a sede, após a fundação da CBJ, seja na Guanabara. Proposição é contestada.
Diário da Tarde, Paraná, p.5, 13 de out. 1965.	Federação Paranaense de judô homologou calendário para 65	Nota	Eleita a diretoria da Federação Paranaense, bem como a diretoria técnica. Foi decidido, também, o calendário para o ano seguinte.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.9, 14 de out. 1965.	Ases do Judo começam hoje disputa mundial	Artigo	Informações sobre as delegações participantes do Campeonato Mundial no Rio de Janeiro
Diário do Paraná, Paraná, p.11, 14 de out. 1965.	Automobilismo já tem Federação com Alvará do C.R.D.	Nota	Federação Paranaense de Judô recebeu alvará de funcionamento do CRD.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 15 de out. 1965.	Mundial de Judô: Falta de "Dojô" adiou cerimônia de abertura	Competição	Problemas de organização para a realização do Campeonato Mundial
A Tribuna, Santos, p.12, 16 de out. 1965.	Judô: campeonato mundial	Competição	Informações sobre o Campeonato Mundial de Judô e o desempenho de Geesink
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 17 e 18 de out. 1965.	Surgirá hoje o novo campeão absoluto	Nota	Informações sobre os últimos dias do Campeonato Mundial. Informações sobre os congressos e simpósios durante o Mundial.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.9, 19 de out. 1965.	Absolutismo de Inokuma encerrou festa do judô	Competição	Encerramento do Campeonato Mundial

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.14, 19 de out. 1965.	Judô Terminou sem o duelo esperado entre Geesnik e Ynokuma	Competição	O Campeonato Mundial de 1965 no Rio de Janeiro ocorreu no Maracanãzinho, na categoria de leves, venceu Masuda, Geesink da Holanda venceu os pesados, e Isao Inokuma o absoluto. Foi um dos mais desorganizados campeonatos esportivos de expressão internacional realizados no Rio de Janeiro.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.5, 7 de nov. 1965, Terceiro Caderno.	Grande movimentação no judô com ótimas previsões da FFJ cujo processo já tem relator	Artigo	Em novembro, Tokio-Mao ingressou na FFJ, e passou a exercer a função de auxiliar no Departamento Técnico com Nagashima. No mesmo período, a CBP, na figura de Paschoal Segreto Sobrinho, seu presidente, designou um relator para o pedido de filiação da FFJ.
Diário do Paraná, Paraná, p.5, 13 de nov. 1965, Segundo Caderno.	Judô tem Certame Estadual Amanhã com Seis Cidades	Nota	Realização do II Campeonato Paranaense.
Diário do Paraná, Paraná, p.9, 14 de nov. 1965, Segundo Caderno.	Estadual de Judô é hoje na Thalia	Competição	Realização do III Campeonato Paranaense pela Federação Paranaense de Judô.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 18 de nov. 1965.	Presidente do CND pretende a união do judô carioca no encontro que promove a 29	Artigo	Presidente do CND, Elói Meneses, pretende reunir os judô-clubes cariocas para buscar união.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.17, 20 de nov. 1965.	Presidente da Federação de Judô deixa cargo assim que Conselho aprovar as contas	Artigo	Gilberto Pereira Meneses está preparado para sair da presidência da Federação de Judo do Rio e aponta as irregularidades.
Diário da Tarde, Paraná, p.5, 20 de nov. 1965.	Muito bons os resultados de certame Paranaense de judô	Competição	Resultados do Campeonato Paranaense.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.12, 30 de nov. 1965.	Môça tem defesa pessoal	Artigo	Professor Fernando Martins diplomou dezenas de mulheres policiais que atuam no Rio. O curso especial da polícia feminina tem duração máxima de seis meses.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p.11, 2 de dez. 1965. A.C. Burlamaqui.	Coluna de judô: Reunião no CND	Nota	Reunião com os judocas do Rio de Janeiro.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 8 de dez. 1965.	Deliberações e movimentação da Federação Fluminense de Judô, Desenvolvendo esporte oriental	Artigo	Organização da FFJ, aprovação de regulamento, e demais procedimentos.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.17, 9 de dez. 1965. Joao Areosa.	Academia Brito pensa agora em técnico campeão mundial	Artigo	Artigo sobre a academia de Haroldo Brito, contando um pouco de sua história.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.6, 12 de dez. 1965, Segundo Caderno.	Notícias completas das iniciativas da Federação Fluminense de Judô, novel entidade esportiva do Estado	Artigo	Cronologia da oficialização da Federação Fluminense de Judô em 1965.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.17, 16 de dez. 1965.	Presidente que sai crê no judô	Artigo	Reunião extraordinária do CND para a escolha da nova diretoria da Federação de Judô da Cidade.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.17, 22 de dez. 1965.	Judô unido: Principal meta do novo presidente da Federação é unir o judô carioca	Artigo	Toma posse o novo presidente da FGJ, João Cesarino.

Fonte: o autor.

Quadro A-18 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1966

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.17, 4 de jan. 1966.	Judô carioca terá reunião extraordinária dia 14 para empossar a nova diretoria	Nota	Diretoria eleita da Federação Guanabarina, president eleito João Cesarino.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 19 de jan. 1966.	I Campeonato Fluminense de Judô promovido pela FFJ, será realizado em Niterói, na quadra do I.P.C.	Competição	Anúncio do primeiro Campeonato Fluminense organizado pela Federação Fluminense, presidida por Edu Francisco Magdalena. Contará com arbitragem, entre outros, de Tokuzo Terazaki, Yoshimasa Nagashima e Tokio Mao.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 21 de jan. 1966.	CBP quer realizar o latino de judô	Artigo	CBP planeja realizar o I Campeonato Mundial Latino com participação de Itália, Bélgica, França, Portugal, Espanha e países Latino-Americanos. A CBP planeja enviar Hermannny para Pernambuco a fim de difundir o judô no Estado. A CBP concedeu filiação à Federação Fluminense de Judô.
Jornal do Comercio, Rio de Janeiro, p.7, 23 de jan. 1966, Segundo Caderno.	Noticiário da C.B.P.	Nota	CBP envia Hermannny a Recife para promover a melhor difusão do Judô em Pernambuco.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.29, 6 de fev. 1966.	Judô do Flamengo está em perigo de extinção caso a diretoria não libere verba.	Artigo	O judô do Flamengo enfrenta possibilidade de extinção dado que não há verba, e os tatames da FGJ, que tinha como sede provisória o clube, foram removidos com a mudança de sede. O Flamengo planeja um campeonato feminino de judô.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.19, 11 de fev. 1966.	Hermannny ensinou judô no Recife	Nota	Rudolf Hermannny realizou palestras sobre judô em Recife, sob patrocínio da CBP.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 5 de mar. 1966.	Judô muda anuidade e recebe mais filiados	Artigo	Associação de novos clubes filiados, discussão de anuidade. Proposição do Flamengo de que fosse instituído um campeonato carioca infanto-juvenil feminino, o que foi contestado por Rudolf Hermannny, no que os presentes resolveram não considerar a proposta do Flamengo.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 31 de mar. 1966, Segundo Caderno.	Hélio Medeiros é o novo presidente da Federação Metropolitana de Judô	Artigo	Informações sobre a composição eleita para a FEMEJU e a execução do XI Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 1 de abr. 1966, Segundo Caderno.	Conclusão do relatório divulgado pela FEMEJU	Artigo	Relatório da Federação metropolitana de Judô sobre o estado de coisas regional e nacional, em termos de organização do judô brasileiro.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.17, 1 de abr. 1966.	Judô continua domingo com os faixas pretas	Competição, Artigo	Artigo tratando da realização do Campeonato Carioca para o torneio de Faixas Pretas onde se enfrentarão os principais candidatos a participar do Campeonato Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.25, 3 de abr. 1966.	Campeonato Carioca de Faixas Pretas é hoje	Competição	Torneio de Faixas Pretas da Guanabara.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.12, 3 de abr. 1966, Segundo Caderno.	Pugilismo	Nota	CBP dá cumprimento a determinação do CND devolvendo as adaptações necessárias ao estatuto da Federação Paranaense de Judô para efetivar sua filiação.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.17, 5 de abr. 1966.	Hermann vence nos pretas e continua líder	Competição, Artigo	Resultados do torneio de faixas-pretas do Campeonato Carioca.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.18, 8 de abr. 1966, Segundo Caderno.	JUDÔ	Nota	A CBP deu cumprimento à decisão do CND e informou à Federação Cearense de Judô as adaptações necessárias ao seu estatuto para efetivar sua filiação.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 20 de abr. 1966.	Judô carioca selecionou seus representantes para o Campeonato Brasileiro	Artigo	Informação sobre os atletas selecionados para representar a Guanabara no Campeonato Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 5 de mai. 1966.	Judô marcou data para escolher sua seleção	Artigo	Marcada a eliminatória para escolha dos cariocas que participarão do Campeonato Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.26, 5 de mai. 1966.	Brasília treina equipe de judô	Nota	Delegação brasileira selecionada para o Campeonato Brasileiro.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.5, 12 de mai. 1966, Segundo Caderno.	Campeonato de judo será no próximo domingo	Nota	Preparativos para a realização do Campeonato de Brasília.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 12 de mai. 1966.	Será a 15 de junho o Brasileiro de Judô	Artigo	Informações sobre a troca de local de execução do Campeonato Brasileiro de São Paulo para Minas Gerais.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 12 de mai. 1966.	Hinata acha Minas sem chance	Competição, Artigo	Informações e resultados do Campeonato Mineiro de Judô.
A Tribuna, Santos, p.13, 14 de mai. 1966.	Judô	Nota	Composição da nova diretoria da LSJ. Presidente Raymon Garcia Wilson. Vice: Humberto Hirano.
A Tribuna, Santos, p.12, 15 de mai. 1966.	Judô	Nota	Entregues certificados autorizando administrar aulas para professores associados à Liga de Santos.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 19 de mai. 1966, Segundo Caderno.	Convocados os judocas brasileiros para o brasileiro de Minas	Nota	Delegação de Brasília que irá participar do Campeonato Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 19 de mai. 1966.	Minas divulgou a lista dos convocados para o XII Brasileiro de Judô	Artigo	Informações sobre a seleção mineira em vias de participar do Campeonato Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 20 de mai. 1966.	Judô de Brasília escolheu seus faixas pretas para o XIII Campeonato Brasileiro	Artigo	Informações sobre a seleção de atletas de Brasília para o Campeonato Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 21 de mai. 1966.	Judô já escolheu equipes e delegação para o Brasileiro	Artigo	Situação de seleção dos cariocas para o Campeonato Brasileiro de Judô e apresentação da forma de seleção.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 25 de mai. 1966, Segundo Caderno.	Brasília em preparativos para o Brasileiro de judô	Artigo	Treinamento da equipe de Brasília visando o Campeonato Brasileiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.9, 27 de mai. 1966, Segundo Caderno.	Resenha amadorista	Nota	A CBP resolveu instituir o troféu Tatsuo Okochi, reconhecendo os relevantes serviços prestados.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 31 de mai. 1966.	Judô encerrou-se domingo com surpresas e decepções	Competição	Resultados do XI Campeonato Paulista de Judô.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.2, 4 de jun. 1966.	CBP Adotará Normas Para Seus Judocas	Nota	Instituído o troféu Okochi. CBP formará conselho técnico para o judô.
A Tribuna, Santos, p.10, 5 de jun. 1966, Segundo Caderno.	Judô	Nota	Reunião da LSJ com entrega de certificados de professores à faixas pretas pela LSJ e FPJ.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.26, 12 de jun. 1966.	Apenas Paraná e Goiás não confirmaram ainda sua ida ao XIII Brasileiro de Judô	Artigo	CBP ainda não recebeu confirmação de Paraná e Goiás com relação à participação no Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 8 de jun. 1966.	Judô não irá ao Brasileiro se alojamento fôr quartel	Competição, Artigo	Questões relativas à preparação e planejamento do Campeonato Brasileiro
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.10, 9 de jun. 1966.	Brasileiro de judô já tem 7 inscritos	Competição	Informações gerais sobre as delegações em vias de participar do Campeonato Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 15 de jun. 1966.	Cariocas viajam hoje para Minas em busca do título do XIII Brasileiro de Judô	Competição	Informações gerais sobre o Campeonato Brasileiro.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 16 de jun. 1966.	Cariocas já estão em Minas para disputa do Brasileiro de Judô que começa amanhã	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro em Minas Gerais.
Diário do Paraná, Paraná, p.6, 16 de jun. 1966, Segundo Caderno.	Silêncio do Paraná desagrada a C.B.P.: Brasileiro de Judô	Artigo	A CBP, para o Campeonato Brasileiro de 1966 não recebeu a confirmação do Paraná e de Goiás até próximo do campeonato. Paschoal Segreto informou que havia enviado várias comunicações a Germano Baer, presidente da Federação Desportiva Paranaense, sem receber resposta.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.6, 16 de jun. 1966.	Brasileiro de Judô começa hoje em Minas	Competição	Participação de 200 atletas, e delegações de Minas Gerais, São Paulo, Guanabara, Estado do Rio, Brasília, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Ceará, Bahia, Goiás e Santa Catarina.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 17 de jun. 1966.	Brasileiro de Judô começa com lutas de faixas-pretas	Competição	Informações sobre os atletas participantes do Brasileiro de judô e as lutas do primeiro dia.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 19 de jun. 1966, Segundo Caderno.	Judô	Nota	Seleção de arbitros para o XIII Campeonato Brasileiro, e delegações participantes.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 21 de jun. 1966.	Juízes prejudicam cariocas no Brasileiro de Judô que termina com tetra paulista.	Artigo	Informações sobre os resultados do Campeonato Brasileiro em 1966.
A Tribuna, Santos, p.17, 23 de jun. 1966.	Judô	Nota	Liga Santista espera o visto da Associação dos Faixas-Pretas para entregar os diplomas de professores.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.4, 25 de jun. 1966.	Judô fluminense foi sexto colocado no certame brasileiro realizado em Minas	Competição	Resultado da Federação Fluminense em sua primeira participação após instituída no Campeonato Brasileiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.11, 25 de jun. 1966, Segundo Caderno.	Judô	Nota	A CBP concedeu filiação à FMJ, com sede em Brasília, que passou a dirigir o judô no Distrito Federal.
Diário do Paraná, Paraná, p.6, 30 de jun. 1966, Segundo Caderno.	Paraná ficou em sexto lugar no Brasileiro de Judô	Nota	Resultados do XIII Campeonato Brasileiro realizado em Belo Horizonte.
A Cigarra, São Paulo, n.8, p.8, ago. 1966.	Quando as aparências enganam	Artigo	Longa matéria sobre Valquíria de Figueiredo Nunes. Contas que é faixa-preta de judô e lutadora.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 5 de ago. 1966.	Confederação aceitou a retratação de Yamamoto sobre críticas ao judô	Artigo	O TJD da CBP pediu retratação de Soshiro Yamamoto por artigo publicado na revista da Kodokan sobre o mundial no Rio de Janeiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 9 de set. 1966.	Vicente protesta contra a entrevista de Ito e diz que japoneses desunem judô	Artigo	Vicente Leitão da Rocha critica Katayama, membro da Kodokan, que vive e ensina judô no Rio de Janeiro. E outros como Yamamoto, Kihara, e a rixa entra Kodokan e Budokan.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.4, 27 de set. 1966, Segundo Caderno.	Judô: Curso de Nage-no-kata	Nota	A Associação de Faixas-Pretas da Guanabarta, realizou um curso de Nage-no-Kata com orientação técnica de Y. Nagashima e Tokio Mao.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.4, 29 de set. 1966, Segundo Caderno.	Judô: Curso de Nage-no-kata	Nota	A Associação de Faixas-Pretas da Guanabarta, realiza um curso de Nage-no-Kata com orientação técnica de Y. Nagashima e Tokio Mao.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.8, 1 de out. 1966, Segunda Seção.	Judô	Anúncio	Anúncio do primeiro curso de Nage-no-Kata organizado pela Associação dos Faixas-Pretas da Guanabara.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 1 de out. 1966.	Judô prossegue amanhã no Municipal com torneio por equipes de faixas pretas	Competição, Artigo	Aritog sobre o Campeonato Carioca de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.6, 5 de out. 1966, Segunda Seção.	Judô	Anúncio	Anúncio do primeiro curso de Nage-no-Kata organizado pela Associação dos Faixas-Pretas da Guanabara.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.6, 14 de out. 1966, Segunda Seção.	Judô	Anúncio	Anúncio do primeiro curso de Nage-no-Kata organizado pela Associação dos Faixas-Pretas da Guanabara.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.27, 16 de out. 1966.	Associação fiscalizará judô carioca	Nota	A Federação Guanabarina apoiou a pretensão da Associação dos Faixas-Pretas da Guanabara, em 1966, de fiscalizar o judô da cidade.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 28 de out. 1966.	Federação não concorda com desejo da Associação dos F. Pretas de examinar judô	Artigo	A Diretoria FGJ resolveu não concordar com a pretensão da AFGP, de se responsabilizar pelos exames e outorga de faixas e graus. Osvaldo Duncan, foi uma das pessoas contra a proposta..
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 5 de nov. 1966.	Faixas-pretas reiniciam o judô com Hermann e Mehdi sendo as grandes atrações	Nota	Continuação do Campeonato Carioca de 1966.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.14, 21 de nov. 1966.	Mehdi é absoluto no judô	Competição	Resultados do Campeonato Carioca entre os adultos na Faixa Preta.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 22 de nov. 1966.	Mehdi venceu Artilheiro e ficou com o título absoluto de judô	Competição	Resultados do último torneio que compôs o Campeonato Carioca de Judô de 1966.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 10 de dez. 1966, Segundo Caderno.	FEMEJU convocou judocas para jogos Pan-Americanos	Nota	Convocação de atletas para representar Brasília na escolha de atletas para o Pan. Informações sobre intenções de construção de sede da FEMEJU.

Fonte: o autor.

Quadro A-19 - Hemeroteca palavra-chave judô, 1967

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 18 de jan. 1967.	Jorge Luís diz ao Comitê que judo brasileiro pode ir aos V Pan-Americanos	Nota	Informações sobre o relatório da CBP apresentado ao Comitê Olímpico Brasileiro sobre as possibilidades do judo brasileiro para o Pan-americano.
Manchete, Rio de Janeiro, n.770, Ano 15, p.90, 21 de jan. 1967. Ricardo Gontijo.	Elas dão o golpe	Artigo	Artigo falando sobre os benefícios do judô para as mulheres, com informações sobre a prática feminina no Rio de Janeiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.3, 22 de jan. 1967, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	Judô: Judoístas de olho no Pan-Americano	Artigo	Artigo de Hermann falando sobre as possibilidades e interesse do judo brasileiro nos Jogos Pan-americanos.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 27 de jan. 1967.	Judô tem reformas com Major Orlando	Artigo	Na reunião da FGJ, o Major Orlando Duarte Machado, Diretor de Relações Públicas, foi indicado para junto com Osvaldo Duncan, do Departamento Técnico, estabelecer o calendário, promover um curso de arbitragem e reformular as regras dos campeonatos estaduais.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 3 de fev. 1967.	Torneio eliminatório para escolher seleção de judô poderá realizar-se no Rio	Competição	Decisões relativas à escolha do local para sediar as eliminatórias que decidiram os atletas para as competições internacionais.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.5, 12 de fev. 1967, Segundo Caderno. Rudolf Hermann.	JUDÔ: Fenômeno Mehdi no judô brasileiro	Artigo	Biografia da história de George Medhi.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 16 de mar. 1967.	Competição de judô pelos Jogos Pan-Americanos é de 31 de julho a 2 de agosto	Nota	Matéria anunciando o convite do comitê executivo dos Jogos Panamericanos, e movimentos dos diretores das federações regionais no início do ano.
A Tribuna, Santos, p.11, 26 de mar. 1967, Segundo Caderno.	Kodocan do Litoral: torneio de judô promovido pela CME.	Nota	Comissão Municipal de Esportes realizará dia 2 de abril, às 14 horas, na sede do Tumiaru, o II Torneio da Kodocan do Litoral.”
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.19, 4 de abr. 1967.	Ren-Sei-Kan e Naval vencem torneio de faixas-verdes que durou mais de 6 horas	Artigo	“A Confederação Brasileira de Pugilismo, por intermédio do seu Departamento Especial de Judô, resolveu homologar a decisão da Federação Guanabarina de Judô, que desfilou a Associação Kodokan do Brasil.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 6 de abr. 1967.	Departamento de Judô da CBP criado	Artigo	O departamento especial de judô da CBP, dirigido por Jorge Luis de Sousa e Silva, criou o Registro Geral dos Faixas-Pretas de Judô no Brasil.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.19, 11 de abr. 1967.	Judô escolheu seleção-base para disputar V Mundial e VIII Jogos Pan-Americanos	Competição	Resultados das eliminatórias de escolha da representação brasileira para os torneios internacionais. Os representantes de Brasília apresentaram o melhor nível técnico.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 16 de abr. 1967, Terceiro Caderno.	Judô tem tudo para brilhar em Winnipeg	Competição	Expectativa para a representação brasileiro nos Jogos Panamericanos.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 11 de mai. 1967.	Livro de judô vai ensinar desde a parte técnica até como se dobrar o quimono	Artigo	O Major Vicente organizou e dirigiu os campeonatos brasileiros de 1961, 62, 63 e 64; o IV Mundial de Judô; organizou, juntamente com o professor Rudolf Hermann, o programa oficial de exame e outorga de faixas.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 21 de mai. 1967, Quinto Caderno. Rudolf Hermann.	Judô: Judoístas têm em SP seleção final	Artigo	Sumiyuki Kotani, Charles Palmer e Augusto Cordeiro supervisionarão clínica de arbitragem promovida pela União Panamericana durante os Jogos Panamericanos.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.30, 28 de mai. 1967.	Eliminatórias de hoje e amanhã escolhem equipe de judô para Pan-Americano	Competição	Informações gerais sobre as eliminatórias para seleção de atletas para as competições internacionais.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.9, 30 de mai. 1967, Segundo Caderno. Rudolf Hermann	Judô tem bom índice em S. Paulo	Competição	Informações sobre a competição eliminatória para selecionar os judocas brasileiros que participaram dos Jogos Panamericanos e do Mundial nos Estados Unidos.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.1, 31 de mai. 1967.	Judô de Brasília quebra hegemonia do Rio e S. Paulo	Competição	Resultados das eliminatórias para a seleção de atletas para o Pan-americano. Bom resultado para Brasília.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.7, 11 de jun. 1967.	Judocas que vão ao Mundial ficarão concentrados no DF	Competição	Informações sobre a delegação para o Pan-americano de Winnipeg.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 18 de jun. 1967, Terceiro Caderno. Lirton Monassa.	Karatê: Princípios fazem esporte eficiente	Artigo	Em seção da FCP, foi cassado o registro de filiação da Associação Kodokan do Brasil, presidida por Milton de Oliveira, que já havia sido excluída da federação de judô.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 7 de jul. 1967, Segundo Caderno.	Seleção brasileira de judô parte com 4 brasilienses	Competição	Informações sobre a delegação brasileira para os Jogos Panamericanos.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 18 de jul. 1967.	Judô da Guanabara vence com H. Brito.	Artigo	“Numa vitória para o judô carioca, a Academia Haroldo Brito conquistou o título máximo de equipes faixas pretas do campeonato Ju-Kendô, realizado sábado e domingo passados, no ginásio do Pacaembu, em São Paulo”.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.6, 26 de jul. 1967, Segundo Caderno.	Shiozawa pode conseguir medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos em Winnipeg	Competição	Participação brasileira nos Jogos Pan-americanos.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.11, 28 de jul. 1967.	Atenção Faixas-Pretas da Guanabara	Nota	II Curso de Nage no Kata da AFPGB na sede da Ass. Nipon de Judô.
A Tribuna, Santos, p.1, 1 de ago. 1967.	Medalhas do Brasil	Competição	Participação do Brasil no V Jogos Pan-Americanos.
A Tribuna, Santos, p.2, 1 de ago. 1967, Segundo Caderno.	Koch e Ono: mais duas medalhas de ouro	Competição	Participação do Brasil no V Jogos Pan-Americanos.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.1, 1 de ago. 1967.	Brasil ganha medalhas em tênis e judô	Competição	Resultados dos Jogos Pan-americanos.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 2 de ago. 1967.	Decisão injusta tira título de Shiozawa	Competição	Resultados dos brasileiros nos Jogos Olímpicos. Críticas às decisões de arbitragem na luta de Shiozawa.
Diário do Paraná, Paraná, p.5, 2 de ago. 1967, Segundo Caderno.	Judô dá mais ouro para o Brasil	Competição	Resultado do judô brasileiro nos Jogos Pan-americanos.
Cidade de Santos, Santos, p.9, 2 de ago. 1967.	Ono 1.o judoca entre os penas: 5.a de ouro	Competição	Resultados do judô brasileiro nos Jogos Panamericanos de Winnipeg.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.10, 2 de ago. 1967, Segundo Caderno.	Judô conquista outra medalha para o Brasil	Competição	Resultados do judô brasileiro nos Jogos Panamericanos de Winnipeg.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 2 de ago. 1967.	Judô dos médios dá prata para Shiozawa	Competição	Resultados dos Jogos Pan-Americanos em Winnipeg no Canadá.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 3 de ago. 1967.	Judô faz outro campeão com Takeshi Miura	Competição	Resultados do Pan-americano.
A Tribuna, Santos, p.1, 3 de ago. 1967, Segundo Caderno.	Esgrima e judô, as novas medalhas de ouro: Brasil	Competição	Participação do Brasil no V Jogos Pan-Americanos.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 3 de ago. 1967.	Miura ganha a sétima medalha de ouro do Brasil	Competição	Resultados dos Jogos Pan-Americanos para o judô brasileiro.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.1, 3 de ago. 1967.	Atleta do DF traz medalha de ouro: judô	Competição	Resultados do judô nos Jogos Panamericanos.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.14, 3 de ago. 1967.	Judô deu 7ª medalha de ouro ao Brasil no Pan	Competição	Resultado do judô nos Jogos Pan-americanos.
Cidade de Santos, Santos, p.9, 4 de ago. 1967.	Brasil já tem 9 e vai para a decima de ouro	Competição	Participação do Brasil no V Jogos Pan-Americanos.
Correio da Manhã, p.13, 5 de ago. 1967, Segundo Caderno.	Judô dá medalha de bronze ao Brasil	Competição	Participação do judô do Brasil no V Jogos Pan-Americanos.
Diário do Paraná, Paraná, p.5, 5 de ago. 1967, Segundo Caderno.	Judô com quatro medalhas	Competição	Participação do judô brasileiro nos Jogos Pan-americanos.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 5 de ago. 1967.	Miura teve problemas com as novas regras do judô	Competição	Resultados do Pan-americano.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.10, 5 de ago. 1967.	JUDÔ: Faixas-Pretas iniciam dia 5 o II curso de Nage no Kata	Nota	Realização do II curso de Nage-no-Kata organizado pela Associação dos Faixas Pretas da Guanabara na sede da Associação Nipon de Judo, orientado por Yoshimasa Nagashima, 8º Dan e seu assistente J. de Almeida, 3º Dan.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.8, 6 de ago. 1967, Segundo Caderno.	Judocas brasileiros acham que arbitragens prejudicaram a equipe	Competição	Reclamações da delegação brasileira quanto à arbitragem nos Jogos Panamericanos.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.12, 8 de ago. 1967, Segundo Caderno.	Delegação do Pan regressa amanhã	Competição	Resultado dos atletas brasileiros no Pan e retorno ao país.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 8 de ago. 1967.	Vinte países iniciam amanhã nos EUA o V mundial de judô	Competição	Informações gerais sobre o Mundial de judô em Salt Lake City.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.11, 8 de ago. 1967.	VII Torneio Associação dos Faixas Pretas	Nota	VII Torneio Associação dos Faixas Pretas, realizado no Dôjô da sede da Associação Nipon de Judô.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.14, 9 de ago. 1967.	Brasileiros que brilharam no Pan chegarão pela manhã	Competição	Informações sobre os resultados do Brasil no Pan-americano.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.19, 9 de ago. 1967.	Mundial de Judô começa hoje com pesos pesados	Competição	Informações sobre o Mundial de judo.
Alto Madeira, Rondônia, p.6, 10 de ago. 1967.	Judô do Brasil brilhou no Pan.	Artigo	As medalhas do Brasil no Pan-Americano de 1967 vieram através de Takeshi Miura, Akira Ono, Shiozawa.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.11, 12 de ago. 1967, Segundo Caderno.	Juízes no Pan prejudicaram judô nacional	Competição	Informações sobre a participação brasileira e a arbitragem no judô dos Jogos Pan-americanos.
Diário da Tarde, Paraná, p.3, 12 de ago. 1967.	Brasileiros eliminados do Certame Mundial de Judô	Competição	Resultado dos atletas brasileiros no Mundial dos Estados Unidos.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.2, 12 de ago. 1967.	L. Shiozawa perde na 3ª. Do mundo	Competição	Resultados no Mundial.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 13 de ago. 1967.	Brasil mostrou a força do judo	Competição	Descrição da performance dos atletas brasileiros nos Jogos em Winnipeg.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.14, 15 de ago. 1967.	Judô trouxe 4 medalhas	Competição	Resultado do Pan-Americano.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 15 de ago. 1967.	Judô chegou ontem dizendo que arbitragem foi falha no Mundial e Pan-Americano	Competição	Críticas da representação brasileira à arbitragem dos certames internacionais.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 15 de ago. 1967.	Judocas voltaram com medalhas e conselho	Competição	Regressaram os atletas brasileiros após o Mundial. Avaliação da participação e a necessidade de pensar no treinamento dos atletas para o futuro.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.12, 17 de ago. 1967.	Judô – II Curso de “Nage no Kata”	Nota	Ações da Associação dos Faixas Pretas da Guanabara (torneio mensal, cursos).
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.6, 19 de ago. 1967.	Segundo Tempo	Competição	Resultado e desempenho dos judocas no Campeonato Mundial.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.8, 6 de set. 1967, Segundo Caderno.	Luta de judô dias 16 e 17	Competição	Informações do 5.o Campeonato Brasiliense de Judô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.1, 10 de set. 1967, Terceiro Caderno. Sergio Leal.	Faixa-preta é bom mas não é o maior	Artigo	A história do judô brasileiro teve início em 1960. O professor Ninomiya fundou a Sociedade Nipo-Brasileira, cabendo a presidência a Kiyoji Mizuno, e a direção do Departamento de Judô a João Mizuno. No ano seguinte, Brasília foi a sede do Campeonato Brasileiro, com o patrocínio da já formada Federação Metropolitana de Judô, desvinculada do pugilismo.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 10 de set. 1967, Terceiro Caderno.	Judô	Artigo	Resultados do Brasil no Pan-Americano com a descrição da participação de cada atleta.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p.11, 14 de set. 1967.	No Ginásio “Major Martorelli” o I Campeonato de Judô	Artigo	A Federação Pernambucana de Pugilismo entregou seu departamento de judô a Edson Jordão Freire, faixa preta 3º Dan, que elaborou o regulamento para o I Campeonato Pernambucano de Judô a ocorrer em 1967 no Círculo Militar do Recife.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.8, 16 de set. 1967, Segundo Caderno.	Judô hoje no T. Nacional	Competição	Campeonato Brasileiro de 1968.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 17 de set. 1967, Sexta Seção.	CBP Premiará Atletas do Pan-Americano	Nota	CBP entregou troféus aos atletas que participaram do Pan-Americano.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.8, 20 de set. 1967, Segundo Caderno.	Academia J. Clube e Shiosawa laureados	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro da FEMEJU de 1967.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 1 de out. 1967, Terceiro Caderno. Rudolf Hermann.	Judô: Modificação traz problema no judô	Artigo	Efeito das mudanças da FIJ nas regras do judô sobre a qualidade dos árbitros brasileiros.
Cidade de Santos, p.8, Santos, 4 de out. 1967.	Aprender judô, nova moda entre mulheres	Artigo	“A última moda feminina agora é judô. No Santos FC, mais de 40 moças se inscreveram para aprender a lutar. [...] professor Roberto Monte Santo”.
A Tribuna, Santos, p.13, 5 de out. 1967.	Judô é notícia	Competição	Resultados do Campeonato Paulista.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.4, 7 de out. 1967.	Brasileiro de judô em Campos	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 15 de out. 1967, Terceiro Caderno.	Brasileiro deverá ser em Campos	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 22 de out. 1967, Terceiro Caderno. Rudolf Hermann.	Judô: Certame nacional começa na quinta	Artigo	Artigo de Hermann sobre o Campeonato Brasileiro de 1967.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 22 e 23 de out. 1967.	Judô em Campos	Competição	Informações gerais sobre o Campeonato Brasileiro em Campos.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 25 de out. 1967.	Paulistas tentam o tetra no judô desfalcados de Akira Ono e Yanaguimori	Competição	Resumo de como se encontram as principais equipes para a disputa do campeonato Brasileiro de Judô.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 25 de out. 1967.	FFD promove em Campos o brasileiro de judô	Competição	Informações gerais sobre o Campeonato Brasileiro e as delegações a participarem do campeonato.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.2, 26 de out. 1967.	Campos vê abertura do nacional de judô	Competição	Informações gerais sobre o Campeonato Brasileiro.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 26 de out. 1967.	Campos é sede do 14º de judô	Competição	Informações gerais sobre o Campeonato Brasileiro.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.6, 27 de out. 1967, Segunda Seção.	Judô: Campeonato Brasileiro começa hoje em Campos	Competição	Informações do Campeonato Brasileiro em Campos.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 27 de out. 1967.	Brasileiro de Judô começa em Campos com penas e leves	Competição	Informações do Campeonato Brasileiro em Campos.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.9, 31 de out. 1967, Segundo Caderno.	Cariocas vencem no judô	Nota	Resultados do Campeonato Brasileiro de Judô.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.22, 31 de out. 1967.	Rio conquista título de judô que era de S. Paulo há 3 anos	Competição	Cariocas vencem o campeonato brasileiro.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 31 de out. 1967.	Título do judô na GB	Competição	Cariocas vencem o Campeonato Brasileiro de Judô ao somarem 26 pontos contra 23 dos paulistas.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 5 de nov. 1967, Terceiro Caderno. Rudolf Hermann.	Judô: Brasileiro de Campos superou expectativas	Competição	XIV Campeonato Brasileiro em Campos no Estado do Rio de Janeiro.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.8, 5 de nov. 1967, Terceiro Caderno.	Judô no Paraná.	Nota	No Campeonato Brasileiro de 1967 participaram equipes de nove estados: Guanabara, São Paulo, Paraná, Brasília, Estado do Rio, Ceará, Goiás, Pernambuco e Minas Gerais. A equipe com melhor colocação foi a da Guanabara.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 7 de nov. 1967. João Areosa.	Preparo físico e espírito de equipe deram ao Rio o título brasileiro de judô	Artigo	Artigo de João Areosa tratando da vitória dos cariocas no Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 12 de nov. 1967, Terceiro Caderno. Rudolf Hermann.	Judô: Faixas pretas agora vão ser controlados	Artigo	Artigo sobre a entrada em funcionamento do Registro de Faixas Pretas do Brasil criado pela Confederação Brasileira de Pugilismo.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.7, 15 de dez. 1967, Segundo Caderno.	Judô	Nota	Será realizada a promoção de faixas da A. A. Ono em São Paulo com inscrições (até o momento) de 37 judocas, podendo os inscritos chegarem a 50.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 17 de dez. 1967, Terceiro Caderno. Rudolf Hermann.	JUDÔ: Academias vão ser vistas pelo Govêrno.	Artigo	Artigo sobre a fiscalização das academias e professores de judô no Brasil.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.7, 20 de dez. 1967, Segundo Caderno. Zuleida Mattos.	União e ginásio próprio são metas dos judoístas	Artigo	Fernando Corrêa foi eleito presidente da Federação Guanabarina de Judô, sucedendo João Cesarino. Corrêa é aluno de Takeshi Ueda e venceu com chapa única.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 24 de dez. 1967, Terceiro Caderno. Rudolf Hermann.	Judô brasileiro brilha e deixa saldo na temporada	Artigo	Artigo de Hermann fazendo um resumo do ano de 67 para o judô brasileiro.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.7, 27 de dez. 1967, Segundo Caderno. Zuleida Mattos.	Judô e o problema de 54 mil praticantes no Brasil	Artigo	O principal problema do judô brasileiro é criar a confederação. Não há um nome que possa substituir Paschoal Segreto. “Esta é a conclusão observada em todos os cantos do país, depois do maravilhoso Campeonato Mundial de Judô, no Rio em 65.”
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.5, 30 de dez. 1967, Segundo Caderno.	Judô: Brasil tem 54 mil praticantes.	Artigo	Artigo do jornal Diário de Notícias afirma que, Paschoal Segreto se dedicou ao judô de tal modo, que não há quem possa substituí-lo [...]”

Fonte: o autor.

Quadro A-20 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1968

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.3, 3 de jan. 1968.	Judô agita-se com a próxima eleição	Artigo	Disputa pela presidência da FPJ.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p.9, 5 de jan. 1968.	Alcançou sucesso total o I Campeonato de judô	Competição	O Departamento de Judô da Federação Pernambucana de Pugilismo realizou no Clube Português o I Campeonato Pernambucano de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.7, 7 de jan. 1968, Segunda Seção.	Randori de Notícias	Nota	Exigências da CBP sobre registro dos faixas pretas estão chegando aos clubes sem orientação precisa o que pode acarretar problemas.”
O Jornal, Rio de Janeiro, p.11, 14 de jan. 1968. Zuleida Mattos.	Judô registra faixa-preta para disputar campeonato	Artigo	Faixas pretas não registrados na CBP não poderão participar dos campeonatos. Estão registrados nesse momento 160 faixas pretas,prazo de inscrição agora é ilimitado.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.13, 19 de jan. 1969.	Judô faz calendário na FGJ	Artigo	Calendário da FGJ conta com 53 campeonatos a realizar. Regulamentação do uso de touca para atletas de cabelos longos.
Jornal do Brasil, p.18, 26 de jan. 1968.	Assessor da CBP quer que judo brasileiro treine para ser líder na América	Artigo	Artigo apresentando as expectativas do Assessor de judo da CBP para a apresentação do judo brasileiro no Pan-Americano de 1968.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.5, 28 de jan. 1968, Segundo Suplemento.	Randori de Noticias	Nota	Eliminatorias para o Pan-Americano, comentários sobre o registro geral de faixas pretas pela CBP.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.11, 28 de jan. 1968. Zuleida Mattos.	Graus do Japão para melhorar judô no Brasil	Artigo	Planos de trazerem mestres da Kodokan ao Brasil para ratificarem outorga de faixas.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.9, 26 de jan. 1968, Segundo Caderno.	RJ pomove judô com oito cidades	Competição	III Campeonato Fluminense de Judô com a participação de cerca de 120 judocas.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.9, 31 de jan. 1969, Segundo Caderno.	Judô: Planos da temporada favorecem judoístas	Artigo	Planos da nova temporda para o judô em 1968. Competições internacional. Federação Guanabarina aumenta as anuidades das agremiações e dos atletas. Novo orçamento atinge NCr\$ 29000.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.7, 14 de fev. 1968, Segundo Caderno.	Judô e mulher são forças que se completam muito bem	Artigo	Pontos positivos do ensino de judô para mulheres.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Tribuna, Santos, p.13, 3 de mar. 1968, Terceiro Caderno.	Faixa preta na AAS	Competição	I Grande Torneio Individual de Faixa Preta da Baixada Santista com a presença de Tokuzo Terazaki, vice-presidente da Federação Fluminense.
A Tribuna, Santos, p.2, 4 de mar. 1968, Segundo Caderno.	Judô	Competição	No torneio Interacadêmico da Baixada Santista, está escrito que Tokzuo Terazaki era vice-presidente da Federação Fluminense de Judô.
A Tribuna, Santos, p.5, 6 de mar. 1968, Segundo Caderno.	I Torneio de Judô interacademias	Competição	Torneio Interacademias em Santos com a colaboração de Tokuzo Terazaki.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.10, 21 de mar. 1968.	Judô – Reunião de Faixas Pretas	Nota	Programação de cursos e palestras da Associação de Faixas Pretas da GB.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 4 de abr. 1968, Segundo Caderno.	Judô brasileiro promove campeonatos e eleições	Artigo	Acontecimentos de abril para o judô brasileiro. Entre eles o XXXIX Festival Anual da Associação Ono, que contará com 750 atletas de 39 filiais e 17 subfiliais.
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.8, 6 de abr. 1968.	Festival de lutas da A. de Judô Ono	Competição	Festival em comemoração ao 36º aniversário da Associação de Judô Ono com participação dos departamentos Infantil, Juvenil, Adulto e Feminino.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.19, 4 de mai. 1968.	Judô disputará amanhã no Mourisco as vagas para o Campeonato Pan-Americano	Competição	Eliminatória para decidir os atletas brasileiros a participarem do Pan-Americano.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.7, 8 de mai. 1968, Segundo Caderno. Zuleida Matos.	Judô Brasileiro escolhe nomes para o Pan-americano	Competição	Delegação brasileira para o Pan-Americano.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 12 de mai. 1968, Terceiro Suplemento.	Almir Ribeiro diz que dois jovens imaturos dirigem Judô Carioca	Artigo	Almir Ribeiro critica a nova diretoria da FGJ, e cita casos em que a diretoria foi desrespeitosa com os clubes associados e atletas.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 1 de jun. 1968.	Judô indica seleção ao P. Americano	Competição	Delegação brasileira para o Pan-Americano.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.19, 6 de jun. 1968.	Torneio seletivo indicou a seleção brasileira ao VI Pan-Americano de Judô	Competição	Competição eliminatória para seleção da delegação para o Pan-Americano.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.11, 14 de jun. 1968.	Guanabara define seleção que disputará brasileiro de judô	Competição	Processo de seleção dos cariocas para o Campeonato Brasileiro.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 27 de jun. 1968, Terceiro Caderno.	Regra 3	Nota	Delegação brasileira para o Pan-Americano.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 27 de jun. 1968.	Hugo de Souza analisa a crise no judô do RJ	Artigo	Opiniões de Hugo de Souza sobre a situação de disputa política que ocorre com a FFJ.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 29 de jun. 1968.	Valdemiro perdeu o título brasileiro	Competição, Nota	Delegação Brasileira para o Pan-Americano. Medidas tomadas pela CBP contra Valdemiro Pinto, caçando se título de campeão nacional.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 30 de jun. 1968, Terceiro Caderno.	Judô viaja terça para disputar Pan em S. J. Pôrto Rico	Competição, Nota	Delegação brasileira para o Pan-Americano.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 30 de jun. 1968, Suplemento Esportivo.	Judô	Competição	Delegação brasileira para o Pan-Americano.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 2 de jul. 1968.	Judô viaja para o Pan-Americano	Competição	Informações sobre a delegação brasileira que participará do Pan-Americano.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 3 de jul. 1968.	Judô embarca com esperança	Competição	Informações sobre a delegação brasileira que participará do Pan-Americano.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.14, 3 de jul. 1968.	Judô no Brasil viajou	Competição	Viagem a delegação brasileira a Porto Rico para participar do VII Campeonato Pan-Americano.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.19, 3 de jul. 1968.	Equipe brasileira de judô viaja para Pôrto Rico e Hermann confia nos leves	Competição	Delegação brasileira para o Pan-Americano.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 5 de jul. 1968.	Hugo de Souza afirma que Mallet Assumirá	Artigo	Paschoal Segreto da CBP irá a Niterói para passar a presidência da FFJ pra Hugo Mallet. Isto porque dirigentes das FFJ, ao perderem as eleições, impugnaram a validade do pleito.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 5 de jul. 1968.	Pan de Judô tem início hoje à noite	Competição	Informações sobre o início do Pan-Americano.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.8, 6 de jul. 1968, Segundo Caderno.	Judô	Nota	Sessão inaugural do Congresso da União Panamericana de Judô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.1, 7 de jul. 1968, Suplemento Sport Press.	Judô	Competição	Ocorre em Porto Rico o Campeonato Pan-Americano.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.38, 7 de jul. 1968.	Brasil ganha sua primeira medalha no judô e pode passar à liderança hoje	Competição	Brasil conquista a primeira medalha no Pan de 1968.
Diário do Paraná, Paraná, p.8, 7 de jul. 1968, Segundo Caderno.	Brasil com medalha de ouro: judô	Competição	Resultado brasileiro no Pan-Americano.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.15, 7 de jul. 1968.	Pan de Judô é bom	Competição	Informações gerais sobre o Pan-Americano.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.1, 8 de jul. 1968.	Shiozawa traz a 1ª medalha	Competição	Informações sobre o Pan-Americano.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 8 de jul. 1968.	Judô ganha ouro com Shiozawa	Competição	Informações sobre o Pan-Americano.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.1, 9 de jul. 1968.	Brasil é o 2º em judô da América	Competição	Informações sobre o Pan-Americano.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.11, 9 de jul. 1968.	Brasil ganha medalhas no Pan de Judô	Competição	Resultados do Pan-Americano.
A Tribuna, Santos, p.12, 9 de jul. 1968.	Judô Pan-Americano: EUA derrotam Brasil	Competição	Resultados do Pan-Americano.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1, 9 de jul. 1968.	Brasil faz 2 campeões no Pan: judô	Competição	Resultados do Pan-Americano.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1, 9 de jul. 1968, Segundo Caderno.	Brasil faz 2 campeões em P. Rico	Competição	Resultados do Pan-Americano.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1, 9 de jul. 1968, Terceiro Caderno.	Brasil com 2 medalhas de ouro no judô	Competição	Resultados do Pan-Americano.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.19, 9 de jul. 1968.	Brasil fica em segundo no Pan de Judô com diferença de uma medalha para EUA	Competição	Resultado do Pan-Americano.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.5, 10 de jul. 1968, Segundo Caderno.	Delegação de judô é esperada esta manhã no Galeão	Nota	Chegada dos atletas do Pan-Americano e resultados.
A Tribuna, Santos, p.13, 11 de jul. 1968.	Judô: Brasil brilha no VI Pan-Americano	Competição	Resultado do Pan-Americano.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 11 de jul. 1968.	Judocas voltaram com cinco medalhas	Competição	Resultados do Pan-Americano.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 11 de jul. 1968, Segundo Caderno.	Equipe vice do Pan chega e judô cria sua entidade S-A	Competição	Retorno dos atletas e resultados do Pan-Americano. Criação da Confederação Sul-Americana de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.14, 11 de jul. 1968.	Judô do Brasil trouxe 4 medalhas	Competição	Resultados do Brasil no Pan-Americano.
Cidade de Santos, Santos, p.7, 11 de jul. 1968, Segundo Caderno.	Pan de judô: Brasil volta vice-campeão	Competição	Resultado do Pan-Americano.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.8, 12 de jul. 1968.	Judô	Nota	Com a presença da CBP, tomou posse a nova diretoria da FFJ, assumindo Hugo Mallet como presidente.
Diário do Paraná, Paraná, p.5, 8 de ago. 1968, Segundo Caderno.	Torneio para promoção de faixas será sábado	Competição	Torneio Aberto para a promoção de faixas sob a supervisão técnica da Federação Paranaense de Judô.
Diário do Paraná, Paraná, p.4, 10 de ago. 1968, Segundo Caderno.	Torneio de Faixas no Judô	Competição	Federação Paranaense de Judô organiza torneio de promoção de faixas.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 30 de ago. 1968.	FFJ escolhe judocas para o C. Brasileiro	Competição	Informações sobre a eliminatória do Estados do Rio para o Campeonato Brasileiro.
Diário do Paraná, Paraná, p.5, 27 de set. 1968, Segundo Caderno.	Brasileiro de Judô será em londrina e deve ter sucesso	Competição	Londrina foi a sede do Campeonato Brasileiro de Judô. Havia a expectativa de que a criação da Confederação Brasileira de Judô poderia se concretizar.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p.31, 29 de set. 1968.	Judo	Competição	Federação Pernambucana de Pugilismo realiza o II Campeonato de Judô.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.12, 3 de out. 1968.	Brasileiro de Judô terá disputa e sede no Paraná	Competição	Realização do XV Campeonato Brasileiro em Londrina. “Estão em andamento os trabalhos finais para a criação da eleição da primeira diretoria da Confederação Brasileira de Judô.”

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
O Jornal, Rio de Janeiro, p.11, 4 de out. 1968.	CND fiscaliza academias	Nota	Academias de box judô e karatê devem se transformar em organizações clubística de acordo com a deliberação 3/67 do Conselho Nacional de Desportos.
Diário do Paraná, Paraná, p.8, 6 de out. 1968, Segundo Caderno.	Volibol Citadino começa dia 16; no Norte há sucesso	Nota	Os últimos acertos para a realização da eleição da primeira diretoria da Confederação Brasileira de Judô começam a ser preparados em outubro de 1968, na sede da CBP.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 16 de out. 1968.	Shiozawa foi o melhor no Brasileiro de Judô	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.5, 16 de out. 1968, Segundo Caderno.	Nacional de judô teve em Shiozawa a melhor figura	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro.
Cidade de Santos, Santos, p.8, 17 de out. 1968. Odilon Pereira.	Esporte Amador	Nota	“O professor Tokuso Terezaki, 9.o grau (dan) de judô veio a Santos dia 13 fazer exames de faixas de judô. Além do presidente da Dai-Nippon-Budokukai da América Latina, Davi Trinca, Jorge Nakashima, José Aderbal S. Franco, Armando Rogerio, Kyoshi Takagui, Yograkazu Matsuzaki fizeram parte da junta apuradora.”
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.4, 19 de out. 1968, Quinto Suplemento.	Judô	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro de Judô em Londrina.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 20 de out. 1968, Segundo Caderno.	Paulistas levantaram o Brasileiro de judô em Londrina	Competição	Em 1968 o Campeonato Brasileiro de Judô foi organizado pela Federação Paranaense de Judô com a colaboração do governador Paulo Cruz Pimentel. Participaram as seguintes delegações: São Paulo, Brasília, Guanabara, Goiás, Minas Gerais, Estado do Rio de Janeiro, Ceará, Paraná, Pernambuco e Rio Grande do Sul.
A Cigarra, São Paulo, n.11, p.112-113, nov. 1968.	O sexo fraco faz fôrça	Artigo	O judô começou a ocidentalizar-se durante a última Guerra Mundial. No Brasil os homens não veem com bons olhos a entrada da mulher no judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.5, 2 de nov. 1968, Segundo Caderno.	Judô dá viagem ao Japão.	Competição	O 1º Judogam ocorreu em 1968, o diferencial dessa competição é de que como premiação dava a possibilidade de que os atletas ganhassem viagem ao Japão. O torneio era aberto somente aqueles faixas pretas inscritos no Registro Geral de Faixas-Pretas de Judô do Brasil da CBP.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
O Jornal, Rio de Janeiro, p.12, 19 de nov. 1967. Nilton Ribeiro.	Retranca	Artigo	“Muito boa a decisão da Confederação Brasileira de Pugilismo de regulamentar, pelo seu Departamento de Judô, a concessão de títulos de Faixas Preta. Num confronto proporcional acabaríamos tendo mais Faixas Pretas no Brasil que no Japão”.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 20 de nov. 1968, Terceiro Caderno.	Judô	Nota	Governador da Guanabara regulou o registro e funcionamento dos estabelecimentos particulares de ensino especializado em atividades de educação física. Entre eles, o judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.13, 20 de nov. 1968.	SEC vai regular recreação na GB	Nota	Decreto do governador Negrão de Lima regulando o registro de funcionamento de estabelecimentos de ensino de esportes, incluindo o judô
O Jornal, Rio de Janeiro, p.11, 27 de nov. 1968.	Judô tem reunião para fundar CBJ	Nota	Convocada uma assembléia geral pela Federação Guanabarina, Fluminense e Metropolitana de Judô no dia 13 de dezembro na sede da CBP para tratar da criação da CBJ.
A Tribuna, Santos, p.2, 8 de dez. 1968, Quinto Caderno.	Academia de judô da A.A.S.	Competição	Torneio Interno. “Foi convidado para participar e prestigiar o ato, o prof. Tokuzo Terazaki faixa preta 9.o grau e presidente da Federação para toda América Latina da “Budoku Kai”.”
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.46, 8 de dez. 1968.	Academia Cordeiro festejou ontem 17 anos de fundação	Artigo	Biografia de Augusto Cordeiro. Em 58 foi eleito presidente da Confederação Panamericana mas: “De que adiantava ser presidente de uma entidade que praticamente não existia? Na verdade, dela só existia o título, pomposo mas que não funcionava. Seus integrantes se encontravam de dois em dois anos, e pouca coisa era resolvida de útil.”
O Jornal, Rio de Janeiro, p.7, 15 de dez. 1967, Segundo Caderno.	Judô	Nota	Será realizada a promoção de faixas da A. A. Ono em São Paulo com inscrições (até o momento) de 37 judocas, podendo os inscritos chegarem a 50.

Fonte: o autor.

Quadro A-21 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1969

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 15 de jan. 1969.	Federação promoverá curso especial de “Nage-no-Kata”	Nota	Sobre o I curso especial de Nage no Kata da FGJ.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 16 de jan. 1969, Segundo Caderno.	Nage-no-kata tem I curso especial	Nota	Descrição do curso e das técnicas de Nage no Kata.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.6, 24 de jan. 1969, Segundo Caderno.	Niterói venceu o IV Certame Estadual de Judô e Caxias em 2.º	Competição	Resultado do campeonato do Estado do Rio.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.5, 11 de fev. 1969, Caderno B.	Uma gaúcha de faca na bota	Artigo	Léia Linhares de 17 anos foi examinada por uma banca da Federação Riograndense de Pugilismo, recebeu a faixa-preta. Desde que foi aprovada, tornou-se professora da Sociedade Gondoleiros. “apesar de nunca ter competido, pois os regulamentos proíbem”.
Cidade de Santos, Santos, p.8, 25 de mar. 1969.	Mas nesse judô, elas não terão vez	Competição	Divulgação do IV Campeonato de Judô do Litoral. Segundo o regulamento: “Conforme determinação da Federação Paulista de Judô, é expressamente proibida a inscrição de mulheres em torneio.”
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 28 de mar. 1969.	Futebol em síntese	Nota	Curso de Anatomia promovido pela Federação Guanabarina de Judô no Hospital São Francisco.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.21, 28 de mar. 1969.	Judô dá curso de anatomia	Nota	Curso de Anatomia promovido pela Federação Guanabarina de Judô no Hospital São Francisco.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.3, 30 de mar. 1969, Suplemento Esportivo. CASTRO, D.A.	Faixas Pretas reformulam sua programação.	Artigo	Estatuto da Associação de Faixas Pretas da Guanabara.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 6 de abr. 1969, Suplemento Esportivo. D.A. Castro.	Judô: Hirofume Fugikawa Campeão Absoluto.	Artigo	No dôjô da Associação dos Faixas-Pretas da Guanabara lotado, ocorreu no dia 29 de março, ocorreu a tradicional competição da Associação, com a presença do presidente da Federação Guanabarina de Judô.
Cidade de Santos, Santos, p.10, 13 de abr. 1969.	Brigas de judô no torneio do litoral	Competição	Informações sobre o IV Campeonato de Judô do Litoral. Regulamento: b) “É proibida a inscrição de mulheres na competição de acordo com o regulamento da federação.”

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.54, 13 de abr. 1969. D. A. Castro.	Judô: Juventude lidera o campeonato	Artigo	Novos dirigentes da Federação Guanabarina. Presidência de Francisco de Almeida Lira e vice José de Almeida.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 7 de mai. 1969.	Judô carioca conquistou o título da Budokan tendo em Mehdi sua maior figura	Artigo	A equipe carioca venceu o XVIII campeonato anual da Budokan, com destaque para George Medhi.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.12, 10 de mai. 1969, Caderno Feminino.	Mundial de Judô já tem datas e programa feito	Competição	Programa do Mundial de Judô.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.7-8, 11 de mai. 1969, Quarto Caderno.	Léa Linhares, a menina prodígio do nosso Judô	Artigo	Léa Linhares recebe a faixa preta no Rio Grande do Sul.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.46, 18 de mai. 1969.	Federação Internacional marca Mundial de Judô para 18 de outubro no México	Artigo	Decisão sobre o local do Mundial pela FIJ. Publicação da programação do evento consta Congressos, Cursos e exame de arbitragem, Reuniões.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.24, 22 de mai. 1969.	Judô substitui Mehdi que pediu dinheiro para ser técnico da seleção carioca	Artigo	Mehdi exigiu remuneração para treinar a seleção carioca para o Campeonato Brasileiro. Mehdi queria receber NCr\$ 500,00 por cada 8 treinos. Mehdi estava acumulando a função de atleta e técnico.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 1 de jun. 1969, Suplemento Esportivo. D. A. Castro.	Judô: Medhi, Campeão Absoluto	Artigo	Resultados do campeonato carioca.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.46, 1 de jun. 1969.	Judô tem mais espaço para lutas	Nota	Federação Guanabarina passará a arealizar seus campeonatos nos ginásios do Tijuca Tennis Clube, Minerva e Clube Aeronáutica.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.5, 2 de jun. 1969.	Judô tem data do Mundial	Competição	Informações do programa do Campeonato Mundial no México.
A Tribuna, Santos, p.13, 21 de jun. 1969.	Judô no Sírio	Competição	Torneio inter-academias da Aman, organizado com a colaboração da Dai Nippon Budoku-kai da America Latina.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 21 de jun. 1969.	Judô promove novo curso de medicina	Nota	Federação Guanabarina promove mais um curso de anatomia e medicina esportiva.
Cidade de Santos, Santos, p.10, 22 de jun. 1969.	Judô	Competição	Torneio organizado pela Associação Santista de Faixas Pretas de Dai Nippon Budo Ku-kai.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Tribuna, Santos, p.3, 22 de jun. 1969, Terceiro Caderno.	Clube Sírio-Libanês de Santos	Competição	Torneio inter-academias da Aman, organizado com a colaboração da Dai Nippon Budoku-kai da America Latina.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.37, 22 de jun. 1969.	Comissão Técnica carioca convoca 55 lutadores para próximo Brasileiro de Judô	Nota	Preparação da Federação Guanabarina para escolher os atletas que participarão do Campeonato Brasileiro.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 22 de jun. 1969, Suplemento Esportivo. D.A. Castro.	Judô: Juvenis Cariocas Seleccionados	Artigo	Atletas cariocas selecionados para o Campeonato Brasileiro.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 6 de jul. 1969, Suplemento Esportivo. D.A. Castro.	JUDÔ: Kastriget Medhi, festeja vitórias	Artigo	As aulas de Nage no Kata promovidos pela FGJ, foram ministradas pelo professor Yoshimasa Nagashima, 8º Dan, e o dr. Neiva ministrou as aulas de anatomia. A frequência foi superior ao esperado.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 31 de jul. 1969.	Judô treina cobras para Brasileiro	Nota	Treinos dos cariocas para selecionar sua equipe para o Brasileiro.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 1 de ago. 1969.	Judô no DF	Nota	CND, CBP e Prefeitura do DF vão patrocinar o Campeonato Brasileiro.
Diário da Tarde, Paraná, p.6, 7 de ago. 1969.	Estadual de judô teve Curitiba em evidência	Competição	Estadual de Judô no Paraná, usado como eliminatória para o Campeonato Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 7 de ago. 1960.	Equipe de judô da GB se prepara	Nota	Preparação da equipe da Guanabara para o Campeonato Brasileiro.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.8, 8 de ago. 1969.	XVI Brasileiro de Judô começa dia 5 no Marista	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro de Judô.
Diário do Paraná, Paraná, p.8, 10 de ago. 1969, Segundo Caderno.	Curitiba Ganhou Certame Estadual de Judô: Rolândia	Competição	Resultados do Campeonato Paranaense de Judô no Country Club de Rolândia.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 13 de ago. 1969.	Família de Pascoal Segreto aguarda liberação da Itália para trasladá-lo ao Rio	Artigo	Biografia de Pascoal Segreto Sobrinho.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.11, 17 de ago. 1969, Segundo Caderno.	Paschoal tem adeus do esporte	Nota	Falecimento de Paschoal Segreto Sobrinho.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.5, 18 de ago., 1969, Segundo Caderno. Paulo Penteado Teixeira.	Sexo frágil no judô é balela	Artigo	Artigo que retrata a prática de judô de Malu Ono, esposa de Akira Ono.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 20 de ago. 1969.	Judô seleciona seus cobras para Brasília	Nota	Escolha da seleção carioca no Sírio-Libanês.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.18, 23 de ago. 1969.	Judô carioca tem torneio esta tarde para escolher sua seleção ao Brasileiro	Nota	Competição eliminatória do ginásio do Clube Sírio Libanês para selecionar os atletas para o Campeonato Brasileiro.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.11, 24 de ago. 1969.	Judô faz escolha da seleção	Nota	Escolha da equipe carioca para o Brasileiro de Judô.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 27 de ago. 1969.	Cariocas escolheram sua seleção para disputar o VIII Brasileiro de Judô	Nota	Resultados da competição eliminatória para a escolha dos atletas.
Diário da Tarde, Paraná, p.6, 29 de ago. 1969.	Formada a equipe do Paraná para o Judô	Nota	Formada a equipe do Paraná para o Campeonato Brasileiro de Judô.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p.2, 30 de ago. 1969, Segundo Caderno.	Pernambucanos não disputarão o campeonato nacional de judô	Nota	O presidente da Federação pernambucana, William Arruda, afirma que Pernambuco não participará do Campeonato Brasileiro, pela primeira vez, desde que passou a comparecer.
Diário do Paraná, Paraná, p.6, 2 de set. 1969, Segundo Caderno.	Paraná Leva boa Equipe Para o Nacional de Judô	Nota	Federação Paranaense de Judô define sua equipe para o Brasileiro de Judô.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 2 de set. 1969.	Judocas vão quinta para briga	Nota	Seleção Carioca seguirá para o Campeonato Brasileiro.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.4, 3 de set. 1969.	Judô inicia concentração	Nota	Delegação Braziliense para o Campeonato Brasileiro de Judô.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.8, 4 de set. 1969, Terceiro Caderno.	Hoje o congresso técnico do XVI Brasileiro de Judô	Competição, Nota	Congresso técnico foi realizado durante o Campeonato Brasileiro, na academia nacional de polícia.
Correio Braziliense, Distrito Federal, contracapa, 5 de set. 1969.	Começa hoje o XVI Brasileiro de Judô	Competição	Informações sobre o XVI Brasileiro de Judô..

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.2, 6 de set. 1969.	Judô	Competição	Informações sobre a abertura do Campeonato Brasileiro. Delegações representando Ceará, Bahia, Minas Gerais, Maranhão, Guanabara, Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina e Espírito Santo.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.16, 7 de set. 1969.	Termina hoje Campeonato de Judô	Competição	Informações de encerramento do Campeonato Brasileiro.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.8, 7 de set. 1969, Segundo Caderno.	Brasileiro de Judô	Competição	Informações sobre o Brasileiro de Judô.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.37, 8 de set. 1969.	Cariocas lideram no judô	Competição	Resultados parciais do Campeonato Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.27, 9 de set. 1969.	Shiozawa foi o destaque do Brasileiro de Judô que São Paulo conquistou	Competição	Em Brasília, Lhofei Shiozawa alcançou a primeira colocação no peso-médio e absoluto no XVI Campeonato Brasileiro de Judô, realizado no Colégio Marista.
A Tribuna, Santos, p.11, 9 de set. 1969.	Exames de Judô	Nota	A Associação de Faixas-Pretas de Santos realiza exames de judô para faixas pretas.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 11 de set. 1969.	São Paulo ganha o Brasileiro de Judô	Competição	Resultado do Campeonato Brasileiro.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.3, 14 de set. 1969, Suplemento Esportivo.	Judô: São Paulo leva o Campeonato Brasileiro	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 17 de set. 1969.	Judô já tem sua seleção para Mundial	Nota	CBP escolheu os representantes brasileiros pelos resultados do Campeonato Brasileiro.
Cidade de Santos, Santos, p.8, 18 de set. 1969.	Faixas Aprovados	Nota	Faixas pretas aprovados em exame supervisionado por Tokuzo Terazaki, 9º dan, presidente da Dai Nippon.
A Tribuna, Santos, p.12, 19 de set. 1969.	Judô: Federação cria Delegacias Regionais, são 10	Nota	Criadas as delegacias regionais da FPJ.
Cidade de Santos, Santos, p.7, 19 de set. 1969.	Baixada é 11.a região de judô	Nota	As delegacias regionais ficaram decididas da seguinte forma, baseadas na resolução 1-69 do CND: 1ª Capital, 2ª Vale do Paraíba, 3ª Sorocabana, 4ª Alta Paulista, 5ª Noroeste, 6ª Araquarense-Mogiana, 7ª Sudoeste, 8ª Oeste, 9ª, ABC, 10ª Central, 11ª Litoral.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Tribuna, Santos, p.13, 20 de set. 1969.	Judô, novas faixas	Nota	Exames efetuados na Associação Santista dos Faixas-Pretas, sob a supervisão da Dai Nippon-Budoku-Kai da America Latina, representada por Tokuzo Terazaki, 9º Dan.
A Tribuna, Santos, p.12, 24 de set. 1969.	Regional de Judô em pleno funcionamento	Artigo	Primeira reunião da 10ª junta regional de judô.
Cidade de Santos, Santos, p.8, 24 de set. 1969.	Nova entidade do judô fez 1.a reunião	Nota	Primeira reunião da 11.a regional, Delegacia Regional Litoranea de Judô, da Federação Paulista.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 24 de set. 1969.	Judo aponta cobras para ida ao México	Competição, Nota	CBJ escolhe a seleção que vai representar o Brasil no Campeonato Mundial.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 28 de set. 1969, Suplemento Esportivo.	Judô: Escalada a equipe nacional para o Mundial do México	Nota	Seleção dos atletas brasileiros para o Mundial no México.
Diário da Noite, Rio de Janeiro, p.3, 30 de set. 1969, Segundo Caderno.	Punhal não assusta as meninas do judô	Artigo	Aulas de judô feminino pelo professor Francisco Chimirri na Academia da Fundação Brasil
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.21, 1 de out. 1969.	Carioca de Judô termina com vitória do Mackenzie ficando o Mifune em 2.º	Competição	Resultados das equipes no Campeonato Carioca de Judô para todas as categorias.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 5 de out. 1969.	Auxílios	Nota	Federação Guanabarina recebe auxílio tirados da Loteria do Estado destinado às oito maiores Federações amadoras.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.30, 16 de out. 1969.	Judô segue para Mundial no México	Competição, Nota	Delegação brasileira chefiada por Augusto Cordeiro segue para o México.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.13, 21 de out. 1969.	Disciplina para academias de judô	Nota	Todas as academias do Estado do Rio serão fiscalizadas por uma comissão do Departamento de Educação Física sob o comando de Ronaldo Martins.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 30 de out. 1969.	Judô volta sem medalha mas alegre	Competição	Resultado brasileiro no Mundial do México.
A Tribuna, Santos, p.14, 22 de nov. 1969.	AAS promove o II Interacademias de Judô de Santos	Nota	Comparecimento tanto do presidente da "Dai-Nipon Budo-kai" para América Latina, Tokuzo Terazaki, com comitiva de Suzano, como Osvaldo de Souza Mendes, representante da Federação Paulista de Judô.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Tribuna, Santos, p.6, 23 de nov. 1969.	Classes Liberais: Advogados	Nota	Informações sobre o II Torneio Interacademias de Judô da Baixada Santistas com o comparecimento do presidente da “Dai-Nipon Budo-kai”.
A Tribuna, Santos, p.15, 23 de nov. 1969.	Veja o bom judô que esse torneio está prometendo	Nota	Informações sobre o II Torneio Interacademias de Judô da Baixada Santistas com o comparecimento do presidente da “Dai-Nipon Budo-kai”.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.4, 30 de nov. e 1 de dez. 1969, Caderno Bela.	Esporte de homem tem mulher campeã	Artigo	“Valquíria é campeã de defesa pessoal e faixa preta de judô” “O Brasil é o único que tem uma lei proibindo mulheres de se profissionalizarem na luta [...]”

Fonte: o autor.

Quadro A-22 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1970

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.15, 22 de fev. 1970.	Temporada de judô inaugura-se em março	Nota	Divulgação do calendário da Federação Guanabarina de Judô.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.5, 28 de fev. 1970, Segundo Caderno.	Faixas-pretas autorizados pela FRGP	Nota	Federação Rio Grandense de Pugilismo presta esclarecimentos com relação de faixas pretas autorizados a ensinar no Estado.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.15, 1 de mar. 1970.	Curso de arbitragem	Nota	Com orientação de Hermany, Federação Guanabarina promove o II Cruso de Arbitragem.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 5 de mar. 1970, Segundo Caderno.	Judô	Nota	Calendário da Federação Guanabarina para 1970.
A Tribuna, Santos, p.13, 7 de mar. 1970.	Judô: aprovado o calendário para a temporada de 70	Nota	Calendário para 1970 da 11ª Delegacia Regional da FPJ. Em março haverá aulas de Kata no EC Pinheiros na Capital. Em maio, Campeonato para promoção de Dan.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.15, 15 de mar. 1970.	Clinica de arbitragem	Nota	Clinica de arbitragem ministrada por Rudolph Hermany da CBP à pedido do Departamento Técnico da Federação Guanabarina de Judô.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.15, 5 de abr. 1970.	Judô: Campeonato Juvenil de 18 anos esta tarde	Nota	60 clubes são filiados 'a Federação da Guanabara. 30mil praticantes na Guanabara, 35 mil em SP, 17 mil em BH, 10 mil em Brasília, 8 mil no Ceará, 6 mil em Pernambuco, 6 mil na Bahia, 6 mil no RS, 4 mil no Mato Grosso, 3 mil no Maranhão.
Cidade de Santos, Santos, p.8, 19 de abr. 1970.	Judô convoca	Nota	Federação Paulista de Judô convoca judocas para os treinamentos no EC Pinheiros para a seleção de São Paulo que participará do Campeonato Brasileiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 22 de abr. 1970.	Quando houver união, ninguém vai mais superar o nosso judô	Artigo	Yoshimasa Nagashima foi enviado pelo Itamarati como observador especial para o Japão. A falta de unidade do judô brasileiro é prejudicial. Segundo Nagashima cada qual defende uma tese.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 24 de abr. 1970.	Judô vai examinar o 1º Dan	Nota	Exames para faixa preta organizados pela Federação Guanabarina dentro do que prega o artigo 28 do Regulamento de Registro de Faixas.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.6, 7 de mai. 1970, Segundo Caderno.	Judô	Nota	Organizado o primeiro exame de faixa-preta da Federação Guanabarina de Judô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.17, 19 de mai. 1970.	Judocas encerram torneio	Competição	Resultados do Campeonato Carioca Individual de Faixas Pretas.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.18, 23 de mai. 1970.	Judô: maus juízes e rodada sem técnica	Competição	Críticas ao Campeonato Carioca: nível técnico baixo, falta de renovação entre os atletas, insegurança dos juízes. Arbitros despreparados para o exercício da função.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.10, 12 de jun. 1970.	Faixas pretas: Exame amanhã	Nota	Realizada na Academia Julio Adnet, exame de faixas promovido pela Federação Metropolitana de Judô.
Correio Brasiliense, Distrito Federal, p.4, 18 de jun. 1970.	Goiânia e DF vão incentivar judô	Nota	Duas equipes de Brasília e duas de Goiânia fizeram um amistoso no Clube de Regatas Jaó para se prepararem para o Campeonato Brasileiro.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.3, 20 de jun. 1970.	Goiás formará a seleção de judô	Nota	Federação Goiana deu início a um curso de arbitragem sob orientação de Gunji Matsuushi. Primeira vez que se realiza um curso dessa natureza. Presidente da entidade era Eumar de Almeida Brito.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.13, 1 de jul. 1970.	Show de judô em São Paulo	Artigo	“sucesso do Campeonato Anual de Budokan realizado em São Paulo e que apresentou mais uma vez a Guanabara como vencedora de ponta a ponta”.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 2 de jul. 1970.	Judocas vão mudar de faixa	Nota	Foi realizado o primeiro encontro para candidatos a Shodan com o objetivo de orientar os candidatos sobre as exigências do Departamento de Outorga de Faixa da CBP.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p.11, 10 de jul. 1970.	Diogenes Morais vence Kawamura e conquista o campeonato de judô no Estado	Competição	Resultados do campeonato Estadual. 1º Diogenes Morais, 2º Kawamura, 3º Judo Clube William Arruda.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.2, 11 de jul. 1970, Segundo Caderno.	Judô	Nota	No I Campeonato Brasileiro Juvenil serão apreciadas e votadas as modificações a serem introduzidas nos Estatutos da Confederação Brasileira de Judô.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 23 de julho de 1970.	Nova Iguaçu: Judô feminino tem torneio dia 2	Nota	Realização do primeiro Torneio de Judô Feminino da Baixada, em Nova Iguaçu.
Cidade de Santos, Santos, p.8, 23 de jul. 1970.	Eraldo e Waldir os primeiros da Baixada que recebem faixa preta da Federação Paulista	Nota	“Antes os exames eram feitos no próprio clube onde o atleta treinava, mas agora só a Federação dá a faixa ai examinado.”

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 26 e 27 de jul. 1970.	Caxias	Nota	Realização do I Torneio de Judô Feminino da Baixada Fluminense.
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.7, 1 de ago. 1970.	Amanhã	Competição	I Torneio Feminino da Baixada Fluminense realizado no sindicato dos rodoviários e anexos de Nova Iguaçu.
Coreio Braziliense, Distrito Federal, p.10, 5 de ago. 1970.	FEMEJU verá 10 entre 60 judocas	Nota	FEMEJU convoca judocas para treinamento eliminatório que decidirá os 10 participantes do Campeonato Brasileiro em SP.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.5, 6 de ago. 1970, Segundo Caderno.	Desligamento do judô da FRGP	Nota	Chamada para assembléia geral que irá oficializar o desligamento do judô da FRGP.
Diário da Tarde, Paraná, p.6, 7 de ago. 1970.	Estadual de Judô domingo	Competição	III Campeonato Paranaense de Judô no ginásio da Sociedade Thalia em Curitiba.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.2, 9 de ago. 1970, Suplemento Esportivo.	Pôrto Alegre já tem Faixa Preta feminino	Artigo	“O judô feminino já tem faixa preta. Trata-se da Senhorita Léa Linhares, que durante o Campeonato Brasileiro Juvenil, realizado em Pôrto Alegre, fez uma belíssima demonstração de Nage-No-Kata.” Em 1969 recebeu a faixa preta de uma banca examinadora da Federação Riograndense de Pugilismo.
Diário da Tarde, Paraná, p.6, 11 de ago. 1970.	Curitiba venceu o Estadual	Competição	Resultados do campeonato paranaense
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.8, 13 de ago. 1970.	Mackenzie vence Judô	Artigo	Campeonato Panamericano em Londrina organizado pela Federação paranaense de Judô e pela Confederação Brasileira de Pugilismo.
Diário de Notícias, Rio Grande do Sul, p.5, 14 de ago. 1970.	Ao prefeito	Artigo	No dia 15, haverá assembléia geral da FRGP para a desvinculação do Judô da FRGP, e apresentação do estatuto da nova Federação.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.12, 19 de ago. 1970.	Judô prepara-se para boa figura	Nota	Continuam os treinamentos em Brasília, de preparação para as eliminatórias da FEMEJU para decidir os participantes do Campeonato Brasileiro.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.3, 20 de ago. 1970, Caderno ABC.	Judô	Nota	Campeonato Panamericano de 1970 será realizado em Londrina com a presença de Risei Kano e Kotani.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.3, 21 de ago. 1970, Caderno ABC.	Judô	Competição, Nota	Convocados pela Federação Guanabarina para o Campeonato Brasileiro de Judô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.10, 23 de ago. 1970.	Paraná será palco do Pan-Americano de Judô	Competição	Informações do Pan-Americano.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 25 de ago. 1970.	Judô diz quem disputa brasileiro	Nota	Atletas cariocas selecionados para o Campeonato Brasileiro.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.3, 25 de ago. 1970, Caderno ABC.	Judô da GB pronto para o Brasileiro	Nota	Atletas cariocas selecionados para o Campeonato Brasileiro.
Diário da Tarde, Paraná, p.6, 27 de ago. 1970.	Marcado certamen de judô	Competição	Campeonato Panamericano de Judô será realizado em Londrina.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.9, 28 de ago. 1970.	Judô do Rio forma equipe esta noite	Competição	Formação da seleção carioca para o campeonato brasileiro.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.3, 28 de ago. 1970, Caderno ABC.	Teste final aponta Judô	Artigo	Realização de eliminatória para a seleção final dos cariocas para o Campeonato Brasileiro em São Paulo.
Diário da Tarde, Paraná, p.1, 1 de set. 1970.	Certame de judo	Competição	Anúncio do Pan-Americano.
Cidade de Santos, Santos, p.8, 2 de set. 1970.	Aprovado o programa do Brasileiro de Judô	Competição, Artigo	CBJ e FPJ preparam o Campeonato Brasileiro programado para 18, 19 e 20 de setembro. Onze estados confirmaram inscrição. Providenciada a impressão de 5 mil manuais contendo todas as informações sobre o judô.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.3, 2 de set, 1970, Caderno ABC.	judô	Nota	Federação Guanabarina divulga os atletas para o Campeonato Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.21, 8 de set. 1970.	Seleção Carioca de Judô já está escalada para o Campeonato Brasileiro	Nota	15 lutadores formarão a delegação carioca para o Campeonato Brasileiro. Escolhidos pelo técnico George Mehdi.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.9, 10 de set. 1970.	Judô	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.9, 11 de set. 1970.	Judô	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 11 de set. 1970, Anexo.	Brasileiro de judô será bem equilibrado	Competição	Informações sobre a equipe carioca que participará do Campeonato Brasileiro.
Diário da Noite, São Paulo, p.9, 11 de set. 1970.	Resenha: Judo	Competição	Anúncio do Campeonato Brasileiro em São Paulo.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Cidade de Santos, Santos, p.2, 13 de set. 1970, Segundo Caderno.	De 18 a 20 deste no Ibirapuera o judô se reúne	Competição	Informações sobre o XVII Campeonato Brasileiro de Judô.
Diário da Noite, São Paulo, p.2, 15 de set. 1970, Segundo Caderno.	Judo	Competição	Programa do Campeonato Brasileiro em São Paulo.
Diário da Noite, São Paulo, p.8, 15 de set. 1970.	Roteiro da semana	Competição	Programa do Campeonato Brasileiro em São Paulo.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.12, 15 de set. 1970.	Seleção de judô concorre em SP	Nota	Informações sobre a seleção brasileira que irá a São Paulo disputar o Campeonato Brasileiro.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.3, 16 de set. 1970, Caderno ABC.	Judô	Competição, Nota	Informações sobre o Campeonato Brasileiro.
A Tribuna, Santos, p.14, 17 de set. 1970.	DE 18 A 20 DO	Competição	Será realizado o XVII Campeonato Brasileiro de Judô pela FPJ e CBP no ginásio do Ibirapuera. Participação de MG, SP, GB, Estado do Rio, Goiás, Bahia, Pernambuco, RS e Brasília.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.12, 17 de set. 1970.	Judô: DF viajou e quer vitórias	Competição	Informações sobre a seleção de Brasília que foi ao Campeonato Brasileiro.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.3, 17 de set. 1970, Caderno ABC.	Judô	Competição	Chegada da seleção Carioca para disputar o Campeonato Brasileiro.
Diário da Tarde, Paraná, p.6, 17 de set. 1970.	Brasileiro de judô terá início amanhã	Competição	Informações gerais sobre o Campeonato Brasileiro.
Diário da Noite, São Paulo, p.2, 19 de set. 1970, Segundo Caderno.	Judô	Competição	Realização do Campeonato Brasileiro no Ibirapuera.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.9, 19 de set. 1970.	Ibirapuera vê Judô disputar duas categorias	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro.
Diário da Noite, São Paulo, p.11, 21 de set. 1970, Segundo Caderno.	São Paulo tri-campeão de judô	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro de Judô.
Cidade de Santos, Santos, p.8, 23 de set. 1970.	São Paulo é campeão	Competição	Resultados do campeonato Brasileiro. Campeão Absoluto: Chiaki Ishii. Vice: Lhofei Shiozawa.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.9, 23 de set. 1970.	São Paulo conquista título no Ibirapuera	Competição	São Paulo conquistou o Campeonato Brasileiro.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.10, 23 de set. 1970.	Vitória de Brasília no Campeonato de judô	Competição	Informações sobre a seleção de Brasília que foi ao Campeonato Brasileiro.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.6, 24 de set.1970.	Paulistas conseguiram ficar com o tri do Braisleiro: judo	Competição	Resultados do Campeonato Brasileiro.
Cidade de Santos, Santos, p.9, 25 de set. 1970.	Pan Americano	Competição	Vinte países confirmaram presença no Panamericano em Londrina. Presidente Medici foi escolhido como presidente de honra da competição.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.3, 25 de set. 1970, Caderno ABC.	judô	Competição	Resultados e impressões sobre o Campeonato Brasileiro.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.4, 27 de set. 1970.	Campeões Mundiais lutarão em Londrina	Competição	Resultados do Brasileiro e informações sobre a visita da Federação Japonesa.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.2, 27 de set. 1970.	Pan de Judô vai levar 20 países a Londrina	Competição	Informações sobre a organização do VII Pan-Americano.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.24, 7 de out. 1970.	A Confederação Brsileira de Judô... (Check)	Competição	CBJ escolheu a seleção para o Panamericano.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.2, 8 de out. 1970, Caderno ABC.	judô	Nota	A Confederação Brasileira de Judô, atendendo às determinações da FIJ, divulgou a relação da delegação brasileira para o Campeonato Sul-Americano.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.23, 9 de out. 1970.	EUA vão ao judo no Paraná	Competição	Informações sobre o Pan-Americano.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.4, 11 de out. 1970, Suplemento Esportivo.	Judô: Onze juizes já se inscreveram para o Pan-Americano	Competição, Artigo	Delegação Brasileira e juizes para o Pan-Americano de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 11 e 12 de out. 1970, Anexo. George Mehdi.	A arte do judo: O que é o kuatsu - III	Artigo	Federação Paranaense promoverá o VII Campeonato Pan-Americano de Judô em Londrina. Informações sobre a equipe brasileira.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.44, 11 e 12 de out. 1970.	Pan-Americano de Judô tem 11 inscritos	Competição	Informações sobre o Pan-Americano.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 13 de out. 1970, Anexo.	Judô já tem muito inscritos	Competição	Informações sobre o Pan-Americano de Judô em Londrina.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.10, 14 de out. 1970.	Judocas do Brasil vão disputar Pan	Competição	Informações sobre o Pan-Americano de Judô em Londrina.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 15 de out. 1970, Anexo.	Pan-Americano tem inscrições	Competição	CBJ recebe inscrições para o Pan-Americano de judo.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.25, 15 de out. 1970.	Judô japonês confirma vinda dos seus campeões para exibição no Brasil	Competição	Informações sobre o Pan-Americano e a vinda da delegação japonesa.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.2, 16 de out. 1970.	Judô prepara V Campeonato	Competição	Preparativos da Federação Goiana para o V campeonato goiano de judo.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.10, 17 de out. 1970	Judocas disputam o Pan e outro lugar	Competição	Informações sobre todas as delegações que participaram do Pan-Americano.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.4, 18 de out. 1970, Suplemento Esportivo.	Pan-americano de Judô será iniciado 5a - feira próxima em Londrina	Competição	Informações sobre o Pan-Americano em Londrina.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.10, 20 de out. 1970.	Brasil vê EUA como maior rival no judô	Competição	Rivalidad do Brasil com os Estados Unidos no Pan. “O que falta aos brasileiros em geral é o Newaza”.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 21 de out. 1970.	Nossa equipe de judo nunca foi tão forte	Competição, Artigo	Artigo sobre as chances e atletas do Brasil para o Pan-Americano.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.24, 22 de out. 1970.	Brasil luta judô hoje em Londrina	Competição	Informações sobre o Pan-Americano.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.2, 22 de out. 1970, Caderno ABC.	Pan-Americano de Judô	Competição	Informações sobre o Pan-Americano.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.10, 22 de out. 1970.	Shiozawa é favorito no Pan de judô	Competição	Informações sobre as chances brasileiras no Pan-Americano.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.10, 23 de out. 1970.	Leves se pesam cedo para disputar o judô	Competição	Informações sobre o Pan-Americano.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.21, 24 de out. 1970.	Brasil começa levando vantagem sobre EUA no Pan-Americano de Judô	Competição	Informações sobre o Pan-Americano.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.9, 24 de out. 1970.	Ishii dá medalha ao Brasil no judô	Competição	Resultados do Pan-Americano.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.16, 25 de out. 1970.	Brasil campeão de Judô	Competição	Resultado brasileiro no Panamericano em Londrina.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.44, 25 e 26 de out. 1970.	Brasil Conquista título pan-americano de judo e Ishii é campeão absoluto	Competição	Resultado do Pan-Americano.
A Tribuna, Santos, p.8, 26 de out. 1970.	Notas Curtas	Competição	Brasil venceu o campeonato Panamericano em Londrina.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.4, 26 de out. 1970.	Brasil derruba Estados Unidos no Pan de jud	Competição	Brasil fica em primeiro no Pan-Americano.
Diário da Manhã, Pernambuco, p.12, 26 de out. 1970.	Brasil venceu Pan-Americano	Competição	Informações gerais sobre o Pan-Americano.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.6, 27 de out. 1970, Anexo.	Nossos judocas são campeões	Competição	Resultados do Pan-Americano.
Cidade de Santos, São Paulo, p.8, 28 de out. 1970.	Muitos brigam por causa de uma bandeira	artigo	II torneio da Bandeira promovido pela Dai Nippon Budoku-kai da America Latina, Associação dos Faixas-Pretas de Santos, Academia de Judô Terazaki de Suzano e SESC.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.2, 30 de out. 1970, Caderno ABC.	Judô	Nota	A seleção japonesa de Judô não vai realizar demonstração ou competição na Guanabara, de acordo com a Confederação Brasileira de Pugilismo.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.4, 1 de nov. 1970, Suplemento Esportivo.	Judô	Competição	Brasil ganhou o campeonato Pan-Americano.
Cidade de Santos, Santos, p.8, 5 de nov. 1970.	Muitas brigas no domingo por causa de uma bandeira	Competição	II torneio da bandeira organizado pela Dai Nippon Budoku-kai (sic) da America Latina, SESC, Associação dos Faixas Pretas de Santos e Academia Terazaki de Suzano.
Cidade de Santos, Santos, p.16, 8 de nov. 1970.	Os judocas também fazem a sua homenagem à Bandeira	Competição	II torneio da bandeira. Disputado anualmente pos academias e clubes filiados ao Grêmio Recreativo de Judô Terazaki.
Cidade de Santos, Santos, p.8, 10 de nov. 1970.	Atletico é bicampeão da Bandeira	Competição	Atletico Santista se sagrou bicampeão do Torneio da Bandeira. O torneio da bandeira é por equipes com lutadores até a faixa marrom.
Revista do Esporte, Rio de Janeiro, p.25, 13 de nov. 1970.	Brasil vence judô dando show no final	Competição	Resultados do Panamericano.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.6, 26 de nov. 1970.	Nova diretoria da FFJ	Nota	Coronel Arlindo Faria eleito presidente da FFJ.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.3, 29 de nov. 1970, Suplemento Esportivo.	CBP Divulgou seu calendário de judô	Nota	Confederação Brasileira de Pugilismo divulga o calendário de 1971. Campeonato Juvenil em Recife, Sul-Americano Juvenil em BH, Brasileiro de Adultos em Salvador na Bahia, participação do Mundial em Ludwigshafen, Alemanha Ocidental.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p.9, 13 de dez. 1970.	Judo	Nota	Calendário da CBP para o judô no ano seguinte.

Fonte: o autor.

Quadro A-23 - Hemeroteca palavra-chave Judo, 1971

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.4, 17 de jan. 1971, Suplemento Esportivo.	Temporada de Judô começará em abril	Nota	Em 29 de dez. de 1970 foi eleito o novo presidente da Federação Guanabarina de Judô, Enir Vacari, e o vice Naylor Gravé de Andrade.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.10, 19 de jan. 1971.	FEMEJU já tem programa	Nota	Programação da FEMEJU para 1971.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.15, 14 de fev. 1971.	Registro de faixas pretas	Nota	Registro geral de faixas pretas, marrom e verde foi estabelecido pela Federação Metropolitana de Judô. Constituiu uma comissão para outorga de faixa e um novo regulamento.
Cidade de Santos, São Paulo, p.8, 16 de mar. 1971.	Noticias de judô	Nota	11ª delegacia regional da FPJ enviou a clubes e associações as circulares para a obtenção de alvará. Exame de faixas em São Paulo para promoção de 4º e 5º dan sob supervisão da CBP.
Cidade de Santos, São Paulo, p.8, 23 de mar. 1971.	Notícias de judô	Nota	A 11ª Regional da FPJ quer que Miguel Sukanuma dirija as aulas de Kata para interessado em prestar exames na FPJ e na CBJ para faixa preta.
Cidade de Santos, São Paulo, p.8, 30 de mar. 1971.	Notícias de judô	Nota	Cerca de 1.000 judocas regularmente registrados na FPJ.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.9, 1 de abr. 1971.	Campeonato de judô juvenil começa dia 4	Nota	Exames para faixas pretas de 1º e 2º Dan, da Federação Guanabarina, realizado na Academia Shuyokan.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.11, 1 de abr. 1971.	Pugilismo elege todos os poderes com gente boa	Artigo	Eleição de todos os poderes na CBP. Departamentos Especiais de Desportos – Judô: Rudolf Hermann.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.24, 5 de mai. 1971.	Estado do Rio faz exame contra falsos professores	Nota	A Federação Fluminense de judô realizou no Ginásio Caio Martins em Niterói um exame de primeiro e segundo grau na faixa preta (professor) visando a acabar com os mais de 70 “falsos professores”.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 6 de mai. 1971.	Conselho dá verbas ao esporte	Nota	Federação de judô na Guanabara recebe 125 mil Cr\$ da verba destinada da Loteria Esportiva, através do Conselho Regional de Desportos.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.41, 23 e 24 de mai. 1971.	Judô do Estado do Rio aprova oito faixas pretas em exame muito difícil	Artigo	Apenas oito entre 32 candidatos passaram no exame para faixa preta da Federação Fluminense de Judô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Tribuna, Santos, p.13, 8 de jun. 1971.	Festival de Judô	Competição	Festival de judô da Academia Ono em Homenagem ao governador Laudo Natel, e seu 39º aniversário de fundação.
A Tribuna, Santos, p.12, 9 de jun. 1971.	Boa atuação dos judocas santistas no Campeonato Paulista	Competição	Resultados do Campeonato Paulista.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.4, 11 de jun. 1971, Caderno de Goiás.	Goiás estará no torneio de judô	Nota	Associação Goiana de Jud enviará atletas para o torneio de aniversário da Associação de Judô Ono.
Cidade de Santos, São Paulo, p.8, 12 de jun. 1971.	Associação de judô Ono comemora seus 39 anos	Competição	Associação de judô Ono realizou um festival do ginásio do Ibirapuera para comemorar seus 39º anos de existência. 57 academias filiadas à academia Ono, com 1500 judocas representando compareceram à competição.
Diario de Noticias, Rio de Janeiro, p.23, 13 de jun. 1971.	Inicia-se a disputa dos Faixas Pretas	Competição	Campeonato Carioca no colégio Anglo Americano. Informações sobre eliminatórias para escalação da equipe da Guanabara.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.19, 16 de jun. 1971.	Judô	Competição	Campeonato Carioca de Faixas Pretas da Federação Guanabarina.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.26, 18 de jun. 1971.	Judô baiano pede ajuda ao Govêrno	Competição	Federação Baiana de Judô pede ajuda do governo para realizar o campeonato brasileiro do ano seguinte.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.9, 18 de jun. 1971.	Bento Lisboa é líder no judô	Competição	Resultados do Campeonato Carioca de Judô.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.30, 1 de jul. 1971.	Judô carioca viaja para Minas dia 8	Nota	Seleção carioca juvenil seguirá para Belo Horizonte para o brasileiro juvenil.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.6, 15 de jul. 1971.	Enquanto dirigente passeava judocas passavam fome em BH	Artigo	Judocas que foram participar no Campeonato Brasileiro Juvenil reclamaram que passaram fome antes de voltar ao Rio de Janeiro, porque as diárias não foram pagas pelo chefe da delegação da FFJ, Mario Daltro.
A Tribuna, Santos, p.1, 4 de ago. 1971, Segundo Caderno.	O campeonato Brasileiro	Competição	Campeonato Brasileiro na Guanabara no ginásio da AABB.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.26, 4 de ago. 1971.	Brasileiro de Judô começa sexta-feira na AABB com a participação de 13 Estados	Competição	Campeonato Brasileiro com participação de 150 judocas e 13 Estados.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 5 de ago. 1971.	Judô abre brasileiro na AABB	Competição	Campeonato Brasileiro de Judô (informações gerais).
Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, p.12, 5 de ago. 1971.	Brasileiro de Judô	Competição	Informações do XVIII Campeonato Brasileiro.
Cidade de Santos, Santos, p.9, 6 de ago. 1971.	Cento e cinquenta judocas participaram hoje do Brasileiro	Competição	Campeonato Brasileiro na AABB no Rio de Janeiro. Cento e cinquenta judocas de treze Estados. Promovido pela CBJ e pela Sociedade Universitária Gama Filho.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.18, 6 de ago. 1971, p.18.	Judô	Competição	Começa, na AABB, o Campeonato Brasileiro de Judô.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.23, 6 de ago. 1971.	Campeonato de judô começa hoje	Competição	Campeonato Brasileiro.
Diario de Notícias, Rio de Janeiro, p.23, 8 de ago. 1971.	Encerra-se hoje o XVIII campeonato brasileiro de judô	Competição	Informações sobre o último dia do Campeonato Brasileiro.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.10, 8 de ago. 1971.	Judô vê Brasília forte para ganhar campeonato	Competição	Informações sobre as chances e resultados do Campeonato Brasileiro.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.12, 9 de ago. 1971.	Judô	Competição	Chiaki Ishii foi campeão Brasileiro no meio pesado. José Casimiro venceu nos pesados.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.14, 11 de ago. 1971.	Brasília em segundo no campeonato de judô	Competição	Brasília ficou em segundo lugar no Campeonato Brasileiro. São Paulo em primeiro lugar com a Guanabara vindo em terceiro lugar. Consta os resultados individuais.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.14, 12 de ago. 1971.	Judô positivo	Competição	Resultado de Brasília no Brasileiro de Judô.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.11, 31 de ago. 1971.	Brasil busca ouro no judô	Competição	Ishii disputa o Mundial
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.23, 4 de set. 1971.	Brasileiro Ishii fica em 3° no Mundial de Judô só perdendo para japoneses	Competição	Chiaki Ishii fica em 3° lugar no Mundial na Alemanha Ocidental. Participaram também Edson Leandro e Lhofei Shiozawa.
O Poti, Rio Grande do Norte, p.9, 5 de set. 1971.	No judô, o Brasil derrotou 3	Competição	Chiaki Ishii obtém 3 vitórias em torneio de compensação na Alemanha.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.14, 5 de set. 1971.	Chiaki Ishii ganha bronze no Mundial	Competição	Chiaki Ishii fica em terceiro lugar no Mundial na Alemanha.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.3, 15 de out. 1971.	Judô	Competição	Sétimo campeonato goiano de judô patrocinado pela Federação Goiana de Judô, no Clube Regatas Jaó.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.7, 15 de out. 1971.	Judô Convocação	Nota	Convocação para tratar das promoções de faixas convocada pelo presidente da FEMEJU. Local: Academia de Judô Julio Adnet.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.4, 16 de out. 1971.	Judô Convocação	Nota	Convocação para tratar das promoções de faixas convocada pelo presidente da FEMEJU. Local: Academia de Judô Julio Adnet.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.2, 19 de out. 1971.	Mérito	Nota	Diretor técnico da Federação Goiana: Hugo Nakamura. Presidente: Eumar Almeida de Britto.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.11, 22 de out. 1971, Segundo Caderno.	Pugilismo já fêz o calendário para 1972	Nota	CBP fez o calendário para 1972. Presidente Eurico de Andrade Neves Filho destaca a importância de participar nos o judô nos Jogos Olímpicos de Munique.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.16, 27 de out. 1971.	Um calendário para as lutas	Nota	O calendário da CBP para 1972 foi divulgado. Ainda controla a CBP o boxe, o judô, o sumô, o karatê, a capoeira, e a luta-livre olímpica.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.42, 16 de dez. 1971.	A Federação Mineira...	Nota	Federação Mineira realizou exame de faixas pretas no dôjô do Minas Tênis Clube.
Diraio de Noticias, Rio de Janeiro, p.9, 29 de dez. 1971.	Melhor do ano	Artigo	Artigo sobre Almir Ribeiro, eleito o melhor professor e diretor de academia de 71. Designado para diretor de relações públicas da Federação Guanabarina.

Fonte: o autor.

Quadro A-24 - Hemeroteca palavra-chave Judo, ano 1972

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.12, 12 de jan. 1972.	Nova diretoria da Federação Guanabarina de judô já empossada	Nota	Francisco de Almeida Lira, presidente eleito da FGJ. Departamento Técnico: Yoshimasa Nagashima, Vicente Candido de Sousa, Antonio Vieira de Sousa, José Bercovitz, Major Drummond e Milton Gonçalves.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 3 de fev. 1972.	Judô da Guanabara quer ser o melhor	Nota	Eleita nova diretoria da Federação Guanabarina de Judô. Yoshimasa Nagashima membro do departamento técnico.
A Tribuna, Santos, p.15, 24 de fev. 1972.	Judô: em Santos o próximo certame paulista	Nota	Próximo campeonato paulista será em Santos.
A Tribuna, Santos, p.11, 28 de fev. 1972.	Paulista de Judô nunca saiu da Capital. Este ano, FPJ o realiza aqui.	Competição	Calendário do judô para 1972.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.14, 5 de mar. 1972.	Judô feminino	Artigo	“Não só os rapazes, mas também as jovens demonstram um interesse imenso pela prática do judô e diversas já fizeram suas inscrições [...] alunas do professor Luciano Sampaio.”
A Tribuna, Santos, p.7, 6 de mar. 1972.	O Judô Paulista	Nota	Reeleição de Katsuhiko Naito para presidência da FPJ.
A Tribuna, Santos, p.11, 13 de mar. 1972.	Santos vai concentrar 300 judocas em julho para certame estadual	Artigo	Sobre a realização do paulista em Santos. Katsuhiko Naito foi reeleito em assembléia para novo mandato na presidência da FPJ.
Diário da Tarde, Paraná, p.1, 14 de mar. 1972.	Mulher do Paraná já é faixa-preta	Artigo	Divoeny Julieta Cabral, em dezembro de 1971, recebeu a faixa preta, no paraná, após exames em Londrina pela Federação Paranaense de Judô.
A Tribuna, Santos, p.13, 19 de mar. 1972.	Eliminatórias do Paulista em maio: judô	Competição	Informações do Campeonato Paulista.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 22 de mar. 1972.	Judô começa em abril com o Pan-Americano	Nota	Calendario da FGJ.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 25 de mar. 1972.	Judô treina	Nota	Federação Guanabarina de Judô reúne professores na Escola de Ed. Física do Exército para treinamentos dirigidos por Ogino, Nagashima e Medhi.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 14 de abr. 1972.	Judô	Competição	Panamericano será realizado na Argentina.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.13, 16 de abr. 1972, Segundo Caderno.	Judô	Competição	Panamericano será realizado na Argentina.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário da Manhã, Pernambuco, p.8, 28 de abr. 1972.	Federação de pugilismo na festa do sesquicentenário	Artigo	Federação Pernambucana de Pugilismo revela sua lista de faixas pretas.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p.18, 30 de abr. 1972.	Titular do pugilismo de sobreaviso contra pseudo faixas-pretas	Artigo	FPP regula os professores credenciados a ensinar o judô no Estado.
Cidade de Santos, Santos, p.10, 11 de mai. 1972.	Vitória de nosso esporte amador	Competição	XV Campeonato Paulista.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.15, 12 de mai. 1972.	Judô	Competição	Organização do Pan-Americano, patrocinado pela Confederação Argentina de Judô, CA de Desportos e União Panamericana de Judô.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 13 de mai. 1972.	Judô	Competição	Brasil poderá conquistar o bicampeonato Panamericano
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.23, 13 de mai. 1972.	Súmula	Competição	Participação brasileira no Pan-americano.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.24, 13 de mai. 1972.	Súmula	Competição	Participação brasileira no Pan-americano.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.16, 13 de mai. 1972.	Judô	Competição	Participação brasileira no Pan-americano.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.47, 14 de mai. 1972.	Vitórias logo no início deixam Brasil perto do bi no Pan-Americano de Judô	Competição	Participação brasileira no Pan-americano.
O Poti, Rio Grande do Norte, p.1, 14 de mai. 1972.	Brasil vence também judô	Competição	Participação brasileira no Panamericano.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.22, 14 de mai. 1972.	Brasil é campeão de Judô	Competição	Brasil venceu o Pan nas categorias pesado e meio-pesado
A Tribuna, Santos, p.13, 14 de mai. 1972.	Judô brasileiro ganha as duas primeiras no certame pan-americano	Competição	Washington de Oliveira foi campeão na categoria pesados. Chiaki Ishii foi campeão dos meio-pesados, enfrentando na final o, também brasileiro, Nasef Abud Curi.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.16, 14 e 15 de mai. 1972.	Brasil começa bem no judô	Competição, Artigo	Participação brasileira no Pan-americano.
A Tribuna, Santos, p.14, 15 de mai. 1972.	Judô brasileiro ganha o bicampeonato no 8.o certame pan-americano	Competição	Brasil foi bicampeão no Pan-americano.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário da Noite, São Paulo, p.25, 15 de mai. 1972.	Pan-Americano de Judo	Competição	Resultado brasileiro no Panamericano.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.13, 15 de mai. 1972.	Brasil ganha ouro no Pan-Americano de judô	Competição	Resultado brasileiro no Panamericano.
A Tribuna, Santos, p.2, 16 de mai. 1972, Segundo Caderno.	Mobral treina professoras para a educação integrada	Nota	Eliminatórias para o Campeonato Paulista.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.12, 16 de mai. 1972.	Brasil vence Judô	Competição	Resultado do Braisl no Pan-americano.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.34, 16 de mai. 1972.	Ishii ganha para Brasil título absoluto no judô	Competição	Participação do brasil no Pan-americano.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.16, 16 de mai. 1972.	Brasil triunfa de novo no judô	Competição	Resultado do Brasil no Pan-americano.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.7, 16 de mai. 1972.	Brasil Bicampeão de judô	Competição	Resultado do Brasil no Pan-americano.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 16 de mai. 1972.	Brasil bi no Pan de Judô	Competição	Brasil bicampeão do Panamericano de judo.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.8, 17 de mai. 1972, Segundo Caderno.	Abreu trouxe medalha de ouro do Pan-judo	Competição	Resultado do Pan. Atleta fluminense foi um dos medalhistas.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.14, 17 de mai. 1972.	Judô prova sua categoria e disputa Jogos Olímpicos	Competição	Resultado do Panamericano e previsão para os Jogos Olímpicos.
A Tribuna, Santos, p.1, 19 de mai. 1972, Segundo Caderno.	Judô: Paulista é em julho, 11.a Regional faz seletivo domingo	Competição	Informações sobre Campeonato Paulista.
A Tribuna, Santos, p.13, 21 de mai. 1972.	Eliminatórias apontam judocas do Litoral para Estadual de Judô	Competição	Eliminatórias da regional Litorânea para o Campeonato Paulista.
O Jornal, Rio de Janeiro, p.3, 28 de mai. 1972, Terceiro Caderno.	Judô tem relatório do bicampeonato	Competição, Artigo	Alex Pinheiro, chefe da delegação brasileira, produz relatório para a CBP sobre o VIII Campeonato Panamericano.
Cidade de Santos, Santos, p.10, 1 de jun. 1972.	Paulista de judô tem nova data: 2 julho	Competição	Local do XV Campeonato Paulista.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Tribuna, Santos, p.12, 2 de jun. 1972.	Judô: dirigentes da FPJ visitaram Santos. Estadual é a 2 de julho	Nota	Dirigentes da FPJ visitaram Santos para acertar os detalhes do Campeonato Paulista a ser realizado no ginásio do Clube de Regatas Santista.
Cidade de Santos, Santos, p.8, 4 de jun. 1972.	Judô: faixas-pretas que foram reconhecidos pela federação	Nota	Pessoas reconhecidas pela delegacia regional de Santos aprovados em exame de Kata.
A Tribuna, Santos, p.10, 5 de jun. 1972.	XI Regional de Judô: quadro local de faixas pretas.	Nota	Aprovados pela regional da FPJ para graduação, após exame de Kata.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.14, 9 de jun. 1972.	Golpe no judô	Artigo	CRD suspendeu a FEMEJU de Brasília.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 9 de jun. 1972, p.13. João Alberto.	É útil para a mulher a prática do Jiu-Jitsu? (II)	Artigo	“Quando uma mulher diz que está aprendendo jiu-jitsu, judô ou mesmo karatê, parente e amigos passam a considerá-la como uma pessoa sem juízo. Passam até a dizer: - Vai virar homem! Mulher já era! Não se surpreendam, o futuro dessa menina está trágico/ Quem avisa amigo é! Os preconceitos existem.”
Cidade de Santos, Santos, p.10, 15 de jun. 1972.	Nossas esperanças nas Olimpíadas	Competição	CND não tem dinheiro para enviar Chiaki Ishii para treinar no Japão antes dos Jogos.
A Tribuna, Santos, p.13, 18 de jun. 1972.	Judocas vão treinar para o Paulista	Competição	Treinamento conjunto da 11ª delegacia regional para o campeonato paulista.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.13, 16 de jun. 1972.	Brasil levará a Munique 82 atletas de 13 modalidades	Competição	Comite Olímpico Brasileiro divulga os atletas para os Jogos Olímpicos.
A Tribuna, Santos, p.1, 20 de jun. 1972, Segundo Caderno.	XI Delegacia de Judô prepara-se para o 15.o certame paulista	Competição	Preparação da 11ª regional para o Campeonato Paulista.
Cidade de Santos, Santos, p.10, 20 de jun. 1972.	Providencias para o paulista de judô	Competição	Providencias para a realização do paulista de judo.
A Tribuna, Santos, p.17, 24 de jun. 1972.	Reunião de clubes de judô à tarde	Nota	Preparação da 11ª regional para o Campeonato Paulista.
A Tribuna, Santos, p.14, 27 de jun. 1972.	XI Regional divulga programa oficial do XV Paulista de Judô	Competição	Programa do XV Paulista de Judô.
Cidade de Santos, Santos, p.10, 27 de jun. 1972.	Judô: 300 atletas	Competição	XV Campeonato Paulista.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Tribuna, Santos, p.1, 27 de jun. 1972, Segundo Caderno.	Trezentos atletas em Santos para disputa do Paulista de Judô	Competição	Informações sobre o paulista de judo.
A Tribuna, Santos, p.1, 29 de jun. 1972, Segundo Caderno.	Esperados os primeiros judocas para o XV Campeonato Paulista	Competição	Informações sobre o campeonato paulista e sobre a representação de Santos.
A Tribuna, Santos, p.16, 30 de jun. 1972.	Santistas sentirão as grandes emoções deste Paulista de Judô	Competição	Informações sobre o Paulista, e sobre os representantes escolhidos por Santos.
A Tribuna, Santos, p.16, 1 de jul. 1972.	Paulista de Judô congrega melhores valores do Estado	Competição	Informações sobre o XV Campeonato Paulista de Judô.
Cidade de Santos, Santos, p.12, 1 de jul. 1972.	No regatas santista, o XV campeonato paulista de judô	Competição	Informações sobre o XV Campeonato Paulista de Judô.
Cidade de Santos, Santos, p.20, 2 de jul. 1972.	No regatas, o 15.o campeonato de judô	Competição	Informações sobre o XV Campeonato Paulista de Judô.
A Tribuna, Santos, p.13, 2 de jul. 1972.	XV Paulista vai apontar novos campeões de judô	Competição	Realização do Campeonato paulista em Santos.
Cidade de Santos, Santos, p.12, 2 de jul. 1972.	Campeonato de judô: mesários que atuarão	Competição	XV Campeonato Paulista.
Cidade de Santos, Santos, p.9, 3 de jul. 1972.	A grande festa do judô paulista	Competição	Detalhes das informações do XV campeonato paulista.
A Tribuna, Santos, p.11, 3 de jul. 1972.	Festa santista na final do Campeonato de Judô	Competição	Resultados do campeonato.
A Tribuna, Santos, p.14, 4 de jul. 1972.	São Paulo contará com judocas de Santos no Brasileiro de Juvenis	Competição	Preparativos de São Paulo para o Campeonato Brasileiro de Juvenis.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p.20, 9 de jul. 1972.	Mulher não poderá participar das competições oficiais de judoismo	Artigo	Através de ofício circular enviado à Federação Pernambucana de Pugilismo, a Confederação de Pugilismo comunicou ser proibida a prática de judô por mulheres segundo o CND. O presidente da CBP comunicou que a decisão do conselho foi motivada por uma consulta da FPJ sobre o assunto.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.23, 2 de ago. 1972.	Ishii e Shiozawa se preparam em Tóquio	Nota	Ishii e Shiozawa treinando em Tóquio para os Jogos Olímpicos.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
A Luta Democrática, Rio de Janeiro, p.8, 12 de ago. 1972.	Paraná realiza Campeonato Brasileiro Juvenil de Judô	Nota	Anúncio do VII Campeonato Brasileiro Juvenil de Judô em Foz do Iguaçu sob patrocínio da CBP.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.13, 18 de ago. 1972.	Depois de muitos anos, a Bahia tem sua Federação.	Artigo	Oficializada a Federação Baiana de judô. A CBP enviou ao Conselho Nacional de Desportos a documentação de criação da Federação Cearense de Judô.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.38, 21 de ago. 1972.	Judoístas vêm de Tóquio em forma	Competição	Atletas brasileiros na Vila Olímpica para participar dos Jogos, após treinar em Tóquio.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p.5, 22 de ago. 1972, Caderno Esportivo.	Judô brasileiro está bem nos J. O.	Competição	Participação do judô brasileiros nos Jogos Olímpicos.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.2, 23 de ago. 1972.	Esporte participará da festa da Independência.	Nota	Hugo Nakamura e tenente Uchoa, presidente da Federação Goiana de Judô, coordenaram os campeonatos.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.11, 23 de ago. 1972.	Brasil tem grande chance no judô com Chiaki Ishii	Competição	Participação do Brasil nos Jogos Olímpicos.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p.20, 27 de ago. 1972. Ricardo Carvalho	Brasileiros em Munique: suas chances	Competição, Artigo	Chances do Brasil nos Jogos Olímpicos de Munique.
Cidade de Santos, Santos, p.13, 1 de set. 1972.	Munique: primeira medalha pode vir com Ishii no judô	Competição	Participação brasileira do judô nos Jogos Olímpicos.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.17, 1 de set. 1972.	Chiaki Ishi estréia no judô com cartaz	Competição	Participação brasileira do judô nos Jogos Olímpicos.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.1, 2 de set. 1972.	Brasil com judô ganha a 1.a medalha	Competição	Participação do judô brasileiro nos Jogos Olímpicos.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.25, 2 de set. 1972.	Ishii dá medalha de bronze ao Brasil no judô	Competição	Participação do judô brasileiro nos Jogos Olímpicos.
Cidade de Santos, Santos, p.11, 2 de set. 1972.	Brasil ganhou 1.a medalha no judô com Chiaki Ishii	Competição	Vitória de Ishii nos Jogos Olímpicos. Primeira medalha para o Brasil em Munique.
Diário da Tarde, Paraná, p.6, 2 de set. 1972.	Brasil brilha na jornada dos jogos	Competição	Resultado de Ishii nos Jogos Olímpicos.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.11, 2 de set. 1972.	Chiaki Ishii é primeira medalha do Brasil: judô	Competição	Medalha de Ishii nos Jogos Olímpicos.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.25, 2 de set. 1972.	Ishii dá medalha de bronze ao Brasil no judô	Competição	Ishii conquistou a primeira medalha (bronze) olímpica para o judô brasileiro.
Diário da Manhã, Pernambuco, p.10, 3 de set. 1972.	Brasil vence em judô	Competição	Participação do judô brasileiro nos Jogos Olímpicos.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.5, 3 de set. 1972, Caderno do Esportes.	Shiozawa perde judô para francês Cochê	Competição	Resultado do judô brasileiro nos Jogos Olímpicos.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.1, 4 de set. 1972.	Esperança do Brasil é vitória sobre Cuba	Competição	Participação brasileira nos Jogos Olímpicos.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.8, 6 de set. 1972. João Alberto	Prof. Mamede é da linha dura do judô	Artigo	Artigo de João Alberto Barreto sobre Joaquim Mamede.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.22, 8 de set. 1972.	Ishii pode ter hoje sua segunda medalha no judô	Competição	Participação de Ishii nos Jogos Olímpicos de Munique.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.20, 9 de set. 1972.	Judô é adiado e só hoje Ishii tenta a 2ª medalha	Competição	Participação de Ishii nos Jogos Olímpicos de Munique.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.13, 9 de set. 1972.	Ishii pode trazer mais uma medalha	Competição	Participação de Ishii nos Jogos Olímpicos de Munique.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.7, 9 de set. 1972, Anexo.	Última esperança de medalha é no judô: Ishii tenta o absoluto	Competição	Participação brasileira nos Jogos Olímpicos.
Cidade de Santos, Santos, p.13, 10 de set. 1972.	Judô: Ishii perdeu para campeões	Competição	Desempenho brasileiro do judô nos Jogos Olímpicos.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.12, 10 de set. 1972.	Resultados de Judo	Competição	Resultados do judô nos Jogos Olímpicos.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.18, 10 e 11 de set. 1972, Anexo.	Ishii perde a medalha mas prova o seu valor	Competição	Resultado do judô brasileiro nos Jogos Olímpicos.
Diário da Tarde, Paraná, p.6, 12 de set. 1972.	Encerradas ontem as XX Olimpíadas	Competição	Resultado do judô brasileiros nos Jogos Olímpicos.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.14, 12 de set. 1972.	Judô teve boas provas	Nota	Eliminatória em Brasília para escolha da representação no Brasileiro de Judô.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.14, 13 de set. 1972.	Miura obteve mais pontos	Competição	Associação de Judô Miura foi a vencedora do Brasileiro de Judô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário da Tarde, Paraná, p.6, 15 de set. 1972.	Gazeta do povo foi campeã no torneio do Santa Maria	Competição	V Campeonato Paranaense de Judo realizado no Clube Japonês, sede da Sociedade Esportiva Cultural Paraná Oeste em Cruzeiro do Oeste.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.27, 22 de set. 1972.	Súmula	Nota	Reconhecimento da CBJ pelo governo.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.2, 22 de set. 1972.	Judô	Nota	“O Brasil tem, a partir de ontem mais uma confederação de esportes: a Confederação Brasileira de Judô”
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p.3, 22 de set. 1972.	Tudo Reconhecido	Nota	“Por decreto do Presidente Medici foi concedido reconhecimento à Confederação Brasileira de Judô”.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.7, 23 de set. 1972, Segundo Caderno.	Varias	Nota	“O Governo Federal, nos termos do decreto assinado pelo presidente Medici, reconheceu a Confederação Brasileira de Judô”.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.6, 24 de set. 1972. João Alberto	Judô está de parabéns	Artigo	Artigo de João Alberto parabenizando o reconhecimento da CBJ.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.24, 6 de out. 1972.	Judô vai escolher Seleção	Competição	Eliminatória da FGJ para escolher a equipe para o Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.35, 9 de out. 1972.	Judô forma equipe para brasileiro	Competição	Resultado primeira eliminatória para formação da equipe da Guanabara.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.15, 13 de out. 1972.	Caxias manda judocas ao Brasileiro de 72	Nota	Equipe Fluminense que participará do Campeonato Brasileiro de Judô
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.2, 19 de out. 1972, Caderno de Goiás.	Judo	Competição	Realização do Campeonato Goiano de Judô em preparação ao Brasileiro em Salvador.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.5, 20 de out. 1972.	Programa	Competição	Campeonato Goiano.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.1, 21 de out. 1972.	Goiânia inicia festejos de 39º aniversário	Competição	Campeonato Goiano.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p.21, 29 de out. 1972.	Pugilismo realizará outro campeonato de judô adulto	Competição	FPP promove um campeonato de judô para indicar o atleta do Estado a participar do Campeonato Brasileiro em Salvador.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.24, 1 de nov. 1972.	Brasileiro de Judô tem Ishii como detaque	Competição	Presidente da Federação Bahiana era o capitão Hemetério Chaves Filho. A grande atração foi Chiaki Ishii.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.46, 5 de nov. 1972.	Judô carioca escolhe sua equipe para jogar Campeonato Brasileiro	Nota	Escolhidos os 10 lutadores para a seleção carioca de judô a participar do Campeonato Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.23, 6 de nov. 1972.	Judô já definiu equipe	Competição	Resultado das eliminatórias da FGJ para selecionar a equipe carioca para o Campeonato Brasileiro.
Diário da Manhã, Pernambuco, p.8, 14 de nov. 1972.	Esportiva Pernambucana	Nota	Academia de Diógenes Moura tetracampeã no VI Campeonato Pernambucano de Judô.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.15, 15 de nov. 1972.	Federação do DF no Brasileiro de Judô.	Nota	Delegação de Brasília para o Campeonato Brasileiro.
A Tribuna, Santos, p.1, 16 de nov. 1972, Segundo Caderno.	Mosaico	Nota	Começará no dia seguinte o Brasileiro de Judô patrocinado pela Federação Baiana de Judô em Salvador.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.15, 17 de nov. 1972.	Judô: só diplomas da CBP tem valor	Artigo	“somente têm valor os certificados que tenham sido conferidos de acordo com os dispositivos da Resolução 1 de 14 de novembro de 1969, da CBP que instituiu exames de classificação de faixa-preta.”
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.24, 17 de nov. 1972.	Brasileiro de Judô tem Ishii como destaque	Competição	Informações sobre a organização do Brasileiro de Judô.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.7, 17 de nov. 1972.	Judô	Competição	Informações sobre o campeonato brasileiro. Federação Baiana gatou cerca de 150 mil cruzeiros. Presidente da FBJ era Hemetério Chaves.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.7, 18 de nov. 1972.	Judô	Competição	Informações sobre o Campeonato Brasileiro.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.2, 18 de nov. 1972.	Pisca-pisca	Competição	XVIII Campeonato Brasileiro em Salvador.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.23, 18 de nov. 1972.	Carioca Luís Virgílio é campeão brasileiro de judô dos meio-pesados	Competição	Luís Virgílio venceu o brasileiro no meio-pesado. Osvaldo Cupertino da Bahia, surpreendeu vencendo a categoria pesado. 12 federações compareceram das 19 e pediram inscrição.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.18, 19 de nov. 1972.	No judô, uma surpresa: Bahia campeã	Competição	Campeonato Brasileiro.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.24, 20 de nov. 1972.	Shiozawa dá adeus ao judô após conquistar outro título absoluto	Competição	Lhofei Shiozawa, quinto dan, anunciou sua aposentadoria, após vencer a categoria absoluto no Campeonato Brasileiro de Judô. Shiozawa venceu, também, na categoria dos médios.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 21 de nov. 1972.	No judô, Shiozawa fica com o título	Competição	Todos os resultados do Brasileiro de Judô.
O Fluminense, Rio de Janeiro, p.12, 21 de nov. de 1972. Jarbas Barbosa.	De Trivela	Artigo	[...] Indagação: se a Dai-Nipon se filiasse à CBP, seus diplomas passariam a ter valor; ou só os que forem conferidos após a filiação?"
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.7, 22 de nov. 1972.	Várias	Competição	Campeonato Brasileiro de Judô: Lhofei Shiozawa vence no absoluto, lutando pela equipe Baiana.
Correio Braziliense, Distrito Federal, p.1, 26 de nov. 1972, Caderno de Goiás.	Participação	Competição	Participação de Goiânia no XIX Campeonato Brasileiro.
A Tribuna, Santos, p.11, 25 de dez. 1972.	Judô: Confederação já funciona	Artigo	“A Confederação Brasileira de Judô já está em pleno funcionamento. Sua primeira diretoria foi eleita através dos votos computados junto às federações de Brasília, São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Guanabara, Bahia, Rio Grande do Sul, Goiás e Minas Gerais. Augusto Cordeiro foi eleito praticamente por unanimidade.”

Fonte: o autor.

APÊNDICE B – Quadro dos jornais da Nichibunken

Quadro B – Jornais da colônia japonesa no Brasil

(continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Nippak Shimbun, São Paulo, p.7, 22 de setembro de 1932.	Bushidô Seishin ni nottori minzoku-teki shimei o tassei (武士道精神に則り民族的使命を達成)	Nota	Anúncio da intenção de fundação da Hakkoku Jûkendô Renmei.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 26 de setembro de 1932.	Hakkoku jûkendô renmei no setsuritsu keikaku gutai-ka (伯国柔剣道連盟の設立計画具体化)	Nota	Anúncio de fundação da Hakkoku Jûkendô Renmei.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.4, 29 de setembro de 1932.	Jûdô no kindai-ka (柔道の近代化)	Artigo	Artigo de opinião comparando o judô com o boxe e o wrestling.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.4, 17 de novembro de 1932.	Supôtsu (スポーツ)	Competição	Resultados competitivos de competição inter-colegial no Japão. Há resultados para o torneio de judô.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.7, 5 de junho de 1933.	Jûkendô Taikai (柔剣道大会)	Competição	Informações sobre o primeiro Jûkendô Taikai e instruções para participação.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.16, 18 de junho de 1933.	25 anos de progresso: a comemoração do 25º aniversário da colonização japonesa no Brasil	Evento	Evento de comemoração dos 25 anos de imigração japonesa para o Brasil. Constam informações sobre o torneio da Jûkendô no programa do evento.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.7, 22 de junho de 1933.	Seidaideatta budô taikai (盛大であった武道大会)	Competição	Informações e resultados do primeiro campeonato da Jûkendô.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.8, 22 de junho de 1933.	O 25º aniversário da imigração japonesa para o Brasil	Competição	Evento de comemoração dos 25 anos de imigração japonesa para o Brasil. Constam informações sobre o torneio da Jûkendô no programa do evento.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.11, 25 de julho de 1934.	Jûkendô renmei yakuinkai (柔剣道連盟役員会)	Nota	Reunião de diretoria da Jûkendô Renmei e requisitos de filiação.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 28 de julho de 1934.	Hakkoku Jūkendô renmei dai-shiai (伯国柔剣道大試合)	Competição	Anúncio sobre competição Budô Taikai da Jūkendô.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.12, 29 de agosto de 1934.	O esporte no Nippon: o judo	Artigo	Explicação sobre o que é o judô
Notícias do Brasil, São Paulo, p.7, 5 de setembro de 1934.	Hakkoku jūkendô renmei dainikai sôgo budô nami taikai (柔剣道連盟第二回総会武道並大会)	Propaganda	Propaganda do segundo campeonato da Jūkendô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.2, 12 de setembro de 1934.	Hakkoku jūkendô renmei dainikkai budô taikai heisô (伯国柔剣道連盟第二回武道大会並総)	Propaganda	Propaganda do segundo campeonato da Jūkendô com informações do evento.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.11, 12 de Setembro de 1934.	Budô Taikai (武道大会)	Competição	Informações sobre o segundo campeonato da Jūkendô
Semanário de São Paulo, São Paulo, p.3, 14 de setembro de 1934.	Hakkoku jūkendô renmei dainikkai budô taikai heisô (伯国柔剣道連盟第二回武道大会並総)	Propaganda	Propaganda do segundo campeonato da Jūkendô com informações do evento.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 15 de setembro de 1934.	Dai-nikai Budô Taikai (第二回武道大会)	Propaganda	Propaganda do segundo campeonato da Jūkendô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.7, 19 de setembro de 1934.	Seishi ni moeru tōhō shōbuku no iki hakkoku jūkendō renmei dainikai budô taikai (聖市に燃える東方尚武国の意気伯国柔剣道連盟第二回武道大)	Competição	Informações do segundo campeonato da Jūkendô, Budô Taikai, com foto dos troféus.
Nippon Shimbun, São Paulo, p.6, 19 de setembro de 1934.	Zenppaku Dainikai Budô Taikai (全伯第二回武道大会)	Competição	Resultados da competição da Jūkendô.
Semanário de São Paulo, São Paulo, p.3, 21 de setembro de 1934.	Seizetsu! Kesshōsente Tani nidan kizetsu (凄絶! 決勝戦て谷二段氣絶す)	Competição	Informações sobre lutas do segundo Budô Taikai da Jūkendô.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.10, 26 de Setembro de 1934.	Akita no inaka ni Nihon-ichi Budô-mura (秋田の田舎に日本一武道村)	Artigo	Matéria sobre a primeira “vila de Budô” do Japão localizada na prefeitura de Akita.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 20 de julho de 1935.	Showa dôjô judô taikai enki (昭和道場柔道大会延期)	Competição	Anúncio de adiamento de competição patrocinada pelo Showa Dôjô, dôjô de Yasuichi Ono.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.9, 7 de agosto de 1935.	Sen-shi hare no yūyaku nikudan sumoutsu Tsuyoshi mi Shōwa Dôjô Taikai (選手晴れの勇躍肉弾相撲つ壯観昭和道場柔道大会)	Competição	Torneio no dôjô de Yasuichi Ono, Showa Dôjô, em preparação para o torneio da Jūkendô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.5, 10 de agosto de 1935.	Showa Dôjô senshi no menmen (昭和道場戦士の面々)	Competição	Foto de atletas do Showa Dôjô.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.9, 28 de agosto de 1935.	Eikan wa izure e mokushō ni sematta jukendō Taikai (栄冠は何れへ目捷に迫った柔剣道大会)	Competição	Anúncio do terceiro campeonato da Hakkoku Jūkendō Renmei.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.7, 4 de setembro de 1935.	Kagayaku jūdō no rikisen o san fu daie o kazaru Ono nidan Sawada nidan no nekketsu o haku dai hakuhei-sem (輝く柔道の力戦を讃ふ大会を飾る小野二段澤田二段の熱血を吐く大白兵戦)	Competição	Relatos sobre o terceiro campeonato da Jūkendô. Foto da competição de Kendo.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.4, 7 de setembro de 1935.	Dai-sankai Budô Taikai owaru (第三回武道大会終わる)	Competição	Relatos sobre o terceiro campeonato da Jūkendô. Foto do grupo de judô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.6, 22 de abril de 1936.	Hōshuku Budô Taikai (奉祝武道大会)	Propaganda	Anúncio de competição da filial de Marília da Jūkendô.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.2, 25 de julho de 1936.	Dai-yonkai Budô Taikai (第四回武道大会)	Propaganda	Propaganda do quarto campeonato da Jūkendô com informações do evento.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.5, 27 de julho de 1936.	Dai-yonkai Budô Taikai (第四回武道大会)	Propaganda	Propaganda do quarto campeonato da Jūkendô com informações do evento.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.6, 28 de julho de 1936.	Dai-yonkai Budô Taikai (第四回武道大会)	Propaganda	Propaganda do quarto campeonato da Jūkendô com informações do evento.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.3, 28 de julho de 1936.	Dai-yonkai Budô Taikai (第四回武道大会)	Propaganda	Propaganda do quarto campeonato da Jûkendô com informações do evento.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.7, 30 de julho de 1936.	Kokusui Budô no Hana (國粹武道の華)	Competição	Informações sobre o quarto campeonato da Jûkendô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 31 de julho de 1936.	Dainikai judô Taikai (第二回柔道大会)	Competição	Informações sobre o segundo torneio do Showa Dôjô de Yasuichi Ono.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.3, 29 de agosto de 1936.	Ryûko no nessen: Budô no hana hiraku (龍虎の熱戦: 武道の華開く)	Competição	Informações sobre o quarto campeonato da Jûkendô.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.6, 1 de setembro de 1936.	Yônen senshi no karen'na sugata ni Tarama Kaicho Mo bishô daisankai zen haku Budô Taikai (幼年戦士の可憐な姿に多羅間會長も微笑第三回全伯武道大會)	Competição	Informações sobre campeonato da Jûkendô.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.4, 1 de setembro de 1936.	Dai-yonkai zenppaku Budô Taikai (第四回全伯武道大会)	Competição	Informações sobre o quarto campeonato da Jûkendô, consta os resultados.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.6, 2 de setembro de 1936.	Dai-yonkai Jûkendô Taikai (第四回柔剣道大会)	Competição	Informações sobre o quarto campeonato da Jûkendô.
Nippon Shimbun, São Paulo, p.1, 2 de setembro de 1936.	Zenppaku Budô Taikai (全伯武道大会)	Competição	Informações sobre o Budô Taikai com os resultados da competição.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.6, 15 de julho de 1937.	Esporte Brasia	Propaganda	Propaganda de equipamentos esportivos. Item de Jûkendô à venda.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.2, 17 de julho de 1937.	Kirisutokyô seinenkai de jûdô o saiyô Ono san-dan wo kyôshi ni dotanbattan (基督教青年會で柔道を採用: 小野三段を教師にドタンバタン)	Nota	Associação Cristã de Moços passa a ter aulas de judô com o professor Yasuichi Ono.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.4, 22 de julho de 1937.	Dai-sankai Showa Dôjô shusai judô Taikai (第三回昭和道場主催柔道大会)	Propaganda	Terceiro campeonato patrocinado pelo Showa Dôjô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Nippak Shimbun, São Paulo, p.6, 27 de julho de 1937.	Judô, Yakyumo Sanka (柔道、野球も参加)	Competição	Torneio da Universidade de Tokyo.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.7, 29 de julho de 1937.	Zenppaku Budô Taikai (全伯武道大会)	Competição	Anúncio do Budô Taikai da Jûkendô de 1937, com informações do evento.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.3, 3 de agosto de 1937.	Dai-gokai Zenppaku Budô Taikai (第五回全伯武道大会)	Propaganda	Anúncio do quinto campeonato da Jûkendô com informações do programa.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.6, 4 de ago. 1937.	Shôwa dôjô shusai jûdô taikai seikyô (昭和道場主催柔道大会盛況)	Competição	Competição no Showa Dôjô de Yasuichi Ono com o patrocínio da filial de São Paulo da Hakkoku Jûkendô Renmei.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.7, 7 de ago. 1937.	Kaikan O-hirô (開館御披露)	Anúncio	Anúncio de abertura do Dôjô de Ryuzo Ogawa.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.7, 17 de agosto de 1937.	Kensen hi o haku yawara kendô daie semaru hon'nen tabi wa senshu shikaku o seigen (剣尖火を吐く柔剣道大会迫る本年度は選手資格を制限)	Competição	Artigo sobre o quinto campeonato da Jûkendô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.2, 27 de ago. 1937.	Ashita kara hiraku Zenppaku Jûkendô Taikai Seishi Lira kurabu de (明日から開く全伯柔剣道大会聖市リラ倶楽部で)	Competição	Sobre o quinto campeonato da Jûkendô. Ryuzo Ogawa realiza apresentação da kata de Kashima Shinyo Ryu.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.3, 29 de agosto de 1937.	Dai-gokai Zenppaku Budô Taikai (第五回全伯武道大会)	Competição	Resultados do quinto campeonato da Jûkendô com informações do programa.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 30 de agosto de 1937.	Wakôdo no iki wa moyu (若人の意気は燃ゆ)	Competição	Informações sobre o quinto campeonato da Jûkendô.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.2, 30 de agosto de 1937.	Hijôji ni sôo shiki: Zenppaku Budô Taikai (非常時に相應しき:全伯武道大会)	Competição	Informações sobre o quinto campeonato da Jûkendô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Notícias do Brasil, São Paulo, p.4, 31 de agosto de 1937.	Dai-gokai Zenppaku Budô Taikai (第五回全伯武道大会)	Competição	Resultados do quinto campeonato da Jûkendô.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.3, 31 de agosto de 1937.	Zenppaku Budô (全伯武道)	Competição	Resultados e foto do quinto campeonato da Jûkendô.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.3, 31 de agosto de 1937.	Sei-shi kinkô chîmu zen haku daie shutsujô senshu kinô ketteisu (聖市近郊子一ム全伯大會出場選手昨日決定す)	Competição	Resultados do quinto campeonato da Jûkendô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 1 de setembro de 1937.	Daigokai Zenppaku Budô Taikai Shyashin (第五回全伯武道大會寫真)	Competição	Fotos do quinto campeonato da Jûkendô.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.2, 1 de setembro de 1937.	Shyashin Setsumei (寫真説明)	Competição	Fotos do quinto campeonato da Jûkendô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 1 de nov. 1937.	Hakkoku Jûkendô renmei yakuinkai (伯国柔剣道連盟役員会)	Nota	Reunião de diretoria da Hakkoku Jûkendô Renmei.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 25 de nov. 1937.	Rainendo yakushin junbi ni Jûkendô renmei yakuinkai (来年度躍進準備に柔剣道連盟役員会)	Nota	Reunião de diretoria da Hakkoku Jûkendô Renmei.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 10 de jan. 1938.	Jûdô Kendô (柔道剣道)	Nota	Nota de evento da colônia japonesa. Fazem parte das demonstrações o judô e o kendô. O judô conta com a apresentação de Ryuzo Ogawa.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.2, 26 de jan. 1938.	Jûkendô renmei dôjô-biraki wa kigensetsu (柔剣道連盟道場開きは紀元節)	Nota	Anúncio de abertura do hombu dôjô da Jûkendô.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.3, 27 de jan. 1938.	Dôjô hiraki (道場開き)	Nota	Anúncio de abertura do hombu dôjô da Jûkendô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 15 de fev. 1938.	Jûkendôrenmei (柔剣道連盟)	Nota	Anúncio de abertura do hombu dôjô da Jûkendô e outras providências.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.3, 23 de junho de 1938.	Dan Kyu no tôsei to Yûdansha no hitsuyou (段級の統制と有段者の必要)	Nota	A Jûkendô discute a necessidade de criar uma associação de Faixas pretas (Yûdanshakai) e regulamentar as graduações.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.3, 24 de jun. 1938.	Jûdô Kangeiko (柔道寒稽古)	Nota	Nota sobre o Kangeiko de judô da Jûkendô em 1938.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.3, 17 de julho de 1938.	Dairokkaï budô taikai semaru shûryôgo yûdanshakai wo hiraku (第六回武道大會迫る終了後 有段者會を開く)	Competição, Nota	Informações sobre o sexto campeonato da Jûkendô e sobre a associação de faixas pretas.
Nambei Shimpo, São Paulo, p.3, 28 de julho de 1938.	Dai Rokkai Zenppaku Budô Taikai (第六回全伯武道大會)	Propaganda	Anúncio do sexto campeonato da Jûkendô com informações sobre o evento.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 16 de agosto de 1938	Jukendô tomoni kenjitsu na ayumi (柔剣道共に建實な歩み)	Competição	Informações sobre o sexto campeonato da Jûkendô.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.3, 16 de agosto de 1938.	Teru yaku haken mezashite wakôdo no chishio wa odoru (輝やく覇權目指して若人の血潮は躍る)	Competição	Resultados do sexto campeonato da Jûkendô.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.3, 17 de agosto de 1938.	Budô Taikai (武道大會)	Competição	Informações sobre o campeonato da Jûkendô com fotos.
Nambei Shimpo, São Paulo, p.4, 25 de agosto de 1938.	Jukendô to dai nisei hakkoku sodachi no shônren ni budô o manaba shimeta keiken-dan (柔剣道と二世伯國育ちの少年に武道を學ばしめた經驗談)	Artigo	Sobre o ensino do Budô para os jovens da segunda geração de imigrantes.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.4, 1 de setembro de 1938.	Nova temporada esportiva na Colonia Japoneza	artigo	Informações sobre a prática de esportes na colônia, incluindo o “jiu jitsu”.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.2, 11 de setembro de 1938.	Mariria Budô-bu (マリリア 武道部)	Propaganda	Informações sobre a filial da Jûkendô em Marília.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 8 de outubro de 1938.	Jūkendô wo ichidô ni atsumete (柔剣道を一室に集めて)	Nota	Planejamento de construção de um Butokuden, com um dôjô provisório tendo sido contruído. Ogawa e Kikuchi escolhidos como professores do dôjô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.2, 25 de dez. 1938.	Kinkoku (謹告)	Nota	Fundação da Yûdanshakai do Brasil.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.4, 22 de março de 1939.	Gaikokujin de hajime no judô yondan (外国人で初の柔道四段)	Nota	Sobre o primeiro estrangeiro a receber o quarto dan no Japão, com foto.
Nippak Shimbun, São Paulo, p.8, 22 de março de 1939.	Technicos japonezes de jiu-jitsu visitarão a America do Sul	Nota	Sobre a vinda de Kotani e Sato ao Brasil, missão da Kodokan.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 21 de junho de 1939.	Ibu shinzen o Sugaru e jūdō shisetsu kashimadachi Kotani shichidan to Satō roku-dan (威武親善を携へ柔道使節・鹿島立ち小谷七段と佐藤六段)	Nota	Sobre a vinda de Kotani e Sato ao Brasil, missão da Kodokan.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.3, 29 de junho de 1939.	Kenran budō Nihon no dai e seisai o masu shisetsu no raihaku (絢爛武道日本の大繪生彩を増す使節の來伯)	Nota	Sobre a vinda de Kotani e Sato ao Brasil, missão da Kodokan.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 25 de julho de 1939.	Budō, yakyū, benron ni basen-sha no junbi naru kaisai-bi kimaru (武道、野球、辯論にバ線車の準備成る開催日決る)	Nota	Nota esportiva citando a vinda da missão japonesa e os planos de competição da jūkendô.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.3, 27 de julho de 1939.	Judo shisetsu wo matsu puroguramu (柔道使節をまつプログラム)	Nota	Vinda da missão da Kodokan no campeonato da Jūkendô.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.3, 1 de agosto de 1939.	Matareta kono hi(またれたこの日)	Nota	Sobre a visita da missão da Kodokan ao torneio da jūkendô.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.3, 5 de agosto de 1939.	Budō no ikiteru yaku (武道の粋輝やく)	Nota	Vinda da missão da Kodokan no campeonato da Jūkendô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 8 de agosto de 1939.	Kangeki no kimigayo shisetsu tsukusu kaigun-shō no Yutaka Yuzuru (感激の君が代使節盡す海軍省の禮讓)	Nota	Vinda da missão da Kodokan, Kotani e Sato.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 8 de agosto de 1939.	Zehi oshiete kudasai (是非教へて下さい)	Nota	Filiação de Hélio Gracie à Hakkoku Jukendō Renmei.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 12 de agosto de 1939.	Kefuzo hare no kaimaku basutosu no sai seiha nara? (けふぞ晴れの開幕バストスの再制覇成ら?)	Nota	Sobre a vinda de Kotani e Sato, e o campeonato da Jūkendō.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.3, 15 de agosto de 1939.	Santari! Budō no seika (燦たり! 武道の精華)	Competição	Resultados e informações do sétimo campeonato da Jūkendō.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 16 de agosto de 1939.	Subaru!!! Jūdō juku `ni dai' (昂る!!! 柔道熟「二題」)	Nota	Sobre o sucesso da missão japonesa de judô entre os brasileiros e outras informações da visita.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.3, 16 de agosto de 1939.	Jūdō Yawa (柔道夜話)	Artigo	Artigo sobre história do judô falando sobre Shiro Saigo e a Kodokan.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.3, 19 de agosto de 1939.	Jūdō shisetsu wo kakonde (柔道使節を圍んで)	Nota	Foto do grupo da Jūkendō com os embaixadores da Kodokan.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 31 de agosto de 1939.	Jūkendō renmei ni Mario miranda-kun-nai kokujin dan tai ni kaiso (柔剣道連盟にマリオ・ミランダ君内国人團體に改組)	Nota	Escolha de nova diretoria para a Jūkendō. Mario Miranda é eleito presidente.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 12 de abril de 1940.	Tsuyokunare (強くなれ)	Nota, Competição	Recorda as palavras de Kotani e Sato para que se cuidasse do Budô para os jovens. Chamada para o campeonato brasileiro de Budô para jovens (Shōnen), tratando também da situação das filiais.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 16 de abr. 1940.	Junjô wo tôkon ni ori mazete budô no seika hiraku gyôsei to mariria ore gu yûshô (純情を闘魂に織り交ぜて武道の精華開く暁星とマリリアをれぐ優勝)	Competição	Competição de Budô de jovens.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 29 de agosto de 1940.	Daihachikai Budô Taikai (第八回武道大會)	Competição	Informações sobre os planos para o oitavo campeonato da Jûkendô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 1 de setembro de 1940.	Budô Renmei Doradense Shibu (武道連盟ドラデンセ支部)	Anúncio	Informações sobre a filial da linha Doradense da federação de Budô.
Brasil Asahi, São Paulo, p.3, 3 de setembro de 1940.	Daihachikai Budô Taikai kuni iki supôtsu no hana (第八回武道大會國粹スポーツの華)	Competição	Informações sobre o oitavo campeonato da Jûkendô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 3 de setembro de 1940.	Dai-hachikai Zenppaku Budô Taikai owaru (第八回全伯武道大會終る)	Competição	Informações sobre o oitavo campeonato da Jûkendô, com foto exterior de ginásio.
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.4, 3 de setembro de 1940.	Dai-hachikai Budô Taikai (第八回武道大)	Competição	Informações sobre o oitavo campeonato da Jûkendô, com resultados.
Brasil Asahi, São Paulo, p.4, 4 de setembro de 1940.	Com a victoria colectiva de São Paulo encerrou-se o 8º campeonato de Jûkendô	Competição	Informações sobre o oitavo campeonato da Jûkendô, com resultados.
Brasil Asahi, São Paulo, p.3, 5 de setembro de 1940.	Jukendô no sôhonzan ni moe noboru kakushin no rôka (柔剣道の総本山に燃え上る革新の狼火)	Artigo	Artigo de opinião sobre a necessidade de inovação para o “quartel general” (Sôhonzan) da Jûkendô, com perspectivas para o futuro da organização.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.2, 12 de set. 1940.	Budô moshintaisei e shinkô iin kara tôshin-na (武道も新體制へ振興委員から答申案)	Nota	Materia sobre ações de organização japonesa de Budô em Tóquio.
Brasil Asahi, São Paulo, p.4, 13 de dezembro de 1940. Izutaro Suehiro.	Os esportes no Japão: da antiguidade à era moderna	Artigo	Artigo de Izutaro Suehiro sobre o esporte japonês, com menção ao Budô.
Brasil Asahi, São Paulo, p.4, 19 de dezembro de 1940. Izutaro Suehiro.	Os esportes no Japão	Artigo	Artigo de Izutaro Suehiro sobre o esporte japonês, em que fala sobre o sumô.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Brasil Asahi, São Paulo, p.4, 28 de dezembro de 1940. Izutarō Suehiro.	Os esportes no Japão	Artigo	Artigo de Izutarō Suehiro sobre o esporte japonês, em que fala sobre a Associação de Cultura Physica e Jigoro Kano.
Brasil Asahi, São Paulo, p.8, 9 de março de 1941.	No mundo esportivo	Nota	Celebração de falecimento de Jigoro Kano na Kodokan, Mario Miranda matriculou-se na Kodokan.
Brasil Asahi, São Paulo, p.7, 15 de abril de 1941.	Luta de longa duração (fatos diversos)	Nota	Mario Miranda treina judô e estuda o idioma japonês.
Brasil Asahi, São Paulo, p.7, 17 de abril de 1941.	Eis o Japão de agora	Artigo	Artigo de Mario Botelho de Miranda, ex-presidente da Jûkendô, em relato sobre sua viagem ao Japão.
Brasil Asahi, São Paulo, p.7, 29 de abril de 1941.	Inaugurada a filial da Federação de Jûkendô em P. Prudente	Nota	Nota sobre a fundação da filial da Jûkendô em Presidente Prudente.
Nabei Shimpō, São Paulo, p.7, 29 de abril de 1941.	Ogawa Ryuzo (小川龍造)	Propaganda	Propaganda da Budokan de Ryuzo Ogawa.
Brasil Asahi, São Paulo, p.2, 8 de maio de 1941.	Budô Taikai (武道大会)	Propaganda, competição	Anúncio de competição organizada pela filial de Marília da Jûkendô.
Brasil Asahi, São Paulo, p.7, 9 de maio de 1941.	Competição de "Jûkendô" em Marília	Competição	Nota sobre a competição da filial da Jûkendô em Marília.
Brasil Asahi, São Paulo, p.7, 5 de junho de 1941.	Será realizado em Agosto o Campeonato Brasileiro de Jûkendô	Competição	Anúncio do campeonato da Federação de Jûkendô do Brasil no Pacaembu no dia 24 de agosto.
Brasil Asahi, São Paulo, p.7, 6 de junho de 1941.	Luta de longa duração (fatos diversos)	Nota	"Foi eleito tesoureiro da Federação de "Ju-kendô, o sr. Yoshimi Nagasawa, em substituição ao sr. Sakamoto, que se demitiu daquele cargo."
Brasil Asahi, São Paulo, p.7, 23 de julho de 1941.	9.º campeonato de "Jûkendô"	Nota	Informações do nono campeonato da Jûkendô.
Brasil Asahi, São Paulo, p.3, 23 de julho de 1941.	Isamu Tsuyoshi no "renbue" (勇壯の"練武繪")	Competição	Competição promovida pela Jûkendô da Linha Central.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Notícias de São Paulo, São Paulo, p.1, 26 de julho de 1941.	Honbu dōjō Seisetsu (本部道場開設)	Nota	Nota de abertura de novo dōjō da Jūkendō.
Brasil Asahi, São Paulo, p.3, 31 de julho de 1941.	Shōwa dōjō shusai no nippaku gōdō jūdō taikai (昭和道場主催の日伯合同柔道大会)	Competição	Competição do Showa Dōjō de Yasuichi Ono.
Brasil Asahi, São Paulo, p.4, 5 de agosto de 1941	Programa dos certames esportivos da colônia japonesa	Competição	Nono campeonato da Jūkendō em nota dos eventos esportivos da colônia.
Brasil Asahi, São Paulo, p.7, 6 de agosto de 1941.	Competição de “jūkendō” em Onda Verde	Competição	Competição organizada pela filial da Jūkendō em Onda Verde.
Brasil Asahi, São Paulo, p.2, 14 de agosto de 1941.	Zenppaku Budō Taikai ni Kunii no Jūkendōgu wo (全伯武道大会にクニイの柔剣道具を)	Propaganda	Propaganda das lojas Kunii de equipamento de artes marciais em antecipação à competição da Jūkendō.
Brasil Asahi, São Paulo, p.3, 14 de agosto de 1941, Segundo Caderno.	Campeonato Inter-Colonial de Jūkendō	Competição	Informações sobre o nono campeonato da Jūkendō.
Brasil Asahi, São Paulo, p.7, 21 de agosto de 1941.	Luta de longa duração (fatos diversos)	Competição	“A equipe de Lins, de “Jūkendō”, partirá amanhã daquela cidade com destino a esta capital.”
Brasil Asahi, São Paulo, p.7, 21 de agosto de 1941.	Candidatos à promoção na secção de “judô” e “kendô”	Competição	Apresentação de 6 candidatos a promoção de judô.
Nambei Shimpo, São Paulo, p.3, 27 de agosto de 1941.	Zenppaku Jūkendō Taikai (全伯柔剣道大会)	Competição	Informações sobre o campeonato da Jūkendō, com resultados.
Brasil Asahi, São Paulo, p.7, 28 de agosto de 1941.	Promoções na Federação de “Jūkendō” do Brasil	Nota	Informações sobre o exame de graduação da Jūkendō de 1941. Primeiro brasileiro a ser graduado pela Jūkendō: Durval de Castro e Silva.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Brasil Asahi, São Paulo, p.3, 22 de novembro de 1941.	Luta de Longa Duração (fatos diversos)	Nota	Escola de cegos e mudos de Nagaoka da província de Niigata adotou judô e kendô como disciplinas obrigatórias. “Os alunos surdos e mudos praticarão “kendô” e os cegos “judô”.”
Notícias do Brasil, São Paulo, p.2, 24 de dez. 1946.	Fukaya Seisetsu (深谷清節)	Propaganda	Propaganda do dôjô de Fukaya no Jaguaribe.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.4, 27 de junho de 1947.	Tomikawa Sensei	Entrevista	Entrevista com Tomiyo Tomikawa, um dos fundadores da Jûkendô, praticante de Judô e Kendô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 2 de jun. 1947.	Zenppaku Jûdô Taikai (全伯柔道大会)	Competição	Campeonato Brasileiro de Judô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 8 de ago. 1947.	Zenppaku no mosa wo ichidô (全伯の猛者を一堂)	Competição	Anuncio Campeonato Brasileiro de Judô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 27 de ago. 1947.	Semaro zenppaku jûdô	Competição	Anuncio Campeonato Brasileiro de Judô, equipes participantes, fundação da Yûdانشakai.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 5 de set. 1947.	Dan-tai no eikan moji-gun he (團體の榮冠モチ軍へ)	Competição	Resultados Campeonato Brasileiro de Judô.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 12 de set. 1947.	Shyashin Setsumei.	Competição	Foto do Campeonato.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 6 de out. 1947.	Ôji no zenppaku taikai o shinobu seikyô (往時の全伯大会をしのが盛況)	Competição	Campeonato da Chuô-sen Jûkendô Renmei.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 17 de dez. 1947.	Kasukatta yûshô: Jûkendô Taikai (カスカッタ優勝:柔剣道大會)	Competição	Competição Bastos Jûkendô Seinendan.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 7 de jan. 1948.	Hotaru Dentou (ほたる電燈)	Nota	Reunião da Chuô-sen Jûkendô Renmei.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 26 de jan. 1948.	Marília no jûdô-netu (マリリアの柔道熱)	Competição	Competição de judô em Marília.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 5 de mar. 1948.	Ma-gun attôteki shôri (マ軍壓倒的勝利)	Competição	Competição inter-colonial entre Bastos e Marília.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Notícias do Brasil, São Paulo, p.1, 15 de mar. 1948.	Dai Juyon-kai nippaku gôdô jûdô taikai (第拾四回日伯合同柔道大会)	Competição	Competição da Academia Ono.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 14 de abr. 1948.	Reppaku no kiai... Shime-waza no seika (裂帛の氣合...示技の精華)	Competição	Competição da Chuô-sen Jûkendô Renmei.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.13, 29 de abr. 1948.	Joshi senshu mo katsuyaku (女子選手も活躍)	Competição	Competição organizada pela academia Ono.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.13, 29 de abr. 1948.	Umareta Butokukan Yûdanshakai (生まれた武徳館有段者会)	Nota	Fundação da Butokukan Yûdanshakai.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 12 de mai. 1948.	Nihon Kokugi no Seika (日本国技の精華)	Competição	Segundo torneio organizado pela Chuô-sen Jûkendô Renmei.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 19 de mai. 1948.	En'yû no kawari ni kazokuian undôkai (遠遊の變りに家族慰安運動會)	Nota	Evento bianual de encontro das filiais da Budokan.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 14 de jul. 1948.	Jûdô no fukyû hatten he (柔道の普及發展へ)	Nota	Tani segundo dan vai ao interior.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 7 de set. 1948.	Yoi wa?	Nota	Tani viaja ao interior, Fukaya reúne praticantes em seu dôjô. Medidas pra restaurar a popularidade dos torneios da Jûkendô Renmei estão sendo tomadas.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.2, 10 de set. 1948.	Daiichikai pan-Noroeste Jûdô Taikai (第壹回汎ノロエステ柔道大会)	Competição	Primeira competição de judô da linha Noroeste após a Sgeunda Guerra.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 13 de set. 1948.	Araçatuba de Pan-Noro Jûdô Taikai (アラサツーバで汎ノロ柔道大会)	Competição	Primeiro campeonato de judô da Linha Noroeste
Notícias do Brasil, p.3, 15 de set. 1948.	Nobiro Nihon Jûdô (のびろ日本柔道)	Nota	Demonstrações de judô em abertura de academia de Santos.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 27 de set. 1948.	Yô-bo dai (要望台)	Competição	Realização do primeiro campeonato suburbano de Judô de São Paulo.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 1 de out. 1948.	Jûdô senshuken taikai (柔道選手権大会)	Competição	Realização do primeiro campeonato suburbano de Judô de São Paulo.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 4 de out. 1948.	Shibu hata ni ai-musubu (支部旗に相結ぶ)	Competição	Competição da Budokan com a presença de seis filiais.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 6 de out. 1948.	Seishi Kinkô Senshuken Taikai (聖市近郊選手権大会)	Competição	Primeiro campeonato suburbano de Judô de São Paulo.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 20 de out. 1948.	Detazo! Hakujin no Sandan (出たぞ! 伯人の参段)	Competição	Primeiro campeonato suburbano de Judô de São Paulo. Registro de vencedores.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 13 de mai. 1949.	Shin'yokan Kôrei Taikai (「真陽館」恒例大会)	Competição	Segunda competição da Jûkendô em Suzano.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.4, 6 de jul. 1949.	Bungei-ran (文藝欄)	Competição	Segunda competição da Jûkendô em Suzano.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 5 de ago. 1949.	Bugi mohan shiai no jûdô dôjô-biraki (武技模範試合の柔道道場開き)	Nota	Sexta filial da Budokan.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 6 de mar. 1950.	Yûdansha kôshûkai (有段者講習会)	Nota	Encontro de treinamento da Chuô-sen Jûkendô Renmei
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 5 de abr. 1950.	Pan-Soro Jûdô Yûdanshakai (汎ソロ柔道有段者会)	Nota	Fundação da Yûdanshakai da Linha Sorocabana.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.4, 5 de abr. 1950.	Jûdôkai no Hanagata (柔道界の花形)	Competição	Anuncio das competições da Shinyokan e da Academia Ono.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.6, 29 de abr. 1950.	Shutsujô musha Sanbyaku Meiyo: Tôkon hibana chiro (出場武者三百餘名: 闘魂・火花散ろ)	Competição	Competição da do Shinyokan
Notícias do Brasil, São Paulo, p.7, 29 de abr. 1950.	Jûdô kôkan no hana (柔道交歓の花)	Competição	Competição dôjô Ono
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 28 de jul. 1950.	Kengaku shiki shinkyô-buri (見学しき進境ぶり)	Competição	Quarto campeonato de Jûkendô da Linha Central.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.5, 15 de set. 1950.	Yûdansha Taikai (有段者大会)	Competição	Yûdansha Taikai do Ogawa Budokan

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Notícias do Brasil, São Paulo, p.6, 23 de abr. 1951.	Dai-ichikai Zenppaku Jûkendô Taikai (第一回全伯柔剣道大会)	Competição	Campeonato Brasileiro de Jûkendô organizado pela Nippak Sangyo Shinkokai.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 1 de ago. 1951.	Ono dôjô yûshô (小野道場優勝)	Competição	Competição academia Ono. Patrocínio da Federação Paulista de Pugilismo.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.3, 4 de fev. 1952.	Ôza yurugazu (王座揺がず)	Competição	Terceiro campeonato brasileiro de Jûkendô da Zenpak Seinen Renmei
Notícias do Brasil, São Paulo, p.4, 5 de mai. 1952.	Dai-rokkai Jûkendô Taikai (第六回柔剣道大会)	Competição	Sexto campeonato de Jûkendô da Jûkendô da Linha Central.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.4, 19 de mai. 1952.	Pan-Central sen Jûkendô Taikai (汎セントラル線柔剣道大会)	Competição	Sexto campeonato de Jûkendô da Jûkendô da Linha Central.
Notícias do Brasil, São Paulo, p.2, 11 de ago. 1952 ,Jihô Esportivo.	Dai-nikai Zenppaku Jûkendô Taikai Senseki (第二回全伯柔剣道大会戦績)	Competição	Segundo campeonato Brasileiro de Jûkendô organizado pela Nippak Sangyo Shinkokai
Notícias do Brasil, São Paulo, p.2, 20 de ago. 1952.	Nihon-den Kodôkan Jûdô shisetsu shôhei (日本傳講道館柔道使節招聘)	Nota	Nota sobre a missão da Kodokan e os membros da Kodokan do Brasil.

Fonte: o autor.

APÊNDICE C – Quadros dos jornais da Hemeroteca palavras-chave Jûkendô, Kotani+Sato e “esgrima japoneza”

Quadro C-1 - Palavra-chave Jukendo, década de 1930, Hemeroteca BNDigital

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Paulistano, São Paulo, p. 8, 31 de agosto de 1935.	Competição de jiu-jitsu e esgrima japoneza	Competição	Informações sobre competição da Federação Ju-Kendo do Brasil em São Paulo no ginásio da Associação Atlética São Paulo. Consta o programa do evento.
Correio Paulistano, São Paulo, p.2, 27 de abril de 1939.	Desfile na avenida S. João	Desfile	Desfile de clubes esportivos em homenagem à Adhemar de Barros, no Parque Anhangabahu. Participação da Federação Ju-ken-do no desfile.
Correio Paulistano, São Paulo, p.10, 9 De agosto de 1939. Salathiel Campos.	Ao correr da penna...	Nota informativa	Chegada de Kotani e Sato ao Brasil. Informações gerais sobre a Ju-Ken-Do.
Correio Paulistano, São Paulo, p.8, 16 de agosto de 1939.	Revivendo o espirito dos Samuraes	Competição	Exibição de Sato e Kotani e informações sobre o sétimo campeonato da Jûkendô.
Correio Paulistano, São Paulo, p.14, 20 de agosto de 1939.	A diferença entre jiu-jitsu e judô	Entrevista	Entrevista com Mario Miranda e Helio Gracie sobre a visita de Kotani e Sato. Falam também sobre a Jûkendô. Mario Miranda faz parte da diretoria da Jûkendô.
Correio Paulistano, São Paulo, p.16, 17 de Setembro de 1939.	A difusão do jiu-jitsu como elemento de defesa pessoal	Entrevista	Entrevista com Donato Pires dos Reis sobre jiu-jitsu. Menciona a Jûkendô e a visita da Kotani e Sato ao Brasil.

Fonte: o autor.

Quadro C-2 - Palavra-chave Kotani+Sato, década de 1930, Hemeroteca BNDigital (continua)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Paulistano, São Paulo, p.8, 29 de julho de 1939.	De tudo um pouco	Nota	Anúncio da vinda de Kotani e Sato ao Brasil.
Correio Paulistano, São Paulo, p.10, 1 de agosto de 1939.	A missão de “jiu-jitsu”	Nota	Chegada de Kotani e Sato no Brasil.
Correio Paulistano, São Paulo, p. 10, 3 de agosto de 1939.	De tudo um pouco	Exibição	Exibição pública de Sato e Kotani do Estádio Brasil.
Correio Paulistano, São Paulo, p. 10, 9 de agosto de 1939.	Ao correr da Penna	Nota	Informações sobre Sato e Kotani e a Jûkendô.
Correio Paulistano, São Paulo, p. 10, 9 de agosto de 1939.	Demonstrações públicas do “Ju-ken-do”	Nota	Informações sobre o campeonato da Jûkendô.
Correio Paulistano, São Paulo, p. 3, 12 de agosto de 1939.	Uma demonstração do “Ju-Dô”, o esporte tradicional do Japão	Exibição	Demonstração de Kotani e Sato na Associação Atlética São Paulo.
Correio Paulistano, São Paulo, p. 8, 16 de agosto de 1939.	Revivendo o espírito dos Samurais	Competição	Exibição de Sato e kotani e Campeonato da Jûkendô
Correio Paulistano, São Paulo, p. 14, 20 de agosto de 1939.	A diferença entre jiu-jitsu e judô	Entrevista	Entrevista com Helio Gracie e Mario Miranda sobre Kotani e Sato. Falam também sobre a Jûkendô
Correio Paulistano, São Paulo, p. 8, 1 de setembro de 1939.	Lutarão amanhã na Athletica, George Gracie e Fritz Webber	Competição	Anúncio de luta. Cita superficialmente Sato e Kotani.
Correio Paulistano, São Paulo, p. 8, 6 de outubro de 1939.	Uma luta entre dois estilistas diferentes	Competição	Informações sobre luta de Takeo Yano. Fala da relação entre Takeo Yano e os mestres Kotani e Sato.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 15, 20 de julho de 1939.	Exibição de jiu-jitsu por dois professores japonezes, com entrada grátis	Exibição	Anúncio de exibição de Kotani e Sato.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 14, 27 de julho de 1939.	Chegarão sábado ao Rio dois grandes mestres de Jiudo	Nota	Anúncio da vinda de Kotani e Sato ao Brasil.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 14, 29 de julho de 1939.	Chegarão hoje, a esta capital, os professores de jiu-jitsu	Nota, Exibição	Anúncio de vinda e exibições de Kotani e Sato.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 17, 30 de julho de 1939.	Chegou dos portos da Asia o “Buenos Aires Marú”	Nota	Anúncio de chegada de Kotani e Sato.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 22, 30 de julho de 1939.	Estão entre nós dois campeões de Jiudo	Exibição	Programa de exibições de Kotani e Sato no Brasil.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 12, 1 de agosto de 1939.	O grande “meeting” de jiudo de ontem	Exibição	Informações sobre a exibição de Kotani e Sato.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 22, 3 de agosto de 1939.	Dois mestres de jiudo no Estadio Brasil	Exibição	Anúncio da exibição de Kotani e Sato no estádio Brasil.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, p. 8, 5 de agosto de 1939.	Binoculo	Nota	Nota sobre a estadia de Kotani e Sato na embaixada japonesa. E evento organizado pelo embaixador.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.13, 13 de julho de 1939.	Estão aqui os mestres do jiu-jitsu	Nota	Nota de vinda de Kotani e Sato ao Brasil.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.15, 20 de julho de 1939.	Jiu-jitsu: uma verdadeira exibição	Exibição	Anúncio de exibição de Kotani e Sato no Estadio Brasil.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 13, 27 de julho de 1939.	Jiu-jitsu: chegarão sábado ao Rio dois mestres japonezes	Nota, Exibição	Nota sobre a vinda de Kotani e Sato e sobre suas exibições no país.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 13, 29 de julho de 1939.	Jiu-jitsu: chegarão hoje ao Rio dois mestres japonezes	Nota, Exibição	Nota sobre a chegada de Kotani e Sato e sobre suas exibições no país.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.3, 30 de julho de 1939.	Um estudante brasileiro que se casou em Tokio: chegaram ontem no “Buenos Aires Marú” ter atletas japonezes	Nota	Nota de chegada de Kotani e Sato, e de Chuhei Nambu, campeão olímpico de salto triplo.
Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p.13, 3 de agosto de 1939.	Demonstrações de jiudo	Exibição	Anúncio de exibição de Kotani e Sato na Escola de Educação Física do Exército e no Estádio Brasil.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p. 12 (contra-cap), 15 de julho de 1939.	Vem ahi uma delegação de campeões Japonezes de jiu-jitsu	Nota	Anúncio de vinda de Kotani e Sato ao Brasil.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p. 12 (contra-cap), 21 de julho de 1939.	Exibição de jiu-jitsu entre authenticos “faixas negras”	Exibição	Anúncio de exibição de Kotani e Sato no Estadio Brasil.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p. 12 (contra-cap), 2 de agosto de 1939.	Exibição de jiudo entre mestres: no Estadio Brasil e com entrada franca	Exibição	Anúncio de exibição de Kotani e Sato no Estadio Brasil.
Diário de Notícias, Rio de Janeiro, p. 12 (contra-cap), 3 de agosto de 1939.	Katani e Sato, doi mestres de jiudo: exibição publica, hoje, no Estadio Brasil	Exibição	Anúncio de exibição de Kotani e Sato no Estadio Brasil.

(continuação)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p. 10, 21 de julho de 1939.	Liga de Sports da Marinha	Exibição	Anúncio de exibição de Kotani e Sato no Estádio Brasil.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p. 15, 30 de julho de 1939.	Estão entre nós dois campeões de jiu-do	Exibição	Programa de exibições de Kotani e Sato no Brasil.
Diário Carioca, Rio de Janeiro, p. 11, 2 de agosto de 1939.	As primeiras demonstrações de “jiudo” realizadas entre nós, tiveram lugar no corpo de fuzileiros navaes	Exibição	Exibição de Kotani e Sato no Corpo de Fuzileiros Navaes.
O Imparcial, Rio de Janeiro, p.8, 13 de julho de 1939.	Nambú chegará dia 27	Nota	Anúncio de vinda de Kotani e Sato para o Brasil.
O Imparcial, Rio de Janeiro, p.6, 26 de julho de 1939.	Chegarão amanhã ao Rio dois grandes mestre (sic) de jiu-do	Exibição	Anúncio de chegada de Kotani e Sato e programa de exibições.
O Imparcial, Rio de Janeiro, p.7, 6 de agosto de 1939.	Homenageado pelo governo do Japão: oferecido ao ministro Guilhem uma espada dos “Samurai”	Nota	Secretário da Embaixada Shunjchi Komine presenteia Almirante Henrique Aristides Guilhem com espada que representa o espírito dos Samurai com presença de Kotani e Sato.
O Jornal, Rio de Janeiro, p. 3, 21 de julho de 1939.	Jiu-jitsú no Estadio Brasil	Exibição	Anúncio de exibição de Kotani e Sato no Estadio Brasil.
O Jornal, Rio de Janeiro, p. 2, 29 de julho de 1939.	Chegam hoje dois “faixas negras”: Smiyuki Kotani e Chugo Sato, professores de “jiudo”, farão exibições nesta capital.	Nota, Exibições	Anúncio da chegada de Kotani e Sato, e das exibições que serão realizadas no Brasil.
O Jornal, Rio de Janeiro, p. 12, 30 de julho de 1939.	Passou pelo Rio o campeão olympico de salto triplo	Nota	Chegada de Kotani e Sato.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p. 9-10, 1 de agosto de 1939.	Exibições de jiu-do no Corpo de Fuzileiros Navaes	Exibição	Informações sobre a exibição de Kotani e Sato no Corpo de Fuzileiros Navais.
Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, p.10, 3 de agosto de 1939.	JIU-JITSU	Exibição	Exibição de Kotani e Sato no Estádio Brasil.
Diário de Pernambuco, Pernambuco, p. 12 (contra-cap), 2 de agosto de 1939.	A prática do jiu-jitsu	Exibição	Exibição de Kotani e Sato com comentários de Helio Gracie.

(conclusão)

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, p.14, 1 de agosto de 1939.	Liga de Esportes da Marinha	Exibição	Exibição de Kotani e Sato no Corpo de Fuzileiros da Marinha. Exibições também de Helio Gracie e membros da Jûkendô.
Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, p.7, 3 de agosto de 1939.	Kotani e Sato voltarão a se exhibir hoje	Exibição	Exibição de Kotani e Sato com deferência de Helio Gracie.
A Batalha, Rio de Janeiro, p. 6 (contracapa), 2 de agosto de 1939.	Exibição pública de jiu-jitsu no Estadio Brasil	Exibição	Exibição de Kotani e Sato com deferência de Helio Gracie.
O Radical, Rio de Janeiro, p.5, 30 de julho de 1939.	Exibições de jiu-jitsu	Exibição	Exibição de Kotani e Sato, e anúncio do programa de exibições.

Fonte: o autor.

Quadro C-3 - Hemeroteca, palavra-chave “esgrima japoneza”, década de 1930

REFERÊNCIA	TÍTULO	TIPO	SÍNTESE
Correio Paulistano, São Paulo, p.8, 31 de agosto de 1935.	Uma interessante festa esportiva: competição de jiu-jitsu e esgrima japoneza	Competição	Informações sobre competição da Federação Ju-Kendo do Brasil em São Paulo no ginásio da Associação Atlética São Paulo. Consta o programa do evento.
Correio Paulistano, São Paulo, p.8, 1 de setembro de 1935.	Várias: A. Athletica S. Paulo	Anúncio	Cancelamento do campeonato interno de bola ao cesto devido ao campeonato de jiu-jitsu e esgrima japoneza.
Revista O Cruzeiro, Rio de Janeiro, p.27-28, 28 de julho de 1934.	O duelo segundo as raças	Artigo	Menciona na história de uma luta de esgrima que um dos contendores é japonês.
Correio da manhã, Rio de Janeiro, p.10, 16 de agosto de 1936. Carmen Annos Dias.	A caminho do Japão	Artigo	Descreve um combate de kendô a bordo de um navio.
Excelsior, Rio de Janeiro, p.176-175, Ano IX, n. 111, março de 1937. Henrique Paulo Bahiana.	Surpresas do Japão	Artigo	Artigo sobre visita no Japão ao Instituto Amazonia, onde houve apresentação de judô e Jiu-jitsu.
Sport Ilustrado, Rio de Janeiro, p.6, Ano 1, n.5, 11 de maio de 1938.	Demonstrações de sports naturais do Japão	Nota	Sobre o Comitê Olímpico japonês e a execução dos Jogos Olímpicos no Japão. Fala sobre futuras demonstrações de judô e kendô.
A República, Paraná, p.9, 4 de janeiro de 1930.	A arte da esgrima japoneza	Nota	Foto de prática de kendô em navio.
A Noite, Rio de Janeiro, p.7, 16 de junho de 1933.	Fundada a federação de esgrima japoneza	Nota	Nota de São Paulo do dia 15 de fundação da Federação de Jiu-Jitsu e Esgrima Japoneza.

Fonte: o autor.